TEXTOS HIPOCRÁTICOS

O DOENTE, O MÉDICO E A DOENÇA

Coleção História e Saúde

Editores Responsáveis: *Jaime L. Benchimol*
Flavio C. Edler
Gilberto Hochman

COLEÇÃO HISTÓRIA CLÁSSICOS & SAÚDE FONTES

TEXTOS HIPOCRÁTICOS

O DOENTE, O MÉDICO E A DOENÇA

HENRIQUE F. CAIRUS
WILSON A. RIBEIRO JR.

ISBN: 85-7541-057-1

Capa, projeto gráfico
Carlota Rios

Editoração eletrônica
Carlota Rios e Carla Henker

Revisão Técnica
Agatha Bacelar e Tatiana Ribeiro
(bacharéis em Português e Grego e mestres em Letras Clássicas
pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Catalogação-na-fonte
Centro de Informação Científica e Tecnológica
Biblioteca da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca

C136t Cairus, Henrique F.
Textos hipocráticos: o doente, o médico e a doença. / Henrique F. Cairus e Wilson A. Ribeiro Jr. Rio de Janeiro : Editora FIOCRUZ, 2005.
252 p. ilus., tab. (Coleção História e Saúde)

1.História da medicina antiga. 2.Filosofia. I.Ribeiro Jr, Wilson A. II.Título.

CDD - 20.ed. – 100

2005
EDITORA FIOCRUZ
Av. Brasil, 4036 – Térreo – sala 112 – Manguinhos
21040-361 – Rio de Janeiro – RJ
Tels: (21) 3882-9039 / 3882-9041
Telefax: (21) 3882-9006
e-mail: editora@fiocruz.br
http://www.fiocruz.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Este livro apresenta ao leitor de língua portuguesa, pela primeira vez e na íntegra, alguns dos mais importantes tratados recolhidos sob o nome de Hipócrates na coleção de textos gregos a que chamamos *Corpus hippocraticum.* Traços e marcas importantes de conceitos e preceitos desenvolvidos há mais de dois milênios pelos autores dos textos têm presença, até hoje, na prática médica ocidental. Os tratados escolhidos durante a organização deste livro, em especial, apresentam uma quantidade considerável de conceitos relevantes.

A parte inicial do livro contém uma apresentação do *Corpus hippocraticum*, com uma breve discussão sobre seu conteúdo e os diversos problemas que o envolvem, e uma biografia crítica de Hipócrates de Cós, *o pai da medicina*, a quem os antigos atribuíram a autoria de todos os tratados do *Corpus.* Em seguida, o leitor encontrará os tratados selecionados em tradução e no original, divididos em dois grupos.

O primeiro grupo contém três textos que consideramos fundamentais para a compreensão da importância da medicina hipocrática como referência para várias áreas do saber, especialmente para a história, para a filosofia e para a antropologia. Esta parte do volume é integrada pelos seguintes tratados: *Da doença sagrada*, estudo sobre a etiologia mórbida imanente aplicado a doenças convulsivas; *Ares, águas e lugares*, texto acerca da relação entre o meio e a saúde, e entre cultura e natureza; e *Da natureza do homem*, texto que disserta sobre a teoria dos quatro humores.

O segundo grupo contém os tratados deontológicos, que estabeleceram os alicerces práticos da ética médica: o famoso *Juramento de Hipócrates*, com uma análise contextualizadora, a *Lei*, *Do médico*, *Do decoro* e *Preceitos.* Esses tratados testemunham o comportamento dos médicos antigos segundo uma ética cujos ecos ainda reverberam intensamente. Não se trata, naturalmente, da ética cristã, nem tampouco da ética aristotélica; os comportamentos dos médicos gregos eram sobretudo harmônicos com o entorno cultural onde a arte médica floresceu com inigualável pujança e delegou à *tékhne*, de forma definitiva, a interferência da cultura sobre a natureza, com o fim específico de harmonizar essas duas dimen-

sões da vida humana. A mediação da *tékhne* é a marca da medicina, é sua maior fortuna e, como disse Littré, a "ciência remonta a essa origem, e permanece nela". A segunda parte do livro convida também o leitor para um mergulho no universo da prática médica antiga. À medida que as questões dos procedimentos técnicos, da formação médica, das relações humanas são expostas pelos tratadistas, desvelam-se aspectos inusitados - e cheios de contradições internas - dos primórdios do pensamento e da deontologia da medicina.

Para as traduções, utilizamos o texto grego estabelecido pelas edições indicadas na bibliografia, sempre em cotejo. Julgamos, todavia, que a tradução do tratado *Da doença sagrada* merecia alguns esclarecimentos, fornecidos em nota preliminar. As notas explicativas, relativamente abundantes, destinam-se sobretudo ao esclarecimento de hábitos, costumes e eventos da Antigüidade que poderiam dificultar o entendimento do texto. Um *glossário* contém, ademais, informações sucintas a respeito da vida e da obra dos mais importantes personagens míticos e históricos mencionados no decorrer do livro.

Esperamos ter contribuído, com o presente volume, para a crescente bibliografia vernácula e, com isso, ter ajudado a desvendar um pouco mais o complexo manancial de reflexões tradicionalmente considerado o berço do Ocidente.

Desejamos, finalmente, externar nossos profundos agradecimentos a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a edição deste livro. Agradecemos, em especial: à Helena Mollo, pela contribuição de seus estudos do *Corpus hippocraticum* à preparação dos tratados do primeiro grupo; à Adriane da Silva Duarte, pela leitura crítica da biografia de Hipócrates e pelas relevantes sugestões efetuadas; à Maria Celeste Consolin Dezotti pela orientação, estímulo e inestimável ajuda na revisão das traduções iniciais dos tratados do segundo grupo; a Wilson Alves Ribeiro, que revisou com diligência e rigor o vernáculo das apresentações e comentários aos tratados deontológicos; e a Sílvia Helena Manfio, que digitou o texto grego desses tratados.

Os textos originais que seguem cada tradução compreendem a *Vida* de Hipócrates e os tratados do *Corpus hippocraticum* traduzidos e comentados. Foram aqui utilizadas as edições mencionadas na Bibliografia, acrescidas de pequenas modificações, adotadas pelos tradutores em conformidade com a leitura e/ou interpretação divergente de outras autoridades textuais. Essas modificações dos textos básicos adotados foram assinaladas nas notas à tradução e nos comentários de cada tratado.

Os autores

SIGLAS E ABREVIATURAS

(conspectus siglorum)

AD Anno Domini, “durante a Era Cristã”

át. dialeto ático

CH *Corpus hippocraticum*, “coleção hipocrática”

DK referência numérica dos fragmentos dos filósofos pré-socráticos adotada por DIELS & KRANZ (1951-1992)

gr. grego

jôn. dialeto jônico

lat. latim

lit. literalmente

ms. manuscrito(s)

Tuc. Tucídides

W referência numérica a fragmentos diversos, adotada por WEST (1989-1992)

MANUSCRITOS

θ *Vindobenessis medicus* gr. 4., saec.XI.

A *Parasinus* gr. 2253, saec.XI.

E *Parasinus* gr. 2255, saec.XV.

M *Marcianus* gr. 269, saec.X.

V *Vaticanus* gr. 276, saec.XII.

DOS TRATADOS MÉDICOS

AAL Ares, águas e lugares (Περὶ ἀέρων, ὑδάτων, τόπων)

Af. Aforismo (Ἀφορισμοί)

MS Da doença sagrada (Περὶ ἱερῆς νούσου)

NH Da natureza do homem (Περὶ φύσιος ἀνθρώπου)

Pren. Prenoções de Cós (Κωακαὶ προγνώσεις)

EDIÇÕES DOS CORPOS HIPPOCRATICUM

ALDINA *Ἅπαντα τὰ τοῦ Ἱπποκράτους (Opera Omnia Hippocratis)* Veneza: Aldus Manutius, 1526.

CMG *Corpus Medicorum graecorum*. Ediderunt Academiae Beroinensis, Hauniensis Lipsiensis. Leipzig (et Berlin), a partir de 1947

GUAL Tratados hipocráticos. Tradução, introduções e notas por C.GARCÍA GUAL (org.), M.D. LARA NAVA, J.A. LÓPEZ FÉREZ at alii. Madrid: Gredos, 1983-1993, 7 vols.

LITTRÉ *Œuvres complètes d'Hippocrate*. Traduction, introduction et notes philologiques par Émile LITTRÉ. Paris: Academie Royale de Médecine, 1839-1861,10 vols. [tomo I, 1839; tomo II, 1840; tomo IV, 1844; tomo VI, 1849; tomo VII, 1851; tomo VIII, 1853; tomo IX, 1861; tomo X, 1861].

JOUANNA (1975) HIPPOCRATE. *La nature de l'homme*. Edité, traduit et commenté par Jacques JOUANNA. In: *CMG*. Berlin: Akademie-Verlag, 1975.

JOUANNA (1996) HIPPOCRATE. *Airs, eaux, lieux*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

JOLY (1967a) HIPPOCRATE. *Du régime*. Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

JONES HIPPOCRATES. With an English translation by W.H.S. JONES and E.T. Withington. London Cambridge: Loeb Classical Library, 1923-1931, 4 vols.

1 HIPÓCRATES DE CÓS[1]

Wilson A. Ribeiro Jr.

Os grandes homens são verdadeiramente imortais:
eles podem estar mais vivos depois de sua morte do que antes.
George Sarton

O HOMEM E A FAMA

Não há dúvida: viveu realmente, durante a segunda metade do século V a.C., um médico grego chamado Hipócrates. Nascido na ilha de Cós, membro de uma ilustre família de médicos, produziu impressão profunda e duradoura em seus contemporâneos; sua reputação profissional era a melhor possível. As gerações posteriores consagraram-no como o "pai da medicina", mas nem tudo o que a tradição clássica conservou tem fundamento histórico.

A existência de Hipócrates coincidiu aproximadamente com a Guerra do Peloponeso[2] e com a efervescência cultural de Atenas. Na época de sua ἀκμή[3], ou pouco antes, circulavam entre médicos, discípulos e interessados alguns textos de medicina (Xenofonte, *Memorabilia*, 4,2,9-10) que, hoje, sabemos serem de autoria desconhecida mas, ainda na Antigüidade, foram atribuídos a Hipócrates. Esses textos podem ter formado o que hoje chamamos de "o núcleo mais antigo" da coleção hipocrática. Se alguns deles eram, efetivamente, os textos escritos em dialeto jônico que conhecemos[4], abordavam a saúde, a doença, a prática da medicina de forma inovadora.

Por volta de 500 a.C., os médicos gregos já haviam começado a dissociar a medicina das práticas mágico-religiosas dos séculos anteriores (Edelstein, 1937; Sarton, 1953; Irwin, 1989). Na época de Hipócrates, sem abandonar o conhecimento empírico herdado de seus antecessores (Sarton, 1953), trouxeram progressivamente à medicina especulações teóricas

[1] Uma versão consideravelmente reduzida deste capítulo foi apresentada na forma de tema livre durante o VII Congresso Brasileiro de História da Medicina, em Ribeirão Preto, SP, 2002.

[2] 431-404 a.C.

[3] Ver comentário a respeito de ἀκμή e *floruit* na p. 229 deste volume.

[4] Os únicos textos médicos anteriores à coleção hipocrática que nos chegaram são os do médico-filósofo Alcméon de Crotona. Desses textos conservaram-se apenas fragmentos.

e procedimentos baseados na observação rigorosa do doente e da doença, na busca incessante de explicações racionais para a doença e de instrumentos eficazes para o tratamento do doente. Grande parte da técnica especulativa e argumentativa por eles empregada, refletida na literatura médica que chegou até nós, fora aprendida dos filósofos pré-socráticos; em contrapartida, muitos filósofos incorporaram conceitos de fisiologia e medicina aos seus sistemas filosóficos, como por exemplo o pitagórico Filolau de Crotona, contemporâneo de Sócrates (Schofield, 1983; Longrigg, 1993). No final do século V a.C., porém, os médicos se empenhavam energicamente em desvincular a medicina da filosofia e em reconhecê-la como uma τέχνη, uma "arte", autônoma (CH, *Da arte*; Irwin, 1989).

É possível que um desses médicos pioneiros tenha sido Hipócrates de Cós. Suas opiniões eram, certamente, inovadoras, e se sua competência se resumiu apenas à divulgação ou transmissão desses conceitos, não se sabe. Ignoramos também se ele chegou a escrever realmente alguma coisa[5]. Mas era tão grande sua fama e tão alta sua reputação que muitos textos médicos, revolucionários ou não, acabaram sendo-lhe atribuídos. Assim se formou, provavelmente, o núcleo inicial do *Corpus hippocraticum* (CH), a famosa *coleção hipocrática.*

Com o passar dos séculos, a fama de Hipócrates tornou-se cada vez maior. Surgiram numerosas lendas a seu respeito e muitos textos médicos, escritos com certeza muito depois de sua morte, continuaram sendo-lhe sistematicamente atribuídos. Báquio de Tânagra conhecia, no século III a.C., cerca de vinte e três livros (Jones, 1923); mais tarde, no século X d.C, a coleção já continha quase sessenta tratados, distribuídos em mais de setenta livros.

AS MUITAS VIDAS DE HIPÓCRATES

O que se sabe, efetivamente, a respeito de Hipócrates? As informações confiáveis estão de tal forma mescladas a lendas, relatos inverossímeis e falsificações evidentes, que se tornou praticamente impossível, em nossos dias, conhecer com precisão os dados factuais que constituiriam sua biografia.

Era costume, na Antigüidade, reunir todas as informações disponíveis sobre determinados personagens em pequenas biografias ou *Vitae* — "vidas" (Momigliano, 1993). Esses pequenos textos eram registrados pelos copistas em papiros e pergaminhos e, depois de alguns séculos e de muitas repetições, adquiriam estatuto de verdade. Assim ocorreu, por exemplo, com os poetas trágicos Ésquilo, Sófocles e Eurípides (Lefkowitz, 1981) e com o filósofo Pitágoras. Hipócrates mereceu, além das habituais lendas e anedotas, cartas que não recebeu, cartas que não escreveu, discursos que não proferiu e honras que na realidade não lhe foram concedidas. Além desse material sabidamente fictício, chegaram até nós os seguintes documentos sobre a vida de Hipócrates: uma nota biográfica nas *Chiliades* de Ioannes Tzetzes; um verbete da *Suda*; uma biografia anônima, encontrada em um manuscrito de

---

[5] Willamovitz-Moellendorf referia-se a Hipócrates como "um nome sem escritos" (*Apud* Sarton, 1953).

Bruxelas, o *Cod. Bruxell. 1342*; e uma *Vita* atribuída a "Soranus" (Littré, 1839; Benedetto, 1983). Todas essas biografias são tardias, escritas muito tempo após a morte de Hipócrates (Edelstein, 1939). O texto de Tzetzes baseou-se possivelmente nas *Vidas dos Médicos*, do médico Sorano de Éfeso; mas a *Vita* nada tem a ver com esse Sorano de Éfeso (Littré, 1839), sendo atribuída a um Pseudo-Sorano.

O verbete da *Suda*, apresentado a seguir, baseou-se quase inteiramente na mais difundida das "Vidas" de Hipócrates que chegaram até nós, a do Pseudo-Sorano. Suas informações ilustram muito bem a amplitude das lendas acerca de Hipócrates, quase quinze séculos depois de sua existência.

A Suda: Hipócrates de Cós (séc. X d.C)

Hipócrates de Cós, médico, filho de Heraclides. Que ele seja mencionado também antes do avô, o pai de Heraclides (se ele era seu homônimo), pois se tornou astro e luz daquela medicina mais útil à vida. Descendente de um tal Criso e de seu filho Élafo, médicos eles também, tornou-se primeiramente discípulo de seu pai; depois disso, de Heródico de Selúmbria e de Górgias de Leontino, retor e filósofo. Segundo alguns, foi discípulo de Demócrito de Abdera que, já velho, deu atenção ao jovem; e, segundo alguns, de Pródico. Esteve algum tempo na Macedônia e se tornou muito amigo do Rei Pérdicas. Teve dois filhos, Téssalo e Drácon; morreu depois de cento e quatro anos de vida e seu funeral foi realizado em Larissa, na Tessália. Conforme as descrições, ele fazia as perguntas cobrindo e descobrindo a cabeça com o manto, ou porque esse era um hábito seu, ou devido ao gosto por viagens, ou por ser conveniente para a prática profissional. Ele escreveu muitas coisas e se tornou proeminente em razão de todas elas. Por esse motivo o rei dos persas, o que era chamado de Artaxerxes, tendo necessidade da sabedoria do homem, escreveu para Histanes: "O rei dos reis, o grande Artaxerxes, saúda Histanes, Governador do Helesponto[6]. Rumores sobre a arte do médico Hipócrates de Cós, da família de Asclépio, chegaram a mim. Dá-lhe ouro, portanto, o quanto ele quiser; se isso, mesmo abundante, for insuficiente, envia-o a nós. Ele será tão honrado quanto os mais nobres dos persas; e se há na Europa outro homem excelente, coloca-o como amigo da casa do rei, não lhe poupando agrados, pois encontrar homens capazes de dar bons conselhos não é fácil. Adeus.[7]" Os livros escritos por Hipócrates são notáveis e contemplam todo o conhecimento médico. Desse modo eles são acolhidos

[6] Nome grego do atual estreito de Dardanelos, que separa a Turquia asiática da Turquia européia. Na época de Hipócrates, designava também o litoral da Ásia Menor em contato com o estreito.

[7] ἔρρωσο, do verbo ῥώννυμι, "ser forte", significa literalmente "que estejas com toda tua força" e se tornou, com o tempo, fórmula padrão de encerramento de cartas.

afetuosamente, como as palavras saídas da boca de um deus e não da de um ser humano. Lembraremos somente os mais importantes dentre eles: o primeiro é o livro do juramento adotado; o segundo, o que apresenta os prognósticos; o terceiro, o dos aforismos, que ultrapassa o entendimento humano. Em quarto lugar, coloque-se o célebre e extraordinário Livro Sessenta, que contém todo o conhecimento e sabedoria da medicina.

ΒΙΟΣ

Ἱπποκράτης, Κῷος, ἰατρός, Ἡρακλείδου υἱός. προτετάχθω γὰρ καὶ τοῦ πάππου, τοῦ Ἡρακλείδου πατρός, εἰ καὶ ὁμώνυμος ἦν, διὰ τὸ ἀστέρα καὶ φῶς τῆς βιωφελεστάτης ἰατρικῆς γενέσθαι. ἀπόγονος δὲ Χρύσου τοὔνομα καὶ Ἐλάφου, του ἐκείνου παιδός, ἰατρῶν καὶ αὐτῶν. οὗτος μαθητὴς γέγονε τὸ μὲν πρῶτον τοῦ πατρός, μετὰ δὲ ταῦτα Ἡροδίκου τοῦ Σηλυβριανοῦ καὶ Γοργίου τοῦ Λεοντίνου, ῥήτορος καὶ φιλοσόφου· ὡς δέ τινες Δημοκρίτου τοῦ Ἀβδηρίτου, ἐπιβαλεῖν γὰρ αὐτὸν νέῳ πρεσβύτην· ὡς δέ τινες καὶ Προδίκου. διέτριψε δὲ ἐν Μακεδονίᾳ, φίλος ὢν σφόδρα τῷ βασιλεῖ Περδίκκᾳ. παῖδας δὲ σχὼν δύο, Θεσσαλὸν καὶ Δράκοντα, κατέστρεψε τὸν βίον ἐνιαυτῶν γεγονὼς τεσσάρων καὶ ἑκατὸν καὶ τέθαπται ἐν Λαρίσσῃ τῆς Θετταλίας. ἐν δὲ ταῖς εἰκόσιν ἱστορεῖται τὸ ἱμάτιον ἐπὶ τὴν κεφαλὴν ἀναβεβλημένος καὶ σκεπόμενος· ἢ ὅτι τοῦτο ἔθος ἦν αὐτῷ ἢ διὰ τὸ φιλαπόδημον ἢ τὸ ἴδιον ἐν ταῖς χειρουργίαις. οὗτος ἔγραψε πολλὰ καὶ πᾶσιν ἐγένετο διάδηλος· ὥστε καὶ τὸν τῶν Περσῶν βασιλέα, τὸν καλούμενον Ἀρταξέρξην, γράψαι πρὸς Ὑστάνην, τῆς τοῦ ἀνδρὸς σοφίας δεόμενον· βασιλεὺς βασιλέων μέγας Ἀρταξέρξης Ὑστάνῃ Ἑλλησπόντου ὑπάρχῳ χαίρειν. Ἱπποκράτους ἰητροῦ Κῴου, ἀπὸ Ἀσκληπιοῦ γεγονότος, ἐς ἐμὲ κλέος ἀφῖκται τέχνης. δὸς οὖν αὐτῷ χρυσόν, ὁπόσον ἂν βούληται, καὶ τἄλλα χύδην ὧν σπανίζει, καὶ πέμπε πρὸς ἡμέας. ἔσται γὰρ ἰσότιμος Περσέων τοῖσιν ἀρίστοισι. καὶ εἴ τις ἄλλος ἐστὶν ἀνὴρ κατ' Εὐρώπην ἀγαθός, φίλον οἴκῳ βασιλέως τίθεσο μὴ φειδόμενος ὄλβου· ἄνδρας γὰρ εὑρεῖν δυναμένους τι κατὰ συμβουλίην οὐ ῥᾴδιον. ἔρρωσο. αἱ μὲν οὖν γραφεῖσαι παρ' Ἱπποκράτους βίβλοι πᾶσι τοῖς μετερχομένοις τὴν ἰατρικὴν ἐπιστήμην ἔκδηλοι· καὶ οὕτως αὐτὰς κατασπάζονται ὡς θεοῦ φωνὰς καὶ οὐκ ἀνθρωπίνου προελθούσας ἐκ στόματος. πλὴν τῶν ἐν πρώτοις καὶ ἡμεῖς ἀπομνημονεύσωμεν. πρώτη μὲν οὖν βίβλος ἡ τὸν ὅρκον περιέχουσα, δευτέρα δὲ ἡ τὰς προγνώσεις ἐμφαίνουσα, τρίτη ἡ τῶν ἀφορισμῶν ἀνθρωπίνην ὑπερβαίνουσα σύνεσιν· τετάρτην τάξιν ἐχέτω ἡ πολυθρύλλητος καὶ πολυθαύμαστος Ἑξηκοντάβιβλος, ἡ πᾶσαν ἰατρικὴν ἐπιστήμην τε καὶ σοφίαν ἐμπεριέχουσα.

Dentre as informações referentes à família de Hipócrates poucas são as confiáveis como informação biográfica. O nome do pai era habitual na identificação do homem grego, assim como o nome da cidade de origem. Não é impossível, portanto, que o pai de Hipócrates tenha realmente se chamado Heraclides. E, como era muito comum dar ao filho o nome do avô (cf. Duarte, 2000a, p. 246 n.15), é plausível que Hipócrates tivesse recebido o mesmo nome do avô.

Quanto aos filhos de Hipócrates, não há certeza de que tenham realmente existido. O nome do primeiro, Téssalo, "o tessaliano", pode ser uma alusão à permanência de Hipócrates na Tessália ou à origem mítica da família; o nome do segundo, Drácon, "grande serpente", faz uma alusão à serpente, símbolo da medicina por excelência, e às contribuições de Hipócrates para a medicina. Outros verbetes da Suda fazem referência a outros Hipócrates, filhos de Téssalo, de Drácon e de outros médicos de Cós. Jouanna, jocosamente, alude a tais referências como um verdadeiro caso de "hipocratomania" (Jouanna, 1992). Enfim, como esses dados da *Suda* não são confirmados por outras fontes, a questão da existência histórica desses filhos e descendentes de Hipócrates permanece indefinida.

"Criso", um dos nomes dos pretensos ancestrais de Hipócrates, é mencionado em uma série de cartas que, segundo a tradição, foram trocadas entre o rei da Pérsia, Artaxerxes, Hipócrates e alguns intermediários. Essa correspondência, normalmente colocada no final de alguns manuscritos da coleção hipocrática "não merece confiança alguma, é apócrifa e obra de falsificadores" (Littré, 1839). As cartas ilustram o quanto a vida de Hipócrates se tornou lendária, pouco tempo depois de sua morte. E, embora desprovidas de valor biográfico, possuem valor literário e constituem o primeiro romance epistolar da história da literatura ocidental (Ayache, 1992).

A carta que menciona os ancestrais de Hipócrates é a segunda, e sustenta que ele era dotado de natureza divina, pois era o décimo-oitavo da linhagem de Asclépio, por parte de pai; e mais: descendente de Héracles por parte de mãe. O reverente autor da carta, que trata Hipócrates de "salvador", "aquele que acalma a dor", "o que domina o conhecimento digno de um deus", baseou-se possivelmente em Tzetzes, que cita todos os membros da genealogia desde Podalírio, um dos filhos de Asclépio (Littré, 1839). A descendência a partir de Héracles é explicada, ao que parece, pelo significado do nome *Heraclides*, "descendente de Héracles"; mas a menção a Asclépio, por outro lado, é muito mais significativa.

Asclépio foi o herói-deus da medicina mais cultuado de toda a Grécia (Kerényi, 1948; Farnell, 1920). Desde o século VI a.C. foram erguidos numerosos santuários e templos em sua honra, para onde acorriam numerosos fiéis, em busca de cura para as suas doenças[8]. Em Trica, cidade que a tradição aponta como local de seu nascimento (*Estrabão*, XIV, I, 36),

[8]. Aristófanes faz, em sua comédia *Pluto* (*c.* 388 a.C.), uma hilariante descrição do processo de cura operado nesses santuários (vv. 653-741).

possivelmente estava localizado o mais antigo desses santuários (Kerényi, 1948). Para Homero, Asclépio era apenas um βασιλεύς, um rei, dotado de conhecimentos médicos que viveu na Tessália; e seus dois filhos, Podalírio e Macáon, guerreiros e também médicos, lutaram na guerra de Tróia ao lado de Odisseu, Aquiles, Agamêmnon, Ájax, Diomedes e outros heróis (*Ilíada*, II, 729-733). Por volta de 500 a.C., data aproximada da construção do grande *Asklepieion*[9] de Epidauro, Asclépio já figura completamente divinizado (Burkert, 1993). Não há espaço, aqui, para uma discussão pormenorizada desses mitos; a hipótese mais mais provável é que Asclépio represente uma antiga divindade ctônica da Tessália a quem eram atribuídos poderes de cura, e que foi progressivamente humanizada e incorporada ao panteão grego (Farnell, 1920). A serpente, animal associado diretamente às divindades ctônicas, acabou por se tornar o símbolo da medicina[10](Kérenyi, 1948; Méndez, 1996).

O caráter divino de Asclépio se estendeu, aparentemente, aos seus descendentes diretos. Pausânias informa que "na Gerênia há uma tumba para Macáon, filho de Asclépio, e um santuário sagrado; e no santuário de Macáon os homens podem encontrar a cura de suas doenças" (*Descrição da Grécia* III, 26, 9). Muito antes disso, no século VI a.C., o poeta Teógnis já associava aos descendentes de Asclépio, os *asclepíades*, a capacidade de cura (vv. 432-434). Sabe-se, a partir do *corpus* de inscrições do santuário de Apolo em Delfos (6687, 8131 e 2475), que na primeira metade do século IV a.C. existia em Cós e Cnidos, no litoral da Ásia Menor, uma comunidade de "descendentes de Asclépio" (Vitrac, 1989). O fato de serem mencionadas em conjunto sugere uma origem comum, mas bem cedo os asclepíades de Cós e de Cnidos adotariam diferentes posturas no que tange à arte médica (Jouanna, 1974) e constituiriam o que os eruditos denominam atualmente, por simplificação, "escolas" de medicina. Havia, sem dúvida, médicos em diversos outros lugares da Grécia; os de Cós e Cnidos, porém, são os mais importantes para o estudo dos tratados hipocráticos e para a história da Medicina.

Os asclepíades constituíam um γένος, uma "família" de médicos que alegava descender do próprio Asclépio e de seus filhos (Longrigg, 1998). O termo γένος, usado para designar uma "ascendência comum, família", deve ser aqui considerado em sua acepção mais ampla. Platão afirma que Hipócrates era um "asclepíade" de Cós (*Protágoras*, 311b); o médico Erixímaco, um dos interlocutores do *Banquete* de Platão, filho de outro médico (*Fedro*, 268a), não tinha laços de parentesco com Hipócrates e declarava ser Asclépio seu ancestral (*Banquete*, 186e). Seu pai era Acúmeno, famoso médico da época, e ambos eram atenienses (*Fedro*, 227b). Políbo, provável autor do tratado hipocrático *Da natureza do homem* (cf.Aristóteles, *História dos animais*, III, 512b, 12), discípulo e genro de Hipócrates, segundo a tradição, era um asclepíade sem parentesco direto com ele.

---

[9]. Templo dedicado a Asclépio.

[10]. O símbolo de Asclépio e, conseqüentemente, o da medicina, é uma serpente única enroscada em um bastão, sem asas de qualquer espécie. Este símbolo pode ser visto em moedas de arte antigas, e não deve ser confundido com o *kerykeion* ("caduceu") de Hermes, deus dos viajantes, do comércio e dos ladrões, formado por duas serpentes enlaçadas em um bastão encimado por duas asas.

Eram "asclepíades", portanto, não só os membros consangüíneos da família, mas também aqueles que se ligavam a ela pelo casamento ou ainda através da relação mestre-discípulo (CH, *Juramento*; Rihll, 1999, p.121). Talvez seja acertado referir os asclepíades não como γένος, mas sim como κοινόν, "comunidade", termo esse empregado pelo autor das inscrições délficas citadas há pouco. Os antigos médicos gregos não eram, naturalmente, todos aparentados; mas a medicina, embora não praticada de forma idêntica, sem dúvida os unia, estabelecendo um elo comum, miticamente atribuído a Asclépio. O título "asclepíade" invocava, em certa medida, uma espécie de sanção divina similar à que os antigos aristocratas e reis buscavam ao alegar uma ascendência divina. Uma expressão similar, "homéridas" (cf. Platão, *Íon*, 530d), designava uma associação de poetas-cantores da ilha de Quios, conhecida pelo menos desde 650-600 a.C. Eles alegavam descender do poeta Homero e conservavam a tradição da épica oral (Pòrtulas, 1998). Com o tempo, o termo "asclepíade" adquiriu a conotação de "praticante da medicina" (Longrigg, 1998).

Hipócrates deve ter adquirido os conhecimentos básicos de medicina com o pai, conforme o costume grego (cf. Platão, *Leis*, 720b). Não é verossímil a crença que se difundiu de que ele aprendeu ou aperfeiçoou sua arte consultando as *iamata*, relatos das curas obtidas no templo de Asclépio em Cós (cf. Plínio, *História Natural*, 29, 2; Estrabão, *Geografia* 14, 2, 19), pois o *asklepieion* de Cós começou a ser construído na metade do século IV a.C., muitos anos após sua morte. Será verossímil, então, que ele tenha sido discípulo de Heródico de Selúmbria, Górgias de Leontino, Demócrito de Abdera e Pródico? Os atenienses esclarecidos assistiam, sempre que podiam, a conferências, preleções e leituras de figuras ilustres que visitavam a cidade (há numerosos testemunhos em Platão); em outras cidades, certamente, o mesmo devia ocorrer. É razoável imaginar que Hipócrates tenha assistido a conferências, preleções, e até participado de simpósios, como os descritos por Platão em alguns de seus Diálogos. Ele pode mesmo ter conhecido as figuras acima referidas; mas acreditar que se tenha tornado discípulo de todos eles – ou mesmo de alguns – é bem mais difícil. Algumas sucessões de mestres e discípulos eram cronologicamente viáveis, como a dos filósofos Sócrates, Platão, Aristóteles e Teofrasto; mas a que o autor do verbete da *Suda* associou ao nome de Hipócrates, não. Se a data atribuída ao nascimento de Hipócrates está mais ou menos correta (*c.* 460 a.C.), ele teria praticamente a mesma idade que seus "mestres" Heródico, Górgias, Demócrito e Pródico.

Segundo o verbete da *Suda*, Hipócrates morreu com 104 anos. O que provavelmente constitui um exagero do autor: outras fontes falam de 85 ou 90 anos (Littré, 1835). Mesmo se levarmos em consideração a idade mais baixa, 85 anos, Hipócrates teria vivido mais tempo do que a maioria de seus contemporâneos. Pode-se argumentar que o poeta Píndaro viveu cerca de 80 anos e Górgias de Leontino, 108 anos, mas suas datas de nascimento e morte são um tanto controversas. Vejamos, por outro lado, o tempo de vida de alguns gregos citados neste capítulo cujas datas de nascimento e morte não são tão controvertidas: Sócrates viveu 70 anos; Platão, 81; Aristóteles, 62; Aristófanes, 61; Eurípides, 79. A média é de, mais ou menos, 70 anos, o que situaria a morte de Hipócrates na primeira ou segunda

década do século IV a.C. Ultrapassar os 50 anos de idade não era muito comum naquela época. Escavações arqueológicas em Metaponto, rica cidade grega do extremo sul da Península Itálica, descobriram ossadas de 272 pessoas que ali viveram entre 600 e 250 a.C. O estudo dos esqueletos revelou que a expectativa média de vida dos adultos era de 42 anos para os homens e de 39 para as mulheres; o esqueleto mais antigo tinha pouco mais de 50 anos (Brown, 1998). Assim, acredita-se que Hipócrates no momento de sua morte tivesse entre 60 e 70 anos no máximo.

Quanto ao fato de Hipócrates ter escrito diversos tratados médicos, não é improvável que o tenha feito; mas, conforme já foi dito, nenhum texto da coleção hipocrática pôde até hoje ser-lhe atribuído, com algum grau de certeza (Lloyd, 1991; López Férez, 1998; Longrigg, 1998).

OS TESTEMUNHOS CONTEMPORÂNEOS

As mais antigas evidências sobre Hipócrates sem qualquer relação direta com a coleção hipocrática e as "vidas" podem ser encontradas em *As Tesmoforiantes* de Aristófanes; no *Protágoras* e no *Fedro*, de Platão; e na *Política* de Aristóteles. Vejamos, primeiramente, o testemunho mais problemático:

As Tesmoforiantes

(411 a.C.)

MNESÍLOCO

Ah, não, por Apolo, não enquanto você não me jurar...

EURÍPIDES

O quê ?

MNESÍLOCO

... que me salvará
por meio de todas as artes, se alguma coisa má me suceder.

EURÍPIDES

Eu juro pelo éter, morada de Zeus.

MNESÍLOCO

Por que não (juras) antes pela <u>comunidade</u> de Hipócrates?

EURÍPIDES

Juro, então, pela água de todos os deuses.

(vv. 269-272)[11]

A identificação do Hipócrates de Aristófanes com Hipócrates de Cós ainda é problemática. Littré, após defendê-la num primeiro momento (1839, p. 51), recuou, com base na informação dada por um dos escoliastas de Aristófanes. Segundo essa antiga autoridade, o homem citado nessa passagem e também na comédia aristofânica *As nuvens*[12] (v. 1001) era um cidadão ateniense e não o médico de Cós:

> Hipócrates nasceu em Atenas e tinha três filhos; foi acusado, juntamente com eles, de ser apedeuta.
>
> Escoliasta das *Tesmosforiantes*, v.280[13]

Henderson informa, certamente de acordo com o escoliasta, que esse Hipócrates era sobrinho de Péricles e que seus três filhos eram pessoas tediosas e mal-educadas (Henderson,

---

[11].

Μνησίλοχος

μὰ τὸν 'Απόλλω οὐχ, ἤν γε μὴ

ὀμόσῃς ἐμοί _

Εὐριπίδης

τί χρῆμα;

Μν. συσσώσειν ἐμὲ

πάσαις τέχναις, ἤν μοί τι περιπίπτῃ κακόν.

Εὐρ. ὄμνυμι τοίνυν αἰθέρ' οἴκησιν Διός.

Μν. τί μᾶλλον ἢ τὴν Ἱπποκράτους <u>ξυνοικίαν</u>;

Εὐρ. ὄμνυμι τοίνυν πάντας ἄρδην τοὺς θεούς.

[12]. Representada em Atenas pela primeira no ano de 423a.C.

[13]. Schol. Thesmosph., 280:

> Ἱπποκράτης ἐγένετο Ἀθηναῖος, ὃς (addidit Dindorf) εἶχεν υἱοὺς ** (omissum epithetum, vel) τρεῖς ex schol. Nub. 997 Dind.): διιβάλλετο (sic) δὲ σύν αὐτοῖς ὡς ἀπαίδευτος.
>
> (*apud* Littré, 1840, *Adenda et corrigenda*, pág. xlviii).

1992). Todos eles tinham a cabeça com um formato estranho[14], sendo por isso também constantemente ridicularizados pelos comediógrafos (Starzynski, 1967). Sommerstein, um dos mais recentes editores de Aristófanes, opinou que "esse Hipócrates não é identificável, mas deve ter sido um homem rico, pois era proprietário de um bloco de casas" (Sommerstein, 1994). Em sua edição, Sommerstein traduziu a palavra ξυνοικία pela expressão "bloco de casas". Essa é, sem dúvida, uma tradução correta, inspirada certamente pela palavra οἶκος ("casa, residência") mas, a meu ver, negligencia outra leitura possível. A tradução para "comunidade", que reflete melhor o sentido de "habitação ou vida em comum", parece mais apropriada ao sentido geral do texto aristofânico.

Não creio que o argumento final de Littré e a interpretação de Sommerstein expliquem de modo satisfatório a passagem; parece-me que Aristófanes estava mesmo se referindo ao médico de Cós e à comunidade dos asclepíades. Note-se que, pouco antes de se referir a Hipócrates, Mnesíloco mencionou a palavra τέχνη, "arte"; ou seja, em seu espírito – e no dos espectadores – a associação entre "arte" e "Hipócrates" era natural para o poeta e para a audiência. O nome "Hipócrates" era bastante comum entre os gregos, o que evidentemente se presta a uma certa confusão; mas era justamente por isso que se recorria ao nome do pai, do demo de residência ou da cidade de origem para discriminar os cidadãos de mesmo nome. Mas, nesses versos, Aristófanes não teve necessidade de recorrer a nada: a simples associação entre "Hipócrates" e "juramento" lhe pareceu suficiente. Do mesmo modo, em *As nuvens,* é feita uma rápida menção à cabeça dos filhos do Hipócrates ateniense (v. 1003); nenhuma outra informação era necessária para que a audiência soubesse de quem se tratava.

Há ainda outras razões para discordar de Littré e Sommerstein. Primeiro, a informação dos escoliastas, embora extremamente útil, não é de todo confiável (Pickard-Cambridge 1953, p. 17 n.5); segundo, a passagem acima apresenta semelhanças com a primeira linha do juramento hipocrático[15] terceiro, seria demasiada coincidência existir em Atenas, na mesma época em que Hipócrates de Cós impressionava os atenienses, outra "família" conhecida por seus juramentos especiais[16]. Não consigo realmente imaginar uma razão para que pessoas que moravam lado a lado, em um bloco de casas, tivessem o hábito de fazer um juramento solene e tão diferente que acabaria se tornando assunto para os poetas cômicos contemporâneos.

---

[14]. Dois fragmentos de uma comédia de Cratino intitulada *Péricles de cabeça de cebola com o Odeon sobre o crânio* chegaram até nós (cf. Lesky, 1995, p. 450).

[15]. "juro... por todos os deuses e deusas"... (ver p.151).

[16]. O filósofo Sócrates costumava fazer um juramento insólito: "pelo cão", dizia ele (Platão, *Apologia*, 21e; *Cármides*, 172e, entre outros), referindo-se aparentemente a Anúbis, deus egípcio com cabeça de chacal (Platão, *Górgias*, 482b). Não consta que era seguido nesse estranho hábito por qualquer pessoa de sua família ou de suas relações.

É plausível, portanto, que o juramento dos médicos (CH, *Juramento*) fosse de conhecimento geral em 411 a.C., data da primeira representação da comédia de Aristófanes; que sua existência estivesse relacionada a Hipócrates de Cós; que os atenienses o conhecessem pelo menos de fama; e que os médicos que pronunciavam o juramento estivessem unidos em uma confraria ou comunidade.

Vejamos, agora, o testemunho de Platão:

Protágoras

(*c.* 399-387 a.C.)

SÓCRATES

e, [311b] para testar a força de Hipócrates, eu o examinava e o questionava. "Dize-me, Hipócrates", falei, " tentarás agora ir para junto de Protágoras dando-lhe remuneração em teu interesse. Para que te aproximas de alguém e o que esperas tornar-te? E se pretendesses, indo para junto do teu homônimo, Hipócrates de Cós, descendente de Asclépio, dar-lhe remuneração em teu interesse, e alguém te perguntasse: 'Dize-me, Hipócrates, o que pretendes conseguir dando uma remuneração a Hipócrates [311c], sendo ele o quê?' O que responderias? 'Eu responderia', disse ele, 'que por ser médico'. E o que esperas te tornar? 'Um médico', disse ele."

Fedro

(c. 387-367 a.C.)

SÓCRATES

E a natureza da alma, então, crês que é possível compreendê-la adequadamente sem (compreender) a natureza do todo?

FEDRO

Se devemos efetivamente acreditar em Hipócrates, da família dos asclepíades, nada (se compreende) a respeito do corpo sem esse método[17].

---

[17]. A palavra grega μέθοδος, usualmente traduzida por "método", se refere formalmente a um "conjunto de procedimentos empregados para se atingir um fim". Embora presente em textos filosóficos desde Platão, a palavra iria adquirir o sentido pleno de "caminho racional utilizado pelo espírito para chegar ao conhecimento ou à demonstração da verdade" somente no século XVII, a partir dos estudos desenvolvidos por René Descartes (*Discurso do Método*, 1637).

SÓCRATES

E ele, meu amigo, tem razão. É necessário, porém, em relação a Hipócrates, examinar (nosso) argumento de perto e observar se ele está de acordo.

FEDRO

Eu acho que sim.

SÓCRATES

Observa, portanto, o que dizem sobre a natureza Hipócrates e também o argumento verdadeiro. Não é desse modo que se deve pensar a respeito da natureza de qualquer coisa? Primeiro, é simples ou complexa a arte que pretenderemos praticar e que (pretendemos) tornar outras pessoas capazes (de praticar)? Depois, se ela for simples, verificar qual a sua força, para quais ações ela foi criada ou que coisas atuarão nela e, se ela tiver muitos aspectos, tendo-os contado, observar para cada um deles o que (se observa) para um único — para qual ação ele foi criado ou o que atuará nele?(270c-d)

Platão conhecia, portanto, um asclepíade chamado Hipócrates, natural de Cós e que praticou a medicina em Atenas pelo menos durante algum tempo. É possível, naturalmente, que Platão tenha apenas ouvido falar dele; mas também pode tê-lo conhecido pessoalmente. É bastante plausível, portanto, que Hipócrates de Cós tenha sido contemporâneo de Sócrates. Sabe-se que os diálogos socráticos de Platão, embora considerados posteriores à morte de Sócrates[18], aludem a acontecimentos ocorridos, notadamente, nos dez anos anteriores. A última década do século V a.C. é, conseqüentemente, um período razoável para situarmos o *floruit* ou os primeiros anos da velhice de Hipócrates.

Hipócrates se dispunha, de acordo com as fontes, a aceitar discípulos em troca de pagamento, como os sofistas mais famosos. Essa passagem corrobora, portanto, a informação do *Juramento* hipocrático de que o ensino da medicina não era gratuito.

Desde a Antigüidade se discute, com base nesta passagem do *Fedro*, qual teria sido a natureza exata das idéias de Hipócrates. Jouanna (1992, p.89) questiona: "O que entendia (Platão) por *todo*? Os eruditos se dividem. Trata-se do universo, como pensa a maioria, ou do todo que forma o objeto considerado, como estima a minoria?" . Há muitos séculos, tentou-se exaustivamente identificar em que tratados da coleção hipocrática idéias e conceitos semelhantes são mencionados. O médico Galeno de Pérgamo, um dos mais importantes comentadores de Hipócrates, julgava que era o tratado *Da natureza do homem*; Littré opinava que era o tratado *Da medicina antiga* (Littré, 1835). A idéia de que, ao analisar qualquer elemento, se deve considerar o todo de que ele faz parte, preceito aplicável tanto na

[18]. Sócrates foi executado em 399 a.C.

medicina como na filosofia[19], pode ser da autoria de Hipócrates, sem dúvida. Mas se há passagens da coleção hipocrática que refletem esse pensamento, é necessário considerar que Platão pode simplesmente ter chegado a tal conclusão pela leitura dos textos desta coleção[20]. É evidente que Platão conhecia profundamente a coleção hipocrática (cf. Mársico, 1998); compare-se, por exemplo, certos trechos dos diálogos platônicos (*República*, 404a e *Timeu* 84e, entre outros) com alguns *Aforismos* da coleção hipocrática.

Vejamos agora uma passagem de Aristóteles[21] :

Política

(335-323 a.C.)

> Pois existe algo que é também função da cidade e, portanto, aquela forte o bastante para realizar isso deve ser considerada a maior, assim como Hipócrates deve ser declarado um grande médico e não um homem grande, se alguém o ultrapassar no tamanho do corpo.(1326a, 105)

Aristóteles se refere a Hipócrates como "o grande Hipócrates" em um contexto que faz pensar que o médico de Cós era de pequena estatura. Ou será que Aristóteles quis apenas ilustrar um argumento? Não há elementos conclusivos sobre nenhuma dessas hipóteses.

Já que foi mencionado o aspecto físico de Hipócrates, convém esclarecer que não será discutida aqui a iconografia que tematiza Hipócrates; é preciso, no entanto, fazer dois breves comentários. Primeiro: a mesma idealização presente nas "Vidas" domina todos os bustos antigos até hoje identificados com ele. Segundo: a cabeça de mármore que se encontra atualmente no Museu Britânico, em Londres, cópia de um original grego do século III a.C. utilizada nos últimos anos para ilustrar textos sobre o médico de Cós e a coleção hipocrática, representa na realidade o filósofo estóico Crisipo.

Nenhum testemunho contemporâneo assinala a data de nascimento de Hipócrates. O Pseudo-Sorano menciona que Histômaco e Sorano de Cós, personagens quase totalmente desconhecidos para nós e que viveram certamente muitos séculos depois de Hipócrates, situaram seu nascimento no primeiro ano da octagésima olimpíada (460 a.C.). O que faria

---

[19]. Platão recorria com freqüência à medicina para ilustrar argumentos filosóficos (*República* 405c-d, 406a-c, 406d, 407a, 407d, 407c-408b, 408d-e, 564b-e, entre outras passagens). Ver também Frias, 2001.

[20]. Confusão semelhante se vê no pergaminho conhecido por *Anonymus Londinensis*, datado do século II d.C, que traz longos trechos de uma "história da medicina" compilada por Mênon, discípulo de Aristóteles, durante a segunda metade do século IV a.C. Em uma interessante passagem (IV, 20 a VI, 45), ele informa: "Hipócrates diz, segundo a nota que lhe consagrou Aristóteles, que os ventos são a causa das doenças". Aparentemente, a fonte da informação não foi Aristóteles, mas o tratado hipocrático *Dos ares*, escrito possivelmente por um sofista inspirado nas idéias do filósofo Diógenes de Apolônia.

[21] É interessante assinalar que o mais famoso discípulo de Platão era filho de um médico, Nicômaco, "neto de Asclépio", ligado à escola de Cnidos (cf. Diógenes Laércio, *Vida e Doutrina dos Filósofos Ilustres*, V, 1).

dele um contemporâneo um pouco mais jovem de Sócrates, concordando assim com os textos de Aristófanes e de Platão. Convém, no entanto, manter alguma reticência em relação a informações biográficas não respaldadas por documentos da época. A crítica moderna tem encarado com ceticismo crescente a maior parte das afirmações dos biógrafos antigos (Lefkowitz, 1981; Momigliano, 1993), calcadas em geral nas alusões mais ou menos obscuras de obras literárias e nos comentários nem sempre impecáveis dos escoliastas (Pickard-Cambridge, 1953) e comentadores antigos. Se aceitarmos as datas das "vidas", Hipócrates teria morrido em idade muito avançada, entre 380 ou 360 a.C.; mas, conforme argumentei há pouco, essa estimativa não é plausível. A única referência temporal confiável para todo o tempo de vida de Hipócrates, como se viu, é a última década do século V a.C. As datas de seu nascimento e morte são quase que inteiramente conjeturais.

HIPÓCRATES - UMA BIOGRAFIA CÉTICA

Sigerist escreveu, certa vez, que "tudo o que sabemos com certeza sobre Hipócrates é que ele viveu" (Sigerist, 1961). Pode-se concluir, no entanto, a partir da análise precedente, que Hipócrates, filho de Heraclides, nasceu em Cós e que uma parte importante de sua vida transcorreu nas últimas décadas do século V a.C.; que ele era um "asclepíade", membro de uma espécie de corporação de médicos ligados por laços familiares ou profissionais; que aprendeu os rudimentos da profissão com o pai; que atuou em vários lugares, ensinou medicina mediante pagamento, criou, desenvolveu ou divulgou conceitos inovadores a respeito da arte médica; que escreveu a respeito de assuntos médicos; que desfrutou, em vida, de grande renome; que morreu, possivelmente, durante uma de suas viagens, nas primeiras décadas do século IV a.C., e que pode ter sido enterrado em Larissa, na Tessália.

Sabemos, efetivamente, muito pouco a respeito do Hipócrates factual; mas isso não nos impede de admirar seu pretenso epitáfio, conservado em epigrama:

> O tessaliano Hipócrates, de família de Cós, descansa aqui.
> Nascido do tronco imortal de Febo,
> ergueu muitos troféus contra as doenças, com as armas de Higéia,
> tendo obtido imensa glória não por acaso, mas por sua arte.
> Antologia Palatina, VII, 135, 4[22].

---

[22]. Θεσσαλὸς Ἱπποκράτης, Κῷος γένος, ἐνθάδε κεῖται,
Φοίβου ἀπὸ ῥίζης ἀθανάτου γεγαώς,
πλεῖστα τρόπαια νόσων στήσας ὅπλοις Ὑγιείης,
δόξαν ἑλὼν πολλὴν οὐ τύχαι, ἀλλὰ τέχναι.

2 O *CORPUS HIPPOCRATICUM*

Henrique F. Cairus

DO QUE É COMPOSTA A COLEÇÃO HIPOCRÁTICA

As obras recolhidas sob o título de *Corpus hippocraticum* ou Coleção hipocrática consistem em sessenta e seis tratados sobre temas relacionados ao corpo humano, acrescidos de um juramento que deveria ser prestado pelo médico da escola de Cós, um diminuto livro de Leis (*Nómos*), em cinco pequenos parágrafos, que nada mais era do que um mínimo esclarecimento àqueles que pretendiam iniciar a aprendizagem da arte médica, e um conjunto de cartas e de discursos.

Sobre a datação dos tratados, melhor deixar dizer Carlos García Gual[23], autor da elucidativa Introdução da obra *Tratados hipocráticos*:

> Os escritos mais significativos, os que constituem o centro fundamental da coleção, foram compostos entre 420 e 350 a.C, etapa que podemos considerar definitiva na formação da doutrina hipocrática. Talvez haja no *Corpus hippocraticum* algum escrito um pouco anterior a estas datas, e também alguns notadamente posteriores (...). Mas o fundamental e a maior parte dos textos recolhidos no amplo *Corpus hippocraticum* é produto da investigação e do ensinamento de alguns escritores que compuseram suas obras nos decênios finais do séc. V a.C e nos primeiros do séc. IV a.C. Ou seja, de médicos contemporâneos a Hipócrates, senão do próprio Hipócrates e de seus discípulos mais próximos, da geração imediata.

Assim, a datação dos textos que compõem o *Corpus hippocraticum* não é exata, nem tampouco são precisas as autorias de alguns tratados que dele fazem parte. A querela sobre

[23]. GUAL et alii (1983) v.I, p.10

a autenticidade dos tratados que formam o *Corpus hippocraticum* tem motivado vários helenistas, de Littré a Jouanna, que se ocuparam ou ainda se ocupam de temas que envolvem esse conjunto de obras.

Erotiano (I séc. d.C) é o responsável pela mais antiga lista sobrevivente de obras, conforme lembram Gual e Jouanna[24], pretensamente consideradas da autoria de Hipócrates. A relação das obras de Hipócrates feita por Erotiano oferece um seguro panorama do estado dos Tratados do médico de Cós numa época anterior à de Galeno de Pérgamo.

O depoimento de autenticidade de Erotiano despertou grande interesse no séc. XVI, quando se pode encontrá-lo retomado na célebre edição dos tratados hipocráticos de Anutius Foesuius, datada de 1595. Nessa edição, o médico de Metz, baseado em Erotiano, classifica os tratados que considerou autênticos em semióticos, físicos (isto é, relativos à natureza), etiológicos e os que tratam da arte médica, quais sejam, os terapêuticos, os dietéticos, os cirúrgicos e os mistos, que comportam mais de uma habilidade específica. Vale citar essa ordenação e reproduzi-la[25]:

- OBRAS SEMIÓTICAS: *Prognóstico*, *Prorrético I*, *Prorrético II*[26], *Dos humores*.
- OBRAS ETIOLÓGICAS E FÍSICAS: *Dos ventos*, *Da natureza do homem*, *Da doença sagrada*, *Da natureza da criança*, *Lugares e estações* [= *Ares, águas e lugares*].
- OBRAS TERAPÊUTICAS: 1) Algumas referentes à cirurgia: *Das fraturas*, *Das articulações*, *Das chagas*, *Dos ferimentos e cortes*, *Das feridas na cabeça*, *Oficina do médico*, *Mochlique* [= *Da natureza dos ossos* e *Instrumentos de redução* (lat. Vectiarius)], *Das hemorróidas e fístulas*; 2) referindo-se ao regime: *Enfermidades III*, *Das semanas* (?)[27] e *Das afecções internas*; *Sobre a tisana* [= *Da dieta nas doenças agudas*], *Dos lugares no homem*, *Das doença das mulheres* I –II, *Do alimento*, *Das mulheres estéreis*, *Sobre as águas* [= *Do uso dos líquidos*].
- TRATADOS MISTOS: *Aforismos*, *Epidemias*: VII livros.
- TRATADOS COM CARACTERÍSTICAS ARTÍSTICAS: *Juramento*, *Lei* e o *Epibómios* mostram o homem mais como médico.

Pode-se dizer, então, que Erotiano responde pela paternidade do que hoje se chama *Coleção hipocrática* ou *Corpus hippocraticum*, conquanto foi ele o primeiro que reuniu as obras

---

[24]. JOUANNA (1992), p.94 e GUAL et alii (1983), p.18

[25]. *Apud* JOUANNA, 1992, p.96.

[26]. Sabe-se, porém, já com segurança, que este, bem como outros tratados desta lista, não é de Hipócrates.

[27]. O texto grego deste tratado está perdido; o tratado, porém, chegou aos dias de hoje por duas traduções latinas que Littré editou: a primeira, muito lacunosa, no tomo VIII e a segunda, mais plena, no tomo IX.

atribuídas à escola médica de Cós e de Cnido sob a lavra de Hipócrates, ultrapassando, assim, seu antecessor helenístico Bakkheîos[28]. Este último foi também editor do tratado *Epidemias III* e comentador de algumas obras hipocráticas, entre as quais os *Aforismos* e *Epidemias IV*.

Littré (1839, pp.292-439) divide o *Corpus hippocraticum* em "classes", pelo critério de autenticidade. Esquematicamente, eis a conclusão última deste filólogo:

- 1ª CLASSE: escritos de Hipócrates. *Da medicina antiga, Prognóstico, Aforismos, Epidemias I, Epidemias III, Da dieta nas doenças agudas, Dos ares, águas e lugares, Das articulações, Das fraturas, Dos instrumentos de redução, Dos vasos sangüíneos, Das feridas na cabeça, Juramento e Lei.*
- 2ª CLASSE: escritos de Políbo. *Da natureza do homem* e *Da dieta dos sãos* [= *Da dieta salutar*].
- 3ª CLASSE: escritos anteriores a Hipócrates. *Prenoções de Cós* e *Prorréticos I.*
- 4ª CLASSE: escritos da Escola de Cós, de contemporâneos ou discípulos de Hipócrates. *Das úlceras, Das fístulas e das hemorróidas, Do pneuma, Das regiões no homem* [= *Dos lugares no homem*], *Da arte, Da dieta* e *Dos sonhos; Das afecções, Das afecções internas, Das doenças I, Das doenças II, Das doenças III, Do nascimento no sétimo mês, Da doença sagrada* e *Do nascimento no oitavo mês.*
- 5ª CLASSE: simples extratos ou notas. *Epidemias II, Epidemias IV, Epidemias V, Epidemias VI, Epidemias VII, Do ofício do médico, Dos humores* e *Do uso dos líquidos.*
- 6ª CLASSE: série particular, pertencente a um só autor. *Da geração, Da natureza da criança, Das doenças IV, Das doenças das mulheres, Das doenças das virgens* e *Das mulheres estéreis.*
- 7ª CLASSE: escrito talvez pertencente a Leóphanes: *Da superfetação.*
- 8ª CLASSE: tratados mais recentes da coleção: *Do coração, Do alimento, Das carnes, Das semanas, Prorrético II, Das glandes* e um fragmento do tratado *Da natureza dos ossos.*
- 9ª CLASSE: escritos não citados pelos críticos antigos. *Do médico, Da conduta honrosa* [= *Do decoro*], *Preceitos, Anatomia, Da dentição, Da natureza da mulher, Da excisão do feto,*

[28]. Tem-se notícias de dois glossários das obras hipocráticas anteriores a Erotiano, nenhum dos quais nos chegou: o de Xenócrito de Cós e o de Bakcheîos (Báquio), que JOUANNA (1992, p.95) considera "o primeiro grande glossarista de Hipócrates".

Aforismos (8ª seção), *Da natureza dos ossos, Das crises, Dos dias críticos, Da visão* e *Dos medicamentos purgativos.*

- 10ª CLASSE: escritos perdidos. *Das feridas perigosas, Dos cortes e feridas* e *Das doenças do recém-nascido*[29] .

Apesar de ser fruto de uma investigação criteriosa, esta laboriosa classificação encontrou derradeiro oponente em Jouanna, que exemplifica sua fragilidade com o estudo da autoria do tratado *Da medicina antiga.*

O DIALETO DA COLEÇÃO HIPOCRÁTICA

A língua na qual foram escritos os textos que formam o *Corpus hippocraticum* é o jônico, apesar de a ilha de Cós, sede da escola hipocrática, ser sabidamente circunscrita pela área dialetal dórica. Para Littré (1839, p.479), Hipócrates e seus seguidores, empenharam-se, nos seus escritos, em reproduzir o falar jônico, então prestigioso notadamente pela literatura filosófica pré-socrática. Para citar as palavras do lexicógrafo francês:

> Hipócrates era dórico. Por que escreveu em jônico? A Jônia habitualmente fornecia escritores e sábios; um ramo da mais antiga filosofia grega é o chamado "jônico". Naturalmente os jônicos escreveram neste dialeto que lhes era familiar. Este hábito perpetuou e quase todos os filósofos, à exceção dos dórios da Magna Grécia e da Sicília, empregaram o dialeto jônico. Foi deste dialeto que se serviram Anaxágoras, Parmênides, Demócrito, Mélissos, Diógenes Apolônio. Não é preciso buscar outra razão da preferência que o dório Hipócrates dá ao jônico.

Littré, nesta passagem, parece negligenciar o *status quo* de que a poesia gozava à época de Hipócrates. Sabendo-se o quão amplamente era difundida a poesia grega arcaica, quase toda em jônico, torna-se difícil não levar em conta que o objetivo de Hipócrates e seus seguidores, ao escreverem em jônico, não pudesse ter sido também o de fazer seus estudos transpassarem as fronteiras de um dialeto que, na literatura, merecia, no máximo, freqüentar as falas dos coros trágicos.

Não há, porém, dorismos flagrantes nos tratados hipocráticos. Nos textos, aliás, são relativamente abundantes as formas áticas, em especial os pronomes. Segundo Galeno (*apud* Littré, 1839, p. 481), Hipócrates efetivamente se servia, até certo ponto, do dialeto ático.

---

[29]. Apud LITTRÉ (1939), p.292-439.

VALOR DA COLEÇÃO HIPOCRÁTICA

O que os tratados da Coleção hipocrática têm a nos dizer hoje? Por que lê-los?

Essas perguntas já tiveram muitas respostas ao longo do tempo. Há séculos o *Corpus hippocraticum* vem sendo lido por razões muito diversas. Alguns tratados foram lidos até o século XIX como verdadeiros manuais de medicina. Outros foram parcialmente rejeitados desde Galeno (séc. II d.C.), por parecerem "indignos de Hipócrates". Alçados à categoria de *vade mecum*, os tratados sempre ocuparam um lugar canônico na literatura médica. Mesmo o advento da ciência, no século das luzes, manteve a Coleção nesse posto. Somente o espírito lúcido e positivista de Émile Littré foi capaz de, no século XIX, mudar o lugar do *Corpus hippocraticum* nas estantes das bibliotecas.

O positivismo trouxe o *Corpus hippocraticum* para a discussão de idéias, resgatando-o do universo das preleções técnicas, onde não mais cabia.

Charles Daremberg, na primeira edição de seu *Hippocrate*[30] (1843)[31], endereça-o "aos médicos e aos estudantes que têm pouco tempo para dedicar à literatura médica". Doze anos mais tarde, o mesmo (e outro) Daremberg[32] publica a segunda edição de seu *Hippocrate*; mas o endereçamento, na Introdução, modifica-se substancialmente:

> Continuando fiel ao meu plano primitivo, estendi sobre mais de um ponto o campo das discussões históricas (....) Eu me sentiria muito recompensado pelos novos esforços que empreendi, se a leitura deste volume puder contribuir em alguma coisa para robustecer ou engendrar em alguns espíritos o gosto pela filologia médica e pela história da medicina.[33]

A partir da releitura das obras recolhidas sob o nome de Hipócrates, abriu-se uma nova perspectiva para a história da ciência e, por conseguinte, para a história do pensamento ocidental. Desde Aristóteles, havia sido negligenciada a contribuição do *Corpus hippocraticum* para o pensamento, que em muito sempre ultrapassou o que dali poderia se valer exclusivamente a medicina.

O caráter fundador dos textos hipocráticos é costumeiramente discutido a partir da

[30]. Trata-se de uma edição de quatorze livros do *CH*: Juramento, *A lei*, *Da arte*, *Do médico*, *Prorréticos (I)*, *Prognóstico*, *Prenoções de Cós*, *Ares, águas e lugares*, *Epidemias I* e *III*, *Do regime nas doenças agudas*, *Aforismos* e fragmentos de muitos outros tratados.

[31]. Portanto, seis anos antes da edição de Littré.

[32]. A hipótese de uma influência de Littré nessa transformação de Daremberg não me parece nada inverossímil. Duas cartas de Petrequin a Daremberg (a primeira de 14 de setembro de 1862 e a segunda de 25 de outubro de 1872), embora posteriores à data de publicação do último tomo da obra de Littré, reforçam a crença nessa possibilidade. As cartas continuam inéditas, e Danielle Gourevitch (1994) publicou-as parcialmente.

[33]. *Apud* GOUREVITCH, 1994, pp.65-6. Na segunda edição de Daremberg, a escolha dos textos modificou-se muito pouco, tendo sido acrescido apenas mais um tratado.

negação do título de "pai da medicina" que se atribui a Hipócrates. De fato, a paternidade da medicina, assim como a da história, suscitaram algumas discussões tão infecundas quanto pouco oportunas. A medicina existia já muito antes de Hipócrates. Existem registradas em linear B diversas ocorrências do termo *i-ja-te*, que corresponde ao homérico ἰητήρ (médico)[34]. Na *Ilíada*, os dois filhos de Asclépio, Podalírio e Macáon, estão à frente dos guerreiros de Ecália. No segundo canto do poema, há uma referência às atribuições curativas dos dois personagens:

> (Havia) também os da Ecália, a cidade de Êurito ecálio,
> lideravam-nos os dois filhos de Asclépio,
> dois bons médicos[35] (ἰητῆρε), Podalírio e Macáon.
> Foram alinhadas por eles trinta côncavas naus.
> (*Il.* II, 730-4)

Esses "curadores", os médicos da *Ilíada*, gozam de um prestígio superior ao dos guerreiros. No canto décimo primeiro lê-se a axiomática sentença proclamada pelo sábio Nestor:

> vale por muitos um homem que é médico,
> (que sabe) extrair flechas e aplicar medicamentos lenitivos nas feridas
> (*Il.* XI, 514-5)

Na *Odisséia*, o médico não vale menos. Na *Telemaquia*, lê-se como complemento à explicação dos conhecimentos farmacológicos de Helena um comentário acerca do Egito, que muito esclarece sobre o prestígio do médico:

> (no Egito) médico é cada um que sabe sobre todos os homens,
> pois descendem de Peon.
> (*Od.* IV,231-2)

[34]. *Il. II*,732. Há também inscrições cipriotas que registram essa forma (Hoffman, O. *Die griechisschen Dialekte*, Götingen, vol.I, 1891. p.135).

[35]. Creio que seria ideal estabelecer uma distinção entre o "médico" de Homero e o médico hipocrático; contudo, não se pode negligenciar que Paul Mazon, nessa passagem, traduz o termo grego por "guérisseur", promovendo assim uma outra distinção, entre o ἰητρός e o ἰητήρ. O helenista francês parece preferir "guérisseur" para traduzir ἰητήρ, e "médecin" para ἰητρός. Tal opção torna-se clara na sua tradução dos versos 514-8 do décimo primeiro canto, onde os dois termos gregos se sucedem.

Do médico homérico[36], rei-sacerdote, não teremos outros registros na cultura grega, mas as referências às curas em Homero não se limitavam às atividades dos médicos. Pátroclo cura Eurípilo (*Il.*XI,804ss.) e a loura Agamede é-nos apresentada como conhecedora dos φάρμακα de toda a terra[37]; na *Odisséia*, a egípcia Polidamna é decantada como detentora de eficazes φάρμακα (*Od.*IV, 229-30), e Helena recebe de Polidamna o saber relativo ao φάρμακον (*Od.IV*,219 ss.). Todavia, paralelamente ao uso do φάρμακον, havia a prática da ἐπαοιδή[38], o canto ritualístico de cura.

Pierre Pellegrin, da recente geração francesa de estudiosos do *Corpus hippocraticum*, afirma de maneira enfática:

> É preciso abandonar a idéia de que Hipócrates retirou a medicina das mãos dos sacerdotes, dos curandeiros [*guérisseurs*] e dos charlatães. Uma medicina que se apóia sobre observações e raciocínios existe *paralelamente* a uma medicina mágico-religiosa muito antes de Hipócrates[39].

A idéia de que havia uma medicina pré-hipocrática apoiada no raciocínio e na observação, e paralela aos rituais curandeirísticos, opõe o φάρμακον à ἐπαιοιδή, além de suscitar uma questão acerca do caráter fundador da medicina hipocrática. Esse é um problema ainda pujante, desde as especulações de Émile Littré até as considerações de Jackie Pigeaud.

Littré, discípulo dissidente de Auguste Comte, dedicou alguns anos à elaboração de sua edição do *Corpus hippocraticum*. São dez laboriosos volumes que saíram do prelo entre 1839 e 1861. Com essa obra, Littré não desejava somente reverenciar os primórdios da ciência, mas, à maneira de um pré-socrático, procurou em Hipócrates uma ἀρχή do que considerava a mais elevada forma do saber:

> Quando se pesquisa a história da medicina e os primórdios da ciência, o primeiro corpo de doutrina que se encontra é a coleção de escritos conhe-

---

[36]. Contudo, é sempre conveniente lembrar que não são exatamente esses "homens que valem por muitos" e "sábios em relação a todos os outros homens" os mesmos médicos que constituirão as escolas médicas geradoras do *Corpus hippocraticum*.

[37]. ἣ τόσα φάρμακα ᾔδη ὅσα τρέφει εὐρεῖα χθών [conhecia todos os medicamentos que a vasta terra oferece]. *Il.* XI, 741.

[38]. Essa prática é atestada, por exemplo, em *Od.* XIX, 455-8, em uma passagem na qual Odisseu é acometido por uma hemorragia proveniente do ferimento provocado pelo javali, estancada através desse processo encantatório. É contra essa prática que o tratado MS parece voltar-se em 2Littré.

[39]. *Introduction: Médecine hippocratique et philosophie.* In: PELLEGRIN. *Art médical.* 1994. p. 20. A introdução de Danielle Gourevitch, Pellegrin e Grmek a essa antologia de textos hipocráticos é um estudo acerca da medicina do século V que reflete algumas das tendências mais recentes dos estudos hipocráticos. Os três autores são oriundos respectivamente das áreas de letras, filosofia e medicina, e todos eles doutores em letras.

> cida sob o nome de obras de Hipócrates. A ciência remonta diretamente a essa origem, e aí mesmo permanece.[40]

Ao referir-se à ciência que tem seu início e seu último estágio em Hipócrates, Littré indica que os fundamentos do que ele concebia como ciência se encontravam no *Corpus hippocraticum*; mas, ainda assim, não se afastava da concepção positivista de progresso. De fato, a medicina do século XIX precisou reler suas fontes para beneficiar-se da primazia entre as ciências. A valiosa contribuição de Littré para o estudo do *Corpus hippocraticum* intentou também assinalar que, desde Hipócrates, o φάρμακον e a ἐπαιοδή são, além de diversos, antagônicos.

A ciência da "infância da humanidade"[41] que tinha por patronos e expoentes Aristóteles e Hipócrates foi representada em uma célebre pintura no teto do anfiteatro do *Collège de France*. Foi ali que, em 1871, Claude Bernard proferiu sua conferência intitulada *Leçons de pathologie expérimentale*, na qual declarou a seus ouvintes:

> Aqui mesmo, nas pinturas que ornam o teto deste anfiteatro, vedes Aristóteles e Hipócrates curvados sob os pés dos anos e da ciência. Se é um emblema da ciência o que se quis representar, seria preciso tomar o sentido oposto, e, no lugar de velhos, pintar crianças que estavam em suas primeiras balbuciações.
>
> (*Apud* CANGUILHEM, 1994, p.411)

Canguilhem, que cita esse excerto da conferência de Bernard, termina a sua própria conferência intitulada *Puissance et limites de la rationalité en médecine*, proferida em 1978 em Estrasburgo — precisamente cem anos depois da morte de Bernard —, com a seguinte reflexão: "Sem dúvida, o discurso científico começou pelas balbuciações infantis, mas que adulto dedicado a racionalizar esse discurso poderia se vangloriar de haver atingido um estágio de articulação sintática das frases?"(*ibidem*)

Canguilhem encerra definitivamente a era de certezas acerca do conhecimento científico, e o faz a partir da análise das tentativas de racionalização da doença empreendidas desde o final do século XIX. O *Corpus hippocraticum* deixa definitivamente de ser tratado como um retrato da infância da humanidade, no momento em que teria despontado a perspectiva científica.

No lapso entre as opiniões de Littré e Pellegrin, Robert Joly, em 1966, reivindica para o *Corpus hippocraticum* o tratamento de fonte para a história da ciência. Joly condena os médicos improvisados historiadores que são tomados por "um transe respeitoso diante da evocação do Pai [*sic*] da medicina, e esquecem a essência de seu espírito crítico" (1966: 10).

---

[40]. Escrevo entre aspas distanciadoras essa expressão cunhada no seio da filosofia e da historiografia positivista.

[41]. A força da expressão exige a citação do original: *Lorsqu'on recherche l'histoire de la médecine et les commencements de la science, le premier corps de doctrine que l'on rencontre est la collection d'écrits connue sous le nom de l'oeuvre d'Hippocrate. La science remonte directement à cette origine et s'y arrête.*

Francis Macdonald Cornford, no primeiro quartel do século XX, reivindica outra paternidade para o *Corpus hippocraticum*, a do empirismo. Em seu antológico capítulo *Teoria empírica do conhecimento*, Cornford é categórico quanto à atribuição dos primórdios da experiência aos médicos hipocráticos:

> É na Medicina que encontramos os começos de um método genuinamente experimental. A experimentação começa com a aplicação deste ou daquele remédio a um determinado doente, para ver se dará ou não resultado. É uma arma prática, indispensável ao médico, mas sem nenhuma aplicação, no condicionalismo antigo, aos problemas dos primeiros filósofos naturais. Os médicos foram os primeiros a interrogar a natureza com o espírito aberto e na disposição de aceitarem a sua resposta e de modificarem os seus métodos de acordo com ela.
>
> (CORNFORD, 1981, p.60)

Para Cornford, a medicina hipocrática introduz a perspectiva generalizante no pensamento vigente, de tendência particularizante. Nesse ponto, segundo o classicista de Cambridge, a medicina entrou em conflito com a filosofia natural, que "chegava às suas conclusões sobre a natureza do homem partindo da direção oposta, de cima para baixo" (*ibidem*, p.60-1). A oposição, admitirá Cornford no final do citado capítulo, dá-se entre o empirismo e o dogmatismo pré-socrático. A 'experiência' pré-socrática[42] não era senão uma demonstração de um conceito já assentado. São, nas palavras de Cornford, "exemplificações de conclusões já previstas" (*idem*,p.69).

Werner Jaeger, que dedica um longo capítulo de sua *Paidéia* (pp.687-725) ao *Corpus hippocraticum*, tal qual Littré, oferece a Hipócrates a paternidade da ciência. Contudo, ao contrário de Cornford e da maioria dos próprios autores hipocráticos, não privilegia a diferença entre a filosofia e a medicina hipocrática. Jaeger sublinha em vários momentos daquele volumoso capítulo o débito das idéias da medicina hipocrática aos filósofos. De fato, a contribuição de Alcméon de Crotona para a teoria humoral é notada muito claramente a partir do fragmento 4DK[43]:

> Alcméon disse ser a constituição da saúde o equilíbrio das propriedades: o úmido, o seco, o frio, o quente, o amargo, o doce, etc., e a produção da doença é a prevalência nas pessoas de uma delas; pois a destruição consiste na prevalência [μοναρχία] de uma delas. Assim a doença sobrevém de uma parte quando causada pelo excesso de calor ou de frio, ou de outra, quando devida à abundância ou à carência de um alimento, o que ocorre

[42]. Cornford cita a aparente experiência de Empédocles e Anaxágoras com a clepsidra.

[43]. Este fragmento é gravemente corrompido. Compreendê-lo é uma tarefa assaz difícil; ofereço, não obstante, uma leitura relativamente distinta da conhecida interpretação da Professora Timpanaro Cardini, que consta de sua obra *Pitagorici, testemonianze e frammenti*, vol.I, p.151, n.4 (1958), seguida por Daniel Delattre, em sua tradução publicada pela Bibliothèque de la Pléiade (1988). Cabe-me contudo admitir a perspicácia da helenista italiana ao considerar a perspectiva pitagórica de dualidade na sua interpretação. A tese da interpolação, sustentada inclusive por Grmek, está resumidamente exposta adiante.

> em partes como o sangue, a medula ou o cérebro. Essas partes podem ser também afetadas por causas externas, como certas qualidades de águas, certos climas[44], pela fadiga ou por experimentar-se uma necessidade ou devido ao que lhes estiver perto. Mas ainda quanto à saúde, ela é a justa medida da mistura das qualidades.

Grmek (1995, pp.215-7) lembra que a versão compilada e traduzida acima, a estabelecida por Diels e Kranz, é uma reconstituição do testemunho de Aécio, que, por sua vez, é baseado em duas fontes distintas, um texto de Estobeu e uma passagem de Plutarco reconstituída a partir de manuscritos que divergem consideravelmente no fragmento em questão. Grmek atribui às interpolações a busca de um sentido outro, diverso do intencionado pelo Pré-socrático. Para Grmek, a disposição dos conceitos em pares, que inclui a glosa segundo a qual "*a destruição consiste na prevalência de uma delas*" e a conclusão de que a saúde é "*a justa medida da mistura das qualidades*", é um complemento organizador.

De qualquer forma, o texto de Alcméon suscita, de fato, muitas questões, mormente pela forma com que a tradição no-lo legou. Mas, se, por um lado, sua origem fraccionada o torna objeto de especulações como as de Grmek, por outro, não é possível deixar de lhe notar as feições pitagóricas, o que Grmek acaba por admitir em suas ponderações. A idéia de que o mal é uma desarmonia, um desnível, é projetada por Alcméon na percepção da doença. Ao Alcméon médico, representante de uma nova τέχνη, cabe conservar e reestabelecer a justa medida no corpo e no seu relacionamento com o meio.

A contribuição de Alcméon de Crotona para o pensamento médico hipocrático não se limita, portanto, aos tratados humorais, onde, de fato, a justa medida adquire valor assaz explícito; mas atinge sobretudo toda a medicina hipocrática. É curioso notar, nesse fragmento, a inversão da concepção da *pólis* como um corpo, que viria a ser um *tópos* da historiografia de Tucídides[45]. A utilização do termo μοναρχία, característico e mesmo exclusivo do vocabulário político, traz para o cenário da filosofia médica o universo políade. No *Corpus hippocraticum*, como ver-se-á alhures, haverá lugar para outras incidências dessa permuta vocabular.

O tratado *Da natureza do homem*, da lavra de Políbo[46], genro e discípulo direto do próprio Hipócrates, ao apresentar a conhecida teoria dos quatro humores, é categórico ao afirmar:

> (O homem) tem saúde precisamente quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais.
>
> (NH, 4Littré)

---

[44]. Lit. "certas regiões".

[45]. Sobre esse tema, v. CAIRUS (1999)

[46]. Há muito ocorre um entusiasmado debate acerca da autoria desse tratado. Prefiro, não obstante, considerá-lo uno e, assim, consoante aos testemunhos de Aristóteles (*Hist.an.*III,512b-513a) e do *Anônimo de Londres*, considerar Políbo seu autor. Sobre esse tema, v. CAIRUS (1994, pp.28-30).

No século XVII, o médico inglês William Harvey, que se tornou conhecido como o descobridor do sistema circulatório, não resgatou apenas a descrição de Políbo (*NH*, 11Littré), mas principalmente o princípio de Alcméon. Georges Canguilhem (1966, pp.22 & ss.) lembra como a análise de Sigerist (1932) aponta para um retorno das idéias médicas ao princípio de Alcméon. Segundo Canguilhem, o resultado dessa tendência do pensamento médico traduz-se na adoção da teoria segundo a qual os fenômenos patológicos são apenas "variações quantitativas, para mais ou para menos, dos fenômenos fisiológicos correspondentes" (*ibidem*). O estado patológico passou a ser designado a partir do normal, através dos lexicogênicos *hiper-* e *hipo-*, enquanto os prefixos *a-* e *dis-* restringiram-se à esfera da sintomatologia.

Canguilhem não faz referências ao resgate do pensamento autenticamente hipocrático que se nota em Harvey, bem como em Haller. Contudo, nos séculos V e IV a.C., o princípio de Alcméon, tradução fisiológica do μηδὲν ἄγαν, do "nada em excesso", ganhou vulto através dos textos das escolas médicas de Cnido e de Cós. Platão refere-se a esse princípio no *Banquete* (186c), no discurso do médico Erixímaco: "pois a medicina, para dizê-lo resumidamente, é um conhecimento do que há de erótico no corpo, em relação à repleção e à vacuidade".

François Hartog (1996, p.103) também trata do tema da justa medida, lembrando que ele estava presente em várias atividades do homem grego do V século:

> Mistura, medida, meio, partilha igualitária: têm-se aí a interpretação dos vocabulários climático, médico, geométrico e político, conduzindo a uma valorização do centro como produto de uma mistura equilibrada. Mais exatamente, um mesmo conceito imaginado opera em campos do saber que ainda não estão claramente separados.

A face política do discurso que apologiza o meio termo e a justa medida tem sua mais ilustre expressão em Sólon, mas a palavra de Sólon era também a do poeta e pertencia a um universo cultural onde o poeta, como lembra Detienne, detinha a memória-verdade. Não se deve olvidar que o μηδὲν ἄγαν era sobretudo uma inscrição depositada no oráculo de Delfos. Essa circunstância aferia mais valor a esse princípio do que poderia conferir-lhe a empiria que se apoderará do discurso[47] grego a partir do V século. Neste ponto, seria muito difícil discordar de Cornford (1981), que em seu texto sobre o conhecimento empírico considera que a grande contribuição do *Corpus hippocraticum* para o pensamento ocidental foi a introdução do empirismo. A eficácia da justa medida comprovada pela observação sistemática e comparativa poderia comparar-se às verdades de Tirésias e dos τεκμήρια em Édipo Rei. O meio-termo como um valor comprovável inaugura também a época dos valores suscetíveis de comprovação, na medida em que seu caráter político vai se firmando na cultura grega. O discurso de Nícias, no sexto livro da *Guerra do Peloponeso*, tem

[47]. A superação da voz oracular pela empiria é ilustrada de forma muito clara, em *Édipo rei*, pelo contraste entre a palavra de Tirésias e as τεκμήρια, "provas", que o convenceram da verdade sobre si próprio.

por característica a apologia da temperança. Nícias tenta dissuadir os atenienses do projeto de atacar a Sicília. O debate é empolgante. De um lado, o destemor de Alcibíades, motivado pela vaidade pessoal e motivador de um ufanismo ateniense; do outro, o apelo modulante à máxima délfica. Esse confronto, representante de um verdadeiro *tópos* da historiografia grega, tem paralelo em Heródoto (I, 29 & ss.), onde um Sólon redivivo pela força de sua própria memória, na corte de Creso, incorpora o discurso que Atenas abraçara, onde a adoção das leis do Legislador tornara-se o emblema dessa memória. Todavia, Sólon era ateniense, e a *aurea mediocritas* lhe condizia em um diálogo com um governante bárbaro; mas o que dizer de um debate entre dois líderes gregos que, segundo Tucídides, eram στρατηγοὶ αὐτοκράτορες, "estrategos plenipotenciários" (VI, 8, 2) *ad hoc*?

Alguns estudos já mostraram como Tucídides utilizava o instrumental da medicina (MOLLO, 1994 *passim*). O historiador dispõe em função de seu objeto as idéias preconizadas pela medicina. Assim, a sociedade é concebida como um corpo político, homólogo ao corpo humano. A descrição da peste de Atenas, no segundo livro da *Guerra do Peloponeso*, revela claramente a analogia entre o corpo e a cidade. Os atenienses, ouvintes de Nícias ou leitores de Tucídides, conheciam bem o caráter do saber médico. O médico era o elemento moderador do indivíduo e devia, portanto, ser o modelo do líder, especialmente em épocas politicamente conturbadas. O discurso de Nícias tem desfecho axiomático:

> E tu, ó prítane, se crês que te compete preocupar-te com o que for da cidade, e se queres tornar-te um bom cidadão, submete ao sufrágio e provoque nos Atenienses novamente uma deliberação. Acaso temes uma nova votação, acreditando que violar as leis diante de tantos testemunhos não implicaria em uma responsabilidade, mas tornar-te-ias um médico da cidade que deliberou mal, e nisto consiste a ação de um bom arconte, que serve o melhor possível à sua pátria [πατρίς] ou que, pelo menos, não a prejudica propositalmente.
>
> (Tuc., VI, 14)

A equiparação entre o ἰατρός e o bom arconte não ilustra somente a percepção da pólis como um *sôma*[48], mas sobretudo traz para este contexto a figura do médico como o mais característico ator do ideal da razoabilidade fundada exclusivamente sobre o μέτρον, a medida.

---

[48]. O segundo livro da *Guerra do Peloponeso* é, nesse ponto, muito mais claro. Como exemplo muito ilustrativo, cito a sentença inicial do trecho onde se torna consideravelmente clara essa analogia (Tuc. II, 53, 1):

> Πρῶτόν τε ἦρξε καὶ ἐς τἆλλα τῇ πόλει ἐπὶ πλέον ἀνομίας τὸ νόσημα. Ῥᾷον γὰρ ἐτόλμα τις ἃ πρότερον ἀπεκρύπτετο μὴ καθ' ἡδονὴν ποιεῖν, ἀγχίστροφον τὴν μεταβολὴν ὁρῶντες τῶν τε εὐδαιμόνων καὶ αἰφνιδίως θνῄσκότων καὶ τῶν οὐδὲν πρότερον κεκτημένων, εὐθυς δὲ τἀκείνων ἐχόντων. [De maneira geral, a doença principiou, na pólis, uma anomia. Pois qualquer um ousava mais facilmente desfrutar do que antes escondia; vendo as súbitas inversões de sorte dos afortunados, que morriam repentinamente, e dos que nada possuíam antes, e que passam a ter instantaneamente o que era dos outros]. Sobre o tema da relação de Tucídides com o sagrado, v. CAIRUS (1999, cap. IV)

Os tratados do *Corpus hippocraticum* que apresentam uma parte polêmica — ou seja, o *Da medicina antiga*, o *Da doença sagrada*, o *Da natureza do homem* e o *Da arte* — são especialmente interessantes para os que se dedicam ao estudo da relação entre a medicina grega e mundo no qual ela estava inserida. Não é possível, por exemplo, negligenciar-se os primeiros parágrafos do tratado *Da natureza do homem*, quando se pretende averiguar a esfera de influência dos pensadores pré-socráticos, muito particularmente dos monistas.

O tratado *Da doença sagrada*, que postulo ser do mesmo autor que o *Ares, águas e lugares*[49], apresenta um prólogo dedicado aos que interpretam fenômenos somáticos através de elementos ligados ao âmbito divino. A reação positiva entre os que acreditavam nos curadores vituperados pelo tratado foi uma argumentação fundamentada nos princípios teorizados especialmente pelos tratados *Da natureza do homem* e *Da medicina antiga.* O axioma do equilíbrio recebe com o tratado *Da doença sagrada*[50] sua apologia mais pragmática, seu formato mais incisivo.

Canguilhem lembra que "definir o anormal por meio do que é de mais ou de menos é reconhecer o caráter normativo do estado dito 'normal'" (1966, p.36). Se por um lado, na medicina hipocrática, o que se visa não é propriamente ao normal[51], mas apenas ao saudável; por outro, seus tratados adotam muito claramente o verbo ὑγιαίνειν por princípio normatizador, estabelecendo, dessa forma, um padrão de normalidade. Tal qual o *Da medicina antiga*, os tratados humorais, oferecem copiosos subsídios para o estabelecimento definitivo de um vínculo antitético entre o desequilíbrio e o νόμος, em seu sentido mais clássico, o de "costume".

A historiografia da medicina ocidental percebe o *Corpus hippocraticum* como um momento precioso de um percurso onde perdas e ganhos resultaram no que hoje reconhecemos como a medicina de nossos tempos. A partir do século XIX, a medicina, por sua associação com a tecnologia material, passou a ser a área do saber humano que guarda uma relação muito notória com o seu tempo. Contudo, foi justamente a notoriedade dessa relação que impulsionou a incorporação do *Corpus hippocraticum* na memória da medicina.

---

[49]. Jacques Jouanna (1992, p.549) indica o autor do *MS* como provavelmente o mesmo de *AAL*. Não há como superar todos os níveis da dúvida, e nem pretendo fazê-lo. Contudo, apresento, ao longo da tradução, diversos indícios de ser o mesmo o autor dos dois tratados.

[50]. Considero a datação de Jouanna a mais fundamentada até então. Segundo Jouanna (1992 *passim*), os três tratados referidos datam da segunda metade do século V. Em relação ao *AAL*, a datação se baseia nos fatos por ele referidos; quanto ao *MS*, a datação é devida à idéia de seu autor ser o mesmo do *AAL*. O *NH* tem sua data muito discutida, mas há consenso em situá-lo entre 410 e 400 a.C.

[51]. Vale lembrar que o grego possui um adjetivo que expressa a idéia do vernáculo 'normal': νόμιμος; contudo, esse adjetivo não ocorre nos tratados *Da doença sagrada* e *Ares, águas e lugares*. O adjetivo κοινός parece só atingir um significado mais aproximado do de 'normal' com Denis de Halicarnasso (*Antigüidades romanas*, 4,23), no primeiro século antes de Cristo.

Finalmente, cabe dizer que o fascínio que o *Corpus hippocraticum* exerce em todos os que o lêem deve-se à riqueza de temas que ele entrega à reflexão e aos laços que ele mantém com o classicismo grego. Todavia, esse fascínio pode ocultar uma armadilha. As idéias presentes na medicina atual, sobretudo as mais pragmáticas, cujas origens remotas são atribuídas costumeiramente ao *Corpus hippocraticum*, foram muito freqüentemente filtradas pela mente romana de Galeno e pelas mãos sistematizadoras de outros pensadores, como, por exemplo, de Avicena. Assim, devemos entender o *Corpus hippocraticum* como o momento inaugural de uma nova forma de pensar o corpo, a natureza e mesmo a relação entre homens e deuses.

3 DA NATUREZA DO HOMEM[52]

Henrique F. Cairus

Malgrado ser o tratado *Da natureza do homem* considerado por Joly (1966, p.5) "um texto muito hipocrático", este não é, comprovadamente, um tratado da lavra de Hipócrates, mas sim de seu discípulo e genro, Políbo. Pode-se alegar, em prol desta autoria, que: 1°) A *História dos animais* (III, 512b2 –513a7), de Aristóteles, cita e praticamente transcreve o parágrafo 11 do tratado, introduzindo-o com a frase: "disseram assim Syénesis e Diógenes; Políbo, porém, disse como se segue ..."; 2°) o *Anônimo de Londres* (XIX, 2ss.) refere-se à primeira parte do tratado, isto é, ao trecho que se estende até o oitavo parágrafo, como proveniente da pena de Políbo.

Galeno (*Sobre o Da natureza do homem*, preâmbulo) crê na autenticidade hipocrática dos oito primeiros parágrafos do tratado, mas pondera que os sete restantes são uma interpolação devida aos mercadores de livros de Alexandria e de Pérgamo. Todavia, o critério de Galeno é assaz subjetivo, conquanto, embora complexo, repousa sobre o fato de, em sua opinião, serem os textos "dignos" ou não de Hipócrates[53] no que diz respeito ao conhecimento de anatomia e até mesmo às opções lexicais. A exemplo destas últimas, poder-se-ia citar a palavra *oúrema*, no décimo quarto parágrafo do tratado, onde também se pode encontrar sua outra forma *oûron*.

Galeno de Pérgamo não encerra aí seus argumentos; a eles, acrescenta a passagem 270c do *Fedro* (vide a tradução no Cap. 1, p. 22). Para Galeno, esse trecho de Platão se refere ao tratado *Da natureza do homem*. Mas, se tivesse razão o médico de Pérgamo, o tratado dificilmente seria de Políbo, porquanto esse é contemporâneo de Aristóteles. Contudo, Littré (1839, pp. 294-300) empenhou-se em demonstrar que Platão tinha se baseado no tratado *Da medicina antiga*. Alega o lexicógrafo francês que Platão não se referia ao

[52]. O texto deste capítulo foi anteriormente publicado em *H.F. Cairus, Da natureza do homem - História, Ciências, Saúde Vol. VI(2), jul.-out. 1999*. Sua inclusão no presente volume foi gentilmente autorizada pelo Editor.

[53]. Cf. Littré, 1849, p.53; Jouanna, 1992, p.93.

método empírico, mas ao critério de generalização que se encontra minuciosamente descrito no *Da medicina antiga*.

Jouanna (1992, pp.88-9 e 97), por sua vez, é mais cético quanto ao depoimento de autenticidade fornecido pelo diálogo platônico. Esse helenista chega mesmo a desautorizar por completo o raciocínio de Littré:

> No séc. XIX, Littré pensava ter mostrado de maneira definitiva que o tratado alvejado por Platão era o *Da medicina antiga*. Assim, ele fazia deste tratado a "pedra de toque" que lhe permitia determinar os tratados escritos pela mão de Hipócrates. Mas sua demonstração, que ele julgava decisiva, não formou unanimidade. É preciso dizer que a própria interpretação do texto de Platão já é fonte de discussões entre eruditos. Quando Platão faz Hipócrates dizer que não é possível conhecer a natureza do corpo sem conhecer o todo, o que entendia ele por 'todo'? Os eruditos se dividem. Trata-se do universo, como pensa a maioria, ou do todo que forma o objeto considerado, como estima a minoria?

Ch. Petersen escreveu, em meados do século passado, um artigo[54] no qual atribui peremptoriamente a autoria do *Da natureza do homem* a Hipócrates. A esse artigo, Littré (1851, pp. xi-xiv) responde com veemência.

Petersen, segundo Littré, observa que Platão, "que segue geralmente a doutrina hipocrática" (*ibidem*), admite, em seus diálogos, com exceção do *Timeu*, a bile e o fleuma como causa das doenças. No entanto, no *Timeu*, diálogo de sua fase adulta, ele muda de opinão e aceita a teoria dos quatro elementos presente sobretudo no tratado *Da natureza do homem*. Esta doutrina dos quatro elementos não é encontrada nem nos primeiros livros de Hipócrates, nem nos diálogos de Platão do primeiro ciclo. Então, ainda seguindo o raciocínio de Petersen, é lícito crer que Hipócrates só adotou esta teoria numa fase tardia de sua carreira de médico e que ele a apresentou ao público no intervalo entre suas primeiras obras e o *Timeu*. Não se sabe, exatamente, quando Platão escreveu este diálogo, mas Petersen inclinou-se a acreditar que ele veio à luz imediatamente depois da *República* completa, e essa última conheceu o público depois da primeira viagem de Platão à Siracusa (entre 369 e 365 a.C.). Assim sendo, Platão, na opinião deste helenista, teria tido seu primeiro contato com o *Da natureza do homem* nessa data. Já que Platão não conhecia o tratado quando escreveu seus primeiros diálogos, Petersen crê que a data de sua divulgação não pode distar muito daquela entre 400 e 370 a.C.

Em sua resposta, Littré (*loc.cit.*) foi implacável com Petersen. Mostrou muito apropriadamente que seu colega helenista fôra insólito e que se baseou em fatos incertos e hipotéticos. O contra-argumento de Littré é que, para se aceitar a datação proposta, seria necessário (1) saber a exata data de composição do *Timeu*; (2) crer que o tratado surgiu

---

[54]. O artigo de Ch.Petersen foi publicado no periódico *Philologus* em 1849 (pp. 209-65). *Apud* Littré (1851, pp.viii-xiv)

tardiamente e pouco depois do *Timeu*; (3) considerar que este texto exerceu forte influência sobre Platão, e (4) certificar-se de que a doutrina dos quatros humores não é de uma data mais recuada do que a última parte da vida produtiva de Hipócrates.

Littré, apesar de ter combatido energicamente a proposição de Petersen, não chega a defender que Pólibo tenha escrito o *Da natureza do homem*. Contudo, a crítica contemporânea não hesita em considerar o genro de Hipocrátes autor do tratado. Jouanna, Joly, Bourguey, Lonie e todos os mais recentes expoentes nos estudos hipocráticos, nas obras em que se referem ao autor do tratado, são unânimes em admitir que seu autor é Pólibo e seu inspirador, Hipócrates.

Não caberia aqui uma história do texto do tratado[55]; contudo, um esclarecimento se faz necessário. Jouanna, em seu estabelecimento do texto do tratado, privilegia o testemunho do Codex Parisinus 2253 ("**A**"), a fonte sabidamente mais antiga (séc. X). Este manuscrito contém de Galeno apenas uma pequena parte do tratado *Sobre o uso das partes*; não obstante, ostenta o título *Galeni uaria opuscula quorum index praeponitur*. O documento, cujas páginas são numeradas, abrange, além do *Da natureza do homem*, dez outros tratados do *Corpus hippocraticum* integralmente e um incompletamente.

O tratado intitulado *Da dieta salutar* – de tema consideravelmente diverso do texto aqui apresentado – foi incluído por Jacques Jouanna no corpo do *Da natureza do homem*. A tradução que ora apresento acompanha Joly (1966), Jones (1959) e Littré (1849), no sentido de reconhecer o parágrafo décimo quinto como o último do tratado.

Entre os temas que figuram no *Da natureza do homem*, tem-se mostrado mais fértil em estudos aquele que é central nos dez primeiros parágrafos: a teoria dos quatro humores. Segundo esta teoria, o homem é composto de sangue, fleuma, bile amarela e bile negra, e sua saúde é resultado do equilíbrio entre essas quatro matérias vitais. A partir dessa tese, Pólibo estabelece uma relação entre os quatro humores e as quatro estações do ano. O interesse dos estudiosos por essas idéias hipocráticas funda-se, sobretudo, no diálogo que Pólibo empreende com os filósofos pré-socráticos.

A tradução do texto procurou ser o mais fiel possível. O estilo duro e visceralmente anti-literário dos tratados do *Corpus hippocraticum* foi observado. Esse não é (e nunca foi) um texto com preocupações estéticas, como parece ser o de Platão. Trata-se de um texto norteado por um novo conceito que as Escolas Médicas de Cós e Cnido trazem a essa cultura que *mutatis mutandis* ainda é a nossa: a verdade pragmática, não ideal (como a socrática), nem somente comprovável (como a de Empédocles ou a de Anaxágoras), mas já comprovada, pretensamente abnuente de dogmas, que necessitava de uma expressão divulgadora em nome de um altruísmo ainda pouco conhecido, capaz de, qual em Eurípides, unir a humanidade, e não apenas os povos.

---

[55]. Sobre este aspecrto, ver CAIRUS (1994).

TRADUÇÃO

1. Quem costuma ouvir aqueles que falam sobre a natureza humana, além do que concerne à medicina, para ele, este discurso não é interessante de ser ouvido. Digo, pois, não ser o homem, por completo, nem ar, nem fogo, nem água, nem terra, nem nenhum outro elemento que não é manifesto no interior do próprio homem. Mas deixo de lado aqueles que querem falar tais coisas. Certamente não me parece que os que dizem tais coisas as conhecem perfeitamente. Usam todos o mesmo juízo, e não dizem as mesmas coisas; mas desse juízo eles chegam à mesma conclusão. Dizem, pois, ser uno algo que existe, e ser este uno o uno e o todo, mas não concordam sobre os nomes. Diz um deles ser o ar o uno e o todo; o outro ser o fogo; outro, a água; outro, a terra. Cada um acrescentando ao próprio discurso testemunhas e provas que nada são. Quando, pois, todos utilizam o mesmo juízo, mas não dizem as mesmas coisas, é evidente que não as conhecem. Poderia qualquer um saber muito bem disso observando aqueles que se contradizem; pois quando os mesmos homens se contradizem uns aos outros diante dos mesmos ouvintes, nunca um só é vitorioso no discurso por três vezes seguidas; mas, uma vez este triunfa; outra, aquele outro; outra ainda aquele cuja língua tiver maior fluência diante do público. Todavia, é justo aceitar que quem fala conheça bem os assuntos, fazendo triunfar sempre seu próprio discurso, caso conheça ele a realidade e a demonstre como se deve. Parece-me, porém, que estes homens derrubam-se a si mesmos nos termos de seus discursos, por inabilidade (*asynesía*), e restabelecem o discurso de Mélissos.

2. Sobre estas coisas, o que já foi dito me basta. Alguns médicos dizem que o homem é apenas sangue; outros afirmam ser o homem bile; outros ainda, fleuma, e chegam, todos eles, à mesma conclusão; com efeito, dizem haver uma substância, a qual cada um quer nomear da sua maneira, e esta substância, sendo uma, muda o aspecto (*idéen*) e a propriedade (*dýnamin*), coagida pelo frio e pelo calor, e se torna doce e amarga, clara e escura, e toma toda sorte de outros característicos. Não me parece, no entanto, serem estas coisas assim. A maioria demonstra estas coisas e ainda outras muito parecidas com elas. Eu, de minha parte, digo que, se o homem fosse uma unidade, nunca sofreria. Pois, sendo uma unidade, não haveria por que sofrer. Se realmente sofre, é necessário que haja também um único medicamento. Mas há muitos, pois há muitas substâncias no corpo, as quais, quando, contra a natureza, mutuamente se esfriam e se esquentam, e se secam e se umedecem, geram doenças; de tal modo que muitas são as formas (*idéai*) de doenças e seus tratamentos vários. De minha parte, penso que aquele que considera que o homem é apenas sangue, e nenhuma outra substância, denota que ele não muda de aspecto nem toma todas suas formas, quer no tempo de um ano, quer no tempo de toda sua vida, durante o qual só parece haver

sangue dentro dele. Pois é preciso que haja uma ocasião qualquer na qual esta substância interna aflore. O mesmo digo a quem afirma ser o homem somente fleuma e a quem afirma ser ele bile. Eu, por minha vez, demonstrarei que as substâncias que direi ser o homem, tanto conforme o costume quanto conforme a natureza, são sempre uniformemente as mesmas, seja ele jovem, seja velho; quer no tempo frio, quer no quente. Apresentarei provas e apontarei as necessidades graças às quais cada substância aumenta e diminui dentro do corpo.

3. Primeiramente, é necessário que a gênese não se dê a partir de um só indivíduo. Como, de fato, um ser único geraria, se não se unisse a outro ? Afinal, se não se mesclar em seres que sejam da mesma raça e tenham as mesmas propriedades, não haveria gênese, nem isto poderia acontecer. Por outro lado, se o calor e o frio, e o seco e o úmido não se interrelacionarem com moderação e em igualdade, mas um predominar sobre o outro, o mais forte sobre o mais fraco, não ocorrerá a gênese. De sorte que como seria possível gerar a partir de um só ser, quando não se gera a partir de muitos, se a combinação entre eles não for bem constituída ? Sendo esta a natureza de todos os seres e a do homem, então, é forçoso que o homem não seja uno; mas cada um dos humores[56] que contribuem para a gênese conserva no corpo sua propriedade, e precisamente a que contribuiu. É necessário, também, que cada humor retorne à sua própria natureza, tendo chegado ao seu fim o corpo do homem: o úmido ao úmido, o seco ao seco, o calor ao calor e o frio ao frio. Esta é a natureza dos animais e de todos os seres: tudo acontece da mesma maneira e termina da mesma forma. Pois a natureza dos seres é formada a partir de todos estes humores já mencionados, e, segundo o que foi dito, acaba e se desintegra exatamente lá, onde cada um se formou.

4. O corpo do homem contém sangue, fleuma, bile amarela e negra; esta é a natureza do corpo, através da qual adoece e tem saúde. Tem saúde, precisamente, quando estes humores são harmônicos em proporção, em propriedade e em quantidade, e sobretudo quando são misturados. O homem adoece quando há falta ou excesso de um desses humores, ou quando ele se separa no corpo e não se une aos demais. Pois é necessário que, quando um desses humores se separa e se desloca para adiante de seu lugar, não só este lugar donde se desloca adoeça, mas também o lugar no qual ele transborda, ultrapassando a medida, cause dor e sofrimento. E quando um desses humores flui para fora do corpo mais do que permite a sua superabundância, a evacuação causa sofrimento. Se, por outro lado, for feita a evacuação, a metástase e a separação dos outros humores dentro do corpo, é forçoso que isto cause, conforme o que já foi dito, um duplo sofrimento: no lugar do qual se deslocou e no lugar em que superabundou.

---

[56]. A palavra 'humor' não está no original. A única ocorrência da palavra χυμός ('humor'), no tratado, está no seu último parágrafo.

5. Prometi, realmente, demonstrar que as substâncias que eu afirmaria constituírem o homem são sempre as mesmas segundo o costume e a natureza; afirmo, então, serem elas o sangue, o fleuma e a bile, tanto a amarela quanto a negra. E, primeiramente, afirmo que os nomes desses humores, segundo o costume, se distinguem, e nenhum deles tem o mesmo nome. Em seguida, de acordo com a natureza as aparências se diversificam: nem o fleuma se parece com o sangue, nem o sangue com a bile, nem a bile com o fleuma. Pois como seriam parecidos estes humores uns com os outros, cujas cores não se apresentam as mesmas diante dos olhos, nem parecem ser a mesma coisa ao toque da mão ? Pois não são nem quentes, nem frios, nem secos, nem úmidos da mesma maneira. É necessário, então, quando um difere dos demais em aparência e propriedade, que eles não sejam um único elemento, se é que o fogo e a água não são uma só e a mesma coisa. Podes crer que não são todos estes uma única substância, mas cada uma delas tem sua particular propriedade e natureza: se deres a um homem um remédio que remova fleuma, ele vomita fleuma, e se lhe deres um remédio que remova bile, ele vomita bile. Segundo os mesmos princípios, a bile negra é purgada, se lhe deres um remédio que remova bile negra. E se ferires uma parte qualquer do próprio corpo, de sorte a produzir uma chaga, dela escorrerá sangue. E estas coisas acontecerão diante de ti todo dia e toda noite, no inverno e no verão, até que o homem seja capaz de tirar de si mesmo o sopro (*pneûma*), e de recolocá-lo, e ele será capaz disto até que seja privado de alguns destes fenômenos congênitos. Mas são congênitas estas coisas mencionadas. Como, então, não seriam congênitas ? Primeiro, é evidente que o homem, enquanto vive, tem sempre todos estes humores nele. Depois, ele nasceu de um ser humano que os tinha a todos, foi alimentado no seio de um ser humano que os tinha a todos. Eis o que, neste momento, afirmo e demonstro.

6. Os que dizem que o homem é uma unidade, a mim parece terem feito uso da seguinte opinião: vendo aqueles que tomam os remédios e perecem na excessiva purgação, alguns vomitando bile e outros fleuma, pensam, por isso, que o homem é um desses humores, aquele que for visto sendo eliminado ao morrer o homem. E quem afirma que o homem é sangue, faz uso da mesma opinião: vendo os homens serem degolados e o sangue fluir do corpo, criam a opinião de que este humor é o princípio vital (*psykhê*) do homem, e todos eles usam estas provas testemunhais em seus discursos. Em primeiro lugar, nas purgações excessivas, ninguém jamais morreu ao ter purgado apenas bile. Mas, quando alguém toma um remédio que remove a bile, primeiro vomita bile, depois fleuma, depois, além disso, vomita necessariamente bile negra, e, finalmente, sangue puro. Os mesmos fenômenos acontecem também com os remédios que removem o fleuma, pois primeiro vomitam o fleuma, depois a bile amarela, depois a negra, finalmente o sangue puro e, então, morrem. Pois o remédio, quando adentra o corpo, primeiro remove o que estiver mais de acordo com sua natureza nos órgãos internos do corpo; depois, extrai e purga os outros humores. Assim como as plantas criadas e semeadas, quando chegam à terra, cada uma delas tira aquilo que estiver mais de acordo com a sua natureza no interior da terra,

ácida, amarga, doce, salgada e de todos os outros tipos. Primeiro, elas absorvem a maior quantidade possível daquela substância que está mais de acordo com a sua natureza; depois, extraem as outras. É isto que os remédios fazem no corpo. Quando removem a bile, primeiro purgam a bile mais pura, depois a misturada. Por outro lado, os remédios de fleuma primeiro removem todo o fleuma mais puro, depois o misturado; e, nos homens degolados, primeiro escorre o sangue mais quente e mais vermelho, depois escorre o mais fleumático e mais bilioso.

7. No inverno, o fleuma aumenta no corpo do homem. Pois, no inverno, este humor, dentre os que estão no corpo, é o que está mais de acordo com a natureza, pois é o mais frio. Eis a prova disso, de que o fleuma é o mais frio: se quiseres tocar o fleuma, a bile e o sangue, descobrirás que o fleuma é o mais frio. Todavia, ele é o mais viscoso, e, depois da bile negra, é o que é removido com mais violência. E tudo o que sai pela violência, torna-se mais quente, forçado pela violência mesma. Mas, apesar deste fato, o fleuma mostra-se muito frio por causa de sua natureza peculiar. Podes saber que o inverno enche o corpo de fleuma assim: no inverno, os homens escarram e assoam o nariz muito fleumaticamente; nessa estação, as inchações que tiverem tornam-se mais brancas e sobrevém as outras doenças fleumáticas. Na primavera, porém, o fleuma ainda permanece forte no corpo e o sangue aumenta: o frio se abranda e as chuvas caem; o sangue aumenta por causa dos temporais e dos dias quentes; estas condições do ano são as mais conformes com a natureza deste humor, pois a primavera é úmida e quente. Podes saber disso assim: os homens, na primavera e no verão, são tomados pelas disenterias; o sangue lhes escorre do nariz, e ficam muito quentes e vermelhos. No verão, o sangue ainda é forte e a bile aumenta no corpo e permanece assim até o outono. No outono, porém, o sangue torna-se pouco, pois o outono é contrário à sua natureza; mas a bile domina o corpo no verão e no outono. Podes saber disso assim: os homens, espontaneamente, vomitam bile nesta estação, e, durante a ingestão de remédios, purgam muito biliosamente por causa, é evidente, das febres e das colorações destes homens. O fleuma, porém, no verão, está o mais enfraquecido possível, pois esta estação, sendo seca e quente, é contrária à sua natureza. No outono, o sangue torna-se o mais escasso possível no homem, pois o outono é seco e começa imediatamente a esfriar o homem. Mas a bile negra, no outono, é muito abundante e vigorosa. Quando o inverno sobrevém, aquela bile, esfriando-se, torna-se parca, e o fleuma aumenta novamente, por causa da grande quantidade de chuvas e da duração das noites. Então, o corpo do homem tem permanentemente todos estes humores que, segundo a estação anual vigente, tornam-se ora mais, ora menos abundantes, cada qual de acordo com sua proporção e com a sua natureza. Todos os anos compreendem todos os princípios: o calor, o frio, o seco e o úmido, pois nenhum desses princípios permaneceria um instante sem todas as coisas inseridas nesse universo; mas se um elemento qualquer faltar, todos desaparecem. Pois, a partir da mesma necessidade, todos eles se reúnem e se alimentam mutuamente. Do mesmo modo, se um desses humores congênitos faltasse, o homem não poderia viver. No ano, dominam o inverno, a prima-

vera, o verão e o outono, cada qual à sua vez. Assim também, no homem, domina ora o fleuma, ora o sangue, ora a bile, primeiro a amarela, depois a chamada negra. Eis a claríssima prova: se quiseres dar o mesmo remédio ao mesmo homem quatro vezes durante o ano, ele vomitará, no inverno, fleumaticamente; na primavera, umidamente; no verão, biliosamente, e no outono, nigérrimo.

8. Então, sendo estes humores assim, as doenças que aumentam no inverno devem esmorecer no verão, mas as que aumentam no verão devem esmorecer no inverno, sendo essas últimas as que não saram no período dos dias, mas sobre o período dos dias falarei alhures[57]. As doenças que surgem na primavera devem esperar seu fim acontecer no outono. Quanto às doenças outonais, o fim delas se dá obrigatoriamente na primavera. A doença que for além destes períodos, deve-se saber que esta durará um ano[58]. E, assim, o médico deve tratar as doenças como sendo cada uma delas dominante no corpo conforme a estação anual que está mais de acordo com sua natureza.

9. Além dessas coisas, é preciso saber também isto: que as doenças que engendram repleção, a evacuação as cura; as doenças que surgem pela evacuação, a repleção as cura; as que são oriundas do exercício, a pausa cura; e as que são geradas pela inércia, cura-as o exercício. Para resumir: o médico deve por-se em oposição às constituições das doenças, às características físicas, às estações e às idades, e relaxar o que estiver tenso, e retesar o que estiver relaxado. Pois, assim, o sofrimento cessaria de fato, e parece-me ser isto a cura. As doenças provém umas das dietas, outras do ar[59], o qual inspiramos para viver. Deve-se, assim, fazer o diagnóstico de cada uma. Quando muitos homens são ao mesmo tempo tomados por uma só doença, deve-se atribuir a causa desta doença ao que é mais comum e àquilo de que todos nós nos servimos: que é isso que respiramos. Pois é evidente que as dietas de cada um de nós não são a causa, quando a doença ataca a todos sucessivamente: aos mais jovens e aos mais velhos, igualmente às mulheres e aos homens, aos que se embriagam com vinho e aos que bebem água, aos que comem massa da cevada e aos que se nutrem de pão, aos que se exercitam muito e aos que se exercitam pouco; então a causa não poderia ser a dieta, quando os homens que seguem todos os tipos de dietas são tomados pela mesma doença. Mas quando doenças de toda espécie surgem ao mesmo tempo, é evidente que as dietas são a causa, cada qual de uma doença respectiva, e o procedimento de cura deve ser realizado contra o verdadeiro motivo da doença, como foi dito por mim também algures, e pela mudança das dietas. Pois é evidente que as dietas que o homem

---

[57]. Além de se encontrar uma exposição sobre o "período dos dias" neste tratado (15), pode-se notá-la também nas seguintes passagens: *Prognósticos*, 20; *Aforismos*, II,23; *Epidemias*, II,3, e *Prenoções de Cós*, 123.

[58]. "um ano" foi minha tradução para ἐνιαυσίον. Mas Littré (1848, p.51, n.17) lembra que Galeno afirma que esta palavra pode significar "doença que durará um ano ou um período de anos".

[59]. A partir daqui a palavra 'ar' será designada, no tratado, por πνεῦμα, em oposição a ἠήρ (*NH*,1)

segue não lhe são propícias, quer em sua totalidade, quer em grande parte, quer em um só de seus pontos; deve-se adequar o que foi observado, tendo em vista a natureza, a idade e a aparência do homem, a estação do ano e o tipo de doença, e proceder ao tratamento, ora separando, ora juntando os elementos, como foi dito outrora por mim, e lutar contra cada condição das idades, das estações, dos aspectos, das doenças, com remédios e com dietas. Quando se instaura uma epidemia, é evidente que as dietas não são sua causa; mas o que respiramos, este sim, é a causa, e é óbvio que este paira contendo alguma secreção insalubre. É preciso, nesse momento de epidemia, dar tais conselhos aos homens: não mudar as suas dietas, porque elas não são a causa da doença; estar atento ao corpo que emagrece e se enfraquece ao máximo, eliminando aos poucos a bebida e a comida, das quais está acostumado a fazer uso; porque se muda rapidamente a dieta, o elemento mais novo torna-se um perigo no corpo; mas é preciso manter as dietas como estavam, quando parecem em nada prejudicar o homem. Deve, ainda, ser observado que o ar arpirado pela boca seja o menos volumoso e o mais puro possível, afastando-se, o quanto se puder, dentro de seus países, das regiões nas quais a doença tiver se assentado, e emagrecendo os corpos, pois assim os homens usam o ar com menos força e freqüência.

10. As doenças que surgem das partes mais fortes[60] do corpo, estas são as mais temíveis; pois se elas ficam naquele mesmo lugar onde começaram, sofrendo as partes mais fortes, necessariamente sofre todo o corpo; e se uma parte entre as mais fracas for atingida por uma mais forte, as soluções tornam-se difíceis. Mas se uma entre as mais fracas atingir as mais fortes, as coisas se resolvem mais facilmente, pois, devido à força, os fluxos se destróem rapidamente.

11. As veias[61] mais grossas estão assim dispostas: há quatro pares no corpo, um deles saindo de trás da cabeça e passando pelo pescoço, por sobre a parte externa da coluna, de um lado e de outro, e, ao longo dos quadris, chega às pernas; depois passa pelas partes inferiores das pernas, sobre as partes externas dos tornozelos e chega aos pés. Deve-se, então, fazer, quanto às dores do dorso e dos quadris, flebotomias nos jarretes e nas externas dos tornozelos. O segundo par de veias, as chamadas jugulares, saindo da cabeça, ao lado das orelhas, passando pelo pescoço ao longo da parte interna da coluna, de ambos os lados, levam o sangue pela região lombar, aos testículos e às coxas; passa pelos joelhos, na parte interna, depois, pela inferior da perna, ao longo dos lados internos dos tornozelos até os pés. Deve-se, então, fazer, quanto às dores da região lombar e dos testículos, a flebotomia na parte

[60]. Littré (1849,p.59) lembra que Galeno entendia 'partes fortes' e 'partes fracas' (̓ισχυρότατα ε ἀσθηνέστατα) pelas partes mais fortes ou fracas em cada indivíduo diferentemente, mas o médico de Pérgamo diz que alguns chamavam "equivocadamente" às vísceras vitais δἐισχυρότατα.

[61]. Neste texto não parece haver distinção entre veia e artéria, como acontece em *Articulações*, razão pela qual Jouanna (1975) traduz φλέψ por 'vasos sangüíneos'. Porém, como o *NH* é comprovadamente mais recente que o outro tratado, que é inexoravelmente da lavra de Hipócrates, preferimos a tradução 'veia'.

interna dos jarretes e dos tornozelos. O terceiro par de veias, saindo das têmporas, passando pelo pescoço e sob as omoplatas, reúne-se nos pulmões; a da direita, saindo do pulmão, por baixo do mamilo, chega ao baço e ao rim, a outra veia, a que vai da esquerda à direita, saindo do pulmão, por baixo do mamilo, chega ao fígado e ao rim, e terminam, as duas, no ânus. O quarto par de veias sai da parte dianteira da cabeça e dos olhos, sob o pescoço e as clavículas; depois pela parte superior dos braços, até as articulações; depois, pelos antebraços, e até os punhos, até os dedos; depois dos dedos, outra vez pelas palmas das mãos e pela parte superior dos antebraços até as articulações, e pela parte inferior dos braços até as axilas; e, da parte superior das costas, uma chega ao baço e a outra ao fígado; depois, acima do ventre, espalhadas pelo corpo são muito numerosas e de vários tipos, através das quais o alimento chega ao corpo. Vão, porém, das veias grossas, internas e externas, ao ventre e ao resto do corpo, e intercambiam-se mutuamente, as de dentro com as de fora, e as de fora com as de dentro. Deve-se, então, proceder às flebotomias de acordo com esses princípios. Mas é preciso cuidar que as incisões sejam feitas bem longe dos lugares nos quais as dores costumam aparecer e o sangue acumular. Assim, com efeito, ocorreria menos subitamente uma mesma mudança, poderias mudar também de hábito, de sorte que o sangue não mais se acumule no mesmo espaço.

12. Para os que expelem muito pus sem estarem com febre, para aqueles nos quais a urina está muito carregada pus sem haver dor, e também para aqueles entre os quais os excrementos são cronicamente ensangüentados como na disenteria, e que têm a idade de trinta e cinco anos ou são mais velhos; para todos estes, as doenças surgem da mesma causa. De fato, estes, necessariamente, são sofredores e têm, quanto ao corpo, uma vida penosa enquanto são rapazotes trabalhadores; mas, depois, livres das tribulações, tornam-se carnudos, com uma carne mole e muito diferente da anterior, e têm o corpo muito dividido entre o que era antes e o que se tornou, de forma a não haver mais similitude. Quando então uma doença toma os que estão assim dispostos, estes escapam na hora, mas, depois, passada a doença, o corpo se coliqua no decorrer do tempo, e o sangue seroso escorre pelas veias, onde encontra espaço mais amplo. Se, então, o sangue seroso se dirige ao ventre inferior, este humor fica quase como o que está dentro do corpo, que se aproxima do excremento; estando, de fato, em via de declive, o humor não se fixa por muito tempo no intestino. Mas, se escorre para o peito, torna-se supurado. Pois estando em aclive a via, o sangue se fixa por muito tempo no peito, apodrece e toma a forma de pus. Se se derrama na bexiga, por causa do calor daquele lugar, torna-se branco e quente, e se dissocia: o que for muito suave fica situado acima e o que for muito espesso, o chamado pus, fica abaixo. E ocorrem cálculos nas crianças, devido ao calor deste lugar e de todo o corpo. Nos varões, porém, não ocorrem cálculos devido à baixa temperatura do corpo[62]. É preciso saber bem que o homem, no primeiro de seus dias, é mais quente do que ele mesmo em outras idades, e, no

---

[62]. Essa teoria se encontra detalhada no tratado *Ares, águas e lugares* (9).

último dos seus dias, é mais frio[63]. Com efeito, o corpo que cresce e se desenvolve é forçosamente quente. Quando, porém, o corpo começa a definhar, vertendo líquidos em abundância, torna-se mais frio. E, segundo este raciocínio (*lógos*), quanto mais cresce o homem no primeiro de seus dias, tanto mais torna-se quente, e, quanto mais definha no último de seus dias, tanto mais se torna necessariamente frio. Os que estão em tal situação tornam-se espontaneamente sãos, a maioria, depois de quarenta e cinco dias[64] a partir do momento no qual começa a coliquação. Os que ultrapassam este prazo, tornam-se espontaneamente sãos em um ano, a menos que o homem seja acometido por outro mal.

13. As doenças recentes, das quais as razões são bem conhecidas, essas são as que permitem diagnósticos mais precisos. Deve-se, pois, proceder à cura delas opondo-se à causa da doença; dessa forma será possível, com efeito, livrar-se do que torna possível a doença no corpo .

14. Para os que têm depositado em sua urina grãos como os de areia ou outras concreções, para esses, houve, no início, um tumor perto da veia grossa, e esse tumor supurou; depois, porém, o tumor não se rompendo rapidamente, as concreções se formam a partir do pus, as quais são compelidas, junto com a urina, através da veia, até a bexiga. Naqueles cuja urina (*ourémata*[65]) tem apenas aspecto de sangue, nesses, as veias sofreram lesões[66]. Quanto àqueles, em cuja urina espessa estão presentes pequenos pedaços de carne em formato de fios de cabelo, quanto a esses, é preciso saber se tais pedaços vêm dos rins e das afecções artríticas[67]. Para os que têm a urina limpa, mas aparecem eventualmente em suas urina farelos, então, a bexiga destes está descamando.

15. A maioria das febres provém da bile. São quatro os seus tipos, fora as que têm origem nas dores localizadas. Seus nomes são: contínua, cotidiana, terçã e quartã. A chamada febre contínua advém da bile abundante e mais pura, e produz crises mais curtas; de fato, o corpo, sem nunca se esfriar, coliqua-se rapidamente esquentado pelo grande calor. A febre cotidiana provém, depois da contínua, da bile abundante, e cessa mais rapidamente que as outras, mas é mais longa que a contínua, na medida em que provém de uma menor quantidade de bile, e porque o corpo tem trégua; na febre contínua, porém, não há pausas jamais. A terçã é mais longa do que a cotidiana, e provém de uma quantidade menor de

[63]. A mesma idéia está exposta em *Aforismos* (I,9).

[64]. Ms. A, adotado por Jouanna (1975), *quarenta e dois dias*; ms. M e V, seguidos por Littré (1849): *quarenta e cinco dias*, e ms. Marcianus 282, em citação de Galeno: *quarenta e dois dias*.

[65]. Galeno – ap*ud* Littré (1849,p.66) – escreveu que jamais Pólibo e Hipócrates usariam tal palavra no lugar de οὖρον, cujo uso é regra neste e noutro tratados (cf. CAIRUS, 1994).

[66]. Tese em concordância com *Aforismos* (IV,78).

[67]. Ms. A omite: *e das afecções artríticas*.

bile. Na medida em que o corpo repousa mais tempo na terçã do que na cotidiana, essa primeira febre é mais duradoura do que a cotidiana. As quartãs, por sua vez, são outras, mas segundo o mesmo raciocínio (*lógos*): elas são mais duradouras do que as terçãs, na medida em que implicam uma menor quantidade de bile fomentadora do calor e um resfriamento maior do corpo. Sua duração excessiva e sua tenacidade são devidas à bile negra. A bile negra é, de fato, o mais viscoso dos humores contidos no corpo e o que produz sede mais duradoura. Sabe-se, pelo conhecimento do que se segue, que as febres quartãs partilham do elemento da bile negra: é principalmente no outono que os homens são tomados pela febre quartã, e na idade que vai de vinte e cinco a quarenta e cinco anos 17, porque esta idade é, dentre todas as idades, a mais tomada pela bile negra, e a estação outonal lhe é a mais propícia dentre todas as estações. Quanto aos que são tomados pela quartã fora desta estação e desta idade, é preciso saber bem que a febre não será duradoura, a menos que o homem sofra de algum outro mal.

ΠΕΡΙ ΦΥΣΙΟΣ ΑΝΘΤΡΩΠΟΥ

1 Ὅστις μὲν εἴωθεν ἀκούειν λεγόντων ἀμφὶ τῆς φύσιος τῆς ἀνθρωπίνης προσωτέρω ἢ ὁκόσον αὐτέης ἐς ἰητρικὴν ἐφήκει, τουτέῳ μὲν οὐκ ἐπιτήδειος ὅδε ὁ λόγος ἀκούειν· οὔτε γὰρ τὸ πάμπαν ἠέρα λέγω τὸν ἄνθρωπον εἶναι, οὔτε πῦρ, οὔτε ὕδωρ, οὔτε γῆν, οὔτ' ἄλλο οὐδὲν, ὅ τι μὴ φανερόν ἐστιν ἐνεὸν ἐν τῷ ἀνθρώπῳ· ἀλλὰ τοῖσι βουλομένοισι ταῦτα λέγειν παρίημι. Δοκέουσι μέντοι μοι οὐκ ὀρθῶς γινώσκειν οἱ τὰ τοιαῦτα λέγοντες· γνώμῃ μὲν γὰρ τῇ αὐτέῃ πάντες χρέονται, λέγουσι δὲ οὐ ταὐτά· ἀλλὰ τῆς μὲν γνώμης τὸν ἐπίλογον τὸν αὐτὸν ποιέονται. Φασί τε γὰρ ἕν τι εἶναι, ὅ τί ἐστι, καὶ τοῦτ' εἶναι τὸ ἕν τε καὶ τὸ πᾶν, κατὰ δὲ τὰ οὐνόματα οὐχ ὁμολογέουσιν· λέγει δ' αὐτέων ὁ μέν τις φάσκων ἠέρα εἶναι τοῦτο τὸ ἕν τε καὶ τὸ πᾶν, ὁ δὲ πῦρ, ὁ δὲ ὕδωρ, ὁ δὲ γῆν, καὶ ἐπιλέγει ἕκαστος τῷ ἑωυτοῦ λόγῳ μαρτύριά τε καὶ τεκμήρια, ἅ γέ ἐστιν οὐδέν. Ὅτε γὰρ τῇ μὲν αὐτέῃ γνώμῃ πάντες χρέονται, λέγουσι δ' οὐ τὰ αὐτὰ, δῆλον ὅτι οὐδὲ γινώσκουσιν αὐτά. Γνοίη δ' ἄν τις τόδε μάλιστα παραγενόμενος αὐτέοισιν ἀντιλέγουσιν· πρὸς γὰρ ἀλλήλους ἀντιλέγοντες οἱ αὐτοὶ ἄνδρες τῶν αὐτέων ἐναντίον ἀκροατέων οὐδέποτε τρὶς ἐφεξῆς ὁ αὐτὸς περιγίνεται ἐν τῷ λόγῳ, ἀλλὰ ποτὲ μὲν οὗτος ἐπικρατέει, ποτὲ δὲ οὗτος, ποτὲ δὲ ᾧ ἂν τύχῃ μάλιστα ἡ γλῶσσα ἐπιρρυεῖσα πρὸς τὸν ὄχλον. Καίτοι δίκαιόν ἐστι τὸν φάντα ὀρθῶς γινώσκειν ἀμφὶ τῶν πρηγμάτων παρέχειν αἰεὶ ἐπικρατέοντα τὸν λόγον τὸν ἑωυτοῦ, εἴπερ ἐόντα γινώσκει καὶ ὀρθῶς ἀποφαίνεται.' Ἀλλ' ἐμοί γε δοκέουσιν οἱ τοιοῦτοι ἄνθρωποι αὐτοὶ ἑωυτοὺς καταβάλλειν ἐν τοῖσιν ὀνόμασι τῶν λόγων αὐτέων ὑπὸ ἀσυνεσίης, τὸν δὲ Μελίσσου λόγον ὀρθοῦν.

2 Περὶ μὲν οὖν τουτέων ἀρκέει μοι τὰ εἰρημένα. Τῶν δὲ ἰητρῶν οἱ μέν τινες λέγουσιν, ὡς ὥνθρωπος αἷμα μοῦνόν ἐστιν, οἱ δ' αὐτέων χολήν φασιν εἶναι τὸν ἄνθρωπον, ἔνιοι δέ τινες φλέγμα· ἐπίλογον δὲ ποιεῦνται καὶ οὗτοι πάντες τὸν αὐτόν· ἓν γάρ τι εἶναί φασιν, ὅ τι ἕκαστος αὐτέων βούλεται ὀνομάσας, καὶ τοῦτο ἓν ἐὸν μεταλλάσσειν τὴν ἰδέην καὶ τὴν δύναμιν, ἀναγκαζόμενον ὑπό τε τοῦ θερμοῦ καὶ τοῦ ψυχροῦ, καὶ γίνεσθαι καὶ γλυκὺ καὶ πικρὸν καὶ λευκὸν καὶ μέλαν καὶ παντοῖόν τι ἄλλο. Ἐμοὶ δὲ οὐδὲ ταῦτα δοκέει ὧδε ἔχειν· οἱ μὲν οὖν πλεῖστοι τοιαῦτά τινα καὶ ἔτι ἐγγύτατα τουτέων ἀποφαίνονται. Ἐγὼ δέ φημι, εἰ ἓν ἦν ὁ ἄνθρωπος, οὐδέποτ' ἂν ἤλγεεν· οὐδὲ γὰρ ἂν ἦν ὑφ' ὅτου ἀλγήσειεν ἓν ἐών· εἰ δ' οὖν καὶ ἀλγήσειεν, ἀνάγκη καὶ τὸ ἰώμενον ἓν εἶναι· νυνὶ δὲ πολλά· πολλὰ γάρ ἐστιν ἐν τῷ σώματι ἐνεόντα, ἅ, ὁκόταν ὑπ' ἀλλήλων παρὰ φύσιν θερμαίνηταί τε καὶ ψύχηται, καὶ ξηραίνηταί τε καὶ ὑγραίνηται, νούσους τίκτει· ὥστε πολλαὶ μὲν ἰδέαι τῶν νουσημάτων, πολλὴ δὲ καὶ ἡ ἴησις αὐτέων ἐστίν. Ἀξιῶ δὲ ἔγωγε τὸν φάσκοντα αἷμα εἶναι μοῦνον τὸν ἄνθρωπον, καὶ ἄλλο μηδέν, δεικνύναι αὐτὸν μὴ μεταλλάσσοντα τὴν ἰδέην μηδὲ γίνεσθαι παντοῖον, ἀλλ' ἢ ὥρην τινὰ τοῦ ἐνιαυτοῦ ἢ τῆς ἡλικίης τῆς τοῦ ἀνθρώπου, ἐν ᾗ αἷμα ἐνεὸν φαίνεται μοῦνον ἐν τῷ ἀνθρώπῳ· εἰκὸς γὰρ εἶναι μίαν γέ τινα ὥρην, ἐν ᾗ φαίνεται αὐτὸ ἐφ' ἑωυτοῦ ἐνεόν· τὰ αὐτὰ δὲ λέγω καὶ περὶ τοῦ φάσκοντος φλέγμα μοῦνον εἶναι τὸν ἄνθρωπον, καὶ περὶ τοῦ χολὴν φάσκοντος εἶναι. Ἐγὼ μὲν γὰρ ἀποδείξω, ἃ ἂν φήσω τὸν ἄνθρωπον εἶναι, καὶ κατὰ τὸν νόμον καὶ κατὰ τὴν φύσιν, ἀεὶ τὰ αὐτὰ ἐόντα ὁμοίως, καὶ νέου ἐόντος καὶ γέροντος, καὶ τῆς ὥρης ψυχρῆς ἐούσης καὶ θερμῆς, καὶ τεκμήρια παρέξω, καὶ ἀνάγκας ἀποφανῶ, δι' ἃς ἕκαστον αὔξεταί τε καὶ φθίνει ἐν τῷ σώματι.

3 Πρῶτον μὲν οὖν ἀνάγκη τὴν γένεσιν γίνεσθαι μὴ ἀφ' ἑνός· πῶς γὰρ ἂν ἕν γ' ἐόν τι γεννήσειεν, εἰ μή τινι μιχθείη; ἔπειτα οὐδ', ἐὰν μὴ ὁμόφυλα ἐόντα μίσγηται καὶ τὴν αὐτὴν ἔχοντα δύναμιν, γεννᾷ, οὐδ' ἂν ταῦτα ἡμῖν ξυντελέοιτο. Καὶ πάλιν, εἰ μὴ τὸ θερμὸν τῷ ψυχρῷ καὶ τὸ ξηρὸν τῷ ὑγρῷ μετρίως πρὸς ἄλληλα ἕξει καὶ ἴσως, ἀλλὰ θάτερον θατέρου πουλὺ προέξει καὶ τὸ ἰσχυρότερον τοῦ ἀσθενεστέρου, ἡ γένεσις οὐκ ἂν γένοιτο. Ὥστε πῶς εἰκὸς ἀπὸ ἑνός τι γεννηθῆναι, ὅτε γε οὐδ' ἀπὸ τῶν πλειόνων γεννᾶται, ἢν μὴ τύχῃ καλῶς ἔχοντα τῆς κρήσιος τῆς πρὸς ἄλληλα; Ἀνάγκη τοίνυν, τῆς φύσιος τοιαύτης ὑπαρχούσης καὶ τῶν ἄλλων ἁπάντων καὶ τῆς τοῦ ἀνθρώπου, μὴ ἓν εἶναι τὸν ἄνθρωπον, ἀλλ' ἕκαστον τῶν ξυμβαλλομένων ἐς τὴν γένεσιν ἔχειν τὴν δύναμιν ἐν τῷ σώματι, οἵην περ ξυνεβάλετο. Καὶ πάλιν γε ἀνάγκη ἀποχωρέειν ἐς τὴν ἑωυτοῦ φύσιν ἕκαστον, τελευτῶντος τοῦ σώματος τοῦ ἀνθρώπου, τό τε ὑγρὸν πρὸς τὸ ὑγρὸν καὶ τὸ ξηρὸν πρὸς τὸ ξηρὸν καὶ τὸ θερμὸν πρὸς τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρὸν πρὸς τὸ ψυχρόν. Τοιαύτη δὲ καὶ τῶν ζώων ἐστὶν ἡ φύσις, καὶ τῶν ἄλλων πάντων· γίνεταί τε ὁμοίως πάντα καὶ τελευτᾷ ὁμοίως πάντα·

ξυνίσταταί τε γὰρ αὐτέων ἡ φύσις ἀπὸ τουτέων τῶν προειρημένων πάντων, καὶ τελευτᾷ κατὰ τὰ εἰρημένα ἐς τωὐτὸ ὅθεν περ ξυνέστη ἕκαστον, ἐνταῦθα οὖν καὶ ἀπεχώρησεν.

4 Τὸ δὲ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου ἔχει ἐν ἑωυτῷ αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθήν τε καὶ μέλαιναν, καὶ ταῦτ᾽ ἐστὶν αὐτέῳ ἡ φύσις τοῦ σώματος, καὶ διὰ ταῦτα ἀλγέει καὶ ὑγιαίνει. Ὑγιαίνει μὲν οὖν μάλιστα, ὁκόταν μετρίως ἔχῃ ταῦτα τῆς πρὸς ἄλληλα κρήσιος καὶ δυνάμιος καὶ τοῦ πλήθεος, καὶ μάλιστα μεμιγμένα ᾖ· ἀλγέει δὲ ὁκόταν τι τουτέων ἔλασσον ἢ πλέον ᾖ ἢ χωρισθῇ ἐν τῷ σώματι καὶ μὴ κεκρημένον ᾖ τοῖσι ξύμπασιν. Ἀνάγκη γάρ, ὁκόταν τι τουτέων χωρισθῇ καὶ ἐφ᾽ ἑωυτοῦ στῇ, οὐ μόνον τοῦτο τὸ χωρίον, ἔνθεν ἐξέστη, ἐπίνοσον γίνεσθαι, ἀλλὰ καὶ ἔνθα ἂν ἐπιχυθῇ, ὑπερπιμπλάμενον ὀδύνην τε καὶ πόνον παρέχειν. Καὶ γὰρ ὅταν τι τουτέων ἔξω τοῦ σώματος ἐκρυῇ πλέον τοῦ ἐπιπολάζοντος, ὀδύνην παρέχει ἡ κένωσις. Ἤν τ᾽ αὖ πάλιν ποιήσηται ἔσω τὴν κένωσιν καὶ τὴν μετάστασιν καὶ τὴν ἀπόκρισιν ἀπὸ τῶν ἄλλων, πολλὴ αὐτέῳ ἀνάγκη διπλῆν τὴν ὀδύνην παρέχειν κατὰ τὰ εἰρημένα, ἔνθεν τε ἐξέστη καὶ ἔνθα ὑπερέβαλεν.

5 Εἶπον δή, ἃ ἂν φήσω τὸν ἄνθρωπον εἶναι, ἀποφανεῖν αἰεὶ ταὐτὰ ἐόντα καὶ κατὰ νόμον καὶ κατὰ φύσιν. φημὶ δὴ εἶναι αἷμα καὶ φλέγμα καὶ χολὴν ξανθήν τε καὶ μέλαιναν. Καὶ τουτέων πρῶτον μὲν κατὰ νόμον τὰ οὐνόματα διωρίσθαι φημὶ καὶ οὐδενὶ αὐτέων τωὐτὸ οὔνομα εἶναι, ἔπειτα κατὰ φύσιν τὰς ἰδέας κεχωρίσθαι, καὶ οὔτε τὸ φλέγμα οὐδεν ἐοικέναι τῷ αἵματι, οὔτε τὸ αἷμα τῇ χολῇ, οὔτε τὴν χολὴν τῷ φλέγματι. Πῶς γὰρ ἂν ἐοικότα εἴη ταῦτα ἀλλήλοισιν, ὧν οὔτε τὰ χρώματα ὅμοια φαίνεται προσορώμενα, οὔτε τῇ χειρὶ ψαύοντι ὅμοια δοκέει εἶναι; οὔτε γὰρ θερμὰ ὁμοίως ἐστίν, οὔτε ψυχρά, οὔτε ξηρά, οὔτε ὑγρά. Ἀνάγκη τοίνυν, ὅτε τοσοῦτον διήλλακται ἀλλήλων τὴν ἰδέην τε καὶ τὴν δύναμιν, μὴ ἓν αὐτὰ εἶναι, εἴπερ μὴ πῦρ τε καὶ ὕδωρ ἕν τε καὶ ταὐτόν ἐστιν. Γνοίης δ᾽ ἂν τοῖσδε, ὅτι οὐχ ἓν ταῦτα πάντα ἐστὶν, ἀλλ᾽ ἕκαστον αὐτέων ἔχει δύναμίν τε καὶ φύσιν τὴν ἑωυτέου· ἢν γάρ τινι διδῷς ἀνθρώπῳ φάρμακον ὅ τι φλέγμα ἄγει, ἐμέεταί σοι φλέγμα, καὶ ἢν διδῷς φάρμακον ὅ τι χολὴν ἄγει, ἐμέεταί σοι χολή. Κατὰ ταὐτὰ δὲ καὶ χολὴ μέλαινα καθαίρεται, ἢν διδῷς φάρμακον ὅ τι χολὴν μέλαιναν ἄγει· καὶ ἢν τρώσῃς αὐτοῦ τοῦ σώματος μέρος τι ὥστε ἕλκος γενέσθαι, ῥυήσεται αὐτέῳ αἷμα. Καὶ ταῦτα ποιήσει σοι πάντα πᾶσαν ἡμέρην καὶ νύκτα καὶ χειμῶνος καὶ θέρεος, μέχρις ἂν δυνατὸς ᾖ τὸ πνεῦμα ἕλκειν ἐς ἑωυτὸν καὶ πάλιν μεθιέναι, δυνατὸς δὲ ἔσται ἔστ᾽ ἄν τινος τουτέων στερηθῇ τῶν ξυγγεγονότων. Ξυγγέγονε δὲ ταῦτα τὰ εἰρημένα· πῶς γὰρ οὐ ξυγγέγονε; Πρῶτον μὲν φανερός ἐστιν ὥνθρωπος ἔχων ἐν ἑωυτῷ ταῦτα πάντα αἰεὶ ἕως ἂν ζῇ, ἔπειτα δὲ γέγονεν ἐξ ἀνθρώπου ταῦτα πάντα ἔχοντος, τέθραπταί τε ἐν ἀνθρώπῳ ταῦτα πάντα ἔχοντι, ὁκόσα ἔγω γε νῦν φημί τε καὶ ἀποδείκνυμι.

6 Οἱ δὲ λέγοντες ὡς ἓν ἐστιν ὥνθρωπος, δοκέουσί μοι ταύτῃ τῇ γνώμῃ κεχρῆσθαι ὁρέοντες τοὺς πίνοντας τὰ φάρμακα καὶ ἀπολλυμένους ἐν τῇσιν ὑπερκαθάρσεσι, τοὺς μὲν χολὴν ἐμέοντας, τοὺς δέ τινας φλέγμα, τοῦτο ἕκαστον αὐτέων ἐνόμισαν εἶναι τὸν ἄνθρωπον, ὅ τι καθαιρόμενον εἶδον αὐτὸν ἀποθανόντα· καὶ οἱ τὸ αἷμα φάντες ιναι τὸν ἄνθρωπον τῇ αὐτέῃ γνώμῃ χρέονται· ὁρέοντες ἀποσφαζομένους τοὺς ἀνθρώπους καὶ τὸ αἷμα ῥέον ἐκ τοῦ σώματος, τοῦτο νομίζουσιν εἶναι τὴν ψυχὴν τῷ ἀνθρώπῳ· καὶ μαρτυρίοισι τουτέοισι πάντες χρέονται ἐν τοῖσι λόγοισιν. Καίτοι τὸ μὲν πρῶτον ἐν τῇσιν ὑπερκαθάρσεσιν οὐδείς πω ἀπέθανε χολὴν μοῦνον καθαρθείς· ἀλλ' ὁκόταν τις πίῃ φάρμακον ὅ τι χολὴν ἄγει, πρῶτον μὲν χολὴν ἐμέει, ἔπειτα δὲ φλέγμα· ἔπειτα δὲ ἐπὶ τούτοισιν ἐμέουσι χολὴν μέλαιναν ἀναγκαζόμενοι, τελευτῶντες δὲ καὶ αἷμα ἐμέουσι καθαρόν. Τὰ αὐτὰ δὲ πάσχουσι καὶ ὑπὸ τῶν φαρμάκων τῶν τὸ φλέγμα ἀγόντων· πρῶτον μὲν γὰρ φλέγμα ἐμέουσιν, ἔπειτα χολὴν ξανθὴν, ἔπειτα μέλαιναν, τελευτῶντες δὲ αἷμα καθαρόν, καὶ ἐν τῷδε ἀποθνήσκουσιν. Τὸ γὰρ φάρμακον, ὁκόταν ἐσέλθῃ ἐς τὸ σῶμα, πρῶτον μὲν ἄγει ὃ ἂν αὐτέῳ κατὰ φύσιν μάλιστα ᾖ τῶν ἐν τῷ σώματι ἐνεόντων, ἔπειτα δὲ καὶ τἆλλα ἕλκει τε καὶ καθαίρει. Ὣς γὰρ τὰ φυόμενά τε καὶ σπειρόμενα, ὁκόταν ἐς τὴν γῆν ἔλθῃ, ἕλκει ἕκαστον τὸ κατὰ φύσιν αὐτῷ ἐνεὸν ἐν τῇ γῇ, ἔνι δὲ καὶ ὀξὺ καὶ πικρὸν καὶ γλυκὺ καὶ ἁλμυρὸν καὶ παντοῖον· πρῶτον μὲν οὖν πλεῖστον τουτέου εἵλκυσεν ἐς ἑωυτό, ὅ τι ἂν ᾖ αὐτῷ κατὰ φύσιν μάλιστα, ἔπειτα δὲ ἕλκει καὶ τἆλλα· τοιοῦτον δέ τι καὶ τα φάρμακα ποιέει ἐν τῷ σώματι· ὁκόσα ἂν χολὴν ἄγῃ, πρῶτον μὲν ἀκρητεστάτην ἐκάθηρε τὴν χολήν, ἔπειτα δὲ μεμιγμένην· καὶ πάλιν τὰ τοῦ φλέγματος φάρμακα πρῶτον μὲν ἀκρητέστατον τὸ φλέγμα ἄγει, ἔπειτα δὲ μεμιγμένον· καὶ τοῖσιν ἀποσφαζομένοισι πρῶτον μὲν τὸ αἷμα ῥέει θερμότατόν τε καὶ ἐρυθρότατον, ἔπειτα δὲ ῥέει φλεγματωδέστερον καὶ χολωδέστερον.

7 Αὔξεται δὲ ἐν τῷ ἀνθρώπῳ τὸ μὲν φλέγμα τοῦ χειμῶνος· τοῦτο γὰρ τῷ χειμῶνι κατὰ φύσιν ἐστὶ μάλιστα τῶν ἐν τῷ σώματι ἐνεόντων, ψυχρότατον γάρ ἐστιν. Τεκμήριον δὲ τουτέου, ὅτι τὸ μὲν φλέγμα ψυχρότατον, εἰ ἐθέλεις ψαῦσαι φλέγματος καὶ χολῆς καὶ αἵματος, τὸ φλέγμα εὑρήσεις ψυχρότατον ἐόν· καίτοι γλισχρότατόν ἐστι καὶ βίῃ μάλιστα ἄγεται μετὰ χολὴν μέλαιναν· ὁκόσα δὲ βίῃ ἔρχεται, θερμότερα γίνεται, ἀναγκαζόμενα ὑπὸ τῆς βίης· ἀλλ' ὅμως καὶ πρὸς πάντα ταῦτα ψυχρότατον ἐὸν τὸ φλέγμα φαίνεται ὑπὸ τῆς φύσιος τῆς ἑωυτοῦ. Ὅτι δὲ ὁ χειμὼν πληροῖ τὸ σῶμα φλέγματος, γνοίης ἂν τοῖσδε· οἱ ἄνθρωποι πτύουσί τε καὶ ἀπομύσσονται φλεγματωδέστατον τοῦ χειμῶνος, καὶ τὰ οἰδήματα αὐτέοισι λευκὰ γίνεται μάλιστα ταύτην τὴν ὥρην, καὶ τἆλλα νοσήματα φλεγματώδεα. Τοῦ δὲ ἦρος τὸ φλέγμα ἔτι μένει ἰσχυρὸν ἐν τῷ σώματι, καὶ τὸ αἷμα αὔξεται· τά τε γὰρ ψύχεα ἐξανίει, καὶ τὰ ὕδατα ἐπιγίνεται, τὸ δὲ αἷμα κατὰ ταῦτα αὔξεται ὑπό τε τῶν ὄμβρων καὶ τῶν θερμημεριῶν· κατὰ φύσιν γὰρ αὐτέῳ ταῦτά ἐστι μάλιστα τοῦ ἐνιαυτοῦ· ὑγρόν

τε γάρ ἐστι καὶ θερμόν. Γνοίης δ' ἂν τοῖσδε· οἱ ἄνθρωποι τοῦ ἦρος καὶ τοῦ θέρεος μάλιστα ὑπό τε τῶν δυσεντεριῶν ἁλίσκονται, καὶ ἐκ τῶν ῥινέων τὸ αἷμα ῥεῖ αὐτέοισι, καὶ θερμότατοί εἰσι καὶ ἐρυθροί· τοῦ δὲ θέρεος τό τε αἷμα ἰσχύει ἔτι, καὶ ἡ χολὴ ἀείρεται ἐν τῷ σώματι καὶ παρατείνει ἐς τὸ φθινόπωρον· ἐν δὲ τῷ φθινοπώρῳ τὸ μὲν αἷμα ὀλίγον γίνεται, ἐναντίον γὰρ αὐτέου τὸ φθινόπωρον τῇ φύσει ἐστίν· ἡ δὲ χολὴ τὴν θερίην κατέχει τὸ σῶμα καὶ τὸ φθινόπωρον. Γνοίης δ' ἂν τοῖσδε· οἱ ἄνθρωποι αὐτόματοι ταύτην τὴν ὥρην χολὴν ἐμέουσι, καὶ ἐν τῇσι φαρμακοποσίῃσι χολωδέστατα καθαίρονται, δῆλον δὲ καὶ τοῖσι πυρετοῖσι καὶ τοῖσι χρώμασι τῶν ἀνθρώπων. Τὸ δὲ φλέγμα τῆς θερίης ἀσθενέστατόν ἐστιν αὐτὸ ἑωυτοῦ· ἐναντίη γὰρ αὐτέου τῇ φύσει ἐστὶν ἡ ὥρη, ξηρή τε γάρ ἐστι καὶ θερμή. Τὸ δὲ αἷμα τοῦ φθινοπώρου ἐλάχιστον γίνεται ἐν τῷ ἀνθρώπῳ, ξηρόν τε γάρ ἐστι τὸ φθινόπωρον καὶ ψύχειν ἤδη ἄρχεται τὸν ἄνθρωπον· ἡ δὲ μέλαινα χολὴ τοῦ φθινοπώρου πλείστη τε καὶ ἰσχυροτάτη ἐστίν. Ὁκόταν δὲ ὁ χειμὼν καταλαμβάνῃ, ἥ τε χολὴ ψυχομένη ὀλίγη γίνεται, καὶ τὸ φλέγμα αὔξεται πάλιν ὑπό τε τῶν ὑετῶν τοῦ πλήθεος καὶ τῶν νυκτῶν τοῦ μήκεος. Ἔχει μὲν οὖν ταῦτα πάντα αἰεὶ τὸ σῶμα τοῦ ἀνθρώπου, ὑπὸ δὲ τῆς περιισταμένης ὥρης ποτὲ μὲν πλείω γίνεται αὐτὰ ἑωυτέων, ποτὲ δὲ ἐλάσσω, ἕκαστα κατὰ μέρος καὶ κατὰ φύσιν. Ὡς γὰρ ὁ ἐνιαυτὸς μετέχει μὲν πᾶς πάντων καὶ τῶν θερμῶν καὶ τῶν ψυχρῶν καὶ τῶν ξηρῶν καὶ τῶν ὑγρῶν, οὐ γὰρ ἂν μείνειε τουτέων οὐδὲν οὐδένα χρόνον ἄνευ πάντων τῶν ἐνεόντων ἐν τῷδε τῷ κόσμῳ, ἀλλ' εἰ ἕν τί γε ἐκλίποι, πάντ' ἂν ἀφανισθείη· ἀπὸ γὰρ τῆς αὐτέης ἀνάγκης πάντα ξυνέστηκέ τε καὶ τρέφεται ὑπ' ἀλλήλων· οὕτω δὲ καὶ εἴ τι ἐκ τοῦ ἀνθρώπου ἐκλίποι τουτέων τῶν ξυγγεγονότων, οὐκ ἂν δύναιτο ζῆν ὥνθρωπος. Ἰσχύει δὲ ἐν τῷ ἐνιαυτῷ τοτὲ μὲν ὁ χειμὼν μάλιστα, τοτὲ δὲ τὸ ἦρ, τοτὲ δὲ τὸ θέρος, τοτὲ δὲ τὸ φθινόπωρον· οὕτω δὲ καὶ ἐν τῷ ἀνθρώπῳ τοτὲ μὲν τὸ φλέγμα ἰσχύει, τοτὲ δὲ τὸ αἷμα, τοτὲ δὲ ἡ χολή, πρῶτον μὲν ἡ ξανθή, ἔπειτα δ' ἡ μέλαινα καλεομένη. Μαρτύριον δὲ σαφέστατον, εἰ ἐθέλεις τῷ αὐτέῳ ἀνθρώπῳ δοῦναι τὸ αὐτὸ φάρμακον τετράκις τοῦ ἐνιαυτοῦ, ἐμέεταί σοι τοῦ μὲν χειμῶνος φλεγματωδέστατα, τοῦ δὲ ἦρος ὑγρότατα, τοῦ δὲ θέρεος χολωδέστατα, τοῦ δὲ φθινοπώρου μελάντατα.

8 Ὀφείλει οὖν, τουτέων ὧδε ἐχόντων, ὁκόσα μὲν τῶν νουσημάτων χειμῶνος αὔξεται, θέρεος λήγειν, ὁκόσα δὲ θέρεος αὔξεται, χειμῶνος λήγειν, ὁκόσα μὴ αὐτέων ἐν περιόδῳ ἡμερέων ἀπαλλάσσεται· τὴν δὲ περίοδον αὖθις φράσω τὴν τῶν ἡμερέων. Ὁκόσα δὲ ἦρος γίνεται νουσήματα, προσδέχεσθαι χρὴ φθινοπώρου τὴν ἀπάλλαξιν ἔσεσθαι αὐτέων· ὁκόσα δὲ φθινοπωρινὰ νουσήματα, τουτέων τοῦ ἦρος ἀνάγκη τὴν ἀπάλλαξιν γενέσθαι· ὅ τι δ' ἂν τὰς ὥρας ταύτας ὑπερβάλλῃ νούσημα, εἰδέναι χρὴ ὡς ἐνιαύσιον αὐτὸ ἐσόμενον. Καὶ τὸν ἰητρὸν οὕτω χρὴ ἰῆσθαι τὰ νουσήματα ὡς ἑκάστου τουτέων ἰσχύοντος ἐν τῷ σώματι κατὰ τὴν ὥρην τὴν αὐτῷ κατὰ φύσιν ἐοῦσαν μάλιστα.

9 Εἰδέναι δὲ χρὴ καὶ τάδε πρὸς ἐκείνοισιν, ὅτι ὁκόσα πλησμονὴ τίκτει νουσήματα, κένωσις ἰῆται, ὁκόσα δὲ ἀπὸ κενώσιος γίνεται νουσήματα, πλησμονὴ ἰῆται, ὁκόσα δὲ ἀπὸ ταλαιπωρίης γίνεται, ἀνάπαυσις ἰῆται, ὁκόσα δ' ὑπ' ἀργίης τίκτεται, ταλαιπωρίη ἰῆται. Τὸ δὲ ξύμπαν γνῶναι, δεῖ τὸν ἰητρὸν ἐναντίον ἵστασθαι τοῖσι καθεστεῶσι καὶ νουσήμασι καὶ εἴδεσι καὶ ὥρῃσι καὶ ἡλικίῃσι, καὶ τὰ ξυντείνοντα λύειν, καὶ τὰ λελυμένα ξυντείνειν· οὕτω γὰρ ἂν μάλιστα τὸ κάμνον ἀναπαύοιτο, ἥ τε ἴησις τοῦτό μοι δοκέει εἶναι. Αἱ δὲ νοῦσοι γίνονται, αἱ μὲν ἀπὸ τῶν διαιτημάτων, αἱ δὲ ἀπὸ τοῦ πνεύματος, ὃ ἐσαγόμενοι ζῶμεν. Τὴν δὲ διάγνωσιν χρὴ ἑκατέρου ὧδε ποιέεσθαι· ὁκόταν μὲν ὑπὸ νουσήματος ἑνὸς πολλοὶ ἄνθρωποι ἁλίσκωνται κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον, τὴν αἰτίην χρὴ ἀνατιθέναι τουτέῳ ὅ τι κοινότατόν ἐστι καὶ μάλιστα αὐτέῳ πάντες χρεώμεθα· ἔστι δὲ τοῦτο ὃ ἀναπνέομεν. Φανερὸν γὰρ δὴ ὅτι τά γε διαιτήματα ἑκάστου ἡμέων οὐκ αἴτιά ἐστιν, ὅτε ἅπτεται πάντων ἡ νοῦσος ἑξῆς καὶ τῶν νεωτέρων καὶ τῶν πρεσβυτέρων, καὶ γυναικῶν καὶ ἀνδρῶν ὁμοίως, καὶ τῶν θωρησσομένων καὶ τῶν ὑδροποτεόντων, καὶ τῶν μᾶζαν ἐσθιόντων καὶ τῶν ἄρτον σιτευμένων, καὶ τῶν πολλὰ ταλαιπωρεόντων καὶ τῶν ὀλίγα· οὐκ ἂν οὖν τά γε διαιτήματα αἴτια εἴη, ὁκόταν διαιτεύμενοι πάντας τρόπους οἱ ἄνθρωποι ἁλίσκωνται ὑπὸ τῆς αὐτέης νούσου. Ὁκόταν δὲ αἱ νοῦσοι γίνωνται παντοδαπαὶ κατὰ τὸν αὐτὸν χρόνον, δῆλον ὅτι τὰ διαιτήματά ἐστιν αἴτια ἕκαστα ἑκάστοισι, καὶ τὴν θεραπείην χρὴ ποιέεσθαι ἐναντιούμενον τῇ προφάσει τῆς νούσου, ὥσπερ μοι πέφρασται καὶ ἑτέρωθι, καὶ τῇ τῶν διαιτημάτων μεταβολῇ. Δῆλον γὰρ ὅτι οἷσί γε χρέεσθαι εἴωθεν ὥνθρωπος διαιτήμασιν, οὐκ ἐπιτήδειά οἵ ἐστιν ἢ πάντα, ἢ τὰ πλείω, ἢ ἕν γέ τι αὐτέων· ἃ δεῖ καταμαθόντα μεταβάλλειν, καὶ σκεψάμενον τοῦ ἀνθρώπου τὴν φύσιν τήν τε ἡλικίην καὶ τὸ εἶδος καὶ τὴν ὥρην τοῦ ἔτεος καὶ τῆς νούσου τὸν τρόπον, τὴν θεραπείην ποιέεσθαι, ποτὲ μὲν ἀφαιρέοντα, ποτὲ δὲ προστιθέντα, ὥσπερ μοι καὶ πάλαι εἴρηται, πρὸς ἕκαστα τῶν ἡλικιέων καὶ τῶν ὡρέων καὶ τῶν εἰδέων καὶ τῶν νούσων ἔν τε τῇσι φαρμακείῃσι προτρέπεσθαι καὶ ἐν τοῖσι διαιτήμασιν. Ὁκόταν δὲ νουσήματος ἑνὸς ἐπιδημίη καθεστήκῃ, δῆλον ὅτι οὐ τὰ διαιτήματα αἴτιά ἐστιν, ἀλλ' ὃ ἀναπνέομεν, τοῦτο αἴτιόν ἐστι, καὶ δῆλον ὅτι τοῦτο νοσηρήν τινα ἀπόκρισιν ἔχον ἀνίει. Τοῦτον οὖν χρὴ τὸν χρόνον τὰς παραινέσιας ποιέεσθαι τοῖσιν ἀνθρώποισι τοιάσδε· τὰ μὲν διαιτήματα μὴ μεταβάλλειν, ὅτι γε οὐκ αἴτιά ἐστι τῆς νούσου, τὸ δὲ σῶμα ὁρῆν, ὅκως ἔσται ὡς ἀογκότατον καὶ ἀσθενέστατον, τῶν τε σιτίων ἀφαιρέοντα καὶ τῶν ποτῶν, οἷσιν εἰώθει χρέεσθαι, κατ' ὀλίγον· ἢν γὰρ μεταβάλλῃ ταχέως τὴν δίαιταν, κίνδυνος καὶ ἀπὸ τῆς μεταβολῆς νεώτερόν τι γενέσθαι ἐν τῷ σώματι, ἀλλὰ χρὴ τοῖσι μὲν διαιτήμασιν οὕτω χρέεσθαι, ὅτε γε φαίνεται μηδὲν ἀδικέοντα τὸν ἄνθρωπον· τοῦ δὲ πνεύματος ὅκως ἡ ῥύσις ὡς ἐλαχίστη ἐς τὸ στόμα ἐσίῃ καὶ ὡς ξενωτάτη ἔσται, προμηθέεσθαι, τῶν τε χωρίων τοὺς τόπους μεταβάλλοντα ἐς δύναμιν, ἐν οἷσιν ἂν ἡ νοῦσος καθεστήκῃ, καὶ τὰ σώματα λεπτύνοντα· οὕτω γὰρ ἂν ἥκιστα πολλοῦ τε καὶ πυκνοῦ πνεύματος χρῄζοιεν οἱ ἄνθρωποι.

10 Ὁκόσα δὲ τῶν νουσημάτων γίνεται ἀπὸ τοῦ σώματος τῶν μελέων τοῦ ἰσχυροτάτου, ταῦτα δεινότατά ἐστιν· καὶ γὰρ ἢν αὐτοῦ μένῃ ἔνθα ἂν ἄρξηται, ἀνάγκη, τοῦ ἰσχυροτάτου τῶν μελέων πονεομένου, ἅπαν τὸ σῶμα πονέεσθαι· καὶ ἢν ἐπί τι τῶν ἀσθενεστέρων ἀφίκηται ἀπὸ τοῦ ἰσχυροτέρου, χαλεπαὶ αἱ ἀπολύσιες γίνονται. Ὁκόσα δ' ἂν ἀπὸ τῶν ἀσθενεστέρων ἐπὶ τὰ ἰσχυρότερα ἔλθῃ, εὐλυτώτερά ἐστιν, ὑπὸ γὰρ τῆς ἰσχύος ἀναλώσεται ῥηϊδίως τὰ ἐπιρρέοντα.

11 Αἱ παχύταται δὲ τῶν φλεβῶν ὧδε πεφύκασιν· τέσσαρα ζεύγεά ἐστιν ἐν τῷ σώματι, καὶ ἓν μὲν αὐτέων ἀπὸ τῆς κεφαλῆς ὄπισθεν διὰ τοῦ αὐχένος, ἔξωθεν ἐπὶ τὴν ῥάχιν ἔνθεν τε καὶ ἔνθεν παρὰ τὰ ἰσχία ἀφικνέεται καὶ ἐς τὰ σκέλεα, ἔπειτα διὰ τῶν κνημέων ἐπὶ τῶν σφυρῶν τὰ ἔξω καὶ ἐς τοὺς πόδας διήκει. Δεῖ οὖν τὰς φλεβοτομίας τὰς ἐπὶ τῶν ἀλγημάτων τῶν ἐν τῷ νώτῳ καὶ τοῖσιν ἰσχίοισιν ἀπὸ τῶν ἰγνύων ποιέεσθαι καὶ ἀπὸ τῶν σφυρῶν ἔξωθεν. Αἱ δ' ἕτεραι φλέβες ἐκ τῆς κεφαλῆς παρὰ τὰ οὔατα διὰ τοῦ αὐχένος, αἱ σφαγίτιδες καλεόμεναι, ἔσωθεν παρὰ τὴν ῥάχιν ἑκατέρωθεν φέρουσι παρὰ τὰς ψόας ἐς τοὺς ὄρχιας καὶ ἐς τοὺς μηρούς, καὶ διὰ τῶν ἰγνύων ἐκ τοῦ ἔσωθεν μέρεος, ἔπειτα διὰ τῶν κνημέων παρὰ τὰ σφυρὰ τὰ ἔσωθεν καὶ ἐς τοὺς πόδας. Δεῖ οὖν τὰς φλεβοτομίας πρὸς τὰς ὀδύνας ποιέεσθαι τὰς ἀπὸ τῶν ψοῶν καὶ τῶν ὀρχίων, ἀπὸ τῶν ἰγνύων καὶ ἀπὸ τῶν σφυρῶν ἔσωθεν. Αἱ δὲ τρίται φλέβες ἐκ τῶν κροτάφων διὰ τοῦ αὐχένος ὑπὸ τὰς ὠμοπλάτας, ἔπειτα ξυμφέρονται ἐς τὸν πλεύμονα καὶ ἀφικνέονται ἡ μὲν ἀπὸ τῶν δεξιῶν ἐς τὰ ἀριστερά, ἡ δὲ ἀπὸ τῶν ἀριστερῶν ἐς τὰ δεξιά, καὶ ἡ μὲν δεξιὴ ἀφικνέεται ἐκ τοῦ πλεύμονος ὑπὸ τὸν μαζὸν καὶ ἐς τὸν σπλῆνα καὶ ἐς τὸν νεφρόν, ἡ δὲ ἀπὸ τῶν ἀριστερῶν ἐς τὰ δεξιὰ ἐκ τοῦ πλεύμονος ὑπὸ τὸν μαζὸν καὶ ἐς τὸ ἧπαρ καὶ ἐς τὸν νεφρόν, τελευτῶσι δὲ ἐς τὸν ἀρχὸν αὗται ἑκάτεραι. Αἱ δὲ τέταρται ἀπὸ τοῦ ἔμπροσθεν τῆς κεφαλῆς καὶ τῶν ὀφθαλμῶν ὑπὸ τὸν αὐχένα καὶ τὰς κληῖδας, ἔπειτα δὲ ὑπὲρ τῶν βραχιόνων ἄνωθεν ἐς τὰς ξυγκαμπάς, ἔπειτα δὲ διὰ τῶν πήχεων ἐπὶ τοὺς καρποὺς καὶ τοὺς δακτύλους, ἔπειτα ἀπὸ τῶν δακτύλων πάλιν διὰ τῶν στηθέων τῶν χειρῶν καὶ τῶν πήχεων ἄνω ἐς τὰς ξυγκαμπάς, καὶ διὰ τῶν βραχιόνων τοῦ κάτωθεν μέρεος ἐς τὰς μασχάλας, καὶ ἀπὸ τῶν πλευρέων ἄνωθεν ἡ μὲν ἐς τὸν σπλῆνα ἀφικνέεται, ἡ δὲ ἐς τὸ ἧπαρ, ἔπειτα ὑπὲρ τῆς γαστρὸς ἐς τὸ αἰδοῖον τελευτῶσιν ἀμφότεραι. Καὶ αἱ μὲν παχέαι τῶν φλεβῶν ὧδε ἔχουσιν. Εἰσὶ δὲ καὶ ἀπὸ τῆς κοιλίης φλέβες ἀνὰ τὸ σῶμα πάμπολλαί τε καὶ παντοῖαι, καὶ δι' ὧν ἡ τροφὴ τῷ σώματι ἔρχεται. Φέρουσι δὲ καὶ ἀπὸ τῶν παχεῶν φλεβῶν ἐς τὴν κοιλίην καὶ ἐς τὸ ἄλλο σῶμα καὶ ἀπὸ τῶν ἔξω καὶ ἀπὸ τῶν εἴσω, καὶ ἐς ἀλλήλας διαδιδόασιν αἵ τε εἴσωθεν ἔξω καὶ αἱ ἔξωθεν εἴσω. Τὰς οὖν φλεβοτομίας δεῖ

ποιέεσθαι κατὰ τουτέους τοὺς λόγους· ἐπιτηδεύειν δὲ χρὴ τὰς τομὰς ὡς προσωτάτω τάμνειν ἀπὸ τῶν χωρίων, ἔνθα ἂν αἱ ὀδύναι μεμαθήκωσι γίνεσθαι καὶ τὸ αἷμα ξυλλέγεσθαι· οὕτω γὰρ ἂν ἥ τε μεταβολὴ ἥκιστα μεγάλη γίνοιτο ἐξαπίνης, καὶ τὸ ἔθος μεταστήσαις ἂν ὥστε μηκέτι ἐς τὸ αὐτὸ χωρίον ξυλλέγεσθαι.

12 Ὁκόσοι πῦον πολλὸν πτύουσιν ἄτερ πυρετοῦ ἐόντες, καὶ ὁκόσοισιν ὑπὸ τὸ οὖρον πῦον ὑφίσταται πολλὸν ἄτερ ὀδύνης ἐούσης, καὶ ὁκόσοισι τὰ ὑποχωρήματα αἱματώδεα ὥσπερ ἐν τῇσι δυσεντερίῃσι καὶ χρόνιά ἐστιν ἐοῦσι πέντε καὶ τριήκοντα ἐτέων καὶ γεραιτέροισι, τουτέοισι πᾶσιν ἀπὸ τοῦ αὐτέου τὰ νουσήματα γίνεται· ἀνάγκη γὰρ τουτέους ταλαιπώρους τε γενέσθαι καὶ φιλοπόνους τῷ σώματι καὶ ἐργάτας νεηνίσκους ἐόντας, ἔπειτα δὲ ἐξανεθέντας τῶν πόνων σαρκωθῆναι μαλθακῇ σαρκὶ καὶ πουλὺ διαφερούσῃ τῆς προτέρης, καὶ πολλὸν διακεκριμένον ἔχειν τὸ σῶμα τό τε προϋπάρχον καὶ τὸ ἐπιτραφέν, ὥστε μὴ ὁμονοεῖν. Ὁκόταν οὖν νόσημά τι καταλάβῃ τοὺς οὕτω διακειμένους, τὸ μὲν παραχρῆμα διαφεύγουσιν, ὕστερον δὲ μετὰ τὴν νοῦσον χρόνῳ τήκεται τὸ σῶμα, καὶ διαρρέει διὰ τῶν φλεβῶν, ᾗ ἂν εὐρυχωρίης μάλιστα τύχῃ, ἰχωροειδές· ἢν μὲν οὖν ὁρμήσῃ ἐς τὴν κοιλίην τὴν κάτω, σχεδόν τι οἷόν περ ἐν τῷ σώματι ἂν ἐνέῃ τοιοῦτον καὶ τὸ διαχώρημα γίνεται· ἅ τε γὰρ τῆς ὁδοῦ κατάντεος ἐούσης, οὐχ ἵσταται πολλὸν χρόνον ἐν τῷ ἐντέρῳ. Ὁκόσοισι δ' ἂν ἐς τὸ στῆθος ἐσρυῇ, ὑπόπυοι γίνονται· ἅτε γὰρ τῆς καθάρσιος ἀνάντεος ἐούσης, καὶ χρόνον ἐναυλιζόμενον πουλὺν ἐν τῷ στήθει, κατασήπεται καὶ γίνεται πυοειδές. Ὁκόσοισι δ' ἂν ἐς τὴν κύστιν ἐξερεύγηται, ὑπὸ τῆς θερμότητος τοῦ χωρίου τοῦτο καὶ θερμὸν καὶ λευκὸν γίνεται, καὶ διακρίνεται· καὶ τὸ μὲν ἀραιότατον ἐφίσταται ἄνω, τὸ δὲ παχύτατον κάτω, ὃ δὴ πῦον καλέεται. Γίνονται δὲ καὶ οἱ λίθοι τοῖσι παιδίοισι διὰ τὴν θερμότητα τοῦ χωρίου τε τουτέου καὶ τοῦ ὅλου σώματος, τοῖσι δὲ ἀνδράσιν οὐ γίνονται λίθοι διὰ τὴν ψυχρότητα τοῦ σώματος. Εὖ γὰρ χρὴ εἰδέναι, ὅτι ὁ ἄνθρωπος τῇ πρώτῃ τῶν ἡμερέων θερμότατός ἐστιν αὐτὸς ἑωυτοῦ, τῇ δὲ ὑστάτῃ ψυχρότατος· ἀνάγκη γὰρ αὐξανόμενον καὶ χωρέον τὸ σῶμα πρὸς βίην θερμὸν εἶναι· ὁκόταν δὲ ἄρχηται μαραίνεσθαι τὸ σῶμα, καταρρέον πρὸς εὐπέτειαν, ψυχρότερον γίνεται· καὶ κατὰ τοῦτον τὸν λόγον, ὁκόσον τῇ πρώτῃ τῶν ἡμερέων πλεῖστον αὔξεται ὁ ἄνθρωπος, τοσοῦτον θερμότερος γίνεται, καὶ τῇ ὑστάτῃ τῶν ἡμερέων, ὁκόσον πλεῖστον καταμαραίνεται, τοσοῦτον ἀνάγκη ψυχρότερον εἶναι. Ὑγιέες δὲ γίγνονται αὐτόματοι οἱ οὕτω διακείμενοι, πλεῖστοι μὲν ἐν τῇ ὥρῃ, ᾗ ἂν ἄρξωνται τήκεσθαι, πεντεκαιτεσσαρακονθήμεροι· ὁκόσοι δ' ἂν τὴν ὥρην ταύτην ὑπερβάλλωσιν, ἐνιαυτῷ αὐτόματοι ὑγιέες γίνονται, ἢν μή τι ἄλλο κακουργῆται ὤνθρωπος.

13 Ὁκόσα τῶν νουσημάτων ἐξ ὀλίγου γίνεται, καὶ ὁκόσων αἱ προφάσιες εὔγνωστοι, ταῦτα δὲ ἀσφαλέστατά ἐστι προαγορεύεσθαι· τὴν δὲ ἴησιν χρὴ ποιέεσθαι αὐτὸν ἐναντιούμενον τῇ προφάσει τῆς νούσου· οὕτω γὰρ ἂν λύοιτο τὸ τὴν νοῦσον παρασχὸν ἐν τῷ σώματι.

14 Ὁκόσοισι ψαμμοειδέα ὑφίσταται ἢ πῶροι ἐν τοῖσιν οὔροισι, τουτέοισι τὴν ἀρχὴν φύματα ἐγένετο πρὸς τῇ φλεβὶ τῇ παχείῃ, καὶ διεπύησεν, ἔπειτα δὲ, ἅτε οὐ ταχέως ἐκραγέντων τῶν φυμάτων, πῶροι ξυνετράφησαν ἐκ τοῦ πύου, οἵτινες ἔξω θλίβονται διὰ τῆς φλεβὸς σὺν τῷ οὔρῳ ἐς τὴν κύστιν. Ὁκόσοισι δὲ μοῦνον αἱματώδεα τὰ οὐρήματα, τουτέοισι δὲ αἱ φλέβες πεπονήκασιν· ὁκόσοισι δὲ ἐν τῷ οὐρήματι παχεῖ ἐόντι σαρκία σμικρὰ τριχοειδέα συνεξέρχεται, ταῦτα δὲ ἀπὸ τῶν νεφρῶν εἰδέναι χρὴ ἐόντα καὶ ἀπὸ ἀρθριτικῶν· ὁκόσοισι δὲ καθαρὸν τὸ οὖρον ἄλλοτε καὶ ἄλλοτε, ὁκοῖον δὲ πίτυρα ἐπιφέρεται ἐν τῷ οὐρήματι, τουτέων δὲ ἡ κύστις ψωριᾷ.

15 Οἱ πλεῖστοι τῶν πυρετῶν γίνονται ἀπὸ χολῆς· εἴδεα δὲ σφέων ἐστὶ τέσσαρα, χωρὶς τῶν ἐν τῇσιν ὀδύνῃσι γινομένων τῇσιν ἀποκεκριμένῃσιν· οὐνόματα δ' αὐτέοισίν ἐστι ξύνοχος, ἀμφημερινός, τριταῖος, τεταρταῖος. Ὁ μὲν οὖν ξύνοχος καλεόμενος γίνεται ἀπὸ πλείστης χολῆς καὶ ἀκρητεστάτης, καὶ τὰς κρίσιας ἐν ἐλαχίστῳ χρόνῳ ποιέεται· τὸ γὰρ σῶμα οὐ διαψυχόμενον οὐδένα χρόνον συντήκεται ταχέως, ἅτε ὑπὸ πολλοῦ τοῦ θερμοῦ θερμαινόμενον. Ὁ δὲ ἀμφημερινὸς μετὰ τὸν ξύνοχον ἀπὸ πλείστης χολῆς γίνεται, καὶ ἀπαλλάσσεται τάχιστα τῶν ἄλλων, μακρότερος δέ ἐστι τοῦ ξυνόχου, ὁκόσῳ ἀπὸ ἐλάσσονος γίνεται χολῆς, καὶ ὅτι ἔχει ἀνάπαυσιν τὸ σῶμα, ἐν δὲ τῷ ξυνόχῳ οὐκ ἀναπαύεται οὐδένα χρόνον. Ὁ δὲ τριταῖος μακρότερός ἐστι τοῦ ἀμφημερινοῦ, καὶ ἀπὸ χολῆς ἐλάσσονος γίνεται· ὁκόσῳ δὲ πλείονα χρόνον ἐν τῷ τριταίῳ ἢ ἐν τῷ ἀμφημερινῷ τὸ σῶμα διαναπαύεται, τοσούτῳ χρονιώτερος οὗτος ὁ πυρετὸς τοῦ ἀμφημερινοῦ ἐστιν. Οἱ δὲ τεταρταῖοι τὰ μὲν ἄλλα κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον, χρονιώτεροι δὲ μάλα τῶν τριταίων εἰσίν, ὁκόσῳ ἔλασσόν τι μέρος μετέχουσι χολῆς τῆς τὴν θερμασίην παρεχούσης, τοῦ τε διαψύχεσθαι τὸ σῶμα πλέον μετέχουσιν· προσγίνεται δὲ αὐτέοισιν ἀπὸ μελαίνης χολῆς τὸ περισσὸν τοῦτο καὶ δυσαπάλλακτον· μέλαινα γὰρ χολὴ τῶν ἐν τῷ σώματι ἐνεόντων χυμῶν γλισχρότατον, καὶ τὰς ἕδρας χρονιωτάτας ποιέεται. Γνώσῃ δὲ ἐν τῷδε, ὅτι οἱ τεταρταῖοι πυρετοὶ μετέχουσι τοῦ μελαγχολικοῦ· φθινοπώρου γὰρ μάλιστα οἱ ἄνθρωποι ἁλίσκονται ὑπὸ τῶν τεταρταίων καὶ ἐν τῇ ἡλικίῃ τῇ ἀπὸ πέντε καὶ εἴκοσιν ἐτέων ἕως τῶν πέντε καὶ τεσσαράκοντα, ὅτι καὶ ἡ ἡλικίη αὕτη ὑπὸ

μελαίνης χολῆς κατέχεται μάλιστα πασέων τῶν ἡλικιῶν, ἥ τε φθινοπωρινὴ ὥρη μάλιστα πασέων τῶν ὡρέων ἐπιτηδειοτάτη. Ὁκόσοι δ' ἂν ἁλῶσιν ἔξω τῆς ὥρης ταύτης καὶ τῆς ἡλικίης ὑπὸ τεταρταίου, εὖ χρὴ εἰδέναι μὴ χρόνιον ἐσόμενον τὸν πυρετὸν, ἢν μὴ ἄλλο τι κακουργῆται ὥνθρωπος.

---

4 DA DOENÇA SAGRADA

Henrique F. Cairus

A tradução do tratado *Da doença sagrada* que aqui se apresenta baseou-se no texto estabelecido por Émile Littré, cotejado com o editado por Grensemann. O professor Jacques Jouanna preparou um estabelecimento do texto do tratado que seguramente suplantará o de seus predecessores, mas a obra ainda se encontrava no prelo da Société d'Éditions Les Belles Lettres quando foi realizada a tradução que se segue. A edição de Grensemann tende a um intervencionismo — ao meu ver maior do que o que se poderia crer adequado —, eliminando repetições e, simultaneamente, apresentando uma crítica textual por vezes demasiada. A edição de Jones, excetuando-se o início onde se afilia à de Grensemann, é consideravelmente próxima da de Littré, que ainda traz um aparato crítico onde predomina o bom senso do filólogo aliado ao rigor do cientista.

A numeração de Émile Littré é seguida por Wilamowitz e Grensemann. Contrariamente à opinião de García Gual (1983, p. 400), não me parece haver razão para que se sugira outra numeração; contudo, sendo a edição de Jones muito prestigiada pelos helenistas, julguei conveniente registrar sua opção de partição do texto.

TRADUÇÃO

1Littré (1Jones). Eis aqui o que há acerca da doença dita sagrada: não me parece ser de forma alguma mais divina nem mais sagrada do que as outras, mas tem a mesma natureza que as outras enfermidades[69] e a mesma origem. Os homens, por causa da

[69]. Em alguns tratados hipocráticos, nota-se uma distinção entre νοῦσος e νόσημα. O primeiro vocábulo, nos tratados que os diferenciam, pertence a uma esfera notoriamente mais abstrata do que νόσημα. O autor do tratado *Da natureza do homem*, por exemplo, todas as vezes que se refere a uma doença ou a um conjunto de doenças determinado, faz uso do termo νόσημα, enquanto prefere νοῦσος para expressar a idéia de doença (v. CAIRUS,1994,

inexperiência e da admiração, acreditaram que sua natureza e sua motivação fossem algo divino, porque ela em nada se parece com as outras doenças. Devido à sua dificuldade de não a conhecer, continuam lhe atribuindo caráter divino, e devido à facilidade do modo de cura pelo qual é curada, engana, pois que curam-na por meio de purgações e encantamentos[70]. Se ela vier a ser considerada sagrada por causa de seu caráter admirável, haverá muitas enfermidades sagradas, e não apenas uma; assim, eu mostrarei outras (doenças) em nada menos admiráveis, nem monstruosas, as quais ninguém acredita serem sagradas. As febres[71] cotidianas, terçãs e quartãs não me parecem ser menos sagradas nem mais engendradas por algum deus do que esta doença, e essas não são admiradas. Por outro lado, vejo homens enlouquecidos[72] e que deliram sem nenhuma motivação aparente, e praticam muitos atos inoportunos, e sei de muitos que soluçam e gritam no sono, que se sufocam, que dão saltos, correm para fora (de suas casas) e deliram até despertarem; depois estão sãos e conscientes como antes, mas pálidos e débeis, e isso ocorre não uma única vez, mas muitas. Há casos muitos e variados, acerca de cada um dos quais poderia haver muito a ser discutido.

(2Jones) Os primeiros homens a sacralizarem esta enfermidade parecem-me ser os mesmos que agora são magos, purificadores, charlatães e impostores, todos os que se mostram muito pios e plenos de saber. Esses certamente, excusando-se, usam o divino para proteger-se da incapacidade de fazer valer o que ministram, e, para que não se tornem evidentes sabedores de nada, declaram esta afecção sagrada. Alegando motivos[73] convenientes, eles aplicam um tratamento para a segurança deles próprios, ministram purificações e encantamentos, e prescrevem que se afaste de banhos e de vários alimentos inapropriados para homens doentes: proibiram o salmonete, o melanuro, o mugem, a enguia — pois esses peixes são os mais perniciosos[74] —, dentre os alimentos marítimos; a cabra, o cervo, o leitão, o cachorro — pois estas carnes são muito perturbadoras do ventre —, dentre as carnes; o galo, a rola, a abetarda, entre as aves; e ainda tudo o que é considerado

---

pp.76-82). No MS, entretanto – malgrado o uso de νόσημα no plural seja bem mais freqüente do que no singular (ao contrário de νοῦσος) –, se há essa distinção, ela não se mostra tão claramente como em outros tratados, mas, ainda assim, marquei, na tradução, a opção lexical do autor, traduzindo νοῦσος por 'doença', e νόσημα por 'enfermidade'. Pode-se notar, ainda, uma distinção entre esses dois termos e um terceiro- – νόσευμα -, que ocorre no *Ares, águas e lugares* (AAL). Por νόσευμα, entende-se 'caso específico de enfermidade'.

[70]. Por encantamento traduziu-se o termo ἐπαιοδή. A prática encantatória é registrada em Homero (*Od.*XIX, 455) e já desempenhava funções terapêuticas; Heródoto, contudo, explica que os persas entoavam cânticos teogônicos em seus rituais sacrificatórios, e que esses cânticos eram ἐπαοιδαί (Her.I,133).

[71]. A teoria dos quatro graus de febre não é unânime no CH, onde à febre se impõem vários recortes. Por isso, esta passagem aproxima o MS do tratado NH, no qual é exposta e explicada essa tese (15Littré). Segundo o *NH*, as febres, conforme a influência dos dois tipos de bile, se dividem em cotidianas, contínuas, terçãs e quartãs.

[72]. μαινομένους. Essa é única ocorrência no tratado de uma palavra cognata de μανίη (loucura).

[73]. λόγους ἐπιλέξαντες : dada a amplitude semântica da palavra λόγος, traduzi-a conforme o contexto, sem manter-lhe, naturalmente, uma correspondência constante, como, de resto, faço com os vocábulos que julgo portadores de uma significação especialmente relevantes às idéias centrais do tratado.

[74]. ἐπικαιρότατοι. Littré: "incomodam mais". Gual: "mais mortíferos".

vigorante. Dentre os legumes, proibiram a menta, o alho, a cebola — pois o sabor picante em nada convém a um debilitado —; prescreveram não portar vestimenta negra — pois o negro lembra a morte[75]—, nem se cobrir ou se vestir com pele de cabra, nem colocar um pé sobre o outro, nem mão sobre mão — pois tudo isso são proibições. Eles impõem tais coisas tendo em vista o aspecto divino, alegando, como grandes sabedores, outras motivações, a fim de que, se o doente se tornar são, a glória e a destreza lhes sejam atribuídas; mas se ele morrer, que suas justificativas sejam apresentadas de modo seguro, e aleguem[76] que os causadores não são eles, mas os deuses; pois não lhes deram remédio algum nem para comer, nem para beber; nem os acalmaram com banhos, de sorte a parecerem ser esses a causa. Parece-me que, entre os líbios, habitantes do interior da terra[77], ninguém goza de saúde, porque eles se cobrem com peles de cabras e se alimentam de carne de cabras, jamais possuem colchões, nem vestimentas, nem calçados que não tenham sua origem na cabra. Pois não têm outro rebanho senão cabras e bois. Se tais coisas utilizadas e ingeridas engendram e aumentam a doença, e não ingeridas curam-na, então o deus[78] não é o causador de nada, nem os purificadores são úteis; mas os alimentos são os que curam e prejudicam, e furta-se o poder[79] do divino.

(3Jones) Assim, parece-me que aqueles que se empenham para curar dessa maneira essas enfermidades não a consideram nem sagrada, nem divina. Quando as doenças são afastadas por meio de tais purgações e desse tratamento, que lhes impede de, por meio de outros artifícios semelhantes, sobrevir e recair sobre os homens? Portanto, não há causa divina, mas humana. Pois quem, procedendo a purgações e magia, é capaz de apartar esta afecção, este, por meio de seus artifícios, poderia atrair outras, e, com esse argumento, está eliminado o aspecto divino. Dizendo e maquinando tais coisas, fingem saber mais e enganam os homens prescrevendo-lhes purificações e purgações[80]. Muito do seu argumento não

---

[75]. θανατῶδες. lit.: 'semelhante à morte'

[76]. πρόφασις foi excepcionalmente traduzido aqui por "alegação". Normalmente, adotei para esse termo a tradução 'motivação'; contudo, a extensão semântica desse vocábulo grego não encontra equivalente no vernáculo.

[77]. A referência ao deserto, sítio ocupado pelos líbios, e aos hábitos desse povo indica, pela primeira vez no texto, a proximidade entre este tratado e o AAL.

[78]. O sintagma ὁ θεός parece ser aqui empregado com o mesmo sentido que lhe davam alguns pensadores pré-socráticos, quando se referiam à natureza divina, e não a um deus antropomorficamente concebido. As alusões pré-socráticas a um deus redundaram em muitas especulações filosóficas e teológicas, especialmente por parte da literatura patrística, que nelas via um pressentimento da verdade monoteísta. O polêmico fragmento B23 DK de Xenófanes, conservado por Clemente de Alexandria que assim pretendia demonstrar que, para aquele filósofo, Deus é uno e incorporal, afirma que "um só é o deus, maior entre deuses e homens". Mas a contradição em termos deste fragmento — assim como as várias outras ocorrências contraditórias do vocábulo θεός nos pensadores pré-socráticos, sobretudo nos monistas — dá ensejo a uma gama de discussões das quais o estudo do *MS* deve participar.

[79]. A palavra δύναμις foi aqui traduzida por 'poder'.

[80]. ἁγνείας τε καὶ καθαρότητας

tange nem ao divino nem ao númico[81]. Não me parecem fazer seus discursos sobre a piedade, como eles pensam, mas antes sobre a impiedade, e, como os deuses não existem, o piedoso e o divino, para eles, é o não–piedoso[82] e o sacrílego, como eu ensinarei.

(4Jones) Pois se prometem saber baixar a lua, ocultar o sol, produzir o inverno e o bom tempo, a tempestade e a seca, e tornar o mar estéril e também a terra, e fazer tantas outras coisas semelhantes, os que praticam isso, seja através de ritos, seja através de qualquer outra técnica ou prática, dizem que são capazes de transformar isso tudo; então, a mim, eles parecem ser ímpios, não acreditar existirem deuses, nem, se eles existissem, que eles tivessem algum poder, nem que poderiam impedir nenhum dos atos extremos. E, praticando tais atos, como não seriam terríveis aos próprios deuses? Pois nem se um homem, utilizando a magia e sacrifícios, fizesse a lua descer, eclipsasse o sol e produzisse o inverno e o bom tempo, eu não acreditaria que algum desses atos fosse divino, senão (somente) humano, se é que o poder do divino está dominado e servilizado pelo conhecimento do homem. Talvez não seja assim, mas os homens necessitados de subsistência[83] maquinam muitas coisas e de todos os tipos, e transformam-nas em todas as outras e nessa doença, atribuindo a causa de cada tipo de afecção a um deus. Não se referiram a isso uma única vez, mas muitas.

Se imitam uma cabra, se rugem, se têm convulsões para a direita, dizem que a Mãe dos deuses é a causa. Se emitem sons mais agudos e fortes, parecem cavalos, e dizem ser Poseidon a causa. Se também sobrevier algum excremento, o que freqüentemente ocorre aos que sofrem a violência dessa doença, o qualificativo 'Enódia' lhe é acrescentado. Mas se (os sons) são ligeiros e freqüentes, como os dos pássaros, a causa é Apolo Nômio. Se sai espuma da boca e batem os pés, Ares tem a responsabilidade[84]. Quanto a todos os temores noturnos e medos, aos delírios[85], aos saltos para fora da cama, às (visões) apavorantes e ao

---

[81]. ὅ τε πουλὺς αὐτοῖσι τοῦ λόγου ἐς τὸ θεῖον ἀφήκει καὶ τὸ δαιμόνιον. – Littré, muito apropriadamente, não vê esta oração introduzida nem por ὅτε (quando) — conforme o testemunho documental por ele privilegiado — , nem por ὅτι (que, porque) — como pretende Dietz; mas simplesmente por ὅ τε. Tal opção retira da assertiva o suposto caráter causal ou temporal.

[82]. O termo "não-piedoso" distingue-se de "ímpio" na tradução. O primeiro tenta traduzir a idéia de ἀσεβής, o segundo, a de δυσσεβής. Pretendo, com isso, apenas tentar preservar a distinção que o próprio autor parece fazer entre esses dois termos.

[83]. O termo textual, aqui traduzido por subsistência, é βίος ('vida'). Contudo, considerando a relevância do emprego desse termo, cabe-me registrá-lo.

[84]. Para a palavra αἰτίη, que normalmente traduzi por 'causa', encontrei, desta vez, melhor correspondente no vocábulo 'responsabilidade', uma vez que o autor mesmo rompe com a estrutura frasal que vem mantendo ao atribuir as causas aos outros numes. A palavra αἰτίη é empregada da mesma forma em 17Littré, onde foi traduzida por 'função', visto tratar-se de um episódio fisiológico, e não de uma divindade.

[85]. παρανοίη.

fato de darem por si fora de casa, dizem haver incursões de Hécate e ataques dos heróis. Utilizam purgações[86] e encantamentos, e transformam em divino o que há de mais sacrílego e distante do divino, como me parece. De fato, eles purificam aqueles tomados por alguma doença hemorrágica ou por outras desse tipo, como os que têm algum miasma[87], ou os que carregam uma maldição, ou os enfeitiçados[88] por homens, ou os que cometeram alguma obra sacrílega, e esses deviam empreender práticas inversas: sacrificar, suplicar e, indo aos templos, rogar aos deuses[89]. Agora, já não fazem nada disso, mas somente purgam. E escondem os objetos das purgações com terra, ou os atiram ao mar, ou os levam para as montanhas, onde ninguém os apanhará nem os pisará. Mas levando-os ao deus, deviam ofertar ao deus, se, de fato, um deus é o causador.

Realmente, eu avalio que o corpo do homem não é maculado por algum deus: o mais mortal, pelo mais puro possível; mas, se acaso for maculado ou por outro algo ou se passível de outra coisa, poder-se-ia esperar ser purgado e purificado[90] por um deus, mais do que ser maculado. Então, o divino é o purgador de nossos maiores erros e sacrilégios, aquilo que os purifica e que se torna nosso detersório. Nós mesmos, fixando os limites dos templos e das regiões sagradas, para que ninguém os ultrapasse se não estiver puro, ao entrarmos neles, procedemos à ablução, não como maculados, mas como para sermos purificados de alguma impureza que tivéssemos antes. E, sobre as purgações, eis o que me parece.

---

[86]. Essa passagem é muito controversa entre as fontes. Littré expõe as divergências em seu aparato crítico, acrescidas da relevante opinião de M. Lobeck, que prefere ler esse período da seguinte forma: καθαίρουσι τοὺς ἐχομένους τῇ νόσῳ, αἵμασι καὶ τοῖσι ἄλλοισι τοιούτοισι μιάσμασι ἔχοντας ἀλάστορας ἢ πεφαργμένους etc. [purificam os tomados pela doença, os malditos pelos sangues e por outros miasmas equivalentes, ou enfeitiçados etc.]. Lobeck privilegia os manuscritos FGIJKZ, enquanto Littré e Jones preferem a solução apresentada pelos códices κ ι θ, apenas substituindo o μιάσματι por μίασμά τι.

[87]. O termo *miasma* em nosso idioma — no qual essa palavra significa 'emanação deletéria' — não tem o mesmo significado que no grego, onde designa a mácula moral hereditária ou física (*De flatibus*,5). O espectro semântico do termo grego μίασμα apresenta uma considerável confluência com a amplitude do vocábulo 'mácula'. Contudo, o termo 'miasma' (e suas leves variantes de acordo com as línguas modernas européias) passou a integrar o jargão neo-hipocrático com o sentido que atualmente lhe é conferido. Assim, adotei, para o termo μίασμα a tradução 'miasma', e para o verbo μιαίνω, do qual μίασμα deriva, a tradução 'macular'.

Laín Entralgo (1970, p.191), ao escrever acerca da distinção entre λῦμα e μίασμα, lembra que ambas as palavras foram usadas primeiramente para significar sem distinção uma mácula física, religiosa e moral. Assim, no primeiro canto da *Ilíada*, a palavra relacionada à peste é λῦμα, e, em *Édipo rei*, o termo empregado é μίασμα. Naturalmente, a opção entre os dois termos merece um estudo individualizado de casos, porquanto o que os distingue é precisamente o fato de λῦμα, ao contrário de μίασμα, dizer respeito à mácula delével. Ainda segundo Laín Entralgo, a medicina hipocrática, respaldada na fisiologia pré-socrática, especializará semanticamente os termos por via de um novo critério; do que será conseqüencia que λῦμα venha a significar a fluxão deletéria interna, e μίασμα, a emanação maléfica de ar, que passa ao sangue e altera a φύσις do homem. De fato, é com o sentido que nos aponta Laín Entralgo que se vai encontrar λῦμα em *Das glandes* (12Littré), enquanto μίασμα realmente figura com o significado de 'emanação mórbida' em *Dos ventos*. Contudo, vale lembrar que a datação do tratado *Das glandes* não consiste em consenso entre os helenistas; portanto, não se exclui a possibilidade de uma concorrência semântica entre os dois termos em um determinado momento da Escola hipocrática.

[88]. πεφαρμαγμένους, portanto, lit. 'enfeitiçados por uma poção'. Jones: πεφαρμακευμένους.

[89]. O tratado *Da dieta*, que Joly (1967, p. xx) data de c.400a.C., insiste três vezes (11, 87 e 93Littré) na necessidade de se dirigir preces aos deuses paralelamente ao tratamento dietético. Embora o verbo usado no *Da dieta* seja εὔχομαι, e não ἱκετεύω, como no *MS* – onde esse verbo ladeia εὔχομαι –, nota-se o quanto divergem os dois textos.

[90]. O verbo 'purificar' afigurou-se-me uma solução para refletir a distinção que o autor faz entre καθαιρέω (purgar) e ἁγνεύω (purificar). A opção de tradução se deve, sobretudo, ao fato de o verbo ἁγνεύω ser cognato de ἁγνός. Cabe, contudo, lembrar que não se deve deixar de levar em consideração o sentido ritualístico do termo καθαρμός.

2Littré (5Jones). Essa enfermidade não me parece em nada ser mais divina, mas tem a mesma natureza que as outras doenças, e a motivação da qual cada uma delas provém. Mas, quanto à natureza e à motivação, parece-me ser esta doença divina pela mesma razão que o são todas as outras, e também ser curável em nada menos do que as outras; a não ser que já esteja fortalecida por sua longa duração, a ponto de ser mais forte do que os remédios ministrados. Começa, assim como as outras doenças, conforme a estirpe[91]. Se, pois, de um fleumático nasce[92] um fleumático, de um bilioso, um bilioso, de um tísico, um tísico[93], e de um esplenético, um esplenético, o que impede que algum dos filhos tenha (a doença) que tinham o pai e a mãe? Pois a semente[94] vem de todos os lugares do corpo: das partes sãs, vem sã; das doentes, doente[95].

> Outra grande prova de que esta não é em nada mais divina do que as outras enfermidades: nos fleumáticos ocorre por natureza, e jamais sobrevém aos biliosos. Se realmente fosse mais divina do que as outras, essa doença necessariamente acometeria todos da mesma forma, e sem distinguir o bilioso nem o fleumático.

3Littré (6Jones). Mas, de fato, o cérebro[96] é o causador dessa afecção, assim como das outras doenças gravíssimas; de que maneira ocorre e a partir de qual motivação é o que exporei claramente. O cérebro do homem é duplo, assim como os de todos os outros animais[97]. Uma leve membrana o divide ao meio. Por isso, não se sente dor sempre no

---

[91] A tradução de γένος por 'estirpe' não oferece senão uma sombra da idéia que o vocábulo grego representa. Pesa sobre a palavra γένος um espectro semântico que o vincula amplamente à idéia de origem. Entende-se, pois, que o raciocínio desenvolvido sobre a idéia que esse termo sintetiza seja acerca da hereditariedade dos fenômenos fisiológicos.

[92] A tese consta, como premissa, em AAL, 14Littré: Ει οὖν γίνονται ἔκ τε τῶν φαλακρῶν φαλακροὶ καὶ ἐκ τῶν γλαυκῶν γλαυκοὶ καὶ διεστραμένων στρεβλοὶ, ὡς ἐπὶ τὸ πλῆθος καὶ περὶ τῆς ἄλλης μορφῆς ὁ αὐτὸς λόγος, τί κωλύει καὶ ἐκ μακροκεφάλου μακροκέφαλον γίνεσθαι; [se os calvos nascem dos calvos; os cegos, dos cegos, e os estrábicos, daqueles que têm (os olhos) torcidos, como ocorre geralmente, e se o mesmo raciocínio (λόγος) se aplica às outras compleições, o que impede que nasça um macrocéfalo de um macrocéfalo?]

[93]. Observe-se que a palavra φθινώδης, que traduzi por 'tísico', significa mais precisamente 'aquele que padece de consumpção'. A tradução, de motivação etimológica, baseia-se no uso vernacular mais antigo da palavra 'tísico', no qual esta convergia semanticamente para o termo 'héctica'.

[94] A palavra γόνος significa uma espécie de semente condutora de genotipias. Essa semente provinha tanto do homem quanto da mulher, conforme assevera o *Da geração* (8Littré): τῆς γυναικὸς καὶ τοῦ ἀνδρός. A tradução por 'sêmem' é tão comum quanto inadequada.

[95]. Essa doutrina é exposta exatamente da mesma maneira em AAL, XIV.

[96]. Tertuliano (*De anima*, 15,5) parece concluir dessa assertiva que a alma "in cerebro cubat secundum Hippocratem" [está contida no cérebro, segundo Hipócrates]. Naturalmente, não há elemento textuais que sustentem essa conclusão, inclusive porque não ocorre no tratado a palavra ψυχή; contudo, é interessante notar como era feita a leitura do *MS* no século III d.C, ainda mais se levarmos em consideração que o livro de Tertuliano baseou-se no médico efésio Sorano (cf. QUASTEN, 1984, p.587), que escreveu, entre 210 e 213 AD, uma obra em quatro livros acerca da alma (Περὶ ψυχῆς). Nesse escrito, Sorano, seguindo os estóicos que se esforçavam para ver-se de acordo com Hipócrates, e professa a sua fé em que a alma é exclusivamente corporal.

[97]. O termo ἄλλοισι (outros) coloca o homem entre os animais. Este mesmo raciocínio é desenvolvido em AAL (19Littré), quando o autor demonstra a influência do meio sobre o corpo do homem, através da observação dos animais selvagens. Mesmo no capítulo anterior, o autor sentencia ao descrever a região dos citas: οὐ γὰρ ἔχουσι

mesmo lugar da cabeça, mas em uma das partes, e, por vezes, na cabeça inteira. E as veias se estendem até ela, vindo de todo o corpo[98], muitas e finas, mas duas grossas: a que vem do fígado e a que vem do baço. A que vem do fígado se comporta assim: uma parte da veia estende-se para baixo, pelo lado direito, ladeando o rim e os músculos lombares, até o interior da coxa, e atinge o pé, e é chamada de veia cava; uma outra se estende para cima, através dos diafragmas[99] direitos e do pulmão, e se divide e vai ao coração e ao braço direito. O resto se eleva pela clavícula até o lado direito do pescoço, até a própria pele, de sorte a ser visível. Oculta-se perto do ouvido e nele se separa. A parte mais grossa, maior e mais calibrosa[100] termina no cérebro; outra parte, sendo uma pequena veia fina, vai ao ouvido direito; uma outra vai ao olho direito e uma outra vai à narina. Assim são as veias que vêm do fígado. A veia que vem do baço estende-se até o lado esquerdo, tanto para baixo, quanto para cima, assim como a que vem do fígado, porém mais fina e mais fraca.

[οἱ βοῦς] κέρατα ὑπὸ τοῦ ψύχεος [os bois não tinham chifres por causa do frio]. A explicação é a mesma encontrada em Heródoto (VI,29): Δοκέει δέ μοι καὶ τὸ γένος τῶν βοῶν τὸ κόλον διὰ ταῦτα οὐ φύειν κέρεα αὐτόθι (....) ὀρθῶς εἰρημένον, ἐν τοῖσι θερμοῖσι ταχὺ παραγίνεσθαι τὰ κέρεα· ἐν δὲ τοῖσι ἰσχυροῖσι ψύχεσι ἢ οὐ φύει κέρεα τὰ κτήνεα ἀρξὴν ἢ φύοντα φύει μόγις. [parece-me ser por isso (i.e., por causa do frio da Cítia) que a raça mocha de bois não cria chifres (....) isso (i.e., o verso de Homero sobre os chifres dos carneiros líbios, *Odisséia, IV*, 85) está corretamente dito, que, nos (lugares) quentes, os chifres crescem rápido; nos (lugares) muito frios, ou os animais não criam chifres, ou os criam com dificuldade]. Todavia, esse comentário de Heródoto, conquanto consonante ao raciocínio do tratado hipocrático, ao de Aristóteles (*História dos animais*, VIII, 28, 606a) e ao do tardio Estrabão (VII, 3, 18), não se estende à natureza humana, e, portanto, não consiste em uma reflexão de cunho médico. Nota-se ainda que Heródoto não inclui o homem entre os animais.

[98]. Esta tese parece ser contrária à defendida no *Da natureza do homem*, cujo décimo primeiro capítulo (Littré) é uma pormenorizada descrição do percurso que quatro pares de veias fazem a partir da cabeça. Contudo, pode ser essa aparente discordância fruto da indistinção, por parte desses dois tratados, entre veia e artéria, que só serão distinguidas no tratado *Das articulações* (45Litttré), que Jouanna (1992, p.540) data do final do século V ou do começo do século IV a.C. De qualquer forma, o percurso do sangue num e noutro tratado é muito diferente. Precisamente o décimo primeiro capítulo (Littré) do tratado *Da natureza do homem* é transcrito por Aristóteles em sua *História dos animais* (III, 512b12-513a7), onde a obra hipocrática é atribuída a Políbo, discípulo e genro de Hipócrates.

[99]. A palavra φρήν significa ordinariamente nos tratados hipocráticos a membrana que separa o coração dos pulmões. Observando-se o emprego do plural (só há uma única ocorrência do singular dessa palavra em todo o *CH*: *Pren.*, 34, 571) e o percurso descrito, pode-se concluir que se trata dessa membrana, e não do músculo que normalmente designamos por 'diafragma'. O uso da palavra 'diafragma' com o sentido que lhe confere o *MS* é comum no jargão médico moderno. Convém comentar também que a definição e o registro mais antigo do termo διάφραγμα ('divisão') que nos foram legados é da lavra de Platão (*Timeu*, 70a e 84d), para quem o vocábulo designava um atributo do φρήν, que, por sua vez, é explicado como "uma espécie de alma mortal": τὸ τῆς ψυχῆς θνητὸν γένος. Contudo, o tratado *Dos ventos* (10Littré), sem usar o termo διάφραγμα, insinua-o na expressão φραγμὸς ὁ τῶν φρενῶν.

Os tratados *Epidemias V* e *Epidemias VII* apresentam, cada um, uma ocorrência do termo διάφραγμα (respectivamente, em 95 e 121Littré). Essas duas ocorrências apresentam o termo grego com o sentido atual da palavra 'diafragma'; todavia, as partes de ambos os tratados em que o termo figura são situadas por Jouanna (1992, p. 532) num lapso entre 358-7a.C., posto que em todos os dois há uma referência ao sitiamento de Datos por Filipe da Macedônia, a propósito de um ferido por catapulta.

[100]. κοιλότατος — superlativo do adjetivo que designa a veia cava; pela inadequação vernacular da expressão 'mais cava', adotei a tradução 'mais calibrosa' (que figura no jargão médico da língua portuguesa), com algum prejuízo da esmerada precisão vocabular peculiar deste tratado. Todavia, vale lembrar que, com o adjetivo κοῖλος, o autor refere-se ao calibre do vaso sangüíneo, como fica claro nos inícios dos capítulos 9 e 10Littré deste tratado. O termo 'veia cava' adquiriu seu sentido atual por meio da tradução latina da obra de Galeno, onde κοίλη φλέψ já apresentava o significado requerido pela anatomia nossa contemporânea. Durling (1993, p. 206) refere-se a 16 ocorrências dessa expressão na obra de Galeno, sempre com o sentido do que é atualmente designado por 'veia cava', e acusa a existência de outras várias ocorrências com o mesmo significado. Onde o vernáculo permitiu, mantive a tradução 'cavo' para este adjetivo, posto que, malgrado a lanhura ao jargão médico em vigor, o vocábulo se preserva no seio de nossa língua, e seu significado seja adequado à idéia do autor.

4Littré (7Jones). Através dessas veias recolhemos a maior parte do fôlego[101], pois essas são respiradouros do nosso corpo, atraindo o ar até elas, e o conduzem ao resto do corpo, através de pequenas veias; esfriam e retornam. O fôlego, então, não podendo permanecer parado, move-se, contudo, de cima a baixo. Porque, se permanecer em algum lugar e for retido, a parte onde ele permanece torna-se impotente[102]. Eis a prova: quando se está sentado ou deitado, as veias são pressionadas, de modo a não passar o fôlego pela veia, em seguida ocorre entorpecimento[103].

É assim que ocorre com as veias[104].

5Littré (8Jones). Contudo, a doença acomete os fleumáticos[105], mas não nos biliosos. Começa a criar-se no embrião, quando ele ainda está no útero. De fato, também o cérebro, assim como as outras partes, purifica-se e floresce antes mesmo do nascimento. Se, nessa purgação, for devidamente purgado e na medida exata, e caso flua nem mais nem menos do que o devido, tem-se, então,a cabeça totalmente sã[106]. Mas, se há fluxo excessivo

---

[101]. Embora Littré, Gual e Mandhilaras traduzam πνεῦμα por 'ar', preferi traduzir o termo por 'fôlego', para diferenciá-lo de ἠήρ (át. ἀήρ). Jones parece-me melhor sucedido em sua escolha pelo termo inglês *'vents'*, que não encontra correspondente exato em nosso idioma, mas que se enquadra com precisão no aspecto semântico que o termo vai adquirir em 13Littré, onde, de fato, o autor faz uso da palavra πνεῦμα para expressar também a idéia de 'vento'.

[102]. O termo ἀκρατής, aqui traduzido por 'impotente', conforme o sentido apreendido através do aforismo VII,40 (LITTRÉ, IV,588; JONES, IV, 202): ἢν ἡ γλῶσσα ἐξαίφνης ἀκρατὴς γένηται, ἢ ἀπόπληκτό τι τοῦ σώματος, μελαγχολικὸν τὸ τοιοῦτο γίνεται [se subitamente a língua se torna impotente (ἀκρατής) ou uma parte do corpo fica paralisada (ἀποπληκτόν), eis um sinal de atrabílis]. A relação entre a impotência das partes do corpo e da paralisia com a bile negra está presente em *Das doenças I* (2Littré) e *Das Doenças II* (6Littré). Jouanna (1983, p. 220) disserta sobre a diferença entre ἀπόπληκτος e ἀκρατής, e conclui que, mesmo tendo esses termos um significado próximo e se aplicando à idéia de impotência, é preciso reconhecer que o primeiro vocábulo designa uma paralisia súbita. Em uma nota à sua edição e tradução do tratado *Ares, águas e lugares* (5Litttré), Jouanna (p.214, n.2) defende a tradução de ἀκρατής por 'impotente', alegando que a tradução usual 'sem força' tem uma intensidade menor do que o original.

[103]. O capítulo 14Littré do tratado *Dos ventos* é dedicado às causas da 'doença dita sagrada'. Porém, as causas apresentadas pelo tratado *Dos ventos* diferem consideravelmente das causas alegadas pelo *MS*. Para o autor do *Dos ventos*, a causa da 'doença sagrada' é a obstrução, provocada pelo ar, da passagem do sangue; enquanto o *MS* considera que a 'doença sagrada' provém do bloqueio que o fleuma impõe à circulação do ar. Malgrado as divergências entre os dois textos, é notável como esta passagem atribui ao ar as mesmas propriedades que o referido capítulo do tratado *Dos ventos*:

> Ἐπειδὰν οὖν ἐς τὰς παχέας καὶ πολυαίμους τῶν φλεβῶν πολλός ἀὴρ βρίσῃ, βρίσας δὲ μείνῃ, κωλύεται τὸ αἷμα διεξιέναι (...) ἀνομοίης δὲ τῆς πορείης τῷ αἵματι διὰ τοῦ σώματος γινομένης, παντοῖαι αἱ ἀνομοιότητες· πᾶν γὰρ τὸ σῶμα πανταχόθεν ἕλκεται καὶ τετίνακται τὰ μέρεα τοῦ σώματος ὑπηρετέοντα τῷ ταράχῳ καὶ θορύβῳ τοῦ αἵματος. [Quando então o ar abundante chega às veias espessas e que contêm muito sangue, exerce uma pressão e continua exercendo essa pressão, e o sangue fica impedido de passar (...) Tornando-se irregular o andamento do sangue pelo corpo, ocorrem irregularidades de todo o tipo: o corpo todo é tomado por todos os lados, e as partes do corpo se agitam, submissas ao bulício e ao rumor do sangue].

[104]. Gual e Jones privilegiam o ms. θ e omitem καὶ τῶν λοιπῶν [e o resto]. Esta tradução, desunindo-se excepcionalmente do estabelecimento de Littré, adotou a opção de Jones.

[105]. Seguindo Littré, Gual e Jones (e também Jouanna, em AAL 10Littré), esta tradução também não reconhece qualquer distinção entre φλεγματίης e φλεγματώδης. Assim, o termo φλεγματίης é aqui traduzido por 'fleumático', como o fora o vocábulo φλεγματώδης (2Littré).

[106]. A teoria da purgação do cérebro é a mesma que se nota no tratado *Ares, águas e lugares* (10Littré). Da palavra δυσεντερίη, que figura neste trecho do AAL (o termo aparece cinco vezes no tratado), não há nenhuma ocorrência no *MS*; entretanto, a comparação dos dois tratados revela claramente a convergência de idéias acerca da purgação do cérebro nos fleumáticos. O AAL acrescenta ainda algumas informações sobre o destino dos coléricos, que, segundo o tratado, não sofrem da doença, mas morrem subitamente, quando o inverno é austral, chuvoso e brando, mas a primavera é boreal, seca e invernal (v. *infra* p.101).

proveniente de todo o cérebro, e a coliquação se torna abundante, ao crescer, o indivíduo terá a cabeça adoentada e repleta de barulho, e não suportará o sol nem o frio. Se o fluxo provém de somente uma parte, ou do olho, ou do ouvido, ou se alguma veia se resseca, essa parte fica lesada na proporção em que se dá a coliquação. Se, porém, não ocorrer a purgação, mas o fluxo se condensar no cérebro, então o indivíduo será necessariamente fleumático.

Naqueles em que, quando crianças, brotam erupções na cabeça, nas orelhas e em outra parte da pele, e ocorre fluxo salivar e muco nasal, neles, essas coisas vão apresentando melhora com o avançar da idade. Então, é liberado e expurgado o fleuma que deveria ter sido purgado no útero. E a quem for assim purgado, geralmente não ocorre este mal. Aqueles que forem assim purgados, não são geralmente atingidos[107] por essa doença. Mas aqueles que estão purgados, e nenhuma ulceração, nem muco e nenhuma saliva lhes sobrevém; nem procederam, dentro dos úteros, à purgação; para tais indivíduos, há o risco de serem tomados por essa doença.

6Littré (9Jones). Se, porém, o fluxo tomar o rumo do coração, sobrevém palpitação e acessos de asma, e o peito fica lesado, e alguns ficam curvados. Quando o fleuma frio desce sobre o pulmão ou sobre o coração, o sangue se esfria; as veias violentamente esfriadas pulsam contra o pulmão e o coração. O coração palpita, de sorte a sobrevirem necessariamente os acessos de asma e a ortopnéia; pois o indivíduo não recebe a quantidade de fôlego que deseja, até que o fluxo do fleuma seja controlado e derramado, aquecido, pelas veias. Em seguida, cessam a palpitação e acesso de asma; mas cessam na medida em que há excesso. Se flui muito, cessa lentamente; se flui pouco, mais rápido. E se os fluxos forem mais freqüentes, mais freqüentes tornam-se os ataques; se não, tornam-se mais raros. Então, eis o que acontece se o fluxo atinge o pulmão e o coração. Se atinge o ventre[108], ocorrem diarréias.

7Littré (10Jones). Se (o fleuma) fica bloqueado nesse trajeto produz-se o fluxo para as veias das quais já falei; o indivíduo torna-se afônico e fica sufocado, e cai-lhe espuma da boca. Os dentes se cerram, as mãos se contraem, os olhos reviram, o indivíduo perde a consciência, e alguns eliminam excremento. Essas coisas ocorrem às vezes pelo lado esquerdo; outras vezes, pelo direito, e outras ainda, por ambos os lados.

[107]. ἐπίληπτα. Essa é a primeira ocorrência, no tratado, de um termo cognato de 'epilepsia'. Tanto neste, quanto em Af. III, 16Littré (aparentemente a ocorrência mais antiga do termo no CH), o adjetivo se refere a um tipo de manifestação mórbida, e não a uma doença. Mas, no referido aforismo, o termo parecia referir-se a um completo quadro sintomático, enquanto este tratado utiliza o vocábulo para aludir à intensidade do ataque. No capítulo seguinte do tratado, notar-se-á uma ocorrência do verbo ἐπιλαμβάνω, do qual o adjetivo ἐπίληπτος deriva.

[108]. A palavra que o autor utiliza para designar 'ventre' é κοιλίη. Também no AAL, há o emprego da palavra κοιλίη (com 22 ocorrências), mas há também a palavra γαστήρ, que ocorre 7 vezes em todo o tratado. A variação entre os dois temos não é, contudo, livre. Observando-se os tratados *Epidemias VII* (60Littré), *Das doenças I* (15Littré), *Da natureza do homem* (11Littré), pode-se notar que γαστήρ designava topograficamente o ventre, enquanto κοιλίη, talvez por sua cognação com o adjetivo κοῖλος bastante empregado no MS, indica o ventre do ponto de vista fisiológico, o que naturalmente está muito mais associado seu interior côncavo.

Eu explicarei como acontece cada uma dessas coisas. O indivíduo torna-se afônico quando repentinamente o fleuma que foi para as veias bloqueia o ar, e não é recebido pelo cérebro, nem pelas veias cavas, nem pelas cavidades, mas intercepta a respiração; porque quando o homem toma o fôlego pela boca e pelas narinas, este chega primeiramente ao cérebro; em seguida, vai majoritariamente para o ventre, uma parte ainda vai para o pulmão, e outra, para as veias. Dessas partes, o fôlego distribui-se às outras através das veias. O que chega ao ventre, resfria o ventre, e não serve para nenhuma outra coisa. O ar que é lançado ao pulmão e às veias, chegando às cavidades e ao cérebro, torna, dessa forma, possíveis[109] o pensamento e o movimento dos membros; de sorte que, quando as veias são privadas do ar por causa do fleuma, e não o recebem, o homem torna-se afônico e sem consciência. As mãos tornam-se impotentes, e contorcem-se, uma vez que permanece o sangue imóvel e não se distribui, como de costume. Os olhos reviram, posto que as veias não recebem ar e tornam-se túrgidas. Provinda do pulmão, a espuma sai da boca; pois quando o fôlego não entra nele, o indivíduo espuma e ebule, como se estivesse morrendo. O excremento sobrevém por força do sufocamento, e há sufocamento quando o fígado e o ventre são pressionados para cima, em direção aos diafragmas, e há obstrução na boca do estômago[110]. Ocorre pressão, quando o fôlego não entra na boca, como de costume. O indivíduo bate os pés quando o ar é interceptado nos membros e não é capaz de escorrer para fora, devido ao fleuma. (O ar), lançando-se para cima e para baixo através do sangue, produz espasmo e dor; por isso, o indivíduo esperneia. Tudo isso ocorre, quando o fleuma frio flui para o sangue, que é quente, pois o sangue esfria e se estagna. Se o fluxo for abundante e espesso, o indivíduo morre imediatamente. Pois o fluxo de fleuma supera o sangue através

---

[109]. Em LITTRÉ, o verbo παρέχω é traduzido por "produire"; em GUAL, por "procurar", e, em JONES, por "to cause". Contudo, não considero que o autor tivesse o objetivo de estabelecer uma relação direta de causa-efeito entre a chegada do ar ao cérebro e a φρόνησις (pensamento) e a κίνησις (movimento).

[110]. Esta é a única ocorrência, no CH, da expressão στόμαχος τῆς κοιλίης. No CH, não há um termo específico para designar 'estômago', que ora recebe o nome de γαστήρ, ora de κοιλίη. Alguns tratados, especialmente aqueles considerados da lavra de Hipócrates e de seus epígonos diretos, parecem manter uma coerência interna na nomenclatura relativa a esse órgão. O termo στόμαχος é empregado no AAL (9Littré — 3), acompanhado do genitivo τῆς κύ στιος, para expressar o orifício da vesícula. Esse vocábulo é também encontrado em várias outras passagens do CH com o mesmo significado de orifício de um determinado órgão. Compreende-se, portanto, que o termo é ainda empregado pelo autor do MS com o significado extensivo a partir daquele com o qual é encontrado na *Ilíada* (III, 292), onde a locução στόμαχοι ἀρνῶν significa 'gargantas dos cordeiros' que Agamemnon cortou, imolando-os como selo do pacto firmado entre ele e Príamo. Em Galeno (e também em Plutarco), o vocábulo στόμαχος significa tanto 'boca do estômago', alternando livremente com a expressão στόμα τῆς γαστρός; quanto o próprio 'estômago' (cf. DURLING, 1993, p. 300). Littré, em sua tradução, refere-se à cárdia; contudo, a implicação da consciência do esôfago – referido nominalmente pelo Lexicógrafo francês – parece-me um passo vetado à mera tradução. Todavia, Littré, em *Das doenças das mulheres* (171), traduz στόμαχος por 'esôfago', na passagem em que o autor do tratado explica, entre outros sintomas da metrite, a recusa de alimento por parte do ventre. O tratado *Dos lugares no homem*, datado do VI século a.C., apresenta uma ocorrência do vocábulo οἰσόφαγος (20Littré). A datação do tratado *Dos lugares no homem* poderia ainda recuar, não fosse a ponderação de Jouanna de que o uso justamente do termo οἰσόφαγος não poderia ser muito anterior àquele século, posto que o vocábulo somente voltará a ser empregado, no CH (há uma ocorrência desse vocábulo em Aristóteles, *Das partes dos animais*, II, 3, 9), no curto tratado *Da anatomia*, que Jouanna (1992, p.530) data do período helenístico ou da fase romana.

do frio e o coagula[111]. Mas se esse fluxo for menor, ele controla imediatamente a respiração que está obstruída. Em seguida, depois de algum tempo, quando (o fleugma frio) se espalha pelas veias e se mistura ao sangue abundante e quente, caso seja assim controlado, as veias recebem o ar, e os indivíduos recobram a consciência.

8Littré (11Jones). A maioria das crianças pequenas que são atingidas por ataques dessa doença morre, se o fluxo sobrevier abundante e soprar o noto[112]. As pequenas veias, que são delgadas, não podem receber o fleuma, por causa de sua espessura e abundância; mas o sangue se esfria e coagula, e, assim, o indivíduo morre. Se é pouco o fleuma, produz um fluxo por ambas as veias, ou por uma delas, e, assim, o indivíduo sobrevive, embora marcado[113]; pois a boca fica torta, ou o olho, ou o pescoço, ou a mão; no lugar onde a pequena veia, cheia de fleuma, foi controlada e oprimida. Por causa dessa veia, necessariamente, a parte lesada do corpo é mais fraca e mais incompleta. Mas geralmente isso tem alguma utilidade, por um longo tempo; pois o ataque não mais ocorre, se o indivíduo já tiver sido marcado uma vez. Eis por quê: devido a essa necessidade, as veias restantes são prejudicadas e parcialmente contraídas, de sorte a receberem o ar, mas a não fluir mais o fluxo de fleuma como antes. De fato, é razoável os membros estarem mais fracos, se as veias foram prejudicadas. Mas, aqueles que, em caso de vento do Norte, têm fluxos muito parcos e do lado direito, esses sobrevivem sem qualquer marca; contudo, há o perigo de (a doença) formar-se e aumentar, se não forem tratados com os procedimentos adequados[114]. Assim acontece com as crianças, ou algo muito semelhante a isso.

[111]. πήγνυσιν. O verbo πήγνυμι é traduzido, nesta passagem, como 'congelar' por Littré, Gual e Jones, consoante ao significado do termo em Ésquilo (*Os Persas*, 495), onde se lê: θεὸς (....) πήγνυσιν δὲ πᾶν ῥέεθρον ἁγνοῦ Στρυμόνος [um deus (....) congela toda a correnteza do sagrado Estrimão]. Contudo, em que pese o pouco prestígio que a metáfora e a metonímia gozam no *CH*, penso ser mais apropriada a tradução de Mandhilaras, que prefere traduzir este verbo por πήζω ['coagular', mas também 'congelar']; mas não se pode abstrair a relação entre a idéia de congelamento e o sintoma do calafrio.

[112]. O tratado AAL (7Littré) faz referência à má influência do noto nas águas: ταῦτα [ὕδατα] τοῖσι μὲν νοτίοισι πάνυ πονηρά, τοῖσι δὲ βορεοῖσιν ἀμείνω [Essas (águas são), de fato, ruins por causa do noto, e melhores por causa do bóreas]. Havia, no entanto, no AAL, a umidade como outra variável influente nos malefícios do noto. O autor de AAL (10, 12 e 15Littré), afinado com Af. (III, 11, 12 e 13Littré), lembra que o bóreas seco é tão danoso quanto o noto úmido, e que os dois juntos causam vários males: ἢν δὲ τὸ θέρος αὐχμηρὸν καὶ βόρειον γένηται, τὸ δὲ φθινόπωρον ἔπομβρον καὶ νότιον, κεφαλαλγίαι ἐς τὸν χειμῶνα γίνονται, καὶ βῆχες καὶ βράγχοι, καὶ κορύζαι, ἐνίοισι καὶ φθίσιες [se o verão é seco e com o bóreas, e o outono é chuvoso e com o noto, então, no inverno, ocorre cefalalgia, rouquidão, coriza e, em alguns, a tísica] (Af. III,13). Outra variável, presente tanto em AAL, quanto nos aforismos referidos, é a constituição do indivíduo, sendo a umidade corpórea um agravante das mazelas apresentadas em Af. III,13. Contudo, ainda em AAL (15Littré), numa passagem em que o autor comenta o clima de uma região da Ásia, pode-se notar a relevância do vento austral em sua nosologia, mesmo quando considerado isoladamente de outros fatores.

[113]. ἐπίσημα é o termo grego que designa o sinal distintivo. É com essa acepção que o encontramos nos trágicos (por exemplo, em Ésquilo, *Sete contra Tebas,* 659). No tratado, trata-se de uma seqüela imunizante. A relação entre seqüela e imunidade é um traço empírico do tratado que denota uma admirável postura observadora.

[114]. As traduções de Littré, Gual e Jones subentendem, nesta passagem, a idéia de 'remédio'. Mesmo que se considere que o termo 'remédio' é semanticamente mais abrangente do que a palavra 'medicamento', a proximidade, em nosso vernáculo, entre esses vocábulos, leva-me a considerar a ênfase no fato de se tratar de um procedimento terapêutico em sua íntegra, e não somente na aplicação de um medicamento.

9Littré (12Jones). Aos mais velhos, (a doença) não os mata, quando sobrevém, nem provoca contorções; pois as veias são calibrosas e cheias de sangue quente, por isso, nem o fleuma pode controlá-las, nem o sangue pode esfriar-se, a ponto de coagular-se, mas ele próprio, o fleuma, é controlado, e se mistura rapidamente com o sangue. Dessa forma, as veias recebem o ar e dá-se a consciência, e as marcas já referidas ocorrem reduzidamente[115], por causa do vigor do indivíduo. Aos muito velhos, quando lhes sobrevém essa doença, ela provoca, por essa razão, a morte ou a paralisia, ou seja, porque as veias se esvaziam, e o sangue é parco, rarefato e aquoso. Se, então, há fluxo abundante e for a época de inverno, o indivíduo morre. Pois o fluxo esgana e coagula o sangue, se ele sobrevém por ambos os lados. Se ele ocorre apenas em um dos lados, torna o indivíduo paralítico, porque o sangue não pode controlar o fleuma, uma vez que está rarefato, frio e parco; mas ele próprio, controlado, se coagula, de sorte a tornarem-se impotentes aquelas partes onde o sangue foi suplantado.

10Littré (13Jones). O fluxo ocorre mais para a direita do que para a esquerda, porque aí as veias são mais calibrosas e numerosas do que no lado esquerdo; pois as veias se estendem a partir do fígado e do baço. O fluxo se precipita e se coliqua principalmente nas crianças, se nelas a cabeça for esquentada ou pelo Sol, ou por fogo, e repentinamente o cérebro vier a tremer de frio[116]. A opção por esta tradução denotativa justifica-se principalmente pelo fato de o mesmo verbo; pois então o fleuma se separa[117]. Isso ocorre porque o fleuma se coliqua pelo calor e pela dilatação do cérebro; ele se separa sob a ação do frio e da contração, e assim flui. Em alguns indivíduos, essa é a motivação; em outros, quando o noto repentinamente substitui os ventos boreais, e distende e liberta o cérebro que estava contraído e é vigoroso[118], de sorte a tornar-se demasiadamente abundante o fleuma, e, dessa forma, produz-se o fluxo.

---

115. O adjetivo ἧσσων, que nesta passagem adquire valor adverbial, pode ter tanto o significado quantitativo, quanto o qualitativo. Por essa razão, esse advérbio *ad hoc* foi traduzido por uma expressão que transparecesse essa ambivalência semântica.

116. A opção por esta tradução denotativa justifica-se principalmente pelo fato de o mesmo verbo φρίσσω ser empregado logo abaixo (ainda neste capítulo do tratado) com o sentido denotativo de 'tremer de frio'. Assim, diverge esta tradução das de Littré, Jones e Gual. Um outro argumento para tal opção é a similitude entre o tremor provocado pelo frio e o provocado pela convulsão.

Os manuscritos apresentam esta passagem da seguinte forma: οἷσιν ἂν διαθερμανθῇ ἡ κεφαλὴ ἥν τε ὑπὸ ἡλίου, ἥν τε ὑπὸ πυρός, καὶ ἥν τε ἐξαπίνης φρίξῃ ὁ ἐγκέφαλος. Todavia, Littré suprime a última ocorrência de ἥν τε, justificando-se em longa nota com o argumento de que o esfriamento do cérebro é um fato seqüente ao seu aquecimento, e não de um simultâneo. De fato, o aquecimento aglutinador e o frio dissolvente são os fatores que permitirão o fluxo. Littré lembra ainda que a repetição dos termos ἥν τε conduz facilmente a esse equívoco. A partir de Littré, os estabelecedores preferiram esta opção, e mesmo Jones, cujo texto diverge consideravelmente do de Littré, segue-lhe aqui, lembrando que Reinhold, naturalmente para fortalecer a tese de Littré, acrescenta ainda a expressão ἔπειτα antes de ἐξαπίνης (JONES, 1992, p.165, n.2).

117. O verbo ἀποκρίνω, nesta passagem na qual é empregado em sua forma média, serve-se de seu amplo espectro semântico para implicar nas idéias de 'diluir' e 'desprender'.

118. Littré opta pelo termo εὐσθενέοντα, apoiado apenas no manuscrito H. Os demais manuscritos apresentam ora a forma ἀσθενέοντα, ora a locução ἀσθενέα ὄντα, o que resultaria num significado oposto ao da opção de Littré, e, por conseguinte, contrário ao raciocínio do próprio autor. Os estabelecedores seguintes a Littré adotam a sua medida, e a edição de Jones esclarece, em nota, a sua opção.

O fluxo se derrama também devido a um medo obscuro[119], se o indivíduo teme quando alguém grita, ou ainda se, em meio ao choro, não for capaz de retomar rapidamente o fôlego. Tais coisas ocorrem amiúde com as crianças. Quando ocorre qualquer dessas coisas, imediatamente o corpo treme de frio, e, afônico, o indivíduo não retoma o fôlego, mas o fôlego fica estático; o cérebro se contrai; o sangue estagna-se, e, dessa forma, o fleuma se separa e flui. Nas crianças, essas são as motivações do ataque[120], no que concerne ao seu início. Para os mais velhos, porém, o inverno é muito agressivo. Pois, quando, próximos a um grande fogo, tais indivíduos têm esquentados a cabeça e o cérebro e quando se expõem ao ar livre[121] e são tomados pelo frio, ou quando forem do ar livre a um abrigo, e se sentarem próximos a um fogo, essas mesmas coisas acontecem, e lhes ocorre o ataque, conforme já foi dito. Outro grande perigo é que sofram tais coisas na primavera, se o sol lhes aquecer a cabeça. Mas, no verão, o perigo é muito menor, posto que não há mudanças repentinas.

Quando se tiver ultrapassado os vinte anos, essa doença não mais atinge, senão a poucos ou mesmo a ninguém, a não ser que ela acompanhe o indivíduo desde a infância. As veias estão cheias de sangue, e o cérebro se condensa e torna-se rígido, de sorte que o fluxo não recai sobre as veias, mas, se recair, não controla o sangue , posto que o sangue é abundante e quente.

11Littré (14Jones). Em quem (a doença) vem crescendo e se desenvolvendo desde criancinha, é habitual ocorrer isso durante as mudanças de vento, na maioria das quais lhe sobrevêm ataques e, sobretudo, quando sopram os notos. É difícil livrar-se desses ataques, porque o cérebro tornou-se mais úmido do que o seu natural, e transborda o fleuma, de sorte que defluxões tornam-se amiudadas, e o fleuma não pode mais separar-se, nem o cérebro tornar-se seco, mas esse pode molhar-se e manter-se úmido. Qualquer um pode tomar conhecimento disto principalmente em alguns animais pastoris que são tomados por ataques devidos a essa doença, e especialmente nas cabras, pois essas os têm com freqüência. Se dissecares a cabeça delas, encontrarás o cérebro úmido, em meio a hidropisia, e cheirando

119. ἐπικαταρρέει δὲ καὶ ἐξ ἀδήλου φόβου γινομένου, ... – Littré acrescenta uma vírgula depois de ἀδήλου, o que resulta na seguinte tradução: "O fluxo se derrama por uma causa obscura, por um medo, ...". Contudo, a opção dos demais editores do tratado é a de manter esta passagem sem a vírgula que lhe acrescentou Littré. A objeção de Jones, expressa em nota, à virgula de Littré consiste em argumentar que os exemplos apresentados pelo autor do tratado não são ἄδηλα.

120. Esta é a única ocorrência da palavra ἐπίληψις no tratado.

121. Littré traduz ψῦχος por 'ar livre', e, assim, o opõe a ἀλέη, que vem sendo interpretado como 'abrigo, lugar coberto'. Contudo, cabe assinalar que há dois vocábulos homógrafos (ἀλέη). Um dos quais é derivado de ἥλιος, e designa o calor emanado do Sol; o outro provém de ἀλεύω (proteger). Littré opta pelo segundo, vendo em ψῦχος seu contraposto. Tal opção opõe-se às de Gual e Jones, que preferem traduzir ψῦχος por 'frio', não vendo, assim, qualquer antítese direta entre os dois termos. A favor da opção por 'abrigo' na tradução do termo ἀλέη, têm-se as duas ocorrências do vocábulo em AAL (8 e 19Littré). A primeira dessas é uma oposição irrefutável a αἰθρίη ('ar livre'), numa experiência argumentativa na qual uma certa medida de água deveria ficar ao ar livre (αἰθρίη) durante o inverno, até que congelasse, e depois ser recolhida a um lugar fechado (ἀλέη), para que se descongelasse e se lhe notasse a diminuição de volume.

mal. Nessa evidência, reconhecerás que não é a divindade que corrompe[122] o corpo, mas a doença.

Isso ocorre também com o homem: quando a doença dura muito, torna-se incurável, posto que o cérebro é carcomido pelo fleuma e se coliqua; o que for coliquado torna-se água, que rodeia externamente o cérebro, e banha-o. E, por essa razão, os indivíduos tornam-se mais freqüente e facilmente presas de ataques. Eis por que a doença torna-se duradoura, já que o líquido fluxionário que circunda o cérebro é rarefeito devido a sua abundância, e é imediatamente controlado e aquecido pelo sangue.

12Littré (15Jones). Aqueles que estão habituados perspiram quando estão prestes a ter um ataque e se afastam dos outros, se estiverem perto de casa; se estiverem longe, dirigem-se ao lugar mais isolado, onde esperam que pouquíssimos o vejam cair, e imediatamente se escondem. Fazem isso por vergonha da afecção, e não por medo do nume, como muitos crêem. As crianças, por falta de costume, primeiramente caem onde acaso estejam. Mas quando ocorrerem ataques repetidos, ao pressentirem-nos, fogem para perto de suas mães ou para perto de alguém que conheçam bem, por causa do terror e do medo da afecção; pois, sendo crianças, não conhecem ainda o que seja envergonhar-se.

13Littré (16Jones). Pelas razões que exporei, afirmo ocorrerem ataques nas mudanças dos ventos[123], principalmente nos notos, depois nos bóreas e, em seguida, nos demais; esses são, entre os ventos, os mais fortes, além de contrários aos outros no que tange à direção e à potência.

O bóreas condensa o ar, dissipa a parte turba[124] e nebulosa, e a faz límpida e diáfana. Dessa mesma maneira, atua sobre tudo o que tem origem no mar, e nas outras águas; pois

---

[122]. O verbo λυμαίνομαι, que vai traduzido por 'corromper', figura no tratado *Da dieta* 1,14Littré glosado como 'purificar'. Pierre Chantraine, em seu *Dictionnaire étymologique de la langue grecque* (assim como em sua revisão do *Dictionnaire* de Anatole Bailly) registra os dois significados do verbo λυμαίνομαι, atribuindo-lhe, dessa forma, uma polissemia considerável, mas com muitos paralelos na língua grega. O *Lexicon* Liddell-Scott-Jones, contudo, apresenta duas entradas para esse verbo, concebendo-o como formas coincidentes de origens diversas. Assim, naquele dicionário, o primeiro λυμαίνομαι (o que se encontra no tratado *Da dieta* I, 14) é associado etimologicamente a λῦμα ('água usada em uma lavagem', 'sujeira removida por lavagem'), e o segundo, a λύμη ('tratamento cruel', 'ultraje'). Cabe ainda assinalar que o tratado *Da dieta*, do ponto de vista de suas idéias, figura marginalmente no CH, porquanto apresenta uma concepção muito particular da natureza humana (que, segundo o tratado, deriva de uma mistura de água e fogo), e recorre aos deuses em preces suplicantes. O longo tratado *Da dieta*, para o qual se adotou a divisão em quatro livros (apesar da preferência de Galeno por seccioná-lo em três partes), é instado por Jouanna (1992, p. 557) como pertencente ao fim do V ou começo do IV século a.C. Se, por um lado, a data o aproxima do MS, por outro prisma, a sua relação com os deuses o distancia consideravelmente desse tratado. Portanto, não deve haver aqui uma preocupação com um certo idioleto que notoriamente se vê partilhado pelos tratados MS e AAL.

[123]. A palavra empregada nesta passagem com o significado de 'vento' é πνεῦμα. Até aqui, tenho traduzido πνεῦμα por 'fôlego', posto que o termo se referia ao hálito humano.

[124]. É notável a semelhança entre os termos empregados nessa passagem e naquela que se encontra em AAL (8Littré), especialmente o verbo ἐκκρίνω regendo o termo θολερόν, e a antítese entre este termo e λαμπρόν (v. *infra* p. 100).

Não creio ser casualmente que as convergências vocabulares se acentuem quando o tema são os ventos, precisamente um dos temas de AAL. A tese sobre tal assunto também parece ser compartilhada pelos dois tratados. Em AAL, não poderia constar um axioma apologético do bóreas, visto que o tratado acrescenta outras variáveis à ação salutar do ambiente, sem estabelecer — ao contrário de *MS* — relações aglutinantes entre essas

dissipa a umidade e a escuridão de todas as coisas, inclusive dos homens, e por isso é o mais saudável dos ventos[125].

O noto, por sua vez, faz o contrário disso. Primeiramente começa a fundir e liquefazer o ar condensado, visto que não sopra forte imediatamente, mas primeiro é tranqüilo, porque não pode, de repente, controlar o ar que antes estava espesso e condensado; todavia dissolve-o com o passar do tempo. Da mesma maneira atua sobre a terra, sobre o mar, sobre os rios, sobre as fontes, as cisternas e sobre tudo o que brota e em tudo o que contém umidade. E ele está em tudo – em algumas coisas mais, em outras, menos. Todas as coisas sentem[126] esse vento, e passam de claras a turvas, de frias a quentes, de secas a úmidas. Os vasos de barro cheios de vinho ou de qualquer outro líquido que estiverem nas casas ou enterrados, todos eles, sentem o noto, e transmutam sua forma em outra aparência, e, assim, torna o Sol, a Lua e as estrelas muito menos resplandecentes do que a sua natureza. Quando então, sendo essas coisas assim tão grandes e poderosas, (o vento) as controla desta maneira, e faz o corpo sentir e modificar-se, durante as mudanças desses ventos, é forçoso que, com os notos, o cérebro relaxe e se umedeça[127] e as veias se tornem mais flácidas, e que, com os bóreas, o que há de mais saudável no cérebro se condense, o que for mais doente se separe do que estiver mais úmido, e que (o fleuma) o banhe[128] por fora, e, assim, as defluxões sobrevenham nessas mudanças desses ventos.

Dessa forma, essa doença nasce e se desenvolve, a partir da agregação e desagregando, e não é de forma alguma mais impossível de ser tratada ou de ser conhecida; nem é mais divina do que as outras.

---

variáveis. Contudo, o AAL refuta as vantagens do bóreas sobre o noto. Em 19Littré, lê-se que o bóreas provém da região situada abaixo da Ursa, onde a neve esfria o vento contínuo; mas é em 5Littré que se nota o quanto o bóreas é desprestigiado no AAL, e que se percebe que o nome βορέης já é suficiente para significar um conjunto de características climáticas que não se restringe à direção e à temperatura. Nessa referida passagem, o autor observa que as cidades voltadas para o bóreas têm habitantes melhores quanto ao caráter e à inteligência (ὀργὴν τε καὶ ξύνεσιν βελτίους).

[125]. Primeira ocorrência da palavra ἄνεμος neste tratado. Neste mesmo capítulo haverá mais uma, que será a última. É curioso notar que, em AAL, só há uma única ocorrência do termo ἄνεμος (8Littré), em oposição às 29 da palavra πνεῦμα, esta última sempre com o significado de 'vento'. No tratado AAL, o termo πνεῦμα não ostenta o significado de 'fôlego', como acontece ordinariamente em MS.

[126]. Apesar de o verbo 'sentir' normalmente abnuir sujeito inanimado, preferi, nesta e na frase seguinte, conservar a estrutura igualmente incomum do texto grego, onde o verbo equivalente é αἰσθάνομαι, cujo significado é 'perceber pelos sentidos', e, portanto, também renuente de sujeitos inanimados. Assim procedendo, afasto-me da tradução de Littré, que prefere traduzir αἰσθάνομαι por *'éprouver'* (para o qual o sujeito inanimado é pertinente em quaisquer condições), e aproximo-me das opções de Gual e Jones, que traduzem o verbo grego, respectivamente, por *'percibir'* e *'to feel'*.

[127]. Este é o terceiro étimo no texto ligado à idéia de 'umidade'. A raiz mais usada no texto para expressar esse campo semântico é a de ὑγρός mas em 13Littré (início) o termo ἠήρ, que, de resto, designa o 'ar', é empregado em seu sentido menos usual — não obstante muito antigo, posto que atestado desde Homero (*Il.*, XVII, 649) —, que, nos termos do dicionário de Anatole Bailly, muito se aproxima da idéia de ὀμίχλη.

[128]. O verbo περικλύω, aqui traduzido literalmente, refere-se ao fleuma. Vale dizer, entretanto, que essa não é a opinião de Gual e de Jones, que, a julgar pela sintaxe das respectivas traduções, parecem crer que o sujeito desse verbo seja o bóreas. Littré, por sua vez, não se exime de expressar o sujeito ideal 'o humor', que me parece muito adequado, uma vez que precisamente esse verbo com o mesmo objeto ('cérebro') figura na etiologia fisiológica dos ataques, em 11Littré.

14Littré (17Jones). É preciso que os homens saibam que nossos prazeres, nossas alegrias, risos e brincadeiras não provêm de coisa alguma senão dali (isto é, do cérebro), assim como os sofrimentos, as aflições, os dissabores e os prantos. E, sobretudo, através dele, pensamos, compreendemos, vemos, ouvimos e reconhecemos o que é feio e o que é belo, o que é ruim e o que é bom, o que é agradável e o que é desagradável, tanto distinguindo as coisas conforme o costume, quanto sentindo-as conforme o que for conveniente — e distinguindo dessa forma os prazeres dos desprazeres; de acordo com a ocasião, as mesmas coisas não nos agradam sempre. É também através dele que enlouquecemos e deliramos, e nos vêm os terrores, os medos, alguns durante a noite, outros durante o dia, e as insônias, os erros inoportunos, as preocupações inconvenientes, a ignorância do estabelecido, a falta de costume[129] e a inexperiência.

De tudo isso somos passíveis a partir do cérebro, quando este não está saudável, porém torna-se mais quente do que sua natureza, ou mais frio, ou mais úmido, ou mais seco, ou sofre, contra a natureza, outra afecção que lhe é inabitual. Enlouquecemos devido à umidade; pois, quando se está mais úmido do que seu natural, é forçoso que se mova, e, movendo-se, nem permaneça estável a visão, nem a audição. Mas ora ouve-se e vê-se uma coisa, ora outra, e a língua expressa tais coisas como são ouvidas e vistas em cada circunstância. Durante o tempo em que o cérebro ficar estável, o homem estará consciente.

15Littré (18Jones). A corrupção do cérebro é devida ao fleuma e à bile. Conhecerás as duas causas desta maneira: os que enlouquecem devido ao fleuma são pacíficos e não gritam, nem bramem. Mas os que enlouquecem devido à bile costumam berrar, e tornam-se furiosos e inquietos, sempre fazendo algo inoportuno. Se enlouquecem continuamente, essas são suas motivações; mas, se os terrores e medos se lhes afiguram, isso se deve ao deslocamento[130] do cérebro, que se desloca quando aquecido, e ele se aquece devido à bile, quando se projeta sobre o cérebro através das veias sangüíneas procedentes do corpo. E um medo se mantém até que novamente (a bile) se retire para as veias e do corpo; depois cessa. O indivíduo se aflige e sente náusea[131] fora de ocasião, enquanto o cérebro se esfria e

129. Littré e Jones privilegiam, nesta passagem, os ms. q e V, que ostentam o termo ἀηθίη ('falta de costume'); contudo, Littré, não retira o termo ἀπειρίη ('inexperiência'), que não consta naquelas fontes. Por outro lado, Grensemann e Willamowitz, além de omitirem o termo ἀπειριη, preferem o substantivo λήθη ('esquecimento', mas que Gual prefere traduzir por 'estranhezas') ao vocábulo ἀηθίη. Esta tradução seguiu, também aqui, o texto estabelecido por Littré, mas não se pode deixar de observar que a opção de Grensemann e de Willamowitz parece aqui estar muito mais afinada com o conjunto do tratado. É esperado que o médico tratadista pense que o esquecimento provém do cérebro, mas o mesmo não se pode dizer acerca da falta de hábito ou da inexperiência.

130. Gual, Littré e Jones preferiram traduzir, nesta passagem, o termo μετάστασις por "mudança", sem que a idéia de movimento fosse necessariamente considerada. Contudo, Vitorio di Benedetto e Mandhilaras (que apenas mantém o termo que, em seu idioma, possui um significado consideravelmente mais específico do que o do grego do tratado), com os quais aqui concordo, propõem que este vocábulo conserve sua postura semântica mais etimológica, traduzindo esta palavra por 'deslocamento' (respectivamente, *spostamento* e μετάσταση).

131. Minha tradução da forma verbal ἀσᾶται divorcia-se das traduções de Littré, Gual, Mandhilaras e di Benedetto, preferindo a sugestão do dicionário Liddell-Scott-Jones, em cujo respectivo verbete, tem-se por definição de ἀσάομαι *'fell loadthing or nausea'*, e, como exemplo de emprego desse verbo com esse significado, o referido dicionário cita precisamente a passagem em questão. A favor de minha opção, poder-se-ia argumentar que Galeno

se contrai além do que lhe é habitual. Tudo isso ocorre devido ao fleuma. Por causa dessa afecção, o indivíduo também perde a memória. Durante as noites, ele grita e berra, quando o cérebro subitamente se esquenta. Os biliosos são passíveis disso, mas os fleumáticos, não. O indivíduo se esquenta quando o sangue abundante chega ao cérebro e ferve; depois, segue abundantemente, através das veias mencionadas, quando então o homem tem um sonho apavorante e mantém-se amedrontado. De sorte que, ao acordar, o rosto põe-se mais ardente e os olhos se envermelhecem, quando ele tem medo, e a inteligência concebe realizar algo ruim, o mesmo lhe ocorrerá no sono. Mas, quando o indivíduo desperta e toma consciência, e o sangue novamente se distribui para as veias mencionadas, isso cessa.

16Littré (19Jones). De acordo com isso, penso que o cérebro (dentre todos os órgãos, é o que) exerce o maior poder no homem. Pois ele, se acaso está são, é nosso intérprete das ocorrências oriundas do ar, e o ar lhe proporciona a consciência. Os olhos, os ouvidos, a língua, as mãos, os pés praticam coisas tais quais o cérebro as percebe; pois a todo o corpo se aplica a consciência na medida em que ele participa do ar. Mas o cérebro é o transmissor da compreensão.

Quando, pois, o homem inspira[132], este (isto é, o ar) chega primeiramente ao cérebro, e assim o ar se dispersa pelo resto do corpo, deixando no cérebro sua parte apogística e o que houver de concernente à consciência e possuir de conhecimento. Pois se (o ar) chegasse primeiro ao corpo, e depois ao cérebro, tendo deixado nas carnes e nas veias seu poder de discernimento, iria ao cérebro, estando quente e maculado; porém, misturado ao humor[133] que provém das carnes e do sangue, de sorte a não estar mais totalmente adequado.

---

emprega nove vezes este verbo, e todas com o claro sentido de 'sentir náusea', cinco dessas ocorrências já constam do CMG (vol.V: *Galeni in Hippocratis de natura hominis commentario*, 182.28; 312.15 e 23; *Galeni in Hippocratis prorrheticum commentario*, 339.18; *Galeni in Hippocratis epidemiarum librum VI commentario*, 80.25; *Galeni in Hippocratis epidemiarum librum III commentario*, 133.1); em apenas uma das ocorrências o verbo se encontra em sua forma ativa (numa citação de Andromachus Junior — XI, 352.12 — à obra de Galeno).

No CH, há cinco ocorrências do termo ἄση, que, segundo o *Dictionnaire Étymologique* de Chantraine, dá origem ao verbo ἀσάω. Em todas essas ocorrências o significado 'náusea' é claramente notado. Como exemplo e ilustração desses empregos, cito o Af. 5,61, onde o autor se refere à náusea como sintoma de gravidez; para tanto, o termo empregado é ἄση· ἢν γυναικὶ αἱ καθάρσιες πορεύωνται, μήτε φρίκης, μήτε πυρετοῦ ἐπιγινομένου, ἇσαι δὲ αὐτῇ προσπίπτωσι, λογίζου ταύτην ἐν γαστρὶ ἔχειν [se, em uma mulher, a menorréia (lit.: as purificações) não ocorre, sem que haja nem calafrios, nem febres, mas se lhe sobrevier náusea, considere que ela traz uma (criança) no ventre].

132. ὁκόταν σπάσῃ τὸ πνεῦμα ἐς ἑωτόν: lit., *quando atira sobre si o fôlego.*

133. Ἰκμάς Laín Entralgo (1987, p. 146-7), ao enumerar os diversos termos empregados no CH para designar 'humor', lembra que o vocábulo ἰκμάς é característico dos tratados de Cnido. De fato, essa palavra figura no tratado *Da natureza da criança*, e é recorrente em *Das doenças IV*. Galeno pretere ἰκμας, preferindo o vocábulo de Cós χυμός. No AAL há igualmente apenas uma única ocorrência de ἰκμάς (8Littré), e, tal qual no *MS*, nenhuma do termo χυμός. O tratado *Da natureza do homem*, um texto humoral de Cós por excelência, não emprega o vocábulo ἰκμάς, mas, por outro lado, o termo χυμός figura apenas uma vez no tratado. É inevitável tentar explicar essas duas ocorrências da palavra ἰκμάς através de sua afinidade com a geofísica do AAL, conquanto esse vocábulo refere-se comumente à umidade, como por exemplo em Heródoto IV, 185, onde se encontra a oração ἰκμάδος ἐστὶ ἐν αὐτῇ οὐδέν [*não há nada de umidade*] a descrever o clima da Líbia.

17Littré (20Jones). Por isso, afirmo que o cérebro é o interpretador da inteligência[134]. Os diafragmas receberam seu nome pelo acaso e pelo costume[135], e não por aquilo que é, nem por causa da natureza. Nem mesmo sei que propriedades têm os diafragmas de sorte a terem consciência e pensarem; a não ser que se refira ao fato de, se, por qualquer razão, o homem inesperadamente se alegrar em demasia ou se afligir, (os diafragmas), então, saltarem e se agitarem devido a sua parca espessura, e também por estarem mais retesados no corpo e não terem nenhuma cavidade na qual acolheriam o que lhes caísse de bom e de ruim, mas serem perturbados por ambas as coisas devido a sua natureza débil; porque não sentem nada antes das outras partes do corpo, e é sem fundamento que têm esse nome e (lhes é atribuída) essa função[136], assim como aquelas coisas que, no coração, são chamadas de aurículas[137]em nada contribuem para a audição.

Alguns dizem que temos consciência através do coração, e que essa é a parte que se aflige e se preocupa[138]. Mas não é assim. O coração retrai-se assim como os diafragmas e

---

134. Littré (e Mandhilaras) e Jones (e Gual) fazem esta frase constar deste capítulo; Grensemann (e di Benedetto) prefere incluí-la no capítulo anterior.

A tradução de ξύνεσις por 'inteligência' procura nessa palavra o que nela há de mais próximo do significado de 'compreensão', acrescentando a este último a idéia do 'conteúdo compreendido'. É necessário lembrar aqui que Pigeaud (1987, pp. 58 e ss.) traduz esse termo grego por 'connaissance'.

135. O autor se refere ao fato de a palavra φρένες [*diafragmas*] provir do verbo φρονέω [*inteligir, ter consciência*]. Há muitas passagens na literatura grega nas quais o φρήν é apresentado como a sede do θυμός (cujo significado muito peculiar à cultura grega conduz os tradutores às mais diversas soluções, como, por exemplo, 'ânimo', 'coração', 'coragem', 'índole', 'alma', ...). Dumotier (1975. pp. 8 e 10) oferece um completo inventário das ocorrências do termo φρήν com o sentido de 'sede dos sentimentos' ou na acepção de 'sentimentos' (quando no plural).

136. A palavra αἰτίη é traduzida qui por 'função', visto tratar-se de um episódio fisiológico, e não de uma divindade; contexto no qual é traduzida por 'responsabilidade'.

137. A palavra οὖς — aqui em seu plural ὦτα — é empregada no CH tanto para indicar as orelhas, como as aurículas cardíacas. Quando se tratava do segundo sentido, as quatro ocorrências do termo no CH (*Do coração*, 8Littré *bis*; *Da natureza dos ossos*, 19Littré, e esta) indicam-no com alguma referência explícita ao coração. Galeno parece ainda ter sentido necessidade de precisar o termo através de adjuntos, sem, entretanto, propriamente discuti-lo; assim, em CMG V 9,1, 169.25-26, lê-se: τὸ δεξιὸν οὖς τῆς καρδίας [a aurícula direita do coração]. Através de Galeno e da tradição neo-hipocrática, herdamos o traço metafórico (aurícula é, de fato, o diminutivo de *auris*, 'orelha', em latim), que, não obstante, esvaneceu-se imerso no preciosismo latinista e desgastado por seu ingresso no jargão médico. Todavia, nota-se que o termo ainda não havia sido assimilado pelo vocabulário médico, em plena formação à época da composição do MS. Prova-o o fato de o autor haver sentido a necessidade de usar o mesmo expediente do qual se serviu para isentar-se da nomenclatura relativa à doença sagrada: o emprego da forma verbal καλέεται ('é denominado').

138. Empédocles é uma referência comum no CH. O tratado hipocrático *Da medicina antiga* (20Littré) cita nomeadamente o filósofo de Agrigento, e o tratado *Da natureza do homem* mostra-se muito influenciado por ele. Galeno (*Hippocratis De natura hominis Commentarium*, 15,49) reconhece essa influência na teoria dos quatro humores, expressa no tratado *Da natureza do homem*, e, em função dessa influência, escreveu:

Hipócratres foi o primeiro, pelo que sabemos, a dizer que os elementos são misturados. (...) Nisso difere de Empédocles. De fato, este afirma que fomos engendrados a partir dos mesmos elementos dos quais nos falou Hipócrates, nós assim como tudo o que há sobre a terra; engendrados contudo, não como um mistura total e recíproca, mas por justaposição parcial e por contato.

A idéia de que o coração é a sede da consciência é muito recorrente na poesia e, de modo particular, na tragédia de Ésquilo. Na expressão poética, o coração concorre com o fígado nessa função. Contudo, parece ter sido Empédocles o primeiro a tentar justificar fisiologicamente essa atribuição cardíaca. No fragmento B13 DK de Empédocles, lê-se: αἷμα γὰρ ἀνθρώποις περικάρδιόν ἐστι νόημα [pois o sangue que envolve o coração do homem é o pensamento]. Todavia, o CH não é unânime ao negar que o coração seja o cerne do entendimento, pois, no tratado *Da doença das virgens* (que Jouanna situa no século IV a.C.), fala-se do enlouquecimento das virgens com a chegada do sangue ao coração.

seguramente devido às mesmas causas; pois estendem-se a ele as veias provenientes de todo o corpo, encerrando-as de modo a sentir se algum esforço ou alguma tensão ocorre no homem. De fato, é forçoso que o corpo afligido estremeça e se tencione, e o mesmo ocorra quando muito agradado, porque o coração e os diafragmas sentem-no mais. Certamente, nenhum dos dois participa da consciência, mas é o cérebro que é a causa de todas essas coisas[139].

Como (o cérebro) é o primeiro dentre aquilo que há no corpo a sentir a consciência proveniente do ar, assim também, se alguma mudança mais forte ocorrer no ar devida às estações, e se o próprio ar tornar-se diferente dele mesmo, o cérebro é o primeiro a senti-lo. Por isso afirmo que recaem sobre ele (isto é, sobre o cérebro) as mais agudas enfermidades, maiores, mais mortais e mais difíceis de serem reconhecidas pelos mais inexperientes.

18Littré (21Jones). Essa doença dita sagrada provém das mesmas motivações que as demais, ou seja, provém de coisas que se aproximam e que se afastam, como o frio, o sol e os ventos que estão em mutação e nunca se estabilizam. Mas isso é divino; de sorte que em nada se distinga essa enfermidade como mais divina do que as outras enfermidades, mas elas todas são divinas e todas elas são humanas. E cada (doença) tem sua natureza e sua propriedade em si mesma, e nenhuma delas é incurável nem intratável[140]. A maioria é curável através dos mesmos fatores dos quais surge, pois uma coisa é alimento para outra, e também dano para uma terceira. O médico, portanto, deve estar seguro[141] sobre isso, a fim de que, reconhecendo o momento oportuno de cada coisa, distribua a uma o alimento e a aumente, e elimine o alimento da outra e a prejudique.

É preciso, então, tanto nesta doença, como em todas as outras, não aumentar as enfermidades, mas apressar-se para exterminá-las, ministrando o que for mais hostil a cada doença, e nunca o que lhe for propício e habitual. Pois o mal prospera e aumenta devido àquilo que lhe é habitual, mas consome-se e se esvanece devido ao que lhe é hostil.

---

[139]. Mais uma vez a polêmica se instaura contra uma tese de Empédocles. O Pensador de Agrigento defende que a sensação e o pensamento constiuem uma unidade. Eis o que se lê na *Metafísica* de Aristóteles (IV, 5, 1009b — fr.31 B106 DK):

> καὶ γὰρ Ἐμπεδοκλης μεταβάλλοντας τὴν ἕξιν μεταβάλλειν φησὶ τὴν φρόνησιν· "πρὸς παρεὸν γὰρ μῆτις ἐναύχεται ἀνθρώποισιν" καὶ ἐν ἑτέροις δὲ λέγει ὅτι "ὅσσον δ' ἀλλοῖοι μετέφυν, τόσον ἄρ σφίσιν αἰεὶ καὶ τὸ φρονεῖν ἀλλοῖα παρίστατο". [Empédocles afirma que aqueles que mudam seu estado (físico) mudam também a consciência (φρόνησις): "pois o poder de compreensão aumenta diante do lhe é presente" e, noutro lugar, diz que "tanto (os homens) tornam-se mais diferentes, quanto engendram pensamentos (παρίστατο φρονεῖν) sobre coisas diversas"].

[140]. οὐδὲν ἄπορόν ἐστιν οὐδὲ ἀμήχανον. Os termos dessa expressão referem-se respectivamente aos limites naturais e humanos da τέχνη, os quais o autor parece, nesse momento, negar.

[141]. O verbo aqui traduzido por 'estar seguro de' é ἐπίσταμαι. Esse verbo é geralmente traduzido por 'saber'; contudo, sua intensidade alética, que o opõe a γιγνώσκω (que preferi traduzir por 'conhecer', consoante à semântica indicada pelo contexto e pela etimologia) e a οἶδα (traduzido *passim* por 'saber'), exige uma distinção no texto vernáculo. Em 1Littré (2 e 4Jones), o verbo ἐπίσταμαι é traduzido por 'saber', mas o contexto supre a propriedade que lhe distingue tanto de γιγνώσκω quanto de οἶδα.

Quem tem certeza sobre tal mudança nos homens e pode tornar o homem úmido e seco, quente e frio, pela dieta, este poderia curar essa doença, caso distinguisse as oportunidades oferecidas pelos meios propícios, sem purificações, sem artifícios mágicos e sem qualquer outra charlatanice deste tipo.

ΠΕΡΙ ΙΕΡΗΣ ΝΟΥΣΟΥ

I.1 Περὶ μὲν τῆς ἱερῆς νούσου καλεομένης ὧδ' ἔχει· οὐδέν τί μοι δοκέει τῶν ἄλλων θειοτέρη εἶναι νούσων οὐδὲ ἱερωτέρη, ἀλλὰ φύσιν μὲν ἔχει ἣν καὶ τὰ λοιπὰ νουσήματα, ὅθεν γίνεται. Φύσιν δὲ αὐτῇ καὶ πρόφασιν οἱ ἄνθρωποι ἐνόμισαν θεῖόν τι πρῆγμα εἶναι ὑπὸ ἀπειρίης καὶ θαυμασιότητος, ὅτι οὐδὲν ἔοικεν ἑτέρῃσι νούσοισιν· καὶ κατὰ μὲν τὴν ἀπορίην αὐτοῖσι τοῦ μὴ γινώσκειν τὸ θεῖον αὐτῇ διασώζεται, κατὰ δὲ τὴν εὐπορίην τοῦ τρόπου τῆς ἰήσιος ᾧ ἰῶνται, ἀπόλλυται, ὅτι καθαρμοῖσί τε ἰῶνται καὶ ἐπαοιδῇσιν. Εἰ δὲ διὰ τὸ θαυμάσιον θεῖον νομιεῖται, πολλὰ τὰ ἱερὰ νουσήματα ἔσται καὶ οὐχὶ ἕν, ὡς ἐγὼ ἀποδείξω ἕτερα οὐδὲν ἧσσον ἐόντα θαυμάσια οὐδὲ τερατώδεα, ἃ οὐδεὶς νομίζει ἱερὰ εἶναι. Τοῦτο μὲν γὰρ οἱ πυρετοὶ οἱ ἀμφημερινοὶ καὶ οἱ τριταῖοι καὶ οἱ τεταρταῖοι οὐδὲν ἧσσόν μοι δοκέουσιν ἱεροὶ εἶναι καὶ ὑπὸ θεοῦ γίνεσθαι ταύτης τῆς νούσου, ὧν οὐ θαυμασίως γ' ἔχουσιν· τοῦτο δὲ ὁρέω μαινομένους ἀνθρώπους καὶ παραφρονέοντας ἀπὸ μηδεμιῆς προφάσιος ἐμφανέος, καὶ πολλά τε καὶ ἄκαιρα ποιέοντας, ἔν τε τῷ ὕπνῳ οἶδα πολλοὺς οἰμώζοντας καὶ βοῶντας, τοὺς δὲ πνιγομένους, τοὺς δὲ καὶ ἀναΐσσοντάς τε καὶ φεύγοντας ἔξω καὶ παραφρονέοντας μέχρις ἂν ἐπέγρωνται, ἔπειτα δὲ ὑγιέας ἐόντας καὶ φρονέοντας ὥσπερ καὶ πρότερον, ἐόντας τ' αὐτέους ὠχρούς τε καὶ ἀσθενέας, καὶ ταῦτα οὐχ ἅπαξ, ἀλλὰ πολλάκις, ἄλλα τε πολλά ἐστι καὶ παντοδαπὰ ὧν περὶ ἑκάστου λέγειν πουλὺς ἂν εἴη λόγος. Ἐμοὶ δὲ δοκέουσιν οἱ πρῶτοι τοῦτο τὸ νόσημα ἀφιερώσαντες τοιοῦτοι εἶναι ἄνθρωποι οἷοι καὶ νῦν εἰσι μάγοι τε καὶ καθάρται καὶ ἀγύρται καὶ ἀλαζόνες, ὁκόσοι δὴ προσποιέονται σφόδρα θεοσεβέες εἶναι καὶ πλέον τι εἰδέναι. Οὗτοι τοίνυν παραμπεχόμενοι καὶ προβαλλόμενοι τὸ θεῖον τῆς ἀμηχανίης τοῦ μὴ ἴσχειν ὅ τι προσενέγκαντες ὠφελήσουσιν, ὡς μὴ κατάδηλοι ἔωσιν οὐδὲν ἐπιστάμενοι, ἱερὸν ἐνόμισαν τοῦτο τὸ πάθος εἶναι, καὶ λόγους ἐπιλέξαντες ἐπιτηδείους τὴν ἴησιν κατεστήσαντο ἐς τὸ ἀσφαλὲς σφίσιν αὐτοῖσι, καθαρμοὺς προσφέροντες καὶ ἐπαοιδάς, λουτρῶν τε ἀπέχεσθαι κελεύοντες καὶ ἐδεσμάτων πολλῶν καὶ ἀνεπιτηδείων ἀνθρώποισι νοσέουσιν ἐσθίειν, θαλασσίων μὲν τρίγλης, μελανούρου, κεστρέος, ἐγχέλυος (οὗτοι γὰρ οἱ ἰχθύες εἰσὶν ἐπικαιρότατοι), κρεῶν δὲ αἰγείου καὶ ἐλάφων καὶ χοιρίων καὶ κυνὸς (ταῦτα γὰρ κρεῶν ταρακτικώτατά ἐστι τῆς κοιλίης), ὀρνίθων δὲ

ἀλεκτρυόνος καὶ τρυγόνος καὶ ὠτίδος, ἔτι δὲ ὅσα νομίζεται ἰσχυρότατα εἶναι, λαχάνων δὲ μίνθης, σκορόδου καὶ κρομύου (δριμὺ γὰρ ἀσθενέοντι οὐδὲν ξυμφέρει), ἱμάτιον δὲ μέλαν μὴ ἔχειν θανατῶδες γὰρ τὸ μέλαν, μηδὲ ἐν αἰγείῳ κατακέεσθαι δέρματι μηδὲ φορέειν, μηδὲ πόδα ἐπὶ ποδὶ ἔχειν, μηδὲ χεῖρα ἐπὶ χειρὶ (ταῦτα γὰρ πάντα κωλύματα εἶναι). Ταῦτα δὲ πάντα τοῦ θείου εἵνεκεν προστιθέασιν, ὡς πλέον τι εἰδότες καὶ ἄλλα; προφάσιας λέγοντες, ὅκως, εἰ μὲν ὑγιὴς γένοιτο, αὐτῶν ἡ δόξα εἴη καὶ ἡ δεξιότης, εἰ δὲ ἀποθάνοι, ἐν ἀσφαλεῖ καθισταῖντο αὐτῶν αἱ ἀπολογίαι καὶ ἔχοιεν πρόφασιν ὡς οὐκ αἴτιοί εἰσιν αὐτοί, ἀλλ' οἱ θεοί· οὔτε γὰρ φαγέειν οὔτε πιέειν ἔδοσαν φάρμακον οὐδὲν, οὔτε λουτροῖσι καθήψησαν, ὥστε δοκέειν αἴτιον εἶναι.' Ἐγὼ δὲ δοκέω Λιβύων τῶν τὴν μεσόγειον οἰκεόντων οὐδένα ὑγιαίνειν, ὅτι ἐν αἰγείοισι δέρμασι κατακέονται καὶ κρέασιν αἰγείοισι χρῶνται, ἐπεὶ οὐκ ἔχουσιν οὔτε στρῶμα οὔτε ἱμάτιον οὔτε ὑπόδημα ὅ τι μὴ αἴγειόν ἐστιν· οὐ γάρ ἐστιν αὐτοῖς ἄλλο προβάτιον οὐδὲν ἢ αἶγες καὶ βόες. Εἰ δὲ ταῦτα προσφερόμενα καὶ ἐσθιόμενα τὴν νοῦσον τίκτει τε καὶ αὔξει καὶ μὴ ἐσθιόμενα ἰῆται, οὐκ ἐστὶν ἄρα ὁ θεὸς αἴτιος οὐδενὸς, οὐδὲ οἱ καθαρμοὶ ὠφελέουσιν, ἀλλὰ τὰ ἐδέσματα τὰ ἰώμενά ἐστι καὶ τὰ βλάπτοντα, τοῦ δὲ θείου ἀφανίζεται ἡ δύναμις. Οὕτως οὖν ἔμοιγε δοκέουσιν οἵτινες τούτῳ τῷ τρόπῳ ἐγχειρέουσιν ἰῆσθαι ταῦτα τὰ νοσήματα, οὔτε ἱερὰ νομίζειν εἶναι οὔτε θεῖα· ὅκου γὰρ ὑπὸ καθαρμῶν τοιούτων μετάστατα γίνεται καὶ ὑπὸ θεραπείης τοιῆσδε, τί κωλύει καὶ ὑφ' ἑτέρων τεχνημάτων ὁμοίων τούτοισιν ἐπιγίνεσθαι τοῖσιν ἀνθρώποισι καὶ προσπίπτειν; ὥστε μηκέτι τὸ θεῖον αἴτιον εἶναι, ἀλλά τι ἀνθρώπινον. Ὅστις γὰρ οἷός τε περικαθαίρων ἐστὶ καὶ μαγεύων ἀπάγειν τοιοῦτον πάθος, οὗτος κἂν ἐπάγοι ἕτερα τεχνησάμενος, καὶ ἐν τούτῳ τῷ λόγῳ τὸ θεῖον ἀπόλλυται. Τοιαῦτα λέγοντες καὶ μηχανεύμενοι προσποιέονται πλέον τι εἰδέναι, καὶ ἀνθρώπους ἐξαπατέουσι προστιθέμενοι τούτοισιν ἁγνείας τε καὶ καθαρότητας, ὅ τε πουλὺς αὐτοῖσι τοῦ λόγου ἐς τὸ θεῖον ἀφήκει καὶ τὸ δαιμόνιον. Καίτοι ἔμοιγε οὐ περὶ εὐσεβείης δοκέουσι τοὺς λόγους ποιέεσθαι, ὡς οἴονται, ἀλλὰ περὶ δυσσεβείης μᾶλλον, καὶ ὡς οἱ θεοὶ οὐκ εἰσί, τό τε εὐσεβὲς καὶ θεῖον αὐτῶν ἀσεβὲς καὶ ἀνόσιόν ἐστιν, ὡς ἐγὼ διδάξω. Εἰ γὰρ σελήνην τε καθαιρέειν καὶ ἥλιον ἀφανίζειν καὶ χειμῶνά τε καὶ εὐδίην ποιέειν καὶ ὄμβρους καὶ αὐχμοὺς καὶ θάλασσαν ἄφορον καὶ γῆν καὶ τἄλλα τὰ τοιουτότροπα πάντα ὑποδέχονται ἐπίστασθαι, εἴτε καὶ ἐκ τελετέων εἴτε καὶ ἐξ ἄλλης τινὸς γνώμης ἢ μελέτης φασὶν ταῦτα οἷόν τ' εἶναι γενέσθαι οἱ ταῦτ' ἐπιτηδεύοντες, δυσσεβέειν ἔμοιγε δοκέουσι καὶ θεοὺς οὔτε εἶναι νομίζειν οὔτ' ἐόντας ἰσχύειν οὐδὲν οὔτε εἴργεσθαι ἂν οὐδενὸς τῶν ἐσχάτων, ὧν ποιέοντες πῶς οὐ δεινοὶ αὐτοῖσίν εἰσιν; εἰ γὰρ ἄνθρωπος μαγεύων τε καὶ θύων σελήνην τε καθαιρήσει καὶ ἥλιον ἀφανιεῖ καὶ χειμῶνα καὶ εὐδίην ποιήσει, οὐκ ἂν ἔγωγέ τι θεῖον νομίσαιμι τούτων εἶναι, ἀλλ' ἀνθρώπινον, εἰ δὴ τοῦ θείου ἡ δύναμις ὑπὸ ἀνθρώπου γνώμης κρατέεται καὶ δεδούλωται. Ἴσως δὲ οὐχ οὕτως ἔχει ταῦτα, ἀλλ' ἄνθρωποι βίου δεόμενοι πολλὰ καὶ παντοῖα τεχνέονται καὶ ποικίλλουσιν ἔς τε τἄλλα πάντα καὶ ἐς τὴν

νοῦσον ταύτην, ἑκάστῳ εἴδει τοῦ πάθεος θεῷ τὴν αἰτίην προστιθέντες. Οὐ γὰρ καθάπαξ, ἀλλὰ πλεονάκις ταῦτα μέμνηνται· κἢν μὲν γὰρ αἶγα μιμῶνται, κἢν βρύχωνται, κἢν τὰ δεξιὰ σπῶνται, μητέρα θεῶν φασὶν αἰτίην εἶναι. Ἢν δὲ ὀξύτερον καὶ εὐτονώτερον φθέγγηται, ἵππῳ εἰκάζουσι, καὶ φασὶ Ποσειδῶνα αἴτιον εἶναι. Ἢν δὲ καὶ τῆς κόπρου τι παρέῃ, ὃ πολλάκις γίνεται ὑπὸ τῆς νούσου βιαζομένοισιν, Ἐνοδίου πρόσκειται ἡ προσωνυμίη· ἢν δὲ λεπτότερον καὶ πυκνότερον, οἷον ὄρνιθες, Ἀπόλλων νόμιος. Ἢν δὲ ἀφρὸν ἐκ τοῦ στόματος ἀφίῃ καὶ τοῖσι ποσὶ λακτίζῃ, Ἄρης τὴν αἰτίην ἔχει. Ὁκόσα δὲ δείματα νυκτὸς παρίσταται καὶ φόβοι καὶ παράνοιαι καὶ ἀναπηδήσιες ἐκ τῆς κλίνης καὶ φόβητρα καὶ φεύξιες ἔξω, Ἑκάτης φασὶν εἶναι ἐπιβολὰς καὶ ἡρώων ἐφόδους. Καθαρμοῖσί τε χρέονται καὶ ἐπαοιδῇσι, καὶ ἀνοσιώτατόν γε καὶ ἀθεώτατον ποιέουσιν, ὡς ἔμοιγε δοκέει, τὸ θεῖον· καθαίρουσι γὰρ τοὺς ἐχομένους τῇ νούσῳ αἵματί τε καὶ ἄλλοισι τοιούτοισιν ὥσπερ μίασμά τι ἔχοντας, ἢ ἀλάστορας, ἢ πεφαρμαγμένους ὑπὸ ἀνθρώπων, ἤ τι ἔργον ἀνόσιον εἰργασμένους, οὓς ἐχρῆν τἀναντία τούτοισι ποιέειν, θύειν τε καὶ εὔχεσθαι καὶ ἐς τὰ ἱερὰ φέροντας ἱκετεύειν τοὺς θεούς· νῦν δὲ τούτων μὲν ποιέουσιν οὐδὲν, καθαίρουσι δέ. Καὶ τὰ μὲν τῶν καθαρμῶν γῇ κρύπτουσι, τὰ δὲ ἐς θάλασσαν ἐμβάλλουσι, τὰ δὲ ἐς τὰ οὔρεα ἀποφέρουσιν, ὅπῃ μηδεὶς ἅψεται μηδὲ ἐπιβήσεται· τὰ δ' ἐχρῆν ἐς τὰ ἱερὰ φέροντας τῷ θεῷ ἀποδοῦναι, εἰ δὴ θεός γέ ἐστιν αἴτιος. Οὐ μέντοι ἔγωγε ἀξιῶ ὑπὸ θεοῦ ἀνθρώπου σῶμα μιαίνεσθαι, τὸ ἐπικηρότατον ὑπὸ τοῦ ἁγνοτάτου· ἀλλὰ κἢν τυγχάνῃ ὑπὸ ἑτέρου μεμιασμένον ἤ τι πεπονθὸς, ἐθέλοι ἂν ὑπὸ τοῦ θεοῦ καθαίρεσθαι καὶ ἁγνίζεσθαι μᾶλλον ἢ μιαίνεσθαι. Τὰ γοῦν μέγιστα τῶν ἁμαρτημάτων καὶ ἀνοσιώτατα τὸ θεῖόν ἐστι τὸ καθαῖρον καὶ ἁγνίζον καὶ ῥύμμα γινόμενον ἡμῖν, αὐτοί τε ὅρους τοῖσι θεοῖσι τῶν ἱερῶν καὶ τῶν τεμενέων ἀποδεικνύμενοι, ὡς ἂν μηδεὶς ὑπερβαίνῃ ἢν μὴ ἁγνεύῃ, εἰσιόντες τε ἡμεῖς περιρραινόμεθα οὐχ ὡς μιαινόμενοι, ἀλλ' εἴ τι καὶ πρότερον ἔχομεν μύσος, τοῦτο ἀφαγνιούμενοι. Καὶ περὶ μὲν τῶν καθαρμῶν οὕτω μοι δοκέει ἔχειν.

2 Τὸ δὲ νούσημα τοῦτο οὐδέν τί μοι δοκέει θειότερον εἶναι τῶν λοιπῶν, ἀλλὰ φύσιν μὲν ἔχει ἣν καὶ τὰ ἄλλα νουσήματα, καὶ πρόφασιν ὅθεν ἕκαστα γίνεται· φύσιν δὲ τοῦτο καὶ πρόφασιν ἀπὸ ταὐτοῦ τὸ θεῖον γίνεσθαι ἀφ' ὅτου καὶ τἄλλα πάντα, καὶ ἰητὸν εἶναι, καὶ οὐδὲν ἧσσον ἑτέρων, ὅ τι ἂν μὴ ἤδη ὑπὸ χρόνου πολλοῦ καταβεβιασμένον ἔῃ, ὥστε ἤδη εἶναι ἰσχυρότερον τῶν φαρμάκων τῶν προσφερομένων. Ἄρχεται δὲ ὥσπερ καὶ τἄλλα νουσήματα κατὰ γένος· εἰ γὰρ ἐκ φλεγματώδεος φλεγματώδης, καὶ ἐκ χολώδεος χολώδης γίνεται, καὶ ἐκ φθινώδεος φθινώδης, καὶ ἐκ σπληνώδεος σπληνώδης, τί κωλύει ὅτῳ πατὴρ καὶ μήτηρ εἴχετο, τούτῳ τῷ νοσήματι καὶ τῶν ἐκγόνων ἔχεσθαί τινα; ὡς ὁ γόνος ἔρχεται πάντοθεν τοῦ σώματος, ἀπό τε τῶν ὑγιηρῶν ὑγιηρὸς, ἀπό τε τῶν νοσερῶν νοσερός. Ἕτερον δὲ μέγα τεκμήριον ὅτι οὐδὲν θειότερόν ἐστι τῶν λοιπῶν νουσημάτων· τοῖσι γὰρ φλεγματώδεσι φύσει γίνεται· τοῖσι

δὲ χολώδεσιν οὐ προσπίπτει· καίτοι εἰ θειότερόν ἐστι τῶν ἄλλων, τοῖσιν ἅπασιν ὁμοίως ἔδει γίνεσθαι τὴν νοῦσον ταύτην, καὶ μὴ διακρίνειν μήτε χολώδεα μήτε φλεγματώδεα.

3 Ἀλλὰ γὰρ αἴτιος ὁ ἐγκέφαλος τούτου τοῦ πάθεος, ὥσπερ καὶ τῶν ἄλλων νουσημάτων τῶν μεγίστων· ὁτέῳ δὲ τρόπῳ καὶ ἐξ οἵης προφάσιος γίνεται, ἐγὼ φράσω σαφέως. Ὁ ἐγκέφαλος τοῦ ἀνθρώπου ἐστὶ διπλόος ὥσπερ καὶ τοῖσιν ἄλλοισι ζώοισιν ἅπασιν· τὸ δὲ μέσον αὐτοῦ διείργει μῆνιγξ λεπτή· διὸ οὐκ αἰεὶ κατὰ τωὐτὸ τῆς κεφαλῆς ἀλγέει, ἀλλ' ἐν μέρει ἑκάτερον, ὁτὲ δὲ ἅπασαν. Καὶ φλέβες δ' ἐς αὐτὸν τείνουσιν ἐξ ἅπαντος τοῦ σώματος, πολλαὶ καὶ λεπταί, δύο δὲ παχεῖαι, ἡ μὲν ἀπὸ τοῦ ἥπατος, ἡ δὲ ἀπὸ τοῦ σπληνός. Καὶ ἡ μὲν ἀπὸ τοῦ ἥπατος ὧδ' ἔχει· τὸ μέν τι τῆς φλεβὸς κάτω τείνει διὰ τῶν ἐπὶ δεξιὰ παρ' αὐτὸν τὸν νεφρὸν καὶ τὴν ψυὴν ἐς τὸ ἐντὸς τοῦ μηροῦ, καὶ καθήκει ἐς τὸν πόδα, καὶ καλέεται κοίλη φλέψ· ἡ δὲ ἑτέρη ἄνω τείνει διὰ φρενῶν τῶν δεξιῶν καὶ τοῦ πλεύμονος· ἀπέσχισται δὲ καὶ ἐς τὴν καρδίην καὶ ἐς τὸν βραχίονα τὸν δεξιόν· τὸ δὲ λοιπὸν ἄνω φέρει διὰ τῆς κληῖδος ἐς τὰ δεξιὰ τοῦ αὐχένος, ἐς αὐτὸ τὸ δέρμα, ὥστε κατάδηλος εἶναι· παρὰ δὲ τὸ οὖς κρύπτεται καὶ ἐνταῦθα σχίζεται, καὶ τὸ μὲν παχύτατον καὶ μέγιστον καὶ κοιλότατον ἐς τὸν ἐγκέφαλον τελευτᾷ, τὸ δὲ ἐς τὸ οὖς τὸ δεξιὸν φλέβιον λεπτόν, τὸ δὲ ἐς τὸν ὀφθαλμὸν τὸν δεξιόν, τὸ δὲ ἐς τὸν μυκτῆρα. Ἀπὸ μὲν τοῦ ἥπατος οὕτως ἔχει τῶν φλεβῶν. Διατέταται δὲ καὶ ἀπὸ τοῦ σπληνὸς φλὲψ ἐς τὰ ἀριστερὰ καὶ κάτω καὶ ἄνω, ὥσπερ καὶ ἀπὸ τοῦ ἥπατος, λεπτοτέρη δὲ καὶ ἀσθενεστέρη.

4 Κατὰ ταύτας δὲ τὰς φλέβας καὶ ἐσαγόμεθα τὸ πουλὺ τοῦ πνεύματος· αὗται γὰρ ἡμέων εἰσὶν ἀναπνοαὶ τοῦ σώματος τὸν ἠέρα ἐς σφᾶς ἕλκουσαι, καὶ ἐς τὸ σῶμα τὸ λοιπὸν ὀχετεύουσι κατὰ τὰ φλέβια, καὶ ἀναψύχουσι καὶ πάλιν ἀφιᾶσιν. Οὐ γὰρ οἷόν τε τὸ πνεῦμα στῆναι, ἀλλὰ χωρέει ἄνω καὶ κάτω· ἢν γὰρ στῇ που καὶ ἀποληφθῇ, ἀκρατὲς γίνεται ἐκεῖνο τὸ μέρος ὅπου ἂν στῇ· τεκμήριον δέ· ὁκόταν καθημένῳ ἢ κατακειμένῳ φλέβια πιεσθῇ, ὥστε τὸ πνεῦμα μὴ διεξιέναι διὰ τῆς φλεβὸς, εὐθὺς νάρκη ἔχει. Περὶ μὲν τῶν φλεβῶν καὶ τῶν λοιπῶν οὕτως ἔχει.

5 Ἡ δὲ νοῦσος αὕτη γίνεται τοῖσι μὲν φλεγματίῃσι, τοῖσι δὲ χολώδεσιν οὔ. Ἄρχεται δὲ φύεσθαι ἐπὶ τοῦ ἐμβρύου ἔτι ἐν τῇ μήτρῃ ἐόντος· καθαίρεται γὰρ καὶ ἀνθέει, ὥσπερ τἄλλα μέρεα, πρὶν γενέσθαι, καὶ ὁ ἐγκέφαλος. Ἐν ταύτῃ δὲ τῇ καθάρσει ἢν μὲν καλῶς καὶ μετρίως καθαρθῇ καὶ, μήτε πλέον μήτε ἔλασσον τοῦ δέοντος ἀπορρυῇ, οὕτως ὑγιεινοτάτην τὴν κεφαλὴν ἔχει· ἢν δὲ πλέονα ῥυῇ ἀπὸ παντὸς τοῦ ἐγκεφάλου καὶ ἀπότηξις πολλὴ γένηται, νοσώδεά τε τὴν κεφαλὴν ἕξει αὐξόμενος καὶ ἤχου πλέην, καὶ οὔτε ἥλιον οὔτε ψῦχος ἀνέξεται· ἢν δὲ ἀπὸ ἑνός τινος γένηται ἢ ὀφθαλμοῦ ἢ οὔατος, ἢ φλέψ τις συνισχνανθῇ, ἐκεῖνο

κακοῦται τὸ μέρος, ὁκοίως ἂν καὶ τῆς ἀποτήξιος ἔχῃ· ἢν δὲ κάθαρσις μὴ ἐπιγένηται, ἀλλὰ ξυστραφῇ τῷ ἐγκεφάλῳ, οὕτως ἀνάγκη φλεγματώδεα εἶναι. Καὶ ὁκόσοισι μὲν παιδίοισιν ἐοῦσιν ἐξανθέει ἕλκεα ἐς τὴν κεφαλὴν καὶ ἐς τὰ οὔατα καὶ ἐς τὸν ἄλλον χρῶτα, καὶ σιαλώδεα γίνεται καὶ μυξόρροα, ταῦτα μὲν ῥήϊστα διάγει προϊούσης τῆς ἡλικίης· ἐνταῦθα γὰρ ἀφίει καὶ ἐκκαθαίρεται τὸ φλέγμα, ὃ ἐχρῆν ἐν τῇ μήτρῃ καθαρθῆναι· καὶ τὰ οὕτω καθαρθέντα οὐκ ἐπίληπτα γίνεται ταύτῃ τῇ νούσῳ ὡς ἐπὶ τὸ πουλύ. Ὁκόσα δὲ καθαρά ἐστι, καὶ μήθ' ἕλκος μηδὲν μήτε μύξα μήτε σίελον αὐτοῖς προέρχεται μηδὲν, μήτε ἐν τῇσι μήτρῃσι πεποίηται τὴν κάθαρσιν, τούτοισιν ἐπικίνδυνόν ἐστιν ἁλίσκεσθαι ὑπὸ ταύτης τῆς νούσου.

6 Ἢν δὲ ἐπὶ τὴν καρδίην ποιήσηται ὁ κατάρροος τὴν πορείην, παλμὸς ἐπιλαμβάνει καὶ ἄσθματα, καὶ τὰ στήθεα διαφθείρεται, ἔνιοι δὲ καὶ κυφοὶ γίνονται· ὁκόταν γὰρ ἐπικατέλθῃ τὸ φλέγμα ψυχρὸν ἐπὶ τὸν πλεύμονα ἢ ἐπὶ τὴν καρδίην, ἀποψύχεται τὸ αἷμα· αἱ δὲ φλέβες πρὸς βίην ψυχόμεναι πρὸς τῷ πλεύμονι καὶ τῇ καρδίῃ πηδῶσι, καὶ ἡ καρδίη πάλλεται, ὥστε ὑπὸ τῆς ἀνάγκης ταύτης τὰ ἄσθματα ἐπιπίπτειν καὶ τὴν ὀρθοπνοίην. Οὐ γὰρ δέχεται τὸ πνεῦμα ὅσον ἐθέλει, μέχρις ἂν κρατηθῇ τοῦ φλέγματος τὸ ἐπιρρυὲν καὶ διαθερμανθὲν διαχυθῇ ἐς τὰς φλέβας· ἔπειτα παύεται τοῦ παλμοῦ καὶ τοῦ ἄσθματος· παύεται δὲ ὅκως ἂν τοῦ πλήθεος ἔχῃ· ἢν μὲν γὰρ πλέον ἐπικαταρρυῇ, σχολαίτερον, ἢν δὲ ἔλασσον, θᾶσσον· καὶ ἢν μὲν πυκνότεροι ἔωσιν οἱ κατάρροοι, πυκνότερα ἐπίληπτος γίνεται, ἢν δὲ μὴ, ἀραιότερα. Ταῦτα μὲν οὖν πάσχει, ἢν ἐπὶ τὸν πλεύμονα καὶ τὴν καρδίην ἴῃ· ἢν δὲ ἐς τὴν κοιλίην, διάρροιαι λαμβάνουσιν.

7 Ἢν δὲ τουτέων μὲν τῶν ὁδῶν ἀποκλεισθῇ, ἐς δὲ τὰς φλέβας, ἃς προείρηκα, τὸν κατάρροον ποιήσηται, ἄφωνός τε γίνεται καὶ πνίγεται, καὶ ἀφρὸς ἐκ τοῦ στόματος ἐκρέει, καὶ οἱ ὀδόντες συνηρείκασι, καὶ αἱ χεῖρες συσπῶνται, καὶ τὰ ὄμματα διαστρέφονται, καὶ οὐδὲν φρονέουσιν, ἐνίοισι δὲ καὶ ὑποχωρέει ἡ κόπρος κάτω· καὶ ταῦτα γίνεται ὁτὲ μὲν ἐς τὰ ἀριστερὰ, ὁτὲ δὲ ἐς τὰ δεξιὰ, ὁτὲ δὲ ἐς ἀμφότερα. Ὅκως δὲ τούτων ἕκαστον πάσχει ἐγὼ φράσω· ἄφωνος μέν ἐστιν ὁκόταν ἐξαίφνης τὸ φλέγμα ἐπικατελθὸν ἐς τὰς φλέβας ἀποκλείσῃ τὸν ἠέρα καὶ μὴ παραδέχηται μήτε ἐς τὸν ἐγκέφαλον μήτε ἐς τὰς φλέβας τὰς κοίλας μήτε ἐς τὰς κοιλίας, ἀλλ' ἐπιλάβῃ τὴν ἀναπνοήν· ὅταν γὰρ λάβῃ ἄνθρωπος κατὰ τὸ στόμα καὶ τοὺς μυκτῆρας τὸ πνεῦμα, πρῶτον μὲν ἐς τὸν ἐγκέφαλον ἔρχεται, ἔπειτα δὲ ἐς τὴν κοιλίην τὸ πλεῖστον μέρος, τὸ δὲ ἐπὶ τὸν πλεύμονα, τὸ δὲ ἐπὶ τὰς φλέβας. Ἐκ τουτέων δὲ σκίδναται ἐς τὰ λοιπὰ μέρεα κατὰ τὰς φλέβας· καὶ ὅσον μὲν ἐς τὴν κοιλίην ἔρχεται, τοῦτο μὲν τὴν κοιλίην διαψύχει, καὶ ἄλλο τι οὐδὲν ξυμβάλλεται· ὁ δ' ἐς τὸν πλεύμονά τε καὶ τὰς φλέβας ἀὴρ ξυμβάλλεται ἐς τὰς κοιλίας ἐσιὼν καὶ ἐς τὸν ἐγκέφαλον, καὶ οὕτω τὴν φρόνησιν καὶ τὴν κίνησιν τοῖσι μέλεσι παρέχει, ὥστε, ἐπειδὰν ἀποκλεισθῶσιν

αἱ φλέβες τοῦ ἠέρος ὑπὸ τοῦ φλέγματος καὶ μὴ παραδέχωνται, ἄφωνον καθιστᾶσι καὶ ἄφρονα τὸν ἄνθρωπον. Αἱ δὲ χεῖρες ἀκρατέες γίνονται καὶ σπῶνται, τοῦ αἵματος ἀτρεμίσαντος καὶ μὴ διαχεομένου ὥσπερ εἰώθει. Καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ διαστρέφονται, τῶν φλεβίων ἀποκλειομένων τοῦ ἠέρος καὶ σφυζόντων. Ἀφρὸς δὲ ἐκ τοῦ στόματος προέρχεται ἐκ τοῦ πλεύμονος· ὅταν γὰρ τὸ πνεῦμα μὴ ἐσίῃ ἐς αὐτόν, ἀφρέει καὶ ἀναβλύει ὥσπερ ἀποθνήσκων. Ἡ δὲ κόπρος ὑπέρχεται ὑπὸ βίης πνιγομένου· πνίγεται δὲ τοῦ ἥπατος καὶ τῆς κοιλίης ἄνω πρὸς τὰς φρένας προσπεπτωκότων καὶ τοῦ στομάχου τῆς γαστρὸς ἀπειλημμένου· προσπίπτει δὲ ὁκόταν τὸ πνεῦμα μὴ ἐσίῃ ἐς τὸ στόμα ὅσον εἰώθει. Λακτίζει δὲ τοῖσι ποσίν, ὁκόταν ὁ ἀὴρ ἀποκλεισθῇ ἐν τοῖσι μέλεσι καὶ μὴ οἷός τε ἐς διεκδῦναι ἔξω ὑπὸ τοῦ φλέγματος· ἀΐσσων δὲ διὰ τοῦ αἵματος ἄνω καὶ κάτω σπασμὸν ἐμποιέει καὶ ὀδύνην, διὸ λακτίζει. Ταῦτα δὲ πάσχει πάντα, ὁκόταν τὸ φλέγμα ψυχρὸν παραρρυῇ ἐς τὸ αἷμα θερμὸν ἐόν· ἀποψύχει γὰρ καὶ ἵστησι τὸ αἷμα· κἢν μὲν τὸ ῥεῦμα πουλὺ ἐς καὶ παχὺ, αὐτίκα ἀποκτείνει· κρατέει γὰρ τοῦ αἵματος τῷ ψύχει καὶ πήγνυσιν· ἢν δὲ ἔλασσον ἔῃ, τὸ μὲν παραυτίκα κρατέει ἀποφράξαν τὴν ἀναπνοήν· ἔπειτα τῷ χρόνῳ ὁκόταν σκεδασθῇ κατὰ τὰς φλέβας καὶ μιγῇ τῷ αἵματι πολλῷ ἐόντι καὶ θερμῷ, ἢν κρατηθῇ οὕτως, ἐδέξαντο τὸν ἠέρα αἱ φλέβες, καὶ ἐφρόνησαν.

8 Καὶ ὁκόσα μὲν παιδία σμικρὰ κατάληπτα γίνεται τῇ νούσῳ ταύτῃ, τὰ πολλὰ ἀποθνήσκει, ἢν πουλὺ τὸ ῥεῦμα ἐπιγένηται καὶ νότιον ἔῃ· τὰ γὰρ φλέβια λεπτὰ ἐόντα οὐ δύναται παραδέχεσθαι τὸ φλέγμα ὑπὸ πάχεος καὶ πλήθεος, ἀλλ' ἀποψύχεται καὶ πήγνυται τὸ αἷμα, καὶ οὕτως ἀποθνήσκει. Ἢν δὲ ὀλίγον ἐὸν ἐς ἀμφοτέρας τὰς φλέβας τὸν κατάρροον ποιήσηται, ἢ ἐς τὰς ἐπὶ θάτερα, περιγίνεται ἐπίσημα ἐόντα· ἢ γὰρ στόμα παρέσπασται ἢ ὀφθαλμὸς ἢ αὐχὴν ἢ χείρ, ὁκόθεν ἂν τὸ φλέβιον πληρωθὲν τοῦ φλέγματος κρατηθῇ καὶ ἀπισχνωθῇ. Τούτῳ οὖν τῷ φλεβίῳ ἀνάγκη ἀσθενέστερον εἶναι καὶ ἐνδεέστερον τοῦτο τοῦ σώματος τὸ βλαβέν· ἐς δὲ τὸν πλείονα χρόνον ὠφελέει ὡς ἐπὶ τὸ πουλύ· οὐ γὰρ ἔτι ἐπίληπτον γίνεται, ἢν ἅπαξ ἐπισημανθῇ, διὰ τόδε ὑπὸ τῆς ἀνάγκης ταύτης αἱ φλέβες αἱ λοιπαὶ κακοῦνται καὶ μέρος τι συνισχναίνονται, ὡς τὸν μὲν ἠέρα δέχεσθαι, τὸν δὲ τοῦ φλέγματος κατάρροον μηκέτι ὁμοίως ἐπικαταῤῥέειν· ἀσθενέστερα μέντοι τὰ μέλεα εἰκὸς εἶναι, τῶν φλεβῶν κακωθεισέων. Ὁκόσοισι δ' ἂν βόρειόν τε καὶ πάνυ ὀλίγον παραρρυῇ καὶ ἐς τὰ δεξιά, ἀσήμως περιγίνονται· κίνδυνος δὲ ξυντραφῆναι καὶ ξυναυξηθῆναι, ἢν μὴ θεραπευθῶσι τοῖσιν ἐπιτηδείοισιν. Τοῖσι μὲν οὖν παιδίοισιν οὕτω γίνεται, ἢ ὅτι τούτων ἐγγυτάτω.

9 Τοὺς δὲ πρεσβυτέρους οὐκ ἀποκτείνει, ὁκόταν ἐπιγένηται, οὐδὲ διαστρέφει· αἵ τε γὰρ φλέβες εἰσὶ κοῖλαι καὶ αἵματος μεσταὶ θερμοῦ, ἃ οὐδὲ δύναται

ἐπικρατῆσαι τὸ φλέγμα, οὐδ' ἀποψῦξαι τὸ αἷμα, ὥστε καὶ πῆξαι, ἀλλ' αὐτὸ κρατέεται καὶ καταμίγνυται τῷ αἵματι ταχέως· καὶ οὕτω παραδέχονται αἱ φλέβες τὸν ἠέρα, καὶ τὸ φρόνημα γίνεται, τά τε σημήϊα τὰ προειρημένα ἧσσον ἐπιλαμβάνει διὰ τὴν ἰσχύν. Τοῖσι δὲ πρεσβυτάτοισιν ὁκόταν ἐπιγένηται τοῦτο τὸ νούσημα, διὰ τοῦτο ἀποκτείνει ἢ παράπληκτον ποιέει, ὅτι αἱ φλέβες κεκένωνται καὶ τὸ αἷμα ὀλίγον τέ ἐστι καὶ λεπτὸν καὶ ὑδαρές. Ἢν μὲν οὖν πολὺ καταρρυῇ καὶ χειμῶνος ἔῃ καιρός, ἀποκτείνει· ἀπέπνιξε γὰρ τὰς ἀναπνοὰς καὶ ἀπέπηξε τὸ αἷμα, ἢν ἐπ' ἀμφότερα ὁ κατάρροος γένηται· ἢν δὲ ἐπὶ θάτερα μοῦνον, παράπληκτον ποιέει· οὐ γὰρ δύναται τὸ αἷμα ἐπικρατῆσαι τοῦ φλέγματος λεπτὸν ἐὸν καὶ ψυχρὸν καὶ ὀλίγον, ἀλλ' αὐτὸ κρατηθὲν ἐπάγη, ὥστε ἀκρατέα εἶναι ἐκεῖνα καθ' ἃ τὸ αἷμα διεφθάρη.

10 Ἐς δὲ τὰ δεξιὰ μᾶλλον καταρρέει ἢ ἐς τὰ ἀριστερά, ὅτι αἱ φλέβες εἰσὶ κοιλότεραι καὶ πλέονες ἢ ἐν τοῖσιν ἀριστεροῖσιν· ἀπὸ γὰρ τοῦ ἥπατος τείνουσι καὶ ἀπὸ τοῦ σπληνός. Ἐπικαταρρέει δὲ καὶ ἀποτήκεται τοῖσι μὲν παιδίοισι μάλιστα, οἷσιν ἂν διαθερμανθῇ ἡ κεφαλὴ ἤν τε ὑπὸ ἡλίου, ἤν τε ὑπὸ πυρός, καὶ ἐξαπίνης φρίξῃ ὁ ἐγκέφαλος· τότε γὰρ ἀποκρίνεται τὸ φλέγμα. Ἀποτήκεται μὲν γὰρ ἐκ τῆς θέρμης καὶ διαχύσιος τοῦ ἐγκεφάλου· ἀποκρίνεται δὲ ἀπὸ τῆς ψύξιός τε καὶ ξυστάσιος, καὶ οὕτως ἐπικαταρρέει. Τοῖσι μὲν αὕτη ἡ πρόφασις γίνεται, τοῖσι δὲ καὶ ἐπειδὰν ἐξαπίνης μετὰ βόρεια πνεύματα νότος μεταλάβῃ, ξυνεστηκότα τὸν ἐγκέφαλον καὶ εὐσθενέοντα ἔλυσε καὶ ἐχάλασεν ἐξαίφνης, ὥστε πλημμυρεῖν τὸ φλέγμα, καὶ οὕτω τὸν κατάρροον ποιέεται. Ἐπικαταρρέει δὲ καὶ ἐξ ἀδήλου, φόβου γινομένου, ἢν δείσῃ βοήσαντός τινος, ἢ καὶ μεταξὺ κλαίων μὴ οἷός τε ἐς τὸ πνεῦμα ταχέως ἀναλαβεῖν, οἷα γίνεται παιδίοισι πολλάκις· ὅ τι δ' ἂν τούτων αὐτῷ γένηται, εὐθὺς ἔφριξε τὸ σῶμα, καὶ ἄφωνος γενόμενος τὸ πνεῦμα οὐχ εἵλκυσεν, ἀλλὰ τὸ πνεῦμα ἠρέμησε, καὶ ὁ ἐγκέφαλος ξυνέστη, καὶ τὸ αἷμα ἔστη, καὶ οὕτως ἀπεκρίθη καὶ ἐπικατερρύη τὸ φλέγμα. Τοῖσι μὲν παιδίοισιν αὗται αἱ προφάσιες τῆς ἐπιλήψιός εἰσι τὴν ἀρχήν. Τοῖσι δὲ πρεσβύτῃσιν ὁ χειμὼν πολεμιώτατός ἐστιν· ὅταν γὰρ παρὰ πυρὶ πολλῷ διαθερμανθῇ τὴν κεφαλὴν καὶ τὸν ἐγκέφαλον, ἔπειτα ἐν ψύχει γένηται καὶ ῥιγώσῃ, ἢ καὶ ἐκ ψύχεος εἰς ἀλέην ἔλθῃ καὶ παρὰ πυρὶ καθίσῃ, τωὐτὸ τοῦτο πάσχει, καὶ οὕτως ἐπίληπτος γίνεται κατὰ τὰ προειρημένα. Κίνδυνος δὲ πολὺς καὶ ἦρος παθέειν τωὐτὸ τοῦτο, ἢν ἡλιωθῇ ἡ κεφαλή· τοῦ δὲ θέρεος ἥκιστα, οὐ γὰρ γίνονται μεταβολαὶ ἐξαπιναῖοι. Ὁκόταν δὲ εἴκοσιν ἔτεα παρέλθῃ, οὐκ ἔτι ἡ νοῦσος αὕτη ἐπιλαμβάνει, ἢν μὴ ἐκ παιδίου ξύντροφος ἔῃ, ἀλλ' ἢ ὀλίγους ἢ οὐδένα· αἱ γὰρ φλέβες μεσταί εἰσιν αἵματος, καὶ ὁ ἐγκέφαλος συνέστηκε καὶ ἐστὶ στρυφνός, ὥστε οὐκ ἐπικαταρρέει ἐπὶ τὰς φλέβας· ἢν δ' ἐπικαταρρύῃ, τοῦ αἵματος οὐκ ἐπικρατέει, πολλοῦ καὶ θερμοῦ ἐόντος.

11 Ὧι δὲ ἀπὸ παιδίου συνηύξηται καὶ συντέτροφεν, ἔθος πεποίηται ἐν τῇσι μεταβολῇσι τῶν πνευμάτων τοῦτο πάσχειν καὶ ἐπίληπτον ὡς τὰ πολλὰ γίνεσθαι, καὶ μάλιστα ἐν τοῖσι νοτίοισιν· ἥ τε ἀπάλλαξις χαλεπὴ γίνεται· ὁ γὰρ ἐγκέφαλος ὑγρότερος γέγονε τῆς φύσιος καὶ πλημμυρεῖ ὑπὸ τοῦ φλέγματος, ὥστε τοὺς μὲν καταρρόους πυκνοτέρους γίνεσθαι, ἐκκριθῆναι δὲ μηκέτι οἷόν τε εἶναι τὸ φλέγμα, μηδὲ ἀναξηρανθῆναι τὸν ἐγκέφαλον, ἀλλὰ διαβεβρέχθαι καὶ εἶναι ὑγρόν. Γνοίη δ' ἄν τις τόδε μάλιστα τοῖσι προβάτοισι τοῖσι καταλήπτοισι γινομένοισιν ὑπὸ τῆς νούσου ταύτης καὶ μάλιστα τῇσιν αἰξίν· αὗται γὰρ πυκνότατα λαμβάνονται· ἢν διακόψῃς τὴν κεφαλήν, εὑρήσεις τὸν ἐγκέφαλον ὑγρὸν ἐόντα καὶ ὕδρωπος περίπλεων καὶ κακὸν ὄζοντα, καὶ ἐν τούτῳ δηλονότι γνώσῃ ὅτι οὐχ ὁ θεὸς τὸ σῶμα λυμαίνεται, ἀλλ' ἡ νοῦσος. Οὕτω δ' ἔχει καὶ τῷ ἀνθρώπῳ· ὁκόταν γὰρ ὁ χρόνος γένηται τῇ νούσῳ, οὐκ ἔτι ἰήσιμος γίνεται· διεσθίεται γὰρ ὁ ἐγκέφαλος ὑπὸ τοῦ φλέγματος καὶ τήκεται, τὸ δὲ ἀποτηκόμενον ὕδωρ γίνεται, καὶ περιέχει τὸν ἐγκέφαλον ἐκτὸς καὶ περικλύζει· καὶ διὰ τοῦτο πυκνότερον ἐπίληπτοι γίνονται καὶ ῥᾷον. Διὸ δὴ πουλυχρόνιος ἡ νοῦσος, ὅτι τὸ ἐπιρρέον λεπτόν ἐστιν ὑπὸ πολυπληθίης, καὶ εὐθὺς κρατέεται ὑπὸ τοῦ αἵματος καὶ διαθερμαίνεται.

12 Ὁκόσοι δὲ ἤδη ἐθάδες εἰσὶ τῇ νούσῳ, προγινώσκουσιν ὁκόταν μέλλωσι λήψεσθαι, καὶ φεύγουσιν ἐκ τῶν ἀνθρώπων, ἢν μὲν ἐγγὺς αὐτῶν ὁ οἶκος ἔς, οἴκαδε, ἢν δὲ μή, ἐς τὸ ἐρημότατον, ὅπη μέλλουσιν ὄψεσθαι αὐτὸν ἐλάχιστοι πεσόντα, εὐθύς τε ἐγκαλύπτεται· τοῦτο δὲ ποιέει ὑπ' αἰσχύνης τοῦ πάθεος καὶ οὐχ ὑπὸ φόβου, ὡς οἱ πολλοὶ νομίζουσι, τοῦ δαιμονίου. Τὰ δὲ παιδάρια τὸ μὲν πρῶτον πίπτουσιν ὅπη ἂν τύχωσιν ὑπὸ ἀηθίης· ὅταν δὲ πλεονάκις κατάληπτοι γένωνται, ἐπειδὰν προαίσθωνται, φεύγουσι παρὰ τὰς μητέρας ἢ παρὰ ἄλλον ὅντινα μάλιστα γινώσκουσιν, ὑπὸ δέους καὶ φόβου τῆς πάθης· τὸ γὰρ αἰσχύνεσθαι παῖδες ὄντες οὔπω γινώσκουσιν.

13 Ἐν δὲ τῇσι μεταβολῇσι τῶν πνευμάτων διὰ τάδε φημὶ ἐπιλήπτους γίνεσθαι, καὶ μάλιστα τοῖσι νοτίοισιν, ἔπειτα τοῖσι βορείοισιν, ἔπειτα τοῖσι λοιποῖσι πνεύμασι· ταῦτα δέ ἐστιν ὅσα τῶν πνευμάτων ἰσχυρότατά ἐστι καὶ ἀλλήλοισιν ἐναντιώτατα κατὰ τὴν στάσιν καὶ κατὰ τὴν δύναμιν. Ὁ μὲν γὰρ βορέης ξυνίστησι τὸν ἠέρα καὶ τὸ θολερόν τε καὶ τὸ νεφῶδες ἐκκρίνει καὶ λαμπρόν τε καὶ διαφανέα ποιέει· κατὰ δὲ τὸν αὐτὸν τρόπον καὶ τἄλλα πάντα ἐκ τῆς θαλάσσης ἀρξάμενα καὶ τῶν ἄλλων ὑδάτων· ἐκκρίνει γὰρ ἐξ ἁπάντων τὴν νοτίδα καὶ τὸ δνοφερόν, καὶ ἐξ αὐτῶν τῶν ἀνθρώπων, διὸ καὶ ὑγιεινότατός ἐστι τῶν ἀνέμων. Ὁ δὲ νότος τἀναντία τουτέῳ ἐργάζεται· πρῶτον μὲν γὰρ ἄρχεται τὸν ἠέρα ξυνεστεῶτα τήκειν καὶ διαχέειν, καθότι καὶ οὐκ εὐθὺς πνέει μέγας, ἀλλὰ γαληνίζει πρῶτον, ὅτι οὐ δύναται ἐπικρατῆσαι τοῦ ἠέρος αὐτίκα, τοῦ πρόσθεν πυκνοῦ τε ἐόντος καὶ ξυνεστηκότος, ἀλλὰ τῷ χρόνῳ διαλύει·

τὸ δ' αὐτὸ τοῦτο καὶ τὴν γῆν ἐργάζεται καὶ τὴν θάλασσαν καὶ τοὺς ποταμοὺς καὶ τὰς κρήνας καὶ τὰ φρέατα καὶ ὅσα φύεται καὶ ἐν οἷσιν ὑγρὸν ἔνεστιν· ἔστι δὲ ἐν παντί, ἐν μὲν τῷ πλέον, ἐν δὲ τῷ ἔλασσον· ἅπαντα δὲ ταῦτα αἰσθάνεται τοῦ πνεύματος τούτου, καὶ ἔκ τε λαμπρῶν δνοφερώδεα γίνεται, ἔκ τε ψυχρῶν θερμά, καὶ ἐκ ξηρῶν νοτώδεα· ὁκόσα τε ἐν οἰκήμασι κεράμια ἢ κατὰ γῆς ἐστι μεστὰ οἴνου ἢ ἄλλου τινὸς ὑγροῦ, πάντα ταῦτα αἰσθάνεται τοῦ νότου καὶ διαλλάσσει τὴν μορφὴν ἐς ἕτερον εἶδος· τὸν δὲ ἥλιον καὶ τὴν σελήνην καὶ τὰ ἄστρα πουλὺ ἀμβλυωπότερα καθίστησι τῆς φύσιος. Ὅτε οὖν καὶ τούτων οὕτω μεγάλων ἐόντων καὶ ἰσχυρῶν τοσοῦτον ἐπικρατέει καὶ τὸ σῶμα ποιέει αἰσθάνεσθαι καὶ μεταβάλλειν ἐκ τῶν ἀνέμων τούτων ἐν τῇσι μεταλλαγῇσιν, ἀνάγκη τοῖσι μὲν νοτίοισι λύεσθαί τε καὶ φλυδᾶν τὸν ἐγκέφαλον καὶ τὰς φλέβας χαλαρωτέρας εἶναι, τοῖσι δὲ βορείοισι ξυνίστασθαι τὸ ὑγιηρότατον τοῦ ἐγκεφάλου, τὸ δὲ νοσερώτατον καὶ ὑγρότατον ἐκκρίνεσθαι καὶ περικλύζειν ἔξωθεν, καὶ οὕτω τοὺς καταρρόους ἐπιγίνεσθαι ἐν τῇσι μεταβολῇσι τῶν πνευμάτων τούτων. Οὕτως ἡ νοῦσος αὕτη γίνεται καὶ θάλλει ἀπὸ τῶν προσιόντων τε καὶ ἀπιόντων, καὶ οὐδέν ἐστιν ἀπορωτέρη τῶν ἄλλων οὔτε ἰῆσθαι οὔτε γνῶναι, οὐδὲ θειοτέρη ἢ αἱ ἄλλαι.

14 Εἰδέναι δὲ χρὴ τοὺς ἀνθρώπους, ὅτι ἐξ οὐδενὸς ἡμῖν αἱ ἡδοναὶ γίνονται καὶ αἱ εὐφροσύναι καὶ γέλωτες καὶ παιδιαὶ ἢ ἐντεῦθεν, καὶ λῦπαι καὶ ἀνίαι καὶ δυσφροσύναι καὶ κλαυθμοί. Καὶ τούτῳ φρονεῦμεν μάλιστα καὶ νοεῦμεν καὶ βλέπομεν καὶ ἀκούομεν καὶ γινώσκομεν τά τε αἰσχρὰ καὶ τὰ καλὰ καὶ τὰ κακὰ καὶ ἀγαθὰ καὶ ἡδέα καὶ ἀηδέα, τὰ μὲν νόμῳ διακρίνοντες, τὰ δὲ τῷ ξυμφέροντι αἰσθανόμενοι, τῷ δὲ καὶ τὰς ἡδονὰς καὶ τὰς ἀηδίας τοῖσι καιροῖσι διαγινώσκοντες, καὶ οὐ ταὐτὰ ἀρέσκει ἡμῖν. Τῷ δὲ αὐτῷ τούτῳ καὶ μαινόμεθα καὶ παραφρονέομεν, καὶ δείματα καὶ φόβοι παρίστανται ἡμῖν τὰ μὲν νύκτωρ, τὰ δὲ μεθ' ἡμέρην, καὶ ἐνύπνια καὶ πλάνοι ἄκαιροι, καὶ φροντίδες οὐχ ἱκνεύμεναι, καὶ ἀγνωσίη τῶν καθεστεώτων καὶ ἀηθίη καὶ ἀπειρίη. Καὶ ταῦτα πάσχομεν ἀπὸ τοῦ ἐγκεφάλου πάντα, ὅταν οὗτος μὴ ὑγιαίνῃ, ἀλλ' ἢ θερμότερος τῆς φύσιος γένηται ἢ ψυχρότερος ἢ ὑγρότερος ἢ ξηρότερος, ἤ τι ἄλλο πεπόνθῃ πάθος παρὰ τὴν φύσιν ὃ μὴ ἐώθει. Καὶ μαινόμεθα μὲν ὑπὸ ὑγρότητος· ὁκόταν γὰρ ὑγρότερος τῆς φύσιος ἔῃ, ἀνάγκη κινέεσθαι, κινευμένου δὲ μήτε τὴν ὄψιν ἀτρεμίζειν μήτε τὴν ἀκοήν, ἀλλ' ἄλλοτε ἄλλο ὁρᾶν καὶ ἀκούειν, τήν τε γλῶσσαν τοιαῦτα διαλέγεσθαι οἷα ἂν βλέπῃ τε καὶ ἀκούῃ ἑκάστοτε· ὁκόσον δ' ἂν ἀτρεμήσῃ ὁ ἐγκέφαλος χρόνον, τοσοῦτον καὶ φρονέει ὁ ἄνθρωπος.

15 Γίνεται δὲ ἡ διαφθορὴ τοῦ ἐγκεφάλου ὑπὸ φλέγματος καὶ χολῆς· γνώσῃ δὲ ἑκάτερα ὧδε· οἱ μὲν γὰρ ὑπὸ τοῦ φλέγματος μαινόμενοι ἥσυχοί τέ εἰσι καὶ οὐ βοῶσιν οὐδὲ θορυβέουσιν, οἱ δὲ ὑπὸ χολῆς κεκράκται καὶ κακοῦργοι καὶ οὐκ

ἀτρεμαῖοι, ἀλλ' αἰεί τι ἄκαιρον δρῶντες. Ἢν μὲν οὖν ξυνεχέως μαίνωνται, αὗται αὐτοῖς αἱ προφάσιές εἰσιν· ἢν δὲ δείματα καὶ φόβοι παριστῶνται, ὑπὸ μεταστάσιος τοῦ ἐγκεφάλου· μεθίσταται δὲ θερμαινόμενος· θερμαίνεται δὲ ὑπὸ τῆς χολῆς, ὁκόταν ὁρμήσῃ ἐπὶ τὸν ἐγκέφαλον, κατὰ τὰς φλέβας τὰς αἱματίτιδας ἐκ τοῦ σώματος· καὶ φόβος παρέστηκε μέχρις ἀπέλθῃ πάλιν ἐπὶ τὰς φλέβας καὶ τὸ σῶμα· ἔπειτα πέπαυται.' Ανιᾶται δὲ καὶ ἀσᾶται παρὰ καιρὸν ψυχομένου τοῦ ἐγκεφάλου καὶ ξυνισταμένου παρὰ τὸ ἔθος· τοῦτο δὲ ὑπὸ φλέγματος πάσχει· ὑπ' αὐτοῦ δὲ τοῦ πάθεος καὶ ἐπιλήθεται. Ἐκ νυκτῶν δὲ βοᾷ καὶ κέκραγεν, ὁκόταν ἐξαπίνης ὁ ἐγκέφαλος διαθερμαίνηται· τοῦτο δὲ πάσχουσιν οἱ χολώδεες, οἱ φλεγματώδεες δὲ οὔ· διαθερμαίνεται δὲ καὶ ἐπὴν τὸ αἷμα ἐπέλθῃ πουλὺ ἐπὶ τὸν ἐγκέφαλον καὶ ἐπιζέσῃ. Ἔρχεται δὲ κατὰ τὰς φλέβας πουλὺ τὰς προειρημένας, ὁκόταν τυγχάνῃ ὥνθρωπος ὁρέων ἐνύπνιον φοβερὸν καὶ ἐν τῷ φόβῳ ἔῃ: ὥσπερ οὖν καὶ ἐγρηγορότι τότε μάλιστα τὸ πρόσωπον φλογιᾷ, καὶ οἱ ὀφθαλμοὶ ἐρεύθονται, ὁκόταν φοβῆται, καὶ ἡ γνώμη ἐπινοέῃ τι κακὸν ἐργάσασθαι, οὕτω καὶ ἐν τῷ ὕπνῳ πάσχει· ὁκόταν δὲ ἐπέγρηται καὶ καταφρονήσῃ καὶ τὸ αἷμα πάλιν ἀποσκεδασθῇ ἐς τὰς φλέβας τὰς προειρημένας, πέπαυται.

16 Κατὰ ταῦτα νομίζω τὸν ἐγκέφαλον δύναμιν πλείστην ἔχειν ἐν τῷ ἀνθρώπῳ· οὗτος γὰρ ἡμῖν ἐστι τῶν ἀπὸ τοῦ ἠέρος γινομένων ἑρμηνεύς, ἢν ὑγιαίνων τυγχάνῃ· τὴν δὲ φρόνησιν αὐτῷ ὁ ἀὴρ παρέχεται. Οἱ δὲ ὀφθαλμοὶ καὶ τὰ οὔατα καὶ ἡ γλῶσσα καὶ αἱ χεῖρες καὶ οἱ πόδες οἷα ἂν ὁ ἐγκέφαλος γινώσκῃ, τοιαῦτα πρήσσουσι· γίνεται γὰρ παντὶ τῷ σώματι τῆς φρονήσιος, ὡς ἂν μετέχῃ τοῦ ἠέρος.' Ες δὲ τὴν ξύνεσιν ὁ ἐγκέφαλός ἐστιν ὁ διαγγέλλων· ὁκόταν γὰρ σπάσῃ τὸ πνεῦμα ὥνθρωπος ἐς ἑωυτόν, ἐς τὸν ἐγκέφαλον πρῶτον ἀφικνέεται, καὶ οὕτως ἐς τὸ λοιπὸν σῶμα σκίδναται ὁ ἀήρ, καταλιπὼν ἐν τῷ ἐγκεφάλῳ ἑωυτοῦ τὴν ἀκμὴν καὶ ὅ τι ἂν ἔς φρόνιμόν τε καὶ γνώμην ἔχον: εἰ γὰρ ἐς τὸ σῶμα πρῶτον ἀφικνέετο καὶ ὕστερον ἐς τὸν ἐγκέφαλον, ἐν τῇσι σαρξὶ καὶ ἐν τῇσι φλεψὶ καταλελοιπὼς τὴν διάγνωσιν ἐς τὸν ἐγκέφαλον ἂν ἴοι θερμὸς ἐὼν καὶ οὐχὶ ἀκραιφνής, ἀλλ' ἐπιμεμιγμένος τῇ ἰκμάδι τῇ ἀπὸ τῶν σαρκῶν καὶ τοῦ αἵματος, ὥστε μηκέτι εἶναι ἀκριβής.

17 Διὸ φημὶ τὸν ἐγκέφαλον εἶναι τὸν ἑρμηνεύοντα τὴν ξύνεσιν. Αἱ δὲ φρένες ἄλλως οὔνομα ἔχουσι τῇ τύχῃ κεκτημένον καὶ τῷ νόμῳ, τῷ δ' ἐόντι οὔκ, οὐδὲ τῆς φύσει, οὐδὲ οἶδα ἔγωγε τίνα δύναμιν ἔχουσιν αἱ φρένες ὥστε φρονέειν τε καὶ νοέειν, πλὴν εἴ τι ὥνθρωπος ὑπερχαρείῃ ἐξ ἀδοκήτου ἢ ἀνιηθείῃ, πηδῶσι καὶ ἅλσιν παρέχουσιν ὑπὸ λεπτότητος καὶ ὅτι ἀνατέτανται μάλιστα ἐν τῷ σώματι, καὶ κοιλίην οὐκ ἔχουσι πρὸς ἣν δέξονται ἢ ἀγαθὸν ἢ κακὸν προσπῖπτον, ἀλλ' ὑπ' ἀμφοτέρων τούτων τεθορύβηνται διὰ τὴν ἀσθενείην τῆς φύσιος· ἐπεὶ αἰσθάνονταί γε οὐδενὸς πρότερον τῶν ἐν τῷ σώματι ἐόντων,

ἀλλὰ μάτην τοῦτο τὸ οὔνομα ἔχουσι καὶ τὴν αἰτίην, ὥσπερ τὰ πρὸς τῇ καρδίῃ ἅπερ ὦτα καλέεται, οὐδὲν ἐς τὴν ἀκοὴν ξυμβαλλόμενα. Λέγουσι δέ τινες ὡς φρονέομεν τῇ καρδίῃ καὶ τὸ ἀνιώμενον τοῦτό ἐστι καὶ τὸ φροντίζον· τὸ δὲ οὐχ οὕτως ἔχει, ἀλλὰ σπᾶται μὲν ὥσπερ αἱ φρένες καὶ μᾶλλον διὰ ταύτας τὰς αἰτίας· ἐξ ἅπαντος γὰρ τοῦ σώματος φλέβες ἐς αὐτὴν συντείνουσι, καὶ ξυγκλείσασα ἔχει ὥστε αἰσθάνεσθαι, ἤν τις πόνος ἢ τάσις γίνηται τῷ ἀνθρώπῳ· ἀνάγκη γὰρ καὶ ἀνιώμενον φρίσσειν τὸ σῶμα καὶ συντείνεσθαι, καὶ ὑπερχαίροντα τὸ αὐτὸ τοῦτο πάσχειν· διότι ἡ καρδίη αἰσθάνεταί τε μάλιστα καὶ αἱ φρένες. Τῆς μέντοι φρονήσιος οὐδετέρῳ μέτεστιν, ἀλλὰ πάντων τουτέων ὁ ἐγκέφαλος αἴτιός ἐστιν· ὥσπερ οὖν καὶ τῆς φρονήσιος τοῦ ἠέρος πρῶτος αἰσθάνεται τῶν ἐν τῷ σώματι ἐνεόντων, οὕτω καὶ ἥν τις μεταβολὴ ἰσχυροτέρη γένηται ἐν τῷ ἠέρι ὑπὸ τῶν ὡρέων, καὶ αὐτὸς ἑωυτοῦ διάφορος γίνηται ὁ ἠήρ, ὁ ἐγκέφαλος πρῶτος αἰσθάνεται· διὸ καὶ τὰ νουσήματα ἐς αὐτὸν ἐμπί-πτειν φημὶ ὀξύτατα καὶ μέγιστα καὶ θανατωδέστατα καὶ δυσκριτώτατα τοῖσιν ἀπείροισιν.

18 Αὕτη δὲ ἡ νοῦσος ἡ ἱερὴ καλεομένη ἐκ τῶν αὐτῶν προφασίων γίνεται ἀφ' ὧν καὶ αἱ λοιπαὶ ἀπὸ τῶν προσιόντων καὶ ἀπιόντων, καὶ ψύχεος, ἡλίου, πνευμάτων μεταβαλλομένων τε καὶ μηδέποτε ἀτρεμιζόντων. Ταῦτα δ' ἐστὶ θεῖα, ὥστε μηδὲν διακρίνοντα τὸ νούσημα θειότερον τῶν λοιπῶν νουσημάτων νομίζειν, ἀλλὰ πάντα θεῖα καὶ ἀνθρώπινα πάντα· φύσιν δὲ ἔχει ἕκαστον καὶ δύναμιν ἐφ' ἑωυτοῦ, καὶ οὐδὲν ἄπορόν ἐστιν οὐδὲ ἀμήχανον· ἀκεστά τε τὰ πλεῖστά ἐστι τοῖς αὐτοῖσι τούτοισιν ἀφ' ὅτων καὶ γίνεται· ἕτερον γὰρ ἑτέρῳ τροφή ἐστι, τῷ δὲ κάκωσις. Τοῦτο οὖν δεῖ τὸν ἰητρὸν ἐπίστασθαι, ὅκως τὸν καιρὸν διαγινώσκων ἑκάστου τῷ μὲν ἀποδώσει τὴν τροφὴν καὶ αὐξήσει, τῷ δὲ ἀφαιρήσει καὶ κακώσει. Χρὴ δὲ καὶ ἐν ταύτῃ τῇ νούσῳ καὶ ἐν τῇσιν ἄλλῃσιν ἁπάσῃσι μὴ αὔξειν τὰ νουσήματα, ἀλλὰ σπεύδειν τρύχειν προσφέροντα τῇ νούσῳ τὸ πολεμιώτατον ἑκάστῃ, καὶ μὴ τὸ φίλον καὶ σύνηθες· ὑπὸ μὲν γὰρ τῆς συνηθείης θάλλει καὶ αὔξεται, ὑπὸ δὲ τοῦ πολεμίου φθίνει καὶ ἀμαυροῦται. Ὅστις δὲ ἐπίσταται ἐν ἀνθρώποισι τὴν τοιαύτην μεταβολὴν καὶ δύναται ὑγρὸν καὶ ξηρὸν ποιέειν καὶ θερμὸν καὶ ψυχρὸν ὑπὸ διαίτης τὸν ἄνθρωπον, οὗτος καὶ ταύτην τὴν νοῦσον ἰῷτο ἄν, εἰ τοὺς καιροὺς διαγινώσκοι τῶν ξυμφερόντων, ἄνευ καθαρμῶν καὶ μαγευμάτων καὶ πάσης ἄλλης βαναυσίης τοιαύτης.

5 ARES, ÁGUAS E LUGARES

Henrique F. Cairus

Sabe-se que viajantes e epidemiologistas do século XVII, mormente holandeses e franceses, serviram-se das idéias e das doutrinas apresentadas no *Ares, águas e lugares*[142]. Nesses casos, temos o modelo teórico do tratado transposto parcialmente para realidades diversas daquelas do tratado. Contudo, a utilização de um tratado antigo, de Hipócrates ou de Galeno, como base teórica – mais do que como *vade mecum* da medicina – não o eleva do universo médico ao das idéias.

O tratado é rico em traduções — muitas delas indiretas, a partir de Littré ou de Jones —; contudo, considero necessária uma abordagem do texto que não tenha preconceituado o seu caráter de fundador da ciência, através de uma concepção – assumidamente ou não – evolucionista. Não é essa a nossa perspectiva. O que interessa neste momento é a investigação dos frutos e do entorno da produção cultural de um momento muito peculiar e fundamental da história do Ocidente, de nossa própria história.

É a esse entorno que dedico a tradução do tratado. Jean-Pierre Vernant (1977,p.11) entende que o século de Péricles é *sui generis* a ponto de o estudo que lhe é dedicado não dizer diretamente respeito a nenhum outro momento do mundo helênico. O século V representa, de fato, para a Grécia e para o Ocidente uma passagem para vias temporais que ainda percorremos, embora não mais se nos afigurem como o retilíneo percurso da humanidade preconizado pelo positivismo.

O tratado *Ares, águas e lugares*, assim como o *Da doença sagrada*, se insere no imbricado universo do século da tragédia. As idéias médicas, que não partiam de Atenas, a ela conver-

[142]. Guilherme Piso, explorador holandês do século XVII e autor do famoso *Historia naturalis Brasiliae* (1648), publicou, em 1658, o tratado *De Indiae ultrisque re naturali et medica*, do qual o primeiro capítulo, que trata das doenças do Brasil é intitulado *Ares, águas e lugares*. Além de Piso, não se pode deixar de citar o longo comentário ao AAL da lavra de Jerônimo Cardan, publicado em 1570 (v. PIGEAUD, 1985). É também muito célebre a influência desse tratado sobre o *Espírito das leis* de Montesquieu, de 1748.

giam, e, em tempos de tragédia, assim como nos tempos da filosofia Ática, as idéias médicas circulavam em profusão pelo solo pátrio de Teseu. O tratado *Ares, águas e lugares* inseria-se no conjunto das idéias médicas que aportavam em Pireus, e que se destacaram por vir ao encontro dos ideais de secularização da *pólis*, que caminhava, desde Sólon, por essa via, e que deu, com o domínio de Péricles, um passo definitivo nessa direção, com a restrição dos poderes do areópago aos domínios das práticas religiosas.

A diversidade dos textos que hoje compõem o *Corpus hippocraticum* devia-se, em parte, às suas diferentes proveniências. Os textos da escola de Cnido mesclaram-se aos da escola de Cós, que, por sua vez, também discordam entre si, como os autores mestres e seus discípulos igualmente autores, e ainda há as outras diferenças de origem mais complexas e, por vezes, inescrutáveis. Sua relevância como formador no século V é, naturalmente, um reflexo parcial de seu *status* no próprio domínio que o gerou.

O estudo das relações do tratado *Ares, águas e lugares* com o restante do *Corpus hippocraticum*, e muito especialmente com o tratado *Da doença sagrada*, torna-se necessário para o estudo do processo cultural pelo qual passava parte significativa do mundo grego. Isso porque pertencer à Coleção hipocrática depõe substancialmente muito pouco acerca de um texto, e há que saber o que esse fato implica quando diz respeito a um texto tão relevante.

A datação dos tratados *Da doença sagrada* e *Ares, águas e lugares* proposta por Jouanna (1992, p.549) situa os textos na segunda metade do século V. Ver-se-á adiante que a argumentação de Jouanna parte do pressuposto — que, de resto, também me orienta — de que ambos são da lavra do mesmo autor. A datação confere aos textos o ensejo de influenciar o pensamento grego clássico de Tucídides, de Platão e de Eurípides, por exemplo.

O processo de secularização característico da *pólis* do século V foi passível de análises polarizantes. É de Paul Veyne, latinista antes de tudo, o passo decisivo para que se vislumbrassem as nuanças desse processo; mas os tratados *Ares, água e lugares* e *Da doença sagrada* ainda são considerados pelos estudiosos a expressão mais extrema desse processo que teria em sua negação as figuras que o autor do tratado queria desmerecer. Isso é algo que parece evidente: o médico empirista, para usar a idéia de Cornford, contra os magos; o embate entre o secular e o sagrado. Nada disso poderia ser frontalmente negado aqui. O que se pretende, contudo, é redimensionar a querela a partir de sua contextualização, especialmente porque o tratado *Ares, águas e lugares* dirige seu olhar laicizante para a leitura da alteridade.

Autores como Lloyd (1990), que se extremaram pelas vertentes de Joly, não vêem nos tratados *Ares, águas e lugares* e *Da doença sagrada* sequer um indício da tendência à racionalização, uma vez que não poderíamos considerar racionalista uma terapia eficaz para a epilepsia nos termos apresentados pelo tratado. Não falemos, contudo, do tema dentro da perspectiva de 'racionalização', mas de secularização. A procura por uma racionalização do tratado

fora do âmbito puramente discursivo correria o grave risco de tornar-se uma análise littreana *après la lettre*, extemporânea, sem dúvida.

O tratado hipocrático é, ao nosso ver e ao contrário da opinião de alguns autores citados aqui, uma das mais perfeitas sínteses do processo laicizador, especialmente porque dirige seu olhar laicizante para a leitura da alteridade.

O texto do tratado *Ares, águas e lugares* traz espontaneamente à memória as *Histórias* de Heródoto. De fato, é um privilégio podermos pôr em diálogo esses dois pensadores aos quais tanto irmana o quanto distingue. Ambos foram viajantes e viajantes etnólogos. Estudaram os ἤθη dos asiáticos. O autor de *Ares, águas e lugares* abre-se para a alteridade, percebe e estuda os *nómoi* (costumes) asiáticos, nota-lhes as peculiaridades e considera suas doenças a partir de três pontos:

1) seus *nómoi*;

2) suas *phýseis* ("naturezas", divididas em dois aspectos: a *morphé,* i.e. a compleição, e o *êidos*, i. e., o aspecto físico);

3) o entorno.

A dieta, entendida em seu sentido grego, isto é, como modo de viver, é o instrumento que torna o *nómos* acessível ao médico viajante. Através do *nómos*, o médico pode tanger, ainda que limitadamente a natureza do indivíduo. A natureza é limitadamente influenciável pelo *nómos*, e é dentro desse limite que o médico opera. O caso dos macrocéfalos é um exemplo clássico da atividade do *nómos* sobre a *phýsis*. Precisamente no tratado *Ares, águas e lugares* podemos encontrar uma das mais claras explicações da Grécia antiga acerca da relação entre *nómos* e *phýsis*.

A natureza do indivíduo, uma natureza muito mais próxima e humana do que a do entorno, que é notadamente divina, é apresentada, no tratado, em dois aspectos: o *êidos*, que é o que se pode depreender da natureza particular a partir da observação, e a *morphé*, que diz respeito à compleição do indivíduo, à sua constituição, sem considerar a observação.

O entorno é imutável, mas contornável. Lidar com o entorno, com os ventos, com as águas, com os solos etc. é algo que pode ser administrado pela dieta, quando não for imperioso evitar algum desses elementos ambientais. *Aforismos*, mais ainda do que o *Ares, águas e lugares*, é rico em restrições dietéticas.

Tentamos, nesta tradução, na qual trabalhou também Tatiana Ribeiro, que se especializou na obra de Heródoto, transparecer esses momentos em que os conceitos tornam-se chaves da compreensão. Procuramos reproduzir as sutilezas freqüentemente abandonadas, como a que distingue os termos *nósos*, *nósema* e *nóseuma*, aos quais atribuímos os seguintes correspondentes vernáculos: doença, enfermidade (trata-se aqui apenas de mar-

car a distinção entre um termo que significa "doença" e outro que significa "uma doença específica") e caso de enfermidade, respectivamente.

TRADUÇÃO[143]

I.1. Quem quiser investigar corretamente a medicina deve fazer o seguinte: primeiramente deve levar em consideração as estações do ano e o que cada uma delas pode produzir. Pois essas não se parecem nada entre si, mas diferem muito delas mesmas, inclusive quanto às suas mudanças. 2. Em seguida, os ventos quentes e frios, sobre tudo os que são comuns a todos os homens. Depois, os de cada região, os que são autóctones. Deve-se, então, levar em consideração as propriedades das águas, pois, assim como diferem na boca e em peso, também a propriedade difere muito em cada água. 3. Assim que alguém chega a uma cidade, é inexperiente sobre ela. É preciso estar atento à posição dela, a como está assentada, e aos ventos e aos nascentes do sol; pois não podem ter a mesma propriedade a (cidade) que está voltada para o bóreas e a que se volta para o noto, nem a que se volta para o sol que se ergue e a que se volta para o sol se pondo. 4. Acerca das águas, é preciso considerar da melhor maneira possível como elas são, e se as usam pantanosas e moles, ou duras, provenientes dos lugares altos e rochosos, ou ainda se as usam salgadas e cruas[144]. 5. E a terra, se é descampada e sem água, ou nemorosa e abundante em água, ou ainda se é uma depressão e é sufocante, ou se é elevada e fria. E a dieta[145] dos homens, o que lhes dá prazer; se são amantes da bebida, comem durante o dia[146] e são inativos, ou se são amantes do exercício e do esforço e são vorazes e pouco bebem.

II.1. A partir disso, é preciso considerar cada caso. Pois se alguém souber bem essa coisas, mormente se souber de todas elas, ou, se não souber de todas, ao menos da maioria, então não poderia deixar de reconhecer, ao chegar a uma cidade sobre a qual for inexperiente,

---

[143]. Esta tradução contou com a participação da Profª Tatiana Ribeiro, Mestre em Letras Clássicas pela UFRJ.

[144]. A adjetivação das águas, que as divide em três tipos, corresponde às teses que serão desenvolvidas adiante, no capítulo 6.

[145]. Por *díaita*, dieta, entende-se mais um estilo de vida – o que abarca todas as atividades humanas – do que o que algo restrito à atividade alimentar.

[146]. A tradução de ἀριστής, um *hápax legómenon*, é controversa. Jacques Jouanna é categórico ao valer-se da etimologia do termo, que o une a a!riston, refeição diurna, em oposição à refeição noturna. Poder-se-ia objetar que no tratado *Da medicina antiga*, 11, o autor emprega o verbo ἀριστάω, que se opõe a μονοσιτέω, e o primeiro expressa a repetição da refeição, e o segundo o ato de comer uma única vez no dia. Como, no texto do AAL, o termo parece estar em oposição a ἐδωδός, pode-se inferir que o termo *aristés* significa, pelo menos, 'aquele que come pouco ou poucas vezes' em oposição ao ἐδωδός.

nem as enfermidades locais, nem qual seja a natureza das cavidades, de sorte a não ficar sem saber como agir no tratamento das doenças, e sem obter bom êxito; o que ocorre normalmente, se alguém, sabendo de antemão de tudo isso, não se preocupar previamente com cada caso. 2. Com o avanço do tempo e do ano, poder-se-ia dizer quais as enfermidades dentre as que são comuns a todos apoderar-se-ão da cidade ou no verão ou no inverno, e quais serão as enfermidades particulares perigosas para cada um a partir de uma mudança de dieta. Tendo tomado conhecimento das mudanças das estações, e dos nascimentos e ocasos dos astros, e de como cada um deles ocorre, poderá saber de antemão como será o ano. Alguém que se propuser a perquirir dessa maneira e for conhecedor prévio das ocasiões oportunas poderá saber sobre cada caso e obter freqüentemente a saúde, e não menos raramente agir com correção em sua arte. 3. Se alguém considerar que esses temas são muito estratosféricos, se ele mudar de opinião, poderá aprender que a astronomia tem lugar na medicina, e não um lugar pequeno, mas realmente grande; pois as cavidades mudam nos homens de acordo com as estações do ano.

III.1. Visto que é preciso observar cada um dos pontos ditos anteriormente e comprová-los, eu os explicarei claramente. Uma cidade que for voltada para os ventos quentes — que ocorrem entre o nascente e o ocaso hibernais do sol — e para ela estes ventos forem habituais, se for resguardada dos ventos vindos das Ursas, nessa cidade, as águas são abundantes e necessariamente um pouco salgadas, e se encontram em lugares elevados, quentes no verão, e frias no inverno. 2. Os homens têm as cabeças úmidas e flegmáticas, e suas cavidades são freqüentemente perturbadas por causa das cabeças quando o flegma escorre para baixo; suas formas são geralmente sem vigor e não têm propensão para comer nem para beber, pois todos os que têm cabeças fracas não têm propensão para beber, uma vez que a embriaguez os oprime mais. 3. As enfermidades locais são as seguintes: em princípio, as mulheres são doentias e suscetíveis a corrimentos; depois, muitas se tornam estéreis por ação da doença e não por natureza, e freqüentemente abortam[147]; sobre as criancinhas sobrecaem convulsões, dispnéias e tudo aquilo que julgam provocar a doença infantil e ser a doença sagrada. Já sobre os homens sobrecaem disenterias, diarréias, febres contínuas, febres de inverno de longa duração, numerosas erupções noturnas e hemorróidas no lugar

[147]. Para o grego τιτρώσκεσθαι, preferimos a tradução "abortar", mas é preciso dizer que desde a edição de Littré (v. IV,490), o termo é discutido, e oscila entre "abortar" e "fazer um falso parto", conforme a tradução de Jouanna. Littré, ao comentar o Aforismo 3,12, e ao considerar que, no momento do "falso parto", o feto pode ser prematuro ou maduro (o que caracteriza, para ele, um "verdadeiro aborto"), nota que é preciso observar a advertência de Galeno: deve-se somente compreender que esses "falsos partos" são acompanhados de morte do feto. Nas duas passagens do AAL (3 e 10) em que ocorre o verbo τιτρώσκεσθαι, Littré e Jones o traduzem por "abortar" (adotando, aliás, a lição ἐκτιτρώσκεσθαι), mas no Aforismo referido, Littré prefere a tradução "fazer um falso parto". Em *Doenças I* (5), Littré prefere traduzir o verbo por "ferir-se", apesar de a posição do vocábulo sugerir uma oposição α τίκτω ("parir").

em que se senta. 4. Em contrapartida, as pleurisias, pneumonias, febres altas e tudo o que se considera enfermidade aguda não ocorrem na maioria das vezes, pois não é possível que, onde as cavidades são úmidas, essas doenças tenham força. As oftalmias úmidas ocorrem então, e não são penosas e são breves, a não ser que alguma enfermidade comum a todos se apodere (da cidade) depois de uma grande mudança. E quando as pessoas ultrapassam os cinqüenta anos, os fluxos que sobrevêem do cérebro tornam-nas hemiplégicas[148], quando, de súbito, têm a cabeça exposta ao sol ou ao frio. 5. Estas são, então, as enfermidades locais para elas. Afora isso, se alguma enfermidade comum a todos se apoderar (da cidade) a partir de uma mudança das estações, elas tomam parte nessa.

IV. 1. Todas as cidades que forem situadas em posição contrária àquelas, e forem, assim, voltadas para os ventos frios que sopram entre os ocasos e as nascentes estivais do sol, e se para elas os ventos forem locais, se forem resguardadas do sopro do noto e dos ventos quentes, acerca dessas cidades assim ocorre: 2. em princípio, as águas são, em geral, duras e frias, e doces. As pessoas são, necessariamente, vigorosas e a maioria tem as cavidades inferiores rudes e duras, enquanto as superiores são mais favoráveis a escoamentos; as pessoas são mais biliosas do que flegmáticas. As cabeças têm boa saúde e são duras, e, em geral, são suscetíveis a rupturas. 3. Os casos de enfermidades próprios da região são, para eles, os seguintes: muitas pleurisias e doenças consideradas agudas – é necessário que assim seja, sempre que as cavidades forem duras. Ocorrem também muitos abscessos a todo instante; a tensão do corpo e a rigidez das cavidades é o que causa isso, pois a secura produz rupturas, como também a frieza da água. Tais naturezas são, necessariamente, vorazes e não bebem muito, pois não é possível, ao mesmo tempo, comer e beber muito. É necessário que as oftalmias ocorram intermitentemente, mas que sejam secas e violentas, e que os olhos se rompam de imediato; que as hemorragias nasais ocorram violentas no verão para os mais novos, com menos de trinta anos, e os casos ditos 'de enfermidade sagrada', que esses sejam pouco numerosos, porém violentos. É normal que essas pessoas tenham vida mais longa do que as outras; que suas feridas não se tornem fleumáticas[149], nem exacerbadas; e que suas maneiras sejam mais selvagens do que dóceis. 4. Para os homens, são essas as enfermidades locais, exceto se alguma doença comum a todos se apoderar da cidade, a partir de uma mudança de estações. Para as mulheres eis o que ocorre: primeiramente, muitas tornam-se estéreis por causa das águas que são duras e também cruas e frias; pois as purgações dos mênstruos não ocorrem de modo conveniente, mas são pouco abundantes e ruins[150]. Depois, elas parem com dificuldade, e raramente abortam. Quando parem, são

[148]. A tradução de παραπλήκτικος como 'hemiplégico' justifica-se também pelo contexto em que o termo se encontra no capítulo 10 deste tratado. De resto, malgrado formada por radicais gregos, a palavra 'hemiplégico' não provém, em sua forma final, do grego antigo. Conforme mostram todos os léxicos especializados ou não, os gregos valiam-se do termo παραπλήκτικος para significar o portador de hemiplegia.

[149]. i.e., que não se inflamem.

[150]. O adjetivo πονερός pode significar tanto "de má qualidade", quanto "doloroso". Seguindo os passos de Jouanna, traduzimos o termo por "ruim", para preservar a ambigüidade.

incapazes de alimentar seus filhos, pois o leite seca por ação da dureza e da frieza das águas. Também as consumpções são freqüentes por ação dos partos, pois, sob violência, se dão rupturas e distensões. 5. Com as criancinhas, ocorrem hidropisias nos testículos, enquanto são pequenas; em seguida desaparecem, à medida que a idade avança; e, nessa cidade, chegam à puberdade tardiamente. Então, acerca dos ventos quentes, dos frios e dessas cidades, eis o que há, conforme foi dito anteriormente.

V.1. As cidades que estiverem voltadas para os ventos que sopram entre o nascer do sol estival e nascer do sol hibernal, e as cidades que estiverem em direção oposta a elas, são assim acerca desse aspecto: 2. as cidades que estiverem voltadas para o nascente do sol são normalmente mais saudáveis do que as que são voltadas para as Ursas e do que as que estão voltadas para os ventos quentes, se houver um estádio[151] entre elas. 3. Primeiramente, de fato, o calor e o frio são mais moderados; depois, todas as águas que são voltadas para o nascer do sol são necessariamente límpidas, olentes e moles, e a névoa[152] não se retém em tais cidades. Isso se deve ao fato de o sol obstaculizá-lo ao levantar-se fulgurante, e, assim, durante todas as manhãs o mesmo ar geralmente permanece. 4. O aspecto físico dos homens é mais corado e vigoroso, a não ser que alguma outra doença o impeça. Os homens têm a voz clara, e, em relação ao sentimento e ao entendimento, são melhores do que aqueles que estão voltados para o bóreas, posto que todas as outras coisas que a natureza produz são melhores. 5. Parece-se muito com a primavera a cidade assim disposta, graças à temperança do calor e do frio. Os casos de enfermidades tornam-se menos numerosos e mais fracos, parecem os casos que ocorrem nas cidades que são voltadas para os ventos quentes. Ali, as mulheres são extremamente fecundas e parem com facilidade. Sobre essas coisas, isso é o que há.

VI. 1. As cidades que estão voltadas para o poente e estão abrigadas dos ventos que sopram oriundos do oriente são ladeadas pelos ventos quentes e frios, estes últimos vindos das Ursas. Necessariamente essas cidades situam-se em lugares malsãos. 2. Primeiramente as águas não são límpidas. A causa disso é que a névoa geralmente permanece durante a manhã, e a névoa, ao misturar-se com a água, faz desaparecer a limpidez; pois o sol, antes de elevar-se bem alto, não brilha. No verão, as brisas frias sopram desde a aurora e os orvalhos caem; no restante do dia, o sol mergulha, de sorte que queima mais os homens. 3. Por isso, é normal que sejam descorados e fracos, e que eles apresentem os casos de doenças mencionados anteriormente, e nenhum deles lhes é específico. É também normal que tenham voz grave e rouca, por causa da névoa, porque ali ela é geralmente impura e austral. Assim, não é desagregado realmente nem mesmo pelos os ventos boreais, pois não se voltam para

[151] Ou seja, aproximadamente 206 metros.

[152]. Traduzimos a palavra ἠήρ por 'névoa', significado atribuído por metonímia e inferido do contexto do capítulo VI. Originalmente, ἠήρ significa 'ar'.

esses ventos. Os ventos para os quais se volta e aos quais se unem são os mais úmidos, porque são vespertinos. 4. Parece ser principalmente no outono que tal posição da cidade está conforme às alterações do dia, porque há um grande intervalo entre a aurora e o início da tarde[153]. Sobre os ventos, os que são benéficos e os que são maléficos, é como ocorre.

VII. Acerca do restante das águas, quero expor detalhadamente tanto as que são malsãs, quanto as que são muito boas e todos os malefícios provenientes da água e também os benefícios, pois em grande parte (a água) contribui para a saúde. 2. Portanto, todas as que são pantanosas, estagnadas e lacustres, essas são, necessariamente, quentes e espessas no verão e têm odor, visto que não são dadas a escoamentos, mas, como a água da chuva se ajunta sempre renovada e o sol queima, é necessário que elas não tenham cor e sejam ruins e biliosas; entretanto, no inverno são congeladas, frias e turvadas pela neve e pelos gelos; de sorte que são muito fleumáticas e propícias à rouquidão. 3. Nos que (as) bebem, os baços são sempre grandes e enrijecidos; os ventres duros, delgados e quentes; os ombros, as clavículas e a face franzinas, pois as carnes se definham em proveito do baço, por isso, esses homens são magros. Tais pessoas são vorazes e sedentas, e têm as cavidades muito secas, tanto as inferiores, quanto as superiores, de sorte que necessitam de remédios mais fortes. Essa enfermidade é, para eles, habitual no verão e no inverno. 4. Além dessas, as hidropisias são também muito numerosas e inexoravelmente mortais, pois, no verão, sobrevêm em grande número tanto as disenterias quanto as diarréias e febres quartãs duradouras. Essas enfermidades, quando se prolongam, levam tais naturezas à hidropisia e matam. Entre aquelas pessoas, essas enfermidades ocorrem no verão. 5. No inverno, entre os mais novos, ocorrem pneumonias e casos de enfermidades que levam à loucura, enquanto que, entre os mais velhos, ocorrem febres altas, devido à dureza das cavidades. 6. Já entre as mulheres, ocorrem inchações e leucoflegmasia; elas concebem com dificuldade, e dão à luz arduamente; os recém-nascidos são grandes e inchados. Em seguida, enquanto amamentam, são tomadas pela consumpção e tornam-se doentes. Não se deve proceder à purgação logo após o parto. 7. Entre as criancinhas, sobrevêm principalmente tumor escrotal[155], e, nos homens, ocorrem varizes[154] e ulcerações nas pernas, de sorte que não é possível que tais naturezas tenham vida longa, mas que envelheçam antes do tempo normal. 8. As mulheres crêem, ainda, estar grávidas, e, quando o parto acontece, tudo aquilo que preenche o ventre desaparece; isso ocorre [por hidropisia] sempre que os úteros são hidrópicos. 9. Julgo que tais águas são ruins para todas as coisas. Em segundo, há as fontes provindas de rochas – que são necessariamente duras – ou da terra, onde as águas são quentes ou há ferro ou

---

[153]. i.e., a temperatura muda muito neste período.

[154]. Jouanna, lembrando a relação deste termo com κήλη e ressaltando o fato de ele estar arrolado por Galeno entre os males escrotais, sugere a que ele seja interpretado por " varizes escrotais" .

[155]. No AAL estão as duas ocorrências do termo κήλη no CH (IX,1 et hic). Jouanna, para justificar sua leitura – da qual partilhamos – cita Galeno (Kühn XIX, 448,15): " toda a espécie de tumor que se forma no escroto chama-se κήλη. Vale dizer que o léxico de Durling continua, consoante à tradição das traduções, definido o termo por 'hérnia' simplesmente.

bronze, ou prata ou ouro, ou enxofre ou alume ou natro, pois todas estas são originadas pela força do calor. Não é possível, então, que as águas provindas de tais terras sejam boas, mas duras e também escaldantes; são ruins para a micção e contrárias à defecação. 10. Todas as que são melhores fluem do alto e de colinas de terra. Pois aquelas são doces e brancas e podem sustentar o vinho[156] em pequena quantidade; no inverno são quentes; no verão, frias, pois, deste modo, proviriam de fontes muito profundas. Louvo em especial os fluxos daquelas que corram para os levantes do sol, e ainda mais para os do sol de verão, pois são necessariamente mais límpidas, de bom odor e leves. 11. Quanto às que são salgadas, cruas e duras, todas estas não são boas para beber; no entanto, há algumas naturezas e alguns casos de enfermidades para os quais tais águas são apropriadas para beber, sobre as quais explicarei de imediato. E assim, acerca dessas eis o que há: aquelas cujas fontes estão voltadas para o oriente são o que há de melhor; em segundo, as que estão entre os levantes e os ocasos de verão, e principalmente as que estão mais voltadas para os levantes; em terceiro, aquelas que estão entre os ocasos de verão e de inverno; as de qualidade inferior são aquelas que estão sob o noto, entre o nascente e o ocaso de inverno; essas são muito ruins sob os ventos do sul; no entanto, melhores sob os do norte. 12. Convém utilizar-se dessas águas do seguinte modo: quem é saudável e também robusto não deve fazer escolha alguma, mas sempre beber o que houver; mas quem, por causa da doença, deseja beber a que é mais apropriada, poderia, fazendo isso, recobrar seguramente a saúde. Os que têm as cavidades duras e boas para fazer queimar (os alimentos), para estes são as águas mais doces, mais leves e mais límpidas que convêm; já todos os que têm as cavidades moles, úmidas e fleumáticas, para eles, (as águas que convêm) são as mais duras, mais cruas e as ligeiramente mais salgadas; pois, assim, poderiam ser dessecadas o mais possível. 13. Com efeito, todas essas águas são as melhores para fazer queimar (os alimentos) e as melhores para fazer fundir, e é também normal que estas sejam melhores para relaxar a cavidade e para fazer amolecer por meio do calor; todas as que são cruas, duras e menos indicadas para fazer queimar, essas cerram mais as cavidades e as dessecam. Mas, de fato, os homens são enganados a respeito das águas salgadas por inexperiência, na medida em que julgam que elas são as mais favoráveis à defecação; no entanto, são as mais contrárias à defecação, visto serem cruas e impróprias para cozer, de sorte que a cavidade, sob a ação dessas, mais se contrai do que se relaxa. Isso é o que há então acerca das águas das fontes.

VIII. 1. Sobre as águas pluviais e todas as que provêm da neve explicarei como são. 2. As pluviais são mais leves e mais doces, mais fracas e mais límpidas. Pois, em princípio, o sol atrai e arrasta para cima o que da água for mais fraco e mais leve. Eis o que torna evidente a formação do sal: o que há de salgado sobra, por causa de sua espessura e seu peso, e torna-se sal, enquanto o que há de mais fraco, por sua leveza, o sol arrasta para cima. Ele atrai para cima tais coisas, não somente a partir das águas lacustres, mas também a partir

[156]. " poder suportar" refere-se aqui à capacidade da água de misturar-se ao vinho.

das do mar e de tudo que contiver umidade. 3. O sal torna-se então evidente: pois ele atrai para cima tais coisas, não somente a partir das águas lacustres, mas também a partir das águas do mar e de tudo onde houver alguma unidade contida, mas contida em qualquer coisa. 4. E, nos próprios homens, atrai o que há de mais fraco e mais leve do que aquilo que for úmido. Eis a prova maior disso: quando um homem trajando vestimenta caminha ou se senta sob o sol, todas as partes da pele que o sol alcança não poderiam suar, pois o sol arrasta para cima o que se mostra de suor; no entanto, tudo o que é protegido pela vestimenta ou por outra coisa transpira; pois é provocado e forçado pelo sol, mas resguardado por aquilo que o protege, de sorte que não desaparece sob a ação do sol. Mas quando vem para a sombra, todo o corpo transpira por igual, visto que o sol não mais brilha. 5. Por isso então, dentre todas as águas, a água pluvial se putrefaz mais rapidamente e tem mau odor, porque é formada e misturada a partir de muitas (águas), de modo que apodrece mais rapidamente. 6. Ainda, além disso, quando é arrebatada e elevada, estando carregada e misturada com o ar, o que nela é turvo e semelhante à noite se separa, se distancia e torna-se névoa e bruma, enquanto o que há de mais límpido e mais leve permanece e é adocicado quando queimado e cozido pelo sol; também tornam-se sempre doces todas as outras que são cozidas. 7. Então, até que seja separada e ainda não reunida, ela é levada para o alto. Entretanto, quando reunida e condensada em uma mesma coisa sob a ação dos ventos que repentinamente se opõem uns aos outros, precipita-se onde estiver mais condensada. Com efeito, isso é mais normal quando as nuvens, condensadas sob a ação de um vento, sendo colocadas em movimento e deslocadas, subitamente entrechocam-se com um vento contrário e outras nuvens. Então, as primeiras nuvens se condensam, enquanto as que estão atrás se lançam sobre as primeiras e, assim, tornam-se espessas, enegrecem e se condensam em uma mesma coisa, e, sob a ação do peso, precipitam-se, e as chuvas ocorrem. 8. Essas águas são as melhores conforme o que é normal; entretanto, deve-se fervê-las e livrá-las da putrefação; se não, têm um mau odor, e se instalam rouquidões, tosses e voz grave naqueles que as bebem. 9. Já as que provêm da neve e dos gelos são todas más. Pois, quando se congelam uma única vez, não mais restabelecem sua natureza inicial, mas o que for límpido, leve e doce se congela e se suprime, enquanto o que for mais turvo e mais pesado permanece. 10. Poderias entendê-lo da seguinte maneira: se quiseres, quando for inverno, dispõe a água, vertendo-a sob medida em um vaso, ao ar livre, para que ela se congele mais; depois, no dia seguinte, após levar o vaso para um abrigo – onde o gelo seguramente derreterá –, quando a água se desprender, mede-a; então, encontra-la-á menos abundante. 11. Isso é prova de que, sob a ação de congelamento, o que há de mais leve e mais fraco desaparece e se desseca, visto não ser o mais pesado e espesso; pois não poderia. Eis, então, porque julgo serem essas águas muito más, as provindas da neve e do gelo e as que acompanham essas para todos os usos. Deste modo, acerca das águas pluviais e das que provêm da neve e dos gelos, é assim que se dá.

IX. 1. As pessoas têm principalmente litíase e são acometidas por nefrites, estrangúrias e ciáticas, e nelas ocorrem tumores, onde se bebem águas muito diversas, tanto provenientes de grandes rios, nos quais desembocam outros rios, quanto provenientes de lago ao qual chegam muitas e variadas correntes, e também todos os que usam águas canalizadas por uma distância longa, e não curta. 2. Pois não é possível que uma água se pareça com outra, mas ou são doces, ou são salgadas e têm gosto de alume, outras fluem de fontes quentes. Elas todas misturadas no mesmo lugar lutam internamente entre si e sempre vence o mais forte. Para uns o forte é o bóreas, para outros, o noto. E o mesmo raciocínio se aplica aos (ventos) restantes. É necessário que tais águas deixem sedimento e areia. E, depois que se bebe essas águas, ocorrem as enfermidades sobre as quais já se falou. 3. Mas explicarei agora que elas ocorrem em todos. Aqueles cuja cavidade tem bom fluxo e é saudável, e a bexiga não está febril e nem o seu colo está muito estreitado, esses urinam facilmente e não formam concreção na bexiga. 4. Naqueles cuja cavidade é febril, acontece necessariamente o mesmo com a bexiga. De fato, quando ela se esquenta mais do que sua natureza, seu colo se inflama. Quando sofre tais coisas, não expele urina, mas esquenta-a[157] e mesmo a queima em seu interior. A parte da urina que for mais suave e mais pura passa e é evacuada; a que for mais espessa e turva forma concreção e coagula. Primeiramente, isso ocorre pouco, depois mais. Levado pela urina, o que constituir-se espesso ajunta-se a si mesmo e, assim, aumenta e endurece. Quando se urina, a concreção se precipita até o colo da bexiga, forçada pela urina, bloqueia a micção e causa uma forte dor. As crianças tomadas pela litíase apertam e puxam as partes pudendas, pois parece-lhes que o responsável pela micção está ali. 5. Eis a prova de que é assim: a urina é mais límpida naqueles que desenvolvem litíase, porque o que é mais espesso e mais turvo permanece e forma concreção. Na maioria dos casos, é assim que se dá a litíase. Ocorre cálculo também a partir do leite, se não for saudável, mas muito quente e bilioso. Isso porque o leite esquenta o ventre e a bexiga, de sorte que a urina, escaldante, sofre o mesmo. E afirmo que é melhor dar para as criancinhas o vinho mais maturado o possível com água, de sorte que queima e resseca menos as veias. 6. Nas moças, as pedras não ocorrem de modo semelhante; pois o canal urinário da bexiga é curto e largo, de sorte que a urina é expulsa com facilidade; pois elas não apertam com as mãos as partes pudendas, como os rapazes, nem tocam o canal urinário, pois, nelas, ele se finda nas partes pudendas – os homens, por sua vez, não têm essa abertura direta; por isso, os canais não são largos –, e, de resto, elas bebem mais do que meninos. É assim que se passa com essas coisas, ou muito próximo a isso.

X. Sobre as estações, alguém refletindo, poderia discernir o que vem a ser o ano, seja o insalubre, seja o saudável. 2. Se, pois, os sinais sobre o ocaso e o ortivo são regulares[158], e se no outono houver chuvas e o inverno for moderado, nem muito tranqüilo, nem de um frio

157. O mesmo raciocínio está em *Da medicina antiga*, 16.

158. Em grego, κατὰ λόγον.

excessivo, e se na primavera as chuvas forem oportunas, assim como no verão, então é normal que o ano seja muito saudável. 3. Se o inverno é seco e boreal, mas a primavera é chuvosa e austral, é necessário que o verão seja propício às febres e que produza tanto oftalmias quanto disenterias. De fato, quando a canícula sucede repentinamente, enquanto a terra estiver úmida sob as chuvas primaverais e sob o noto, é necessário que o calor escaldante seja duplo, tanto proveniente da terra encharcada e quente quanto sob a ação do sol escaldante. Não sendo as cavidades das pessoas fechadas nem o cérebro ressecado – pois não é possível que, durante uma tal primavera, o corpo e a carne não sejam flácidos –, então as febres atingem a todos, principalmente aos fleumáticos. É normal que as disenterias ocorram nas mulheres e nos tipos mais úmidos. 4. E, se, após a canícula, suceder a chuva e soprarem o inverno e os etésios[159], há esperança de cessarem (as doenças) e de que o outono seja saudável. Caso contrário, há risco de morte para as criancinhas, para as mulheres e para os mais velhos; para os sobreviventes há risco de chegarem às febres quartãs e essas de passarem à hidropisia. 5. Se, por outro lado, o inverno for austral, chuvoso e suave, e a primavera boreal, seca e invernal, primeiramente as mulheres que estiverem grávidas, e o parto for para a primavera, fazem normalmente falsos partos[160]. E, se parem, dão à luz crianças débeis e doentias, de sorte que ou morrem imediatamente, ou vivem magras, fracas e doentias. Isso é o que ocorre com as mulheres. 6. Nos demais, ocorrem disenterias e oftalmias secas, e, para alguns, fluxo que escorre da cabeça para o pulmão. Nos fleumáticos, é normal ocorrer disenterias, e também nas mulheres, quando o fleuma escorre da cabeça por causa da umidade de sua natureza. Nos biliosos, ocorrem oftalmias secas por causa da temperatura e da sequidão da carne. Nos mais velhos, por causa da lassidão e do adelgaçamento de seus vasos sangüíneos, de sorte que uns morrem repentinamente e outros são tomados pela paralisia do lado direito. 7. De fato, quando, sendo o inverno austral e quente, o corpo não se contrai, nem as veias, e a primavera que sucede é boreal, seca e fria, o cérebro, durante a primareva, no momento em que era necessário relaxar-se e proceder à purgação pela coriza e pelo pigarro, nesse momento o cérebro se estrangula e contrai, de sorte que, quando o verão é repentino e também seu calor escaldante e, com isso, ocorre uma grande mudança, sobrevêm esses casos de enfermidades. 8. Já as cidades que se encontram bem situadas em relação ao sol e aos ventos e que utilizaram águas boas sentem menos tais mudanças; ao passo que as cidades que utilizam águas pantanosas e lacustres e que não estão bem situadas em relação aos ventos e ao sol sentem-nas mais intensamente. 9. Se o verão for seco, as doenças cessam mais rapidamente. Se for chuvoso, tornam-se muito duradouras e há risco fagedênico por qualquer motivo[161], se houver ferida. Ao fim das doenças sobrevêm lienterias e hidropisias, pois as cavidades não dessecam facilmente. 10. Se o verão for chuvoso e austral, e também o outono, o inverno será necessariamente doentio e é normal que, para os fleumáticos e os que têm mais de quarenta anos, ocorram *causus*[162]; para os biliosos, ocorrem pleurisias e peripneumonia. 11. Se o verão for seco e

---

[159]. I.e., os ventos do solstício de verão.

[160]. Ver nota ao capítulo 3 deste tratado.

[161]. Ὑπὸ πάσης προφάσιος, i.e., 'por qualquer motivo' , 'por qualquer razão'.

[162]. I.e., elevações muito grandes da temperatura corporal, febres muito altas.

austral, mas o outono for chuvoso e boreal, é normal que ocorram dores de cabeça até o inverno, assim como esfácelos do cérebro, e, além disso, tosses, rouquidões e corizas; mas, para alguns, também ocorrem tisias[163]. 12. Se (o verão) for boreal e sem água e não houver água nem no levante da Canícula, nem no levante do Arcturo, isso será mais favorável entre os fleumáticos, por sua natureza, e o mesmo ocorre com as naturezas úmidas e com as mulheres. Mas entre os biliosos, isso é adverso, pois eles se dessecam muito. Oftalmias secas, febres agudas e de longa duração lhes sobrevêm, e, para alguns ainda, melancolias. Pois a parte mais úmida e aquosa da bile se consome, e a mais espessa e mais acre permanece; o mesmo ocorre com o sangue, a partir dos quais esses casos de enfermidades ocorrem nos biliosos. Para os fleumáticos, tudo isso[164] auxilia muito, pois eles dessecam-se e chegam ao inverno sem estarem encharcados[165], mas sim bem secos. [Se o inverno for boreal e seco, a primavera austral e chuvosa, durante o verão ocorrem fortes oftalmias e, entre as crianças e as mulheres, febres].

XI. 1. Alguém, pensando sobre essas coisas e examinando-as, poderia conhecer de antemão a maioria dos efeitos que estão a provir das mudanças. É preciso observar principalmente as mudanças maiores das estações e não dar um remédio de acordo com seu gosto, nem queimar a cavidade, nem fazer uma incisão, antes que se passem os dez dias ou mesmo mais do que isso. 2. As mudanças maiores são estas e são muito perigosas: ambos os solstícios, mormente o de verão; e os dois momentos chamados de equinócios, principalmente o outonal. Deve-se observar os levantes dos astros, e principalmente da Canícula; em seguida o do Arcturo, e ainda o ocaso das Plêiades. Pois os casos de enfermidades são discernidos sobretudo nesses dias; uns casos são curados, outros cessam e todos os demais se modificam em outra forma[166] e em outra constituição. Sobre isso, as coisas são assim.

XII. 1. Desejo falar agora sobre a Ásia e a Europa, no quanto diferem mutuamente em todos os aspectos, e sobre a compleição dos povos, em que se distinguem, sem que pareçam em nada entre si. O discurso sobre tudo isso seria muito longo, mas falarei sobre o que for mais importante e sobre o que for mais interessante[167], na medida em que assim me pareceram. 2. Afirmo que a Ásia difere mais da Europa no que concerne às naturezas de todas as coisas que brotam[168] da terra e dos homens. Pois na Ásia, tudo é muito mais belo

---

[163]. I.e., turbeculose pulmonar.

[164]. I.e., todas essas contingências climáticas são benévolas.

[165]. Jouanna sugere a tradução "plenos de humores".

[166]. "forma" é a tradução que se adotou para εἶδος.

[167]. Segundo a tradução de Jouanna: "sobre o que oferece as maiores diferenças".

[168]. φυομέμων. Essa passagem evidencia que o autor fala sobre duas naturezas (φύσεις), a dos homens e a da terra.

e maior; essa região é mais dócil e os caracteres dos homens mais amenos e mais afáveis. 3. A causa disso é a mistura das estações, porque (a Ásia) fica em meio aos levantes do Sol, voltada para a aurora, e mais além do frio. E ela apresenta crescimento e docilidade maior em todas as coisas, quando nada for predominante pela violência, mas a igualdade[169] exercer seu poder sobre tudo. 4. Mas, pela extensão da Ásia, não há semelhança em todo lugar; porém, a parte da região que é situada entre o calor e o frio produz excelentes frutos, excelentes árvores e excelente clima, e faz uso das mais belas águas, tanto das que vêm do céu, quanto das que saem da terra. Pois nem se queima muito sob o calor, nem se desseca muito sob a seca e falta de água, nem se agride com o frio, nem é austral ou alagada por chuvas abundantes e pela neve. 5. Lá, as plantas sazonais nascem abundantemente, as provenientes de sementes e as que a própria terra oferece, cujos frutos são aproveitados pelos homens que os docilizam, tirando-os dos lugares selvagens e transplantando-os em lugares convenientes. Os animais criados ali normalmente são prósperos, dão crias com muita freqüência e são melhores para cuidar de suas crias. Quanto aos homens, é normal que eles sejam bem nutridos e de excelente aspecto físico, maiores na estatura e menos diferentes entre si, tanto em relação ao aspecto físico e à estatura. 6. É normal que essa região esteja muito próxima da primavera, conforme a natureza e a moderação das estações. Não seria possível que a virilidade, a vivacidade, o gosto pelo esforço e o caráter resoluto estivessem contidos em tal natureza (....)[170] 7. nem de uma mesma espécie, nem de outra, mas é necessário que o prazer domine. Por isso ocorrem as múltiplas formas entre as feras. Acerca dos egípcios e dos líbios, eis o que me parece.

XIII. 1. Sobre aqueles que estão à direita dos levantes veraneais do sol até o lago Meótida[171] – pois esse é o limite entre a Europa e a Ásia –, eis o que há acerca deles: 2. Esses povos, por essa razão, são mais diferentes entre eles do que os que foram descritos anteriormente, por causa das mudanças das estações e por causa da natureza da região. 3. O que ocorre com a terra é semelhante ao que ocorre, de outra parte, com os homens. Pois, onde as estações produzem mudanças maiores e mais freqüentes, ali também a região é mais selvagem e mais irregular, e encontrarás montanhas maiores, com bosques, platôs e alagados. Mas onde as estações não mudam muito, nesses lugares, a região é mais regular. 4. Assim é também em relação aos homens, se se observar bem. Pois há as naturezas que se parecem com as montanhas arborizadas e cheias de água, as que se parecem com os solos pobres e sem água, as que se parecem com os solos mais pantanosos e brejos, e também as que se parecem com uma planície sem vegetação e seca. 5. As estações que mudam a natureza da compleição são diferentes. Se elas diferem grandemente entre si, as diferenças tornam-se também grandes nos aspectos físicos.

[169]. A palavra ἰσομοιρία foi aqui traduzida por 'igualdade', significa mais precisamente "distribuição igualitária da môira", o que significa que tudo teve igual sorte.

[170]. Há aqui uma lacuna nas fontes.

[171]. Atualmente Mar de Azof, entre a Ucrânia e a Rússia.

XIV. 1. Tudo o que difere pouco nos povos eu deixarei de lado. O que for grande, pela natureza ou pelo costume[172], falarei sobre eles, tal como eles são. E primeiramente, falarei sobre os Macrocéfalos. 2. Pois não existe nenhum outro povo que tenha as cabeças semelhantes às deles. Quanto à origem[173] disso, o costume foi o principal causador da forma alongada de sua cabeça, mas agora a natureza influencia o costume. Isso se deve ao fato de aqueles que têm esse alongamento (da cabeça) serem considerados mais nobres. 3. Eis o que o ocorre com o costume: assim que nasce a criancinha, moldam com as mãos sua cabeça ainda tenra, enquanto está mole, e forçam-na a aumentar o alongamento, valendo-se de atadura e de artifícios apropriados, através dos quais a esfericidade da cabeça se altera e o alongamento aumenta. Assim, na origem, o costume se cumpre, de sorte que tal natureza está submetida à força. 4. Com o passar do tempo, (aquela forma) está inserida na natureza, de sorte que o costume já não mais força nada. Por que a semente[174] provém de todas as partes do corpo, das saudáveis, ela vem saudável; das doentes, doente. Se, então, de pais calvos nascem filhos calvos, de pais de olhos glaucos nascem filhos de olhos glaucos e se de pais estrábicos nascem filhos vesgos, em regra geral, e se o raciocínio é o mesmo para os outros aspectos físicos, o que impede que de um macrocéfalo nasça um macrocéfalo?[175] 5. Agora já não mais acontece com a cabeça deles o que acontecia antes, pois esse costume já não mais vigora, por causa do convívio entre os homens. Sobre isso, é assim que me parece.

XV. 1. Agora, sobre os que habitam Phasis[176]: aquela região é pantanosa, quente, úmida e cheia de bosques. E as chuvas ali ocorrem em toda a estação, abundantes e fortes. O regime dos homens é viver nesses charques, com habitações de madeira e cálamo construídas em meio às águas. Costumam caminhar pouco pela cidade e pelo mercado do porto, mas navegam para cima e para baixo em suas canoas[177], pois os canais são muito abundantes. Bebem águas quentes e estagnadas, putrefatas pelo sol e aumentadas pelas chuvas. O próprio Phasis é o mais estagnado de todos os rios e o que flui menos intensamente. Ali, os frutos são todos atrofiados, amolecidos e inacabados pela ação da grande quantidade de água, e, por isso, não amadurecem. Uma intensa névoa proveniente das águas toma a região. 2. Por essas razões, os phásios têm um aspecto variado em relação aos demais seres humanos. São grandes quanto às dimensões e espessos quanto à espessura; nenhuma articulação é visível, nem qualquer vaso sangüíneo, e têm a pele amarelada, como aqueles que são tomados pela hidropisia. Têm a voz mais grave, pois não respiram o ar límpido, mas o ar austral e

---

172. ἢ φύσει ἢ νόμῳ.

173. Ou 'princípio', gr. ἀρχή.

174. A palavra γόνος significa uma espécie de semente condutora de genotipias. Essa semente provinha tanto do homem quanto da mulher (v. *Da geração*, 8).

175. Essa tese é também desenvolvida em *Da doença sagrada*, 21.

176. Rio da Cólquida, hoje chamado Rioni.

177. Canoas simples feitas de um só tronco, piroga; *gr.* μονόξυλον.

brumoso. E, quanto a vivacidade, o corpo é mais preguiçoso por natureza. 3. As estações não trazem grande mudança nem para o calor sufocante, nem para o frio. Os ventos são abundantes e austrais, exceto uma brisa regional. Essa sopra de vez em quando violenta, difícil de suportar e quente, e denominam esse vento de 'cencrona'. O boreal não lhes chega muito; quando sopra ele é fraco e atenuado. E sobre a natureza da diferença e da compleição dos habitantes da Ásia (e da Europa) eis o que há.

XVI. 1. Quanto à falta de ânimo dos homens e à sua falta de coragem — porque os asiáticos são mais inaptos para a guerra do que os europeus, e mais dóceis em relação ao caráter[178] — as estações são a principal causa, não produzindo grandes mudanças nem para o calor, nem para frio, mas essas condições são próximas umas das outras. 2. De fato, não ocorrem choques no espírito, nem fortes modificações no corpo. Daí ser normal que exacerbem sua ira e participem mais da irreflexão e do ímpeto do que se vivessem sempre nas mesmas condições. Pois as mudanças de todas as coisas são as que sempre despertam o espírito dos homens, sem permitir-lhes o repouso. 3. Por essas razões, parece-me ser débil a estirpe asiática, e assim é por causa dos costumes. De fato, a maior parte do que é asiático está sob reinado[179]. Onde os homens não são os dominadores de si mesmos, nem são autônomos[180], mas são despotizados, ali, para eles, a questão não é que eles se exercitem em atividades bélicas, mas que não pareçam aptos para a batalha. 4. Pois os perigos não são semelhantes: é normal que eles partam em expedição militar, que passem por coisas sofridas e morram, forçados pela despotização, ficando sem seus filhos, mulheres e todos os seus. Assim, quanto a tudo que fazem de bom e valoroso, os déspotas é que se valem dessas coisas para crescer e gerar-se, enquanto eles mesmos se beneficiam dos perigos e das mortes. Além do mais, a terra, diante de homens desse tipo, necessariamente desertifica-se sob a ação das guerras e da selvageria. De sorte que, mesmo se alguém for naturalmente valoroso e vivaz, modificaria seu espírito sob a ação dos costumes. 5. Eis a grande prova disso: os gregos ou bárbaros que vivem na Ásia não são despotizados, mas são autônomos[181] e sofrem por conta própria. Eles são também os mais belicosos de todos. De fato, correm os seus próprios perigos, recebem, eles mesmos, os prêmios de sua virilidade e são, da mesma forma, castigados por sua covardia. Encontrarás também asiáticos diferentes entre si, alguns melhores, outros pusilânimes. As causas disso são as mudanças das estações, como já foi dito por mim anteriormente. E sobre os que vivem na Ásia, eis o que há.

XVII. 1. Na Europa, há um povo Cita, que habita o entorno do lago da Meódida, e que difere dos outros povos. São chamados Saurômatas[182]. 2. Entre eles, as mulheres montam

---

[178]. I.e., ἦθος.

[179]. I.e., βασιλεύεται.

[180]. I.e., regidos por sua própria lei, ou costume.

[181]. I.e., governam-se a si mesmos

[182]. Heródoto (IV, 110-117) descreve um povo muito semelhante a esse do tratado, mas que também se distingue em relação à localização. Heródoto situa o povo descrito a três dias de caminhada a partir do lago da Meótida (IV,116,1). Contudo, deve-se entender com mais lassidão a idéia de "entorno" (περί)

a cavalo, atiram de arco, lançam dardos de cima de seus cavalos, lutam contra os inimigos e não casam sem antes proceder aos sacrifícios sagrados, conforme o costume. Aquela que toma para si um marido pára de cavalgar, enquanto não for necessário tomar parte de alguma expedição militar geral. 3. Elas não têm o seio direito, pois, quando ainda são crianças muito pequenas, as suas mães, produzindo especialmente para esse fim um artefato de bronze, colocam-no sobre o seio direito, que é queimado de sorte a aniquilar seu crescimento e fornecer ao ombro e ao braço direito toda força e toda pletora.

XVIII. 1. Sobre a compleição dos outros (povos) citas, o porque de eles se parecerem entre si e não parecerem em nada com outros (povos) deve-se à mesma razão pela qual isso ocorre com os egípcios, com a diferença de uns estarem oprimidos pelo calor e os outros pelo frio. 2. O chamado deserto dos citas é um platô, coberto de pradarias, elevado e moderadamente servido de água, pois os rios são grandes e drenam a água dos platôs. Precisamente nesse lugar os citas passam a vida, e são chamados de nômades porque não possuem casas, mas moram em carroças. 3. As carroças são assim: as menores têm quatro rodas e as outras têm seis. Todas cobertas por feltro. São ainda planeadas como casas, tanto as simples, quanto as triplas[183]. São impermeáveis à água, à neve e aos ventos. As carroças, tracionam-nas algumas dois, outras três pares de bois sem chifre, os quais não possuem os chifres por causa do frio. 4. As mulheres, portanto, passam suas vidas nessas carroças, ao passo que os homens transportam-se sobre cavalos. Seguem-nos o gado miúdo que houver, as vacas, e os cavalos. Permanecem no mesmo lugar durante o tempo em que o pasto for suficiente para o gado. Quando já não é mais suficiente, deslocam-se para outra região. Eles comem carne cozida e bebem leite de égua e devoram o "hípace"[184], isto é, um queijo feito a partir (do leite) de éguas. É assim o que há no regime de vida deles e são assim seus costumes.

XIX. 1. Sobre as estações e sobre a compleição, a estirpe cita é muito distinta do restante dos homens, se parece somente consigo mesma, como a egípcia, e é menos prolífera; a região engendra animais de ínfimo tamanho e quantidade. 2. De fato, essa região situa-se justamente sob as Ursas e sob as montanhas Ripéias, de onde sopra o boreal. O sol, ao findar seu trajeto, fica mais próximo, quando chega aos circuitos de verão (isto é, ao solstício de verão), e mesmo quando esquenta por pouco tempo, e não muito. Os ventos que sopram dos (lugares) quentes não chegam, senão por poucas vezes e fracos, mas das Ursas sempre sopram ventos frios, assim como da neve, do gelo e das águas abundantes. São condições que jamais abandonam as montanhas. Por causa dessas condições, elas são inabitáveis. Um ar espesso ocupa os platôs durante o dia. E neles (os citas) passam a vida, de sorte que é sempre inverno e o verão dura poucos dias, e nesses dias não é intenso. De

[183]. I.e., com três cômodos.

[184]. Sobre o preparo do hípace, ver *Doenças* IV, 51.

fato, os platôs são elevados e desprovidos de vegetação e não foram coroados por montanhas, exceto no sentido proveniente das Ursas. 3. Ali também os animais selvagens não são grandes, mas, tal como são, é-lhes possível ser cobertos pela terra. 4. Pois as mudanças das estações não são grandes nem fortes, mas são parecidas e variam pouco. Por isso, quanto ao aspecto, eles são parecidos uns com os outros, usam o alimento parecido e as mesmas roupas, tanto no verão quanto no inverno, respiram um ar úmido e espesso, bebem águas provenientes da neve e do gelo, e o labor[185] se afasta. De fato, não é possível que o corpo labore, nem a alma, onde as mudanças não são fortes. 5. Por causa dessas necessidades, os aspectos físicos deles são espessos, carnudos, sem articulação visível, úmidos e sem tono, e suas cavidades inferiores são as mais úmidas de todas, porque não é possível que um ventre se desseque numa região como aquela e tendo uma natureza como aquela e uma tal constituição sazonal, mas sua carne deve ser sempre gordurosa e glabra. Quanto aos aspectos, eles se parecem mutuamente, os homens parecem-se com os outros homens e as mulheres com as outra mulheres, pois, sendo as estações próximas entre si, não ocorrem nelas corrupções, nem deterioração na coagulação da semente, isso se acaso não ocorrer algo violentamente forçoso ou alguma doença.

XX. 1. Apresentarei uma grande prova de sua umidade. Entre a maioria dos citas – entre todos os que são nômades – encontrarás ombros, braços, punhos das mãos, peitos e ancas cauterizados não por outra causa senão pela umidade de sua natureza e por sua moleza. Pois não podem nem tencionar os arcos, nem lançar dardos com o ombro, por causa da umidade e da atonia. Quando são cauterizados, dessecam-se da maior parte da umidade das articulações e seus corpos tornam-se mais tonificados, mais compactos e as articulações mais marcadas. 2. Os corpos são flácidos e largos, primeiramente porque não se enfaixam como no Egito – e não têm esse costume por causa da equitação, para que estejam bem montados – e, em segundo lugar, por causa da posição sentada. Pois os homens, enquanto não lhes é possível montar a cavalo, na maior parte do tempo sentam-se no carro e caminham distâncias curtas, por causa das migrações e das jornadas. As mulheres, por sua vez, têm aspecto admiravelmente flácido e pachorrento. 3. A estirpe cita é ruiva por causa do frio, pois o sol não lhes sobrevém muito agudo. A alvura (da pele) é queimada pelo frio e torna-se ruiva.

XXI. 1. Tal natureza não pode ser prolífica. Pois, no homem, nem o desejo de cópula é grande, por causa da umidade de sua natureza, da moleza e sua baixa temperatura; daí ser normal o homem ser menos capaz de copular e, ainda, fustigados constantemente pela cavalgadura, tornam-se fracos para a cópula. Para os homens esses são os motivos. 2. Para as mulheres, é a adiposidade da carne e a umidade. Pois os úteros não podem mais conter

---

[185]. I.e., a disposição para o esforço.

a semente. Pois a menstruação não lhes ocorre como deve, mas sim pouca e com longos intervalos. O colo do útero[186] é fechado pela gordura e não recebe a semente. E as mulheres são inativas e gordas e as cavidades são frias e moles. 3. E, por esses motivos imperiosos, a estirpe cita não é muito prolífica. As serventes domésticas constituem grande prova disso; pois, mal se aproximam de um homem, ficam grávidas, por causa do esforço da atividade e por causa da magreza do corpo.

XXII. 1. Além de tudo isso, a maioria entre os citas torna-se como que eunucos, e exerce trabalhos femininos e fala como as mulheres. Chamam-se os que assim são de anarieus[187]. 2. Os habitantes daquela região atribuem a causa a um deus[188], e veneram esses homens e reverenciam-nos, cada um deles temendo-os pelo que aqueles eram. 3. A mim, parece-me que essas afecções[189] são divinas, assim como todas as outras[190], e uma não é em nada mais divina do que a outra, nem mais humana, mas são todas semelhantes e todas divinas. Cada uma tem a natureza do que lhe caracteriza e nada ocorre sem a sua natureza. 4. Explicarei essa afecção tal como ela me parece ser: por efeito da equitação, têm fluxões nas articulações[191], devido ao fato de terem sempre os pés pendidos a partir dos cavalos. Em seguida, tornam-se coxos e fazem ulcerações nas ancas, no caso de adoentarem-se muito. 5. Curam-se a si mesmos da seguinte maneira: quando a doença começa, fazem uma incisão na veia que passa atrás de cada uma das orelhas. Quando o sangue escorre, o sono os toma, devido à fraqueza, e eles dormem. Em seguida, acordam, alguns curados, outros não. 6. A mim, parece-me que a semente se altera nessa cura, pois há vasos sangüíneos que estão ao logo da orelha e, se alguém os corta, os lugares que sofreram a incisão tornam-se sem sementes. Parece-me ser exatamente esses os vasos que eles cortam. 7. Depois disso, quando se aproximam das mulheres, já não são capazes de valer-se delas, primeiramente não desejam, mas permanecem tranqüilos. Quando, tendo tentado duas, três e mais vezes, não conseguem nada de novo, julgando haver cometido alguma falta contra a divindade à qual atribuem a

[186]. A tradução literal seria "a boca do útero", τὸ στόμα τῶν μητρέων.

[187]. É verossimilhante que esses citas referidos pelo autor do tratado sejam os mesmos dos quais fala Heródoto (I,105,4 e IV,67,4). Heródoto refere-se à impotência desses povos, chamando-os de Enareus. De fato, as semelhanças na descrição dos sintomas são muitas, mas a etiologia nos dois autores é consideravelmente diversa.

[188]. Se considerarmos que se trata do mesmo povo de que fala Heródoto, a divindade em questão é Afrodite.

[189]. Gr. πάθη (plural de πάθος)

[190]. Esse é o raciocínio que se encontra no início e no fim do tratado MS. Sobre esse tema, v. CAIRUS, 1999.

[191]. "Fluxões nas articulações" foi a tradução para κέδματα. A tradução do termo é difícil, e podemos assinalar três glosas que podem lançar algumas luzes a essa interpretação: Erotiano: "chama-se κέδματα as afecções crônicas em torno das articulações". Galeno (Kühn XIX,111, 5-6): "(são κέδματα) as afecções crônicas devidas a um fluxo, seja em torno das articulações em geral, seja em particular em torno das ancas". Hesíquio: "(κέδματα·) os estados doentios crônicos em torno das articulações; segundo alguns, em torno das partes genitais". Por outro lado, temos: Sabino: "Os κέδματα são uma dor na carne dos músculos do antebraço, da coxa e da perna, e ela é parecida com a dor das articulações", ainda Diocles, na sua *Higieinia*: "os κέδματα vêm dos fluxos... quando os humores do corpo são colocados em movimento, resultam daí diferentes doenças (....) Quando uma parte dos fluxos mencionados encontra-se nos nervos ou nas articulações, de lá nascem afecções às quais se chamam κέδματα". Finalmente, Galeno propõe ainda uma definição que parece sintetizar essas duas últimas interpretações: "dores na região da anca, devidas a um fluxo".

responsabilidade, vestem roupas femininas, acusando-se a si mesmos de invirilidade; comportam-se como mulheres e desempenham, em companhia das mulheres, as tarefas delas. 8. Isso sofrem os ricos citas, não os mais vis, e sim os mais bem-nascidos e os que possuem mais poder, por causa da equitação. Os pobres sofrem menos disso, pois não cavalgam. 9. Assim, se essa doença específica é mais divina do que as demais, seria preciso que ela sobrecaísse não somente sobre os mais bem-nascidos e mais ricos entre os citas, mas sobre todos eles igualmente, e mais ainda sobre aqueles que possuem pouco, os que não são mais honrados, se é que os deuses, admirados pelos homens, retribuem os favores desses. 10. Pois é normal que os ricos ofereçam muitos sacrifícios aos deuses e depositem oferendas sagradas, já que possuem bens e honrarias, e é normal que os pobres ofereçam menos, por terem pouco, e que (os deuses) reprovem quem não lhes dê pertences valiosos, de sorte a castigarem por tais faltas os que possuem pouco mais do que os ricos. 11. O mesmo também ocorre com o restante dos homens: pois onde praticam mais a equitação e com maior freqüência, ali é que a maioria está sujeita a fluxões das articulações, a ciáticas e a podagra, e têm maiores dificuldade para o coito. 13. Essas coisas ocorrem aos citas e, entre os homens, eles são os mais parecidos com os eunucos pelas razões já referidas, e porque sempre estão de calças largas[192] e estão na maior parte do tempo sobre os cavalos, de sorte a não segurarem com a mão suas partes pudendas; quando estão sob a ação do frio e dos golpes, esquecem-se do desejo amoroso e da união, e não se animam a nada disso antes de chegar à idade viril[193]. Sobre a estirpe dos citas, eis o que há.

XXIII. 1. A outra estirpe, a que se situa na Europa, é muito diversificada entre si, tanto no que concerne à estatura quanto no que diz respeito à compleição. Isso por causa das mudanças das estações, que são grandes e freqüentes, do forte calor do sol, além dos invernos rigorosos, das chuvas abundantes e, de forma inversa, das estiagem prolongadas e dos ventos – nos quais as mudanças são numerosas e diversificadas. A partir disso, é normal que (as pessoas) se ressintam e que a geração no mesmo indivíduo, ao coagular-se a semente, seja outra e não a mesma, nem no verão, nem no inverno, nem mesmo nos tempos chuvosos e nos secos. 2. Por isso, julgo que os aspectos físicos dos europeus variam mais do que a dos asiáticos, e a estatura é muito diferente entre uns e outros, de acordo com as respectivas cidades. Pois as degenerações maiores ocorrem na coagulação da semente, nas mudanças das estações que se amiúdam ou quando as estações são próximas ou semelhantes. 3. O mesmo raciocínio se aplica aos caracteres. O (caráter) selvagem, indócil e indomável existe numa natureza como essa. Pois os golpes freqüentes no espírito[194] implantam a selvageria e destroem a docilidade e a amenidade. Por isso, considero que os habitantes da Europa são

[192]. Heródoto (I, 71) também faz referência a essa veste cita, chamada de ἀναξυρίς

[193]. Segundo Jouanna, que prefere a fidelidade aos manuscritos às conjecturas de Littré, isso significa que os citas começavam a excitar-se na maturidade, e não na puberdade, como se esperaria dos outros homens.

[194]. Esta foi a opção para traduzir γνώμη; de resto, tal tradução é também adotada por Jouanna.

mais animosos do que os da Ásia; pois, em (climas) quase iguais, há indolência; em (climas) que se modificam, há a vivacidade no corpo e na alma, e, a partir da tranqüilidade e da indolência, aumenta a covardia; a partir da vivacidade e dos esforços aumenta a virilidade. 4. Por essa razão, os habitantes da Europa são mais belicosos, e também por causa dos costumes, porque não são reinados, como os Ásia. Pois onde o homem é reinado, necessariamente também é mais covarde. Isso já foi dito por mim antes. De fato, as almas escravizam-se e não querem espontaneamente correr riscos casuais sob o poder alheio. Os que são autônomos – posto que correm riscos por seu próprio arbítrio, e não pelo alheio –, são espontaneamente impetuosos e afrontam o que for terrível, pois a eles mesmos cabe o mérito da vitória. Assim, os costumes não influenciam pouco a vivacidade. Eis por completo e por inteiro o que há sobre a Europa e sobre a Ásia.

XXIV. 1. Na Europa as tribos são diferentes umas das outras, tanto nas estaturas, quanto nas compleições, quanto nas virilidades[195]. Os fatores que produzem as mudanças são os que também já mencionei antes. Mas explicarei ainda mais claramente. 2. Os que habitam uma região montanhosa, apical, elevada e abundante em água, e as mudanças das estações lhes ocorrem diferenciadas, nestes casos, é normal que tenham aparência de grandes e sejam naturalmente propícios para o esforço e para a virilidade; e tais naturezas não têm menos selvageria e animalidade. 3. Aqueles que habitam as regiões côncavas, cobertas de pradarias e sufocantes, que compartilham lugares mais cheios de ventos quentes do que de frios e que utilizam águas quentes, esses, por conseguinte, não podem ser grandes nem esguios, mas têm tendência natural para a largura, são carnudos e de cabelos escuros; eles mesmos mais escuros do que claros, menos fleumáticos do que biliosos. Da mesma forma, então, a virilidade e a boa disposição não podem estar, por natureza, presentes na alma. Mas o costume atrelado a isso poderia engendrá-lo, se tal aspecto não existir neles. 4. E, se os rios que correrem nessa região drenarem para fora dela (água) estagnada e proveniente da chuva, as pessoas poderão ser mais saudáveis e menos rijas. Mas, se os rios não correrem na região e se eles bebem águas de fontes, estagnadas e palustres, é necessário que tais tipos sejam ventrudos e espleneticos. 5. Aqueles que habitam uma região elevada, plana, abundante em ventos e água, podem ter compleições avolumadas[196] e próximas entre si; seus espíritos podem ser menos varonis e mais dóceis. Pois os que estão em (clima) temperado e que utilizam águas abundantes e boas têm as compleições e os caracteres bons, e são gordos[197], de farta compleição e semelhantes uns aos outros. 6. Aqueles que habitam lugares de solo pobre, sem água, sem vegetação e de um clima nada temperado, graças às mudanças das estações, nessa região é normal que os aspectos sejam rijos, tonificados, mais para loiros do

[195]. A palavra ἀνδρεία tem sido traduzida por 'virilidade'; contudo, penso que aqui caberia advertir sobre as possibilidades sêmicas desse vocábulo, que, por vezes, irmana-se ao sentido que atribuímos a 'coragem'.

[196]. Lit. 'grandes' (gr. μεγάλα).

[197]. A palavra aqui traduzida por 'gordo' é παχύς. Em *Aforismos* 2,44, há a oposição entre παχύς e ἰσχνός (magro) e, em *Articulações* 7, a exemplo de AAL XIV,8, o substantivo πάχος é oposto a λέπτον (leve, fraco). Pensando nessa oposição, optou-se pelo sentido específico para esse adjetivo que significa sobretudo 'espesso'.

que para escuros[198], e os caracteres e os sentimentos sejam arrogantes e independentes. Pois, onde as mudanças das estações são muito freqüentes e muito diferentes entre si, ali também encontrarás os aspectos, os caracteres e as naturezas divergindo grandemente. 7. São, portanto, enormes essas modificações da natureza, mas há também – em seguida – o lugar no qual se foi criado, assim como as águas. E, de fato, encontrarás geralmente os aspectos físicos dos homens e suas maneiras acompanhando a natureza da região. 8. Pois, onde a terra é fecunda, macia e abundante em água, e as águas são fortemente elevadas[199], de sorte a serem quentes no verão e frias no inverno, e, durante as estações tudo ocorre bem, nesse lugar, também os homens são carnudos e sem articulações visíveis, são úmidos, sem vigor e geralmente têm a alma de má qualidade; a indolência e a sonolência estão dentro deles, e mesmo para o ofício eles são gordos, e não lépidos e precisos. 9. Onde a região é sem vegetação, sem água, acidentada e oprimida pelo inverno e queimada pelo sol, nesse lugar, encontrarás homens rijos, magros, com articulações visíveis, tonificados e cabeludos, e, presente em tal natureza, encontrarás um profundo espírito de trabalho, um sono difícil; os caracteres e os sentimentos, encontra-los-ás arrogantes e independentes, participando mais da selvageria do que da docilidade, mais precisos nos ofícios e mais argutos, e, nas atividades belicosas, mais bravos; encontrarás, ainda, todas as outras coisas que nascem na terra acompanhando sempre a própria terra. 10. As naturezas e as conformações mais contrárias são assim. Considerando o restante a partir dessas coisas, não errarás.

ΠΕΡΙ ΑΕΡΩΝ ΥΔΑΤΩΝ ΤΟΠΩΝ

I.1 Ἰητρικὴν ὅστις βούλεται ὀρθῶς ζητέειν, τάδε χρὴ ποιέειν· πρῶτον μὲν ἐνθυμέεσθαι τὰς ὥρας τοῦ ἔτεος, ὅ τι δύναται ἀπεργάζεσθαι ἑκάστη· οὐ γὰρ ἐοίκασιν ἀλλήλῃσιν οὐδέν, ἀλλὰ πουλὺ διαφέρουσιν αὐταί τε ἑωυτέων καὶ ἐν τῇσι μεταβολῇσιν· 2 ἔπειτα δὲ τὰ πνεύματα τὰ θερμά τε καὶ τὰ ψυχρά· μάλιστα μὲν τὰ κοινὰ πᾶσιν ἀνθρώποισιν, ἔπειτα δὲ καὶ τὰ ἐν ἑκάστῃ χώρῃ ἐπιχώρια ἐόντα. Δεῖ δὲ καὶ τῶν ὑδάτων ἐνθυμέεσθαι τὰς δυνάμιας· ὥσπερ γὰρ ἐν τῷ στόματι διαφέρουσι καὶ ἐν τῷ σταθμῷ, οὕτω καὶ ἡ δύναμις διαφέρει πουλὺ ἑκάστου. 3 Ὥστε, ἐς πόλιν ἐπειδὰν ἀφίκηταί τις ἧς ἄπειρός ἐστι, διαφροντίσαι χρὴ τὴν θέσιν αὐτέης, ὅκως κέεται καὶ πρὸς τὰ πνεύματα καὶ πρὸς τὰς ἀνατολὰς τοῦ ἡλίου· οὐ γὰρ τωὐτὸ δύναται ἥτις πρὸς βορέην κέεται, καὶ ἥτις πρὸς νότον, οὐδ' ἥτις πρὸς ἥλιον ἀνίσχοντα, οὐδ' ἥτις πρὸς δύνοντα. 4 Ταῦτα δὲ ἐνθυμέεσθαι ὡς κάλλιστα· καὶ τῶν ὑδάτων πέρι ὡς ἔχουσι, καὶ πότερον ἑλώδεσι χρέονται καὶ μαλακοῖσιν ἢ σκληροῖσί τε καὶ ἐκ μετεώρων καὶ ἐκ πετρωδέων εἴτε ἁλυκοῖσί τε καὶ ἀτεράμνοισιν. Καὶ τὴν γῆν, πότερον

198. Aqui, como antes, deve-se entender por 'moreno' o que o autor denomina μέλας, que tem o significado estrito de 'negro', 'escuro'.

199. I.e., próximas à superfície da terra.

ψιλή τε καὶ ἄνυδρος ἢ δασεῖα καὶ ἔφυδρος καὶ εἴτε ἐν κοίλῳ ἐστὶ καὶ πνιγηρὴ εἴτε μετέωρος καὶ ψυχρή· Καὶ τὴν δίαιταν τῶν ἀνθρώπων, ὁκοίῃ ἥδονται, πότερον φιλοπόται καὶ ἀριστηταὶ καὶ ἀταλαίπωροι ἢ φιλογυμνασταί τε καὶ φιλόπονοι καὶ ἐδωδοὶ καὶ ἄποτοι.

II. 1 Καὶ ἀπὸ τουτέων χρὴ ἐνθυμέεσθαι ἕκαστα. Εἰ γὰρ ταῦτα εἰδείη τις καλῶς, μάλιστα μὲν πάντα, εἰ δὲ μή, τά γε πλεῖστα, οὐκ ἂν αὐτὸν λανθάνοι ἐς πόλιν ἀφικνεόμενον ἧς ἂν ἄπειρος ᾖ οὔτε νουσήματα ἐπιχώρια οὔτε τῶν κοιλιῶν ἡ φύσις ὁκοίη τίς ἐστιν, ὥστε μὴ ἀπορέεσθαι ἐν τῇ θεραπείῃ τῶν νούσων μηδὲ διαμαρτάνειν, ἃ εἰκός ἐστι γίγνεσθαι, ἢν μή τις ταῦτα πρότερον εἰδὼς προφροντίσῃ περὶ ἑκάστου. 2 Τοῦ δὲ χρόνου προϊόντος καὶ τοῦ ἐνιαυτοῦ λέγοι ἂν ὁκόσα τε νουσήματα μέλλει πάγκοινα τὴν πόλιν κατασχήσειν ἢ θέρεος ἢ χειμῶνος ὅσα τε ἴδια ἑκάστῳ κίνδυνος γίνεσθαι ἐκ μεταβολῆς τῆς διαίτης. Εἰδὼς γὰρ τῶν ὡρέων τὰς μεταβολὰς καὶ τῶν ἄστρων ἐπιτολάς τε καὶ δύσιας κατότι ἕκαστον τουτέων γίνεται προειδείη ἂν τὸ ἔτος ὁκοῖόν τι μέλλει γίνεσθαι. Οὕτως ἄν τις ἐρευνώμενος καὶ προγινώσκων τοὺς καιροὺς μάλιστ' ἂν εἰδείη περὶ ἑκάστου καὶ τὰ πλεῖστα τυγχάνοι τῆς ὑγιείης καὶ κατ' ὀρθὸν φέροιτο οὐκ ἐλάχιστα ἐν τῇ τέχνῃ. 3 Εἰ δὲ δοκέοι τις ταῦτα μετεωρολόγα εἶναι, εἰ μὴμετασταίη τῆς γνώμης, μάθοι ἂν ὅτι οὐκ ἐλάχιστον μέρος ξυμβάλλεται ἀστρονομίη ἐς ἰητρικήν, ἀλλὰ πάνυ πλεῖστον· ἅμα γὰρ τῇσιν ὥρῃσι καὶ αἱ κοιλίαι μεταβάλλουσι τοῖσιν ἀνθρώποισιν.

III.1 Ὅκως δὲ χρὴ ἕκαστα τῶν προειρημένων σκοπέειν καὶ βασανίζειν, ἐγὼ φράσω σαφέως. Ἥτις μὲν πόλις πρὸς τὰ πνεύματα κέεται τὰ θερμά – ταῦτα δ' ἐστὶ μεταξὺ τῆς τε χειμερινῆς ἀνατολῆς τοῦ ἡλίου καὶ τῶν δυσμέων τῶν χειμερινῶν – καὶ αὐτῇ ταῦτα τὰ πνεύματά ἐστι ξύννομα, τῶν δὲ ἀπὸ τῶν ἄρκτων πνευμάτων σκέπη, ἐν ταύτῃ τῇ πόλει ἐστί τά τε ὕδατα πολλὰ καὶ ὑφαλυκὰ ἀνάγκη εἶναι μετέωρα, τοῦ μὲν θέρεος θερμά, τοῦ δὲ χειμῶνος ψυχρά· 2 τούς τε ἀνθρώπους τὰς κεφαλὰς ὑγρὰς ἔχειν καὶ φλεγματώδεας, τάς τε κοιλίας αὐτέων πυκνὰ ἐκταράσσεσθαι ἀπὸ τῆς κεφαλῆς τοῦ φλέγματος ἐπικαταρρέοντος, τά τε εἴδεα ἐπὶ τὸ πλῆθος αὐτέων ἀτονώτερα εἶναι, ἐσθίειν δ' οὐκ ἀγαθοὺς εἶναι οὐδὲ πίνειν· ὁκόσοι μὲν γὰρ κεφαλὰς ἀσθενέας ἔχουσιν, οὐκ ἂν εἴησαν ἀγαθοὶ πίνειν· ἡ γὰρ κραιπάλη μᾶλλον πιέζει· 3 Νουσήματά τε τάδε ἐπιχώρια εἶναι· πρῶτον μὲν τὰς γυναῖκας νοσερὰς καὶ ῥοώδεας εἶναι· ἔπειτα πολλὰς ἀτόκους ὑπὸ νούσου καὶ οὐ φύσει τιτρώσκεσθαί τε πυκνά· τοῖσί τε παιδίοισιν ἐπιπίπτειν σπασμοὺς καὶ ἄσθματα ἃ νομίζουσι τὸ παιδίον ποιέειν καὶ ἱερὴν νοῦσον εἶναι, τοῖσι δὲ ἀνδράσι δυσεντερίας καὶ διαρροίας καὶ ἠπιάλους καὶ πυρετοὺς πολυχρονίους χειμερινοὺς καὶ ἐπινυκτίδας πολλὰς καὶ αἱμορροΐδας ἐν τῇ ἕδρῃ. 4 Πλευρίτιδες δὲ καὶ περιπλευμονίαι καὶ καῦσοι καὶ

ὁκόσα ὀξέα νουσήματα νομίζονται οὐκ ἐγγίνονται τὰ πολλά· οὐ γὰρ οἷόν τε, ὅκου ἂν κοιλίαι ὑγραὶ ἔωσι, τὰς νούσους ταύτας ἰσχύειν. ὀφθαλμίαι τε ἐγγίνονται ὑγραὶ καὶ οὐ χαλεπαί, ὀλιγοχρόνιοι, ἢν μή τι κατάσχῃ νούσημα πάγκοινον ἐκ μεταβολῆς μεγάλης. Καὶ ὁκόταν τὰ πεντήκοντα ἔτεα ὑπερβάλλωσι, κατάρροοι ἐπιγενόμενοι ἐκ τοῦ ἐγκεφάλου παραπληκτικοὺς ποιέουσι τοὺς ἀνθρώπους, ὁκόταν ἐξαίφνης ἡλιωθέωσι τὴν κεφαλὴν ἢ ῥιγώσωσιν. 5 ταῦτα μὲν τὰ νουσήματα αὐτέοισιν ἐπιχώριά ἐστιν· χωρὶς δὲ, ἤν τι πάγκοινον κατάσχῃ νούσημα ἐκ μεταβολῆς τῶν ὡρέων, καὶ τουτέου μετέχουσιν.

IV.1 Ὁκόσαι δ' ἀντικέονται τουτέων πρὸς τὰ πνεύματα τὰ ψυχρὰ τὰ μεταξὺ τῶν δυσμέων τῶν θερινῶν τοῦ ἡλίου καὶ τῆς ἀνατολῆς τῆς θερινῆς, καὶ αὐτῇσι ταῦτα τὰ πνεύματα ἐπιχώριά ἐστιν, τοῦ δὲ νότου καὶ τῶν θερμῶν πνευμάτων σκέπη, ὧδε ἔχει περὶ τῶν πόλεων τουτέων. 2 Πρῶτον μὲν τὰ ὕδατα σκληρά τε καὶ ψυχρὰ ὡς ἐπὶ τὸ πλῆθος γλυκέα τε, τοὺς δὲ ἀνθρώπους ἐντόνους τε καὶ σκελιφροὺς ἀνάγκη εἶναι τούς τε πλείους τὰς κοιλίας ἀτεράμνους ἔχειν καὶ σκληρὰς τὰς κάτω, τὰς δὲ ἄνω εὐροωτέρας· χολώδεάς τε μᾶλλον ἢ φλεγματίας εἶναι. Τὰς δὲ κεφαλὰς ὑγιηρὰς ἔχουσι καὶ σκληράς ῥηγματίαι τέ εἰσιν ἐπὶ τὸ πλῆθος. 3 Νοσεύματα δὲ αὐτέοισιν ἐπιδημέει τάδε· πλευρίτιδές τε πολλαὶ αἵ τε ὀξεῖαι νομιζόμεναι νοῦσοι· ἀνάγκη δὲ ὧδε ἔχειν ὁκόταν αἱ κοιλίαι σκληραὶ ἔωσιν· ἔμπυοί τε πολλοὶ γίνονται ἀπὸ πάσης προφάσιος· τουτέου δὲ αἴτιόν ἐστι τοῦ σώματος ἡ ἔντασις καὶ ἡ σκληρότης τῆς κοιλίης· ἡ γὰρ ξηρότης ῥηγματίας ποιέει εἶναι καὶ τοῦ ὕδατος ἡ ψυχρότης. Ἐδωδοὺς δὲ ἀνάγκη τὰς τοιαύτας φύσιας εἶναι καὶ οὐ πολυπότας· οὐ γὰρ οἷόν τε ἅμα πολυβόρους τε εἶναι καὶ πολυπότας. Ὀφθαλμίας τε γίνεσθαι μὲν διὰ χρόνου, γίνεσθαι δὲ σκληρὰς καὶ ἰσχυράς, καὶ εὐθέως ῥήγνυσθαι τὰ ὄμματα· αἱμορροίας δὲ ἐκ τῶν ῥινέων τοῖσι νεωτέροισι τριήκοντα ἐτέων γίνεσθαι ἰσχυρὰς τοῦ θέρεος· τά τε ἱερὰ νοσεύματα καλεύμενα, ὀλίγα μὲν ταῦτα, ἰσχυρὰ δέ. Μακροβίους δὲ τοὺς ἀνθρώπους τουτέους μᾶλλον εἰκὸς εἶναι τῶν ἑτέρων, τά τε ἕλκεα οὐ φλεγματώδεα ἐγγίνεσθαι οὐδὲ ἀγριοῦσθαι, τά τε ἤθεα ἀγριώτερα ἢ ἡμερώτερα. 4 Τοῖσι μὲν ἀνδράσι ταῦτα τὰ νουσήματα ἐπιχώριά ἐστιν, καὶ χωρὶς ἤν τι πάγκοινον κατάσχῃ ἐκ μεταβολῆς τῶν ὡρέων. Τῇσι δὲ γυναιξί· πρῶτον μὲν στέριφαι πολλαὶ γίνονται διὰ τὰ ὕδατα ἐόντα σκληρά τε καὶ ἀτέραμνα καὶ ψυχρά· αἱ γὰρ καθάρσιες οὐκ ἐπιγίνονται τῶν ἐπιμηνίων ἐπιτήδειαι, ἀλλὰ ὀλίγαι καὶ πονηραί. Ἔπειτα τίκτουσι χαλεπῶς τιτρώσκουσί τε οὐ σφόδρα. Ὁκόταν δὲ τέκωσι, τὰ παιδία ἀδύνατοι τρέφειν εἰσίν· τὸ γὰρ γάλα ἀποσβέννυται ἀπὸ τῶν ὑδάτων τῆς σκληρότητος καὶ ἀτεραμνίης· φθίσιές τε γίνονται συχναὶ ἀπὸ τῶν τοκετῶν· ὑπὸ γὰρ βίης ῥήγματα ἴσχουσι καὶ σπάσματα. 5 Τοῖσί δε παιδίοισιν ὕδρωπες ἐγγίνονται ἐν τοῖσιν ὄρχεσιν ἕως μικρὰ ᾖ, ἔπειτα προϊούσης τῆς ἡλικίης ἀφανίζονται· ἡβῶσί τε ὀψὲ ἐν ταύτῃ τῇ πόλει. Περὶ μὲν οὖν τῶν θερμῶν πνευμάτων καὶ τῶν ψυχρῶν καὶ τῶν πολίων τουτέων ὧδε ἔχει ὡς προείρηται.

V.1 Ὁκόσαι δὲ κέονται πρὸς τὰ πνεύματα τὰ μεταξὺ τῶν θερινῶν ἀνατολέων τοῦ ἡλίου καὶ τῶν χειμερινῶν καὶ ὁκόσαι τὸ ἐναντίον τουτέων, ὧδε ἔχει περὶ

αὐτέων. 2 Ὁκόσαι μὲν πρὸς τὰς ἀνατολὰς τοῦ ἡλίου κέονται, ταύτας εἰκὸς εἶναι ὑγιεινοτέρας τῶν πρὸς τὰς ἄρκτους ἐστραμμένων καὶ τῶν πρὸς τὰ θερμὰ πνεύματα, ἣν καὶ στάδιον τὸ μεταξὺ ᾖ. 3 Πρῶτον μὲν γὰρ μετριώτερον ἔχει τὸ θερμὸν καὶ τὸ ψυχρόν· ἔπειτα τὰ ὕδατα ὁκόσα πρὸς τὰς τοῦ ἡλίου ἀνατολάς ἐστι, πάντα λαμπρά τε εἶναι ἀνάγκη καὶ εὐώδεα καὶ μαλακὰ ἠέρα τε μὴ ἐγγίνεσθαι ἐν ταύτῃ τῇ πόλει· ὁ γὰρ ἥλιος κωλύει ἀνίσχων καὶ καταλάμπων· τὸ γὰρ ἑωθινὸν ἑκάστοτε αὐτὸς ὁ ἠὴρ ἐπέχει ὡς ἐπὶ τὸ πουλύ. 4 Τά τε εἴδεα τῶν ἀνθρώπων εὔχροά τε καὶ ἀνθηρά ἐστι μᾶλλον, ἢν μή τις νοῦσος ἄλλη κωλύῃ· λαμπρόφωνοί τε οἱ ἄνθρωποι ὀργήν τε καὶ ξύνεσιν βελτίους εἰσὶ τῶν πρὸς βορέην, εἴπερ καὶ τὰ ἄλλα τὰ ἐμφυόμενα ἀμείνω ἐστίν. 5 Ἔοικέ τε μάλιστα ἡ οὕτω κειμένη πόλις ἦρι κατὰ τὴν μετριότητα τοῦ θερμοῦ καὶ τοῦ ψυχροῦ· τά τε νοσεύματα ἐλάσσω μὲν γίνεται καὶ ἀσθενέστερα, ἔοικε δὲ τοῖσιν ἐν τῇσι πόλεσι γινομένοισι νοσεύμασι τῇσι πρὸς τὰ θερμὰ πνεύματα ἐστραμμένῃσιν. Αἵ τε γυναῖκες αὐτόθι ἀρικύμονές εἰσι σφόδρα καὶ τίκτουσι ῥηϊδίως. Περὶ μὲν τουτέων ὧδε ἔχει.

VI. 1 Ὁκόσαι δὲ πρὸς τὰς δύσιας κέονται καὶ αὐτῇσίν ἐστι σκέπη τῶν πνευμάτων τῶν ἀπὸ τῆς ἠοῦς πνεόντων τά τε θερμὰ πνεύματα παραρρέει καὶ τὰ ψυχρὰ ἀπὸ τῶν ἄρκτων, ἀνάγκη ταύτας τὰς πόλιας θέσιν κέεσθαι νοσερωτάτην. 2 Πρῶτον μὲν γὰρ τὰ ὕδατα οὐ λαμπρά· αἴτιον δὲ ὅτι ὁ ἠὴρ τὸ ἑωθινὸν κατέχει ὡς ἐπὶ τὸ πουλὺ, ὅστις τῷ ὕδατι ἐγκαταμιγνύμενος τὸ λαμπρὸν ἀφανίζει· ὁ γὰρ ἥλιος πρὶν ἄνω ἀρθῆναι οὐκ ἐπιλάμπει. Τοῦ δὲ θέρεος ἕωθεν μὲν αὖραι ψυχραὶ πνέουσι καὶ δρόσοι πίπτουσιν, τὸ δὲ λοιπὸν ἥλιος ἐγκαταδύνων ὥστε μάλιστα διέψει τοὺς ἀνθρώπους· 3 διὸ καὶ ἀχρόους τε εἰκὸς εἶναι καὶ ἀρρώστους τῶν τε νοσευμάτων πάντων μετέχειν μέρος τῶν προειρημένων· οὐδὲν αὐτέοισιν ἀποκέκριται. Βαρυφώνους τε εἰκὸς εἶναι καὶ βραγχώδεας διὰ τὸν ἠέρα, ὅτι ἀκάθαρτος ὡς ἐπὶ τὸ πουλὺ αὐτόθι γίνεται καὶ νοτώδης· οὔτε γὰρ ὑπὸ τῶν βορείων ἐκκρίνεται σφόδρα· οὐ γὰρ προσέχουσι τὰ πνεύματα· ἅ τε προσέχουσιν αὐτέοισι καὶ προσκέονται, ὑδατεινότατά ἐστιν· ἐπεὶ τοιαῦτα τὰ ἐπὶ τῆς ἑσπέρης πνεύματα. 4 Ἔοικέ τε μετοπώρῳ μάλιστα ἡ θέσις ἡ τοιαύτη τῆς πόλιος κατὰ τὰς τῆς ἡμέρης μεταβολὰς, ὅτι πουλὺ τὸ μέσον γίνεται τοῦ τε ἑωθινοῦ καὶ τοῦ πρὸς τὴν δείλην. Περὶ μὲν πνευμάτων ἅ τέ ἐστιν ἐπιτήδεια καὶ ἀνεπιτήδεια ὧδε ἔχει.

VII. 1 Περὶ δὲ τῶν λοιπῶν ὑδάτων βούλομαι διηγήσασθαι ἅ τέ ἐστι νοσώδεα καὶ ἃ ὑγιεινότατα καὶ ὁκόσα ἀφ' ὕδατος κακὰ εἰκὸς γίνεσθαι καὶ ὅσα ἀγαθά· πλεῖστον γὰρ μέρος ξυμβάλλεται ἐς τὴν ὑγιείην. 2 Ὁκόσα μὲν οὖν ἐστιν ἑλώδεα καὶ στάσιμα καὶ λιμναῖα, ταῦτα ἀνάγκη τοῦ μὲν θέρεος εἶναι θερμὰ καὶ παχέα καὶ ὀδμὴν ἔχοντα, ἅτε οὐκ ἀπόρρυτα ἐόντα, ἀλλὰ τοῦ τε ὀμβρίου ὕδατος

ἐπιτρεφομένου αἰεὶ νέου τοῦ τε ἡλίου καίοντος ἀνάγκη ἄχροά τε εἶναι καὶ πονηρὰ καὶ χολώδεα· τοῦ δὲ χειμῶνος παγετώδεά τε καὶ ψυχρὰ καὶ τεθολωμένα ὑπό τε χιόνος καὶ παγετῶν, ὥστε φλεγματωδέστατα εἶναι καὶ βραγχωδέστατα. 3 Τοῖσι δὲ πίνουσι σπλῆνας μὲν ἀεὶ μεγάλους εἶναι καὶ μεμυωμένους καὶ τὰς γαστέρας σκληράς τε καὶ λεπτὰς καὶ θερμάς, τοὺς δὲ ὤμους καὶ τὰς κληῖδας καὶ τὸ πρόσωπον καταλελεπτύνθαι καὶ κατισχάνθαι· ἐς γὰρ τὸν σπλῆνα αἱ σάρκες ξυντήκονται· διότι ἰσχνοί εἰσιν· ἐδωδούς τε εἶναι τοὺς τοιουτέους καὶ διψηρούς· τάς τε κοιλίας ξηροτάτας τε καὶ τὰς ἄνω καὶ τὰς κάτω ἔχειν, ὥστε τῶν φαρμάκων ἰσχυροτέρων δέεσθαι. Τοῦτο μὲν τὸ νούσημα αὐτέοισι ξύν τροφόν ἐστι καὶ θέρεος καὶ χειμῶνος. 4 πρὸς δὲ τουτέοισιν οἱ ὕδρωπες τε καὶ πλεῖστοι γίνονται καὶ θανατωδέστατοι· τοῦ γὰρ θέρεος δυσεντερίαι τε πολλαὶ ἐμπίπτουσι καὶ διάρροιαι καὶ πυρετοὶ τεταρταῖοι πολυχρόνιοι· ταῦτα δὲ τὰ νοσεύματα μηκυνθέντα τὰς τοιαύτας φύσιας ἐς ὕδρωπας καθίστησι καὶ ἀποκτεί νει. Ταῦτα μὲν αὐτέοισι τοῦ θέρεος γίνεται. 5 Τοῦ δὲ χειμῶνος τοῖσι νεωτέροισι μὲν περιπλευμονίαι τε καὶ μανιώδεα νοσεύματα, τοῖσι δὲ πρεσβυτέροισι καῦσοι διὰ τὴν τῆς κοιλίης σκληρότητα. 6 Τῇσι δὲ γυναιξὶν οἰδήματα ἐγγίνεται καὶ φλέγμα λευκόν καὶ ἐν γαστρὶ ἴσχουσι μόλις καὶ τίκτουσι χαλεπῶς· μεγάλα τε τὰ ἔμβρυα καὶ οἰδέοντα, ἔπειτα ἐν τῇσι τροφῇσι φθινώδεά τε καὶ πονηρὰ γίνεται· ἥ τε κάθαρσις τῇσι γυναιξὶν οὐκ ἐπιγίνεται χρηστὴ μετὰ τὸν τόκον. 7 Τοῖσι δὲ παιδίοισι κῆλαι ἐπιγίνονται μάλιστα καὶ τοῖσιν ἀνδράσι κίρσοι καὶ ἕλκεα ἐν τῇσι κνήμῃσιν, ὥστε τὰς τοιαύτας φύσιας οὐχ οἷόν τε μακροβίους εἶναι, ἀλλὰ προγηράσκειν τοῦ χρόνου τοῦ ἱκνευμένου. 8 Ἔτι δὲ αἱ γυναῖκες δοκέουσιν ἔχειν ἐν γαστρὶ, καὶ ὁκόταν ὁ τόκος ᾖ, ἀφανίζεται τὸ πλήρωμα τῆς γαστρός· τοῦτο δὲ γίνεται ὑπὸ ὑδέρου ὁκόταν ὑδρωπιήσωσιν αἱ ὑστέραι. 9 Τὰ μὲν τοιαῦτα ὕδατα νομίζω μοχθηρὰ εἶναι πρὸς ἅπαν χρῆμα. Δεύτερα δὲ ὅσων εἶεν αἱ πηγαὶ ἐκ πετρέων –σκληρὰ γὰρ ἀνάγκη εἶναι – ἢ ἐκ γῆς, ὅκου θερμὰ ὕδατά ἐστιν ἢ σίδηρος γίνεται ἢ χαλκὸς ἢ ἄργυρος ἢ χρυσὸς ἢ θεῖον ἢ στυπτηρίη ἢ ἄσφαλτον ἢ νίτρον· ταῦτα γὰρ πάντα ὑπὸ βίης γίνονται τοῦ θερμοῦ. Οὐ τοίνυν οἷόν τε ἐκ τοιαύτης γῆς ὕδατα ἀγαθὰ γίνεσθαι, ἀλλὰ σκληρά τε καὶ καυσώδεα διουρέεσθαί τε χαλεπὰ καὶ πρὸς τὴν διαχώρησιν ἐναντία εἶναι. 10 Ἄριστα δὲ ὁκόσα ἐκ μετεώρων χωρίων ῥέει καὶ λόφων γεηρῶν· αὐτά τε γάρ ἐστι γλυκέα καὶ λευκὰ καὶ τὸν οἶνον φέρειν ὀλίγον οἷά τέ ἐστι· τοῦ δὲ χειμῶνος θερμὰ γίνεται, τοῦ δὲ θέρεος ψυχρά· οὕτω γὰρ ἂν εἴη ἐκ βαθυτάτων πηγέων. Μάλιστα δὲ ἐπαινέω ὧν τὰ ῥεύματα πρὸς τὰς ἀνατολὰς τοῦ ἡλίου ἐρρώγασι, καὶ μᾶλλον πρὸς τὰς θερινάς· ἀνάγκη γὰρ λαμπρότερα εἶναι καὶ εὐώδεα καὶ κοῦφα. 11 Ὁκόσα δέ ἐστιν ἁλυκὰ καὶ ἀτέραμνα καὶ σκληρὰ, ταῦτα μὲν πάντα πίνειν οὐκ ἀγαθά, εἰσὶ δ' ἔνιαι φύσιες καὶ νοσεύματα ἐς ἃ ἐπιτήδειά ἐστι τὰ τοιαῦτα ὕδατα πινόμενα, περὶ ὧν φράσω αὐτίκα. Ἔχει δὲ καὶ περὶ τουτέων ὧδε· ὁπό σων μὲν αἱ πηγαὶ πρὸς τὰς ἀνατολὰς ἔχουσι, ταῦτα μὲν ἄριστα αὐτὰ ἑωυτέων ἐστι· δεύτερα δὲ τῶν τὰ μεταξὺ τῶν θερινῶν ἀνατολέων ἐστὶ τοῦ ἡλίου καὶ

δύσεων, καὶ μᾶλλον τὰ πρὸς τὰς ἀνατολάς· τρίτα δὲ τὰ μεταξὺ τῶν δυσμέων τῶν θερινῶν καὶ τῶν χειμερινῶν· φαυλότατα δὲ τὰ πρὸς τὸν νότον καὶ τὰ μεταξὺ χειμερινῆς ἀνατολῆς καὶ δύσιος, καὶ ταῦτα τοῖσι μὲν νοτίοισι πάνυ πονηρά, τοῖσι δὲ βορείοισιν ἀμείνω. 12 Τουτέοισι δὲ πρέπει ὧδε χρέεσθαι· ὅστις μὲν ὑγιαίνει τε καὶ ἔρρωται, μηδὲν διακρίνειν, ἀλλὰ πίνειν αἰεὶ τὸ παρεόν· ὅστις δὲ νούσου εἵνεκα βούλεται τὸ ἐπιτηδειότατον πίνειν, ὧδε ἂν ποιέων μάλιστα τυγχάνοι τῆς ὑγιείης· ὁκόσων μὲν αἱ κοιλίαι σκληραί εἰσι καὶ ξυγκαίειν ἀγαθαὶ εἶναι, τουτέοισι μὲν τὰ γλυκύτατα ξυμφέρει καὶ κουφότατα καὶ λαμπρότατα· ὁκόσων δὲ μαλακαὶ αἱ νηδύες καὶ ὑγραί εἰσι καὶ φλεγματώδεες, τουτέοισι δὲ τὰ σκληρότατα καὶ ἀτεραμνότατα καὶ τὰ ὑφαλυκά· οὕτω γὰρ ἂν ξηραίνοιτο μάλιστα. 13 Ὁκόσα γὰρ ὕδατά ἐστιν ἕψειν ἄριστα καὶ τακερώτατα, ταῦτα καὶ τὴν κοιλίην διαλύειν εἰκὸς μάλιστα καὶ διατήκειν· ὁκόσα δέ ἐστιν ἀτέραμνα καὶ σκληρὰ καὶ ἥκιστα ἕψειν ἀγαθά, ταῦτα δὲ ξυνίστησι μάλιστα τὰς κοιλίας καὶ ξηραίνει. Ἀλλὰ γὰρ ἐψευσμένοι εἰσὶν οἱ ἄνθρωποι τῶν ἁλμυρῶν ὑδάτων πέρι δι' ἀπειρίην, κατότι νομίζεται διαχωρητικὰ εἶναι τὰ ἁλυκά· τὰ δὲ ἐναντιώτατά ἐστι πρὸς τὴν διαχώρησιν· ἀτέραμνα γὰρ καὶ ἀνέψανα, ὥστε καὶ τὴν κοιλίην ὑπ' αὐτέων στύφεσθαι μᾶλλον ἢ τήκεσθαι. Καὶ περὶ μὲν τῶν πηγαίων ὑδάτων ὧδε ἔχει.

VIII. 1 Περὶ δὲ τῶν ὀμβρίων καὶ ὁκόσα ἀπὸ χιόνος φράσω ὅκως ἔχει. 2 Τὰ μὲν οὖν ὄμβρια κουφότατα καὶ γλυκύτατά ἐστι καὶ λεπτότατα καὶ λαμπρότατα. Τήν τε γὰρ ἀρχὴν ὁ ἥλιος ἀνάγει καὶ ἀναρπάζει τοῦ ὕδατος τό τε λεπτότατον καὶ κουφότατον. 3 Δῆλον δὲ οἱ ἅλες ποιέουσιν· τὸ μὲν γὰρ ἁλμυρὸν λείπεται αὐτέου ὑπὸ πάχεος καὶ βάρεος καὶ γίνεται ἅλες, τὸ δὲ λεπτότατον ὁ ἥλιος ἀναρπάζει ὑπὸ κουφότητος. Ἀνάγει δὲ τὸ τοιοῦτο οὐκ ἀπὸ τῶν ὑδάτων μοῦνον τῶν λιμναίων, ἀλλὰ καὶ ἀπὸ τῆς θαλάσσης, καὶ ἐξ ἁπάντων ἐν ὁκόσοισιν ὑγρόν τι ἔνεστιν· ἔνεστι δὲ ἐν παντὶ χρήματι. 4 Καὶ ἐξ αὐτέων τῶν ἀνθρώπων ἄγει τὸ λεπτότατον τῆς ἰκμάδος καὶ κουφότατον. Τεκμήριον δὲ μέγιστον· ὅταν ἄνθρωπος ἐν ἡλίῳ βαδίζῃ ἢ καθίζῃ ἱμάτιον ἔχων, ὁκόσα μὲν τοῦ χρωτὸς ὁ ἥλιος ἐφορᾷ, οὐχ ἱδρῴη ἄν· ὁ γὰρ ἥλιος ἀναρπάζει τὸ προφαινόμενον τοῦ ἱδρῶτος· ὁκόσα δὲ ὑπὸ τοῦ ἱματίου ἐσκέπασται ἢ ὑπ' ἄλλου του, ἱδροῖ· ἐξάγεται μὲν γὰρ ὑπὸ τοῦ ἡλίου καὶ βιάζεται· σῴζεται δὲ ὑπὸ τῆς σκέπης, ὥστε μὴ ἀφανίζεσθαι ὑπὸ τοῦ ἡλίου· ὁκόταν δὲ ἐς σκιὴν ἀφίκηται, ἅπαν τὸ σῶμα ὁμοίως ἰδίει· οὐ γὰρ ἔτι ὁ ἥλιος ἐπιλάμπει. 5 Διὰ ταῦτα δὲ καὶ σήπεται τῶν ὑδάτων τάχιστα πάντων καὶ ὀδμὴν ἴσχει πονηρὴν τὸ ὄμβριον, ὅτι ἀπὸ πλείστων ξυνῆκται καὶ ξυμμέμικται, ὥστε σήπεσθαι τάχιστα. 6 Ἔτι δὲ πρὸς τουτέοισιν, ἐπειδὰν ἁρπασθῇ καὶ μετεωρισθῇ περιφερόμενον καὶ καταμεμιγμένον ἐς τὸν ἠέρα, Σνεται ἠὴρ καὶ ὁμίχλη, τὸ δὲ λαμπρότατον καὶ κουφότατον αὐτέου λείπεται καὶ γλυκαίνεται ὑπὸ τοῦ ἡλίου καιόμενόν τε καὶ ἑψόμενον· γίνεται δὲ καὶ τἆλλα πάντα τὰ ἑψόμενα αἰεὶ γλυκέα. 7 Ἕως μὲν οὖν διεσκεδασμένον ᾖ

καὶ μήπω ξυνεστήκῃ, φέρεται μετέωρον.' Οκόταν δέ κου ἀθροισθῇ καὶ ξυστραφῇ ἐς τὸ αὐτὸ ὑπὸ ἀνέμων ἀλλήλοισιν ἐναντιωθέντων ἐξαίφνης, τότε καταρρήγνυται ᾗ ἂν τύχῃ πλεῖστον ξυστραφέν. Τότε γὰρ ἐοικὸς τοῦτο μᾶλλον γίνεσθαι, ὁκόταν τὰ νέφεα μὴ ὑπὸ ἀνέμου σύστασιν ἔχοντα ὡρμημένα ἐόντα καὶ χωρέοντα ἐξαίφνης ἀντικόψῃ πνεῦμα ἐναντίον καὶ ἕτερα νέφεα.' Ενταῦθα τὰ μὲν πρῶτα αὐτέου ξυστρέφεται, τὰ δὲ ὄπισθεν ἐπιφέρεται τε καὶ οὕτω παχύνεται, καὶ μελαίνεται καὶ ξυστρέφεται ἐς τὸ αὐτο· καὶ ὑπὸ βάρεος καταρρήγνυται καὶ ὄμβροι γίνονται. 8 Ταῦτα μέν ἐστιν ἄριστα κατὰ τὸ εἰκός· δέεται δὲ ἀφέψεσθαι καὶ ἀποσήπεσθαι· εἰ δὲ μή, ὀδμήν ἴσχει πονηρήν, καὶ βράγχοι καὶ βῆχες καὶ βαρυφωνίη τοῖσι πίνουσι προσίσταται.' Τὰ δὲ ἀπὸ χιόνος καὶ κρυστάλλων πονηρὰ πάντα. 9 Ὁκόταν γὰρ ἅπαξ παγῇ, οὐκέτι ἐς τὴν ἀρχαίην φύσιν καθίσταται, ἀλλὰ τὸ μὲν αὐτέου λαμπρὸν καὶ κοῦφον καὶ γλυκὺ ἐκπήγνυται καὶ ἀφανίζεται, τὸ δὲ θολωδέστατον καὶ σταθμωδέστατον λείπεται. 10 Γνοίης δ' ἂν ὧδε· εἰ γὰρ βούλει, ὅταν ᾖ χειμών, ἐς ἀγγεῖον μέτρῳ ἐγχέας ὕδωρ θεῖναι ἐς τὴν αἰθρίην, ἵνα πήξεται μάλιστα, ἔπειτα τῇ ὑστεραίῃ ἐσενεγκὼν ἐς ἀλέην, ὅπου χαλάσει μάλιστα ὁ παγετός, ὁκόταν δὲ λυθῇ, ἀναμετρέειν τὸ ὕδωρ, εὑρήσεις ἔλασσον συχνῷ. 11 Τοῦτο τεκμήριον, ὅτι ὑπὸ τῆς πήξιος ἀφανίζεται καὶ ἀναξηραίνεται τὸ κουφότατον καὶ λεπτότατον, οὐ γὰρ τὸ βαρύτατον καὶ παχύτατον· οὐ γὰρ ἂν δύναιτο. Ταύτῃ οὖν νομίζω πονηρότατα ταῦτα τὰ ὕδατα εἶναι τὰ ἀπὸ χιόνος καὶ κρυστάλλου καὶ τὰ τουτέοισιν ἑπόμενα πρὸς ἅπαντα χρήματα. Περὶ μὲν οὖν ὀμβρίων ὑδάτων καὶ τῶν ἀπὸ χιόνος καὶ κρυστάλλων οὕτως ἔχει.

IIX.1 Λιθιῶσι δὲ μάλιστα ἄνθρωποι καὶ ὑπὸ νεφριτίδων καὶ στραγγουρίης ἁλίσκονται καὶ ἰσχιάδων, καὶ κῆλαι γίνονται, ὅκου ὕδατα πίνουσι παντοδαπώτατα καὶ ἀπὸ ποταμῶν μεγάλων ἐς οὓς ποταμοὶ ἕτεροι ἐμβάλλουσι, καὶ ἀπὸ λίμνης ἐς ἣν ῥεύματα πολλὰ καὶ παντοδαπὰ ἀφικνεῦνται, καὶ ὁκόσοι ὕδασιν ἐπακτοῖσι χρέονται διὰ μακροῦ ἀγομένοισι καὶ μὴ ἐκ βραχέος. 2 Οὐ γὰρ οἷόν τε ἕτερον ἑτέρῳ ἐοικέναι ὕδωρ, ἀλλὰ τὰ μὲν γλυκέα εἶναι, τὰ δὲ ἁλυκά τε καὶ στυπτηριώδεα, τὰ δὲ ἀπὸ θερμῶν ῥέειν· ξυμμισγόμενα δὲ ταῦτα ἐς ταὐτὸν ἀλλήλοισι στασιάζειν, καὶ κρατέει ἀεὶ τὸ ἰσχυρότατον· ἰσχύει δὲ οὐκ ἀεὶ τωὐτό, ἀλλ' ἄλλοτε ἄλλο κατὰ τὰ πνεύματα· τῷ μὲν γὰρ βορέης τὴν ἰσχὺν παρέχεται, τῷ δὲ ὁ νότος, καὶ τῶν λοιπῶν πέρι ωὑτὸς λόγος.' Υφίστασθαι οὖν τοῖσι τοιουτέοισιν ἀνάγκη ἐν τοῖσιν ἀγγείοισιν ἰλὺν καὶ ψάμμον. Καὶ ἀπὸ τουτέων πινομένων τὰ νουσήματα γίνεται τὰ προειρημένα. 3 Ὅτι δὲ οὐχ ἅπασιν ἑξῆς, φράσω. Ὁκόσων μὲν ἥ τε κοιλίη εὔροός τε καὶ ὑγιηρή ἐστι καὶ ἡ κύστις μὴ πυρετώδης μηδὲ ὁ στόμαχος τῆς κύστιος ξυμπέφρακται λίην, οὗτοι μὲν διουρεῦσι ῥηϊδίως καὶ ἐν τῇ κύστει οὐδὲν ξυστρέφεται· 4 ὁκόσων δὲ ἂν ἡ κοιλίη πυρετώδης ᾖ, ἀνάγκη καὶ τὴν κύστιν τωὐτὸ πάσχειν· ὁκόταν γὰρ θερμανθῇ μᾶλλον τῆς φύσιος, ἐφλέγμηνεν αὐτέης ὁ στόμαχος· ὁκόταν δὲ ταῦτα πάθῃ, τὸ οὖρον οὐκ

ἀφίησιν, ἀλλ' ἐν ἑωυτῇ ξυνέψει καὶ συγκαίει, καὶ τὸ μὲν λεπτότατον αὐτέου καὶ τὸ καθαρώτατον διιεῖ καὶ ἐξουρέεται, τὸ δὲ παχύτατον καὶ θολωδέστατον ξυστρέφεται καὶ συμπήγνυται· τὸ μὲν πρῶτον μικρόν, ἔπειτα μεῖζον γίνεται· κυλινδεύμενον γὰρ ὑπὸ τοῦ οὔρου, ὅ τι ἂν ξυνίστηται παχύ, ξυναρμόζει πρὸς ἑωυτὸ καὶ οὕτως αὔξεταί τε καὶ πωροῦται. Καὶ ὁκόταν οὐρῇ, πρὸς τὸν στόμαχον τῆς κύστιος προσπίπτει ὑπὸ τοῦ οὔρου βιαζόμενον καὶ κωλύει οὐρέειν καὶ ὀδύνην παρέχει ἰσχυρήν· ὥστε τὰ αἰδοῖα τρίβουσι καὶ ἕλκουσι τὰ παιδία τὰ λιθιῶντα· δοκέει γὰρ αὐτέοισι τὸ αἴτιον ἐνταῦθα εἶναι τῆς οὐρήσιος. 5 Τεκμήριον δὲ ὅτι οὕτως ἔχει· τὸ γὰρ οὖρον λαμπρότατον οὐρέουσιν οἱ λιθιῶντες, ὅτι τὸ παχύτατον καὶ θολωδέστατον αὐτέου μένει καὶ συστρέφεται. Τὰ μὲν πλεῖστα οὕτω λιθιᾷ· γίνεται δὲ πῶρος καὶ ἀπὸ τοῦ γάλακτος, ἢν μὴ ὑγιηρὸν ᾖ, ἀλλὰ θερμόν τε λίην καὶ χολῶδες· τὴν γὰρ κοιλίην διαθερμαίνει καὶ τὴν κύστιν, ὥστε τὸ οὖρον ξυγκαιόμενον ταὐτὰ πάσχειν. Καὶ φημι ἄμεινον εἶναι τοῖσι παιδίοισι τὸν οἶνον ὡς ὑδαρέστατον διδόναι· ἧσσον γὰρ τὰς φλέβας ξυγκαίει καὶ συναυαίνει. 6 Τοῖσι δὲ θήλεσι λίθοι οὐ γίνονται ὁμοίως· ὁ γὰρ οὐρητὴρ βραχύς ἐστιν ὁ τῆς κύστιος καὶ εὐρύς, ὥστε βιάζεται τὸ οὖρον ῥηϊδίως· οὔτε γὰρ τῇ χειρὶ τρίβει τὸ αἰδοῖον ὥσπερ τὸ ἄρσεν, οὔτε ἅπτεται τοῦ οὐρητῆρος· ἐς γὰρ τὰ αἰδοῖα ξυντέτρηνται – οἱ δὲ ἄνδρες οὐκ εὐθὺ τέτρηνται· διότι καὶ οἱ οὐρητῆρες οὐκ εὐρέες –, καὶ πίνουσι πλεῖον ἢ οἱ παῖδες. Περὶ μὲν οὖν τουτέων ὧδε ἔχει ἢ ὅτι τουτέων ἐγγύτατα.

IX. 1 Περὶ δὲ τῶν ὡρέων ὧδε ἄν τις ἐνθυμεύμενος διαγινώσκοι ὁκοῖόν τι μέλλει ἔσεσθαι τὸ ἔτος, εἴτε νοσερόν, εἴτε ὑγιηρόν. 2 Ἢν μὲν γὰρ κατὰ λόγον γένηται τὰ σημεῖα ἐπὶ τοῖσιν ἄστροισι δύνουσί τε καὶ ἐπιτέλλουσιν ἔν τε τῷ μετοπώρῳ ὕδατα γένηται καὶ ὁ χειμὼν μέτριος καὶ μήτε λίην εὔδιος μήτε ὑπερβάλλων τὸν καιρὸν τῷ ψύχει ἔν τε τῷ ἦρι ὕδατα γένηται ὡραῖα καὶ ἐν τῷ θέρει, οὕτω τὸ ἔτος ὑγιεινότατον εἰκὸς εἶναι. 3 Ἢν δὲ ὁ μὲν χειμὼν αὐχμηρὸς καὶ βόρειος γένηται, τὸ δὲ ἦρ ἔπομβρον καὶ νότιον, ἀνάγκη τὸ θέρος πυρετῶδες γίνεσθαι καὶ ὀφθαλμίας καὶ δυσεντερίας ἐμποιέειν. Ὁκόταν γὰρ τὸ πνῖγος ἐπιγένηται ἐξαίφνης, τῆς τε γῆς ὑγρῆς ἐούσης ὑπὸ τῶν ὄμβρων τῶν ἠρινῶν καὶ ὑπὸ τοῦ νότου, ἀνάγκη διπλόον τὸ καῦμα εἶναι ἀπό τε τῆς γῆς διαβρόχου ἐούσης καὶ θερμῆς καὶ ὑπὸ τοῦ ἡλίου καίοντος, τῶν τε κοιλιῶν μὴ ξυνεστηκυιῶν τοῖσιν ἀνθρώποισι μήτε τοῦ ἐγκεφάλου ἀνεξηρασμένου – οὐ γὰρ οἷόν τε τοῦ ἦρος τοιούτου ἐόντος μὴ οὐ πλαδᾶν τὸ σῶμα καὶ τὴν σάρκα – ὥστε τοὺς πυρετοὺς ἐπιπίπτειν ὀξυτάτους ἅπασι, μάλιστα δὲ τοῖσι φλεγματίῃσιν. Τὰς δὲ δυσεντερίας εἰκός ἐστι γίνεσθαι καὶ τῇσι γυναιξὶ καὶ τοῖσιν εἴδεσι τοῖσιν ὑγροτάτοισιν. 4 Καὶ ἢν μὲν ἐπὶ κυνὸς ἐπιτολῇ ὕδωρ ἐπιγένηται καὶ χειμὼν καὶ οἱ ἐτησίαι πνεύσωσιν, ἐλπὶς παύσασθαι καὶ τὸ μετόπωρον ὑγιηρὸν γενέσθαι· ἢν δὲ μή, κίνδυνος θανάτους τε γενέσθαι τοῖσι παιδίοισι καὶ τῇσι γυναιξί, τοῖσι δὲ πρεσβύτῃσιν ἥκιστα, τούς τε περιγενομένους ἐς τεταρταίους ἀποτελευτᾶν καὶ

ἐκ τῶν τεταρταίων ἐς ὕδρωπας. 5 Ἢν δ' ὁ μὲν χειμὼν νότιος γένηται καὶ ἔπομβρος καὶ εὔδιος, τὸ δὲ ἦρ βόρειόν τε καὶ αὐχμηρὸν καὶ χειμέριον, πρῶτον μὲν τὰς γυναῖκας, ὁκόσαι ἂν τύχωσιν ἐν γαστρὶ ἔχουσαι καὶ ὁ τόκος αὐτῇσιν ᾖ πρὸς τὸ ἦρ, τιτρώσκεσθαι εἰκός· ὁκόσαι δ' ἂν καὶ τέκωσιν, ἀκρατέα τὰ παιδία τίκτειν καὶ νοσώδεα, ὥστε ἢ αὐτίκα ἀπόλλυσθαι ἢ ζῶειν λεπτά τε ἐόντα καὶ ἀσθενέα καὶ νοσώδεα. Ταῦτα μὲν τῇσι γυναιξίν· 6 τοῖσι δὲ λοιποῖσι δυσεντερίας καὶ ὀφθαλμίας ξηράς καὶ ἐνίοισι κατάρρους ἀπὸ τῆς κεφαλῆς ἐπὶ τὸν πλεύμονα. Τοῖσι μὲν οὖν φλεγματίῃσι τὰς δυσεντερίας εἰκὸς γίνεσθαι καὶ τῇσι γυναιξὶ φλέγματος ἐπικαταρρυέντος ἀπὸ τοῦ ἐγκεφάλου διὰ τὴν ὑγρότητα τῆς φύσιος, τοῖσι δὲ χολώδεσιν ὀφθαλμίας ξηρὰς διὰ τὴν θερμότητα καὶ ξηρότητα τῆς σαρκός, τοῖσι δὲ πρεσβύτῃσι κατάρρους διὰ τὴν ἀραιότητα καὶ τὴν ἔκτηξιν τῶν φλεβῶν, ὥστε ἐξαίφνης τοὺς μὲν ἀπόλλυσθαι, τοὺς δὲ παραπλήκτους γίνεσθαι τὰ δεξιά. 7 Ὁκόταν γὰρ τοῦ χειμῶνος ἐόντος νοτίου καὶ θερμοῦ τὸ σῶμα μὴ ξυνίστηται μηδ' αἱ φλέβες, τοῦ ἦρος ἐπιγινομένου βορείου καὶ αὐχμηροῦ καὶ ψυχροῦ ὁ ἐγκέφαλος, ὁπηνίκα αὐτὸν ἔδει ἅμα καὶ τῷ ἦρι διαλύεσθαι καὶ καθαίρεσθαι ὑπό τε κορύζης καὶ βράγχου, τηνικαῦτα πήγνυταί τε καὶ συνίσταται, ὥστε ἐξαίφνης τοῦ θέρεος ἐπιγενομένου καὶ τοῦ καύματος καὶ μεγάλης τῆς μεταβολῆς ἐπιγινομένης ταῦτα τὰ νοσεύματα ἐπιπίπτειν. 8 Καὶ ὁκόσαι μὲν τῶν πόλεων κέονταί γε καλῶς τοῦ ἡλίου καὶ τῶν πνευμάτων ὕδασί τε χρέονται ἀγαθοῖσιν, αὗται μὲν ἧσσον αἰσθάνονται τῶν τοιούτων μεταβολέων, ὁκόσαι δὲ ὕδασί τε ἑλείοισι χρέονται καὶ λιμνώδεσι κέονταί τε μὴ καλῶς τῶν πνευμάτων καὶ τοῦ ἡλίου, αὗται δὲ μᾶλλον. 9 Κῆν μὲν τὸ θέρος αὐχμηρὸν γένηται, θᾶσσον παύονται αἱ νοῦσοι· ἢν δὲ ἔπομβρον, πολυχρόνιοι γίνονται, καὶ φαγεδαίνας κίνδυνος ἐγγίνεσθαι ἀπὸ πάσης προφάσιος, ἢν ἕλκος ἐγγένηται, καὶ λειεντερίαι καὶ ὕδρωπες τελευτῶσι τοῖσι νοσεύμασιν ἐπιγίνονται· οὐ γὰρ ἀποξηραίνονται αἱ κοιλίαι ῥηϊδίως. 10 Ἢν δὲ τὸ θέρος ἔπομβρον γένηται καὶ νότιον καὶ τὸ μετόπωρον, τὸν χειμῶνα ἀνάγκη νοσερὸν εἶναι, καὶ τοῖσι φλεγματίῃσι καὶ τοῖσι γεραιτέροισι τεσσαράκοντα ἐτέων καύσους γίνεσθαι εἰκός, τοῖσι δὲ χολώδεσι πλευρίτιδας καὶ περιπλευμονίας. 11 Ἢν δὲ τὸ θέρος αὐχμηρὸν γένηται καὶ νότιον, τὸ δὲ μετόπωρον ἔπομβρον καὶ βόρειον, κεφαλαλγίας ἐς τὸν χειμῶνα καὶ σφακέλους τοῦ ἐγκεφάλου εἰκὸς γίνεσθαι, καὶ προσέτι βῆχας καὶ βράγχους καὶ κορύζας, ἐνίοισι δὲ καὶ φθίσιας. 12 Ἢν δὲ βόρειόν τε ᾖ καὶ ἄνυδρον καὶ μήτε ἐπὶ τῷ κυνὶ γένηται ὕδωρ μήτε ἐπὶ τῷ ἀρκτούρῳ, τοῖσι μὲν φλεγματίῃσι φύσει οὕτως ἂν ξυμφέροι μάλιστα καὶ τοῖσιν ὑγροῖσι τὰς φύσιας καὶ τῇσι γυναιξίν, τοῖσι δὲ χολώδεσι τοῦτο πολεμιώτατον γίνεται· λίην γὰρ ἀναξηραίνονται· καὶ ὀφθαλμίαι αὐτέοισιν ἐπιγίνονται ξηραὶ καὶ πυρετοὶ ὀξέες καὶ πολυχρόνιοι, ἐνίοισι δὲ καὶ μελαγχολίαι· τῆς γὰρ χολῆς τὸ μὲν ὑγρότατον καὶ ὑδαρέστατον ἀναλοῦται, τὸ δὲ παχύτατον καὶ δριμύτατον λείπεται, καὶ τοῦ αἵματος κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον, ἀφ' ὧν ταῦτα τὰ νοσεύματα αὐτοῖσι γίνεται. Τοῖσι δὲ φλεγματίῃσι πάντα ταῦτα ἀρωγά ἐστι·

ἀποξηραίνονται γὰρ καὶ ἐς τὸν χειμῶνα ἀφικνέονται οὐ πλαδῶντες, ἀλλ' ἀνεξηρασμένοι.' Ην δὲ ὁ χειμὼν βόρειος γένηται καὶ ξηρός, τὸ δὲ ἦρ νότιον καὶ ἔπομβρον, κατὰ τὸ θέρος ὀφθαλμίαι γίνονται ἰσχυραί, τοῖσι δὲ παισὶ καὶ γυναιξὶ πυρετοί.

XI. **1** Κατὰ ταῦτά τις ἐννοεύμενος καὶ σκοπεύμενος προειδείη ἂν τὰ πλεῖστα τῶν μελλόντων ἔσεσθαι ἀπὸ τῶν μεταβολέων. Φυλάσσεσθαι δὲ χρὴ μάλιστα τὰς μεταβολὰς τῶν ὡρέων τὰς μέγιστας καὶ μήτε φάρμακον διδόναι ἑκόντα μήτε καίειν ἔτι ἐς κοιλίην μήτε τέμνειν, πρὶν παρέλθωσιν αἱ ἡμέραι αἱ δέκα ἢ καὶ πλείονες. 2 Μέγισται δέ εἰσιν αἵδε καὶ ἐπικινδυνόταται· ἡλίου τροπαὶ ἀμφότεραι καὶ μᾶλλον αἱ θεριναί, καὶ ἰσημερίαι νομιζόμεναι εἶναι ἀμφότεραι, μᾶλλον δὲ αἱ μετοπωριναί. Δεῖ δὲ καὶ τῶν ἄστρων τὰς ἐπιτολὰς φυλάσσεσθαι, καὶ μάλιστα τοῦ κυνός, ἔπειτα ἀρκτούρου, καὶ ἔτι πληϊάδων δύσιν. Τά τε γὰρ νοσεύματα μάλιστα ἐν ταύτῃσι τῇσιν ἡμέρῃσι κρίνεται καὶ τὰ μὲν ἀποφθίνει, τὰ δὲ λήγει, τὰ δὲ ἄλλα πάντα μεθίσταται ἐς ἕτερον εἶδος καὶ ἑτέρην κατάστασιν. Περὶ μὲν τούτων οὕτως ἔχει.

XII. **1** Βούλομαι δὲ περὶ τῆς' Ασίης καὶ τῆς Εὐρώπης λέξαι ὁκόσον διαφέρουσιν ἀλλήλων ἐς τὰ πάντα, καὶ περὶ τῶν ἐθνέων τῆς μορφῆς, τί διαλλάσσει καὶ μηδὲν ἔοικεν ἀλλήλοισιν. Περὶ μὲν οὖν ἁπάντων πολὺς ἂν εἴη λόγος, περὶ δὲ τῶν μεγίστων καὶ πλεῖστον διαφερόντων ἐρέω, ὥς μοι δοκέει ἔχειν. 2 Τὴν' Ασίην πλεῖστον διαφέρειν φημὶ τῆς Εὐρώπης ἐς τὰς φύσιας τῶν ξυμπάντων τῶν τε ἐκ τῆς γῆς φυομένων καὶ τῶν ἀνθρώπων. Πολὺ γὰρ καλλίονα καὶ μείζονα πά ντα γίνεται ἐν τῇ' Ασίῃ ἥ τε χώρη τῆς χώρης ἡμερωτέρη καὶ τὰ ἤθεα τῶν ἀνθρώπων ἠπιώτερα καὶ εὐοργητότερα. 3 Τὸ δὲ αἴτιον τούτων ἡ κρῆσις τῶν ὡρέων, ὅτι τοῦ ἡλίου ἐν μέσῳ τῶν ἀνατολέων κέεται πρὸς τὴν ἠῶ τοῦ τε ψυχροῦ πορρωτέρω· τὴν δὲ αὔξησιν καὶ ἡμερότητα παρέχει πλεῖστον ἁπάντων, ὁκόταν μηδὲν ᾖ ἐπικρατέον βιαίως, ἀλλὰ παντὸς ἰσομοιρίη δυναστεύῃ. 4 Ἔχει δὲ κατὰ τὴν ' Ασίην οὐ πανταχῇ ὁμοίως, ἀλλ' ὅση μὲν τῆς χώρης ἐν μέσῳ κέεται τοῦ θερμοῦ καὶ τοῦ ψυχροῦ, αὕτη μὲν εὐκαρποτάτη ἐστὶ καὶ εὐδενδροτά τη καὶ εὐδιεστάτη, καὶ ὕδασι καλλίστοισι κέχρηται τοῖσί τε οὐρανίοισι καὶ τοῖσιν ἐκ τῆς γῆς· οὔτε γὰρ ὑπὸ τοῦ θερμοῦ ἐκκέκαυται λίην οὔτε ὑπὸ αὐχμῶν καὶ ἀνυδρίης ἀναξηραίνεται οὔτε ὑπὸ ψύχεος βεβιασμένη, οὔτε νοτίη τε καὶ διά βροχός ἐστιν ὑπό τε ὄμβρων πολλῶν καὶ χιόνος. 5 Τά τε ὡραῖα αὐτόθι πολλὰ ἐοικὸς γίνεσθαι, ὅσα τε ἀπὸ σπερμάτων καὶ ὁκόσα αὐτὴ ἡ γῆ ἀναδιδοῖ φυτά, ὧν τοῖσι καρποῖσι χρέονται ἄνθρωποι ἡμεροῦντες ἐξ ἀγρίων καὶ ἐς ἐπιτήδειον μεταφυτέοντες· τά τε ἐντρεφόμενα κτήνεα εὐθηνέειν εἰκὸς καὶ μάλιστα τίκτειν τε πυκνότατα καὶ ἐκτρέφειν κάλλιστα· τούς τε ἀνθρώπους εὐτραφέας εἶναι καὶ τὰ εἴδεα καλλίστους καὶ μεγέθει μεγίστους καὶ ἥκιστα διαφόρους ἐς τά τε

εἴδεα αὐτοὺς ἑωυτῶν καὶ τὰ μεγέθεα. Εἰκός τε τὴν χώρην ταύτην τοῦ ἦρος ἐγγύτατα εἶναι κατὰ τὴν φύσιν καὶ τὴν μετριότητα τῶν ὡρέων. Τὸ δὲ ἀνδρεῖον καὶ τὸ ταλαίπωρον καὶ τὸ ἔμπονον καὶ τὸ θυμοειδὲς οὐκ ἂν δύναιτο ἐν τοιαύτῃ φύσει ἐγγίγνεσθαι <...> 7 μήτε ὁμοφύλου μήτε ἀλλοφύλου, ἀλλὰ τὴν ἡδονὴν ἀνάγκη κρατέειν· διότι πολύμορφα γίνεται τὰ ἐν τοῖσι θηρίοισιν. Περὶ μὲν οὖν Αἰγυπτίων καὶ Λιβύων οὕτως ἔχειν μοι δοκέει.

XIII. 1 Περὶ δὲ τῶν ἐν δεξιῇ τοῦ ἡλίου τῶν ἀνατολέων τῶν θερινῶν μέχρι Μαιώτιδος λίμνης – οὗτος γὰρ ὅρος τῆς Εὐρώπης καὶ τῆς Ἀσίης – ὧδε ἔχει περὶ αὐτῶν 2 Τὰ δὲ ἔθνεα ταῦτα ταύτῃ διάφορα αὐτὰ ἑωυτῶν μᾶλλόν ἐστι τῶν προδιηγημένων, διὰ τὰς μεταβολὰς τῶν ὡρέων καὶ τῆς χώρης τὴν φύσιν. 3 Ἔχει δὲ καὶ κατὰ τὴν γῆν ὁμοίως ἅπερ καὶ κατὰ τοὺς ἄλλους ἀνθρώπους· ὅκου γὰρ αἱ ὧραι μεγίστας μεταβολὰς ποιέονται καὶ πυκνοτάτας, ἐκεῖ καὶ ἡ χώρη ἀγριωτάτη καὶ ἀνωμαλωτάτη ἐστίν, καὶ εὑρήσεις ὄρεά τε πλεῖστα καὶ δασέα καὶ πεδία καὶ λειμῶνας ἐόντας· ὅκου δὲ αἱ ὧραι μὴ μεγάλα διαλλάσσουσιν, ἐκείνοισιν ἡ χώρη ὁμαλωτάτη ἐστίν. 4 Οὕτω δὲ ἔχει καὶ περὶ τῶν ἀνθρώπων, εἴ τις βούλεται ἐνθυμέεσθαι· εἰσὶ γὰρ φύσιες αἱ μὲν ὄρεσιν ἐοικυῖαι δενδρώδεσί τε καὶ ἐφύδροισιν, αἱ δὲ λεπτοῖσί τε καὶ ἀνύδροισιν, αἱ δὲ λειμακωδεστέροισί τε καὶ ἑλώδεσιν, αἱ δὲ πεδίῳ τε καὶ ψιλῇ καὶ ξηρῇ γῇ. 5 Αἱ γὰρ ὧραι αἱ μεταλλάσσουσαι τῆς μορφῆς τὴν φύσιν εἰσὶ διάφοροι· ἢν δὲ διάφοροι ἔωσι μέγα σφῶν αὐτέων, διαφοραὶ καὶ πλείονες γίνονται τοῖσιν εἴδεσιν.

XIV. 1 Καὶ ὁκόσα μὲν ὀλίγον διαφέρει τῶν ἐθνέων, παραλείψω· ὁκόσα δὲ μεγάλα ἢ φύσει ἢ νόμῳ, ἐρέω περὶ αὐτῶν ὡς ἔχει, καὶ πρῶτον περὶ τῶν Μακροκεφάλων. 2 Τούτων γὰρ οὐκ ἔστιν ἄλλο ἔθνος ὁμοίας τὰς κεφαλὰς ἔχον οὐδέν· τὴν μὲν γὰρ ἀρχὴν ὁ νόμος αἰτιώτατος ἐγένετο τοῦ μήκεος τῆς κεφαλῆς, νῦν δὲ καὶ ἡ φύσις ξυμβάλλεται τῷ νόμῳ. Τοὺς γὰρ μακροτάτην ἔχοντας τὴν κεφαλὴν γενναιοτάτους ἡγέονται. 3 Ἔκει δὲ περὶ νόμου ὧδε· τὸ παιδίον ὁκόταν γένηται τάχιστα, τὴν κεφαλὴν αὐτοῦ ἔτι ἁπαλὴν ἐοῦσαν μαλακοῦ ἐόντος ἀναπλάσσουσι τῇσι χερσὶ καὶ ἀναγκάζουσιν ἐς τὸ μῆκος αὔξεσθαι δεσμά τε προσφέροντες καὶ τεχνήματα ἐπιτήδεια, ὑφ' ὧν τὸ μὲν σφαιροειδὲς τῆς κεφαλῆς κακοῦται, τὸ δὲ μῆκος αὔξεται. Οὕτω τὴν ἀρχὴν ὁ νόμος κατειργάσατο, ὥστε ὑπὸ βίης τοιαύτην τὴν φύσιν γενέσθαι. 4 Τοῦ δὲ χρόνου προϊόντος ἐν φύσει ἐγένετο, ὥστε τὸν νόμον μηκέτι ἀναγκάζειν. Ὁ γὰρ γόνος πανταχόθεν ἔρχεται τοῦ σώματος, ἀπό τε τῶν ὑγιηρῶν ὑγιηρὸς ἀπό τε τῶν νοσερῶν νοσερός. εἰ οὖν γίνονται ἔκ τε τῶν φαλακρῶν φαλακροὶ καὶ ἐκ γλαυκῶν γλαυκοὶ καὶ ἐκ διεστραμμένων στρεβλοὶ ὡς ἐπὶ τὸ πλῆθος καὶ περὶ τῆς ἄλλης μορφῆς ὁ αὐτὸς λόγος, τί κωλύει καὶ ἐκ μακροκεφάλου μακροκέφαλον γενέσθαι; 5 Νῦν δὲ ὁμοίως οὐκέτι γίνονται ἢ πρότερον· ὁ γὰρ νόμος οὐκέτι ἰσχύει διὰ τὴν ὁμιλίην τῶν ἀνθρώπων. Περὶ μὲν οὖν τούτων οὕτως ἔχειν μοι δοκέει.

XV. 1 Περὶ δὲ τῶν ἐν Φάσει, ἡ χώρη ἐκείνη ἑλώδης ἐστὶ καὶ θερμὴ καὶ ὑδατεινὴ καὶ δασεῖα· ὄμβροι τε αὐτόθι γίνονται πᾶσαν ὥρην πολλοί τε καὶ ἰσχυροί, ἥ τε δίαιτα τοῖσιν ἀνθρώποισιν ἐν τοῖσιν ἕλεσίν ἐστιν τά τε οἰκήματα ξύλινα καὶ καλάμινα ἐν τοῖσιν ὕδασι μεμηχανημένα· ὀλίγῃ τε χρέονται βαδίσει κατὰ τὴν πόλιν καὶ τὸ ἐμπόριον, ἀλλὰ μονοξύλοισι διαπλέουσιν ἄνω καὶ κάτω· διώρυγες γὰρ πολλαί εἰσιν. Τὰ δὲ ὕδατα θερμὰ καὶ στάσιμα πίνουσιν, ὑπό τε τοῦ ἡλίου σηπόμενα καὶ ὑπὸ τῶν ὄμβρων ἐπαυξόμενα, αὐτός τε ὁ Φάσις στασιμώτατος πάντων τῶν ποταμῶν καὶ ῥέων ἠπιώτατα. Οἵ τε καρποὶ οἱ γινόμενοι αὐτόθι πάντες ἀναλδέες εἰσι καὶ τεθηλυσμένοι καὶ ἀτελέες ὑπὸ πολυπληθείης τοῦ ὕδατος· διὸ καὶ οὐ πεπαίνονται· ἠήρ τε πολὺς κατέχει τὴν χώρην ἀπὸ τῶν ὑδάτων. 2 Διὰ ταύτας δὴ τὰς προφάσιας τὰ εἴδεα ἀπηλλαγμένα τῶν λοιπῶν ἀνθρώπων ἔχουσιν οἱ Φασιηνοί· τά τε γὰρ μεγέθεα μεγάλοι, τὰ πάχεα δ' ὑπερπάχητες ἄρθρον τε κατάδηλον οὐδὲν οὐδὲ φλέψ, τήν τε χροιὴν ὕπωχρον ἔχουσιν ὥσπερ ὑπὸ ὑδέρου ἐχόμενοι· φθέγγονταί τε βαρύτατον ἀνθρώπων τῷ ἠέρι χρεόμενοι οὐ λαμπρῷ, ἀλλὰ νοτώδει τε καὶ λιβρῷ· πρός τὸ ταλαιπωρέειν τε τὸ σῶμα ἀργότεροι πεφύκασιν. 3 Αἵ τε ὧραι οὐ πολὺ μεταλλάσσουσιν οὔτε πρὸς τὸ πνῖγος οὔτε πρὸς τὸ ψύχος· τά τε πνεύματα πολλὰ νότια πλὴν αὔρης μιῆς ἐπιχωρίης· αὕτη δὲ πνέει ἐνίοτε βίαιος καὶ χαλεπὴ καὶ θερμή, καὶ κέγχρωνα ὀνομάζουσι τοῦτο τὸ πνεῦμα. Ὁ δὲ βορέης οὐ σφόδρα ἀφικνέεται· ὁκόταν δὲ πνέῃ, ἀσθενὴς καὶ βληχρός. Καὶ περὶ μὲν τῆς φύσιος καὶ τῆς διαφορῆς καὶ τῆς μορφῆς τῶν ἐν τῇ Ἀσίῃ καὶ τῇ Εὐρώπῃ οὕτως ἔχει.

XVI. 1 Περὶ δὲ τῆς ἀθυμίης τῶν ἀνθρώπων καὶ τῆς ἀνανδρείης, ὅτι ἀπολεμώτατοί εἰσι τῶν Εὐρωπαίων οἱ Ἀσιηνοὶ καὶ ἡμερώτεροι τὰ ἤθεα, αἱ ὧραι αἴτιαι μάλιστα, οὐ μεγάλας τὰς μεταβολὰς ποιεύμεναι οὔτε ἐπὶ τὸ θερμὸν οὔτε ἐπὶ τὸ ψυχρὸν, ἀλλὰ παραπλησίαι. 2 Οὐ γὰρ γίνονται ἐκπλήξιες τῆς γνώμης οὔτε μετάστασις ἰσχυρὴ τοῦ σώματος, ἀφ' ὅτων εἰκὸς τὴν ὀργὴν ἀγριοῦσθαί τε καὶ τοῦ ἀγνώμονος καὶ θυμοειδέος μετέχειν μᾶλλον ἢ ἐν τῷ αὐτῷ αἰεὶ ἐόντα· αἱ γὰρ μεταβολαί εἰσι τῶν πάντων αἱ αἰεί τ' ἐγείρουσαι τὴν γνώμην τῶν ἀνθρώπων καὶ οὐκ ἐῶσαι ἀτρεμίζειν. 3 Διὰ ταύτας ἐμοὶ δοκέει τὰς προφάσιας ἀναλκὲς εἶναι τὸ γένος τὸ Ἀσιηνόν καὶ προσέτι διὰ τοὺς νόμους· τῆς γὰρ Ἀσίης τὰ πολλὰ βασιλεύεται· ὅκου δὲ μὴ αὐτοὶ ἑωυτῶν εἰσὶ καρτεροὶ ἄνθρωποι μηδὲ αὐτόνομοι, ἀλλὰ δεσπόζονται, οὐ περὶ τούτου αὐτοῖσιν ὁ λόγος ἐστίν, ὅπως τὰ πολέμια ἀσκήσωσιν, ἀλλ' ὅκως μὴ δόξωσι μάχιμοι εἶναι. 4 Οἱ γὰρ κίνδυνοι οὐχ ὅμοιοί εἰσι· τοὺς μὲν γὰρ στρατεύεσθαι εἰκὸς καὶ ταλαιπωρέειν καὶ ἀποθνῄσκειν ἐξ ἀνάγκης ὑπὲρ τῶν δεσποτέων, ἀπό τε παιδίων καὶ γυναικῶν ἐόντας καὶ τῶν λοιπῶν φίλων· καὶ ὁκόσα μὲν ἂν χρηστὰ καὶ ἀνδρεῖα ἐργάσωνται, οἱ δεσπόται ἀπ' αὐτῶν αὔξονταί τε καὶ ἐκφύονται, τοὺς δὲ κινδύνους καὶ θανάτους αὐτοὶ καρποῦνται· ἔτι δὲ πρὸς τούτοισι τῶν τοιούτων ἀνθρώπων ἀνάγκη ἐρημοῦσθαι τὴν γῆν ὑπό τε πολεμίων καὶ ἀργίης. Ὥστε καὶ εἴ τις φύσει

πέφυκεν ἀνδρεῖος καὶ εὔψυχος, ἀποτρέπεσθαι τὴν γνώμην ὑπὸ τῶν νόμων. 5 Μέγα δὲ τεκμήριον τούτων· ὁκόσοι γὰρ ἐν τῇ Ἀσίῃ Ἕλληνες ἢ βάρβαροι μὴ δεσπόζονται ἀλλ' αὐτόνομοί εἰσι καὶ ἑωυτοῖσι ταλαιπωρεῦσιν, οὗτοι μαχιμώτατοί εἰσι πάντων· τοὺς γὰρ κινδύνους ἑωυτῶν πέρι κινδυνεύουσιν καὶ τῆς ἀνδρείης αὐτοὶ τὰ ἆθλα φέρονται καὶ τῆς δειλίης τὴν ζημίην ὡσαύτως. Εὑρήσεις δὲ καὶ τοὺς Ἀσιηνοὺς διαφέροντας αὐτοὺς ἑωυτῶν, τοὺς μὲν βελτίονας, τοὺς δὲ φαυλοτέρους ἐόντας· τούτων δὲ αἱ μεταβολαὶ αἴτιαι τῶν ὡρέων, ὥσπερ μοι εἴρηται ἐν τοῖσι προτέροισιν. Καὶ περὶ μὲν τῶν ἐν τῇ Ἀσίῃ οὕτως ἔχει.

XVII. 1 Ἐν δὲ τῇ Εὐρώπῃ ἐστὶν ἔθνος Σκυθικὸν ὃ περὶ τὴν λίμνην οἰκέει τὴν Μαιῶτιν διαφέρον τῶν ἐθνέων τῶν ἄλλων· Σαυρομάται καλεῦνται. 2 Τούτων αἱ γυναῖκες ἱππάζονταί τε καὶ τοξεύουσι καὶ ἀκοντίζουσιν ἀπὸ τῶν ἵππων καὶ μάχονται τοῖσι πολεμίοισιν, ἕως ἂν παρθένοι ἔωσιν. Οὐκ ἀποπαρθενεύονται δὲ μέχρις ἂν τῶν πολεμίων τρεῖς ἀποκτείνωσι, καὶ οὐ πρότερον συνοικέουσιν ἤπερ τὰ ἱερὰ θύσωσι τὰ ἐν νόμῳ. Ἣ δ□ ἂν ἄνδρα ἑωυτῇ ἄρηται, παύεται ἱππαζομένη, ἕως ἂν μὴ ἀνάγκη καταλάβῃ παγκοίνου στρατείης. 3 Τὸν δεξιὸν δὲ μαζὸν οὐκ ἔχουσιν· παιδίοισι γὰρ ἐοῦσιν ἔτι νηπίοισιν αἱ μητέρες χαλκίον τετεχνημένον ἢ ἐπ' αὐτῷ τούτῳ διάπυρον ποιέουσαι, πρὸς τὸν μαζὸν τιθέασι τὸν δεξιόν, καὶ ἐπικαίεται, ὥστε τὴν αὔξησιν φθείρεσθαι, ἐς δὲ τὸν δεξιόν ὦμον καὶ βραχίονα πᾶσαν τὴν ἰσχὺν καὶ τὸ πλῆθος ἐκδιδόναι.

XVIII. 1 Περὶ δὲ τῶν λοιπῶν Σκυθέων τῆς μορφῆς, ὅτι αὐτοὶ ἑωυτοῖσιν ἐοίκασι καὶ οὐδαμὰ ἄλλοισιν, ὡυτὸς λόγος καὶ περὶ τῶν Αἰγυπτίων, πλὴν ὅτι οἱ μὲν ὑπὸ τοῦ θερμοῦ εἰσι βεβιασμένοι, οἱ δ□ ὑπὸ τοῦ ψυχροῦ. 2 Ἡ δὲ Σκυθέων ἐρημίη καλευμένη πεδιάς ἐστι καὶ λειμακώδης καὶ ὑψηλὴ καὶ ἔνυδρος μετρίως· ποταμοὶ γάρ εἰσι μεγάλοι οἱ ἐξοχετεύουσι τὸ ὕδωρ ἐκ τῶν πεδίων. Ἐνταῦθα καὶ οἱ Σκύθαι διαιτεῦνται, νομάδες δὲ καλεῦνται ὅτι οὐκ ἔστιν οἰκήματα, ἀλλ' ἐν ἁμάξῃσιν οἰκεῦσιν. 3 Αἱ δὲ ἅμαξαί εἰσιν, αἱ μὲν ἐλάχισται τετράκυκλοι, αἱ δὲ ἑξάκυκλοι· αὗται δὲ πίλοισι περιπεφραγμέναι εἰσίν· εἰσὶ δὲ καὶ τετεχνασμέναι ὥσπερ οἰκήματα, τὰ μὲν ἁπλᾶ, τὰ δὲ τριπλᾶ. Ταῦτα δὲ καὶ στεγνὰ πρὸς ὕδωρ καὶ πρὸς χιόνα καὶ πρὸς τὰ πνεύματα. Τὰς δὲ ἁμάξας ἕλκουσι ζεύγεα τὰς μὲν δύο, τὰς δὲ τρία βοῶν κέρως ἄτερ· οὐ γὰρ ἔχουσι κέρατα ὑπὸ ψύχεος. 4 Ἐν ταύτῃσι μὲν οὖν τῇσιν ἁμάξῃσιν αἱ γυναῖκες διαιτεῦνται· αὐτοὶ δ' ἐφ' ἵππων ὀχεῦνται οἱ ἄνδρες· Ἕπονται δὲ αὐτοῖσι καὶ τὰ πρόβατα τὰ ἐόντα καὶ αἱ βόες καὶ οἱ ἵπποι· μένουσι δ' ἐν τῷ αὐτῷ τοσοῦτον χρόνον ὅσον ἂν ἀπόχρῃ αὐτοῖσι τοῖσι κτήνεσιν ὁ χόρτος· ὁκόταν δὲ μηκέτι, ἐς ἑτέρην χώρην μετέρχονται. Αὐτοὶ δ' ἐσθίουσι κρέα ἑφθὰ καὶ πίνουσι γάλα ἵππων καὶ ἱππάκην τρώγουσιν· τοῦτο δ' ἐστὶ τυρὸς ἵππων. Τὰ μὲν ἐς τὴν δίαιταν αὐτῶν οὕτως ἔχει καὶ τοὺς νόμους.

XIX. 1 Περὶ δὲ τῶν ὡρέων καὶ τῆς μορφῆς, ὅτι πολὺ ἀπήλλακται τῶν λοιπῶν ἀνθρώπων τὸ Σκυθικὸν γένος καὶ ἔοικεν αὐτὸ ἑωυτῷ ὥσπερ τὸ Αἰγύπτιον καὶ ἥκιστα πολύγονόν ἐστιν καὶ ἡ χώρη ἐλάχιστα θηρία τρέφει κατὰ μέγεθος καὶ πλῆθος. 2 Κέεται γὰρ ὑπ' αὐτῇσι τῇσιν ἄρκτοισι καὶ τοῖσιν ὄρεσι τοῖσι Ῥιπαίοισιν, ὅθεν ὁ βορέης πνέει· ὅ τε ἥλιος τελευτῶν ἐγγύτατα γίνεται, ὁκόταν ἐπὶ τὰς θερινὰς ἔλθῃ περιόδους, καὶ τότε ὀλίγον χρόνον θερμαίνει καὶ οὐ σφόδρα. Τὰ δὲ πνεύματα τὰ ἀπὸ τῶν θερμῶν πνέοντα οὐκ ἀφικνέεται, ἢν μὴ ὀλιγάκις καὶ ἀσθενέα, ἀλλ' ἀπὸ τῶν ἄρκτων ἀεὶ πνέουσι πνεύματα ψυχρὰ ἀπό τε χιόνος καὶ κρυστάλλου καὶ ὑδάτων πολλῶν· οὐδέποτε δὲ τὰ ὄρεα ἐκλείπει· ἀπὸ τούτων δὲ ἀοίκητά ἐστιν· ἠήρ τε κατέχει πολὺς τῆς ἡμέρης τὰ πεδία· καὶ ἐν αὐτοῖσι διαιτεῦνται· ὥστε τὸν μὲν χειμῶνα ἀεὶ εἶναι, τὸ δὲ θέρος ὀλίγας ἡμέρας, καὶ ταύτας μὴ λίην· μετέωρα γὰρ τὰ πεδία καὶ ψιλὰ καὶ οὐκ ἐστεφάνωνται ὄρεσιν, ἀλλ' ἢ ταύτῃ ἀπὸ τῶν ἄρκτων. 3 Αὐτόθι καὶ τὰ θηρία οὐ γίνεται μεγάλα, ἀλλ' οἷά τέ ἐστιν ὑπὸ γῆν σκεπάζεσθαι· ὁ γὰρ χειμὼν κωλύει καὶ τῆς γῆς ἡ ψιλότης, ὅτι οὐκ ἔστιν ἀλέη οὐδὲ σκέπη. 4 Αἱ γὰρ μεταβολαὶ τῶν ὡρέων οὐκ εἰσὶ μεγάλαι οὐδὲ ἰσχυραί, ἀλλ' ὅμοιαι καὶ ὀλίγον μεταλλάσσουσαι. Διότι καὶ τὰ εἴδεα ὁμοῖοι αὐτοὶ ἑωυτοῖσίν εἰσι σίτῳ τε χρεώμενοι ἀεὶ ὁμοίῳ ἐσθῆτί τε τῇ αὐτῇ καὶ θέρεος καὶ χειμῶνος τόν τε ἠέρα ὑδατεινὸν ἕλκοντες καὶ παχὺν τά τε ὕδατα πίνοντες ἀπὸ χιόνος καὶ παγετῶν τοῦ τε ταλαιπώρου ἀπεόντος· οὐ γὰρ οἷόν τε τὸ σῶμα ταλαιπωρέεσθαι οὐδὲ τὴν ψυχήν, ὅκου μεταβολαὶ μὴ γίνονται ἰσχυραί. 5 Διὰ ταύτας τὰς ἀνάγκας τὰ εἴδεα αὐτῶν παχέα ἐστὶ καὶ σαρκώδεα καὶ ἄναρθρα καὶ ὑγρὰ καὶ ἄτονα αἵ τε κοιλίαι ὑγρόταται πασέων κοιλιῶν αἱ κάτω· οὐ γὰρ οἷόν τε νηδὺν ἀναξηραίνεσθαι ἐν τοιαύτῃ χώρῃ καὶ φύσει καὶ ὥρης καταστάσει, ἀλλ' ἀΐδια πιμελέα τε καὶ ψιλὴν τὴν σάρκα. Τά τε εἴδεα ἔοικεν ἀλλήλοισι, τά τε ἄρσενα τοῖσιν ἄρσεσι καὶ τὰ θήλεα τοῖσι θήλεσιν. Τῶν γὰρ ὡρέων παραπλησίων ἐουσέων φθοραὶ οὐκ ἐγγίνονται οὐδὲ κακώσιες ἐν τῇ τοῦ γόνου ξυμπήξει, ἢν μή τινος ἀνάγκης βιαίου τύχῃ ἢ νούσου.

XX. 1 Μέγα δὲ τεκμήριον ἐς τὴν ὑγρότητα παρέξομαι. Σκυθέων γὰρ τοὺς πολλούς, ἅπαντας ὅσοι νομάδες, εὑρήσεις κεκαυμένους τούς τε ὤμους καὶ τοὺς βραχίονας καὶ τοὺς καρποὺς τῶν χειρῶν καὶ τὰ στήθεα ἰσχία καὶ τὴν ὀσφύν, δι' ἄλλ' οὐδὲν ἢ διὰ τὴν ὑγρότητα τῆς φύσιος καὶ τὴν μαλακίην· οὐ γὰρ δύνανται οὔτε τοῖσι τόξοισι ξυντείνειν οὔτε τῷ ἀκοντίῳ ἐμπίπτειν τῷ ὤμῳ ὑπὸ ὑγρότητος καὶ ἀτονίης· ὁκόταν δὲ καυθέωσιν, ἀναξηραίνεται ἐκ τῶν ἄρθρων τὸ πολὺ τοῦ ὑγροῦ, καὶ ἐντονώτερα μᾶλλον γίνεται καὶ τροφιμώτερα καὶ ἠρθρωμένα τὰ σώματα μᾶλλον. 2 Ῥοϊκὰ δὲ γίνεται καὶ πλατέα, πρῶτον μὲν ὅτι οὐ σπαργανοῦνται ὥσπερ ἐν Αἰγύπτῳ – οὐδὲ νομίζουσι διὰ τὴν ἱππασίην, ὅκως ἂν εὔεδροι ἔωσιν –, ἔπειτα δὲ διὰ τὴν ἕδρην· τά τε γὰρ ἄρσενα, ἕως ἂν οὐχ οἷά

τε ἐφ' ἵππου ὀχέεσθαι, τὸ πολὺ τοῦ χρόνου κάθηνται ἐν τῇ ἁμάξῃ καὶ βραχὺ τῇ βαδίσει χρέονται διὰ τὰς μεταναστάσιας καὶ περιελάσιας· τὰ δὲ θήλεα θαυμαστὸν οἷον ῥοϊκὰ ἐστι τὰ εἴδεα καὶ βραδέα. 3 Πυρρὸν δὲ τὸ γένος ἐστὶ τὸ Σκυθικὸν διὰ τὸ ψύχος, οὐκ ἐπιγινομένου ὀξέος τοῦ ἡλίου· ὑπὸ δὲ τοῦ ψύχεος ἡ λευκότης ἐπικαίεται καὶ γίνεται πυρρή.

XXI. 1 Πολύγονον δὲ οὐχ οἷόν τε εἶναι φύσιν τοιαύτην· οὔτε γὰρ τῷ ἀνδρὶ ἡ ἐπιθυμίη τῆς μίξιος γίνεται πολλὴ διὰ τὴν ὑγρότητα τῆς φύσιος καὶ τῆς κοιλίης τὴν μαλακότητά τε καὶ τὴν ψυχρότητα, ἀπ' ὅτων ἥκιστα εἰκὸς εἶναι ἄνδρα οἷόν τε λαγνεύειν, καὶ ἔτι ὑπὸ τῶν ἵππων ἀεὶ κοπτόμενοι ἀσθενέες γίνονται ἐς τὴν μίξιν. Τοῖσι μὲν ἀνδράσιν αὗται αἱ προφάσιες γίνονται· 2 τῇσι δὲ γυναιξὶν ἥ τε πιότης τῆς σαρκὸς καὶ ὑγρότης· οὐ γὰρ δύνανται ἔτι ξυναρπάζειν αἱ μῆτραι τὸν γόνον· οὔτε γὰρ ἐπιμήνιος κάθαρσις αὐτῇσι γίνεται ὡς χρεών ἐστιν, ἀλλ' ὀλίγον καὶ διὰ χρόνου· τό τε στόμα τῶν μητρέων ὑπὸ πιμελῆς ξυγκλείεται καὶ οὐχ ὑποδέχεται τὸν γόνον· αὗταί τε ἀταλαίπωροι καὶ πίειραι καὶ αἱ κοιλίαι ψυχραὶ καὶ μαλακαί. 3 Καὶ ὑπὸ τούτων τῶν ἀναγκέων οὐ πολύγονόν ἐστι τὸ γένος τὸ Σκυθικόν. Μέγα δὲ τεκμήριον αἱ οἰκέτιδες ποιέουσιν· οὐ γὰρ φθάνουσι παρὰ ἄνδρα ἀφικνεύμεναι καὶ ἐν γαστρὶ ἴσχουσι διὰ τὴν ταλαιπωρίην καὶ ἰσχνότητα τῆς σαρκός.

XXII. 1 Ἔτι τε πρὸς τούτοισιν εὐνουχίαι γίνονται οἱ πλεῖστοι ἐν Σκύθῃσι καὶ γυναικεῖα ἐργάζονται διαλέγονταί τε ὁμοίως καὶ αἱ γυναῖκες· καλεῦνταί τε οἱ τοιοῦτοι Ἀνανδριεῖς. 2 Οἱ μὲν οὖν ἐπιχώριοι τὴν αἰτίην προστιθέασι θεῷ καὶ σέβονταί τούτους τοὺς ἀνθρώπους καὶ προσκυνέουσι δεδοικότες περὶ γ' ἑωυτῶν ἕκαστοι. 3 Ἐμοὶ δὲ καὶ αὐτῷ δοκέει ταῦτα τὰ πάθεα θεῖα εἶναι καὶ τἆλλα πάντα καὶ οὐδὲν ἕτερον ἑτέρου θειότερον οὐδὲ ἀνθρωπινώτερον, ἀλλὰ πάντα ὁμοῖα καὶ πάντα θεῖα· ἕκαστον δὲ ἔχει φύσιν τῶν τοιούτων καὶ οὐδὲν ἄνευ φύσιος γίνεται. 4 Καὶ τοῦτο τὸ πάθος ὥς μοι δοκέει γίνεσθαι, φράσω· ὑπὸ τῆς ἱππασίης αὐτοὺς κέδματα λαμβάνει ἅτε ἀεὶ κρεμαμένων ἀπὸ τῶν ἵππων τοῖσι ποσίν· ἔπειτα ἀποχωλοῦνται καὶ ἕλκονται τὰ ἰσχία οἳ ἂν σφόδρα νοσήσωσιν. 5 Ἰῶνται δὲ σφᾶς αὐτοὺς τρόπῳ τοιῷδε· ὁκόταν ἄρχηται ἡ νοῦσος, ὄπισθεν τοῦ ὠτὸς ἑκατέρου φλέβα τάμνουσιν· ὅταν δὲ ἀπορρυῇ τὸ αἷμα, ὕπνος ὑπολαμβάνει ὑπὸ ἀσθενείης, καὶ καθεύδουσιν· ἔπειτα ἀνεγείρονται οἱ μέν τινες ὑγιέες ἐόντες, οἱ δ' οὔ. 6 Ἐμοὶ μὲν οὖν δοκέει ἐν ταύτῃ τῇ ἰήσει διαφθείρεσθαι ὁ γόνος· εἰσὶ γὰρ παρὰ τὰ ὦτα φλέβες, ἃς ἤν τις ἐπιτάμῃ, ἄγονοι γίνονται οἱ ἐπιτμηθέντες· ταύτας τοίνυν μοι δοκέουσι τὰς φλέβας ἐπιτάμνειν. 7 Οἱ δὲ μετὰ ταῦτα, ἐπειδὰν ἀφίκωνται παρὰ γυναῖκας καὶ μὴ οἷοί τ' ἔωσι χρέεσθαι σφίσιν αὐταῖς, τὸ πρῶτον οὐκ ἐνθυμεῦνται, ἀλλ' ἡσυχίην ἔχουσιν· ὁκόταν δὲ δὶς καὶ τρὶς καὶ πλεονάκις αὐτοῖσι πειρωμένοισι μηδὲν ἀλλοιότερον

ἀποβαίνῃ, νομίσαντές τι ἡμαρτηκέναι τῷ θεῷ ὃν ἐπαιτιῶνται, ἐνδύονται στολὴν γυναικείην καταγνόντες ἑωυτῶν ἀνανδρείην γυναικίζουσί τε καὶ ἐργάζονται μετὰ τῶν γυναικῶν ἃ καὶ ἐκεῖναι. 8 Τοῦτο δὲ πάσχουσι Σκυθέων οἱ πλούσιοι, οὐχ οἱ κάκιστοι, ἀλλ' οἱ εὐγενέστατοι καὶ ἰσχὺν πλείστην κεκτημένοι διὰ τὴν ἱππασίην· οἱ δὲ πένητες ἧσσον· οὐ γὰρ ἱππάζονται. 9 Καίτοι ἐχρῆν, εἴ γε θειότερον τοῦτο τὸ νόσευμα τῶν λοιπῶν ἐστιν, οὐ τοῖσι γενναιοτάτοισι τῶν Σκυθέων καὶ τοῖσι πλουσιωτάτοισι προσπίπτειν μούνοισι ἀλλὰ τοῖσιν ἅπασιν ὁμοίως, καὶ μᾶλλον τοῖσιν ὀλίγα κεκτημένοισιν, οὐ τοῖσι τιμωμένοισιν ἤδη, εἰ χαίρουσιν οἱ θεοὶ καὶ θαυμαζόμενοι ὑπ' ἀνθρώπων καὶ ἀντὶ τούτων χάριτας ἀποδιδοῦσιν. 10 Εἰκὸς γὰρ τοὺς μὲν πλουσίους θύειν πολλὰ τοῖσι θεοῖσι καὶ ἀνατιθέναι ἀναθήματα ἐόντων χρημάτων καὶ τιμέων, τοὺς δὲ πένητας ἧσσον διὰ τὸ μὴ ἔχειν, ἔπειτα καὶ ἐπιμεμφομένους ὅτι οὐ διδόασι χρήματα αὐτοῖσιν, ὥστε τῶν τοιούτων ἁμαρτιῶν τὰς ζημίας τοὺς ὀλίγα κεκτημένους φέρειν μᾶλλον ἢ τοὺς πλουσίους. 11 Ἀλλὰ γάρ, ὥσπερ καὶ πρότερον ἔλεξα, θεῖα μὲν καὶ ταῦτά ἐστιν ὁμοίως τοῖσιν ἄλλοισιν· γίνεται δὲ κατὰ φύσιν ἕκαστα. Καὶ ἡ τοιαύτη νοῦσος ἀπὸ τοιαύτης προφάσιος τοῖσι Σκύθῃσι γίνεται οἵην εἴρηκα. 12 Ἔχει δὲ καὶ κατὰ τοὺς λοιποὺς ἀνθρώπους ὁμοίως· ὅκου γὰρ ἱππάζονται μάλιστα καὶ πυκνότατα, ἐκεῖ πλεῖστοι ὑπὸ κεδμάτων καὶ ἰσχιάδων καὶ ποδαγριῶν ἁλίσκονται καὶ λαγνεύειν κάκιστοί εἰσι. Ταῦτα δὲ τοῖσι Σκύθῃσι πρόσεστι καὶ εὐνουχοειδέστατοί εἰσιν ἀνθρώπων διὰ τὰς προειρημένας προφάσιας, καὶ ὅτι ἀναξυρίδας ἔχουσιν ἀεὶ καὶ εἰσιν ἐπὶ τῶν ἵππων τὸ πλεῖστον τοῦ χρόνου, ὥστε μήτε χειρὶ ἅπτεσθαι τοῦ αἰδοίου ὑπό τε τοῦ ψύχεος καὶ τοῦ κόπου ἐπιλαθέσθαι τοῦ ἱμέρου καὶ τῆς μίξιος καὶ μηδὲν παρακινέειν πρότερον ἢ ἀνδρωθῆναι. Περὶ μὲν οὖν τῶν Σκυθέων οὕτως ἔχει τοῦ γένεος.

XXIII. 1 Τὸ δὲ λοιπὸν γένος τὸ ἐν τῇ Εὐρώπῃ διάφορον αὐτὸ ἑωυτῷ ἐστι καὶ κατὰ τὸ μέγεθος καὶ κατὰ τὰς μορφάς, διὰ τὰς μεταλλαγὰς τῶν ὡρέων ὅτι μεγάλαι γίνονται καὶ πυκναὶ καὶ θάλπεά τε ἰσχυρὰ καὶ χειμῶνες καρτεροὶ καὶ ὄμβροι πολλοὶ καὶ αὖτις αὐχμοὶ πολυχρόνιοι καὶ πνεύματα ἐξ ὧν μεταβολαὶ πολλαὶ καὶ παντοδαπαί. Ἀπὸ τούτων εἰκὸς αἰσθάνεσθαι καὶ τὴν γένεσιν ἐν τῇ συμπήξει τοῦ γόνου ἄλλην καὶ μὴ τῷ αὐτῷ τὴν αὐτὴν γίνεσθαι ἔν τε τῷ θέρει καὶ τῷ χειμῶνι μηδὲ ἐν ἐπομβρίῃ καὶ αὐχμῷ. 2 Διότι τὰ εἴδεα διηλλάχθαι νομίζω τῶν Εὐρωπαίων μᾶλλον ἢ τῶν Ἀσιηνῶν, καὶ τὰ μεγέθεα διαφορώτατα αὐτὰ ἑωυτοῖσιν εἶναι κατὰ πόλιν ἑκάστην· αἱ γὰρ φθοραὶ πλείονες ἐγγίνονται τοῦ γόνου ἐν τῇ ξυμπήξει ἐν τῇσι μεταλλαγῇσι τῶν ὡρέων πυκνῇσιν ἐούσῃσιν ἢ ἐν τῇσι παραπλησίῃσι καὶ ὁμοίῃσιν. 3 Περί τε τῶν ἠθέων ὁ αὐτὸς λόγος· τό τε ἄγριον καὶ τὸ ἀμείλικτον καὶ τὸ θυμοειδὲς ἐν τῇ τοιαύτῃ φύσει ἐγγίνεται· αἱ γὰρ ἐκπλήξιες πυκναὶ γινόμεναι τῆς γνώμης τὴν ἀγριότητα ἐντιθέασιν, τὸ δὲ ἥμερόν τε καὶ ἤπιον ἀμαυροῦσιν. Διότι εὐψυχοτέρους νομίζω τοὺς τὴν Εὐρώπην οἰκεῦντας εἶναι ἢ τοὺς τὴν Ἀσίην· ἐν μὲν γὰρ τῷ αἰεὶ παραπλησίῳ

αἱ ῥᾳθυμίαι ἔνεισιν, ἐν δὲ τῷ μεταβαλλομένῳ αἱ ταλαιπωρίαι τῷ σώματι καὶ τῇ ψυχῇ, καὶ ἀπὸ μὲν ἡσυχίης καὶ ῥᾳθυμίης ἡ δειλίη αὔξεται, ἀπὸ δὲ τῆς ταλαιπωρίης καὶ τῶν πόνων αἱ ἀνδρεῖαι. 4 Διὰ τοῦτό εἰσι μαχιμώτεροι οἱ τὴν Εὐρώπην οἰκεῦντες, καὶ διὰ τοὺς νόμους, ὅτι οὐ βασιλεύονται ὥσπερ οἱ Ἀσιηνοί· Ὅκου γὰρ βασιλεύονται, ἐκεῖ ἀνάγκη δειλοτάτους εἶναι· εἴρηται δέ μοι καὶ πρότερον. Αἱ γὰρ ψυχαὶ δεδούλωνται καὶ οὐ βούλονται παρακινδυνεύειν ἑκόντες εἰκῇ ὑπὲρ ἀλλοτρίης δυνάμιος. Ὅσοι δὲ αὐτόνομοι – ὑπὲρ ἑωυτῶν γὰρ τοὺς κινδύνους αἱρεῦνται καὶ οὐκ ἄλλων –, προθυμεῦνται ἑκόντες καὶ ἐς τὸ δεινὸν ἔρχονται· τὰ γὰρ ἀριστεῖα τῆς νίκης αὐτοὶ φέρονται. Οὕτως οἱ νόμοι οὐχ ἥκιστα τὴν εὐψυχίην ἐργάζονται. Τὸ μὲν οὖν ὅλον καὶ τὸ ἅπαν οὕτως ἔχει περί τε τῆς Εὐρώπης καὶ τῆς Ἀσίης.

XXIV. 1 Ἔνεισι δὲ καὶ ἐν τῇ Εὐρώπῃ φῦλα διάφορα ἕτερα ἑτέροισι καὶ τὰ μεγέθεα καὶ τὰς μορφὰς καὶ τὰς ἀνδρείας· τὰ δὲ διαλλάσσοντα ταῦτ᾿ ἐστιν ἃ καὶ ἐπὶ τῶν πρότερον εἴρηται· ἔτι δὲ σαφέστερον φράσω. 2 Ὁκόσοι μὲν χώρην ὀρεινήν τε οἰκέουσι καὶ τρηχεῖαν καὶ ὑψηλὴν καὶ εὔυδρον, καὶ αἱ μεταβολαὶ αὐτοῖσι γίνονται τῶν ὡρέων μεγάλα διάφοροι, ἐνταῦθα εἰκὸς τὰ εἴδεα μεγάλα εἶναι καὶ πρὸς τὸ ταλαίπωρον καὶ τὸ ἀνδρεῖον εὖ πεφυκότα, καὶ τό τε ἄγριον καὶ τὸ θηριῶδες αἱ τοιαῦται φύσιες οὐχ ἥκιστα ἔχουσιν. 3 Ὁκόσοι δὲ κοῖλα χωρία καὶ λειμακώδεα καὶ πνιγηρά, καὶ τῶν θερμῶν πνευμάτων πλέον μέρος μετέχουσιν ἢ τῶν ψυχρῶν ὕδασί τε χρέονται θερμοῖσιν, οὗτοι μεγάλοι μὲν οὐκ ἂν εἴησαν οὐδὲ κανονίαι, ἐς εὖρος δὲ πεφυκότες καὶ σαρκώδεες καὶ μελανότριχες καὶ αὐτοὶ μέλανες μᾶλλον ἢ λευκότεροι, φλεγματίαι τε ἧσσον ἢ χολώδεες· τὸ δὲ ἀνδρεῖον καὶ τὸ ταλαίπωρον ἐν τῇ ψυχῇ φύσει μὲν οὖν οὐκ ἂν ὁμοίως ἐνείη, νόμος δὲ προσγενόμενος ἀπεργάσαιτο ἄν ὡσεὶ τοῦ εἴδεος οὐχ ὑπάρχοντος. 4 Καὶ εἰ μὲν ποταμοὶ ἐνείησαν ἐν τῇ χώρῃ, οἵτινες ἐκ τῆς χώρης ἐξοχετεύουσι τό τε στάσιμον καὶ τὸ ὄμβριον, οὗτοι ὑγιηρότεροι ἂν εἴησαν καὶ λαπαροί· εἰ μέντοι ποταμοὶ μὴ ἐνείησαν, τὰ δὲ ὕδατα κρηναῖά τε καὶ στάσιμα πίνοιεν καὶ ἑλώδεα, ἀνάγκη τὰ τοιάδε εἴδεα προγαστρότερα εἶναι καὶ σπληνώδεα. 5 Ὁκόσοι δὲ ὑψηλὴν οἰκέουσι χώρην καὶ λείην καὶ ἀνεμώδεα καὶ εὔυδρον, εἴη ἂν τὰ εἴδεα μεγάλα καὶ ἑωυτοῖσι παραπλήσια, ἀνανδρότεραι δὲ καὶ ἡμερώτεραι αἱ γνῶμαι. Ὅσοι γὰρ εὐκρήτῳ καὶ ὕδασί τε πλείστοισι καὶ ἀγαθοῖσι χρέονται, τούτοισι καὶ αἱ μορφαὶ καὶ τὰ ἤθεα ἀγαθά, καὶ παχεῖς καὶ μεγαλόμορφοι καὶ ὅμοιοι ἀλλήλοισιν. 6 Ὁκόσοι δὲ λεπτά τε καὶ ἄνυδρα καὶ ψιλὰ καὶ τῇσι δὲ μεταβολῇσι τῶν ὡρέων οὐκ εὔκρητα, ἐν ταύτῃ τῇ χώρῃ τὰ εἴδεα εἰκὸς σκληρά τε εἶναι καὶ ἔντονα καὶ ξανθότερα ἢ μελάντερα καὶ τὰ ἤθεα καὶ τὰς ὀργὰς αὐθάδεάς τε καὶ ἰδιογνώμονας. Ὅκου γὰρ αἱ μεταβολαί εἰσι πυκνόταται τῶν ὡρέων καὶ πλεῖστον διάφοροι αὐταὶ ἑωυτῇσιν, ἐκεῖ καὶ τὰ εἴδεα καὶ τὰ ἤθεα καὶ τὰς φύσιας εὑρήσεις πλεῖστον διαφερούσας. 7 Μέγισται μὲν οὖν εἰσιν αὗται τῆς φύσιος αἱ διαλλαγαί, ἔπειτα δὲ καὶ ἡ χώρη ἐν ᾗ ἄν τις

τρέφηται, καὶ τὰ ὕδατα· εὑρήσεις γὰρ ἐπὶ τὸ πλῆθος τῆς χώρης τῇ φύσει ἀκολουθέοντα καὶ τὰ εἴδεα τῶν ἀνθρώπων καὶ τοὺς τρόπους. 8 Ὅκου μὲν γὰρ ἡ γῆ πίειρα καὶ μαλθακὴ καὶ εὔυδρος καὶ τὰ ὕδατα κάρτα μετέωρα ὥστε θερμὰ εἶναι τοῦ θέρεος καὶ τοῦ χειμῶνος ψυχρά, καὶ τῶν ὡρέων καλῶς κέεται, ἐνταῦθα καὶ οἱ ἄνθρωποι σαρκώδεές εἰσι καὶ ἄναρθροι καὶ ὑγροὶ καὶ ἀταλαίπωροι καὶ τὴν ψυχὴν κακοὶ ὡς ἐπὶ τὸ πολύ, τό τε ῥᾴθυμον καὶ τὸ ὑπνηρόν ἔνεστιν ἐν αὐτοῖσιν ἔς τε τὰς τέχνας παχέες καὶ οὐ λεπτοὶ οὐδ' ὀξέες. 9 Ὅκου δ' ἐστὶν ἡ χώρη ψιλή τε καὶ ἄνυδρος καὶ τρηχεῖα καὶ ὑπὸ τοῦ χειμῶνος πιεζευμένη, καὶ ὑπὸ τοῦ ἡλίου ἐκκεκαυμένη, ἐνταῦθα δὲ σκληρούς τε καὶ ἰσχνοὺς καὶ διηρθρωμένους καὶ ἐντόνους καὶ δασέας, τό τε ἐργατικὸν ὀξὺ ἐνεὸν ἐν τῇ φύσει τῇ τοιαύτῃ καὶ τὸ ἄγρυπνον τά τε ἤθεα καὶ τὰς ὀργὰς αὐθάδεας καὶ ἰδιογνώμονας τοῦ τε ἀγρίου μᾶλλον μετέχοντας ἢ τοῦ ἡμέρου, ἔς τε τὰς τέχνας ὀξυτέρους τε καὶ συνετωτέρους καὶ τὰ πολέμια ἀμείνους εὑρήσεις, καὶ τἆλλα τὰ ἐν τῇ γῇ φυόμενα πάντα ἀκόλουθα ἐόντα τῇ γῇ.* Αἱ μὲν ἐναντιώταται φύσιές τε καὶ ἰδέαι ἔχουσιν οὕτως· ἀπὸ δὲ τούτων τεκμαιρόμενος τὰ λοιπὰ ἐνθυμέεσθαι, καὶ οὐχ ἁμαρτήσῃ.

6 ITERAÇÃO E COMPLEMENTAÇÃO ENTRE OS TRATADOS DA DOENÇA SAGRADA E ARES, ÁGUAS E LUGARES

Henrique F. Cairus

O tratado *Da doença sagrada* é um texto central no *Corpus hippocraticum* quanto às idéias que expressa. Sua relevância e as características de seu conteúdo não se restringem ao que concerne à laicização da nosologia, mas abarca ainda outros aspectos relevantes para a formação do ambiente cultural grego no século V a.C. Em todos os seus aspectos mais pertinentes a essa formação, o tratado *Da doença sagrada* encontra reflexos no *Ares, águas e lugares*.

A discussão acerca da autoria comum do *Ares, águas e lugares* e do *Da doença sagrada* não é muito antiga. Littré sequer a considerava, pois, em sua taxionomia dos tratados, o *Ares, águas e lugares* é tido como um tratado da primeira classe, o que, segundo a sua classificação (v. Cap. 2, p. 27), significa que este é um tratado da lavra de Hipócrates. Mas o *Da doença sagrada* foi inscrito por Littré na quarta classe de tratados, que é o grupo dos textos de contemporâneos ou dos discípulos de Hipócrates. De fato, as similitudes podem ser insuficientes para adjudicar os dois textos a um mesmo autor, mas não são apenas as confluências textuais que fazem helenistas como Jouanna (1992, p.529) suporem a mesma autoria para esses tratados.

Dois pontos se impõem nessa discussão, o da laicização da doença e a pangenética. Esses tópicos consistem nas duas teses mais evidentemente convergentes dos dois tratados. Subjaz a essas duas idéias a distinção entre νόμος (costume) e φύσις (natureza), e a conseqüente matização do conceito de φύσις, que tem como parâmetros paroxísticos a φύσις ἀνθρώπου (natureza do homem) e a θεία φύσις (natureza divina).

Para os dois tratados, determinadas doenças não podem ser mais sagradas do que outras, ainda que nenhuma deixe de sê-lo. Para o autor dos tratados, o erro não é considerar as doenças segradas ou divinas, mas considerar uma especialmente mais divina do que outra:

MS, 1Littré (1Jones)	AAL, 22Littré
Sobre a chamada doença sagrada, há isto: em nada me parece ser mais divina, nem mais sagrada do que as outras doenças, mas tem a natureza e a origem que têm as demais enfermidades.	Parece-me serem essas afecções divinas, assim como todas as outras, e não ser nenhuma mais divina nem mais humana do que a outra, mas serem todas semelhantes e todas divinas.

Os dois tratados partem do mesmo princípio: nenhuma doença é mais divina, nem mais sagrada do que qualquer outra. Entretanto, cada um dos tratados dirige-se para uma direção diferente na observação da doença. Poder-se-ia mesmo dizer que, quanto à idéia de sagrado, o discurso do *Da doença sagrada* é mais negativo do que o do *Ares, águas e lugares*. Enquanto o primeiro parece ter por motivação a negação do caráter especialmente divino de uma determinada doença, o outro procura essa sacralidade pelo viés da natureza do meio ambiente.

Não é possível deixar de notar, nesse campo, uma continuidade entre os dois textos, especialmente se for observado o começo do último capítulo do *Da doença sagrada*[200], que sentencia:

> Essa doença dita sagrada provém das mesmas motivações que as demais, ou seja, provém de coisas que se aproximam e que se afastam, como o frio, o sol e os ventos que estão em mutação e nunca se estabilizam. Mas tudo isso é divino; de sorte que em nada se distinga essa enfermidade como mais divina do que as outras enfermidades, mas elas todas são divinas e todas elas são humanas. E cada (doença) tem sua natureza e sua propriedade em si mesma, e nenhuma delas é incurável nem intratável.
>
> (18Littré)

[200]. O último capítulo do MS tem um caráter notoriamente conclusivo, mas o AAL sempre foi tema de discussão acerca da unidade de suas duas partes. Creio que, depois da excelente edição de Jouanna (1996), a discussão, se não está encerrada, ao menos ascendeu a um patamar muito além das observações impressionistas ou da fragilidade dos argumentos que eram ora meramente lingüísticos, ora simplesmente ecdóticos. Reproduzo aqui a orientação de Jouanna (1996, p.21) que adoto neste livro:

> Admitir-se-á então a unidade de autor e igualmente a unidade da obra (com uma lacuna importante na segunda parte), sem interpolação maior e sem transposições relativas à ordem dada na tradição manuscrita antes da perturbação acidental que ocorre em um ancestral do manuscrito mais antigo, o *Vaticanus graecus* 276.

Essa conclusão acerca do caráter divino da doença será, no que tange a esse aspecto, o ponto de partida do *Ares, águas e lugares*. Essa esfera divina, em que tudo se insere pela ação oscilante do meio, não é o espaço da τέχνη, não é o ambiente de atuação do ἰατρός, e qualquer incursão aí será punida com os vitupérios que abrem o tratado *Da doença sagrada*.

O *Ares, águas e lugares* tem por tema um grande desafio da τέχνη: conviver com a φύσις divina, isto é, com os ares, com as águas e com as peculiaridades das regiões. Esse tratado seria, portanto, na visão de um Heródoto que o lesse, uma obra de ὕβρις, um tratado onde o ἰατρός arrostearia os desígnios divinos. Mas o *Ares, águas e lugares* não se dedica à terapia, apenas a sugere, ao identificar o mal. Bom exemplo é o caso do νόμος dos citas (v. Cap. 5, p. 106). Para eles, segundo esse tratado, a equitação produz efeitos patogênicos de ordem genética. Está, pois, subentendido que a moderação nesse hábito, a título de δίαιτα, seria terapêutica. Contudo, o problema torna-se mais complexo quando é menos humano, como, por exemplo, quando se refere ao ambiente onde se vive.

A localização malsã de um povo pode trazer-lhe determinados malefícios, que poderiam ser remediados através da orientação das construções em função dos ventos e do sol. O autor apresenta (AAL, 10Littré) cinco configurações locais que considera maléficas:

1. Inverno seco e boreal seguido de um inverno chuvoso e austral.
2. Inverno austral e chuvoso seguido de uma primavera boreal e seca.
3. Verão chuvoso e austral, e outono semelhante.
4. Verão seco e austral, outono chuvoso e boreal.
5. Verão boreal e seco, e outono seco.

No que diz respeito à saúde, ao médico cabia reconhecer em quê cada uma dessas conjunturas podia implicar. Como instrumentos de sua terapia sugerida, a adequação topológica possuía limites bem definidos. As situações do meio restringiam-se a quatro, e cada uma delas supõe suas mazelas e seus recursos específicos:

- construções voltadas para o noto (isto é, para o vento quente) e de acordo como o solstício invernal, ou seja, orientadas para o sul (AAL,3Littré).
- construções voltadas para o boreal (isto é, para o vento frio) e de acordo com o solstício de verão, ou seja, orientadas para o norte (AAL,4Littré).
- construções expostas ao nascer do sol (AAL,5Littré).
- construções expostas ao por do sol, e que não recebem ventos do leste, mas estão sujeitas lateralmente ao boreal e ao austral (AAL, 6Littré).

Jouanna (1996, p.33-44) identifica três fatores que o autor do *Ares, águas e lugares* recomenda que o médico observe: a orientação das construções em relação aos ventos e ao sol; as propriedades da água, e o solo. As águas podem ser, segundo o autor do tratado[201]:

- estagnantes (AAL,7Littré),
- fontanais (AAL, 7Littré),
- pluviais (AAL, 8Littré),
- oriundas de degelo (AAL,8Littré) e
- mistas (AAL, 9Littré)[202]

É a qualidade da água que motivará o interesse do autor pelo solo, ou, para ser mais preciso, pelo subsolo. As águas que provêm de um subsolo rochoso são 'duras' (σκληρά), e as que são oriundas de um subsolo maleável e elevado — como o de algumas colinas — são mais doces e claras (γλυκέα καὶ λευκά), e capazes de comportar uma mistura de vinho de baixo teor (τὸν οἶνον φέρειν ὀλίγον οἷά τέ ἐστι) (AAL, 7Littré).

O último capítulo do tratado (24Littré) oferece uma categorização dos solos, para finalmente declarar a relevância do solo para a natureza física e moral dos que habitam sobre ele. As quatro categorias de solo são:

1. seco e estéril,
2. úmido e vegetado,
3. baixo e quente e
4. elevado e frio.

O autor do tratado, ao reconhecer a importância do solo na constituição do homem, inscreve-se em uma maneira de pensar que a literatura do século V a.C. não se furtou em registrar.

Píndaro faz referência à influência do solo sobre o homem na quinta *Ode Neméia*, onde os habitantes de Egina, juntamente com o seu mitológico líder Focos, suplicam diante do altar de Zeus Helênio que aquela terra seja fecunda em homens valerosos e em suas naus afamadas:

---

201. A qualidade da água é tema de alguns pré-socráticos, como Anaximandro (12A27DK), Xenófanes (21A46DK), Diógenes de Apolônia (64A17DK, que explica porque o mar é salgado). Quanto a este último em confronto com o AAL, v. o capítulo "Por que a água do mar é salgada?" em JOUANNA (1992, p.367).

202. O capítulo 9Littré relata uma litíase devida à agua mista.

de Cronos e de Zeus, os
heróis belicosos oriundos
e das áureas Nereidas,
os Eácidas[203], ele os honrou[204],
e para que fosse a cidade-mãe, terra amiga dos estrangeiros,
fecunda em homens valerosos e de célebres naus,
rogaram, junto ao altar de Zeus Helênio,
e abriram, juntos, os braços ao éter
os de Endeida afamados filhos,
e, com vigor, o seu líder Focos,
filho da deusa, aquele que Psamatéia
gerou sobre o vórtice do mar.

(*Nem.* V (9), vv.12-24)[205]

A presença no imaginário grego da relação entre o homem e o solo também se encontra em outra ode pindárica, a *XI Neméia*, na qual o caráter da terra é apresentado analogicamente ao do homem:

e, no continente, nem as negras
terras deram fruto,

[203]. Filhas de Éaco, como Focos.

[204]. O sujeito da oração é subentendido; trata-se de Píteas de Egina, um jovem ainda imberbe, vencedor no pancrácio.

[205]. Texto original:

ἐκ δὲ Κρόνου καὶ Ζηνὸς ἥ–
ρωας αἰχματὰς φυτευθέν–
τας καὶ ἀπὸ χρυσεᾶν Νηρῄδων
Αἰακίδας ἐγέραιρεν
ματρόπολιν τε, φίλαν ξένων ἄρουραν·
τάν ποτ' εὔανδρόν τε καὶ ναυσικλυτάν
θέσσαντο, πὰρ βωμὸν πατέρος Ἑλλανίου
στάντες, πίτναν τ' ἐς αἰθέρα χεῖραϜ ἁμᾶ
Ἐνδαΐδος ἀριγνῶτες υἱ–
οὶ καὶ βία Φώκου κρέοντος
ὁ τᾶς θεοῦ, ὃν Ψαμάθει–
α τίκτ' ἐπὶ ῥηγμῖνι πόντου.

nem as árvores querem, em
todas as épocas dos anos,
produzir uma flor olente e valiosa como a riqueza,
mas sempre estão a mudar. Assim também
o destino conduz
a estirpe mortal.

(*Nem.* XI (40), vv.49-55)[206]

Nesses excertos das duas odes Neméias, a palavra que Píndaro usa para referir-se à terra é ἄρουρα, que, paralelamente a χώρα e a γῆ, designa a idéia de solo, no entanto é um termo mais agrário. O que me leva a crer que, no trecho da quinta Neméia apresentado acima, trata-se de uma referência ao solo, e não à região[207].

A analogia proposta por Píndaro poderia reconduzir-nos à discussão acerca dos níveis da φύσις diretamente divino e indiretamente divino. Mas parece-me estar claro que essa distinção não pertencia ao universo do Príncipe dos Poetas. Serve-nos a este estudo como uma referência temporal de uma sugestão de relação entre homem e solo.

Jacqueline de Romilly (1995, p.174), ao dissertar sobre a natureza e a educação em Eurípides, refere-se a uma passagem de *Hécuba*. No passo assinalado pela Helenista, nota-se mais uma vez a analogia entre o solo e o homem, mas dessa vez, a comparação é motivada justamente pelos resultados paradoxais que por vezes decorrem da relação entre causa e efeito. Assim, o solo ruim pode produzir bons frutos, da mesma maneira que o ambiente inadequado pode engendrar grandes homens:

---

[206]. Texto original:

ἐν σχερῷ δ' οὔτ' ὦν μέλαιναι
καρπόν ἔδωκαν ἄρουραι,
δένδρεά τ' οὐκ ἐθέλει πά–
σαις ἐτέων περόδοις
ἄνθος εὐῶδες φέρειν πλούτῳ ἶσον,
ἀλλ' ἐν ἀμείβοντι. Καὶ
θνατὸν οὕτως ἔθνος ἄγει
μοῖρα.

[207]. Jacqueline de Romilly (1995, p.183) chega a essa mesma conclusão, mas acredita tratar-se de uma comparação entre o solo e o homem, e não de uma influência. No trecho retirado da *XI Neméia*, acredito também tratar-se de uma analogia; contudo, os versos da *V Neméia* parecem-me expressar a idéia de influência. Não creio que nem em um caso, nem em outro seja possível depreender uma opinião. Por outro lado, o símile não é gratuito, mas denota uma possibilidade de compreender as relações através dessa analogia.

Não é incrível? se a terra má
obtém dos deuses condições favoráveis, sobeja em espigas;
mas a boa terra estando carente do que lhe é preciso,
dá mau fruto, e entre os mortais é sempre assim:
o perverso não é outro senão o mau,
e o bom é exatamente o bom, nem sob situações específicas
destruiria sua natureza, mas será sempre virtuoso.

(*Hécuba*, 592-8)[208]. Texto original:

O símile não poderia ser menos hipocrático[209]. O nível da natureza que o homem é capaz de tanger e do qual ele mesmo faz parte não influencia o outro nível. Mesmo sendo boa a terra, se estiver sob uma ação desfavorável do nível divino da natureza, os frutos serão ruins. Assim também acontece com o homem. Naturalmente o tema aqui — no que concerne o homem — não é a saúde, mas o aspecto moral. A qualidade que está sendo discutida não é da ordem da φύσις, mas da esfera do νόμος. Porém, o significante do símile é físico e remete às teorias expostas no *Ares, águas e lugares* acerca da natureza. A relação que a tragédia *Hécuba* estabelece entre νόμος e φύσις não vai coincidir com aquela proposta pelo tratado médico, não é de influência de que se trata na tragédia, mas de uma comparação.

No tratado, o episódio dos macrocéfalos mostra como o νόμος podia interferir na φύσις; mas na φύσις à qual o homem tem acesso, e não na φύσις em seu nível divino, a dos fenômenos climáticos, das águas e dos ventos. Na tragédia, o recurso poético do símile volta-se, de um lado, para o solo e a qualidade de seus frutos e, de outro, para o homem e a qualidade moral de suas ações.

[208]. Texto original:

'....' Οὔκουν δεινός, εἰ γῆ μὲν κακή
τυχοῦσα καιροῦ θεόθεν εὖ στάχυν φέρει,
χρηστὴ δ' ἁμαρτοῦσ' ὧν χρεὼν αὐτὴν τυχεῖν
κακὸν δίδωσι καρπόν, ἐν βροτοῖς δ' ἀεί
ὁ μὲν πονηρος οὐδὲν ἄλλο πλὴν κακος,
ὁ δ' ἐσθλος ἐσθλος, οὐδὲ συμφορᾶς ὕπο
φύσιν διέφθειρ', ἀλλὰ χρηστὸς ἐστ' ἀεί;

[209]. Méridier, tradutor e estabelecedor do texto, nota nessa passagem uma opinião socrática, uma vez que a παιδεία (no texto referida como τροφή exerce uma influência decisiva na formação moral. O helenista remete a reiterações dessa idéia em Ifigênia em Aulis (559 et sq.) e nas Suplicantes (914). Contudo, Méridier observa uma certa valorização da hereditariedade por parte do coro. A sua leitura conduz a um conflito entre o ideário aristocrata e o socrático, um defendendo a relevância da hereditariedade, o outro, a da educação. O ensaio de Jacqueline de Romilly, intitulado *Nature et éducation dans le théâtre d'Euripide*, discute o tema sob novas perspectivas. A autora lembra que, em Hécuba, Eurípides opõe-se gravemente ao socratismo, uma vez quem conhece o bem não o pratica necessariamente. Acredito que o tratado *Ares, águas e lugares* poderia lançar mais um golpe de luz sobre as falas de Hécuba e sobre sua hesitação entre a τροφή e os τέκοντες, para usar uma expressão do próprio texto (Héc.,599).

O solo, as águas e os ventos, com as suas características, formam as contingências divinas com as quais os homens têm de conviver, dispondo as suas vidas de acordo com essa realidade à qual nem o leigo nem o médico tem acesso.

Wilamowitz[210], ao defender a mesma autoria para os tratados *Da doença sagrada* e *Ares, águas e lugares*, enumera quatro pontos comuns entre eles:

1. a negação de toda doença "sagrada", ou seja, devida a uma divindade particular;
2. a afirmação da transmissão de particularidades adquiridas ou enfermidades, pela crença na pangenética;
3. influência das mudanças climáticas sobre a doença, e
4. o estilo e o vocabulário.

Os argumentos de Wilamowitz foram considerados por vários helenistas[211] insuficientes para considerar os dois tratados da mesma lavra. Jouanna, por sua vez, declara-se de acordo com Gresemann, que sentencia que "os melhores argumentos estão do lado daqueles que querem atribuir os dois escritos a um só e mesmo médico"[212].

Os pontos assinalados por Wilamowitz podem, de fato, não ser suficientes para atribuir os dois textos ao mesmo autor, mas se o primeiro item de sua argumentação for analisado mais detidamente, encontrar-se-á mais do que coincidências.

Primeiramente, o que os textos fazem, parece-me, não é apenas negar a atribuição da doença a uma divindade específica, mas condenar a crença em uma relação direta com os deuses, uma relação entre homens e deuses quase homérica. Isso não seria negar o sagrado, mas a maneira de se inserir a esfera divina na diagnose e na terapia.

O tratado *Da doença sagrada* conduz o raciocínio de seu público da alçada humana para a divina, revelando os aspectos nosológicos vinculados ao nível mais imanente da φύσις. O tratado *Ares, águas e lugares*, por sua vez, percorre o caminho inverso, partindo da φύσις onde tudo é divino para a φύσις do homem, revelando os aspectos hígidos do nível mais divino de φύσις. Os dois tratados parecem acordar perfeitamente sobre esses dois níveis da φύσις e sobre os limites do homem nesse contexto.

O νόμος, em ambos os tratados, é o espaço de ação do homem, onde o homem entre os seus iguais vive κατὰ συνθήκην, e não κατὰ φύσιν. O ἰατρός pode dispor desse espaço para desempenhar a sua função, mas deve ter em mente a relação entre νόμος ε φύσις.

---

[210]. *Die hippokartische Schrift* Περὶ ἱερῆς νούσου (1901). Apud JOUANNA (1996), p.71.

[211]. Jouanna (1996,p.72) oferece a bibliografia contrária a essa tese, citando obras alemãs que foram publicadas entre 1929 e 1968. Lembra ainda os autores, como Edelstein, que se apoiam nas divergências entre os dois textos para defender a autoria .

[212]. *Die hippokratische Schrift " Über die heilige Krankheit*". Apud JOUANNA (1996), p.73.

AAL, 14Littré	MS, 2Littré
ὁ γὰρ γόνος πανταχόθεν ἔρχεται τοῦ σώματος, ἀπό τε τῶν ὑγιηρῶν ὑγιηρὸς ἀπὸ τε τῶν νοσερῶν νοσερός.	ὡς ὁ γόνος ἔρχεται πάντοθεν τοῦ σώματος, ἀπὸ τε τῶν ὑγιηρῶν ὑγιηρος ἀπὸ τε τῶν νοσερῶν νοσερός.

Para observar essa relação, os dois tratados partem do mesmo ponto, da pangenética, da crença de que cada semente (γόνος) provém de uma parte do corpo. Segundo os tratados: "A semente provém de todas as partes do corpo, das partes sãs ela vem sã, das partes doentes, doente". Observe-se a quase total igualdade dos termos:

A tese pangenética[213] é um dos temas do tratado *Da geração*, que esse tratado assim explicita: "Quanto à própria semente, tanto da mulher quanto do homem, ela sai de todo o corpo, das partes fracas, vem fraca; das fortes, forte" (*Da geração,* 2Littré)[214].

O *Ares, águas e lugares* acrescenta à tese pangenética a idéia de que o νόμος pode interferir na φύσις através da hereditariedade. O 'lamarckismo' do episódio dos macrocéfalos consiste no liame entre o νόμος e a φύσις[215] por uma via *sui generis*, a da transformação de fenótipos em genótipos, e a transmissão destes através da pangenética.

A 'doença sagrada' é também hereditária. Como um fleumático nasce de um fleumático; um bilioso, de um bilioso; de um tísico nasce um tísico; de um esplenético, um esplenético; um calvo nasce de um calvo; um cego, de cego, e um estrábico, de um estrábico (AAL, 14Littré; MS, 2Littré; *Da geração*, 2Littré), da mesma forma, a doença sagrada e a cabeça oblonga dos marocéfalos são κατὰ γένος, hereditárias, ainda que a primeira seja ἀπὸ φύσιος e a segunda ἀπὸ νόμου.

As características, quando passam ao universo físico, independentemente de sua origem, tornam-se parte da φύσις, mas em um nível que o médico pode alcançar, ainda que esteja limitado pelo outro nível da φύσις. O autor do tratado *Da arte* recorre freqüentemente ao binômio formado pela φύσις e pela τέχνη:

---

[213] A tese pangenética é enunciada pelos tratados AAL e MS , que parecem apenas aplicar a teoria do tratado *Da geração* (v.LONIE, 1981, p.116). Jouanna (1996, p.307) lembra que a tese de uma fonte comum poderia substituir a da precedência.

[214]. Texto original:

Καὶ ἐν αὐτῇφι τῇ γονῇ ἐξέρχεται καὶ τῆς γυναικοςκαὶ τοῦ ἀνδρος ἀπὸ παντος τοῦ σώματος, καὶ ἀπὸ τῶν ἀσθενέων ἀσθενης καὶ ἀπὸ τῶν ἰσχυρῶν ἰσχυρή.

[215]. Essa também parece ser a idéia de Pigeaud (1997, p.9).

> Se, pois, alguém exige que a τέχνη tenha mais poder do que o que concerne à τέχνη, ou que a φύσις tenha mais poder do que o que concerne à φύσις, é ignorante, de uma ignorância que tem mais de loucura do que de falta de informação. Pois nos é possível soemente ter o controle através dos instrumentos das naturezas (φύσεις) e das artes (τέχναι); é-nos possível ser operadores destes, mas dos outros, não.
>
> (*Da arte*, 8Littré)[216]

A τέχνη é, de fato, limitada pela φύσις, mas o uso dos instrumentos (ὄργανα, para usar a linguagem do texto) oriundos da φύσις também é uma τέχνη. Aqui encontramos outra maneira de atingir o nível imediato da φύσις, o sistema de trocas que a τέχνη estabelece com a φύσις. A φύσις oferece os instrumentos à τέχνη que há de curá-la.

O tratado *Da doença sagrada*, que limita a ação do sagrado no nível mais imediato da φύσις, também se apóia no poder da τέχνη. É através dela que o homem terá acesso ao nível mais imanente da φύσις. Alguns poucos anos antes[217], Sófocles havia composto o seu célebre canto coral da *Antígona*, no qual decanta as façanhas humanas, declarando a sua fé na hegemonia da humanidade sobre a natureza:

> Há muitas coisas espantosas, e, do que o ho-
>
> mem, nenhuma é mais espantosa
>
> (*Antígona,* 332-2)[218]

Esse homem de Sófocles conhece apenas um limite: a morte. Em seu canto apaixonado pela humanidade — e sobretudo por aquela de Atenas — o coro alça um homem παντοπόρος (360), de infinitos recursos, que supera o noto (335). Mesmo quando reconhece o limite do homem na morte, o coro ameniza essa impotência com as conquistas da medicina.

> Somente do Hades
>
> o escape não domina. Mas de
>
> doenças incuráveis fugas

---

[216]. Texto original:

> εἰ γάρ τις ἢ τέχνην, ἐς ἃ μὴ τέχνη, ἢ φύσιν, ἐςς ἃ μὴ φύσις πέφυκεν, ἀχιώσειε δύνασθαι, ἀγνοεῖ ἄγνοιαν ἁρμόζουσαν μανίῃ μᾶλλον ἢ ἀμαθίῃ. Ὧν γὰρ ἐστιν ἡμῖν τοῖσις τε τῶν φυσίων τοῖσι τε τῶν τεχνέων ὀργάνοισι ἐπικρατέειν, τουτέων ἐστὶν δημιουργοῖςεἶναι, ἄλλων δὲ οὔκ ἐστιν.

[217]. A data mais aceita para a composição de Antígona é 443-2, e o tratado é da segunda metade do século V a.C.

[218]. Texto original:

> Πολλὰ τὰ δεινὰ κοὐδὲν ἀν–
>
> θρώπου δεινότερον πέλει.

já figurou.

(*Ant.*, 361-4)[219]

Para o autor do tratado *Da arte*, também não há doenças que o médico não possa curar se lhe permitem agir plenamente ou se o mal não for mais forte do que a medicina, ou seja, se a φύσις da doença integrar o primeiro nível da φύσις, o nível mais imanente e próximo da τέχνη. O exemplo que o tratadista oferece é o fogo como ὄργανον:

> Quando um homem experimenta um mal que é mais forte do que os instrumentos da medicina, não se deve esperar que esse mal seja controlado pela medicina; pois entre aquilo que, na medicina, queima, o fogo é o que mais queima, e muitos outros cáusticos queimam menos do que esse. As (doenças) mais fortes do que os (cáuticos) mais fracos ainda assim não são notoriamente incuráveis, mas quando (as doenças) são mais fortes (do que os cáusticos) mais fortes, como não é evidente que eles sejam incuráveis? No caso em que o fogo não opera, como não é evidente que aquilo que escapa ao fogo tem necessidade de uma outra τέχνη não daquela em que o fogo é um instrumento?
>
> (*Da arte*, 8Littré)[220]

No exemplo do tratado, a enfermidade é caracterizada pelo comparativo de poder (κρέσσον), que revela a impotência da τέχνη diante de uma φύσις. A τέχνη mais eficaz do que a do fogo é a τέχνη impossível, a julgar pelo Aforismo VII,87: "O que os medicamentos não curam, o ferro cura; o que o o ferro não cura, o fogo cura; o que o fogo não cura, a essas doenças é necessário reconhecê-las incuráveis"[221]. O fogo é, por tanto, um extremo da τέχνη. A sua ineficiência assinala a νόσος à qual, parodiando o coro de *Antígona*, poder-se-ia chamar δεινοτέρα ἀνθρώπου.

---

[219]. Texto original:

(...)"Αιδα μόνον
φεῦξιν οὐκ ἐπάχεται. Νό–
σων δ' ἀμηχάνων φυγας
ξυμπέφρασται.

[220]. Texto original:

"Οταν οὖν τι πάθῃ ὤνθρωπος κακὸν ὃ κρέσσον ἐστὶν τῶν ἐν ἰητρικῇ ὀργάνων, οὐδὲ προσδοκᾶσθαι τοῦτος που δεῖ ὑπὸ ἰητρικῆς κρατηθῆναι ἄν· αὐτίκα γὰρ τῶν ἐν ἰητρικῇ καιόντων τὸ πῦρ ἐσχάτωςκαίει, τουτέου δὲ ἡσσόνως ἄλλα πολλά· τῶν μὲν οὖν ἡσσόνων τὰ κρέσσω οὔπω δηλονό τι ἀνίητα· τῶν δὲ κρατίστων τὰ κρέσσω πῶς οὐ δηλονότι ἀνίητα; ἃ γὰρ πῦρ οὐ δημιουργέει, πῶς οὐ τὰ τουτῷ μὴ ἁλισκόμενα δηλοῖ ὅτι ἄλλης τέχνης δεῖται καὶ οὐ ταύτης ἐν ᾗ τὸ πῦρ ὄργανον;

[221]. Texto original:

Ὁκόσα φάρμακα οὐκ ἰῆται, σίδηρος ἰῆται· ὅσα σίδηρος οὐκ ἰῆται, πῦρ ἰῆται· ὅσα δὲ πῦρ οὐκ ἰῆται, ταῦτα χρὴ νομίζειν ἀνίατα

O tratado *Da doença sagrada* não limita explicitamente o poder da τέχνη terapêutica porque se destina a descrever o campo de ação da medicina aplicado à 'doença sagrada' através de um novo olhar sobre a relação entre φύσις e νόμος e entre homens e deuses.

O tratado *Ares, águas e lugares*, por sua vez, por meio dessa mesma perspectiva, expande os limites da τέχνη até as suas fronteiras, que são, por um lado, o nível mais divino da φύσις — como o clima — e, por outro, o νόμος.

O νόμος é sempre, para a medicina hipocrática, um limite difícil de se transpor, e à δίαιτα cumpre lutar contra essa fronteira puramente humana e, portanto, suscetível à ação da τέχνη.

O autor do tratado *Da dieta* afirma (4Littré) que a diferença entre nascer e morrer, crescer e decrescer, unir e desunir não é κατὰ φύσιν mas κατὰ νόμον: "um por todos, todos por um, são a mesma coisa, e, do todo, nada é a mesma coisa; porque o νόμος acerca dessas coisas é contrário à φύσις"[222].

O que pode parecer apenas uma característica de um tratado fortemente influenciado pela sofística, apresenta, na verdade, um dado interessante acerca da posição da doença diante da dicotomia formada por νόμος e φύσις. Mesmo considerando-se a influência dos sofistas, não se pode deixar de notar a informação de que, para o autor do tratado *Da dieta*, a doença também é κατὰ νόμον, uma vez que a própria morte o é.

Se a doença genericamente considerada é κατὰ νόμον, o que se poderia pensar de uma doença como a μανία, que atinge especialmente o νόμος?

Pigeaud (1987, p.63) lembra que a μανία implica em erros de julgamento. A μανία, ao contrário da 'doença sagrada' que toma todo o corpo, atinge somente o cérebro; mas é exatamente o cérebro que é a sede do corpo, conforme sentencia o capítulo 14Littré do tratado *Da doença sagrada*:

> É preciso que os homens saibam que nossos prazeres, nossas alegrias, risos e brincadeiras não provêm de coisa alguma senão dali (isto é, do cérebro), assim como os sofrimentos, as aflições, os dissabores e os prantos. E, sobretudo, através dele, pensamos, compreendemos, vemos, ouvimos e reconhecemos o que é feio e o que é belo, o que é ruim e o que é bom, o que é agradável e o que é desagradável, tanto distinguindo as coisas conforme o costume, quanto sentindo-as conforme o que for conveniente — e distinguindo dessa forma os prazeres dos desprazeres; de acordo com a ocasião, as mesmas coisas não nos agradam sempre. É também através dele que enlouquecemos e deliramos, e nos vêm os terrores, os medos, alguns durante a noite, outros durante o dia, e as insônias, os erros inoportunos, as preocupações inconvenientes, a ignorância do estabelecido, a falta de costume e a inexperiência.
>
> (MS,14Littré)

[222]. Texto original:

ἕκαστον προς πάντα καὶ πάντα πρὸς ἕκαστον τωὺτὸ, καὶ οὐδὲν πάντων τὼύτος· ὁ νόμος γὰρ τῇ φύσει περὶ τούτων ἀναντίος.

Pigeaud (*loc.cit.*) lembra que não se pode falar de uma cisão entre físico e mental, no que concerne à distinção entre maniva e doença sagrada, uma vez que na origem da doença, o mental e o físico se confundem. Por outro lado, os efeitos da μανία παρτεμ exclusivamente do cérebro. O cérebro é, portanto, onde se localiza a μανία, que parece ser a face πρὸς τὸν νόμον da 'doença sagrada'.

O tratado *Ares, águas e lugares*, ao contrário do *Da doença sagrada*, terá como ponto de partida o νόμος e o nível menos imanente da φύσις, propondo um movimento de análise que vai do que é extra-corpóreo em direção ao corpo, que é passivo tanto da φύσις, quanto do νόμος.

O interesse do tratado *Ares, águas e lugares* pelo νόμος pode ser verificado no seu interesse pelos νόμοι que apresentam grandes diferenças: "aqueles povos que apresentam apenas pequenas diferenças, eu os deixarei de lado" (14Littré)[223]. O que o autor do *Ares, águas e lugares* parece procurar nesse momento do tratado é o contraste entre diversos νόμοι para depreender-lhes a influência na natureza do homem.

Os tratados *Da doença sagrada* e *Ares, águas e lugares* não apenas reiteram mutuamente suas idéias, mas apresentam um certo grau de complementaridade, verificando, cada um deles, aspectos dessemelhantes — mas jamais divergentes — de questões semelhantes que têm por alicerce a construção de limites mais claros para a natureza do homem.

O tratado *Da doença sagrada* é, no *Corpus hippocraticum*, o que mais claramente prenuncia a relação que o homem da Grécia clássica estabelecerá com a esfera divina, especialmente em Atenas. Depois de Heródoto e antes de Tucídides, o tratado expande o domínio do λόγος, gerando *ab anteriori* débitos na filosofia, na literatura e na historiografia. O *Da doença sagrada* e o *Ares, águas e lugares* lançam luzes sobre a história de determinados conceitos fundadores da Grécia clássica, apontando para um novo modelo de relação entre a φύσις e o sagrado.

O *Da doença sagrada*, em seu prólogo polêmico, critica aqueles que curam evocando uma relação com deuses já inaceitável em alguns contextos sociais. O que parece incomodar o autor do tratado *Da doença sagrada* não é o fato de a doença sagrada ser assim considerada, mas o fato de considerarem essa doença mais sagrada do que as outras. A isonomia da condição de sagrado entre as doenças é explicitada pelo *Ares, águas e lugares*, no célebre capítulo 22Littré, que trata do caso dos citas: "Parece-me serem essas afecções divinas, assim como todas as outras, e não ser nenhuma mais divina nem mais humana do que a outra, mas serem todas semelhantes e todas divinas."(AAL, 22Littré).

O problema que o tratado *Ares, águas e lugares* — assim como o *Da doença sagrada* — propõe não é, portanto, a dessacralização da doença, mas a distribuição igualitária da característica sagrada por todas as doenças.

---

[223]. Texto original:

Καὶ ὁκόσα μὲν ὀλίγον διαφέρει τῶν ἐθνέων, παραλείψω

Laín Entralgo (1987, p.57-8) crê tratar-se não somente nos textos aqui em questão mas, em todo o *Corpus hippocraticum*, de uma divinização da natureza, ainda característica de um "radical naturalismo religioso dos povos indo-europeus". O que acredito que precisaria ser acrescentado a essa discussão proposta por Laín Entralgo acerca do aspecto divino da φύσις é a noção de que o termo φύσις abriga um espectro semântico mais amplo do que aquele que o nosso vocábulo 'natureza' apresenta. Assim, tomando em consideração um certo feixe de traços semânticos abarcado pela palavra φύσις, não haveria como refutar os argumentos do erudito espanhol. Mas o termo φύσις é tão plural quanto parecem ser as suas relações como o divino.

Historicamente relevante parece-me ser a condenação de um modelo de relação entre homens e deuses, em prol de uma nova forma de pensar sobre o sagrado. Não era mais possível, para um padrão intelectual que se instaurava no século Va.C., a ética antropomórfica dos deuses que se nota na poesia, e, de modo particular, na épica.

Os caprichos e as vinganças divinas ainda teriam seu lugar na historiografia de Heródoto que, protegido pelo ὡς λέγουσι, evita posicionar-se com relação a isso, assumindo assim o lugar limítrofe entre as αἰτίαι de Homero e as de Hipócrates.

A resposta à questão acerca do alvo da parte polêmica do tratado *Da doença sagrada* encontra mais profundidade, quando se pensa nas etiologias de Heródoto, e especialmente na sua patogênese. O que propõe o autor do *Da doença sagrada* não é que sejam os deuses excluídos das etiologias, mas que sejam desconsiderados no estudo da patogenia e, por conseguinte, na terapia.

O sagrado é deslocado de uma φύσις imediatamente ligada ao homem através das αἰτίαι para um outro nível de φύσις mais genérico e abstrato, que se traduz por um νόμος oriundo de um λόγος transcendente ao homem. A conclusão do tratado *Da doença sagrada* consiste no texto mais esclarecedor dessa proposta:

> Essa doença dita sagrada provém das mesmas causas que as demais, ou seja, provém de coisas que se aproximam e que se afastam, como o frio, o sol e os ventos que estão em mutação e nunca se estabilizam. Mas tudo isso é divino; de sorte que em nada se distinga essa enfermidade como mais divina do que as outras enfermidades, mas elas todas são divinas e todas elas são humanas.
>
> (MS, 18Littré)

Poder-se-ia mesmo pensar, a partir desse excerto, em uma ἱερὰ ou θεία φύσις, e acredito que não há como se dizer que isso seria um equívoco. A dificuldade, parece-me, está em se reconhecer que a φύσις ἀνθρώπου, por exemplo, — ou outra φύσις que se relacione diretamente com o homem, como a dos animais ou a das plantas — é divina, especialmente se for levado em consideração que a natureza do corpo humano foi claramente definida no tratado *Da natureza do homem*[224]: "O corpo do homem contém sangue,

[224]. O tratado *Da natureza do homem* seguramente data do final do século V a.C.

fleuma, bile amarela e negra, e nisso consiste a natureza do corpo (φύσις τοῦ σώματος) , através da qual adoece e tem saúde." (NH, 4Littré).

Não é aí que se vai encontrar a divindade da doença. O aspecto sagrado não se encontra nas αἰτίαι nosológicas — que são, por via de regra, fundadas na homeostase humoral —, mas nas προφάσεις — como os ares, as águas e os climas — que sobrepujam tanto o νόμος, quanto essa φύσις imediata sobre a qual pode agir o ἰατρός – τεχνίτης.

O campo de ação da ἰατρικὴ τέχνη é precisamente o dessa natureza imediata cujo espectro é o que o autor do *Da doença sagrada* parece identificar, no trecho citado acima, como a face humana da doença.

Os tratados *Da doença sagrada* e *Ares, águas e lugares*[225] parecem tentar substituir o espaço do sagrado por uma patologia fisiológica[226] que se opõe a um ὑγιαίνειν absoluto, que é o padrão de uma normalidade que cabe ao ἰατρός restituir ou instituir, conforme algum νόμος.

Ao ἰατρός cabe adequar, em prol de uma φύσις humana, o νόμος, através dos dois instrumentos da ἰατρικὴ τέχνη — o φάρμακον e, principalmente, a δίαιτα — a um outro nível da φύσις, que é, conforme nos mostra o trecho acima do tratado *Da doença sagrada*, divino e, por isso, sagrado.

225. O mesmo poder-se-ia dizer de outros tratados, como o *Da natureza do homem*, o *Da medicina antiga* e os tratados sobre a mulher.

226. A patologia fisiológica é longamente discutida e combatida por Canguillhem (1990 *passim*).

7 OS TRATADOS DEONTOLÓGICOS

Wilson A. Ribeiro Jr.

Há muitos médicos de nome, mas poucos de fato.
A Lei, 1

A ÉTICA MÉDICA ANTIGA

Estavam associados à palavra *ética*[227], na Antigüidade, diversos comportamentos próprios de indivíduos ou grupos, com determinados fins e sancionados por juízos de aprovação. Essa breve conceituação, indubitavelmente parcial e instrumental, engloba didaticamente a maioria das críticas que os intelectuais gregos dedicavam ao comportamento dos cidadãos. Sócrates, Platão e Aristóteles, assim como quase todos os autores de sistemas filosóficos antigos, viam a ética de forma elevada, como um ideal de vida. A visão da ética na Antigüidade, no entanto, era relativamente singular e predominantemente teleológica, contendo apenas alguns traços deontológicos[228].

A coleção hipocrática traz os mais antigos textos deontológicos relacionados à Medicina que chegaram até nós. Note-se, porém, que mesmo o conceito de deontologia não se aplica de modo adequado à prática médica antiga: as formas de ética médica conhecidas pelos médicos gregos da época clássica e helenística, expressas na coleção, podem ser mais adequadamente descritos como "regras de etiqueta".

A idéia de que os médicos gregos dos períodos Clássico e Helenístico se dedicaram à medicina em razão de sentimentos conscientemente elevados e dotados de um ideal de amor pela humanidade é muito pouco plausível. Segundo Edelstein, isso seria "uma projeção não-histórica de conceitos tardios em uma época que os ignorava completamente" (Edelstein, 1956). Galeno, que viveu bem mais tarde, menciona razões pelas quais alguém se interessaria

[227]. "Ética" deriva do substantivo grego ἔθος, "costume, uso". Aparentemente, Aristóteles foi o primeiro a empregá-la da forma que é utilizada na atualidade.

[228]. Em filosofia, considera-se ética "teleológica" aquela que julga a retidão de uma ação totalmente dependente de sua provável eficácia para atingir uma finalidade boa ou, direta ou indiretamente, o máximo bem; ética "deontológica", em certa medida, é aquela que considera uma ação correta ainda que não decorra de uma boa motivação do agente (cf. Runes, 1983).

em seguir a carreira médica: por amor ao dinheiro, para desfrutar da isenção de taxas[229], pela glória e pelas honras ou, então, por amor à humanidade. Glória, dinheiro, filantropia, acrescentou ele, são assuntos de ordem pessoal; não há conexão intrínseca entre essas motivações e a prática médica (Galeno, V).

A palavra "etiqueta", que talvez possa ser compreendida como uma forma mais simples de ética[230], evoca um conjunto de normas adequadas para o comportamento em sociedade. Bem cedo os autores dos tratados hipocráticos reconheceram a necessidade de o bom médico se comportar apropriadamente, para que a existência da arte médica fosse reconhecida pelo público em geral (CH, *Da medicina antiga*) e não se tornasse difícil diferenciar o charlatão do médico bem preparado. Incidentalmente, ao praticar essas recomendações, o renome e a boa reputação do próprio médico aumentariam[231]. Nesse sentido, a coleção hipocrática traz um conjunto de recomendações relacionadas com a etiqueta médica e, ainda mais especificamente, com o decoro[232] médico. Essas recomendações se tornaram, com o tempo, parte integrante (e importante) do componente médico do triângulo hipocrático[233].

Além dos médicos hipocráticos, outros eruditos trataram de vários aspectos da ética médica — alguns, em textos longos, outros, em curtos aforismos. Os mais importantes foram Galeno de Pérgamo (citado há pouco), Sorano de Éfeso e Escribônio Largo, médicos; Sarapion, filósofo; e Libânio, orador. Todos eles viveram mais de quatrocentos anos depois de Hipócrates, durante o Império Romano.

OS TRATADOS

Os tratados da coleção ditos "deontológicos" são: *Juramento*, *Lei*, *Do médico*, *Do decoro* e *Preceitos*. Eis o nome grego original e o nome latino tradicional, sua tradução e a data

---

[229]. Na época de Galeno, os médicos eram muitas vezes agraciados com isenção de impostos. Consta que, em Roma, Júlio César foi o primeiro a fazê-lo.

[230]. Curiosamente, "etiqueta" deriva também do termo grego ἔθος. A julgar pelo sufixo, a palavra pode ser efetivamente interpretada como um diminutivo.

[231]. Cf. *Juramento* e *Do decoro*, entre outros tratados.

[232]. Os gregos usavam, nesse sentido, a palavra εὐσχημοσύνη, que significa primeiramente "aparência externa decente", "atitude séria", "bom porte". Seu significado engloba tanto o aspecto exterior como o aspecto interior do médico. Em última análise, refere-se à aparência física agradável e ao comportamento adequado do médico.

[233]. "A arte médica compreende três elementos: a doença, o doente e o médico; o médico é um servidor da arte" (CH, *Epidemias*, I, 11).

aproximada da composição:

Grego	Latim	Português	Data
Ὅρκος	*Iusiurandum*	Juramento	*c.* 400 a.C
Νόμος	*Lex*	A Lei	fim séc. IV a.C.
Περὶ ἰητροῦ	*De medico*	Do médico	350-200 a.C.
Περὶ εὐσχημοσύνης	*Decorum*	Do decoro	séc. I-V d.C
Παραγγελίαι	*Praecepta*	Preceitos	séc. I-II d.C

Os cinco tratados foram integralmente traduzidos, inclusive as passagens que não apresentam relação alguma com a etiqueta médica. As principais recomendações deontológicas dos tratados hipocráticos são, resumidamente, as seguintes:

(É dever do médico:)

1. ter completo domínio da arte médica;
2. ser dedicado ao trabalho, honesto, bom, cordial, capaz, ter autodomínio e levar vida irrepreensível;
3. cultivar um aspecto físico apropriado, apresentar-se corretamente vestido e se comportar com circunspecção (evitando, porém, o excesso de severidade);
4. praticar a arte em local apropriado e convenientemente aparelhado;
5. não recorrer a tratamentos e procedimentos vistosos, mas de utilidade duvidosa;
6. envidar todos os esforços em prol do doente; tratá-lo com paciência, levando em conta seu estado;
7. examinar o doente com cuidado, quantas vezes for necessário e dar a ele e aos familiares instruções apropriadas;
8. não fornecer drogas mortais a pedido ou não, nem praticar abortos;
9. chamar outros médicos para ajudar, quando necessário; ajudar, ao ser chamado por outro médico;
10. tratar os outros médicos com consideração;
11. levar em conta os meios financeiros do cliente ao estipular os honorários e trabalhar às vezes de graça;
12. não se valer da profissão para praticar a injustiça, a corrupção ou obter favores sexuais;
13. guardar segredo daquilo que ficar sabendo por força da profissão;
14. discutir e argumentar com habilidade mas, ao se dirigir aos leigos, falar com sobriedade.

TEXTO E TRADUÇÃO

O sentido de muitas frases dos textos originais apresenta alguma dificuldade de compreensão por causa do estado dos manuscritos e, em certa medida, por causa do suposto desleixo de alguns copistas: há inúmeras passagens corrompidas, adulteradas e pouco claras. Muitas vezes os tradutores mais antigos, como, por exemplo, Littré e Jones, procuraram suprir essas dificuldades no ato da tradução. Não vejo nisso, particularmente, nenhum demérito; em minha tradução, porém, optei por não "ajustar" as deficiências de sintaxe, o vocabulário estranho e as expressões esquisitas encontradas em muitos parágrafos do texto grego. Os trechos pouco inteligíveis foram traduzidos palavra por palavra, na medida que o texto original permite. A exemplo de Jones, marquei os trechos mais comprometidos com o óbelo (†), sinal usado pelos antigos copistas medievais para marcar o início e o fim de uma passagem confusa ou pouco legível. Assim o leitor terá, espero, uma noção das coerências e incoerências do texto grego.

No estabelecimento de um texto antigo há, muitas vezes, divergências entre os editores dos manuscritos. Segui, em geral, as lições de Jones, e assinalei em notas os casos em que foi privilegiada a lição de outro editor. Palavras não existentes no texto original, importantes para a compreensão do trecho em língua portuguesa, ausentes no grego por força da sintaxe ou por questões de estilo do autor, estão indicadas por parênteses ( ).

FONTES

Para a tradução dos cinco tratados utilizei basicamente os textos da *Loeb Classical Library* editados por Jones (vol. I e II) e Potter (vol. VIII): *Juramento*, vol. I, pp. 298-301 e vol. II, pp. 259-261; *Lei*, vol. II, pp. 255-265; *Do médico*, vol. II, pp. 303-313 (§1) e vol. VIII, pp. 295-315 (§ 2-14); *Do decoro*, vol. II, pp. 267-301; *Preceitos*, vol. I, pp. 303-333. Para a divisão em parágrafos do *Juramento* segui a edição de Heiberg.

Devo acrescentar, finalmente, que minhas notas e comentários muito se beneficiaram dos esclarecidos e detalhados ensaios de Littré, Jones e Lara Nava que acompanham suas respectivas traduções.

8 JURAMENTO

Wilson A. Ribeiro Jr.

Em quantas casas eu entrar, entrarei para benefício dos que sofrem.
[§ 6]

Juramento, conhecido popularmente por "Juramento de Hipócrates", é a um só tempo o mais curto e o mais famoso tratado da coleção hipocrática. A universalidade das obrigações e deveres especificados em suas cláusulas influenciou tão fortemente a cultura ocidental que o texto se tornou modelo de todos os códigos de ética adotados pelos médicos e até por profissionais de outras áreas.

O texto faz parte, provavelmente, do grupo mais antigo da coleção; em muitos manuscritos ele é o texto inicial. Deve ter sido escrito entre 430 e 370 a.C.; Erotiano o conhecia, assim como Galeno, segundo um manuscrito que não chegou até nós mas era conhecido dos eruditos árabes.

Dentre os diversos manuscritos, os mais privilegiados nas edições são V e M, e M parece ser o mais utilizado dos dois. O texto ocupa, na *Aldina*, uma parte da página imediatamente anterior à 1-recto; na edição de Littré, as páginas 610-633 do volume IV, publicado em 1844.

TRADUÇÃO[234]

[1a] Juro por Apolo médico, Asclépio, Hígia, Panacéia e todos os deuses e deusas, e os tomo por testemunhas que, conforme minha capacidade e discernimento, cumprirei este juramento e compromisso escrito:

[1b] considerar igual a meus pais aquele que me ensinou esta arte, compartilhar com ele meus recursos e se necessário prover o que lhe faltar; considerar seus filhos meus irmãos,

[234]. Uma versão inicial desta tradução foi publicada na *Revista de Tradução Modelo 19*, IV(9):69-72, 1999, antecedida de uma brevisssima apresentação.s

e aos do sexo masculino ensinar esta arte sem remuneração ou compromisso escrito, se desejarem aprendê-la; compartilhar os preceitos, ensinamentos orais e todas as demais instruções com os meus filhos, os filhos daquele que me ensinou, os discípulos que assumiram compromisso por escrito e prestaram juramento conforme a lei médica, e com ninguém mais; [2] utilizarei a dieta em benefício dos que sofrem, conforme minha capacidade e discernimento, e além disso repelirei o mal e a injustiça; [3] não darei, a quem pedir, nenhuma droga mortal, nem recomendarei essa decisão; do mesmo modo, não darei a mulher alguma pessário para abortar; [4] com pureza e santidade conservarei minha vida e minha arte; [5] não operarei ninguém que tenha a doença da pedra, mas cederei o lugar aos homens que fazem essa prática. [6] Em quantas casas eu entrar, entrarei para benefício dos que sofrem, evi-tando toda injustiça voluntária e outra forma de corrupção, e também atos libidinosos no corpo de mulheres e homens, livres ou escravos. [7] O que vir e ouvir, durante o tratamento, sobre a vida dos homens, sem relação com o tratamento, e que não for ne-cessário divulgar, calarei, considerando tais coisas segredo. [8] Se cumprir e não violar este juramento, que eu possa desfrutar minha vida e minha arte afamado junto a todos os homens, para sempre; mas se eu o transgredir e não o cumprir, que o contrário aconteça.

ΟΡΚΟΣ

[1a] Ὄμνυμι Ἀπόλλωνα ἰητρὸν καὶ Ἀσκληπιὸν καὶ Ὑγείαν καὶ Πανακειαν καὶ θεοὺς πάντας τε καὶ πάσας, ἵστορας ποιεύμενος, ἐπιτελέα ποιήσειν κατὰ δύναμιν καὶ κρίσιν ἐμὴν ὅρκον τόνδε καὶ συγγραφὴν τήνδε·

[1b] ἡγήσεσθαι μὲν τὸν διδάξαντά με τὴν τέχνην ταύτην ἴσα γενέτῃσιν ἐμοῖς, καὶ βίου κοινώσεσθαι, καὶ χρεῶν χρηΐζοντι μετάδοσιν ποιήσεσθαι, καὶ γένος τὸ ἐξ αὐτοῦ ἀδελφοῖς ἴσον ἐπικρινεῖν ἄρρεσι, καὶ διδάξειν τὴν τέχνην ταύτην, ἢν χρηΐζωσι μανθάνειν, ἄνευ μισθοῦ καὶ συγγραφῆς, παραγγελίης τε και ἀκροήσιος καὶ τῆς λοιπῆς ἁπάσης μαθήσιος μετάδοσιν ποιήσεσθαι υἱοῖς τε ἐμοῖς καὶ τοῖς τοῦ ἐμὲ διδάξαντος, καὶ μαθητῇσι συγγεγραμμένοις τε καὶ ὡρκισμένοις νόμῳ ἰητρικῷ, ἄλλῳ δὲ οὐδενί. Διαιτήμασί τε χρήσομαι ἐπ' ὠφελεί η καμνόντων κατὰ δύναμιν καὶ κρίσιν ἐμήν, ἐπὶ δηλήσει δὲ καὶ ἀδικίῃ εἴρξειν. [3] Οὐ δώσω δὲ οὐδὲ φάρμακον οὐδενὶ αἰτηθεὶς θανάσιμον, οὐδὲ ὑφηγήσομαι ξυμβουλίην τοιήνδε· ὁμοίως δὲ οὐδὲ γυναικὶ πεσσὸν φθόριον δώσω. [4] Ἁγνῶς δὲ καὶ ὁσίως διατηρήσω βίον ἐμόν καὶ τέχνην τὴν ἐμήν. [5] Οὐ τεμέω δὲ οὐδὲ μὴν λιθιῶντας, ἐκχωρήσω δὲ ἐργάτῃσιν ἀνδράσι πρήξιος τῆσδε. [6] Ἐς οἰκίας δὲ ὁκόσας ἂν ἐσίω, ἐσελεύσομαι ἐπ' ὠφελείῃ καμνόντων, ἐκτὸς ἐὼν πάσης ἀδικίης ἑκουσίης καὶ φθορίης, τῆς τε ἄλλης καὶ ἀφροδισίων ἔργων ἐπί τε γυναικείων

σωμάτων καὶ ἀνδρῴων, ἐλευθέρων τε καὶ δουλων. [7] Ἃ δ' ἂν ἐν θεραπείῃ ἢ ἴδω ἢ ἀκούσω, ἢ καὶ ἄνευ θεραπείης κατὰ βίον ἀνθρώπων, ἃ μὴ χρή ποτε ἐκλαλεῖσθαι ἔξω, σιγήσομαι, ἄρρητα ἡγεύμενος εἶναι τὰ τοιαῦτα. [8] Ὅρκον μὲν οὖν μοι τόνδε ἐπιτελέα ποιέοντι, καὶ μὴ συγχέοντι, εἴη ἐπαύρασθαι καὶ βίου καὶ τέχνης δοξαζομένῳ παρὰ πᾶσιν ἀνθρώποις ἐς τὸν αἰεὶ χρόνον· παραβαίνοντι δὲ καὶ ἐπιορκέοντι, τἀναντία τούτων.

COMENTÁRIOS

O texto do *Juramento* foi estruturado em três partes principais: *invocação* [1a], *cláusulas* [1b-7] e *imprecação* [8]. As *cláusulas* apresentam, seqüencialmente, dois tipos de compromisso: o primeiro [1b] se refere a um pacto familiar e corporativo; o segundo [2-7] estabelece um código de conduta pessoal e profissional para o médico.

Na *invocação* há, em primeiro lugar, um apelo dirigido a Apolo, Asclépio, Hígia e Panacéia, divindades tutelares da prática médica[235]; em segundo lugar, certamente para não incorrer em impiedade, aos demais deuses. A *imprecação* final evoca a costumeira punição aos que juram em nome dos deuses e não cumprem o prometido.

Fórmulas solenes de invocação aos deuses e penalização dos violadores de juramentos, ainda que presentes desde cedo na cultura grega, são ainda mais antigas e têm, provavelmente, origem oriental. Compare-se, por exemplo, um dos juramentos descritos na *Ilíada*, poema épico do século VIII a.C. e o histórico pacto entre egípcios e hititas celebrado em 1270 a.C. entre o faraó egípcio Ramsés II e o rei hitita Hattusili, com os parágrafos [1] e [8] do juramento hipocrático:

> Saiba primeiramente Zeus, o mais alto e o mais nobre dos deuses,
> e (saibam) também Gaia, Hélio e as Erínias, as que sob a terra
> punem os homens e aquele que pronunciou um falso juramento,
> que não coloquei a mão na jovem filha de Briseu,
> nem a pretexto de levá-la ao leito nem de qualquer outra coisa,
> e que intocada permaneceu nas minhas tendas.
> Se eu jurei em falso, que os deuses me dêem sofrimentos
> muito numerosos, quantos dão a quem os ofende violando um juramento.

---

[235]. Diversos eram os deuses gregos ligados à medicina. Pean, o mais antigo, foi desde cedo assimilado a Apolo. O centauro Quíron, mais próximo dos homens do que dos deuses, ensinou a medicina a Asclépio, filho de Apolo com uma mortal; habitualmente, ele não era invocado. Asclépio, inicialmente um herói, tornou-se a divindade associada à arte médica mais popular de toda a Grécia (Farnell, 1920; Kerényi, 1948; Vitrac, 1989). Hígia, a "saúde", e Panacéia, "cura de todos os males", eram consideradas filhas de Asclépio e irmãs de Podalírio e Macáon, os filhos de Asclépio referidos na *Ilíada* (II, 729-733).

Ilíada, XIX, 258-265[236]

"(...) são eles mil deuses e deusas do Egito, mil deuses e deusas do Hati: Rá do Céu, Rá de Arinna, Suteh do Céu, de Hati, de Betiarik, de Hissashappa, de Sarina, de Alep... (...) Quanto às cláusulas que estão sobre estas tábuas de prata do Hati e do Egito, aquele que não as respeitar, que os mil deuses do Hati e os mil deuses do Egito destruam sua casa, sua terra, seus servos. Mas aquele que as res-peitar, que os mesmos deuses o mantenham em prosperidade e vida, assim como seus bens e seus servidores."

Pacto egípcio-hitita (1270 a.C.)[237]

A função dessas fórmulas era, naturalmente, conferir aos juramentos um caráter solene e sagrado, desnecessário em contratos privados amparados por lei e tribunais, mas essencial em pactos de ordem moral. Zeus, "rei dos deuses e dos homens", era a divindade protetora dos juramentos, a mais freqüentemente invocada pelos gregos com essa finalidade; o autor do texto, no entanto, menciona em primeiro lugar os deuses protetores da medicina, em ordem genealógica e hierárquica. Seria esse mais um indício dos esforços que transparecem em quase toda a coleção hipocrática no sentido de diferenciar os médicos dos leigos e dos charlatães, estabelecendo assim a medicina como uma τέχνη, uma arte independente? É possível. Infelizmente, a extensão do texto e seu caráter formular não permitem qualquer conclusão precisa.

O pacto familiar [1b] colocava o mestre, necessariamente, no mesmo plano afetivo e social dos pais; os filhos, no mesmo plano dos irmãos. Isso, sem dúvida, é um reflexo da antiga prática grega de transmitir os conhecimentos técnicos dentro da própria família. Para o caso específico das famílias de médicos, dispomos do inestimável testemunho de Platão:

Ateniense

Há alguns homens que são médicos, dizemos, e há outros que são assistentes dos médicos; a esses também chamamos de médicos, não é mesmo?

Clínias

Sim, realmente.

Ateniense

Sejam eles livres ou escravos, tornam-se hábeis na arte, sob a direção de seus mestres, através da observação e da prática, não segundo a natureza; e, assim como os (médicos) livres aprendem a arte, do mesmo modo a

236. Juramento de Agamêmnon, comandante-em-chefe dos gregos durante a legendária Guerra de Tróia, em favor de Aquiles, o melhor dos guerreiros sob seu comando, para resolver a querela entre os dois.

237. Cf. Carvalho, s/d.

ensinam aos filhos.

Platão, *Leis*, 720a-b[238].

Segundo Galeno, na alta Antigüidade a medicina se transmitia somente dentro das famílias médicas e as crianças aprendiam a dissecar[239] ao mesmo tempo em que aprendiam a ler e escrever (Galeno, II, 280-281). Trata-se, evidentemente, de um exagero, mas não é impossível que nas famílias de médicos alguns temas de medicina fossem já ensinados às crianças desde a infância (cf. CH, *Lei*, II).

É visível, no *Juramento*, o empenho em estabelecer vínculos semelhantes ao parentesco entre os membros da família e aqueles que pretendiam ingressar nela através de um pacto corporativo [1b]. Na Grécia Clássica era, portanto, possível se tornar médico sem ter laços de sangue com outro médico, desde que se estabelecesse algum tipo de vínculo com um dos membros da família. A aprendizagem não era, de modo geral, gratuita (cf.Platão, *Protágoras*, 311b-c[240]), e essa pode ser uma das razões da necessidade de um contrato escrito. Era muito forte o vínculo que se estabelecia entre mestre e aluno, pois o aluno "de fora" pagava para estudar medicina e, uma vez formado, tendo se tornado membro da "família", se comprometia a prover as necessidades do antigo mestre e até a ensinar gratuitamente os filhos dele. Sabe-se ainda que, pela clara indicação da palavra ἄρρην[241], era essencial pertencer ao sexo masculino. Dado o *status* inferior da mulher no direito familiar grego, não é de admirar que a arte médica na Grécia Antiga fosse reservada apenas aos homens. Mulheres eram admitidas somente como parteiras, como sugere um epitáfio gravado por volta de 350 a.C. em uma estela fúnebre de Atenas[242]. .

---

[238]. Ἀθηναῖος

εἰσὶν τού τινες ἰατροί, φαμέν, καί τινες ὑπηρέται τῶν ἰατρῶν, ἰατροὺς δὲ καλοῦμεν δήπου καὶ τούτους.

Κλεινίας

πῶς γὰρ οὔ;

Ἀθ.

ἐάντε γε ἐλεύθεροι ὦσιν ἐάντε δοῦλοι, κατ' ἐπίταξιν δὲ τῶν δεσποτῶν καὶ θεωρίαν καὶ κατ' ἐμπειρίαν τὴν τέχνην κτῶνται, κατὰ φύσιν δὲ μή, καθάπερ οἱ ἐλεύθεροι αὐτοί τε μεμαθήκασιν οὕτω τούς τε αὑτῶν διδάσκουσι παῖδας.

[239]. "Dissecar", em medicina, se refere espeficamente à disseeção de cadáveres para estudos anatômicos. Segundo uma tradição não confirmada, o médico-filósofo Alcmeon de Crotona foi o primeiro a empregar esse método. A qualidade dos conhecimentos anatômicos descritos na coleção hipocrática é, com poucas exceções, muito pobre: as primeiras descrições anatômicas acuradas datam do século III a.C. e foram atribuídas por Galeno ao médico Herófilo da Calcedônia (Longrigg, 1992; 1998).

[240]. Ver o texto na p. 21.

[241]. Tradutores como Chadwick, Jones, Littré e Lara Nava (*op.cit.*) não levaram em consideração essa palavra; outros, como Lami e Edelstein (*op.cit.*), não deixaram de incluí-la em suas traduções.

A menção à lei médica (νόμος ἰητρικός), que evoca a existência de regras definidas, parece indicar que na época do tratado as antigas famílias médicas já estavam se organizando em confrarias ou corporações profissionais. Além dos vínculos familiares, religiosos, afetivos e legais, para seus membros o segredo era essencial; daí a expressão "e a ninguém mais[243]. Littré e Deichgräber, entre outros, mencionam que o *Juramento* estabelecia, possivelmente, um vínculo de adoção entre mestre e discípulo (Littré, 1844; Deichgräber, 1933). Assim como Edelstein, considero isso um tanto exagerado (Edelstein, 1943); o mais provável é que os laços afetivos descritos e a qualificação dos candidatos a médico tivessem por finalidade manter a exclusividade dos conhecimentos especializados entre os membros da família-corporação, da mesma forma que os rituais e ensinamentos dos antigos cultos de mistérios[244] eram ciosamente mantidos pelos iniciados.

Uma sucinta enumeração nos informa quais métodos eram utilizados para o ensino da arte: παραγγελίη ("regra, preceito"), ἀκρόησις ("aquilo que se escuta; conferência, aula"[245]) e λοιπή μάθησις ("os demais ensinamentos"). Muito se especulou sobre a exata natureza do tipo de ensinamento contido em cada uma dessas palavras; assim como Littré (Littré, 1861, pp. 613-615), acredito que o autor tenha recorrido a elas simplesmente pelo seu significado intrínseco, sem qualquer razão oculta. Assim como hoje, naquela época o aluno de medicina tinha que estudar os preceitos e outros conhecimentos sobre a arte médica reunidos por seus antecessores, assistir a aulas e preleções e dedicar-se também a outras atividades tais como acompanhar o mestre em suas visitas domiciliares, auxiliá-lo no consultório (cf.CH, *Do médico*) e aprender a preparar remédios (cf.CH, *Do decoro*, 9 e 17).

As *cláusulas* [2-7], em seu conjunto, estabelecem padrões de comportamento pessoal para a atividade médica. Seria realmente necessário explicitar tão solenemente essas regras mínimas de decência? Convém lembrar que na Antigüidade a profissão médica não era nem regulamentada nem passível de controles específicos; a única penalidade para a incompetência e para os erros era a má-reputação adquirida pelo profissional (cf.CH, *Lei*, 1). Antífon afirma que, mesmo se o culpado pela morte de um homem machucado em uma

---

[242]. A "Estela de Fanóstrata" (Atenas, Museu Arqueológico Nacional, inscr. nº 993) representa duas mulheres, uma sentada, outra de pé, cercadas por crianças de ambos os sexos. A inscrição diz o seguinte:

> "Fanóstrata, parteira e médica, descansa aqui. Ela não causou dor a ninguém
>
> e todos lamentam sua morte."
>
> (Nagle e Burnstein, 2001)

Note-se que, a despeito da palavra "médica", a imagem indica claramente que suas atividades compreendiam somente o trabalho de parteira.

[243]. Cf. *Lei*, 5, p.170.

[244]. O mais famoso culto de mistérios da Grécia Antiga era celebrado no santuário da deusa Deméter, em Elêusis, Ática, desde o século VII a.C. A denominação "Mistérios de Elêusis" se deve ao fato de que os segredos do culto não podiam ser revelados aos não-iniciados. Acreditava-se que a participação assegurava felicidade na vida após a morte aos iniciados (Burkertt 1991; 1993).

[245]. Antífon utilizou a forma verbal ἀκροᾶσθαι ao se referir a uma exposição oral apresentada no tribunal, isto é, diante de pessoas que ouvem (Antífon, *Sobre a morte de Herodes*, 3). Na coleção hipocrática a palavra é utilizada com o mesmo sentido (CH, *Preceitos*, 12, por exemplo).

briga fosse o médico que o atendeu, a lei o absolveria (Antífon, *Terceira Tetralogia*, 4, 3, 5). É possível, portanto, que a finalidade precípua das *cláusulas* fosse assegurar que o comportamento profissional de um dos membros da família ou da confraria não se refletisse de forma negativa na reputação de todos. Parece que o poeta cômico Aristófanes conhecia o juramento médico[246] e sua utilização numa comédia indica, naturalmente, que ele era de conhecimento geral. Um compromisso formal desse teor e o amparo pelos deuses seriam uma maneira razoável de tranqüilizar os pacientes e o público quanto à possibilidade de atos nocivos da parte do médico. Essa preocupação existia, dada a ampla gama de tentações a que os médicos e seus assistentes se expunham no exercício da profissão (CH, *Do Médico*, 1; Platão, *Político*, 297c-298ab).

A primeira *cláusula* começa com a palavra "dieta" [2], usada correntemente em nossos dias com o significado de "restrição alimentar". Esse, no entanto, é apenas um dos muitos aspectos da *dieta* recomendada pelos médicos hipocráticos. A *dieta* compreendia, além das recomendações alimentares, a atividade física, os banhos, o sono e ainda outros hábitos de vida, conforme os tratados hipocráticos *Da medicina antiga*, *Da dieta*, *Da dieta nas doenças agudas*, *Da dieta saudável*, entre outros. De todas as terapias descritas na coleção, a dieta ocupa o primeiro lugar; os medicamentos, o segundo lugar; os procedimentos cirúrgicos, o terceiro e último lugar (Laín Entralgo, 1970; Lara Nava, 1983; Ayache, 1992).

A utilização da dieta "para benefício dos que sofrem" e a repulsa ao mal e à injustiça situam o *Juramento* no antropocentrismo esclarecido do século V a.C., quando o homem se tornou, individualmente, a medida de todas as coisas[247]. Aquele que pronunciava o juramento médico firmava com toda a sociedade um importante compromisso: considerar o doente, se não o ápice, pelo menos um importante componente do triângulo hipocrático (Gourevitch, 1984)[248]. A mesma preocupação com o bem-estar do homem transparece direta ou indiretamente em toda a coleção hipocrática, e a expressão mais representativa dessa postura eminentemente humanista se encontra nos *Preceitos*: "onde está presente o amor ao homem está também presente o amor à arte" (CH, *Preceitos*, 6).

A disposição seguinte, referente à proibição do fornecimento de drogas mortais [3], originou abundantes comentários e discussões (cf.Lara Nava, 1983). Alguns eruditos assinalam que a passagem é uma evidência dos redobrados cuidados que o médico deveria ter ao administrar medicamentos, muitos dos podiam matar, quando em altas doses[249]; a mai-

---

[246]. Aristófanes, *Tesmoforiantes*, vv.269-272. Ver cap. "Hipócrates de Cós", p. 18.

[247]. Máxima atribuída a Protágoras de Abdera (Diógenes Laércio, IX, 8, 51). O filósofo Platão criticou essa afirmativa (*Leis*, 716c, por exemplo); o poeta trágico Sófocles, no entanto, apoiou-a e escreveu o famoso verso "muitas são as maravilhas, e nenhuma é maior do que o homem" (*Antígona*, v.332), marca registrada do humanismo da Grécia Clássica.

[248]. O triângulo mencionado se refere a uma famosa passagem da coleção hipocrática. V. nota 233.

oria, no entanto, concorda que a finalidade da cláusula era interditar o auxílio aos suicidas — e uma das práticas mais recorrentes de suicídio, na Antigüidade, era a ingestão de veneno. Em que circunstâncias, porém, o médico se deparava com pessoas que consideravam a hipótese de suicídio e requisitavam seu auxílio? O caso mais comum, sem dúvida, deve ter sido o dos doentes sem esperança de cura, que aguardavam a inevitável morte em meio a dores e outros sintomas angustiantes. Teofrasto relata que existiam venenos indolores e eficazes para o suicídio (Teofrasto, *História das Plantas*, IX, 16, 8); venenos podiam ser obtidos, sem grandes dificuldades, no mercado de plantas medicinais das cidades (Littré, 1861, p. 622). Os médicos hipocráticos certamente recorriam a todos os recursos à sua disposição para aliviar as horas finais de seus pacientes e em situações de extremo sofrimento a tentação de usar venenos era, com certeza, muito forte. De qualquer forma, os códigos legais da época não admitiam o envenenamento, e impunham penas severas aos envenenadores[250]. Platão opinava que, nos casos em que se comprovasse a culpa de um médico ou de um adivinho nos envenenamentos, a punição deveria ser a morte; se o culpado fosse um leigo nessas duas atividades, os magistrados decidiriam se ele iria sofrer ou pagar (Platão, *Leis*, 933d-e). Portanto, em virtude de seus conhecimentos e das características de sua profissão, a responsabilidade do médico era muito maior.

Na mesma *cláusula* encontra-se a palavra "pessário", relacionada à proibição de realizar abortos. "Pessário" deriva do latim *pessarium*, que por sua vez deriva do grego πεσσόν. Designava, originalmente, uma pequena pedra de forma oval usada em jogos de tabuleiro; posteriormente, passou a designar um objeto cilíndrico (com ou sem medicamentos) introduzido na vagina para tratamento de certas doenças ginecológicas (cf.CH, *Das doenças das mulheres*, I, 11; 37; 78)[251]. A proibição da participação do médico em abortos se refere, por certo, ao aborto não-terapêutico, pois nesse mesmo tratado há várias menções ao aborto terapêutico, induzido quando se sabia que o feto estava morto. Em toda a coleção hipocrática, a única referência a uma tentativa de aborto não-terapêutico está descrita no tratado *Da natureza da criança*. O autor relata que o aborto se produziu quando a mulher, uma dançarina que se prostituía, saltou várias vezes de forma que seus calcanhares tocassem as nádegas, mais ou menos seis dias após o coito (CH, *Da natureza da criança*, 13). Segundo Littré, o que saiu deve ter sido apenas a mucosa uterina (Littré, 1851); mas a intenção do médico que a orientou era, sem dúvida, eliminar o produto da concepção. No entanto, esse episódio não comprova de modo indiscutível que os médicos hipocráticos provocavam habitualmente abortos não-terapêuticos. Independe da postura específica dos médicos, o aborto era visto pelos gregos com grande tolerância. Platão considerava-o uma ocorrência desejável, em

[249]. Ctésias de Cnido (*fl.* 400 a.C.), médico do rei persa Artaxerxes II (404-359 a.C.), menciona, por exemplo, o heléboro. Havia dois tipos de heléboro; o "branco" (*Veratrum alba*), que contém um alcalóide chamado *veratrina*, e o "negro" (*Helleborus orientalis*, provavelmente). Os médicos hipocráticos recomendavam o heléboro, indistintamente, para purgações, desordens mentais e problemas de pele; ele tinha também efeito abortivo e era venenoso, em doses mais elevadas (Bauman, 1984; Mingote, 1988).

[250]. Cf. *Acusação de envenenamento contra uma madrasta*, um dos mais famosos discursos de Antífon.

[251]. Ver também, a título de ilustração, o tratamento preconizado para a esposa de Filisco, que vivia na cidade de Tasos (*Epidemias*, I, caso 4).

seu Estado ideal (*República*, 461c); Aristóteles reconhecia nele uma das melhores maneiras de manter o número de habitantes da cidade dentro dos limites desejáveis, e que devia ser praticado antes que o feto desenvolvesse "sensações e vida" (*Política*, 1335b). Muitos filósofos consideravam-no admissível em qualquer momento da gravidez (cf.Lara Nava, 1983, p. 81).

A menção à "doença da pedra" e à operação que a tratava [5] é uma das passagens mais estranhas e também uma das mais discutidas de toda a coleção hipocrática. Tanto a doença como o tratamento eram familiares aos médicos hipocráticos, como se vê na seguinte passagem:

> Há falhas de cirurgia nos seguintes casos (...): não ter êxito na intenção de colocar uma sonda na bexiga (...); não reconhecer se há uma pedra na bexiga (...)
>
> CH, *Das doenças,* I, 6.

Celso menciona igualmente a *litotomia*, retirada de cálculos da bexiga através de uma sonda, e relata que um tal Hammonius de Alexandria, "litotomista"[252], inventara um método para retirar as pedras excessivamente grandes (Celso, *Da medicina*, VII, 26). É bem provável que a litotomia fosse bem anterior ao Período Helenístico. No tratado hipocrático *Das doenças*, datado do século II a.C. ou anterior a este, a maneira simples e corriqueira pela qual o autor se refere a sondas e cálculos parece indicar que tanto a doença como seu tratamento eram muito familiares aos médicos.

São infundadas, a meu ver, grande parte das explicações elaboradas ao longo de séculos para dar conta do sentido dessa passagem do *Juramento*. Não é concebível uma separação entre medicina e cirurgia, haja vista que em toda a coleção hipocrática os médicos praticavam indistintamente tanto a clínica[253] como a cirurgia; também não é possível imaginar uma referência oculta à castração, uma vez que a tradução de λιθιῶντας não deixa margem a dúvidas. A possibilidade de a passagem ser uma interpolação tardia, feita com a intenção de exprimir um possível descrédito da cirurgia após o século II d.C, me parece ainda a explicação mais razoável (cf. Jones, 1923, pp. 295-296). Muitos textos "modernizados" do *Juramento* omitem essa passagem (cf.Sarton, 1953), o que me parece adequado.

Nas últimas *cláusulas* [6-7] os interesses maiores do paciente são colocados novamente em foco. O médico deve se abster de cometer injustiças e de praticar atos libidinosos[254] com os pacientes sob seus cuidados, independentemente de sua posição soci-

---

252. *Hammonius ob id lithotomos cognominatus est.*

253. A palavra "clínica", referente ao médico clínico, deriva do latim *clinicus*, que, por sua vez, tem sua origem na expressão grega ἐν κλίνῃ, "no leito". Trata-se de uma referência à antiga prática médica de atender o doente em sua casa, à beira do leito. Na época de Galeno o tratamento clínico era já considerado um ramo da Medicina (cf. André, 1987).

al; deve, também, guardar segredo sobre tudo aquilo que não tiver relação com o tratamento[255], isto é, com os cuidados médicos requeridos pelo paciente.

QUEM PRONUNCIAVA O JURAMENTO?

Restam ainda algumas questões importantes a serem discutidas. Quem pronunciava o "Juramento de Hipócrates", marco definitivo da história da medicina e símbolo último do médico ideal? Mais ainda, seria ele efetivamente pronunciado? A falta de dados, infelizmente, não permite respostas indiscutíveis; às vezes, nenhuma resposta é possível.

Sabemos que a profissão médica, na Grécia Antiga, não tinha sanção oficial. Não existiam faculdades de medicina, currículos obrigatórios, provas, notas mínimas, registros de diploma e conselhos de medicina; sociedades médicas, sim, essas havia, se enquadrarmos as confrarias de médicos nessa categoria. Mas se a profissão do médico não era institucionalizada, a quem os gregos davam, então, esse título?

Homero (*Ilíada*, XVI, v.28), Ésquilo (*Prometeu Acorrentado*, vv.474-475) e Heródoto (II, 84, 1), entre outros, já usavam a palavra *médico* (ἰατρός) no sentido de "curador de doenças", aquele que é capaz de prescrever remédios que curam[256]. Aparentemente, grande número de pessoas envolvidas de várias formas com o tratamento de doentes invocava o título, pois em muitos textos da coleção hipocrática se faz um grande esforço para diferenciar os médicos sérios dos magos, purificadores, charlatães e impostores que viviam nas cidades (cf.CH, *Da doença sagrada* e *Do decoro*). Aristóteles, na *Política*, faz duas menções diretas à atribuição do título de médico: "aquele que trata e torna saudável quem está sofrendo de uma doença, esse é o médico (1281b); médico é tanto o profissional comum como o mestre na arte e, em terceiro lugar, também aquele que apenas estudou a arte" (1282a). Não se deve concluir, com isso, que a denominação "médico" era aplicada indiscriminadamente a qualquer pessoa vinculada à cura de doenças; o próprio Aristóteles especifica, na *Ética a Nicômaco*, que "o médico estuda a saúde do ser humano" (1097a).

A passagem de Platão traduzida na página 154 complica ainda mais a questão, ao se referir à existência de médicos livres e de médicos escravos entre os gregos. Assim como muitos cidadãos, é provável que os médicos tivessem assistentes escravos que auxiliando o patrão adquiriam conhecimentos médicos e se encarregavam, muitas vezes, do tratamento de outros escravos (cf.Platão, *Leis*, 720c). Será que esses escravos médicos também atendiam, na Grécia Clássica, homens e mulheres livres (Finley, 1991), fato corrente em Roma a partir do século II a.C.[257]? A cidade de Atenas havia proibido que escravos se tornassem médi-

---

[254]. A expressão ἀφροδισίων ἔργων, literalmente, significa "obras de Afrodite".

[255]. θεραπεία, traduzida por "tratamento", era o conjunto de prescrições e cuidados necessários ao tratamento dos pacientes.

[256]. A existência da palavra pode, ainda, remontar ao Perído Micênico.

cos[258]; não sabemos, porém, se tratava da Atenas do Período Clássico ou da Atenas dominada pelos romanos.

Será que, independentemente da clientela atendida pelos médicos-escravos, eles prestavam o *Juramento*? Não há evidência de que os médicos-escravos do Período Clássico trabalhassem desvinculados de seus proprietários; também não há referências específicas aos direitos e deveres desses homens, em relação a suas atividades médicas. Talvez o silêncio de nossas fontes seja uma evidência indireta de que esses personagens eram meros auxiliares de seus patrões médicos[259].

O *Juramento* deve ter sido pronunciado pelos membros das confrarias médicas que adquiriam, após longo estudo, conhecimentos suficientes para a prática da arte médica, como sugerem as passagens de Aristóteles mencionadas há pouco. Essa é a razão pela qual o texto do *Juramento* foi anexado aos demais escritos da coleção hipocrática. Pode-se argumentar, sem dúvida, que o fato de o *Juramento* acompanhar os demais textos não prova que eles tivessem muitas coisas em comum. A antiga postura de que suas *cláusulas* não refletem as atitudes descritas pelos outros tratados hipocráticos mostrou-se infundada, a partir dos estudos de Nickel, que afirma haver " uma coincidência de princípios entre o *Juramento* e o resto que comprova a origem hipocrática do texto" (Nickel, 1972, *apud* Lara Nava, 1983).

Quanto à oportunidade em que se pronunciava o *Juramento*, não sabemos se isso ocorria no início ou no fim dos estudos; ignoramos, também, se eram compelidos à cerimônia todos os médicos ligados a todas as famílias e confrarias médicas.

Todas? Deichgräber acreditava que o texto procedia da família dos *asclepíades*[260] (Deichgräber, 1933), como se existisse apenas uma; para Edelstein o documento era, na realidade, um manifesto de origem pitagórica (Edelstein, 1943), tese que fez época mas, no momento, está descartada pelos especialistas. É bem verdade que o conjunto dos tratados hipocráticos parece ter tido origem nas antigas comunidades de Cós e de Cnidos (Jouanna, 1974); não podemos esquecer, no entanto, a existência de outras comunidades médicas. Além dessas duas, as mais famosas, havia ainda as de Crotona e Cirene, mencionadas por Heródoto (III, 131), e talvez uma outra à qual Acúmeno e Erixímaco, médicos mencionados por Platão[261], podem ter pertencido. Seja ou não o texto do *Juramento* obra de uma delas, isso não exclui a possibilidade de o texto ser utilizado pelos médicos de todas as comunidades, dado o valor ético universal de suas disposições. É possível, ademais, que tenham existido outras versões e variantes do *Juramento* que não chegaram até nós. Será que cada

---

[257]. Para um breve resumo sobre os médicos-escravos em Roma durante a Época Imperial ver André, 1987.

[258]. Cf. Higino, *Fábulas*, 274,10 (*apud* Finley, 1991).

[259]. Não há registro, igualmente, de nenhuma atividade semelhante à dos enfermeiros e enfermeiras modernas na Grécia Antiga. Ver comentários a *Do decoro*, p. 209, sobre os médicos romanos e seus ajudantes.

[260]. Ver "Hipócrates de Cós", p. 16.

[261]. Notadamente nos diálogos *Banquete* e *Fedro* (*passim*).

comunidade tinha a sua, assim como hoje os Conselhos Médicos de cada país adotam textos ligeiramente diferentes um do outro?

Bem, essa é apenas mais uma das perguntas sem resposta...

CONSIDERAÇÕES MODERNAS

Enquanto os demais textos da coleção hipocrática deixaram de ser estudados nas Faculdades de Medicina no início do século XIX, o *Juramento* se mantém vivo, mesmo nos dias atuais. Convém destacar, portanto, algumas das etapas mais notáveis de sua trajetória.

A influência deontológica do *Juramento* transcendeu em muito o contexto social da Antigüidade. No Ocidente, durante a Idade Média, sobreviveu à crescente influência política e cultural do Cristianismo e impregnou tanto a tradição judaica como a tradição árabe[262].

Na Alta Idade Média, mais exatamente durante o século VII, Assaph Ha Iehoudi, também conhecido por "Assaph o Judeu", que ensinava medicina na Síria, escreveu o primeiro grande texto médico em hebraico. Segundo a tradição, criou um "Juramento" calcado nas diversas disposições do *Juramento* hipocrático. A seguir, alguns dos principais trechos[263]:

> Eis a aliança que Assaph, filho de Berakyahou e Yohanan, filho de Zabda, firmaram com seus discípulos, a quem eles adjuraram nestes termos:
>
> "Não te ocorra matar quem quer que seja com sucos de raízes e não dês uma poção abortiva para uma mulher grávida por adultério beber; não te deixes tentar pela beleza de uma mulher e não cometas adultério com ela; não divulgueis nenhum dos segredos que vos confiaram e não aceiteis prejudicar ou destruir por preço algum; não fechareis vosso coração à piedade pelos pobres e deserdados para tratá-los e não direis que o bem é o mal e que o mal é o bem; Deus, seus santos e sua Torah são testemunhas de que vós O temeis, e que vós não vos afastareis de seus mandamentos e que seguireis vossas vidas com retidão; o amor ao ganho não deverá jamais incitar-vos a ajudar quem quer que seja a enlamear uma alma inocente; não vos manchareis de sangue na prática da profissão médica; não provocareis, intencionalmente, uma doença em um ser humano; não vos apressareis a cortar a carne humana com instrumentos de ferro ou com o cautério, e não tomareis jamais tal decisão sem ter, previamente, duas ou três vezes, examinado bem os fatos."

Moshe Ibn Maimon (1135-1204), também conhecido por "Maimônides", foi um

---

262. Cf. diversos textos árabes medievais, como por exemplo o Kâmil al-sinâ'a al-tibbiya ("Arte médica completa"), de 'Ali ibn al-'Abbâs al-Majûsî e o Adab al-tabib ("A conduta do Médico"), de Ishâq ibn 'Alî al-Ruhâwi, ambos do século IX.

263. Versão portuguesa a partir da tradução francesa do original (Simon, 1951).

judeu espanhol de cultura árabe[264] que viveu no Cairo durante a Baixa Idade Média e se tornou médico pessoal do sultão Saladino. Escreveu, além de textos filosóficos e comentários à teologia judaica, tratados médicos baseados na coleção hipocrática que tiveram ampla repercussão na Europa medieval. A *Oração do Médico*, publicada pela primeira vez em 1793, na Alemanha, se tornou conhecida como a "Prece de Maimônides". Mas não foi escrita por ele. É possível que tenha sido composta a partir da *Oração Médica de um Médico Judeu de Roma*, um texto mais antigo de autoria de Jacob Zahalon (século XVII). Acredita-se, em nossos dias, que seu autor foi o médico alemão Marcus Herz, pupilo do ilustre filósofo Immanuel Kant. Eis os trechos mais significativos de uma das diversas versões[265]:

> Meu Deus, enchei minha alma de amor pela arte e por todas as criaturas. Não admitas que a sede pelo ganho e a busca da glória me influenciem no exercício de minha Arte (...); fazei com que eu veja, naquele que sofre, apenas o homem; fazei com que meu espírito permaneça claro ao lado do leito do doente e que não seja distraído por nenhuma coisa estranha, a fim de que ele tenha presente tudo o que a experiência e a ciência lhe ensinaram (...); fazei com que eu seja moderado em tudo, mas insaciável em meu amor pela ciência.

Os primeiros estabelecimentos de ensino superior da Europa já se dedicavam ao ensino da medicina[266], embora sob o rigoroso controle da Igreja Católica (Lyons e Petrucelli, 1978; Porter, 1996). Mas, apesar da feroz oposição ao paganismo, até mesmo os mais rígidos membros do clero acabaram sendo seduzidos pelos elevados princípios éticos do Juramento, como se vê, por exemplo, em um manuscrito do século XII[267], onde o texto grego original foi disposto em forma de cruz — depois de devidamente expurgado das referências aos deuses pagãos, naturalmente.

As faculdades de medicina, como as demais, se libertaram progressivamente da influência eclesiástica e, entre os séculos XII e XIII, foram instituídos os exames de formatura obrigatórios. É possível, devido a essa formalidade, que os médicos de então pronunciassem o "Juramento de Hipócrates" na cerimônia de colação de grau. Em 1531, o papa Clemente VII, através da bula Quod jusjurandum ("a respeito do juramento"), prescreveu-o a todos os que se graduavam em Medicina (Lara Nava, 1983).

---

[264]. Seu nome árabe era Abu Imran Musa ibn Maymun ibn Ubayd Allah.

[265]. Versão portuguesa a partir da tradução inglesa de J. Neugroschel (Herschel, 1982).

[266]. A mais antiga Faculdade de Medicina parece ter sido a de Salerno, Itália, seguida de perto pela de Montpellier, França (séc. VIII-IX). Em Salerno lecionou o famoso Constantino, o Africano (*c.* 1010-1087), que reintroduziu na Europa o espírito dos textos da coleção hipocrática e dos de Galeno.

[267]. Atualmente em Roma, na Biblioteca Apostolicana do Vaticano.

Na França, uma versão simplificada do Juramento, redigida em 1790 por René e Fouquet, foi adotada pela antiga Faculdade de Medicina de Montpellier[268] em 1834 e, um século mais tarde, por quase todas as faculdades francesas. Eis o texto completo[269]:

> Na presença dos mestres desta Escola e de meus caros condiscípulos, e diante da imagem de Hipócrates, eu prometo e juro ser fiel às leis da honra e da probidade no exercício da Medicina. Darei gratuitamente meus cuidados ao indigente e nunca exigirei um salário superior ao meu trabalho. Admitido no interior das casas, meus olhos não olharão o que ali se passa; minha língua calará os segredos que me serão confiados, e meu estatuto não servirá à corrupção dos costumes nem ao favorecimento do crime. Respeitado e reconhecido aos meus mestres, eu darei a seus filhos o ensino que recebi de seus pais. Que os homens me concedam sua estima se eu for fiel a essas promessas! Que eu seja coberto de opróbrio e desprezado por meus confrades, se eu faltar a elas!

Em setembro de 1948, em Genebra, a Associação Médica Mundial adotou uma versão modernizada do juramento médico, emendada em 1968 na assembléia da Associação em Sidney, Austrália. Eis o texto completo[270]:

> Eu solenemente me empenho em consagrar a vida ao serviço da humanidade; darei a meus professores o respeito e a gratidão que lhes é devida; praticarei minha profissão com consciência e dignidade; a saúde de meu paciente será minha consideração primeira; respeitarei os segredos confiados a mim, mesmo após a morte do paciente; manterei, por todos os meios ao meu alcance, a honra e as nobres tradições da profissão médica; meus colegas serão meus irmãos; não permitirei que considerações de religião, nacionalidade, raça, partido político ou situação social imterponham-se entre meu dever e meu paciente; manterei o maior respeito pela vida humana, desde o momento da concepção; mesmo sob ameaças, não usarei meu conhecimento médico contrariamente às leis da humanidade. Faço essas promessas solenemente, livremente e pela minha honra.

Acredito que depois dessa famosa declaração os Conselhos de Medicina de todos os países-membros da ONU, através de Códigos de Ética Médica instituídos por lei[271], tornaram

---

[268]. No frontispício da Faculdade encontra-se a seguinte inscrição: *Olim Cous, nunc Monspelliensis Hippocrates* (Hipócrates: outrora em Cós, atualmente em Montpellier).

[269]. Cf. Saury, 1989.

[270]. Fonte: World Medical Association. O texto pode ser acessado através da Internet no endereço http://www.wma.net/e/policy/17-a_e.html.

[271]. Ver o *Protocolo de Istambul*, apresentado em 1999 ao Alto Comissariado de Direitos Humanos das Nações Unidas por uma comissão multi-profissional de eminentes especialistas (http://www.unhchr.ch/pdf/8istprot_fre.pdf).

a maioria das cláusulas do antigo *Juramento* obrigatórias para todos os médicos, independentemente do tipo de juramento pronunciado no momento da formatura. A obrigatoriedade do segredo profissional é, em muitos países, determinada pela legislação comum e não apenas pelos códigos de ética.

Entre os 145 artigos que compõem o Código de Ética Médica brasileiro, sem contar o preâmbulo, há diversos trechos inspirados pelo *Juramento*. Eis os mais importantes:

> Art. 2 - O alvo de toda a atenção do médico é a saúde do ser humano, em benefício da qual deverá agir com o máximo de zelo e o melhor de sua capacidade profissional.
>
> Art. 6 - O médico deve guardar absoluto respeito pela vida humana, atuando sempre em benefício do paciente. Jamais utilizará seus conhecimentos para gerar sofrimento físico ou moral, para o extermínio do ser humano ou para permitir e acobertar tentativa contra sua dignidade e integridade.
>
> Art. 11 - O médico deve manter sigilo quanto às informações confidenciais de que tiver conhecimento no desempenho de suas funções. O mesmo se aplica ao trabalho em empresas, exceto nos casos em que seu silêncio prejudique ou ponha em risco a saúde do trabalhador ou da comunidade.
>
> Art. 18 - As relações do médico com os demais profissionais em exercício na área de saúde devem basear-se no respeito mútuo, na liberdade e independência profissional de cada um, buscando sempre o interesse e o bem-estar do paciente.
>
> É vedado ao médico:
>
> Art. 54 - Fornecer meio, instrumento, substância, conhecimentos, ou participar, de qualquer maneira, na execução de pena de morte.
>
> Art. 55 - Usar da profissão para corromper os costumes, cometer ou favorecer crime.
>
> Art. 63 - Desrespeitar o pudor de qualquer pessoa sob seus cuidados profissionais.
>
> Art. 66 - Utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal.
>
> Art. 102 - Revelar o fato de que tenha conhecimento em virtude do exercício de sua profissão, salvo por justa causa, dever legal ou autorização expressa do paciente.

Observe-se que, até aqui, praticamente todos os textos mencionados reproduzem, quase com as mesmas palavras, as cláusulas do *Juramento* hipocrático. Em fevereiro de 2002, duas conceituadas revistas médicas publicaram uma moderna *Carta do profissionalismo médico* com treze ítens (Brennan, 2002), dos quais três são princípios fundamentais e dez são compromissos ou responsabilidades médicas sem relação aparente com o antigo juramento.

Uma simples enumeração dos ítens da *Carta*, no entanto, demonstra que o antigo espírito hipocrático ainda se faz presente[272]:

Princípios fundamentais:
1. princípio da primazia do bem-estar (*welfare*) do paciente [2];
2. princípio da autonomia do paciente [2];
3. princípio da justiça social [2].

Responsabilidades profissionais:
1. compromisso com a competência profissional [2];
2. compromisso com a honestidade para com os pacientes [2];
3. compromisso com as confidências do paciente [7];
4. compromisso com a manutenção de relações apropriadas com os pacientes [6];
5. compromisso com a melhoria da qualidade dos cuidados médicos [2];
6. compromisso com a melhoria do acesso aos cuidados médicos;
7. compromisso com a distribuição justa de recursos finitos;
8. compromisso com o conhecimento científico [2];
9. compromisso com a manutenção da confiança pelo gerenciamente de conflitos de interesse [3];
10. compromisso com a responsabilidade profissional [4].

Os ítens associados a cláusulas do *Juramento* estão, em geral, relacionados com o primeiro princípio da *Carta*; houve um grande detalhamento de alguns aspectos, abordados de forma abrangente ou panorâmica no *Juramento*. Nos ítens não associados ao *Juramento* foram contemplados certos aspectos da relação médico-paciente que não eram significativos na época em que o tratado foi escrito, mas que têm grande importância na atualidade.

A finalidade da *Carta*, projeto conjunto de destacadas instituições médicas da Europa e dos Estados Unidos, é ajudar os médicos do mundo industrializado de hoje a ter mais eficiência em seu comprometimento com a saúde dos pacientes. Os autores do artigo não deixaram de pontuar, com propriedade, que a dedicação ao bem-estar do paciente, o primeiro princípio fundamental, data dos tempos antigos; os outros dois princípios decorrem de fenômenos sociais e culturais muito mais recentes. Em outro trecho eles lembram

---

[272]. Os números entre colchetes remetem aos parágrafos do *Juramento* (p. 151).

que a confiança pública no médico depende tanto da integridade pessoal de cada médico como da integridade de toda a profissão; e com retomamos, 2.400 anos depois, uma das mais importantes razões que motivaram a criação do *Juramento* hipocrático.

A despeito das transformações da sociedade e seus novos valores o "Juramento de Hipócrates" permanece atual como nunca.

*

Outras traduções deste tratado para línguas modernas estão indicadas na Bibliografia: Littré, 1844; Jones, 1923; Edelstein, 1943; Joly, 1964; Chadwick e Mann, 1978; Lami, 1983; Lara Nava, 1983; Rocha Pereira, 1998.

9 LEI

Wilson A. Ribeiro Jr.

A Medicina é a mais notável de todas as artes.
[§ 1]

Este pequeno texto, o mais curto tratado da coleção depois do *Juramento*, aborda os elementos mais importantes para a educação de um médico bem-sucedido e fornece preciosas informações a respeito do exercício da medicina entre os gregos. Dos antigos comentadores, Erotiano foi o único a citá-lo.

Alguns indícios parecem situar a data de composição no final do século IV a.C., mas essa data, posto que aproximada, ainda se presta a controvérsias.

As principais fontes do texto são M, V, os manuscritos parisienses tardios e o *Vaticanus Graecus* 277, do século XIV; o mais privilegiado nas edições é M. Em muitos manuscritos o texto da *Lei* está colocado depois do *Juramento*. Aparentemente, não há vínculos específicos entre os dois. Na *Aldina*, o tratado ocupa cerca de metade da página 8-verso; na edição de Littré, as páginas 634-643 do volume IV, publicado em 1844.

TRADUÇÃO

1. A medicina é a mais notável de todas as artes, mas no momento, por ignorância dos que a praticam e daqueles que julgam tais pessoas de forma irrefletida, está em posição muito inferior a todas as demais artes. A causa do erro de julgamento parece-me ser fundamentalmente a seguinte: a única penalidade em assuntos médicos, nas cidades, está limitada a nada além da má-reputação; e isso não afeta aqueles que estão a ela vinculados. Tais pessoas são muito parecidas com os figurantes que se apre-sen-tam nas tragédias: da mesma forma que têm postura, traje e máscara de ator, mas não são atores, há também muitos médicos de nome, mas poucos de fato.

2. Pois é necessário, a quem quer que pretenda reunir conhecimentos sólidos de medicina, alcançar o seguinte: disposição natural, ensino, lugar favorável, aprendizado desde a infância, dedicação ao trabalho, tempo. De todas as coisas necessárias, a primeira é a disposição natural; se a disposição natural se opõe, todas as (outras) coisas são vazias; quando a disposição natural leva ao melhor caminho, o ensino da arte acontece. Ela deve ser obtida com reflexão, desenvolvendo-se desde a infância em local favorável ao aprendizado; (deve-se), ainda, acrescentar a dedicação ao trabalho durante longo tempo, de modo que o aprendizado, (uma vez) implantado adequada e vigorosamente, produza frutos.

3. O aprendizado da medicina é semelhante à contemplação do crescimento dos frutos na terra: nossa disposição natural é como a terra; as doutrinas dos que ensinam, como as sementes; os aprendizados desde a infância, o cair delas, no tempo devido, na terra laborada; o lugar onde se dá aprendizado, como o alimento que vem do ar ambiente para o desenvolvimento delas; o amor ao trabalho, (como) o cuidado diário. O tempo fortifica todas essas coisas, † para que sejam nutridas por completo.

4. Isso é o que devemos †[273] introduzir na arte da medicina para que, depois de termos adquirido completo conhecimento dela, durante as idas e vindas pelas cidades, sejamos considerados médicos não somente de nome, mas de fato. A inexperiência, mau tesouro e mau espólio para aqueles que a têm, em sono ou vigília[274], não compartilha da alegria e da tranqüilidade[275], e alimenta a covardia e o atrevimento. Pois a covardia assinala a falta de capacidade; o atrevimento, a falta de perícia[276]. São duas coisas (distintas), portanto, a ciência e a opinião: uma produz saber e a outra, ignorância.

5. As coisas sagradas são reveladas aos homens sagrados; às pessoas comuns (isso) não é permitido, antes de serem iniciadas nos mistérios da ciência[277].

---

273. Trecho corrompido. Jones afirma ter seguido, aqui, a lição de Littré (Jones, 1923)

274. Expressão proverbial que significa "sempre" (Jones, 1923).

275. "Confiance et contentement" (Littré, 1844); "confidence and joy" (Jones, 1923); "alegria y felicidad" (Lara Nava, 1983).

276. Lit. "ausência de arte", ἀτεχνίη.

277. No texto grego, ἐπιστήμη.

ΝΟΜΟΣ

1. Ἰητρικὴ τεχνέων μὲν πασέων ἐστὶν ἐπιφανεστάτη· διὰ δὲ ἀμαθίην τῶν τε χρεωμένων αὐτῇ, καὶ τῶν εἰκῇ τοὺς τοιούσδε κρινόντων, πολύ τι πασέων ἤδη τῶν τεχνέων ἀπολείπεται. ἡ δὲ τῶνδε ἁμαρτὰς μάλιστά μοι δοκεῖ ἔχειν αἰτίην τοιήνδε· πρόστιμον γὰρ ἰητρικῆς μούνης ἐν τῇσι πόλεσιν οὐδὲν ὥρισται, πλὴν ἀδοξίης· αὕτη δὲ οὐ τιτρώσκει τοὺς ἐξ αὐτῆς συγκειμένους. ὁμοιότατοι γάρ εἰσιν οἱ τοιοίδε τοῖσι παρεισαγομένοισι προσώποισιν ἐν τῇσι τραγῳδίῃσιν· ὡς γὰρ ἐκεῖνοι σχῆμα μὲν καὶ στολὴν καὶ πρόσωπον ὑποκριτοῦ ἔχουσιν, οὐκ εἰσὶν δὲ ὑποκριταί, οὕτω καὶ οἱ ἰητροί, φήμῃ μὲν πολλοί, ἔργῳ δὲ πάγχυ βαιοί.

2. Χρὴ γάρ, ὅστις μέλλει ἰητρικῆς σύνεσιν ἀτρεκέως ἁρμόζεσθαι, τῶνδέ μιν ἐπήβολον γενέσθαι· φύσιος· διδασκαλίης· τόπου εὐφυέος· παιδομαθίης· φιλοπονίης· χρόνου. πρῶτον μὲν οὖν πάντων δεῖ φύσιος· φύσιος γὰρ ἀντιπρησσούσης κενεὰ πάντα· φύσιος δὲ ἐς τὸ ἄριστον ὁδηγεούσης, διδασκαλίη τέχνης γίνεται· ἣν μετὰ φρονήσιος δεῖ περιποιήσασθαι, παιδομαθέα γενόμενον ἐν τόπῳ ὁκοῖος εὐφυὴς πρὸς μάθησιν ἔσται· ἔτι δὲ φιλοπονίην προσενέγκασθαι ἐς χρόνον πολὺν, ὅκως ἡ μάθησις ἐμφυσιωθεῖσα δεξιῶς τε καὶ εὐαλδέως τοὺς καρποὺς ἐξενέγκηται.

3. Ὁκοίη γὰρ τῶν ἐν γῇ φυομένων θεωρίη, τοιήδε καὶ τῆς ἰητρικῆς ἡ μάθησις. ἡ μὲν γὰρ φύσις ἡμέων ὁκοῖον ἡ χώρη· τὰ δὲ δόγματα τῶν διδασκόντων ὁκοῖον τὰ σπέρματα· ἡ δὲ παιδομαθίη, τὸ καθ᾽ ὥρην αὐτὰ πεσεῖν ἐς τὴν ἄρουραν· ὁ δὲ τόπος ἐν ᾧ ἡ μάθησις, ὁκοῖον ἡ ἐκ τοῦ περιέχοντος ἠέρος τροφὴ γιγνομένη τοῖσι φυομένοισιν· ἡ δὲ φιλοπονίη, ἐργασίη· ὁ δὲ χρόνος ταῦτα ἐνισχύει πάντα, † ὡς τραφῆναι τελέως.

4. Ταῦτα ὦν χρὴ ἐς τὴν ἰητρικὴν τέχνην ἐσενεγκαμένους, καὶ ἀτρεκέως αὐτῆς γνῶσιν λαβόντας, οὕτως ἀνὰ τὰς πόλιας φοιτεῦντας, μὴ λόγῳ μοῦνον, ἀλλὰ καὶ ἔργῳ ἰητροὺς νομίζεσθαι. ἡ δὲ ἀπειρίη, κακὸς θησαυρὸς καὶ κακὸν κειμήλιον τοῖσιν ἔχουσιν αὐτήν, καὶ ὄναρ καὶ ὕπαρ, εὐθυμίης τε καὶ εὐφροσύνης ἄμοιρος, δειλίης τε καὶ θρασύτητος τιθήνη. δειλίη μὲν γὰρ ἀδυναμίην σημαίνει· θρασύτης δὲ ἀτεχνίην. δύο γάρ, ἐπιστήμη τε καὶ δόξα, ὧν τὸ μὲν ἐπίστασθαι ποιεῖ, τὸ δὲ ἀγνοεῖν.

5. Τὰ δὲ ἱερὰ ἐόντα πρήγματα ἱεροῖσιν ἀνθρώποισι δείκνυται· βεβήλοισι δὲ οὐ θέμις, πρὶν ἢ τελεσθῶσιν ὀργίοισιν ἐπιστήμης.

COMENTÁRIOS

Littré e Lara Nava destacaram, com propriedade, a elegância e a clareza de estilo do autor deste pequeno tratado (Littré, 1844; Lara Nava, 1983) que pode, assim como o *Juramento*, ser dividido em três partes. A primeira parte é um expressivo manifesto em defesa da arte médica [1]; a segunda delineia os elementos necessários à boa formação do médico [2-4]; a terceira, finalmente, sugere que os médicos daquela época faziam parte de algum tipo de sociedade secreta [5].

O parágrafo [1] guarda, indubitavelmente, alguma semelhança com o tratado hipocrático *Da arte*, bem-fundamentada apologia da medicina como arte (τέχνη). Mas, enquanto o tratado *Da arte* tem a forma de um discurso apresentado a uma platéia variada de médicos e leigos, o autor da *Lei* dirigia suas palavras, provavelmente, apenas a seus iguais. Isso pode ser notado pelo recurso à frase afirmativa: "a medicina é a mais notável de todas as artes". Nenhuma contestação era esperada, pois o autor sabia que todos os presentes eram da mesma opinião.

Essa alta apreciação da arte médica não era de modo algum compartilhada pelos gregos em geral. Ao contrário da época atual, em que a posição social do médico é bastante valorizada, na Grécia Antiga a medicina figurava no mesmo nível de outras profissões caracterizadas pela habilidade manual. Até Platão, que utilizou várias vezes a medicina como exemplo de τέχνη e os médicos em seus diálogos, dava às artes e às atividades manuais igual relevância (*Banquete*, 203a)[278]. Ele mencionou, em sua famosa discussão sobre a arte dos rapsodos, as seguintes τέχναι: pintura, escultura, direção de carruagens, medicina, marcenaria, aritmética, pescaria, adivinhação, comando de navios, pastoreio, comando militar, cavalaria, nessa ordem (*Íon*, 532e-533b; 537c-540e). Nenhum tratamento especial, portanto, é conferido à nobre arte da medicina.

O autor do tratado *Da arte* responsabilizou os detratores da arte médica pelo desprestígio da profissão: "há pessoas que transformaram em arte o falar vergonhosamente das artes" (CH, *Da arte*, 1). Já o autor da *Lei* culpa, especificamente, a falta de penalidades para aqueles que eram "médicos de nome, mas não de fato". A legislação grega, efetivamente, não penalizava o erro médico[279]. Mesmo quando o paciente era prejudicado pela falta de preparo do médico ou morria (CH: *Da medicina antiga*, 9 e *Do decoro*, 4), o único castigo para o culpado era a perda de sua reputação. Segundo a *Lei*, as pessoas que se prestavam a cuidar de doentes sem o devido preparo não se incomodavam, em absoluto, com sanções desse tipo.

A seguir o autor faz uma interessante mas não muito bem aplicada comparação entre atores figurantes e falsos médicos. Müller, com vistas à datação do tratado, utilizou essa passagem para situar a composição na segunda metade do século V a.C., época de máximo

---

[278]. Platão fala, especificamente, de τέχνη e de χειρουργία. A palavra χειρουργία ("cirurgia") significa, literalmente, "trabalho com as mãos".

[279]. Ver *Juramento*, p 151.

prestígio dos atores gregos (Müller, 1940). O argumento não me parece sólido o suficiente para se impor, pois o teatro grego manteve seu prestígio por muito tempo depois de seu apogeu: prêmios continuaram a ser concedidos aos melhores atores até mesmo em plena dominação romana. O autor deve ter imaginado, certamente, um paralelismo entre atores e médicos de verdade; mas os falsos médicos não podiam ser comparados aos figurantes das tragédias e comédias antigas. Figurantes não eram, via de regra, atores profissionais, assim como hoje em dia; eles vestiam roupas apropriadas ao papel e sua atuação limitava-se à simples presença em cena como personagens mudos (Pickard-Cambridge, 1953). A não ser pelo evidente silêncio podiam ser confundidos com os atores de verdade, pois os trajes eram semelhantes. Quanto aos numerosos charlatães que alegavam conhecimentos de medicina[280] a distância entre seu aspecto exterior e o dos médicos sérios era, seguramente, muito grande. Além de falar muito, os charlatães tinham o costume de se enfeitar de forma exuberante (CH, *Do decoro*, 2), enquanto os médicos sérios se esforçavam em transmitir, tanto através das vestes como do comportamento, uma imagem de dignidade, seriedade e contenção[281], que se opunha frontalmente a esse comportamento. É difícil imaginar que, usando vestimentas desse tipo, esses homens pretendessem, mesmo naquela época, se passar por médicos "de fato". A intenção do autor deve ter sido a de alertar sua audiência para o fato de que parecer médico e ser médico eram coisas completamente diferentes.

A seguir, a fim de aumentar a credibilidade e o merecido prestígio da medicina, é apresentada uma proposta de fundo educativo [2-4]. Ao invés de simplesmente postular a regulamentação da atividade profissional do médico[282], a ênfase é colocada no preparo adequado daqueles que se interessavam em exercer a medicina. A formação do médico é comparada, didaticamente, com a agricultura, conceito já conhecido de Platão (*Teeteto*, 167b-c) e dos sofistas (cf. Jaeger, 1986, p.252). Diógenes Laércio relata uma comparação muito semelhante, atribuída aos filósofos estóicos (VII, 40). Jones se baseou na informação de Diógenes Laércio para considerar o autor da *Lei* um homem de formação estóica ou pelo menos influenciado por essa doutrina filosófica. A hipótese é plausível, mas improvável: do século IV a.C. em diante, o paralelo entre a educação e o crescimento das plantas já se havia tornado parte integrante do conceito geral de educação de todos os eruditos gregos[283].

Na visão do autor, as qualidades necessárias ao médico competente são as seguintes: aptidão natural, preparo adequado desde a infância, lugar apropriado, dedicação ao estudo, amor ao trabalho e experiência. Antes mesmo do preparo adequado está a φύσις, "natureza, predisposição natural", elemento ao qual o tratado dá grande destaque. Essa preeminência da disposição natural, mencionada também nos tratados *Da arte* e *Do decoro* (§ 9 e § 4, respectivamente), parece ter sido introduzida pelos sofistas durante a efervescência cultu-

[280]. Ver os tratados *Da doença sagrada*, p. 62, e *Do decoro*, p.193.

[281]. Ver o primeiro parágrafo do tratado *Do médico*, p. 179.

[282]. Uma lei desse teor seria, aliás, uma disposição inédita dentro de toda a legislação grega conhecida.

[283]. Há uma analogia entre educação e agricultura também em Plutarco (*Da educação das crianças*, 2b). Lara Nava, em extenso comentário à sua tradução da *Lei*, relaciona essa analogia com a evolução do conceito ocidental de cultura e situa sua origem em época ainda mais remota.

ral grega do século V a.C.; o conceito não era específico do processo educativo do médico (Jaeger, 1986). É notável essa importância concedida à aptidão inata e não-aprendida para a formação de um médico competente; os demais fatores, relacionados estritamente com o ensino e o aprendizado (isto é, com a educação), são enumerados a seguir, sem maiores considerações.

A menção a um "local favorável ao apren-dizado" suscita, inevitalmente, uma relevante questão: em que lugares era ensinada a medicina na Grécia Antiga? Hoje em dia, os jovens médicos são treinados em escolas e em hospitais especiais denominados "hospitais-escola". Na Antigüidade nada disso existia. Não há evidência de escolas formais de medicina antes da Idade Média; nenhuma fonte antiga menciona lugares semelhantes à Academia de Platão e ao Liceu de Aristóteles, que ensinavam filosofia, e à escola de Isócrates, que ensinava retórica. Do ponto de vista formal, a aplicação do qualificativo "escola" aos famosos grupos médicos de Cós, Cnidos e Crotona, é absolutamente imprópria; essas escolas médicas eram apenas "escolas de pensamento", como por exemplo as escolas filosóficas epicurista e cínica. Não havia nenhum local fisicamente definível.

O estudante de medicina fazia seu aprendizado, provavelmente, nos mesmos locais em que seu mestre praticava a arte: no *iatreion*[284], na residência dos doentes (cf. CH, *Do decoro*, 17) ou ainda na residência do professor. Marcial, com refinada ironia, ilustrou o hábito dos estudantes de medicina romanos de seguirem o mestre e participarem de suas atividades em um de seus mais mordazes epigramas:

> Eu estava doente: mas tu me vieste prontamente,
> Símaco, acompanhado de cem discípulos.
> Cem mãos geladas como o vento norte me tocaram:
> Eu não tinha febre, Símaco; agora tenho.
> *Epigramas* (V, 9)[285]

Nem todas as atividades dos estudantes eram voltadas para a prática. Os mestres mais renomados dispunham, provavelmente, de alguns textos da coleção hipocrática e aos estudantes era permitido consultá-los e copiá-los. Quando o mestre tinha um número considerável de discípulos era compelido a abordar determinados assuntos em preleções dirigidas a todos os alunos[286].

---

[284]. Ver *Do médico*, p. 179.

[285]. Languebam: sed tu comitatus protinus ad me
uenisti centum, Symmache, discipulis.
Centum me tetigere manus aquilone gelatae:
non habui febrem, Symmache, nunc habeo.

[286]. Ver *Juramento* e os parágrafos 11 e 13 do tratado *Do médico*.

Numa cidade populosa, os médicos da mesma família ou da mesma confraria se encontravam periodicamente para oferecer sacrifícios coletivos a Asclépios; um de seus ex-votos, depositado no *asklepieion* de Atenas entre 350 e 300 a.C., chegou até nós[287]. É possível que aproveitassem essas ocasiões para trocar experiências, como sói acontecer nas modernas reuniões médicas. Alguns tratados da coleção hipocrática podem, inclusive, ter sido apresentados nessas ocasiões.

André afirma que um dos textos de Galeno contém a mais antiga menção ao ensino médico vinculado a um prédio específico, o templo romano dedicado a Irene (André, 1987). Eis a passagem mencionada:

> Nós vínhamos, diariamente, ao Templo de Irene; desse modo, antes de ser aceso o fogo, tínhamos todos o hábito de nos reunirmos para estudar as artes lógicas (dogmáticas ?).
>
> *Sobre meus próprios livros,* 2[288]

O texto, certamente, não ampara a afirmação de André. Parece que Galeno e seus companheiros utilizavam o local simplesmente para se encontrarem, assim como Zeno de Cítium, o filósofo que fundou o estoicismo, se encontrava com seus discípulos na *Stoá Poikíle*, o "pórtico pintado" da cidade de Atenas. Galeno recorreu diversas vezes à palavra λογική, ao falar da escola racionalista ou dogmática de medicina (I, 64-65). Mesmo que nessa passagem ele se referisse ao estudo do *dogmatismo*, que floresceu em Alexandria no século III a.C., não se pode afirmar que havia uma escola médica sediada no Templo de Irene.

Também não há qualquer fundamento na afirmação de Herzog de que os templos de Asclépio em Trica, Cós e Epidauro, para citar os mais famosos, contavam com a presença de médicos[289]. Isso tornaria esses santuários equiparáveis ao que atualmente chamamos de *dispensários* e até de *hospitais*; mas não há evidências de que médicos atendessem doentes nesses "templos da cura". Os procedimentos a que os devotos eram submetidos são bem conhecidos: era oferecido um sacrifício ao deus; tomava-se um banho ritualístico e à noite dormia-se no recinto sagrado (processo conhecido por *enkoimesis* ou *incubatio*, "incubação"). Asclépio visitava os devotos em sonhos, curava-os ou então ensinava como obter a cura (cf. Aristófanes, *Pluto*, 653-741; Kerényi, 1948).

---

[287]. Localizado em Atenas, Museu Arqueológico Nacional, Inv. nº 1332 (Karouzou, 1999).

[288]. καθ' ἑκάστην ἡμέραν εἰς τὸ τῆς Εἰρήνης τέμενος ἀφικνούμενοι· καθότι καὶ πρὸ τοῦ καυθῆναι πᾶσιν ἦν ἔθος ἀθροίζεσθαι τοῖς τὰς λογικὰς τέχνας μεταχειριζομένοις

(Galeno, XIX, 21)

[289]. *Apud* Vitrac, 1989.

Os primeiros estabelecimentos da Antigüidade que podem ser comparados aos hospitais modernos, instituições desenvolvidas a partir da Idade Média, eram conhecidos entre os romanos do século I d.C por *ualetudinaria.* O *ualetudinarium* era uma espécie de casa construída perto das guarnições romanas de fronteira onde os legionários doentes recebiam os cuidados médicos necessários[290]. Parece, também, ter havido em Roma, mais ou menos na mesma época, "enfermarias" para escravos domésticos (Lyons e Petrucelli, 1978; André, 1987). O primeiro hospital não-militar de que se tem notícia, no entanto, foi fundado por volta de 394 AD em Roma por uma rica matrona romana chamada Fabíola, adepta do cristianismo (São Jerônimo, *Cartas*, LXXVII).

O parágrafo [2] reflete, ainda, a importância dada pelos antigos ao aprendizado da arte médica desde a infância[291] e à necessária experiência prática. Platão também enfatizou esse aspecto:

> "Os médicos", eu disse, "seriam os mais hábeis se, tendo começado desde crianças a aprender a arte, lidassem com a maior quantidade possível de corpos, os mais doentes, (...)"
>
> *República*, 408d[292]

A passagem acerca das " idas e vindas pelas cidades", no parágrafo [4], constitui uma das mais importantes evidências de que dispomos a respeito do caráter itinerante da prática médica grega. Somente as cidades mais populosas contavam com médicos residentes; as demais dependiam das visitas periódicas dos médicos que viajavam de cidade em cidade. Naquele tempo, portanto, nem sempre os doentes podiam encontrar um médico tão logo ficassem doentes (Edelstein, 1931).

O parágrafo [5], segundo Jones, indica que os médicos gregos se reuniam não apenas em confrarias, mas em verdadeiras sociedades secretas dotadas de "rituais e liturgias", como a de Pitágoras. O aprendizado da medicina seria, portanto, apenas um longo ritual de iniciação. A argumentação de Jones, baseada estritamente neste trecho e também na obscuridade aparentemente intencional de algumas passagens dos tratados hipocráticos *Do decoro* e *Preceitos* (Jones, 1923, vol. II, pp. 333-336), não é muito convincente. Note-se, por exemplo, que nenhum dos textos pitagóricos originais chegou até nós, enquanto que a coleção hipocrática sobreviveu em sua quase totalidade.

---

290. Escavações na Alemanha e na Escócia mostraram que essas construções tinham plano arquitetônico bem definido: pequenos quartos individuais dispostos ao longo de um corredor, um grande saguão, salas de banho e latrinas.

291. Ver também os comentários sobre o ensino médico no *Juramento*, p.153s

292. ἰατροὶ μέν, εἶπον, δεινότατοι ἂν γένοιντο, εἰ ἐκ παίδων ἀρξάμενοι πρὸς τῷ μανθάνειν τὴν τέχνην ὡς πλείστοις τε καὶ πονηροτάτοις σώμασιν ὁμιλήσειαν (...).

Resta, por fim, um breve comentário sobre a utilização deste interessante e educativo texto na Grécia Antiga. Jones considerou "tentadora" a hipótese da *Lei* ser nada menos do que um discurso de boas-vindas pronunciado pelo "diretor de uma escola de medicina" (Jones, 1923); Müller e Lara Nava adotaram, talvez com um pouco mais de ênfase, essa mesma postura (Müller, 1940; Lara Nava, 1983). É difícil acreditar nessa hipótese, haja vista o que foi exposto há pouco a respeito das escolas de medicina na Antigüidade.

O máximo que se pode dizer, no momento, é que o tratado foi escrito por um médico eminentemente popular e cercado constantemente de muitos discípulos — um verdadeiro Símaco, quem sabe...

Outras traduções deste tratado para línguas modernas estão indicadas na Bibliografia: Littré, 1844; Jones, 1923; Müller, 1940; Joly, 1964; Chadwick e Mann, 1971978; Lara Nava, 1983.

10 DO MÉDICO

Wilson A. Ribeiro Jr.

Não é pequena a intimidade entre o médico e seus pacientes, pois eles se colocam nas mãos de seus médicos.

[1]

Os parágrafos desiguais deste curto e heterogêneo texto tratam da importância da postura física e espiritual do médico, de seu comportamento, do arranjo de seu local de trabalho e de diversos temas explicitamente adequados aos médicos iniciantes.

Nenhum dos comentadores antigos menciona o tratado, e a data de composição foi estimada dentro de limites bem amplos: entre a segunda metade do século IV e o fim do século III a.C., o que corresponde a 350-200 a.C., aproximadamente.

O texto pode ser encontrado nos manuscritos V, C, E e no *Holkamensis* 282; V parece ser o mais privilegiado nas edições. Na *Aldina*, o tratado começa na página 5-verso e termina na 6-verso; na edição de Littré, ocupa as páginas 198-221 do Volume IX, publicado em 1861.

TRADUÇÃO

1. O aspecto exterior do médico requer que tenha boa compleição e que seja também robusto, conforme sua própria natureza, pois os que não têm o corpo em boas condições são considerados por muitos incapazes de cuidar bem dos outros; que tenha sobre si coisas apropriadas, como vestimentas de boa qualidade e perfumes de odor agradável e insuspeito, pois essas coisas são agradáveis aos doentes e é preciso ter isso em conta[293]. Quanto às coisas do espírito, (mostrar) sensatez, não apenas em relação ao silêncio, mas também (em relação) a uma vida muito regular, o que importa muito para uma boa reputação. O caráter deve ser honesto e bom e, assim sendo, (deve ser) também sério e cordial em todas as

[293]. νοσέοντας, δεῖ δὲ τοῦτο σκοπέειν. Neste pequeno trecho, a partir de "doentes", adotei a pontuação preconizada por Bensel (1922) e adotada por Potter (1995).

coisas, pois a intromissão e o obséquio são desprezados, ainda que muito úteis. Deve cuidar de sua autoridade, pois essas coisas gozam de estima junto às mesmas pessoas, que delas têm falta[294]. Quanto à aparência, deve ter um rosto compenetrado, mas sem aspereza, o que parece ser presunção e misantropia; aquele que é propenso ao riso e tem ar excessivamente alegre é considerado vulgar. Isso deve ser observado, e não pouco. Deve ser justo em todo relacionamento, pois freqüentemente é necessário zelar pelo senso de justiça. Não é pequena a intimidade entre o médico e seus pacientes, pois eles se colocam nas mãos de seus médicos e o tempo todo se deparam com mulheres, moças e bens de considerável valor. É preciso, portanto, observar todas essas coisas com comedimento e conduzir-se assim, de corpo e alma.

2. E quanto aos preceitos referentes à arte da medicina, através dos quais é possível tornar-se um profissional, desde o começo devem ser vistos em conjunto aqueles pelos quais uma pessoa poderia começar a aprender. As coisas tratadas em consultório estão, certamente, ao alcance dos que estão aprendendo. Primeiramente, é preciso ter um local apropriado; e ele o será se não houver vento que atrapalhe, sol ou claridade que incomode. A luz clara não é incômoda para os que tratam, mas não é assim para os que estão sendo tratados. Esse tipo de claridade deve, sem dúvida, ser evitada; por causa dela os olhos adoecem. Recomenda-se, então, que a luz seja assim. De modo algum (o paciente) deverá ficar com o rosto contra a claridade, pois isso perturba ainda mais a visão enfraquecida, e qualquer motivo suficiente perturbará olhos doentes. É desta maneira, portanto, que se deve utilizar a luz. Os assentos devem ter semelhante altura o quanto possível, de modo que (o médico) fique diante dos pacientes[295]. Com exceção dos instrumentos, nunca utilize nada de bronze, pois o uso de tais objetos me parece vulgar rebuscamento. É preciso oferecer água potável e pura aos que estão sendo tratados. Para a limpeza, utilizar coisas limpas e macias, tecidos leves para os olhos e esponjas para os ferimentos; ao que parece, essas coisas ajudam bastante por si mesmas. Todos os instrumentos precisam estar prontos para o uso, conforme o tamanho, peso e delicadeza.

3. É preciso cuidar de todas as coisas a serem aplicadas, para que sejam úteis, especialmente se vão tocar a parte doente. Essas coisas são as bandagens, os remédios, os tecidos leves para cobrir ferimentos, e os cataplasmas. Eles ficam em contato com as áreas doentes durante muito tempo. Depois disso, sua retirada, o refrescamento, a limpeza e o banho com água levam pouco tempo. E ter observado atentamente onde convém mais e onde convém menos, pois o emprego de ambos é conveniente; não considerá-los faz grande diferença.

---

[294]. Trecho obscuro, que apresenta diferentes interpretações por parte de editores e tradutores; provável corrupção dos manuscritos.

[295]. Trecho obscuro, interpretado de formas diversas por editores e tradutores.

4. Há, em medicina, formas apropriadas de colocar bandagens para ajudar a pessoa em tratamento. As duas coisas que mais ajudam são estas, que se deve utilizar: comprimir onde é preciso e enfaixar frouxamente. Quanto à época do ano, considerar se é necessário cobrir ou não, para que não passe desapercebido, por pouco, qual dessas duas coisas se deve usar aqui e ali. Deve-se renunciar às inúteis bandagens graciosas e teatrais; isso é vulgar e inteiramente exibicionista, e muitas vezes causará dano à pessoa em tratamento. O doente não está procurando ostentação e sim ajuda.

5. Em relação às cirurgias, as feitas por corte ou por cauterização, tanto a rapidez como a lentidão são igualmente louváveis, pois as duas têm (sua) utilidade. Nos casos em que a cirurgia é efetuada com um só corte, é preciso fazer a incisão rapidamente, pois quem está recebendo um corte sofre. O incômodo deve durar o menor tempo possível, e isso (só) acontecerá se o corte for rápido. Mas, quando são necessárias várias incisões, deve-se efetuar a cirurgia lentamente, pois fazê-la rápido e sem interrupção causa muito sofrimento; os intervalos, no entanto, interrompem um pouco a tensão de quem está sendo tratado.

6. O mesmo pode-se dizer dos instrumentos. Não recomendamos o uso das pequenas facas de ponta e das de lâmina larga em todos os casos igualmente, pois há algumas partes do corpo que têm um rápido fluxo de sangue e não é fácil contê-lo, como as varizes e algumas outras veias. É preciso que nessas partes o corte seja estreito, pois assim a hemorragia não poderá se tornar excessiva. Fazer uma retirada de sangue dessas partes algumas vezes ajuda. Nos lugares não perigosos e nas áreas em que o sangue não é fino, deve-se utilizar as pequenas facas (de lâmina) mais larga; (assim) o sangue poderá passar; de outro modo, não. É muito vergonhoso não obter, com a cirurgia, o que se quer.

7. Há dois tipos úteis de ventosa. Quan-do o fluxo está formado longe superfície da carne , sua circunferência deve ser pequena e ela não deve ser bojuda; a parte que fica na mão deve ser alongada e não pesada, pois sendo desse tipo a drenagem se faz em linha reta, e puxa bem os humores distantes em direção às carnes. Se o sofrimento afeta grande extensão da carne, a ventosa deve ser quase igual às outras, mas com grande circunferência, e assim você descobrirá que ela conduz o que está incomodando das mais extensas partes possíveis até o lugar conveniente. Não é possível a circunferência ser grande e não apreender a carne na maior extensão possível; se (a ventosa) for pesada, tende a apreender também os lugares da parte de cima. É preferível a retirada desde baixo, pois muitas vezes o que está doente é dei-xado para trás. Quando os fluxos ficam parados por muito tempo longe da superfície, as (ventosas) de circunferência larga atraem-nos, freqüentemente, junto com o resto da carne, e acontece de a umidade recolhida alí ficar na frente do humor que está embaixo, e as coisas que incomodam serem deixadas para trás, e as que nenhum sofrimento causam serem retiradas. É preciso ter em vista o tamanho de ventosa útil em relação às partes do

corpo onde ela precisaria ser aplicada. Quando fizer uma incisão, prefira o tipo profundo, pois o sangue deve estar visível a partir dos lugares operados. Além disso, não é preciso fazer incisões no círculo da retirada[296], pois a carne da região comprometida está muito tensa. Use as pequenas facas curvas e de ponta não muito estreita, pois algumas vezes os humores vêm viscosos e espessos: é, portanto, perigoso deixá-los retidos nas incisões, quando elas são estreitas.

8. Quanto à veia do braço, é preciso protegê-la através de compressões[297], pois em muitas pessoas a carne que envolve a veia não está bem ajustada a ela. Como a carne é escorregadia, os cortes em ambos[298] não ficam juntos um do outro, pois a veia insuflada fica junto, encoberta, e o fluxo de sangue é impedido. É por causa disso que, em muitas pessoas, o pus é produzido. Parece, realmente, que esse tipo de cirurgia traz dois danos: dor a quem foi cortado e grande descrédito a quem faz o corte. O mesmo (procedimento) deve ser seguido para todas (as veias).

9. Esses, portanto, são os instrumentos necessários ao consultório, e com os quais é preciso que seja hábil aquele que está aprendendo. O boticão e a pinça para tumores de úvula podem ser utilizados por qualquer um, pois o emprego deles parece ser simples.

10. A respeito dos tumores e feridas, que estão entre as maiores doenças, é necessário compreender que o mais eficaz é poder dissolver os tumores e impedir sua associação. Mas, se eles existem, (deve-se) conduzí-los a um lugar visível, o menor possível, e manter a composição do tumor uniforme e contínua, pois se ele estiver irregular, há perigo de romper e se tornar uma ferida de difícil cura. É preciso deixá-lo ficar homogêneo e maduro por igual e não abri-lo antes do tempo, nem permitir que se rompa sozinho. Das coisas capazes de levar uniformemente à maturidade já se falou em outras oportunidades.

11. As feridas parecem ter quatro maneiras de progredir, e a primeira é em profundidade: essas são as (feridas) que têm forma de fístula e são escondidas por uma cicatriz, escavadas no interior. A segunda (maneira) é para cima: as (feridas) que crescem acima da carne. A terceira (maneira) é no sentido da largura: essas (feridas) são as chamadas rastejantes[299]. E há um quarto caminho, que parece ser o único em que o movimento segue de acordo com a

[296]. Trata-se, aparentemente, da marca circular que a ventosa deixa na pele após sua aplicação.

[297]. Littré, Potter e Garcia Gual (*op.cit.*) traduzem o termo κατάληψις por "ligadura". Em ambiente cirúrgico, no entanto, esse termo é aplicado especificamente ao ato de fechar ou ocluir um vaso sangrante através de fios ou algum outro meio. Optei, portanto, pela palavra "compressão", a meu ver mais condizente com a intenção do autor.

[298]. Isto é, na veia e na carne.

[299]. Littré traduziu a palavra ἑρπηστικά por "serpiginosas" (Littré, 1861).

natureza[300]. São esssas, portanto, as maneiras de ocorrerem feridas na carne; todas têm o mesmo tipo de desenvolvimento. Seus sinais foram mostrados em outros momentos, e também os cuidados que devem ser utilizados e através de que meios o desenvolvimento será interrompido. Quanto aos sinais da (ferida) que está cheia[301], ou da que está esvaziando, ou da que avançou em extensão, dessas coisas já se falou adequadamente em outras ocasiões.

12. A respeito de cataplasmas, (têm-se) o seguinte: quando parecer ser adequada, conforme a doença, a aplicação de tecidos leves[302], ajuste o tecido leve à ferida, e o cataplasma em seu redor. Esse uso do cataplasma está de acordo com a arte e pode ser útil em numerosos casos. Parece que as propriedades das substâncias colocadas em volta ajuda a ferida, e o tecido a protege. O cataplasma é útil, efetivamente, para o que é externo à lesão. O uso dessas coisas deve ser, portanto, esse.

13. A respeito dos momentos oportunos, quando cada uma dessas coisas deve ser utilizada, e de como se deve aprender as propriedades das coisas que estão escritas, isso foi deixado de lado, uma vez que, em sua maioria, se refere a cuidados avançados em medicina e é apropriado a quem já está adiantado nesta arte.

14. Relacionada a essas coisas é também a cirurgia para a extração de armas de arremesso dos ferimentos que ocorrem em expedições militares. Quem trabalha na cidade faz pouco uso disso, pois raramente há exércitos de cidadãos e coisas de guerra. Tais coisas ocorrem com muita freqüência e continuamente nos exércitos mercenários. Quem pretende, portanto, fazer cirurgias, deve servir como soldado e acompanhar as expedições estrangeiras, pois assim ficará treinado nessas práticas. O que parece estar mais relacionado a essas coisas da arte, vou dizer: procurar os sinais das armas que estão dentro (do corpo) constitui a parte mais importante da arte médica e da cirurgia referente a isso. Tendo começado (o aprendizado) com isso, não será possível deixar de perceber, por ignorância, um homem ferido, quando ele não for operado convenientemente. Somente quem é experiente nesses sinais poderá manusear (essas coisas) com razoabilidade. Tudo isso está escrito em outros tratados.

---

[300]. Littré e García Gual (*op.cit.*) especificam que se trata da cicatrização; no texto grego, porém, não há nenhuma referência explícita a isso.

[301]. Isto é, que acabou de evoluir.

[302]. Seria, provavelmente, o que atualmente é chamado de "curativo". Essa palavra pode ser usada, também, para nomear tecidos especiais colocados sobre uma lesão.

ΠΕΡΙ ΙΗΤΡΟΥ

1. Ἰητροῦ μὲν ἐστι προστασίην ὁρᾶν εὔχρως τε καὶ εὔσαρκος πρὸς τὴν ὑπάρχουσαν αὐτῷ φύσιν· ἀξιοῦνται γὰρ ὑπὸ τῶν πολλῶν οἱ μὴ εὖ διακείμενοι τὸ σῶμα οὕτως ὡς οὐδ' ἂν ἑτέρων ἐπιμεληθῆναι καλῶς. ἔπειτα τὰ περὶ αὐτὸν καθαρίως ἔχειν, ἐσθῆτι χρηστῇ καὶ χρίσμασιν εὐόδμοις, ὀδμὴν ἔχουσιν ἀνυπόπτως πρὸς ἅπαντα· τοῦτο γὰρ ἡδέως ἔχειν συμβαίνει τοὺς νοσέοντας. δεῖ δὲ τοῦτο σκοπέειν. τάδε περὶ τὴν ψυχὴν τὸν σώφρονα, μὴ μόνον τὸ σιγᾶν, ἀλλὰ καὶ περὶ τὸν βίον πάνυ εὔτακτον, μέγιστα γὰρ ἔχει πρὸς δόξαν ἀγαθά, τὸ δὲ ἦθος εἶναι καλὸν καὶ ἀγαθόν, τοιοῦτον δ' ὄντα πᾶσι καὶ σεμνὸν καὶ φιλάνθρωπον· τὸ γὰρ προπετὲς καὶ τὸ πρόχειρον καταφρονεῖται, κἢν πάνυ χρήσιμον ᾖ. σκεπτέον δὲ ἐπὶ τῆς ἐξουσίης· τὰ γὰρ αὐτὰ παρὰ τοῖς αὐτοῖς σπανίως ἔχοντα ἀγαπᾶται. σχήμασι δὲ ἀπὸ μὲν προσώπου σύννουν μὴ πικρῶς· αὐθάδης γὰρ δοκεῖ εἶναι καὶ μισάνθρωπος, ὁ δὲ ἐς γέλωτα ἀνιέμενος καὶ λίην ἱλαρὸς φορτικὸς ὑπολαμβάνεται· φυλακτέον δὲ τὸ τοιοῦτον οὐχ ἥκιστα. δίκαιον δὲ πρὸς πᾶσαν ὁμιλίην εἶναι· χρὴ γὰρ πολλὰ ἐπικουρεῖν δικαιοσύνην· πρὸς δὲ ἰητρὸν οὐ μικρὰ συναλλάγματα τοῖσι νοσέουσίν ἐστιν· καὶ γὰρ αὐτοὺς ὑποχειρίους ποιέουσι τοῖς ἰητροῖς, καὶ πᾶσαν ὥρην ἐντυγχάνουσι γυναιξί, παρθένοις, καὶ τοῖς ἀξίοις πλείστου κτήμασιν· ἐγκρατέως οὖν δεῖ πρὸς ἅπαντα ἔχειν ταῦτα. τὴν μὲν οὖν ψυχὴν καὶ τὸ σῶμα οὕτω διακεῖσθαι.

2. Τὰ δὲ εἰς τὴν ἰητρικὴν τέχνην παραγγέλματα, δι' ὧν ἔστιν εἶναι τεχνικόν, ἀπ' ἀρχῆς συνοπτέον, ἀφ' ὧν καὶ μανθάνειν ἄνθρωπος ἄρξαιτο· τὰ τοίνυν ἐν ἰητρείῳ θεραπευόμενα σχεδὸν μανθανόντων ἐστίν. δεῖ δὲ πρῶτον μὲν τόπον ἔχειν οἰκεῖον, ἔσται δὲ τοῦτο ἐὰν μήτε πνεῦμα εἰς αὐτὸν παραγινόμενον ἐνοχλῇ μήθ' ἥλιος ἢ αὐγὴ λυπέῃ. φῶς δὲ τηλαυγὲς μὲν τοῖς θεραπεύουσιν, ἄλυπον δὲ τοῖς θεραπευομένοις ὑπάρχειν· πάντως μὲν οὖν τοιαύτην τὴν αὐγὴν μάλιστα, διὸ συμβαίνει τοὺς ὀφθαλμοὺς νοσέειν· τὸ μὲν οὖν φῶς τοιοῦτον εἶναι παρήγγελται· τοῦτο δέ, ὅπως μηδαμῶς ἐναντίως ἕξει τῷ προσώπῳ τὰς αὐγάς· προσενοχλεῖ γὰρ τὴν ὄψιν ἀσθενέως ἔχουσαν· πᾶσα δ ἱκανὴ πρόφασις ἀσθενέοντας ὀφθαλμοὺς ἐπιταράξαι· τῷ μὲν οὖν φωτὶ τοῦτον τὸν τρόπον χρηστέον ἐστίν. τοὺς δὲ δίφρους ὁμαλοὺς εἶναι τοῖς ὕψεσιν ὅτι μάλιστα, ὅπως κατ' αὐτοὺς ὦσιν. χαλκώματι δὲ πλὴν τῶν ὀργάνων μηδενὶ χρήσθω· καλλωπισμὸς γάρ τις εἶναί μοι δοκεῖ φορτικὸς σκεύεσι τοιούτοισι χρῆσθαι. τὸ δ' ὕδωρ παρέχειν δεῖ πότιμον τοῖς θεραπενομένοις καὶ καθαρόν. τοῖς δὲ ἀπομάγμασιν καθαροῖς καὶ μαλθακοῖς χρῆσθαι, πρὸς μὲν τοὺς ὀφθαλμοὺς ὀθονίοις, πρὸς δὲ τὰ τραύματα σπόγγοις· αὐτόματα γὰρ ταῦτα βοηθεῖν δοκεῖ

καλῶς. τὰ δ᾽ ὄργανα πάντα εὐήρη πρὸς τὴν χρείαν ὑπάρχειν δεῖ τῷ μεγέθει καὶ βάρει καὶ λεπτότητι.

3. Τὰ δὲ προσφερόμενα ἅπαντα μὲν χρὴ συνορῆν ὅπως συνοίσει· μάλιστα δὲ πλεῖστον, εἰ ὁμιλεῖν μέλλει τῷ νοσοῦντι μέρει· ταῦτα δέ ἐστιν ἐπιδέσματα καὶ φάρμακα καὶ τὰ περὶ τὸ ἕλκος ὀθόνια καὶ τὰ καταπλάσματα· πλεῖστον γὰρ χρόνον ταῦτα περὶ τοὺς νοσέοντάς ἐστι τόπους. ἡ δὲ μετὰ ταῦτα ἀφαίρεσις τούτων, ἀνάψυξίς τε καὶ περικάθαρσις, καὶ τῶν ὑδάτων κατάντλησις, ὀλίγου τινός ἐστι χρόνου· καί τι ποιῆσαι ὅκου χρή, μᾶλλόν τε καὶ ἧσσον ἐσκέφθαι δεῖ· τούτων γὰρ ἀμφοτέρων ἡ χρῆσις εὔκαιρός τε καὶ μὴ γενομένων μεγάλην ἔχει διαφορήν.

4. Ἔστι δὲ οἰκείη ἐπίδεσις τῆς ἰητρικῆς, ἀφ᾽ ἧς ὠφελεῖσθαι τὸν θεραπευόμενον· μέγιστα δὲ ὠφελεῖ δύο ταῦτα, οἷς ἐστι χρηστέον, πιέσαι ὅκου δεῖ καὶ ἀνειμένως ἐπιδῆσαι· πρὸς δὲ τοὺς χρόνους τῆς ὥρης, πότε δεῖ σκεπαστικῶς καὶ μή, συνορῆν, ὅκως μηδὲ ἀσθενῆ λεληθὸς ποτέρῳ τούτων ἐνιαχοῦ χρηστέον· εὐρύθμους δὲ ἐπιδεσίας καὶ θεητρικὰς μηδὲν ὠφελούσας ἀπογινώσκειν· φορτικὸν γὰρ τὸ τοιοῦτον καὶ παντελῶς ἀλαζονικόν, πολλάκις τε βλάβην οἷσον τῷ θεραπευομένῳ· ζητεῖται ὁ νοσέων οὐ καλλωπισμόν, ἀλλὰ τὸ συμφέρον.

5. Ἐπὶ δὲ τῶν χειρουργιῶν, ὅσαι διὰ τομῆς εἰσιν ἢ καύσιος, τὸ ταχέως ἢ βραδέως ὁμοίως ἐπαινεῖται· χρῆσις γάρ ἐστιν ἀμφοτέρων αὐτῶν. ἐν οἷς μὲν γὰρ ἐστι διὰ μιῆς τομῆς ἡ χειρουργία, χρὴ ποιέεσθαι ταχεῖαν τὴν διαίρεσιν· ἐπεὶ γὰρ συμβαίνει τοὺς τεμνομένους πονέειν, τὸ μὲν λυπέον ὡς ἐλάχιστον χρόνον δεῖ παρεῖναι· τοῦτο δὲ ἔσται ταχείης τῆς τομῆς γενομένης. ὅπου δὲ πολλὰς ἀναγκαῖον γενέσθαι τὰς τομάς, βραδείῃ χρηστέον τῇ χειρουργίᾳ· ὁ μὲν γὰρ ταχὺς ξυνεχῆ ποιέει τὸν πόνον καὶ πολύν· τὰ δὲ διαλείποντα ἀνάπαυσιν ἔχει τινὰ τοῦ τόνου τοῖς θεραπευομένοις.

6. Τὸ δ᾽ αὐτὸ ἐπὶ τῶν ὀργάνων λέγοιτ᾽ ἄν· τοῖς δὲ μαχαιρίοις ὀξέσι δὲ χρῆσθαι καὶ πλατέσιν οὐκ ἐπὶ πάντων ὁμοίως παραγγέλλομεν· μέρη γάρ τινά ἐστι τοῦ σώματος, ἃ ἐν τάχει μὲν ἔχει τὴν ῥύμην τοῦ αἵματος, καὶ κατασχεῖν ἐστιν οὐ ῥηΐδιον· ταῦτα δέ ἐστιν οἵ τε κίρσοι καί τινες ἄλλαι φλέβες· τὰς μὲν τομὰς χρὴ εἶναι τῶν τοιούτων στενάς· οὐ γὰρ οἷόν τε τὴν ῥύσιν γενέσθαι κατακορῆ· ξυμφέρει δέ ποτε ἀπὸ τῶν τοιούτων αἵματος ἀφαίρεσιν ποιέεσθαι. πρὸς δὲ τοὺς ἀκινδύνους τόπους καὶ περὶ οὓς μὴ λεπτόν ἐστι τὸ αἷμα, πλατυτέροις χρῆσθαι τοῖς μαχαιρίοισι· τὸ γὰρ αἷμα πορεύοιτ᾽ ἄν, ἄλλως δὲ οὐδαμῶς· πάνυ δ᾽ ἔστιν αἰσχρῶς μὴ ξυμβαίνειν ἀπὸ τῆς χειρουργίης ὅ τι θέλει.

7. Σικυῶν δὲ δύο τρόπους εἶναι χρησίμους· ὅτε μὲν γὰρ ῥεῦμα ξυνεστηκὸς πόρρω τῆς ἐπιφαινομένης σαρκός, τὸν μὲν κύκλον αὐτῆς εἶναι δεῖ βραχύν, αὐτὴν δὲ μὴ γαστρώδη, προμήκη τὸ πρός τήν χεῖρα μέρος, μὴ βαρεῖαν· τοιαύτην γὰρ οὖσαν ἕλκειν ἐς ἰθὺ ξυμβαίνει, καὶ τοὺς ἀφεστῶτας ἰχῶρας καλῶς ἀνεσπᾶσθαι πρὸς τὴν σάρκα· τοῦ δὲ πόνου πλείονος κατεσκεδασμένου τῆς σαρκός, τὰ μὲν ἄλλα παραπλησίην, τὸν δὲ κύκλον μέγαν· οὕτω γὰρ ἐκ πλείστων μερῶν εὑρήσεις ἄγουσαν ἐς ὃν δεῖ τὸ λυποῦν τόπον· οὐ γὰρ οἷόν τε μέγαν εἶναι τὸν κύκλον, μὴ συναγομένης τῆς σαρκὸς ἐκ πλείονος τόπου. Βαρεῖα δ᾽ οὖσα ῥέπει καὶ ἐς τοὺς ἄνω τόπους· κάτω δὲ μᾶλλον τὴν ἀφαίρεσιν, καὶ πολλάκις ὑπολείπεσθαι τὰς νούσους. τοῖσι μὲν οὖν ἐφεστῶσι ῥεύμασι καὶ μακρὰν ἀπέχουσιν ἀπὸ τῶν ἄνω τόπων οἱ πλατεῖς κύκλοι πολλὰ ξυνεπισπῶνται παρὰ τῆς ἄλλης σαρκός· ἐπιπροσθεῖν οὖν ξυμβαίνει τὴν ἐντεῦθεν ἑλκομένην νοτίδα τῷ ξυναγομένῳ κάτωθεν ἰχῶρι, καὶ τὰ μὲν ἐνοχλεῦντα ὑπολείπεσθαι, τὰ δ᾽ οὐδὲν λυπέοντα ἀφαιρεῖσθαι. μέγεθος δὲ σικύης τί χρήσιμον στοχάζεσθαι χρὴ πρὸς τὰ μέρη τοῦ σώματος, οἷς ἂν δέῃ προσβάλλειν. ὅταν δὲ κατακρούῃ, κάτωθεν δέχεσθαι· τὸ γὰρ αἷμα φανερὸν εἶναι δεῖ τῶν χειρουργουμένων τόπων· ἄλλως δὲ οὐδὲ τὸν κύκλον τὸν ἑλκυσθέντα χρὴ κατακρούειν· εὐτονωτέρη γάρ ἐστιν ἡ σὰρξ τοῦ πονήσαντος· μαχαιρίοις δὲ τοῖς καμπύλοις ἐξ ἄκρου μὴ λίην στενοῖς ἐνίοτε γὰρ ἰχῶρες ἔρχονται γλίσχροι καὶ παχεῖς· κίνδυνος οὖν ἐστιν ὑποστῆναι τῇσι τομῇσιν, ὅταν στεναὶ τμηθέωσιν.

8. Τὰς δ᾽ ἐπὶ τῶν βραχιόνων φλέβας τῇσι καταλήψεσι χρὴ φυλάσσειν· ἡ γὰρ καλύπτουσα σὰρξ πολλοῖς οὐ καλῶς συνήρμοσται τῇ φλεβί· τῆς γὰρ σαρκὸς ὀλισθηρῆς οὔσης, οὐ καθ᾽ ἑαυτὰς ξυμβαίνει τὰς τομὰς ἀμφοτέρων γίνεσθαι· τὴν γὰρ φλέβα ἐκφυσᾶσθαι ξυμβαίνει καλυφθεῖσαν, καὶ τὴν ῥύσιν τοῦ αἵματος κωλύεσθαι, πολλοῖσι δὲ καὶ πῦος διὰ τοῦτο ξυνίστασθαι· δοκεῖ δὴ δύο βλάβας φέρειν ἡ τοιαύτη χειρουργίη, τῷ μὲν τμηθέντι πόνον, τῷ δὲ τέμνοντι πολλὴν ἀδοξίην· τὸ δ᾽ αὐτὸ κατὰ πασῶν παρήγγελται γίνεσθαι.

9. Τὰ μὲν οὖν κατ᾽ ἰητρεῖον ἀναγκαῖα ὄργανα, καὶ περὶ ἃ δεῖ τεχνικὸν εἶναι τὸν μανθάνοντα, ταῦτ᾽ ἐστίν· ὀδοντάγρῃσι γὰρ καὶ σταφυλάγρῃσι χρῆσθαι τὸν τυχόντα ἐστίν· ἁπλῆ γὰρ ἡ χρῆσις αὐτῶν εἶναι δοκεῖ.

10. Περὶ δὲ φυμάτων καὶ ἑλκέων, ὁκόσα μειζόνων ἐστὶ νοσημάτων, τὰ μὲν φύματα τεχνικώτατον ὑπειληφέναι δεῖ δύνασθαι διαλύειν, καὶ τὰς συστάσεις αὐτῶν κωλύειν· ἐχόμενον δὲ τούτων, στέλλειν εἰς τὸν ἐπιφανῆ τόπον ὡς εἰς βραχύτατον, καὶ τὴν σύστασιν ὁμαλῶς διὰ παντὸς ποιεῖσθαι τοῦ φύματος· ἀνωμάλως γὰρ ἔχοντος αὐτοῦ, ῥαγῆναί τε καὶ δυσθεράπευτον τὸ ἕλκος κίνδυνός ἐστι γενέσθαι· ἐξομαλίζειν τε χρὴ πέσσοντα πανομοίως, καὶ μήτε διαιρεῖν πρότερον μήτε αὐτόματον ἐῆν ῥαγῆναι· τὰ δὲ ἐκπέψαι δυνάμενα ὁμαλῶς ἐν ἑτέροις εἴρηται.

11. Τὰ δ' ἕλκεα δοκεῖ πορείας ἔχειν τέσσαρας, μίαν μὲν ἐς βάθος· ταῦτα δ' ἔστι τὰ συριγγώδη καὶ ὅσα ὕπουλά ἐστι, καὶ ἔντοσθεν κεκοιλασμένα· ἡ δ' ἑτέρη εἰς ὕψος, τὰ ὑπερσαρκεῦντα· τρίτη δέ ἐστιν εἰς πλάτος· ταῦτα δ' ἐστι τὰ καλεόμενα ἑρπηστικά· τετάρτη ὁδός ἐστιν, αὕτη δὲ μόνη κατὰ φύσιν εἶναι δοκέει κίνησις. αὗται μὲν οὖν ξυμφοραὶ τοιαῦται σαρκός εἰσι, πᾶσαι δὲ κοιναὶ τοῦ ξυμφύοντος· καὶ τὰ μὲν τούτων ἐν ἑτέροις σημεῖα δεδήλωται, καὶ ᾗ χρηστέον ἐστὶν ἐπιμελείῃ, δι' ὧν δὲ τὸ ξυμφυόμενον διαλυθήσεται· καὶ τὸ πληρεύμενον, ἢ κοῖλον γινόμενον, ἢ τὴν εἰς πλάτος πορείαν ποιούμενον, προσηκόντως περὶ τούτων ἐν ἄλλοις εἴρηται σημεῖα.

12. Περὶ δὲ καταπλασμάτων ὧδε· τῶν ἐπιτιθεμένων ὀθονίων ὅκου ἂν ἡ χρῆσις κατὰ τοῦ νοσεύματος ἀκριβὴς εἶναι δοκέῃ, καὶ τῷ ἕλκει ἁρμόζου τὸ ἐπιτιθέμενον ὀθόνιον, τῷ δὲ καταπλάσματι πρὸς τὸν κύκλῳ τόπον τοῦ ἕλκεος χρῶ· χρῆσις γὰρ αὕτη καταπλάσματός ἐστιν ἔντεχνός τε καὶ πλεῖστα ὠφελεῖν δυναμένη· ἐδόκει γὰρ τῷ μὲν ἕλκει βοηθεῖν ἡ τῶν περιτιθεμένων δύναμις, τὸ δ' ὀθόνιον φυλάσσειν· τὰ δ' ἔξω μὲν τοῦ ἕλκεος τὸ κατάπλασμα ὠφελέει. τὴν μὲν οὖν χρῆσιν αὐτῶν εἶναι δεῖ τοιαύτην.

13. Περὶ δὲ καιρῶν, ὁκότε τούτοις ἑκάστοις χρηστέον ἐστι, καὶ τὰς δυνάμιας ὡς χρὴ τῶν γεγραμμένων καταμανθάνειν, παραλέλειπται δὲ τὰ τοιαῦτα, ἐπεὶ πλείω προῆκται τῆς κατ' ἰητρικὴν ἐπιμελείας καὶ πόρρω τοῦ τῆς τέχνης ἤδη προεληλυθότος ἐστίν.

14. Ἐχόμενον δὲ τούτων ἐστὶ καὶ κατὰ στρατιὴν γινομένων τρωμάτων χειρουργίη περὶ τὴν ἐξαίρεσιν τῶν βελέων. ἐν τῇσι κατὰ πτόλιν διατριβῇσι βραχεῖά τίς ἐστι τούτων ἡ χρῆσις· ὀλιγάκις γὰρ ἐν παντὶ τῷ χρόνῳ γίνονται πολιτικαὶ στρατιαὶ καὶ πολεμικαί· ξυμβαίνει δὲ τὰ τοιαῦτα πλειστάκις καὶ ξυνεχέστατα περὶ τὰς ξενικὰς στρατιὰς γίνεσθαι. τὸν μὲν οὖν μέλλοντα χειρουργεῖν στρατεύεσθαι δεῖ καὶ παρηκολουθηκέναι στρατεύμασι ξενικοῖς· οὕτω γὰρ ἂν εἴη γεγυμνασμένος πρὸς ταύτην τὴν χρείαν. ὃ δὲ εἶναι δοκεῖ περὶ ταῦτα τεχνικώτερον, εἰρῆσθαι· τῶν γὰρ ὅπλων ἐνόντων καὶ σημεῖα πεπορίσθαι τέχνης ἐστὶ πλεῖστον μέρος καὶ τῆς πρὸς ταῦτα χειρουργίης· τούτου γὰρ ὑπάρξαντος, οὐκ ἂν παραλίποιτο τρωματίας ἀγνοηθεὶς ὅταν χειρουργῆται μὴ προσηκόντως· μόνος δ' ἂν ὁ τῶν σημείων ἔμπειρος εἰκότως ἐπιχειροίη. περὶ δὲ τούτων ἁπάντων ἐν ἑτέροις γεγραμμένον ἐστίν.

COMENTÁRIOS

Embora não mencionado pelos antigos comentadores, o tratado *Do médico* é, sem dúvida, parte integrante da coleção hipocrática. O texto, como Petréquin, Daremberg e Littré já haviam apontado (Littré, 1861), tem notáveis paralelos com outros tratados da coleção: *Juramento*, *Do decoro*, *Do consultório*, *Dos ferimentos* (§ 10 e 23), *Da medicina antiga* (§ 22), *Das articulações* (§ 35 e 78), *Das fraturas* (§ 30), *Epidemias III* (§ 16), *Das doenças* (§ 18 e 27), *Dos lugares no homem* (§ 47), sobretudo.

Bensel encontrou, ainda, muitas semelhanças entre o *Do médico* e os tratados *Do decoro* e *Preceitos*; e chegou mesmo a defender a idéia de que os três são, provavelmente, contemporâneos (Bensel, 1922). Jones concordou com Bensel quanto à semelhança entre assunto e finalidade dos três tratados, mas apontou judiciosamente enormes discrepâncias de vocabulário, sintaxe e estilo entre eles (Jones, 1923). As características da linguagem e do estilo situam *Do decoro* e *Preceitos*, efetivamente, em época tardia, talvez entre os séculos II e IV d.C; a relativa simplicidade do texto e outras evidências internas, especialmente a menção aos exércitos mercenários [14], situam o tratado *Do médico* nos primeiros séculos do Período Helenístico, época das contínuas campanhas militares dos *diádocos*, sucessores de Alexandre III da Macedônia (Jones, 1923; García Gual, 1983).

O texto pode ser dividido em duas partes. Na primeira, composta unicamente pelo parágrafo [1], o autor dá diversos conselhos a respeito da postura do médico e do seu comportamento adequado; a segunda, bem mais extensa, compreende todos os demais parágrafos. Nos parágrafos [2-9] trata-se inicialmente da organização do consultório médico (ἰατρεῖον, *iatreion*) e de algumas técnicas de tratamento; a seguir, o autor discorre a respeito de temas frouxamente interligados, como tumores e feridas [10-11], cataplasmas [12] e cirurgia de traumas de guerra [14]. O parágrafo [13] contém uma breve referência ao "momento oportuno", conceito muito caro aos médicos hipocráticos.

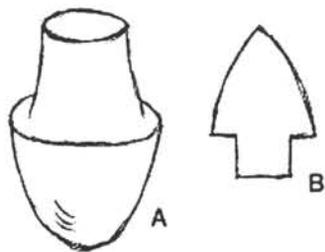
A primeira parte trata quase que inteiramente daquilo que poderíamos chamar de "etiqueta médica". E é apropriado falarmos de "etiqueta" e não de "ética", pois as normas de conduta apresentadas visam especificamente à boa impressão que o médico precisa produzir em seus clientes. Os conselhos são muito detalhados e vão desde a conformação física adequada e ao correto comportamento do médico diante do paciente, passando pelo vestuário e pelos perfumes, até a especificação de sua correta postura fora da profissão. Vários conselhos são sensatos e apropriados a qualquer homem de bem; alguns, por outro lado, refletem um certo calculismo, já que devem ser adotados porque "são agradáveis aos doentes e é preciso ter isso em conta".

São citadas ainda, no final do parágrafo, as grandes tentações a que os médicos estão sujeitos em seu dia-a-dia e que devem ser firmemente combatidas, conforme preceitua o *Juramento* (p. 151). Há ainda outros pontos confluentes entre o *Do médico* e o *Juramento*, como a menção ao voto de silêncio, à justa fama e à boa reputação que o comportamento

adequado do médico lhe permite almejar. É legítimo especular se o autor do tratado conhecia em especial o texto do *Juramento* ou se esses conceitos eram parte, simplesmente, de um conjunto de regras de comportamento adotado por todos os médicos sérios; infelizmente não temos nenhuma resposta para essa questão.

A segunda parte começa com uma descrição das características básicas de um *iatreion* apropriado. Grande ênfase é dada à ventilação, à luminosidade, à disposição dos assentos, ao arranjo do instrumental e à higiene. Nos parágrafos [3] e [4] fala-se da técnica de curativos e de colocação de bandagens; nos parágrafos [5] e [6], da técnica de incisões cirúrgicas.

A preocupação do autor com a dignidade resultante da postura física e espiritual do médico hipocrático, detalhada na primeira parte do tratado, é retomada em dois trechos notáveis: o que se refere à desnecessária ostentação de caros objetos de metal[303] [2] e o que repele as inúteis e prejudiciais bandagens "graciosas e teatrais" [4]. O autor preceitua incisivamente e de forma lapidar que "o doente não está procurando ostentação, e sim ajuda" [4]. A repulsa à ostentação dos médicos era preconizada tanto por Galeno, que era médico (XIV, 600), como pelo escritor Luciano, que não o era (*O Ignorante*, 29).

A frase "a retirada de sangue dessas partes algumas vezes ajuda" [6] refere-se a um dos princípios fundamentais da terapêutica hipocrática, a necessidade da evacuação do humor nocivo acumulado em local indevido (v. *Da natureza do homem*, p. 43). Note-se ainda que pouco antes o autor mencionou a palavra φλέψ, "veia", e voltou a empregá-la no parágrafo [8]. Convém lembrar que, na Antigüidade, essa palavra não tinha ainda o mesmo significado que adquiriu na ciência moderna. Na coleção hipocrática, "veia" designava, simplesmente, a estrutura tubular que conduzia os diversos humores (sangue, bile, fleuma, ar, água e o ἰχώρ, um humor seroso); era empregada, um tanto indiscriminadamente, em relação aos órgãos que sabemos atualmente serem artérias e veias[304]. A palavra ἀρτηρία, "artéria", já existia e designava notadamente a traquéia e os grandes vasos sangüíneos que mantinham os órgãos suspensos. Em alguns tratados hipocráticos, no entanto, a palavra φλέψ já aparecia em oposição a ἀρτηρία (*Das articulações*, por exemplo, que deve ter sido escrito aproximadamente em 425-375 a.C.).

A ventosa, cujos princípios de utilização são descritos com certa minúcia no parágrafo [7], foi um dos mais emblemáticos instrumentos empregados pelos médicos antigos. Era, habitualmente, de metal; o formato lembra uma taça ou um copo bojudo com um pescoço e uma

303. Nas casas gregas, o mobiliário e os utensílios eram, de modo geral, de madeira, tecido e cerâmica. Os objetos de metal, muito caros, limitavam-se quase que ao estritamente necessário, como por exemplo caldeirões e facas (cf.Maffre, 1989).

304. Era usavada até mesmo em relação aos ureteres (Ayache, 1992).

"boca" mais estreitos que o corpo[305]. O esboço abaixo (A), desenhado a partir de um conjunto de instrumentos médicos do Período Helenístico, conservados no *British Museum* de Londres (Levi, 1984), mostra o aspecto geral do instrumento; o desenho (B) oferece uma idéia aproximada da representação das ventosas em vasos e relevos. Aplicava-se a ventosa diretamente sobre a pele, muitas vezes após algumas incisões leves e superficiais no local escolhido. Ao aquecê-la previamente, produzia-se uma rarefação do ar em seu interior que fazia elevar-se a pele do local delimitado pela "boca". A finalidade de seu emprego, consistente com a fisiopatologia hipocrática, era atrair o "humor doente" ou o sangue para a superfície, evitando-se assim sua acumulação em local indevido.

Nesse mesmo parágrafo, e também no parágrafo [8], onde o autor assinala os cuidados necessários às incisões próximas das "veias", surge a palavra σάρξ, habitualmente traduzida por "carne". Note-se que, enquanto a ciência moderna utiliza essa palavra para designar especificamente os músculos, para um médico hipocrático "carne" era aquilo que se opunha a "sangue", "ossos" e "vísceras". A linguagem comum conservou algumas dessas antigas oposições em expressões como "de carne e osso", "sentir na carne", "a carne é fraca" e outras mais.

Uma das numerosas explicações da coleção hipocrática para a formação do pus[306] é rapidamente mencionada no parágrafo [8]. De acordo com o pensamento da época, centrado na teoria dos humores[307], quando um dos humores se separava dos demais — *"apócrise"* (ἀπόκρισις) — e se depositava em um local à parte, formava-se o pus em decorrência do processo de "putrefação" ou *sepse* (σῆψις) que visava, em última instância, delimitar os humores inadequadamente misturados e possibilitar sua evacuação natural. No caso de um *abscesso*, por exemplo, o processo culminaria no rompimento espontâneo do mesmo e, conseqüentemente, na eliminação da secreção purulenta.

O parágrafo [9] nos coloca em contato com dois antigos instrumentos médicos, o ὀδοντάγρα, literalmente "caça-dente", e o σταφυλάγρα, "caça-tumor de úvula". Ao primeiro corresponde, aproximadamente, o famoso boticão dos dentistas; o segundo, possivelmente bem parecido com o primeiro, não tem correspondência específica no moderno instrumental cirúrgico[308]. A atividade dos médicos hipocráticos englobava, naturalmente, as diversas doenças da boca e da garganta, pertencentes hoje em dia à *medicina*, assim como as doenças tratadas atualmente pela *odontologia*. No tratado *Das articulações*, por exemplo, problemas com os dentes são mencionados em relação à luxação da mandíbula;

---

305. A iconografia da arte médica em numerosas obras da Antigüidade Greco-Romana compreendia tipicamente o cajado dos viajantes, uma serpente única enrolada em um bastão (símbolo do deus Asclépio) e a ventosa.

306. Sabemos, atualmente, que o pus é um fluido de origem inflamatória constituído de micróbios, células teciduais e glóbulos brancos multinucleados ativos e degenerados que se forma em decorrência da presença de micróbios em certos locais do organismo.

307. Ver *Da natureza do homem*, p. 43.

308. Segundo García Gual (*op.cit.*) esse instrumento é mencionado apenas neste texto e em uma das obras de Paulo Egineta (VI, 25). A úvula, popularmente chamada de "campainha", é uma proeminência ovalóide situada na região posterior do palato mole.

no tratado *Das doenças* fala-se especificamente da dor de dente e da necessidade da extração de dentes cariados (*Das doenças*, 4); e o tratado *Da dentição* aborda conjuntamente o desenvolvimento dos dentes e certas doenças da garganta.

Os parágrafos [10] e [11] tratam dos tumores e das feridas em geral. A palavra φῦμα designava "coisas que crescem", isto é, tumores (o autor se refere, a julgar pela descrição, a tumores inflamatórios, como os *abscessos*); ao grego ἕλκος, "ferida", corresponde o latim *ulcus*, origem da palavra portuguesa "úlcera". Observe-se que da palavra ἕρπης, derivada do verbo ἕρπω, "arrastar-se penosamente, mover-se lentamente" derivou o vocábulo "herpes", nome de uma doença da pele caracterizada pela presença de vesículas dolorosas que aparecem em uma pequena área e depois se alastram. Observa-se ainda, pela minuciosa exposição do autor, que aguardar a adequada maturação de um abscesso, antes de proceder à drenagem, faz parte da conduta médica há bem mais de 2000 anos.

Nesses dois parágrafos e também no [13] são mencionados dois outros importantes conceitos da terapêutica hipocrática, a "crise" (κρίσις) e o "momento oportuno" (καιρός). Acreditava-se então que as doenças atingiam, ao longo de seu desenvolvimento, momentos críticos oportunos para a intervenção médica (CH: *Prognóstico*, *Epidemias*, *Da dieta nas doenças agudas*). Era parte essencial do trabalho do médico, ao acompanhar a evolução das doenças, reconhecer os sinais que permitiam a identificação da "crise". A importância desses conceitos foi admiravelmente sintetizada pelo anônimo autor dos *Aforismos*, um dos mais importantes e famosos livros da coleção hipocrática:

> A vida é breve, a arte longa, a oportunidade fugaz, a experiência incerta, a crise difícil[309].
>
> *Aforismos* (I, 1)

Quanto aos cataplasmas [12], eles eram uma espécie de papa medicamentosa, envolvida em panos, aplicada em locais dolorosos ou inflamados. As "propriedades das coisas que estão escritas", mencionadas rapidamente no parágrafo [13], eram certamente as fórmulas registradas das diversas preparações à base de plantas que os médicos hipocráticos utilizavam (*Do decoro*, 9-10). No parágrafo [14], que trata dos ferimentos produzidos por traumas de guerra, o autor aconselha simplesmente o acompanhamento das expedições militares ao estrangeiro, oportunidade única para adquirir experiência nessa área.

Analisada de forma geral, essa segunda e última parte do tratado traz uma significativa contribuição aos nossos conhecimentos sobre o aprendizado médico na Grécia Antiga[310]. Sem dúvida, o autor deve ter sido um médico experiente, competente, sensato e dotado de enorme capacidade didática. Sua intenção foi, certamente, fazer um apanhado de vários

[309]. Ὁ βίος βραχύς, ἡ δὲ τέχνη μακρή, ὁ δὲ καιρὸς ὀξύς, ἡ δὲ πεῖρα σφαλερή, ἡ δὲ κρίσις χαλεπή.

[310]. No *Juramento* e no tratado *Do decoro* essa questão é delineada com brevidade.

temas adequados à instrução dos que estavam aprendendo os rudimentos da arte médica; e foi bem sucedido: todos os procedimentos assinalados parecem, efetivamente, estar ao alcance dos iniciantes. As breves menções à necessidade de estudos mais avançados e a assuntos relacionados com os temas discutidos em outros tratados ou preleções reforçam essa suposição. Um dado interessante que se depreende das informações do tratado é que procedimentos cirúrgicos simples, curativos e bandagens eram considerados da alçada do aprendiz; aquilo que chamaríamos atualmente de *tratamentos clínico*, por outro lado, era reservado aos estudantes mais adiantados [13].

Aparentemente, a julgar pela viva descrição dos procedimentos médicos básicos efetuados no *iatrêion*, o local de trabalho dos médicos hipocráticos era mais parecido com as modernas "clínicas" do que com os "consultórios médicos" onde apenas consultas são realizadas. Essa impressão é reforçada pelas detalhadas instruções fornecidas pelo autor de outro tratado, *Do consultório*, quanto ao material e aos arranjos necessários para tratamentos cirúrgicos no *iatrêion*. A decoração de um *arýbalos*[311] ático de figuras vermelhas atribuído ao Pintor da Clínica, datado de 480-470 a.C. e encontrado em Paris, no Museu do Louvre, apresenta uma cena típica do *iatrêion*[312]: um jovem médico, sentado, sustenta firmemente o antebraço direito de um homem maduro e aproxima dele uma pequena faca — para efetuar uma incisão, provavelmente. Pode se tratar também de uma sangria, uma vez que o antebraço do paciente não mostra nenhuma lesão (como, por exemplo, um abscesso). À frente dos dois vê-se um vaso de bronze largo e achatado para recolher, possivelmente, o que vai sair. À direita, outros cinco clientes aguardam a vez, conversando; um deles, o quarto, é um anão de idade madura.

Sabe-se que a maioria dos médicos gregos praticava de forma itinerante (cf. CH: *Águas, ares e lugares*; *Lei*; *Do decoro*; Edelstein, 1967); é possível, portanto, que a arquitetura de um *iatreion* variasse desde a οἰκία, "casa", quando o médico era abastado e permanecia vários meses na mesma cidade, até o simples ἐργαστήριον, "local de trabalho" (cf. Ésquines, *Contra Timarco*, 124), talvez uma humilde tenda disposta na ágora ao lado das tendas dos mercadores.

Outras traduções deste tratado para línguas modernas estão indicadas na Bibliografia: Littré, 1861; Bensel, 1922; Fleischer, 1939; García Gual, 1983; Potter, 1995.

311. Pequeno frasco esférico de cerâmica decorada utilizado pelos homens para guardar óleo destinado à higiente corporal.

312. Ver Boardman (1975, p. 195).

11 DO DECORO

Wilson A. Ribeiro Jr.

Um médico amigo da sabedoria é igual aos deuses.
[§ 5]

A tradução do título deste tratado por "Decoro" reflete apenas parcialmente a gama de significados éticos — e, de certo modo, estéticos — da palavra grega εὐσχημοσύνη[313].

Do decoro não era, aparentemente, conhecido dos antigos comentadores: o texto é um dos mais recentes da coleção e sua datação pode ser situada, sem muita precisão, no Período Greco-Romano, entre os séculos I e V d.C. É possível que tenha sido escrito nos séculos I-II d.C. (cf. Bourgey, 1953; López Férez, 1983), mas muitos eruditos evitam esse grau de precisão.

O texto pode ser encontrado em M e em diversos manuscritos parisienses tardios. Na Aldina, começa na página 6-verso e vai até a página 7-verso; na edição de Littré, está nas páginas 222-245 do volume IX, publicado em 1844.

TRADUÇÃO

1. Não têm sem razão os que argumentam ser a sabedoria útil para muitas coisas, inclusive para a vida. A maioria (delas) parece ter-se tornado inútil; refiro-me a essas que não têm utilidade alguma para as coisas que são discutidas. Parte delas teria valor para isto: "onde não há ociosidade também não há maldade". A ociosidade e a falta do que fazer procuram o mal e são (por ele) arrastadas; assim, estar atento e manter o pensamento em algo é uma dessas coisas que trazem beleza à vida. Deixo de lado essas discussões sem nenhuma utilidade, pois é mais gratificante o que, para outros fins, foi constituído em arte, e uma arte que visa ao decoro e à reputação[314].

313. Ver "Os tratados deontológicos", p. 147.

314. O texto está muito corrompido: há pelo menos 11 variações entre os melhores manuscritos (cf.Jones, 1923).

2. Todas as sabedorias não acompanhadas de cupidez e falta de decoro são boas, e qualquer método que haja para elas produz uma arte; caso contrário, tornam-se conhecidas pela impudência. Os jovens caem sob o domínio desses indivíduos[315]; na maturidade, ao vê-los voltam(-lhes) as costas e põem-se a suar; na velhice, com amargura, dispõem leis para fazê-los desaparecer das cidades, pois esses que trabalham na ágora, enganam com vulgaridade e voltam pe-rio-di-ca-mente às cidades (são) os mesmos. Qualquer um pode reconhecê-(los) pelas vestimentas e pelo resto de seu aspecto; e se, ao vê-los, estiverem também magnificamente enfeitados, deve-se ainda mais fugir deles e ter-lhes horror.

3. É preciso observar a (sabedoria) contrária deste modo: para os (que a seguem), nem argumento preparado, nem elaborado; vestimenta decorosa e também simples, não muito elaborada, refletindo, pelo contrário, bom senso, circunspecção e mente disposta para si mesmo e para a marcha. Os que são assim (têm) o seguinte comportamento: concisos, simples, agudos nas controvérsias, convenientes nas réplicas, rigorosos nas oposições, sagazes e afáveis para com as opiniões semelhantes, cordiais com todos; diante de tumultos, silenciosos; diante de silêncios, argumentadores e perseverantes; diante da oportunidade, capazes e hábeis; quanto à alimentação, frugais e independentes; pacientes na espera do momento adequado. Apresentam (com) palavras eficazes toda demonstração, utilizam bons termos, discursam com graça, têm boa reputação em conseqüência dessas coisas, voltam-se para a verdade diante da (sua) demonstração.

4. O que mais se destaca, dentre tudo o que já foi dito, é a predisposição natural. Com efeito, aqueles que se dedicam a artes relacionadas com ela são conduzidos a todas essas coisas já mencionadas, pois o que se refere à sabedoria e também à arte não se ensina. Antes mesmo de (algo) ser ensinado, a predisposição natural (já) se precipitou e está totalmente engajada em assumir o comando; a sabedoria, rumo ao conhecimento, se dispõe sobre as coisas criadas pela própria predisposição natural. Muitos, com efeito, hábeis nesses dois discursos, de modo algum tiraram partido dos dois, ao mesmo tempo, para (uma) demonstração. Se algum deles examinar, portanto, no que concerne à verdade, alguma das coisas colocadas em um discurso, de modo algum fará progresso pela sua própria predisposição natural. Esses, com certeza, são encontrados em um caminho similar ao percorrido por aqueles[316]; eis porque, achando-se despidos, se revestem de toda maldade e desonra. É bom que o argumento resulte de um trabalho ensinado, pois tudo o que foi construído por meio da arte é trazido de volta por meio do argumento; o que é dito

[315]. O pronome αὐτοῖσιν traz dificuldades à tradução, uma vez que se refere a um substantivo masculino não localizado no texto. É provável, a julgar por οὗτοι ("eles") do parágrafo seguinte, que o pronome se refira a pessoas ainda não mencionadas, porém conhecidas de todos — os adeptos do tipo de arte em questão, provavelmente.

[316]. "Esses" são os que, sem predisposição natural, se dedicam a uma arte; "aqueles", provavelmente, os charlatães do parágrafo [2] (cf. Lara-Nava, 1983, p. 200).

através da arte, mas não foi realizado, torna-se indicativo de método desprovido de arte. Ter uma opinião e não efetivá(-la) é sinal de ignorância e ausência de arte. A (simples) opinião, sobretudo em medicina, implica responsabilidade para os que a têm, e ruína para os que (dela) fazem uso. Se eles, tendo persuadido a si mesmos com seus argumentos, pensam conhecer a prática que vem da aprendizagem, mostram a si mesmos exatamente como o ouro ordinário (é) posto em evidência pelo fogo. Tal prognóstico é, na verdade, inexorável. Se a compreensão é da mesma origem (que a prática)[317], o conhecimento demonstra imediatamente a meta. Para alguns, o tempo colocou a arte com o † vento a favor[318] †; ou, para os que caem em um caminho parecido, tornou evidentes os pontos de partida.

5. Retomando, portanto, cada uma das coisas ditas anteriormente, é preciso[319] conduzir a sabedoria para a medicina e a medicina para a sabedoria, pois um médico amigo da sabedoria é igual a um deus. Não há muitas diferenças entre as duas coisas, pois todas as coisas relacionadas com a sabedoria estão na medicina: desapego ao dinheiro, modéstia, capacidade de ruborizar, circunspecção, reputação, decisão, tranqüilidade, firmeza diante de oposição, pureza, linguagem sentenciosa, conhecimento das coisas úteis e necessárias à vida, rejeição à impureza[320], capacidade de retribuição, ausência de superstição, superioridade divina. E aquilo que eles têm, eles[321] o têm em oposição ao desregramento, à vulgaridade, à ganância, ao desejo desenfreado, à rapinagem e à impudência; pois ela[322] é o conhecimento das coisas que a atacam e a utilização das coisas que lhe são caras, mais ou menos do mesmo modo que as coisas relacionadas aos filhos e aos bens. Com ela, então, qualquer sabedoria tem algo em comum, porque a maior parte dessas coisas o médico também possui.

6. De fato, o conhecimento das coisas relacionadas aos deuses está, sobretudo, misturado com ela[323] na mente. Nos outros padecimentos e nos acontecimentos fortuitos a medicina, que se encontra em posição de honra junto aos deuses, é freqüentemente reconhecida. Os médicos dão lugar aos deuses, pois não é fora do comum ela ser sobrepujada. Com efeito, eles cuidam de muitas coisas, mas muitas outras se resolvem por si mesmas. † As coisas que a medicina sobrepuja, portanto, ela terá em seu poder daí em diante, pois que caminhos na sabedoria são assim? Certamente, para eles, aqueles; e, desse modo, não acreditam que

---

317. Trecho pouco claro nos manuscritos.

318. εὐαδέα, palavra obscura, inexistente nos dicionários; os manuscritos estão, evidentemente, corrompidos neste trecho. Segui a interpretação de Lara Nava, que a relaciona com a palavra εὐαής ("com vento favorável").

319. δεῖ, cf. Littré. Jones: δή.

320. ἀκαθαρσίης (Littré e Heiberg); καθάρσιος (Jones). Em M se lê καθαρσίης, o que não faz sentido.

321. Os médicos.

322. A medicina.

323. Com a medicina, da qual se falará mais logo depois.

estão de acordo, assim, a respeito das coisas que estão próximas do corpo. † As coisas que através de toda essa (aula) foram induzidas, transformadas ou refeitas; as coisas curadas pela cirurgia; as que são aliviadas, tratadas ou submetidas a uma dieta — que isso seja o mais importante em relação ao conhecimento dessas coisas.

7. Considerando, portanto, tudo o que acabei de dizer, é preciso que o médico tenha uma certa disposição para brincar, pois a severidade é falta de afabilidade, tanto para os que estão saudáveis como para os que estão doentes. É preciso, sobretudo, que ele vigie a si mesmo, nem mostrando muito partes de seu corpo, nem conversando muito com os leigos, mas somente o necessário. † Considere isso, forçosamente[324], um tratamento que leva à intimação judicial. † Não fazer, com certeza, nenhuma dessas coisas com indiscrição e nem com ostentação. Pense antecipadamente em todas essas coisas, para que estejam facilmente à mão, como se deve; de outro modo, necessariamente, estará sempre em apuros em relação ao seu dever.

8. É preciso, na medicina, praticar essas coisas com toda seriedade: na palpação; na unção e na fricção; em relação ao movimento harmonioso das mãos; nas compressas, nas bandagens, nos curativos, nas coisas necessárias às contenções; nos remédios; em ferimentos; em coisas referentes aos olhos e nesses tipos de coisas, para que estejam à mão seus instrumentos de trabalho, apetrechos, instrumentos de ferro e assim por diante. Nessas coisas, o apuro é falta de recurso e dano. E tenha outra bolsa de médico mais simples, de mão, para as visitas[325]. A mais prática é a arrumada com método, pois o médico não pode ir atrás de tudo.

9. Mantenha na memória as drogas e suas propriedades, as simples e as que estão formuladas, desde que também estejam na mente o que diz respeito à cura das doenças, seus comportamentos e, de todas as maneiras, o comportamento que elas[326] têm em cada uma delas[327]. Isso, em medicina, constitui princípio, meio e fim.

10. Prepare também, antecipadamente, os tipos de emolientes para os diferentes usos. Faça poções eficazes, preparadas de acordo com a fórmula e conforme as espécies. Tenha prontas também, com antecedência, as coisas para os remédios necessários às purgações, apanhadas nos locais convenientes e preparadas como convém, conforme as espécies e os

---

[324]. βίῃ, cf. Littré. Jones: βίη.

[325]. ἐπιδημίας, cf. M. Jones: ἀποδημίας.

[326]. As drogas.

[327]. As doenças.

tamanhos, para serem utilizadas por longo tempo; coisas frescas (para serem utilizadas) no momento oportuno, e o resto de forma semelhante.

11. Para não ficar embaraçado ao apresentar-se diante do doente, tenha todas essas coisas convenientemente arranjadas, cada uma de acordo com o que será feito, e esteja ciente do que é preciso fazer antes de entrar; pois não é a conjetura e sim os cuidados médicos que são necessários. É preciso explicar antes, com base na experiência, o que vai acontecer: isso dá prestígio e é de fácil entendimento.

12. Na visita, tenha em mente a maneira de sentar e também a circunspecção, o arranjo das vestes, a autoridade, a brevidade da fala, a imperturbabilidade, a atenção constante, a solicitude, a réplica às objeções; o autodomínio nos embaraços inesperados, a severidade diante de tumulto, a presteza nos socorros e, acima dessas coisas, tenha em mente a preparação principal. Caso contrário, † que não haja falha nas recomendações prescritas para atuação imediata †.

13. Faça visitas freqüentemente, examine com muito cuidado as situações enganosas, relacionadas às mudanças que acontecem, pois (assim) você perceberá com facilidade e ao mesmo tempo será mais hábil. São instáveis as coisas dos humores e eles, por isso, são facilmente alterados pela ação da natureza ou do acaso. Não observadas as coisas no momento oportuno de aplicá-las, elas se antecipam, se colocam em movimento e matam: o socorro não seria possível. É difícil quando muitas coisas agem ao mesmo tempo; (lidar com) uma coisa de cada vez, em seqüência, é mais apropriado e mais prudente.

14. É preciso também vigiar as faltas dos pacientes, pelas quais muitas vezes mentem quanto aos "alimentos" levados à boca; e, como não aceitam bebidas desagradáveis, remédios preparados ou tratamentos, morrem. E eles tendem a não admitir o que foi feito: a culpa é atribuída ao médico.

15. É preciso também observar coisas referentes ao leito, dentre as quais as referentes à estação do ano e as referentes aos tipos (de enfermidades); alguns deles[328] (devem ficar) em lugares bem ventilados; outros, no andar de baixo[329] e em lugar coberto. (Quanto) a coisas motivadas por barulhos e odores, especialmente o do vinho — pois este é o pior — (é preciso) evitá-lo e mudar de lugar.

---

[328]. A palavra "deles" se refere, certamente, aos doentes.

[329]. A casa das pessoas com recursos tinha, com freqüência, dois andares (cf. Bizos, 1967, p 22, n. 9).

16. Realize todas essas coisas com calma e habilidade e, durante os cuidados, (mantenha) a maioria das coisas escondidas do doente. Dê as recomendações necessárias com jovialidade, serenamente, desviando sua atenção do que ele tem. Reprove com dureza e seriedade e, ao mesmo tempo; reconforte com solicitude e encorajamento; nunca fale abertamente a eles de coisas futuras ou (já) estabelecidas. Muitos, por causa disso, se desviam para as outras coisas[330], devido ao prognóstico do que se acabou de dizer sobre coisas estabelecidas ou vindouras.

17. Deixe um dos estudantes encarregado, para que as prescrições se cumpram sem acrimônia e para que ele cumpra os cuidados recomendados. Escolha, dentre eles, os já admitidos nas coisas da arte; transmita tudo o que for necessário para que ele se porte com segurança e também para que nos intervalos (das visitas) nada escape a você. Não recorra aos leigos para nada. Isso permite que a censura referente ao malfeito recaia sobre você. Jamais dê instruções ambíguas, que possam se afastar do tratamento prescrito, e a censura nunca recairá em você: o que foi (corretamente) realizado conduz ao brilho[331]. Portanto, fale antecipadamente de todas essas coisas, no momento em que estão sendo feitas, para aqueles (a quem) foi proposto tomar uma decisão[332].

18. São essas, portanto, as coisas relacionadas à boa reputação e ao decoro na sabedoria, na medicina e nas demais artes. É preciso que o médico, distinguindo as partes sobre as quais nós acabamos de falar, adote, observe e siga de perto sempre a outra (sabedoria)[333], fazendo(-a) também ser transmitida. Pois os feitos ilustres são cuidadosamente guardados por todos os homens, e os que seguem esse caminho são glorificados por pais e filhos. E, se alguns deles não sabem muitas coisas, pelas próprias ações são levados à compreensão.

ΠΕΡΙ ΕΥΣΧΗΜΟΣΥΝΗΣ

1. Οὐκ ἀλόγως οἱ προβαλλόμενοι τὴν σοφίην πρὸς πολλὰ εἶναι χρησίμην, ταύτην δὴ τὴν ἐν τῷ βίῳ. αἱ γὰρ πολλαὶ πρὸς περιεργίην φαίνονται γεγενημέναι· λέγω δέ, αὗται αἱ μηδὲν ἐς χρέος τῶν πρὸς ἃ διαλέγονται· ληφθείη δ' ἂν τουτέων μέρεα ἐς ἐκεῖνο, ὅτι ὅπη οὐκ ἀργίη, οὐδὲ μὴν κακίη· τὸ γὰρ σχολάζον καὶ ἄπρηκτον ζητεῖ ἐς κακίην καὶ ἀφέλκεται· τὸ δ' ἐγρηγορὸς καὶ πρός τι τὴν

330. As sabedorias contrárias da medicina, cf. parágrafo[3].

331. Frase um tanto obscura; a julgar pelo contexto, parece se referir à glória que um tratamento bem sucedido pode trazer ao médico.

332. O sentido da frase, aparentemente, é o seguinte: o aluno encarregado, que precisa eventualmente tomar alguma decisão na ausência do mestre, deve ter pleno conhecimento dos princípios envolvidos naquele tratamento.

333. "A outra sabedoria": seguramente o segundo tipo, mencionado no parágrafo [3].

διάνοιαν ἐντετακὸς ἐφειλκύσατό τι τῶν πρὸς καλλονὴν βίου τεινόντων. ἐῶ δὲ τουτέων τὰς μηδὲν ἐς χρέος πιπτούσας διαλέξιας· χαριεστέρη γὰρ καὶ πρὸς ἕτερόν τι ἐς τέχνην τεποιημένη, τέχνην δὴ πρὸς εὐσχημοσύνην και δόξαν.

2. Πᾶσαι γὰρ αἱ μὴ μετ' αἰσχροκερδείης καὶ ἀσχημοσύνης καλαί, ἦσι μέθοδός τις ἐοῦσα τεχνικὴ ἐργάζεται· αλλ' εἴ γε μή, πρὸς ἀναιδείην δημεύονται. νέοι τε γὰρ αὐτοῖσιν ἐμπίπ□τουσιν· ἀκμάζοντες δὲ δι' ἐντροπίην ἱδρῶτας τίθενται βλέποντες· πρεσβῦται δὲ διὰ πικρίην νομοθεσίην τίθενται ἀναίρεσιν ἐκ τῶν πόλεων. καὶ γὰρ ἀγορῆν ἐργαζόμενοι οὗτοι, μετὰ βαναυσίης ἀπατέοντες, καὶ ἐν πόλεσιν ἀνακυκλέοντες οἱ αὐτοί. ἴδοι δέ τις καὶ ἐπ' ἐσθῆτος καὶ ἐν τῇσιν ἄλλῃσι περιγραφῇσι· κῆν γὰρ ἔωσιν ὑπερηφανέως κεκοσμημένοι, πολὺ μᾶλλον φευκτέοι καὶ μισητέοι τοῖσι θεωμένοισίν εἰσιν.

3. Τὴν δὲ ἐναντίην χρὴ ὧδε σκοπεῖν· οἷς οὐ διδακτὴ κατασκευή, οὐδὲ περιεργίη· ἔκ τε γὰρ περιβολῆς καὶ τῆς ἐν ταύτῃ εὐσχημοσύνης καὶ ἀφελείης, οὐ πρὸς περιεργίην πεφυκυίης, ἀλλὰ μᾶλλον πρὸς εὐδοξίην, τό τε σύννουν, καὶ τὸ ἐν νῷ πρὸς ἑωυτοὺς διακεῖσθαι, πρός τε τὴν πορείην. οἵ τε ἑκάστῳ σχήματι τοιοῦτοι· ἀδιάχυτοι, ἀπερίεργοι, πικροὶ πρὸς τὰς συναντήσιας, εὔθετοι πρὸς τὰς ἀποκρίσιας, χαλεποὶ πρὸς τὰς ἀντιπτώσιας, πρὸς τὰς ὁμοιότητας εὔστοχοι καὶ ὁμιλητικοί, εὔκρητοι πρὸς ἅπαντας, πρὸς τὰς ἀναστάσιας σιγητικοί, πρὸς τὰς ἀποσιγήσιας ἐνθυμηματικοὶ καὶ καρτερικοί, πρὸς τὸν καιρὸν εὔθετοι καὶ λημματικοί, πρὸς τὰς τροφὰς εὔχρηστοι καὶ αὐτάρκεες, ὑπομονητικοὶ πρὸς καιροῦ τὴν ὑπομονήν, πρὸς λόγους ἀνυστοὺς πᾶν τὸ ὑποδειχθὲν ἐκφέροντες, εὐεπίῃ χρεώμενοι, χάριτι διατιθέμενοι, δόξῃ τῇ ἐκ τούτων διισχυριζόμενοι, ἐς ἀληθείην πρὸς τὸ ὑποδειχθὲν ἀποτερματιζόμενοι.

4. Ἡγεμονικώτατον μὲν οὖν τούτων ἁπάντων τῶν προειρημένων ἡ φύσις· καὶ γὰρ οἱ ἐν τέχνῃσιν, ἣν προσῇ αὐτοῖσι τοῦτο, διὰ πάντων τούτων πεπόρευνται τῶν προειρημένων. ἀδιδάκτον γὰρ τὸ χρέος ἔν τε σοφίῃ καὶ ἐν τῇ τέχνῃ· πρόσθε μὲν ἡ διδαχθῇ, ἐς τὸ ἀρχὴν λαβεῖν ἡ φύσις κατερρύη καὶ κέχυται, ἡ δὲ σοφίη ἐς τὸ εἰδῆσαι τὰ απ' αὐτῆς τῆς φύσιος ποιεύμενα. καὶ γὰρ ἐν ἀμφοτέροισι τοῖσι λόγοισι πολλοὶ κρατηθέντες οὐδαμῇ συναμφοτέροισιν ἐχρήσαντο τοῖσι πρήγμασιν ἐς δεῖξιν· ἐπὴν οὖν τις αὐτῶν ἐξετάζῃ τι πρὸς ἀληθείην τῶν ἐν ῥήσει τιθεμένων, οὐδαμῇ τὰ πρὸς φύσιν αὐτοῖσι χωρήσει. εὑρίσκονται γοῦν οὗτοι παραπλησίην ὁδὸν ἐκείνοισι πεπορευμένοι. διόπερ ἀπογυμνούμενοι τὴν πᾶσαν ἀμφιέννυνται κακίην καὶ ἀτιμίην. καλὸν γὰρ ἐκ τοῦ διδαχθέντος ἔργου λόγος· πᾶν γὰρ τὸ ποιηθὲν τεχνικῶς ἐκ λόγου ἀνηνέχθη· τὸ δὲ ῥηθὲν τεχνικῶς, μὴ ποιηθὲν δέ, μεθόδου ἀτέχνου δεικτικὸν ἐγενήθη· τὸ γὰρ οἴεσθαι μέν, μὴ πρήσσειν δέ, ἀμαθίης καὶ ἀτεχνίης σημεῖόν ἐστιν· οἴησις γὰρ καὶ μάλιστα ἐν ἰητρικῇ αἰτίην μὲν τοῖσι κεκτημένοισιν,

ὄλεθρον δὲ τοῖσι χρεωμένοισιν ἐπιφέρει· καὶ γὰρ ἢν ἑωυτοὺς ἐν λόγοισι πείσαντες οἰηθῶσιν εἰδέναι ἔργον τὸ ἐκ μαθήσιος, καθάπερ χρυσὸς φαῦλος ἐν πυρὶ κριθεὶς τοιούτους αὐτοὺς ἀπέδειξεν. καίτοι γε τοιαύτη ἡ πρόρρησις ἀπαρηγόρητον. ᾗ σύνεσις ὁμογενής ἐστιν, εὐθύ τὸ πέρας ἐδήλωσε γνῶσις· τῶν δ᾽ ὁ χρόνος τὴν τέχνην † εὐαδέα † κατέστησεν, ἢ τοῖσιν ἐς τὴν παραπλησίην οἶμον ἐμπίπτουσι τὰς ἀφορμὰς δήλους ἐποίησε.

5. Διὸ δεῖ ἀναλαμβάνοντα τούτων τῶν προειρημένων ἕκαστα, μετάγειν τὴν σοφίην ἐς τὴν ἰητρικὴν καὶ τὴν ἰητρικὴν ἐς τὴν σοφίην. ἰητρός γὰρ φιλόσοφος ἰσόθεος. οὐ πολλὴ γὰρ διαφορὴ ἐπὶ τὰ ἕτερα· καὶ γὰρ ἔνι τὰ πρὸς σοφίην ἐν ἰητρικῇ πάντα, ἀφιλαργυρίη, ἐντροπή, ἐρυθρίησις, καταστολή, δόξα, κρίσις, ἡσυχίη, ἀπάντησις, καθαριότης, γνωμολογίη, εἴδησις τῶν πρὸς βίον χρηστῶν καὶ ἀναγκαίων, ἀκαθαρσίης ἀπεμπόλησις, ἀδεισιδαιμονίη, ὑπεροχὴ θείη. ἔχουσι γὰρ ἃ ἔχουσι πρὸς ἀκολασίην, πρὸς βαναυσίην, πρὸς ἀπληστίην, πρὸς ἐπιθυμίην, πρὸς ἀφαίρεσιν, πρὸς ἀναιδείην. αὕτη γὰρ γνῶσις τῶν προσιόντων καὶ χρῆσις τῶν πρὸς φιλίην, καὶ ὡς καὶ ὁκοίως τὰ πρὸς τέκνα, πρὸς χρήματα. ταύτῃ μὲν οὖν ἐπικοινωνός σοφίη τις, ὅτι καὶ ταῦτα καὶ τὰ πλεῖστα ὁ ἰητρὸς ἔχει.

6. Καὶ γὰρ μάλιστα ἡ περὶ θεῶν εἴδησις ἐν νόῳ αὐτῇ ἐμπλέκεται. ἐν γὰρ τοῖσιν ἄλλοισι πάθεσι καὶ ἐν συμπτώμασιν εὑρίσκεται τὰ πολλὰ πρὸς θεῶν ἐντίμως κειμένη ἡ ἰητρική. οἱ δὲ ἰητροὶ θεοῖσι παρακεχωρήκασιν· οὐ γὰρ ἔνι περιττὸν ἐν αὐτῇ τὸ δυναστεῦον. καὶ γὰρ οὗτοί πολλὰ μὲν μεταχειρέονται, πολλὰ δὲ καὶ κεκράτηται αὐτοῖσι δι᾽ ἑωυτῶν. † ἃ δὲ καταπλεονεκτεῖ νῦν ἡ ἰητρική, ἐντεῦθεν παρέξει. τίς γὰρ ὁδὸς τῆς ἐν σοφίῃ ὧδε· καὶ γὰρ αὐτέοισιν ἐκείνοισιν· οὕτω δ᾽ οὐκ οἴονται ὁμολογέουσιν ὧδε τὰ περὶ σώματα παραγινόμεναι, † ἃ δὴ διὰ πάσης αὐτῆς πεπόρευται, μετασχηματιζόμενα ἢ μεταποιούμενα, ἃ δὲ μετὰ χειρουργίης ἰώμενα, ἃ δὲ βοηθεόμενα, θεραπευόμενα ἢ διαιτώμενα. τὸ δὲ κεφαλαιωδέστατον ἔστω ἐς τὴν τούτων εἴδησιν.

7. Ὄντων οὖν τοιούτων τῶν προειρημένων ἁπάντων, χρὴ τὸν ἰητρὸν ἔχειν τινὰ εὐτραπελίην παρακειμένην· τὸ γὰρ αὐστηρὸν δυσπρόσιτον καὶ τοῖσιν ὑγιαίνουσι καὶ τοῖσι νοσέουσιν. τηρεῖν δὲ χρὴ ἑωυτὸν ὅτι μάλιστα, μὴ πολλὰ φαίνοντα τῶν τοῦ σώματος μερέων, μηδὲ πολλὰ λεσχηνευόμενον τοῖσιν ἰδιώτῃσιν, ἀλλὰ τἀναγκαῖα· † νομίζει τοῦτο βίῃ εἶναι ἐς πρόσκλησιν θεραπηίης. † ποιεῖν δὲ κάρτα μηδὲν περιέργως αὐτῶν, μηδὲ μετὰ φαντασίης· ἐσκέφθω δὲ ταῦτα πάντα, ὅκως ᾖ σοι προκατηρτισμένα ἐς τὴν εὐπορίην, ὡς δέοι· εἰ δὲ μή, ἐπὶ τοῦ χρέους ἀπορεῖν αἰεὶ δεῖ.

8. Μελετᾶν δὲ χρὴ ἐν ἰητρικῇ ταῦτα μετὰ πάσης καταστολῆς, περὶ ψηλαφίης, καὶ ἐγχρίσιος, καὶ ἐγκαταντλήσιος, πρὸς τὴν εὐρυθμίην τῶν χειρῶν, περὶ

τιλμάτων, περὶ σπληνῶν, περὶ ἐπιδέσμων, περὶ τῶν ἐκ καταστάσιος, περὶ φαρμάκων, ἐς τραύματα καὶ ὀφθαλμικά, καὶ τούτων τὰ πρὸς τὰ γένεα, ἵν' ᾖ σοι προκατηρτισμένα ὄργανά τε καὶ μηχαναὶ καὶ σίδηρος καὶ τὰ ἑξῆς· ἡ γὰρ ἐν τούτοισιν ἀπορίη ἀμηχανίη καὶ βλάβη. ἔστω δέ σοι ἑτέρη παρέξοδος ἡ λιτοτέρη πρὸς τὰς ἐπιδημίας ἡ διὰ χειρῶν· ἡ δ' εὐχερεστάτη διὰ μεθόδων· οὐ γὰρ οἷόν τε διέρχεσθαι πάντα τὸν ἰητρόν.

9. Ἔστω δέ σοι εὐμνημόνευτα φάρμακά τε καὶ δυνάμιες ἁπλαῖ καὶ ἀναγεγραμμέναι, εἴπερ ἄρα ἐστὶν ἐν νόῳ καὶ τὰ περὶ νούσων ἰήσιος, καὶ οἱ τούτων τρόποι, καὶ ὁσαχῶς καὶ ὃν τρόπον περὶ ἑκάστων ἔχουσιν· αὕτη γὰρ ἀρχὴ ἐν ἰητρικῇ καὶ μέσα καὶ τέλος.

10. Προκατασκευάσθω δέ σοι καὶ μαλαγμάτων γένεα πρὸς τὰς ἑκάστων χρήσιας, ποτήματα τέμνειν δυνάμενα ἐξ ἀναγραφῆς ἐσκευασμένα πρὸς τὰ γένεα. προητοιμάσθω δὲ καὶ τὰ πρὸς φαρμακίην ἐς τὰς καθάρσιας, εἰλημμένα ἀπὸ τόπων τῶν καθηκόντων, ἐσκευασμένα ἐς ὃν δεῖ τρόπον, πρὸς τὰ γένεα καὶ τὰ μεγέθεα ἐς παλαίωσιν μεμελετημένα, τὰ δὲ πρόσφατα ὑπὸ τὸν καιρόν, καὶ τἄλλα κατὰ λόγον.

11. Ἐπὴν δὲ ἐσίῃς πρὸς τὸν νοσέοντα, τούτων σοι ἀπηρτισμένων, ἵνα μὴ ἀπορῇς, εὐθέτως ἔχων ἕκαστα πρὸς τὸ ποιησόμενον, ἴσθι γινώσκων ὃ χρὴ ποιεῖν πρὶν ἢ ἐσελθεῖν· πολλὰ γὰρ οὐδὲ συλλογισμοῦ, ἀλλὰ βοηθείης δεῖται τῶν πρηγμάτων. προδιαστέλλεσθαι οὖν χρὴ τὸ ἐκβησόμενον ἐκ τῆς ἐμπειρίης· ἔνδοξον γὰρ καὶ εὐμαθές.

12. Ἐν δὲ τῇ ἐσόδῳ μεμνῆσθαι καὶ καθέδρης, καὶ καταστολῆς, περιστολῆς, ἀνακυριώσιος, βραχυλογίης, ἀταρακτοποιησίης, προσεδρίης, ἐπιμελείης, ἀντιλέξιος πρὸς τὰ ἀπαντώμενα, πρὸς τοὺς ὄχλους τοὺς ἐπιγινομένους εὐσταθείης τῆς ἐν ἑωυτῷ, πρὸς τοὺς θορύβους ἐπιπλήξιος, πρὸς τὰς ὑπουργίας ἑτοιμασίης· ἐπὶ τούτοισι μέμνησο παρασκευῆς τῆς πρώτης· εἰ δὲ μή, † τὰ κατ' ἄλλα ἀδιάπτωτον, ἐξ ὧν παραγγέλλεται ἐς ἑτοιμασίην. †

13. Ἐσόδῳ χρέο πυκνῶς, ἐπισκέπτεο ἐπιμελέστερον, τοῖσιν ἀπατεωμένοισιν κατὰ τὰς μεταβολὰς ἀπαντῶν· ῥᾷον γὰρ εἴσῃ, ἅμα δὲ καὶ εὐμαρέστερος ἔσῃ· ἄστατα γὰρ τὰ ἐν ὑγροῖσι· διὸ καὶ εὐμεταποίητα ὑπὸ φύσιος καὶ ὑπὸ τύχης· ἀβλεπτηθέντα γὰρ τὰ κατὰ τὸν καιρὸν τῆς ὑπουργίης ἔφθασαν ὁρμήσαντα καὶ ἀνελόντα· οὐ γὰρ ἦν τὸ ἐπικουρῆσον· πολλὰ γὰρ ἅμα τὰ ποιέοντά τι χαλεπόν· τὸ γὰρ καθ' ἓν κατ' ἐπακολούθησιν εὐθετώτερον καὶ ἐμπειρότερον·

14. Ἐπιτηρεῖν δὲ χρὴ καὶ τὰς ἁμαρτίας τῶν καμνόντων, δι' ὧν πολλάκις διεψεύσαντο ἐν τοῖσι προσάρμασι τῶν προσφερομένων· ἐπεὶ τὰ μισητὰ

ποτήματα οὐ λαμβάνοντες, ἢ φαρμακευόμενοι ἢ θεραπευόμενοι, ἀνῃρέθησαν· καὶ αὐτῶν μὲν οὐ πρὸς ὁμολογίην τρέπεται τὸ ποιηθέν, τῷ δὲ ἰητρῷ τὴν αἰτίην προσῆψαν.

15. Εσκέφθαι δὲ χρὴ καὶ τὰ περὶ ἀνακλίσεων, ἃ μὲν αὐτῶν πρὸς τὴν ὥρην, ἃ δὲ πρὸς τὰ γένεα· οἱ μὲν γὰρ αὐτῶν ἐς εὐπνόους, οἱ δὲ ἐς καταγείους καὶ σκεπινοὺς τόπους· τά τε ἀπὸ ψόφων καὶ ὀσμῶν, μάλιστα δ᾽ ἀπὸ οἴνου, χειροτέρη γὰρ αὕτη, φυγεῖν δὲ καὶ μετατιθέναι.

16. Πρήσσειν δ᾽ ἅπαντα ταῦτα ἡσύχως, εὐσταλέως, μεθ᾽ ὑπουργίης τὰ πολλὰ τὸν νοσέοντα ὑποκρυπτόμενον· ἃ δὲ χρή, παρακελεύοντα ἱλαρῶς καὶ εὐδιεινῶς, σφέτερα δὲ ἀποτρεπόμενον, ἅμα μὲν ἐπιπλήσσειν μετὰ πικρίης καὶ ἐντάσεων, ἅμα δὲ παραμυθεῖσθαι μετ᾽ ἐπιστροφῆς καὶ ὑποδέξιος, μηδὲν ἐπιδείκνυντα τῶν ἐσομένων ἢ ἐνεστώτων αὐτοῖσι· πολλοὶ γὰρ δι᾽ αἰτίην ταύτην ἐφ᾽ ἕτερα ἀπεώσθησαν, διὰ τὴν πρόρρησιν τὴν προειρημένην τῶν ἐνεστώτων ἢ ἐπεσομένων.

17. Τῶν δὲ μανθανόντων ἔστω τις ὁ ἐφεστὼς ὅκως τοῖσι παραγγέλμασιν οὐ πικρῶς χρήσεται, ποιήσει δὲ ὑπουργίην τὸ προσταχθέν· ἐκλέγεσθαι δὲ αὐτῶν τοὺς ἤδη ἐς τὰ τῆς τέχνης εἰλημμένους, προσδοῦναί τι τῶν ἐς τὸ χρέος, ἢ ἀσφαλέως προσενεγκεῖν· ὅκως τε ἐν διαστήμασι μηδὲν λανθάνῃ σε· ἐπιτροπὴν δὲ τοῖσιν ἰδιώτῃσι μηδέποτε διδοὺς περὶ μηδενός· εἰ δὲ μή, τὸ κακῶς πρηχθὲν ἐς σὲ χωρῆσαι τὸν ψόγον ἐᾷ· μήποτ᾽ ἀμφιβόλως ἔχῃ, ἐξ ὧν τὸ μεθοδευθὲν χωρήσει, καὶ οὐ σοὶ τὸν ψόγον περιάψει, τευχθὲν δὲ πρὸς τὸ γάνος ἔσται· πρόλεγε οὖν ταῦτα πάντα ἐπὶ τῶν ποιευμένων, οἷς καὶ τὸ ἐπεγνῶσθαι πρόκειται.

18. Τούτων οὖν ἐόντων τῶν πρὸς εὐδοξίην καὶ εὐσχημοσύνην τῶν ἐν τῇ σοφίῃ καὶ ἰητρικῇ καὶ ἐν τῇσιν ἄλλῃσι τέχνῃσι, χρὴ τὸν ἰητρὸν διειληφότα τὰ μέρεα περὶ ὧν εἰρήκαμεν, περιεννύμενον πάντοτε τὴν ἑτέρην διατηρέοντα φυλάσσειν, καὶ παραδιδόντα ποιεῖσθαι· εὐκλεᾶ γὰρ ἐόντα πᾶσιν ἀνθρώποισι διαφυλάσσεται· οἵ τε δι᾽ αὐτῶν ὁδεύσαντες δοξαστοὶ πρὸς γονέων καὶ τέκνων· κἤν τινες αὐτῶν μὴ πολλὰ γινώσκωσιν, ὑπ᾽ αὐτῶν τῶν πρηγμάτων ἐς σύνεσιν καθίστανται.

COMENTÁRIOS

Este tratado, que tem vários pontos de confluência com outros textos do *Corpus hippocraticum*[334], é um dos mais problemáticos de toda a coleção. Grande parte de suas

[334]. Ver comentários ao *Do médico.*

informações é de difícil compreensão, e outras não parecem fazer qualquer sentido; muitos parágrafos têm frases confusas, de sentido obscuro, e se ligam frouxamente uns aos outros.

A obscuridade do texto não pode ser explicada somente pela má conservação das fontes manuscritas e pela notória dificuldade dos editores no restabelecimento do texto original. Há muitos neologismos, expressões estranhas, muitas orações parecem incompletas, a sintaxe é deficiente, o estilo, tortuoso[335]. A maioria das orações evidencia um conhecimento tão deficiente de gramática que, segundo Jones, o autor só pode ter sido alguém cuja língua materna não era o grego. Essa era, ao menos, sua impressão inicial; ele mesmo considerou, posteriormente, uma obscuridade intencional e justificou-a pela hipotética existência de uma confraria médica equiparável a uma "sociedade secreta" (Jones, 1923, pp. 270 e 333-336). Os membros dessa sociedade teriam transmitido o conhecimento médico de que dispunham de forma elíptica, para que fosse compreendido somente pelos iniciados, pelos membros dessa sociedade.

Não se pode negar que algum tipo de associação médica tenha realmente existido, como se depreende de algumas passagens da coleção hipocrática (cf. *Juramento* 1b ; *Lei,* 5). Há, porém, uma grande distância entre os rituais e cerimônias ciosamente guardados por associações como os antigos "cultos de mistérios" (cf. *Juramento*, p.156 n.244) e as informações técnicas e conselhos explícitos deste tratado. Os segredos dos cultos de mistérios, de natureza salvacional, foram tão bem conservados que nenhuma informação completa e conclusiva chegou até nossos dias (cf. Burkert, 1991). O autor do tratado *Do Decoro*, por outro lado, registrou informações e ainda procurou orientar seus leitores. O tratado tem, a despeito de suas dificuldades e deficiências, considerável valor técnico e didático.

Do Decoro foi, aparentemente, concebido para orientar as atividades dos médicos iniciantes e sua obscuridade não foi intencional. O próprio Jones propôs, no ensaio introdutório à sua tradução, uma explicação para as dificuldades do texto que me parece bem mais razoável: algum médico experiente preparou uma aula para seus discípulos e fez algumas anotações para refrescar a memória durante a apresentação. Sua intenção, provavelmente, nunca foi publicar as notas, tais como estão. Acredito, ainda, que há outra explicação possível: o texto do tratado compreenderia, na realidade, as anotações um tanto incoerentes feitas por um dos jovens médicos durante a aula do mestre. Seria desse discípulo o conhecimento imperfeito da língua grega, fato relativamente comum nos reinos helenísticos durante o Império Romano, época em que jovens abastados oriundos de várias regiões do Império viajavam até as cidades mais importantes a fim de aprimorar sua educação[336].

Outra questão é a diversidade dos temas abordados. Nota-se que o tratado foi estruturado da seguinte forma: nos parágrafos [1-5], tratou-se da utilidade das diversas formas de sabedoria, da "boa sabedoria" e sua relação com a medicina; no parágrafo [6],

[335]. "A linguagem em muitos lugares é positivamente grotesca" (Jones, 1923).

[336]. Consta que o famoso Galeno de Pérgamo, por exemplo, estudou medicina em Pérgamo, Esmirna, Corinto, Alexandria e Roma (André, 1987).

das relações entre a medicina e o divino; nos parágrafos [7-18], do comportamento adequado do médico durante as visitas aos doentes. O texto que conhecemos foi composto, aparentemente, pela reunião de dois discursos diversos. O primeiro deles, que poderíamos chamar de *A sabedoria e a medicina*, compreende as frases que se sucedem até o parágrafo [6] e tem um quê de admoestação — de sermão, mesmo. O segundo discurso, que podemos chamar de *O decoro médico*, se inicia no parágrafo [7] com a frase "considerando, portanto, todas as coisas que acabei de dizer (...)". Imagino que o tema proposto para essa conferência fosse apenas o do segundo discurso; o discurso sobre a sabedoria pode ter sido incluído de última hora, com a finalidade de comentar a recente visita e *performance* pública de algum notório charlatão. A repercussão desse indesejável personagem entre os jovens discípulos e a oportunidade da conferência podem ter impelido o mestre a reunir um tanto apressadamente os argumentos necessários à sua apresentação.

No primeiro discurso, como bom didata, o autor partiu do geral para o particular: depois de estabelecer os critérios para que qualquer "sabedoria", entendida como um conjunto de conhecimentos que livra as pessoas da ociosidade, seja útil e benéfica [1], assinalou as principais características dos praticantes da "má sabedoria" [2] e, no parágrafo seguinte [3], as características da sabedoria contrária, isto é, da "boa sabedoria". Essas concepções, de cunho essencialmente filosófico, eram típicas do pensamento grego tardio e, em especial, da filosofia helenística e greco-romana. Bensel acreditava que eram reflexos específicos da corrente epicurista; segundo Lara Nava, ensinamentos desse tipo podem ser encontrados tanto entre os epicuristas como entre os estóicos. Predominam, no entanto, reflexos da filosofia estóica, e Lara Nava encontrou diversas semelhanças entre a primeira parte do tratado *Do decoro* e alguns fragmentos de Diógenes de Babilônia[337]. Durante o Período Helenístico esses conceitos estavam bastante vulgarizados entre os homens instruídos e era de se esperar que um médico hipocrático tivesse tais conhecimentos (cf. Bensel, 1922; Jones, 1923; Lara Nava, 1983).

Na Grécia Antiga, a carreira médica não tinha nenhum estatuto oficial[338] e os médicos sérios precisavam competir constantemente com charlatães, curandeiros e mágicos que, assim como eles, viajavam e visitavam constantemente as cidades, oferecendo seus serviços. Os médicos hipocráticos, ciosos de sua arte, de sua capacidade técnica e de sua cultura (cf. Marrou, 1971), faziam questão de assinalar com esmero o contraste entre eles e os charlatães. Essa atitude era vital e não mera questão de orgulho profissional: desde Platão se discutia "a utilidade da sabedoria e, mais especificamente, a utilidade das artes" (cf. Lara Nava, 1983), e os médicos hipocráticos tinham constantemente de demonstrar a existência da medicina como arte e sua diferença das demais (cf. CH: *Da arte*, *Da doença sagrada* e *Preceitos*). Mas, enquanto o autor de *Da doença sagrada* faz questão de colocar em evidência as diferenças técnicas entre médicos e charlatães (p. 61), nos parágrafos [2,3 e 5] o autor de *Do decoro* vai

[337]. Notadamente os fragmentos B 86, B 88 e B 95 DK (cf. Lara Nava, 1983).

[338]. Ver comentários ao tratado da *Lei*, p.172

bem mais longe, ao mostrar em detalhes as diferenças na atitude, no comportamento, no modo de falar e até mesmo no aspecto exterior de uns e de outros. Para Littré, ele aludia tanto aos charlatães quanto aos sofistas (Littré, 1861), o que parece ser um exagero.

O parágrafo [4], onde são apontadas especificamente as diferenças entre a aprendizagem de uma arte, quando se tem e quando não se tem predisposição natural, questão essa já referida na *Lei* (p. 170), é um dos mais difíceis e controversos de toda a coleção hipocrática[339]. Transcrevo a seguir as abalizadas opiniões de Littré, Jones e Lara Nava, que dão uma boa noção das dificuldades dessa passagem e cobrem adequadamente as possíveis interpretações:

> Passagem obscura, mas que se pode, creio, resumir assim: em toda sabedoria, em toda arte, há a natureza e a opinião ou, se quiserem, a realidade e a hipótese. A natureza e a realidade ocupam o primeiro lugar; a sabedoria existe apenas para conhecer a realidade, a natureza. Aqueles que têm somente uma parte, isto é, a opinião, a hipótese, nada conseguem, e desde então são impelidos para o lado do charlatanismo, do engano e do ganho vergonhoso. Mas aqueles em quem o entendimento é homogêneo, isto é, em quem existe a relação correta entre a realidade e a opinião, estão no bom caminho.
>
> (LITTRÉ, 1861, vol. IX, p. 231)[340]

> Natureza e educação; prática e teoria; fato e raciocínio; ação e palavra — parecem ser esses os correlativos complementares em que se insiste neste capítulo. A última frase significa que uma longa experiência às vezes supre a educação deficiente.
>
> (JONES, 1923, p.286, n1)[341]

> Não podemos deduzir do uso dessa terminologia, contudo, que ele tente expor doutrinas filosóficas sobre a relação entre aptidão natural e educação, teoria e prática, natureza e conhecimento, pois aborda essa temática

[339].Quiçá, segundo Jones, de toda a literatura grega (Jones, 1923).

[340]. "Passage obscur, mais qui peut, je crois, se résumer ainsi: en toute sagesse, en tout art, il y a la nature et l'opinion, ou, si vous voulez, la réalité et l'hypothèse. La nature, la réalité ont le premier rang; la sagesse n'est faite que pour connaître la réalité, la nature. Ceux qui n'ont qu'une partie, c'est-à-dire l'opinion, l'hypothèse, n'aboutissent pas, et dès lors sont rejetés vers le côté du charlatanisme, de la tromperie et du gain honteux. Mais ceux chez qui l'intelligence est homogène, c'est-à-dire, chez qui existe le juste rapport entre la réalité et l'opinion, sont dans la bonne voie."

[341]. "Nature and education; practice and theory; fact and reasoning; deed and word — such seem to be the complementary correlatives insisted upon in this chapter. The last sentence means that long experience sometimes makes up for deficient education."

> somente de modo muito geral. Sua idéia é que a simples teoria é prejudicial, enquanto que teoria e prática natureza e conhecimento, combinados, capacitam o homem para o exercício de sua profissão.
>
> (LARA NAVA, 1983, p.199-200, n12)[342]

No parágrafo [5], finalmente, após as generalidades dos primeiros parágrafos, são enumeradas, de forma detalhada, as diferenças entre a profissão médica e charlatanice. A medicina é apontada, entusiasticamente, como o exemplo mais acabado de atividade ligada à sabedoria. Isso devia ter muita importância para o autor, evidentemente cioso do enquadramento da medicina na doutrina estóica. Para os filósofos estóicos, somente os sábios eram capazes de exercer qualquer atividade de forma apropriada, e parece ser essa a explicação da ênfase dada à relação direta entre a sabedoria e a medicina. Lara Nava (1983) notou, efetivamente, que a lista de virtudes apresentada não deixa de ser mais um exemplo dos populares catálogos de virtudes estóicas.

A seguir, no parágrafo [6], deparamo-nos outra vez com uma passagem muito difícil, devido à acentuada corrupção das fontes manuscritas. Acompanho, aqui, a interpretação de Jones:

> Considero como sentido geral deste capítulo que os médicos são os meios e os deuses são a causa das curas em medicina e em cirurgia. Os deuses conferem essa honra à medicina, e os médicos devem entender que os deuses são seus mestres.
>
> (1923,p.288, n4)[343]

Com essa interpretação um tanto simplificada concordam, em linhas gerais, tanto Littré como Lara Nava, a despeito de algumas diferenças notáveis entre suas respectivas traduções e a de Jones.

O parágrafo [7] marca a transição entre os dois discursos que compõem o tratado: mesclam-se nele a teoria, com a descrição do comportamento sóbrio do médico ideal — bastante associado ao comportamento do sábio estóico —, e a prática, com um alerta atemporal válido para todas as profissões e que se repete em alguns dos parágrafos subseqüentes: *prepare tudo com antecedência*!

Esse segundo discurso contempla, de forma um pouco desorganizada, diversos princípios da atividade médica que hoje em dia são mais ou menos evidentes para todos nós:

1. a necessidade de o médico dominar efetivamente as técnicas de tratamento que vão ser utilizadas [8];

---

342. "Sin embargo, del uso de esta terminología no podemos deducir que intente exponer doctrinas filosóficas sobre la relación entre aptitud natural y educación, teoría y práxis, naturaleza y conocimiento, pues sólo aborda esta temática de modo muy general. Su idea es que la mera teoría es perjudicial, mientras que teoría y práxis, naturaleza y conocimiento, aunados, capacitan al hombre para el ejercicio de su profesión."

343. "I take the general sense of this chapter to be that: though physicians may be the means, the gods are the cause of cures in medicine and surgery. The gods confer this honour on medicine, and medical men must realize that the gods are their masters."

2. a necessidade de uma bolsa ou caixa para transportar os instrumentos de trabalho [8];

3. o conhecimento preciso, o preparo e o uso correto dos medicamentos [9-10];

4. a necessidade do arranjo prévio e adequado do material a ser usado [8 e 11];

5. a necessidade de explicar a doença e o que precisa ser feito ao paciente e aos presentes, e que tipo de informação deve ser evitada diante do doente [11 e 16-17];

6. o comportamento apropriado do médico durante todas as suas atividades [12];

7. a necessidade de visitas freqüentes ao doente para o acompanhamento cuidadoso de sua condição [13];

8. a recomendação da presença de um auxiliar do médico junto ao doente, devido à necessidade de vigiar o cumprimento das prescrições [14 e 17];

9. a necessidade de preparar convenientemente o local em que o doente vai ser insta lado [15];

10. a boa reputação e o reconhecimento obtidos pela correta aplicação da arte médica [18].

A seqüência um tanto irregular dos assuntos, as indas e vindas na exposição dos tópicos e algumas repetições reforçam a impressão de que o texto é, efetivamente, o registro escrito, um tanto deficiente, de uma exposição oral mais bem elaborada. De qualquer modo, as informações deste tratado são valiosas para a história da ciência e algumas delas podem ser encontradas somente nele (cf. Jones, 1923). As reiteradas menções ao comportamento adequado — "etiqueta médica" — e à boa reputação já foram comentadas nos capítulos precedentes. Quatro outros assuntos, porém, requerem comentários adicionais: a terapêutica hipocrática, a "retórica médica", a ciência farmacêutica e a enfermagem na Antigüidade.

Sabe-se que os médicos gregos dispunham de numerosos recursos para o tratamento das doenças, e que a terapêutica hipocrática atuava, de modo geral, em dois níveis: o do restabelecimento do equilíbrio dos humores, e o da remoção da causa da doença, quando possível. Mais que tudo, porém, o médico devia, "em relação às doenças, exercitar-se em duas coisas: ajudar ou, pelo menos, não causar dano" (cf. CH, *Epidemias* I, 11). Segue, para facilitar a compreensão dessa parte do texto, um brevíssimo sumário da terapêutica hipocrática e suas bases.

Um dos procedimentos mais utilizados era a purgação (κάθαρσις, literalmente "purificação"), a eliminação dos humores nocivos, obtida através da administração de alimentos e de medicamentos laxantes, eméticos, expectorantes e esternutatórios, e de clisteres, insuflações, supositórios, sangrias, incisões para a drenagem de pus e até mesmo trepanações cranianas. O recurso habitual aos clisteres se tornou tão emblemático da prática médica que a palavra "catártico" passou a designar um grupo de medicamentos que estimulam as evoluções e são largamente empregados até hoje. Além disso, nos primeiros séculos de nossa era, os poetas satíricos greco-romanos valiam-se constantemente desse tema em seus epigramas:

Cinco, ao mesmo tempo, o médico Aléxis aliviou; cinco, ele purgou;
cinco <doentes> enfraquecidos ele viu, cinco ele puncionou[344] de novo.
Para todos eles uma noite, um remédio, um fabricante de caixões,
um enterro, uma entrada no Hades, um lamento.

Nicarco[345]. Antologia Palatina XI, 122:

Os humores nocivos acumulados tinham que ser mobilizados[346], o que era obtido pela aplicação de ventosas, fomentações, fumigações (inaladas ou por via vaginal) e cauterizações. Preconizava-se invariavelmente uma *dieta* (δίαιτα), que compreendia alterações em todo o estilo de vida[347]. Recomendações que envolviam o relacionamento do paciente com o meio exterior não eram esquecidas: o lugar da casa em que ficava o doente, banhos quentes e frios, exposição ao sol e ao vento, viagens, etc. Para a restauração da integridade do corpo em caso de ferimentos, fraturas, tumores e pólipos, o médico não hesitava em recorrer a procedimentos cirúrgicos, tais como incisões, debridamentos, drenagens, redução de fraturas e luxações e até mesmo amputações. Curativos, emplastros, bandagens e imobilizações eram aplicados, quando necessário, com cuidado e parcimônia[348]

A julgar por vários tratados hipocráticos (*Da arte*, *Da medicina antiga*, *Da dieta nas doenças agudas*, *Preceitos* e o parágrafo [3] deste tratado, entre outros), o médico precisava ter um bom domínio das técnicas de argumentação e persuasão[349]. Ele se encontrava freqüentemente na presença de amigos e familiares do doente, de outros médicos e mesmo de visitantes ocasionais (cf. Luciano, *O Mentiroso*), sem contar as pessoas que o procuravam no *iatreion*. Na Grécia antiga, o médico era considerado um artesão como os demais e precisava provar a todo momento que conhecia bem seu ofício. Lembremos mais uma vez que a profissão médica não dependia nem de estudo formal nem de sanção pelas autoridades constituídas, e que os médicos concorriam o tempo todo com charlatães e milagreiros de toda espécie. Na casa dos pacientes, no *iatreion*, em reuniões sociais e até mesmo em simples conversas na ágora da cidade em que se encontrava no momento, o médico grego precisava responder a perguntas sobre a saúde e a doença, tirar dúvidas, argumentar e convencer a todos que conhecia muito bem a doença e os modos apropriados de expurgá-la do corpo (cf. Edelstein, 1967). Nem

---

[344]. Além de "untar", o verbo ἐγχρίω pode significar também "picar, furar": tanto as fricções com óleo como as sangrias eram procedimentos comuns entre os médicos da Antigüidade.

[345]. Antologia Palatina XI, 122:

Πέντ' ἰητρὸς Ἄλεξις ἅμ' ἔκλυσε, πέντ' ἐκάθηρε,
πέντ' ἴδεν ἀρρώστους, πέντ' ἐνέχρισε πάλιν·
καὶ πᾶσιν μία νύξ, ἓν φάρμακον, εἷς σοροπηγός,
εἷς τάφος, εἷς Ἀΐδης, εἷς κοπετὸς γέγονεν.

[346]. Ver *Do médico*, p.181 e *Da natureza do homem*, p. 43.

[347]. Ver *Juramento*, p. 152.

[348]. Ver *Do médico*, 4.

[349]. Ver *Preceitos*, p.212.

sempre era bem sucedido, é claro, conforme se depreende de uma contundente carta de Catão, o Censor, a seu filho Marco (cf. Plínio, *História natural* 29, 6-7)[350].

Os parágrafos [9-10] nos ensinam que os médicos hipocráticos utilizavam medicamentos "simples", derivados provavelmente de uma só planta, e "compostos", misturados de acordo com fórmulas escritas. Uns e outros, após a preparação, mantinham seus efeitos durante um certo tempo e podiam então ser conservados. O tratado Φαρμακῖτις ("Livro de medicamentos"), que se perdeu, mencionado no tratado *Das doenças* (9, 15, 18, 23, 28, 40), continha provavelmente uma extensa lista das plantas e de outros tipos de medicamentos utilizados pelos médicos hipocráticos. As informações obtidas nos demais textos da coleção infelizmente são escassas e não compensam a perda; indicam, no entanto, que nos tratamentos hipocráticos predominava o princípio da *alopatia* (cf. Grmek, 1994)[351]. Parece que havia, nas cidades, plantas medicinais à venda no mercado (cf. Littré, 1844, p. 622). O autor do presente tratado, no entanto, preconizava que os ingredientes necessários para suas fórmulas fossem "apanhados nos locais convenientes e preparados como convém" (§[10]). Se não era o próprio médico quem coletava diretamente os medicamentos que utilizava, ao menos a preparação das fórmulas dependia dele. O autor do tratado *Das doenças das mulheres II*, por exemplo, no qual numerosas fórmulas são mencionadas, especificou claramente "prepare e aplique" nas instruções do parágrafo [148]. Isso significa que o médico era, a um só tempo, médico e farmacêutico[352] do paciente. Para tanto eram necessários, é claro, bons conhecimentos de botânica. É difícil fazer afirmações relativas ao médico médio daquela época; pelo menos os médicos que escreveram os tratados ginecológicos da coleção hipocrática devem ter sido botânicos notáveis, pois esses tratados[353] fazem referência a muitos medicamentos vegetais e muitas fórmulas. Também o tratado *De materia medica*, que relaciona cerca de 600 plantas e mais ou menos 100 produtos animais e minerais de acordo com suas propriedades medicinais, embora não faça parte da coleção, foi escrito por um médico grego chamado Dioscorides e marcou a história da Medicina, da Farmácia e da Botânica.

A questão da enfermagem na Antigüidade é um dos pontos mais obscuros em nosso conhecimento da medicina antiga. Não me refiro aqui ao tratamento hospitalar[354], e sim à efetivação dos cuidados médicos prescritos aos doentes em suas próprias casas. Nossas melhores fontes, os tratados da coleção hipocrática, não fazem menção direta ao assunto. Mesmo livros modernos sobre a história da medicina antiga, como o de Laín Entralgo (1970), ignoram totalmente essa questão; as únicas exceções notáveis são um curto ensaio de Jones, no volume II de suas edições da coleção hipocrática (Jones,1923, pp. xxx-xxxii) e um breve tópico no livro de André a respeito da medicina romana (André,1987). A figura da enfermeira profissional iria surgir na segunda metade do século XIX de nossa era; é

---

[350]. Ver Prado, 1999.

[351]. *Contraria contrariis*, isto é, usava-se o medicamento cujo efeito se opunha às alterações produzidas pela doença. Por exemplo: "às pessoas melancólicas, remédios que (purgam) a bile negra; aos hidrópicos (isto é, que acumulam líquidos), remédios que (purgam) a água" (cf. *Das doenças*, 36).

[352]. A nítida separação entre Medicina e Farmácia, vigente em nossos dias, efetivou-se muito recentemente, do século XVII em diante.

[353]. *Das doenças das mulheres*; *Das mulheres estéreis*; *Das doenças das virgens*; *Da concepção antes do parto*; *Da excisão do feto*; *Da natureza da mulher*.

[354]. Ver *Do médico*, p.180.

provável, no entanto, que desde muito cedo os médicos tenham tido necessidade do auxílio de outras pessoas para prestar os devidos cuidados aos doentes. Sabe-se que, em Roma, os cirurgiões recorriam ocasionalmente a assistentes para segurar o paciente durante cirurgias (cf. Celso, *Da medicina* VII, 7, 4b e 14c). Nada se sabe, no entanto, a respeito da qualificação dessas pessoas. No caso da Grécia Antiga, Jones assinala que as duas únicas evidências disponíveis são indiretas e vêm das histórias clínicas detalhadas, descritas nos livros do tratado *Epidemias*, de algumas curtas instruções no tratado *Da dieta nas doenças agudas* e do parágrafo [17] do tratado *Do decoro*. Segundo Jones, é pouco provável, a partir de *Epidemias*, que um médico tenha conseguido obter, sozinho, informações tão detalhadas sobre a evolução dos doentes, ao longo de tantos dias de acompanhamento; é provável que um auxiliar, sempre presente, tenha-se desincumbido da tarefa. Esse auxiliar, conforme o parágrafo [17] deste tratado, teria sido um dos alunos do médico; e note-se que, segundo o texto, esse aluno precisaria já ter sido "admitido nas coisas da arte", isto é, teria que já estar suficientemente preparado para a tarefa. Isso certamente esclarece algumas situações, mas não todas. E quanto aos médicos que não tinham alunos ou que acabaram de chegar a uma cidade?

Segundo o tratado *Aforismos*, o médico contava com a ajuda de outras pessoas para os tratamentos, aparentemente não ligadas a ele: "é preciso não somente (o médico) fazer o necessário, mas também o doente, os que o atendem e as circunstâncias exteriores" (*Aforismos*, I, 1)[355]. Será que esse dito se refere às pessoas capazes de entender e seguir as instruções médicas? Ou a expressão τοὺς παρέοντας, "os que estão presentes", se refere simplesmente à necessidade da colaboração das pessoas da casa? Jones acredita que os ajudantes do médico podem ter sido as mulheres que moravam com o doente, livres ou escravas, o que explicaria a falta de menção a elas — decorrência, certamente, do lugar ocupado pelas mulheres na sociedade grega (cf. Xenofonte, *Econômico*). A visão de Jones, no entanto, pode ser apenas um viés arcaizante, decorrente do fato de que, desde o final do século XIX até há poucas décadas, a enfermagem esteve relacionada, implicitamente, ao sexo feminino.

Finalmente, contra todas essas possibilidades, o parágrafo [17] do tratado *Do decoro* afirma categoricamente: "não recorrer aos leigos para nada". A questão permanece, então, irresoluta.

*

Outras traduções deste tratado para línguas modernas estão indicadas na Bibliografia: Littré, 1861; Jones, 1923; Fleischer, 1939; Lara Nava, 1983.

---

355. δεῖ δὲ οὐ μόνον ἑωυτὸν παρέχειν τὰ δέοντα ποιέοντα, ἀλλὰ καὶ τὸν νοσέοντα καὶ τοὺς παρέοντας καὶ τὰ ἔξωθεν.

12 PRECEITOS

Wilson A. Ribeiro Jr.

Onde está presente o amor ao homem
está também presente o amor à arte.
[§ 6]

Preceitos, assim como o *Do decoro*, está mal conservado, é um tanto obscuro e aborda mais de um tema. O autor faz inicialmente um curto comentário sobre a aquisição do conhecimento; depois, apresenta alguns assuntos relacionados com a etiqueta médica e por fim lista algumas notas esparsas, de difícil classificação.

Não se sabe com certeza se Erotiano, Crisipo e Galeno tiveram efetivamente acesso ao texto, como sugerem dois escólios. Ele parece pertencer ao grupo de tratados mais tardios da coleção hipocrática: características de vocabulário e de estilo situam a data da composição, com razoável probabilidade, nos séculos I ou II d.C.

O texto pode ser encontrado em M e em numerosos manuscritos tardios da Biblioteca Nacional de Paris. Na Aldina, ocupa as páginas 7-verso a 8-verso; em Littré, as páginas 246-273 do volume IX, publicado em 1861.

TRADUÇÃO

1. Há tempo quando existe momento oportuno e o momento oportuno existe quando não há muito tempo. Há cura com o tempo e, às vezes, também quando há momento oportuno. É preciso certamente ser um médico atento e que saiba essas coisas — não através de uma reflexão plausível, mas através de uma longa experiência com a razão, pois a reflexão é uma lembrança composta de coisas apreendidas com a percepção. É a percepção que, tendo percebido antes e julgado o que é evidente, envia para a inteligência as coisas que servem de fundamento e, muitas vezes, as admite e guarda de tal maneira que, depositadas em si mesma, recorda[356]. Eu aprovo também a reflexão, se ela constrói o princípio a partir de um incidente e faz metodicamente a dedução a partir de coisas que se mostram, pois, se

[356]. Isto é, a inteligência recorda.

a reflexão constrói o princípio a partir das coisas evidentes que se realizam, ela encontra o fundamento no poder da inteligência quando admite cada uma dessas coisas junto com as demais. Deve-se, portanto, conceber a natureza estimulada e ensinada por coisas numerosas, de todo tipo, sob a ação de uma força vital. E a inteligência, tendo depreendido por ela mesma, como eu disse, (nos) conduz mais tarde em direção à verdade. Mas, se ela não é acessível (à inteligência) a partir do que é evidente e sim de uma razão imaginada e plausível, muitas vezes leva (o doente) a uma disposição penosa e aflitiva. Os (médicos) que trabalham assim seguem um caminho impraticável. Que mal haveria se aqueles que praticam mal as obras da medicina recebessem recompensas; mas, nessas circunstâncias, (elas recaem) em seus inocentes pacientes, a quem a violência do adoecer não pareceria suficiente se não se juntasse a ela a inexperiência do seu médico. A respeito desses assuntos, portanto, já foi explicado o suficiente.

2. Não se obtém conclusões somente a partir de palavras, mas da demonstração de fatos, pois a força da conversação é inconstante e facilmente vacila. Em conseqüência, é preciso manter-se firme, em geral, quanto às coisas que acontecem e não cuidar dessas coisas com brevidade, se estiver destinado a ter o fácil e irrepreensível hábito que chamamos, efetivamente, de arte médica. Certamente isso dará grande vantagem sobre doentes e praticantes da cura[257]. Não hesite em fazer investigações junto aos leigos, se algo parece ter alguma utilidade para a ocasião do tratamento, pois parece ser assim que a arte se mostra na totalidade, através de cada resultado observado e posto em ordem em uma coisa única. É preciso, portanto, estar atento à situação freqüentemente associada à utilidade e à tranqüilidade mais do que a uma promessa e à justificativa que segue o insucesso.

3. É vantajosa a diversidade das coisas oferecidas ao doente e sua prévia determinação, porque somente uma coisa apresentada ajudará; não é preciso força, pois todas as doenças, através de numerosos estados e mudanças, estabilizam-se em um único estado.

4. Aconselho que, dentre as considerações, seja também examinado isto, pois acrescenta alguma coisa ao todo: se começar por tratar dos honorários, você dará a impressão a quem está sofrendo de que, se não houver acordo, irá embora e o abandonará, ou que o negligenciará e não oferecerá algo para a situação presente. Não é preciso, portanto, cuidar da fixação dos honorários, pois consideramos sem utilidade tal preocupação para quem está atormentado, principalmente em caso de doença aguda. Ela não estimula o bom médico a buscar o que é vantajoso: adquirir mais reputação. É melhor, portanto, censurar quem está salvo do que extorquir dinheiro dos que estão em perigo de morte.

[257]. O texto original traz a palavra δημιουργός, que designa os profissionais em geral e, na coleção hipocrática, os que se dedicam às práticas da cura e não são médicos (lembram os modernos "curandeiros").

5. Alguns doentes efetivamente apreciam o que tem um ar estranho e preferem o que é obscuro; são certamente dignos de indiferença, mas não de punição. É por isso que você naturalmente se oporá a eles, que estão atravessando uma transformação rumo à perplexidade[358]. E quem, por Zeus, em tudo irmanado a um médico, pratica a medicina com tal crueza que, examinando inicialmente a doença por inteiro, não prescreve coisa alguma que ajuda o tratamento, socorre o doente e não olha o pagamento, longe do desejo que dispõe ao aprendizado[359]?

6. Recomendo não levar a apantropia longe demais, considerar os recursos (do paciente) e seu meio de vida e, às vezes, (trabalhar) gratuitamente, trazendo à lembrança um benefício anterior ou a boa reputação[360] presente. E, havendo oportunidade de tratar quem é estrangeiro e está sem meios de subsistência, dê assistência, sobretudo aos que estão em tal condição. Onde está presente o amor ao homem está também presente o amor à arte. Alguns doentes, percebendo por si mesmos que sua doença não está estabilizada, contentes pela bondade do médico, mudam em direção à saúde. É bom manter os doentes sob vigilância, tendo em vista sua saúde; preocupar-se com os que têm boa saúde, tendo em vista a ausência de doenças; e preocupar-se também consigo mesmo, tendo em vista o decoro[361].

7. Aqueles que estão na mais profunda ignorância da arte não são capazes de perceber o que acabou de ser dito. Deles, que não são médicos, pode-se dizer que foram elevados acima de sua capacidade, com a necessária ajuda do acaso. Pelo fato de algumas pessoas ricas obterem um curto alívio, conseguem ter renome por meio dessas duas coisas[362]. Quando erram o alvo, o que é pior, mostram-se insolentes e desdenham as irrepreensíveis coisas da arte, nas quais um bom médico, que acusam de exercer a mesma profissão, mostraria sua melhor forma. Ele, que realiza facilmente curas irrepreensíveis, não transgrediria nada disso por falta de capacidade; pois não é indigno de fé, como no caso de erro. Em comparação, eles[363] não procedem ao tratamento quando observam estados de saúde alarmantes e evitam recorrer a outros médicos, pois detestam ajuda. Os doentes, aflitos, se vêem mergulhados em duas incapacidades, por não se terem confiado, até o fim, ao tratamento mais longo por meio da arte. A diminuição de qualquer doença para quem sofre traz um grande alívio; eis porque, necessitando de boa saúde, eles não querem aceitar sempre os mesmos tratamentos[364], concordando com as variações do médico. Os doentes ficam em apuros,

[358]. No original: σάλου. Traduzi aqui cf. o sentido do termo em Galeno (IX, 816).

[359]. Passagem obscura, interpretada de forma diversa por editores e tradutores.

[360]. εὐδοκιμίην, cf. manuscritos. Jones: εὐδοκίην.

[361]. Ver a apresentação de *Do Decoro.*

[362]. Isto é, em razão do acaso e da melhora dos doentes ricos.

[363]. Os que não são médicos.

[364]. A palavra χρῆσιν se refere, segundo o dicionário de Bailly, aos diversos tipos de relações entre duas pessoas. Com essa tradução procurei exprimir a complexa relação entre o médico e o doente.

pois a despesa é † extravagante †, prosternam-se diante da incompetência[365] e são ingratos ao encontrá-la. Quando têm recursos, esgotam-se com pequenos pagamentos, querendo na verdade estar saudáveis por causa . . . . . frutos do trabalho ou da sua terra, não se preocupando com qual deles contratar.

8. A respeito desse tipo de indicação é o bastante. O alívio e a piora do doente dependem da assistência médica. Não é inconveniente um médico, em dificuldade durante o atendimento de algum doente e inseguro devido à inexperiência, solicitar que venham outros para investigar os problemas do doente através do diálogo, e se tornem colaboradores no sentido de uma assistência com mais recursos. No acompanhamento de uma condição em que o sofrimento está aumentando, pela perplexidade do momento, a maioria das coisas se desvia. Nessas ocasiões é, portanto, obrigatório ser resoluto. Eu jamais fixarei esse limite, para que a arte seja condenada quanto a isso. E eles[366] nunca devem discutir ou recorrer a insultos, direi sob juramento, e nenhuma argumentação de um médico deveria despertar ciúmes de outro, pois seria demonstrar fraqueza. São certamente os vizinhos que, negociando na praça, fazem essas coisas sem dificuldade. Fica isso, portanto, compreendido sem equívoco, pois em todo percurso há percalço.

9. Com tudo isso, seria forte evidência para a existência da arte se qualquer um, ao praticar adequadamente a medicina, não se abstivesse de tais coisas, exortando os doentes a não ter nenhuma perturbação em mente, na ânsia de chegar ao momento da cura. Nós damos as orientações necessárias para atingir a saúde e (o doente), obedecendo, por certo não cometerá erros graves. Eles, os doentes, deixados a si mesmos em seu estado doloroso . . . . abandonam a vida. Se aquele que, tendo tomado o doente em suas mãos, demonstra as descobertas da arte, preservando a natureza sem alterá-la, afastará o <amargor>[367] presente ou a desconfiança imediata. A boa compleição do homem é uma natureza que, naturalmente, produz um movimento não de forma anormal[368], mas (sim), muito harmoniosamente, pela respiração, pelo calor e pela produção dos humores e, de todo modo, por toda a dieta e por essas coisas combinadas, se não houver alguma deficiência de nascença ou desde cedo[369]. Se houver alguma, estando ele[370] se enfraquecendo, tente atenuá-la

---

365. "Maldade", literalmente. Segui a lição de Jones, mais afinada com o texto.

366. Os médicos que estão tratando o doente.

367. πικρίην cf. Littré. Jones: ἀθυμίην.

368. ἀλλοτρίην, no original. Minha tradução segue o sentido do termo em Sorano de Éfeso (2, 5) e Galeno (14, 780).

369. Provavelmente algum problema surgido nos primeiros anos de vida.

370. O homem, ou o doente.

deixando-o próximo de sua natureza essencial[371], pois aquilo que desgasta, por algum tempo, é contrário à natureza.

10. Deve-se evitar o luxo das bandagens de cabeça para obter a cura e de perfume elaborado; pois com muita coisa não usual você terá obtido uma calúnia; com pouca, o decoro. Com efeito, dor em uma parte (do corpo) é pouco; em todo, muito. Eu não afasto a amabilidade, pois é digna do comportamento de um médico.

11. E tenha presente na memória a aplicação de instrumentos, a explicação dos sinais significantes e assuntos desse teor.

12. E se desejar fazer uma conferência em benefício de uma multidão reunida, não anseie por muita glória e, ao menos, não recorra ao testemunho dos poetas, pois isso mostra falta de diligência[372]. Rejeito, portanto, para a citação, outro tipo de diligência que não a pesquisada com esforço, porque só nela se tem uma seleção agradável; e você evitará, desse modo, a vã atividade de um zangão no meio do cortejo.

13. Uma disposição livre do aprendizado tardio é também desejável: que não resolve nenhuma das coisas presentes e tem somente uma lembrança sofrível das ausentes. Surge, conseqüentemente, uma incompetência preparada para qualquer coisa, acompanhada de impulsividade juvenil, sem nenhum cuidado com a boa aparência, definições, promessas, juramentos realmente grandes em nome dos deuses, da parte do médico encarregado da doença, enquanto leigos confusos se perdem em admiração pela linguagem florida utilizada em exposições e instruções contínuas, já reunidas antes mesmo de eles estarem comprometidos por uma doença[373]. E nos lugares em que estou encarregado de tais casos, não teria a confiança de pedir a tais homens uma reunião para ajudar no tratamento, pois neles é disperso[374] o entendimento do que se aprende pela investigação conveniente. Como eles são, portanto, incapazes de compreensão por necessidade, recomendo a experiência como útil: a investigação de opiniões vem depois[375]. Quem tem o desejo de querer[376]

---

371. Frase de sentido um tanto obscuro; significa, provavelmente, que se deve tentar deixar o doente o mais perto possível da saúde anterior. A tradução apresentada inspirou-se, em parte, na de Littré.

372. φιλοπονία: *lit.* amor ao trabalho. O autor se refere, aparentemente, ao trabalho de procurar citações, daí a tradução para "diligência".

373. A interpretação dessa longa frase é bastante incerta; na segunda parte, em especial (enquanto leigos...), segui de perto a tradução de Jones.

374. διεσπαρμένη cf. manuscritos. Jones: διεσπασμένη.

375. μεθ' ὑστέρησις cf. manuscritos. Jones: μεθυστέρησις. O sentido segue, provavelmente, o do substantivo ὕστερος.

376. ἐθέλειν cf. manuscritos. Jones: ἐθέλων.

investigar genuinamente várias opiniões divergentes, em detrimento da segurança da mão experiente?[377] Aconselho-os, por isso, a ficarem atentos ao que eles dizem, mas a se oporem ao que eles fazem.

14. Nas dietas restritas[378], não † reprima † durante muito tempo um desejo constante do doente[379]. Em doenças de longa duração[380], a indulgência também faz (o doente) se levantar da cama, se alguém der a atenção devida ao cego[381]. Um grande medo deve ser evitado, assim como a alegria intensa. Um distúrbio súbito de ar também deve ser evitado. No auge da idade todas as coisas são fáceis; no declínio, o contrário. A afasia ocorre ou por causa de uma doença, ou por causa dos ouvidos[382], de uma das primeiras coisas reveladas do que eles têm para dizer, ou de uma coisa que pretendem dizer daquilo que têm em mente. Isso realmente é dito, sem doença visível, quando se está em harmonia e se gosta da arte[383]. O vigor da juventude[384], quando é pequena a parte afetada pela doença[385], é às vezes muito grande. A irregularidade[386] da doença indica sua (longa) duração. A crise é a resolução da doença. Um problema de curta duração[387] tem cura, a menos que ele afete um lugar vital. Como a simpatia na doença causa transtornos, algumas pessoas os sofrem quando simpatizam[388] com outras. Falar alto é prejudicial. Para um intenso amor ao trabalho, uma escusa[389]. Um lugar † cercado de bosques †[390] é vantajoso.

---

[377]. Frase um pouco confusa; recorri, mais uma vez, à interpretação de Jones.

[378]. Em Sorano de Éfeso (2, 15) o verbo συστέλλω tem o sentido de "privar de toda água e comida".

[379]. A coerência deste trecho é bastante discutível. Segui, basicamente, a leitura de López Férez.

[380]. χρονίῃ, aqui, equivale provavelmente ao que chamamos hoje de "doenças crônicas".

[381]. Isto é, o paciente não sabe o que é bom para ele (cf. Jones, n. 2, p. 331).

[382]. Isto é, de um problema de audição.

[383]. Aqui, aparentemente, o autor se refere a qualquer arte, e não apenas à arte médica.

[384]. "φιλοτεχνοῦσιν. ἡλικίης," cf. a pontuação de Littré. Jones: φιλοτεχνοῦσιν, ἡλικίης, ...

[385]. Trecho controvertido por causa da palavra ὑποκειμένου. Minha tradução, um pouco diferente das de Jones, Littré e López Ferez, acompanhou o sentido geral do verbo ὑπόκειμαι em Políbio 1,81,6.

[386]. Cf. o sentido da palavra ἀταξίη no tratado hipocrático *Prenoções cóicas*, 211 (ed. Littré).

[387]. A versão de αἰτία (motivo, causa) para "problema" e de σμικρή para "curta", embora um tanto afastada da interpretação tradicional, procura complementar o sentido da frase anterior, que menciona explicitamente a duração da doença.

[388]. συμπαθέω, "ter sua parte, compartilhar do sofrimento de", conserva nesta frase seu sentido primitivo.

[389]. Passagem incerta nos manuscritos; a restauração é muito aproximada. A palavra ὑποπαραίτησις deriva, possivelmente, do verbo παραιτέομαι, "pedir / obter através de preces". Na tradução, segui López Férez.

[390]. ἀλσώδης cf. Foes. Jones: † ἀλυώδης †.

ΠΑΡΑΓΓΕΛΙΑΙ

1. Χρόνος ἐστὶν ἐν ᾧ καιρός, καὶ καιρὸς ἐν ᾧ χρόνος οὐ πολύς· ἄκεσις κρόνῳ, ἔστι δὲ ἡνίκα καὶ καιρῷ. δεῖ γε μὴν ταῦτα εἰδότα μὴ λογισμῷ πρότερον πιθανῷ προσέχοντα ἰητρεύειν, ἀλλὰ τριβῇ μετὰ λόγου. ὁ γὰρ λογισμὸς μνήμη τίς ἐστι συνθετικὴ τῶν μετ᾽ αἰσθήσιος ληφθέντων. ἐφαντασιώθη γὰρ ἐναργέως ἡ αἴσθησις προπαθὴς καὶ ἀναπομπὸς ἐοῦσα ἐς διάνοιαν τῶν ὑποκειμένων, ἡ δὲ παραδε– ξαμένη πολλάκις, οἷς ὅτε ὁκοίως τηρήσασα, καὶ ἐς ἑωυτὴν καταθεμένη, ἐμνημόνευσεν. συγκαταινέω μὲν οὖν καὶ τὸν λογισμόν, ἤνπερ ἐκ περιπτώσιος ποιῆται τὴν ἀρχήν, καὶ τὴν καταφορὴν ἐκ τῶν φαινομένων μεθοδεύῃ. ἐκ γὰρ τῶν ἐναργέως ἐπιτελεομένων ἢν τὴν ἀρχὴν ποιήσηται ὁ λογισμός, ἐν διανοί ης δυνάμει ὑπάρχων εὑρίσκεται, παραδεχομένης αὐτῆς ἕκαστα παρ᾽ ἄλλων. ὑποληπτέον οὖν τὴν φύσιν ὑπὸ τῶν πολλῶν καὶ παντοίων πρηγμάτων κινηθῆναί τε καὶ διδαχθῆναι, βίης ὑπεούσης· ἡ δὲ διάνοια παρ᾽ αὐτῆς λαβοῦσα, ὡς προεῖπον, ὕστερον ἐς ἀληθείην ἤγαγεν. εἰ δὲ μὴ ἐξ ἐναργέος ἐφόδου, ἐκ δὲ πιθανῆς ἀναπλάσιος λόγου, πολλάκις βαρείην καὶ ἀνιηρὴν ἐπήνεγκε διάθεσιν. οὗτοι δὲ ἀνοδίην χειρίζουσι. τί γὰρ ἂν ἦν κακόν, ἢν τὰ ἐπίχειρα ἐκομίζοντο οἱ τὰ τῆς ἰητρικῆς ἔργα κακῶς δημιουργέοντες; νῦν δὲ τοῖς ἀναιτίοις ἐοῦσι τῶν καμνόντων, ὁκόσοις οὐχ ἱκανὴ ἐφαίνετο ἐοῦσα τοῦ νοσεῖν βίη, εἰ μὴ συνέλθοι τῇ τοῦ ἰητροῦ ἀπειρίῃ. περὶ μὲν οὖν τούτων ἅλις ἔστω διειλεγμένα.

2. Τῶν δ᾽ ὡς λόγου μόνου συμπεραινομένων μὴ εἴη ἐπαύρασθαι, τῶν δὲ ὡς ἔργου ἐνδείξιος· σφαλερὴ γὰρ καὶ εὔπταιστος ἡ μετ᾽ ἀδολεσχίης ἰσχύρισις. διὸ καὶ καθόλου δεῖ ἔχεσθαι τῶν γινομένων, καὶ περὶ ταῦτα μὴ ἐλαχίστως γίνεσθαι, ἢν μέλλῃ ἕξειν ῥηϊδίην καὶ ἀναμάρτητον ἕξιν ἣν δὴ ἰητρικὴν προσαγορεύομεν. κάρτα γὰρ μεγάλην ὠφελίην περιποιήσει τοῖς γε νοσέουσι καὶ τοῖς τούτων δημιουργοῖς. μὴ ὀκνεῖν δὲ παρὰ ἰδιωτέων ἱστορεῖν, ἤν τι δοκῇ συνοίσειν ἐς καιρὸν θεραπείης. οὕτω γὰρ δοκέω τὴν σύμπασαν τέχνην ἀναδειχθῆναι, διὰ τὸ ἐξ ἑκάστου τι τοῦ τέλους τηρηθῆναι καὶ ἐς ταὐτὸ συναλισθῆναι. προσέχειν οὖν δεῖ τῇ περιπτώσει τῇ ὡς ἐπὶ τὸ πολύ, καὶ μετ᾽ ὠφελίης καὶ ἠρεμαιότητος μᾶλλον ἢ ἐπαγγελίης καὶ ἀπολογίης τῆς μετ᾽ ἀπρηξίης.

3. Χρήσιμος δὲ καὶ ποικίλος τῶν προσφερομένων τῷ νοσέοντι καὶ ὁ προορισμός, ὅτι μόνον τι προσενεχθὲν ὠφελήσει· οὐ γὰρ ἰσχυρίσιος δεῖ· πάντα γὰρ τὰ πάθη διὰ πολλὰς περιστάσιας καὶ μεταβολὰς μονῇ τινι προσκαθίζει.

4. Παραινέσιος δ᾽ ἂν καὶ τοῦτο ἐπιδεηθείη τῆς θεωρίης· συμβάλλει γάρ τι τῷ σύμπαντι· εἰ γὰρ ἄρξαιο περὶ μισθαρίων τῷ μὲν ἀλγέοντι τοιαύτην διανόησιν

ἐμποιήσεις τὴν ὅτι ἀπολιπὼν αὐτὸν πορεύσει μὴ συνθέμενος, ἢ ὅτι ἀμελήσεις καὶ οὐχ ὑποθήσει τινὰ τῷ παρεόντι. ἐπιμελεῖσθαι οὖν οὐ δεῖ περὶ στάσιος μισθοῦ· ἄχρηστον γὰρ ἡγεύμεθα ἐνθύμησιν ὀχλεομένῳ τὴν τοιαύτην, πολὺ δὲ μᾶλλον ἐν ὀξεῖ νοσήματι· νούσου γὰρ ταχυτὴς καιρὸν μὴ διδοῦσα ἐς ἀναστροφὴν οὐκ ἐποτρύνει τὸν καλῶς ἰητρεύοντα ζητεῖν τὸ λυσιτελές, ἔχεσθαι δὲ δόξης μᾶλλον. κρέσσον οὖν σῳζομένοις ὀνειδίζειν ἢ ὀλεθρίως ἔχοντας προμύσσειν.

5. Καί τοι ἔνιοι νοσέοντες ἀξιοῦσι τὸ ξενοπρεπὲς καὶ τὸ ἄδηλον προκρίνοντες, ἄξιοι μὲν ἀμελείης, οὐ μέντοι γε κολάσιος. διὸ τούτοις ἀντιτάξει εἰκότως μεταβολῆς ἐπὶ σάλου πορευομένοις. τίς γάρ, ὦ πρὸς Διός, ἠδελφισμένος ἰητρὸς ἰητρεύει τοσαύτῃ ἀτεραμνίῃ ὥστε ἐν ἀρχῇ ἀνακρίνοντα πᾶν πάθος μὴ οὐχ ὑποθέσθαι τινὰ συμφέροντα ἐς θεραπείην, ἀποθεραπεῦσαί τε τὸν νοσέοντα καὶ μὴ παριδεῖν τὴν ἐπικαρπίην, ἄνευ τῆς ἐπισκευαζούσης ἐς μάθησιν ἐπιθυμίης;

6. Παρακελεύομαι δὲ μὴ λίην ἀπανθρωπίην ἐσάγειν, ἀλλ᾽ ἀποβλέπειν ἔς τε περιουσίην καὶ οὐσίην· ὁτὲ δὲ προῖκα, ἀναφέρων μνήμην εὐχαριστίης προτέρην ἢ παρεοῦσαν εὐδοκίην. ἢν δὲ καιρὸς εἴη χορηγίης ξένῳ τε ἐόντι καὶ ἀπορέοντι, μάλιστα ἐπαρκεῖν τοῖς τοιούτοις· ἢν γὰρ παρῇ φιλανθρωπίη, πάρεστι καὶ φιλοτεχνίη. ἐνίοι γὰρ νοσέοντες ᾐσθημένοι τὸ περὶ ἑωυτοὺς πάθος μὴ ἐὸν ἐν ἀσφαλείῃ, καὶ τῇ τοῦ ἰητροῦ ἐπιεικείῃ εὐδοκέουσι, μεταλλάσσοντες ἐς ὑγιείην. εὖ δ᾽ ἔχει νοσεόντων μὲν ἐπιστατεῖν, ἕνεκεν ὑγιείης, ὑγιαινόντων δὲ φροντίζειν, ἕνεκεν ἀνοσίης· φροντίζειν καὶ ἑωυτῶν ἕνεκεν εὐσχημοσύνης.

7. Οἱ μὲν οὖν ἐόντες ἐν βυθῷ ἀτεχνίης τῶν προλελεγμένων οὐκ ἂν αἰσθάνοιντο. καὶ γὰρ οὗτοι ἀνίητροι ἐόντες ἐλέγχοιντ᾽ ἂν ἐκ ποδὸς ὑψεύμενοι, τύχης γε μὴν δεόμενοι. ὑπὸ γάρ τινων εὐπόρων, καὶ στενῶν ἔνδοσιν ἀναλαμβανόντων, ἑκατέρη ἐπὴν ἐπιτύχωσι, εὐδοκιμέουσι, καὶ διαπιπτόντων ἐπὶ τὸ χεῖρον καταχλιδεῦσι, καταμεμεληκότες τὰ τῆς τέχνης ἀνυπεύθυνα, ἐφ᾽ οἷς ἂν ἰητρὸς ἀγαθὸς ἀκμάζοι ὁμότεχνος καλεόμενος. ὁ δὲ τὰς ἀκέσιας ἀναμαρτήτους ῥηϊδίως ἐπιτελέων οὐδὲν ἂν τούτων παραβαίη σπάνει τοῦ δύνασθαι· οὐ γὰρ ἄπιστός ἐστιν ὡς ἐν ἀδικίῃ. πρὸς γὰρ θεραπείην οὐ γίνονται σκοπέοντες διάθεσιν φλεβονώδεα, φυλασσόμενοι ἑτέρων ἰητρῶν ἐπεσαγωγήν, ἐνόντες ἐν μισοπονηρίῃ βοηθήσιος. οἵ τε νοσέοντες ἀνιώμενοι νήχονται ἐπὶ ἑκατέρῃ μοχθηρίῃ μὴ ἐγκεχειρικότες ἑωυτοὺς ἕως τέλεος τῇ ἐν τῇ τέχνῃ πλείονι θεραπείῃ· ἄνεσις γὰρ νούσου τινὸς κάμνοντι παρέχει μεγάλην ἀλεωρήν· διὸ δεόμενοι τὴν ὑγιεινὴν διάθεσιν οὐκ ἐθέλουσι τὴν αὐτὴν χρῆσιν αἰεὶ προσδέχεσθαι, ὁμονοέοντες ἰητροῦ ποικιλίῃ· † πολυτελείης † γὰρ ἀπορέουσιν οἱ νοσέοντες, κακοτροπίῃ προσκυνέοντες καὶ ἀχαριστέοντες συντυχεῖν. δυνατοὶ ἐόντες εὐπορεῖν, διαντλίζονται περὶ μισθαρίων, ἀτρεκέως ἐθέλοντες ὑγιέες εἶναι εἵνεκεν ..... ἐργασίης τόκων ἢ γεωργίης, ἀφροντιστέοντες περὶ αὐτῶν λαμβάνειν.

8. Περὶ σημασίης τοιαύτης ἅλις ἔστω· ἄνεσις γὰρ καὶ ἐπίτασις νοσέοντος ἐπινέμησιν ἰητρικὴν κέχρηνται. οὐκ ἀσχήμων δέ, οὐδ᾽ ἤν τις ἰητρὸς στενοχωρέων τῷ παρεόντι ἐπί τινι νοσέοντι καὶ ἐπισκοτεόμενος τῇ ἀπειρίῃ κελεύῃ καὶ ἑτέρους ἐσάγειν, εἵνεκα τοῦ ἐκ κοινολογίης ἱστορῆσαι τὰ περὶ τὸν νοσέοντα, καὶ συνεργοὺς γενέσθαι ἐς εὐπορίην βοηθήσιος. ἐν γὰρ κακοπαθείῃς παρεδρίῃ ἐπιτείνοντος τοῦ πάθεος, δι᾽ ἀπορίην τὰ πλεῖστα ἐκκλίνουσι τῷ παρέοντι· θαρρητέον οὖν ἐν καιρῷ τοιούτῳ· οὐδέποτε γὰρ ἐγὼ τὸ τοιοῦτο ὁριεῦμαι, ὅτι ἡ τέχνη κέκριται περὶ τούτου. μηδέποτε φιλονεικεῖν προσκυρέοντας ἑωυτοῖσι καὶ κατασιλλαίνειν· ὃ γὰρ ἂν μεθ᾽ ὅρκου ἐρέω, οὐδέποτε ἰητροῦ λογισμὸς φθονήσειεν ἂν ἑτέρῳ· ἀκιδνὸς γὰρ ἂν φανείη· ἀλλὰ μᾶλλον οἱ ἀγχιστεύοντες ἀγοραίης ἐργασίης πρήσσουσι ταῦτα εὐμαρέως. καίτοι γε οὐδὲ ψευδέως κατανενόηται· πάσῃ γὰρ εὐπορίῃ ἀπορίη ἔνεστι.

9. Μετὰ τούτων δὲ πάντων μέγα ἂν τεκμήριον φανείη σὺν τῇ οὐσίῃ τῆς τέχνης, εἴ τις καλῶς ἰητρεύων προσαγορεύσιος τοιαύτης μὴ ἀποσταίη, κελεύων τοῖσι νοσέουσι μηδὲν ὀχλεῖσθαι κατὰ διάνοιαν ἐν τῷ σπεύδειν ἀφικέσθαι ἐς καιρὸν σωτηρίης· ἡγεύμεθα γὰρ ἃ χρὴ ἐς τὴν ὑγιείην. καὶ προστασσόμενός γε οὐ διαμαρτήσει· αὐτοὶ μὲν γὰρ οἱ νοσέοντες διὰ τὴν ἀλγεινὴν διάθεσιν ἀπαυδέοντες ἑωυτούς τε . . . . . μεταλλάσσουσι τῆς ζωῆς· ὁ δ᾽ ἐγκεχειρισμένος τὸν νοσέοντα, ἢν ἀποδείξῃ τὰ τῆς τέχνης ἐξευρήματα, σῴζων οὐκ ἀλλοιῶν φύσιν, ἀποίσει τὴν παρεοῦσαν πικρίην ἢ τὴν παραυτίκα ἀπιστίην. ἡ γὰρ τοῦ ἀνθρώπου εὐεξίη φύσις τίς ἐστι φύσει περιπεποιημένη κίνησιν οὐκ ἀλλοτρίην, ἀλλὰ λίην γε εὐαρμοστεῦσαν, πνεύματί τε καὶ θερμασίῃ καὶ χυμῶν κατεργασίῃ, πάντῃ τε καὶ πάσῃ διαίτῃ καὶ τοῖσι σύμπασι δεδημιουργημένη, ἢν μή τι ἐκ γενετῆς ἢ ἀπ᾽ ἀρχῆς ἔλλειμα ᾖ· ἢν δὲ γένηταί τι, ἐξιτήλου ἐόντος, πειρᾶσθαι ἐξομοιοῦν τῇ ὑποκειμένῃ· παρὰ γὰρ φύσιν τὸ μινύθημα καὶ διὰ χρόνου.

10. Φευκτέη δὲ καὶ θρύψις ἐπικρατίδων διὰ προσκύρησιν ἀκέσιος, ὀδμή τε περίεργος· διὰ γὰρ ἱκανὴν ἀσυνηθείην διαβολὴν κεκτήσει, διὰ δὲ ὀλίγην, εὐσχημοσύνην· ἐν γὰρ μέρει πόνος ὀλίγος, ἐν πᾶσι ἱκανός. εὐχαρίην δὲ οὐ περιαιρέω· ἀξίη γὰρ ἰητρικῆς προστασίης.

11. Προσθέσιος δὲ δι᾽ ὀργάνων καὶ σημαντικῶν ἐπιδείξιος, καὶ τῶν τοιουτοτρόπων μνήμην παρεῖναι.

12. Ἢν δὲ καὶ εἵνεκεν ὁμίλου θέλῃς ἀκρόασιν ποιήσασθαι, οὐκ ἀγακλεῶς ἐπιθυμεῖς, μὴ μέντοι γε μετὰ μαρτυρίης ποιητικῆς· ἀδυναμίην γὰρ ἐμφαίνει φιλοπονίης· ἀπαρνέομαι γὰρ ἐς χρῆσιν ἑτέρην φιλοπονίην μετὰ πόνου ἱστοριευμένην, διὸ ἐν ἑωυτῇ μούνῃ αἵρεσιν ἔχουσαν χαρίεσσαν· περιποιήσει γὰρ κηφῆνος μετὰ παραπομπῆς ματαιοκοπίην.

13. Εὐκτέη δὲ καὶ διάθεσις ἐκτὸς ἐοῦσα ὀψιμαθίης· παρεόντων μὲν οὐδὲν ἐπιτελεῖ· ἀπεόντων δὲ μνήμη ἀνεκτή. γίνεται τοίνυν πάμμαχος ἀτυχίη, μετὰ λύμης νεαρῆς, ἀφροντιστεῦσα εὐπρεπίης, ὁρισμοῖς τε καὶ ἐπαγγελίῃσιν, ὅρκοις τε παμμεγέθεσιν θεῶν εἵνεκεν, ἰητροῦ προστατέοντος νούσου, ἀναγνώσιος συνεχείης κατηχήσιός τε ἰδιωτέων φιλαλυστέων λόγους ἐκ μεταφορῆς διαζηλευομένων, καὶ πρὶν ἢ νούσῳ καταπορέωσιν ἠθροισμένων. τῶν μὲν οὖν τοιούτων ὅποι ἂν καὶ ἐπιστατήσαιμι, οὐκ ἂν ἐπὶ θεραπείης συλλόγου αἰτήσαιμι ἂν θαρσαλέως βοηθείην· ἱστορίης γὰρ εὐσχήμονος σύνεσις ἐν τούτοις διεσπαρμένη. τούτων οὖν δι᾽ ἀνάγκην ἀσυνέτων ἐόντων, παρακελεύομαι χρησίμην εἶναι τὴν τρίβην, μέθ᾽ ὑστέρησιν δογμάτων ἱστορίης. τίς γὰρ ἐπιθυμεῖ δογμάτων μὲν πολυσχιδίην ἀτρεκέως ἐθέλειν ἱστορεῖν, μετὰ δὲ χειροτριβίης ἀτρεμεότητα; διὸ παραινέω τούτοις λέγουσι μὲν προσέχειν, ποιέουσι δὲ ἐγκόπτειν.

14. Συνεσταλμένης διαίτης μὴ μακρὴν † ἐγχειρεῖν † τοῦ κάμνοντος χρονίην ἐπιθυμίην· ἀνίστησι καὶ συγχωρίη ἐν χρονίῃ νούσῳ, ἢν τις προσέχῃ τυφλῷ τὸ δέον. ὡς μέγας φόβος φυλακτέος, καὶ χαρᾶς δεινότης. ἠέρος αἰφνιδίη ταραχὴ φυλακτέη. ἀκμὴ ἡλικίης πάντα ἔχει χαρίεντα, ἀπόληξις δὲ τοὐναντίον. ἀσαφίη δὲ γλώσσης γίνεται ἢ διὰ πάθος, ἢ διὰ τὰ ὦτα, ἢ πρὶν τὰ πρότερα ἐξαγγεῖλαι ἕτερα ἐπιλαλεῖν, ἢ πρὶν τὸ διανενοημένον εἰπεῖν ἕτερα ἐπιδιανοεῖσθαι· τοῦτο μὲν οὖν ἄνευ πάθους ὁρατοῦ λελεγμένου μάλιστα συμβαίνει φιλοτεχνοῦσιν, ἡλικίης, σμικροῦ ἐόντος τοῦ ὑποκειμένου, δύναμις ἐνίοτε παμπολλή. νούσου ἀταξίη μῆκος σημαίνει· κρίσις δὲ ἀπόλυσις νούσου. σμικρὴ αἰτίη ἄκεσις γίνεται, ἢν μή τι περὶ τόπον καίριον πάθῃ. διότι συμπάθησις ὑπὸ λύπης ἐοῦσα ὀχλεῖ, ἐξ ἑτέρου συμπαθείης τινὲς ὀχλεῦνται. καταύδησις λυπεῖ. φιλοπονίης κραταιῆς ὑποπαραίτησις. † ἀλσώδης † τόπος ὀνησιφόρος.

COMENTÁRIOS

Devido a sua considerável extensão, diversas passagens do tratado são de difícil entendimento, impedindo muitas vezes a compreensão total do texto. Jones comentou, atônito, que editores do calibre de Ermerins[391] deixaram parágrafos inteiros sem tradução, e reconheceu, ademais, que o estabelecimento do texto ainda não é satisfatório, dadas as deficiências dos manuscritos sobreviventes (Jones, 1923, p.305). A grande quantidade de expressões truncadas e de palavras estranhas e raras[392] também levaram Littré a afirmar,

[391]. *Hippocratis et aliorum medicorum veterum reliquiae.* Edidit Franciscus Zacharias Ermerins. Trajecti ad Rhenum, 3 vols., 1859-1864.

[392]. Jones, na apresentação de sua edição, fez uma lista das vinte palavras mais complicadas

décadas antes, que o sentido indeterminado de muitas passagens fazia de *Preceitos* "o tratado mais difícil de compreender de toda a coleção" (Littré, 1861).

Isto posto, é inevitável a comparação entre os tratados *Preceitos* e *Do decoro*. Bensel reconheceu grandes similaridades entre *Do médico*, *Do decoro* e *Preceitos* (Bensel, 1922); mas os autores desses textos, a julgar pelo estilo, eram pessoas completamente distintas (cf.Jones, 1923; Fleischer, 1939). Os autores dos dois últimos tratados, no entanto, devem ter sido médicos de alguma projeção e cercados de discípulos que precisavam ser treinados e orientados. O estilo do autor de *Preceitos*, notadamente, se caracteriza pela brevidade aforística, pelo gosto por expressões pouco usuais e por uma linguagem alusiva e metafórica que lembra um pouco os poetas líricos (cf. Jones, 1923). Jones sugeriu também que, além de ser um imperfeito conhecedor do grego, o autor de *Preceitos* pode ter sido um médico romano que decidiu escrever em grego — e até identificou certas passagens nos parágrafos [4], [5] e [13] que corresponderiam à transposição de expressões latinas para o grego (Jones, 1923). O estado do texto, infelizmente, não nos permite concordar com essa interessante tese, ou dela discordar.

Enquanto *Do decoro* tem problemas textuais pontuais, *Preceitos* apresenta dificuldades de interpretação em quase todos os parágrafos, muitas delas insuperáveis, conforme reconheceu Littré (Littré, 1861). Mesmo assim, as informações que o tratado nos fornece a respeito da prática médica na Antigüidade são importantes, não só para a história da medicina, mas também para a história da ciência. O tom do texto, professoral e argumentativo, corresponde provavelmente a uma aula ou conferência que um médico experiente preparou para apresentar a estudantes ou a médicos mais jovens. A obscuridade do estilo, infelizmente, prejudica uma análise mais criteriosa da argumentação e das recomendações apresentadas.

Pode-se dividir o tratado em três seções: a primeira compreendendo os parágrafos [1] e [2], que tratam da natureza do conhecimento adquirido e sua aplicação à medicina; a segunda, os parágrafos [3-13], dedicados à ética médica; o parágrafo [14], que forma sozinho a terceira parte, contém apenas frases sem relação aparente entre si ou entre os temas tratados nos parágrafos precedentes. Devido à frouxa conexão entre todos os assuntos abordados e entre algumas frases da segunda parte, não se pode afastar a possibilidade de que *Preceitos* seja uma coletânea de textos de autores diversos; Jones, todavia, reconheceu que há alguma unidade de estilo entre os quatorze parágrafos (Jones, 1923, p.307).

A primeira frase do parágrafo [1] é um exemplo da brevidade aforística do autor. A julgar por uma glosa descoberta no *Urbinas Graecus 68*, manuscrito do século XIV[393], a passagem despertou a atenção dos críticos antigos. Para Littré, o autor da glosa teria sido o médico Galeno de Pérgamo que relata, inicialmente, que o filósofo Crisipo teria interpretado a passagem de forma alegórica (Littré, 1861). Ele afirmava que χρόνος ("tempo") exprimia a teoria, adquirida pelo tempo, e καιρός ("momento oportuno"), a experiência; aqueles que se dedicam à medicina deveriam, portanto, confiar na experiência e não apenas na

[1]. Atualmente na Biblioteca do Vaticano.

teoria. O médico Arquígenes opinara que χρόνος era a duração total da doença, enquanto καιρός corresponderia a cada uma de suas quatro etapas: começo, agravamento (ἀνάβασις), ápice (ἀκμή)e declínio. A cura se daria no καιρός, antes do declínio, e é por isso que o médico não deve confiar apenas na teoria: segundo a teoria, as doenças se definem durante o declínio. Galeno, a seguir, menciona brevemente outras interpretações, sem nomear os autores e, por fim, nos dá a sua leitura: "o tempo (χρόνος) da arte é aquele em que o καιρός muda e modifica o corpo; a mudança é a fase onde o poder da arte é curto e obscuro. A cura se dá pela arte, mas também se dá às vezes espontaneamente, por uma modificação favorável do corpo"[394]. A glosa data, ao que parece, da época de Galeno; Diller propôs uma data mais tardia, no século VI ou VII (Diller, 1933); Fleischer considerou-a espúria (Fleischer, 1939).

Creio, independentemente da plausibilidade dessa interessante glosa, que a intenção precípua do autor foi tão-somente chamar a atenção para a importante diferença entre o conhecimento obtido pela elucubração teórica e o conhecimento decorrente da aplicação do raciocínio em fatos adequadamente observados. Depois de iniciar o tema com uma frase de impacto, apresentando os conceitos envolvidos de forma gnômica, traça largamente uma teoria do conhecimento (López Férez, 1983). O tipo mais adequado para a prática médica seria, certamente, o último, pois médicos que agem de outro modo "seguem um caminho impraticável"; isso é inadmissível, pois as conseqüências não recaem sobre eles, e sim "em seus inocentes pacientes". A terminologia se baseia, naturalmente, nos conceitos da época a respeito das doenças em geral. Segundo a coleção hipocrática, as doenças evoluem de forma silenciosa durante um certo tempo (CH: *Da arte*, *Da dieta*) e, posteriormente, se localizam em uma parte do corpo (cf. Ayache, 1992). O momento crucial da evolução seria a κρίσις, "crise", momento em que a doença se define rumo à cura, ou não: cabe ao bom médico identificar o "momento oportuno" (καιρός) da sua intervenção (Rey, 1946; Ayache, 1992). O momento oportuno não dura muito tempo (CH, *Aforismos*, I, 1[395]); conseqüentemente, não há tempo a perder.

Jones notou que a linguagem empregada nesse parágrafo tem amplos paralelos com a filosofia, especialmente com as doutrinas de Epicuro. Há, efetivamente, algumas semelhanças entre a linguagem do autor e a *Carta a Heródoto*, de Epicuro, conservada por Diógenes Laércio (*Vida e doutrina dos filósofos ilustres* X, 35-83). López Ferez, por outro lado, encontrou muitas idéias que "eram patrimônio geral e comum de todas as escolas filosóficas helenísticas" e observou que o autor, do ponto de vista doutrinário, era mais propriamente um eclético (López Férez, 1983). Desse modo, como todo erudito que viveu na época do Império Romano, o autor de *Preceitos* era um bom conhecedor das principais correntes filosóficas da época[396].

---

394. Cf. Dahremberg (*apud* Littré, 1861, pp. 250-251).

395. Ver *Do Médico*.

396. Ver os comentários ao tratado *Do decoro*.

No parágrafo [2], após desmerecer informações obtidas através da mera conversação, o autor reitera seu argumento de que a arte médica depende, obrigatoriamente, de fatos observados e organizados com cuidado. Seria esta uma crítica velada a conclusões baseadas unicamente nos sintomas relatados por doentes e familiares? Como esse é o único método empregado por curandeiros, a possibilidade é deveras atraente.

O parágrafo [3] é bastante confuso e parece ser apenas uma transição entre a primeira e a segunda parte do tratado. Depois de mencionar que o tratamento dos doentes requer providências variadas, o autor passa a tratar diretamente de temas ligados à ética médica.

O primeiro tema, que se desenvolve com um certo detalhamento nos parágrafos [4-6], é o dos honorários médicos. A recomendação do autor à sua audiência, sintetizada na última frase do parágrafo [4] — "é melhor, portanto, censurar quem está salvo do que extorquir dinheiro dos que estão em perigo de morte" —, atravessou os séculos e se mantém em quase todos os modernos códigos de ética médica. Veja-se, por exemplo, o seguinte trecho do atual código brasileiro:

> É vedado ao médico:
> (...)
> Art. 89 - Deixar de se conduzir com moderação na fixação de seus honorários, devendo considerar as limitações econômicas do paciente, as circunstâncias do atendimento e a prática local.

O código de ética português também contempla esse tema:

> ARTIGO 81.º
> (Princípio geral)
> 1. Na fixação de honorários deve o Médico proceder com justo critério, atendendo à importância do serviço prestado, à gravidade da doença, ao tempo dispendido, às posses dos interessados e aos usos e costumes da terra.

É necessário, conseqüentemente, observar a capacidade financeira do doente e, se for o caso, renunciar à remuneração: o médico deve ter amor pela humanidade, tanto quanto tem amor pela arte [6]. A postura, admirável sem dúvida, reflete de forma tocante o humanismo dos médicos hipocráticos. Convém, todavia, dimensionar mais detalhadamente o significado desse tipo de renúncia para um grego da Antigüidade.

A noção da justa retribuição a qualquer serviço prestado, mesmo um simples favor, estava fortemente enraizada na cultura grega. Isso pode causar estranheza a nós, modernos, impregnados que estamos por vinte séculos de doutrina católica, de caridade cristã e de apologia da ajuda desinteressada a carentes e excluídos. Entre os gregos antigos, todavia, o pagamento apropriado era sempre devido pelo beneficiário de qualquer serviço prestado, humano ou divino. Certa vez, os deuses Apolo e Posseidon, depois de construírem as

muralhas de Tróia, lançaram um terrível monstro contra a cidade porque o rei Laomedonte recusou-lhes o μισθός, o pagamento (*Ilíada*, XXI, 435-460). Até mesmo o relacionamento entre as divindades e seus adoradores implicava em alguma forma de retribuição. O tebano Mantiklos mandou gravar em uma estatueta de bronze dedicada a Apolo, por volta de 700 a.C, os seguintes versos hexâmetros: "Mantiklos me oferece a Apolo do arco de prata; agora tu, Febo, dá-me em troca algo prazeroso" (Boardman, 1991)[397]. Todos, portanto, esperavam receber um pagamento pelo seu trabalho, desde o mais importante dos deuses até o mais anônimo dos médicos que praticavam sua arte (Xenofonte, *Memorabilia*, I,2,54). Mesmo o legendário Hipócrates aceitava discípulos mediante pagamento (Platão, *Protágoras*, 311b-c). Note-se que a renúncia ao recebimento de honorários em dinheiro não tornava a retribuição inteiramente desnecessária. Em nosso caso, o autor explica que a renúncia de dinheiro seria compensada pelo reconhecimento e valorização da arte médica e pelo aumento da reputação, um dos bens mais valorizados por todos os gregos[398]. Mas, independentemente de qualquer tipo de interesse, o autor reconhece que, quando o paciente está contente com o médico, muitas vezes "muda em direção à saúde". O romano Celso, ao postular que uma relação amigável entre médico e paciente favorece a cura (Mudry, 1980), levou o argumento ainda mais longe do que o nosso autor.

No início do parágrafo [5], ao mencionar o gosto dos pacientes por "coisas obscuras", o autor faz provavelmente referência às formas alternativas de medicina daquela época e aos seus praticantes (CH: *Da doença sagrada, Do decoro*). No final do parágrafo [6] ele menciona, de passagem, outra importante obrigação do médico: a medicina preventiva. É preciso se preocupar não apenas com os já afetados por uma doença, mas inclusive com os que ainda estão sãos, para que não adoeçam. O médico precisa, também, manter a própria saúde, pois o aspecto saudável faz parte da etiqueta médica (CH, *Do médico*). Finalmente, o verbo ἀδελφίζω ("ser irmão de, ser parecido com") do parágrafo [5], segundo Jones e López Férez, reforça a idéia da existência de uma irmandade de médicos (Jones, 1923; López Férez, 1983)[399].

Grande parte do parágrafo [7] é de difícil compreensão, talvez devido a lacunas nos manuscritos originais (Jones, 1923). A questão dos médicos e dos falsos médicos (CH: *Da doença sagrada, Do decoro*) é mais uma vez abordada e lamenta-se, também, a constante mudança de médicos por parte de alguns pacientes. Incidentalmente, observa-se que os médicos mal preparados "evitam recorrer a outros médicos"; a seguir, no parágrafo [8], o tema é tratado com mais detalhes. O bom médico, quando necessário, deve recorrer à ajuda de outros médicos. Reunidos, os médicos devem se abster de discutir diante do doente e devem, além disso, tratar uns aos outros com urbanidade e consideração. Essa recomendação era aparentemente necessária, a julgar pelo testemunho de um médico romano do século IV-V d.C:

---

[397]. ΜΑΝΤΙΚΛΟΣ Μ ΑΝΕΘΕΚΕ ϜΕΚΑΒΟΛΟΙ ΑΡΓΥΡΟΤΟΧΣΟΙ

ΤΑΣ Δ ΔΕΚΑΤΑΣ· ΤΥ ΔΕ ΦΟΙΒΕ ΔΙΔΟΙ ΧΑΡΙϜΕΤΤΑΝ ΑΜΟΙϜΑΝ.

[398]. Ver os comentários ao tratado *Do decoro*.

[399]. Ver os comentários aos tratados ***Juramento*** e *Lei*.

> Quando o doente corre grande perigo, acorre uma multidão de médicos de nossa corporação; não temos, então, piedade de quem está morrendo mas, como nos Jogos Olímpicos, buscamos glórias vãs: uns, pela eloqüência; outro, na discussão; outro, na demonstração; um outro, na refutação.
>
> (Theodorus Priscianus, *Logicus* 2)[400]

A reunião de médicos para discutir o diagnóstico ou o tratamento dos casos mais complicados, conhecida em tempos modernos por "junta" médica no Brasil e por "conferência" médica em Portugal, foi postulada pelo autor de *Preceitos*, há cerca de mil e oitocentos anos. Tanto a conferência como o relacionamento adequado entre os médicos conferentes ocupam posições de destaque nos códigos de ética dos dois países. Eis um trecho do código brasileiro:

> Art. 18.° - As relações do médico com os demais profissionais em exercício na área de saúde devem basear-se no respeito mútuo, na liberdade e independência profissional de cada um, buscando sempre o interesse e o bem-estar do paciente.
> Art. 19° - O médico deve ter, para com os colegas, respeito, consideração e solidariedade, sem, todavia, eximir-se de denunciar atos que contrariem os postulados éticos à Comissão de Ética da instituição em que exerce seu trabalho profissional e, se necessário, ao Conselho Regional de Medicina.
> (...)
> É vedado ao médico:
> (...)
> Art. 64.° - Opor-se à realização de conferência médica solicitada pelo paciente ou seu responsável legal.

O código de ética médica português se refere à mesma questão de forma bem mais detalhada:

> ARTIGO 107.°
> (Correcção e lealdade)
> 1. Nas suas relações, devem os Médicos proceder com correcção e lealdade, abstendo-se de qualquer alusão depreciativa, sem prejuízo do disposto no Artigo 95.°
> ARTIGO 114.°
> (Convocação)
> 1. Uma conferência médica pode ser proposta quer pelo Médico assistente, quando as circunstâncias o exijam, quer pelo doente, seus familiares ou representante legal, indicando o Médico assistente, sempre que solicitado, Colegas qualificados tomando para o efeito em consideração os desejos do doente ou seus representantes.

---

[400]. *Apud* André, 1987, p. 79.

2. O Médico não deve recusar reunir-se com qualquer Colega, em conferência, salvo ocorrência de razões justificativas.

ARTIGO 119.º

(Dever de correcção)

O Médico assistente e o Médico conferente, no decurso ou em acto seguido à conferência, devem evitar causar dúvidas ou apreensões injustificadas ao doente e seus familiares, abstendo-se nomeadamente de referências depreciativas à actuação dos Colegas.

O parágrafo [9] é também um pouco confuso e as recomendações se sucedem de forma irregular e desconexa. Deve-se evitar, em suma, que o paciente tenha a mente perturbada, cuidar para que as descobertas da medicina referentes ao tratamento da doença sejam enfatizadas e manter o equilíbrio do paciente da forma mais próxima possível de sua natureza normal. A conservação da saúde pela ação harmoniosa do "ar da respiração, pelo calor e pela produção dos humores" são conceitos mencionados em muitos tratados da coleção hipocrática[401]. O calor interno inato, por exemplo, diferencia o corpo vivo do cadáver e, em caso de doença, produz a cocção dos humores nocivos, muda sua natureza e prepara sua eliminação (Rey, 1946). As "deficiências de nascença" mencionadas são um dos aspectos nosológicos mais característicos da coleção: a doença depende tanto da natureza do indivíduo (φύσις) como de seus hábitos de vida, das variações climáticas e de outros fatores externos (CH: *Da doença sagrada, Da medicina antiga, Águas, ares e lugares*). O princípio do tratamento, *seguir a natureza*, é também um dos princípios da moral estóica (cf. Rey, 1946).

Os parágrafos [10] e [11] abordam, sem muitos detalhes, temas já discutidos anteriormente nos tratados *Do médico* e *Do decoro*. O autor de *Do decoro*, aliás, listou, em uma passagem, várias características que permitiam o reconhecimento do médico competente e ético; caracterizou-o como "conciso, simples, argumentador, capaz de utilizar belas palavras e de discursar com graça (CH, *Do decoro*, 3). No parágrafo [12] o autor de *Preceitos* trata de um aspecto do comportamento médico que complementa, de certa forma, essas competências: nas apresentações diante de uma "multidão", isto é, diante de leigos, citações poéticas devem ser evitadas. As frases seguintes são um tanto estranhas mas parecem recomendar que, nessas situações, o bom médico deve recorrer apenas a citações fundamentadas na própria arte médica.

No parágrafo [13] nos deparamos de novo com um texto em parte confuso, que contém aparentemente uma lista de argumentos contra médicos que aprenderam tardiamente a profissão, isto é, em idade mais avançada. O aprendizado tardio (ὀψιμαθία) se opõe, no caso da medicina, à recomendação de que a arte deve ser aprendida desde a mais tenra

[401]. Essas noções provêm, na realidade, das idéias dos filósofos pré-socráticos. A harmonia entre os constituintes do corpo como conceito de saúde já aparece, por exemplo, nos fragmentos de Alcméon de Crotona e de Empédocles de Acragás (Longrigg, 1998).

infância[402]. Sabemos que grande Galeno de Pérgamo iniciou seus estudos aos dezesseis anos; os médicos Oribásio e Sorano de Éfeso recomendavam, por sua vez, a idade de quatorze ou quinze anos, respectivamente, como limites máximos para o início dos estudos (Galeno, XIX, 59; Oribásio, *Syn.* 5, 14). Esse tema parece ter tido certa importância na Antigüidade, pois foi tratado de forma sarcástica por Teofrasto (*Caracteres*, 27) e, um século antes, por Aristófanes. Na comédia *As nuvens*[403], o personagem Estrepsíades, rústico e idoso, tenta aprender os argumentos necessários para fugir de dívidas que não pode pagar. O coro saúda, em um primeiro momento, sua iniciativa:

> Que o homem tenha sorte
> porque, ao chegar
> a tão alta idade,
> com novidades
> dá cor à sua natureza
> e cultiva a sabedoria.
> (vv. 512-517)[404]

Mais tarde, porém, Estrepsíades se dá mal — de forma extremamente cômica, é claro.

Quanto ao caso da medicina, o autor de *Preceitos* dá a entender, um tanto acidamente, que quem sai prejudicado é o paciente, impressionado e enganado pela linguagem florida, pelos "grandes juramentos em nome dos deuses" e pelas instruções infindáveis desses médicos. Segundo Ducatillon, essas "vocações" tardias, relativamente comuns em Roma, a partir da segunda metade do século I a.C., eram guiadas tão-somente pelo interesse financeiro (Ducatillon, 1980).

Littré sustenta que *Preceitos* termina no final do parágrafo [13] e que as notas do parágrafo [14], sem nenhuma conexão com o resto do tratado, foram incluídas pelo copista do manuscrito para aproveitar espaço e não perder algum fragmento solto que tinha em mãos (Littré, 1861). Sarton, que aparentemente acreditava na unidade do tratado, considerou

---

402. Ver os comentários ao tratado *Lei*.

403. Comédia representada em Atenas, pela primeira vez, no ano de 423 a.C.

404. Tradução de A.S. Duarte (2000 b, p. 264):

> εὐτυχία γένοιτο τ' ἀνθτρώπῳ,
> ὅτι προήκων
> ἐς βαθὺ τῆς ἡλικίας
> νεωτέροις τὴν φύσιν αὑτοῦ
> πράγμασιν χρωτίζεται
> καὶ σοφίαν ἐπασκεῖ.

essas frases esparsas simples notas que o autor não teve oportunidade de desenvolver (Sarton, 1953). Parece-me que a opinião de Sarton, embora puramente intuitiva, é a mais plausível.

Farei apenas um breve comentário sobre a frase do parágrafo [14] que menciona os "súbitos distúrbios de ar": essa pode ser a mais antiga referência à crença popular ainda vigente entre os leigos de que os "golpes de vento" – e não os micróbios – causam as infecções respiratórias.

*

Outras traduções deste tratado para línguas modernas estão indicadas na Bibliografia: Littré, 1861; Jones, 1923; Fleischer, 1939; López Férez, 1983.

13 GLOSSÁRIO

Wilson A. Ribeiro Jr.

Os personagens mencionados nos capítulos precedentes foram aqui relacionados em ordem alfabética. Após o nome dos personagens históricos foram colocadas as datas de nascimento e de morte, a atividade principal e outros dados relevantes da biografia de cada um. Quanto aos personagens míticos, ao lado do nome grego foram colocados uma breve referência ao seu papel nos mitos e o nome romano.

Algumas datas de nascimento e de morte não são bem conhecidas. Nesse caso, sempre que possível, recorreu-se ao termo latino *floruit* (*fl.*), acompanhado de uma data; em grego, a expressão correspondente é ἀκμή. Os dois termos se referem ao apogeu da vida, em geral a única data conhecida da vida do personagem; considera-se, convencionalmente, que a ἀκμή corresponde mais ou menos à idade de quarenta anos.

PERSONAGENS HISTÓRICOS

Aécio ou **Écio** (séc. II d.C), doxógrafo grego. Compilou diversas citações de filósofos gregos a partir de uma obra hoje perdida, a *Vetusta Placida.*

Alcibíades (450-404 a.C.), político ateniense e ex-discípulo de Sócrates. Famoso pelo brilhantismo e pelo caráter instável; durante a Guerra do Peloponeso alinhou-se diversas vezes ao lado dos inimigos de Atenas.

Alcméon de Crotona (*c.* 500 a.C.), filósofo e médico grego. Seus escritos, dos quais restam alguns fragmentos, são os mais antigos documentos médicos anteriores a Hipócrates de Cós

Anaxágoras (*c.* 500-428 a.C.), filósofo natural de Clazômenas, dedicou-se à filosofia da Natureza. Foi o último dos "pré-socráticos".

Antífon (480-411 a.C.), orador ateniense. Foi escritor de discursos e professor de retórica em Atenas. Seis de seus discursos chegaram até nós.

Aristófanes (447-386 a.C.), poeta grego nascido em Atenas. Escreveu comédias de cunho político e burlesco, onze das quais chegaram até nós.

Aristóteles (384-322 a.C.), filósofo e erudito grego nascido em Estagira. Fundou em Atenas o famoso *Liceu* (a Escola Peripatética), onde realizou pesquisas filosóficas e científicas em larga escala e reuniu vasto material referente a todo o conhecimento da época. Muitos desses escritos chegaram até nós e tiveram decisiva influência no pensamento ocidental.

Arquígenes (*c.* 100 d.C), médico da escola Eclética que atuou em Roma. Sua habilidade cirúrgica foi elogiada por Galeno.

Artaxerxes, nome de vários reis da Pérsia. Dois deles viveram na época de Hipócrates: Artaxerxes I, que reinou de 464 a 424 a.C., e Artaxerxes II, que reinou entre 459 e 404 a.C.

Avicena (980-1037 AD), médico e filósofo persa (seu nome completo era Abu 'Alli al-Husayn ibn Abdallah ibn Sina). Seguidor de Galeno e da teoria dos humores, escreveu um *Cânon da Medicina* que, traduzido para o latim, teve enorme influência na medicina européia até o século XVII.

Báquio de Tânagra (*c.* 250 a.C.), médico grego. Discípulo de Herófilo da Calcedônia, atuou em Alexandria e analisou alguns tratados da coleção hipocrática. Preparou também um vocabulário comentado dos termos mais obscuros.

Catão, o Censor (234-148 a.C.), Marcus Porcius Cato, soldado, político e escritor romano, grande antagonista da cultura grega. Dele temos um tratado sobre a agricultura.

Celso (*fl.* 14-37 AD), erudito romano. Aulus Cornelius Celsus escreveu uma espécie de enciclopédia sobre agricultura, medicina, artes militares, retórica, filosofia e jurisprudência. Chegaram até nós somente oito livros de medicina, importantes fontes de informação sobre o período helenístico.

Clemente de Alexandria (150-215 AD), pensador e escritor cristão de origem ateniense. Nas obras *Protrepticus* e *Stromateis*, em grego, teceu comparações entre o paganismo e o cristianismo para demonstrar a superioridade deste último. Conhecia profundamente a filosofia e a literatura grega.

Clístenes (fl. c. 525-505 a.C.). Político e legislador de Atenas. Instituiu, após a queda da tirania dos Psistrátidas, uma profunda reforma nas instituições políticas e estabeleceu as bases definitivas do regime democrático ateniense.

Cratino (fl. 445-423 a.C.), poeta grego nascido em Atenas. Escreveu comédias de tema mitológico e político das quais restam apenas fragmentos.

Creso (c. 560-546 a.C.), rei da Lídia. Sua riqueza era proverbial; dominou as cidades gregas da Jônia até seu reino ser conquistado pela Pérsia.

Crisipo (280-207 a.C.), filósofo grego nascido em Assos. Pertencia à escola estóica, segundo a qual o homem virtuoso deve encontrar a felicidade dentro de si e ser imune ao meio exterior, que precisa ser superado pelo domínio das paixões e emoções.

Demócrito de Abdera (*fl.* 420 a.C.), filósofo grego. Desenvolveu a teoria atômica proposta por seu antecessor, Leucipo, para explicar a realidade material. Postulou que a natureza era constituída pelo vazio infinito e por "átomos", partículas homogêneas, sólidas, indivisíveis e imutáveis em eterno movimento.

Denis (ou Dionísio) de Halicarnasso (*fl. c.* 30-8 a.C.). Retor e historiador grego. Ensinou em Roma e escreveu sobre Tucídides, os oradores gregos e a história romana. Apenas 11 livros de sua obra *Antigüidades Romanas* sobreviveram.

Diocles (*fl.* fim do séc. IV a.C.), médico grego natural de Caristo. Era contemporâneo de Aristóteles e escreveu, pela primeira vez, tratados médicos no dialeto ático. Foi o primeiro médico a discorrer sobre o uso terapêutico das plantas.

Diógenes de Apolônia (*fl.* 440 a.C.), filósofo grego, talvez médico. Concluiu que o ar era o princípio fundamental do Universo e aplicou esse raciocínio em suas teorias sobre a saúde. Exerceu grande influência na *teoria pneumática* dos médicos do período helenístico.

Diógenes da Babilônia (séc. II a.C.), filósofo grego, também conhecido como "Diógenes de Selêucia". Foi discípulo do estóico Crisipo e teve considerável influência no desenvolvimento do estoicismo em Roma.

Diógenes Laércio (*c.* 200-250 AD), doxógrafo e biógrafo grego nascido na Cilícia (Ásia Menor). Reuniu biografias e opiniões de numerosos filósofos em 10 livros que chegaram até nós sob o título *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*.

Dioscorides (fl. 50-70 AD), médico e botânico grego. Autor do famoso tratado *De Materia Medica*, que chegou até nós. Esse tratado cataloga de forma sistemática cerca de 600 plantas para uso medicinal e teve enorme influência na medicina da Idade Média e do mundo árabe, e também na botânica.

Empédocles de Acragás (492-432 a.C.), filósofo grego. Postulou que a natureza era formada por quatro elementos (terra, ar, fogo, água), teoria que exerceu enorme influência na medicina e na filosofia durante quase dois mil anos. Restam-nos alguns fragmentos de suas obras.

Epicuro (341-270 a.C.), filósofo grego nascido em Samos. Fundador de uma escola em Atenas, conhecida por "Jardins", onde propunha que a finalidade da vida era livrar-se de toda ansiedade. Suas obras, muito influenciadas pelo atomismo de Demócrito, tiveram grande difusão durante os períodos helenístico e greco-romano. Resta-nos uma ínfima parte delas.

Erotiano (séc. III a.C.), médico grego de Alexandria. Foi um dos mais antigos comentadores da coleção hipocrática.

Escribônio Largo (séc. I d.C). Médico romano que viveu na época dos imperadores Tibério e Cláudio. Autor de uma lista de 271 "prescrições" que chegaram quase integralmente até nós.

Ésquilo (525-456 a.C.), poeta grego nascido em Elêusis. As sete tragédias que chegaram até nós são as mais antigas de que se tem conhecimento.

Ésquines (398-322 a.C.), orador e político ateniense, grande rival do renomado Demóstenes. Restam apenas três de seus discursos.

Estobeu (séc. V d.C), antologista grego. Registrou em seu *Anthologium* diversos excertos de caráter educativo procedentes de toda a produção literária grega.

Estrabão (64 a.C.-24 AD), historiador e geógrafo grego nascido em Amasea. Sua obra histórica foi perdida, mas restaram 17 livros de sua *Geografia*.

Eurípides (485-406 a.C.), poeta grego nascido em Salamina, o mais "moderno" dos antigos autores de tragédias. Temos 17 de suas tragédias e um drama satírico.

Filipe II da Macedônia (359-336 a.C.), rei da Macedônia, mais conhecido por ter sido o pai de Alexandre, o Grande. Foi ele, na realidade, quem organizou e conduziu o domínio macedônico sobre as cidades gregas e possibilitou a ascenção de Alexandre.

Filolau de Crotona (séc. IV a.C.), filósofo grego. Pertencia à escola pitagórica, iniciada um século antes pelo legendário Pitágoras de Samos. Alguns de seus fragmentos chegaram até nós.

Galeno de Pérgamo (129-204 AD), médico e anatomista grego. Atuou em Roma e foi médico pessoal do imperador Marco Aurélio. Escreveu numerosos tratados médicos e extensos comentários sobre a coleção hipocrática, a língua grega e a filosofia de Platão; sua vasta obra teve enorme influência na medicina medieval.

Górgias de Leontino (483-375 a.C.), sofista e mestre de oratória grego. Visitou Atenas várias vezes, uma delas em 427 a.C.

Heródico de Selúmbria (*fl.* 400 a.C.), sofista e médico grego. Preconizava uma rigorosa dieta alimentar restritiva e exercícios físicos para o tratamento das doenças.

Heródoto de Halicarnasso (484-425 a.C.), historiador grego, também conhecido como "pai da História". Sua obra *Histórias* é o mais antigo escrito historiográfico do Ocidente.

Herófilo da Calcedônia (*c.* 270 a.C.), médico grego. Estudou em Cós e atuou em Alexandria na época dos primeiros Ptolomeus. Graças à dissecção (e, talvez, também à vivissecção) de corpos humanos fez importantes descobertas anatômicas.

Higino (*c.* 64 a.C.-17 AD), erudito romano. Gaius Julius Hyginus dirigiu a biblioteca fundada no Palatino pelo Imperador Augusto por volta de 28 AD; a ele são atribuídas uma coleção de *Fábulas* datadas, possivelmente, do século II d.C.

Homero (séc.VIII a.C.), legendário poeta grego. Compôs, segundo a tradição, as duas mais antigas obras da literatura ocidental, os poemas épicos *Ilíada* e *Odisséia.*

Isócrates (436-338 a.C.), orador grego nascido em Atenas. Trabalhava como *logógrafo* e abriu uma famosa escola de retórica em Quios. Dos seus discursos, 21 chegaram até nós.

Jerônimo (331-420 AD). Eusebius Hieronymus, posteriormente São Jerônimo, nasceu na Dalmácia e escreveu, em latim, 135 biografias de escritores cristãos ilustres, numerosas cartas e ainda a versão latina da Bíblia (a *Vulgata*), terminada por volta de 382.

Júlio César (100-44 a.C.). Gaius Iulius Caesar, político e escritor romano, construtor das bases do Império. Suas renomadas crônicas sobre a Guerra das Gálias (59-49 a.C.) e sobre a Guerra Civil (48-45 a.C.) em Roma chegaram até nós.

Libânio (314-393 d.C), orador e retor grego. Nasceu em Antióquia, estudou em Atenas e ensinou retórica em Antióquia e Constantinopla. Cerca de 64 discursos, mais de 1600 cartas e uma autobiografia sobreviveram.

Luciano (*c.* 120-180 AD). Escritor de língua grega nascido em Samósata (Síria atual). Escreveu sátiras e paródias, muitas em forma de diálogo, das quais mais de oitenta chegaram até nós.

Marcial (*c.* 40-104 AD). Marcus Valerius Martialis, poeta romano famoso especialmente por seus epigramas satíricos que retratam diversos aspectos do dia-a-dia de sua época.

Nicarco (*c.* 98-138 AD). Poeta satírico pouco conhecido; viveu em Roma.

Nícias (c. 470-413 a.C.), político e general ateniense que se destacou durante a Guerra do Peloponeso.

Nicômaco (séc. IV a.C.), médico grego. Sua mãe descendia de uma família de médicos. Foi médico pessoal de Amintas III, rei da Macedônia, pai de Filipe II. Seu filho, o filósofo Aristóteles, não seguiu a carreira médica.

Oribásio (325-403 AD), médico grego nascido em Pérgamo. Seu cliente mais ilustre foi o Imperador romano Juliano, o Apóstata. Escreveu uma espécie de enciclopédia sobre o conhecimento médico de seu tempo e alguns desses livros chegaram até nós.

Paulo Egineta (séc. VII d.C), médico grego de grande erudição. Suas obras cirúrgicas eram muito célebres no século XVI.

Pausânias (séc. II d.C), viajante e escritor grego. Escreveu, por volta de 170 AD, um *Guia da Grécia* que contém preciosas informações sobre monumentos, mitos e costumes dos locais que visitou.

Pérdicas (séc. V a.C.), rei da Macedônia entre 450 e 413 a.C.

Péricles (495-429 a.C.), estadista ateniense. Dominou a política da cidade entre 454 a.C. e os primeiros anos da Guerra do Peloponeso. Seu programa de construções dotou a acrópole de Atenas de monumentos como o Partenon, templo dedicado à deusa Atena.

Píndaro (518-438 a.C.), poeta grego nascido na Beócia. Sua produção compreenderia todos os tipos de poesia lírica, mas chegaram até nós somente 4 livros de odes corais em honra dos vencedores dos jogos atléticos gregos.

Pintor da Clínica (*c.* 480-470 a.C.), decorador ateniense de vasos de figuras vermelhas, seguidor de Mácron. Seu estilo era levemente maneirista; cerca de 35 vasos são atribuídos a ele.

Pitágoras de Samos (*fl.* 530 a.C.), filósofo grego. Fundador da escola pitagórica, que defendia a imortalidade da alma, a reencarnação e a importância dos números (*i.e.*, da Matemática) na estrutura e funcionamento do Universo. Segundo a tradição, seus adeptos se reuniam numa espécie de confraria ou sociedade secreta.

Platão (428-347 a.C.), filósofo grego nascido em Atenas. Fundou, em 385 a.C., a famosa Academia de Atenas. A escola era dotada de alojamentos, refeitório e salas de leitura, onde Platão e seus alunos passavam o tempo estudando e discutindo matemática, astronomia, música e, é claro, filosofia. Praticamente todos os seus diálogos filosóficos chegaram até nós.

Plínio, o Velho (23-79 AD). Gaius Plinius Secundus, soldado, político e erudito romano, escreveu extensivamente a respeito de assuntos diversos. Os 37 livros de sua *História natural* que chegaram até nós são uma preciosa fonte para a história da ciência.

Plutarco (50-120 AD), escritor natural de Queronéia, autor de mais de 200 livros dos quais cerca de 128 sobreviveram. Os mais notáveis são as *Vidas Paralelas*, biografias comparadas de gregos e romanos ilustres, e escritos de variada temática agrupados sob o nome de *Moralia*.

Políbio (200-118 a.C.). Político, soldado e historiador grego nascido provavelmente em Megalópolis. Cinco de seus 40 livros a respeito da história de Roma entre 264 e 146 a.C. chegaram até nós .

Pródico de Ceos (*c.* 470-410 a.C.), sofista e mestre de retórica grego. Era famoso pelos altos honorários que cobrava.

Protágoras de Abdera (490-420 a.C.), famoso sofista grego que visitou Atenas em diversas ocasiões.

Sarapion (séc. II d.C), filósofo estóico pouco conhecido, nascido provavelmente na Síria.

Sócrates (469-399 a.C.), filósofo grego nascido em Atenas. Foi um dos primeiros filósofos a preconizar uma escala de valores baseada na razão e a colocar a virtude como uma das metas da vida do homem. Nada escreveu; tudo que sabemos dele está nos textos de Platão, Xenofonte e Aristófanes.

Sófocles (496-405 a.C.), poeta grego nascido em Atenas. Renomado autor de tragédias do século V a.C.; 7 de suas peças chegaram até nós.

Sólon (*fl. c.* 594 a.C.), poeta e estadista ateniense. Autor de reformas políticas e sociais que fundamentaram, cerca de 100 anos depois, a instituição da democracia ateniense. Escreveu poemas elegíacos e foi considerado um dos Sete Sábios da Grécia.

Sorano de Éfeso (*c.* 98-138 AD), médico grego. Atuou em Roma na época de Trajano e de Adriano; escreveu vários textos de medicina, notadamente sobre obstetrícia e pediatria.

Teofrasto (371-287 a.C.), filósofo e erudito grego nascido em Lesbos. Discípulo e amigo de Aristóteles, chefiou o Liceu após sua morte. Dos diversos livros que escreveu, conhecemos apenas *História das plantas*, *Caracteres* e *Metafísica*.

Teógnis (séc. VI a.C.), poeta grego nascido em Mégara. Escreveu principalmente curtas elegias para serem cantadas nos simpósios. Quase todos os versos que nos chegaram sob sua lavra são, no entanto, de autoria duvidosa.

Tertuliano (*c.* 160-220 AD). Quintus Septimius Florens Tertullianus, escritor e teólogo cristão de origem romana. Suas obras em defesa do cristianismo são os mais antigos textos cristãos em latim.

Tucídides (*c.* 455-400 a.C.), historiador ateniense. Autor da *História da Guerra do Peloponeso*, obra fundamental para a historiografia "moderna".

Tzetzes, Ioannes (séc. XII d.C), poeta e erudito bizantino. Sua obra mais conhecida chama-se *Chiliades* e contém numerosas informações sobre a literatura, a história e a mitologia greco-romana não disponíveis em fontes da Antigüidade.

Xenófanes (*c.* 570-478 a.C.). filósofo pré-socrático, natural de Colofon. Criticou, entre outras coisas, o antropomorfismo de Homero e Hesíodo na concepção das divindades gregas.

Xenofonte (428-354 a.C.), soldado e escritor ateniense. Escreveu sobre temas muito diversos, como a arte da equitação, a administração da casa, pessoas que conheceu e acontecimentos históricos que presenciou. Todas as suas obras chegaram até nós.

Zênon de Cítium (333-262 a.C.), filósofo grego nascido em Chipre. Fundador da doutrina estóica, notável especialmente por seus preceitos éticos.

PERSONAGENS MÍTICOS

Afrodite. Divindade grega de origem oriental, representava o amor carnal e todas as coisas a elenrelacionadas. Nome romano: Vênus.

Apolo. Deus grego das profecias, da medicina e da música, também associado ao pastoreio e, em épocas tardias, ao sol. Nomes romanos: Febo e Apolo.

Asclépio. Herói que se tornou, durante o Período Arcaico, o deus grego da medicina. Seu pai era Apolo; seus filhos, Podalírio, Macáon, Hígia (v.), Iasó e Panacéia, eram todos relacionados com a saúde e a medicina. Nome romano: Esculápio.

Cécrops. O primeiro ou um dos primeiros reis de Atenas; segundo a lenda, abaixo da cintura seu corpo tinha forma de serpente.

Deméter. Deusa grega de origem neolítica, ligada à terra cultivada e seus frutos, notadamente o trigo. Nome romano: Ceres.

Édipo. Herói tebano que, sem saber, teria matado o pai e se casado com a própria mãe. É personagem de uma famosa tragédia de Sófocles, *Édipo Rei*. O nome do herói é bastante conhecido em nossos dias graças a Sigmund Freud e ao seu "complexo de Édipo".

Erínias. Antigas divindades gregas responsáveis pela vingança dos crimes consangüíneos. Nome romano: Fúrias.

Gaia (ou Gê). Deusa grega de origem pré-helênica que personificava a terra. Nome romano: *Tellus*.

Gigantes. Filhos de Gaia, de grande tamanho e poder; seus membros inferiores eram duas grandes serpentes. Rebelaram-se contra o domínio de Zeus e tentaram, sem sucesso, derrotá-lo.

Hades. Deus do mundo subterrâneo para onde ia a sombra dos mortos; também conhecido por Plutão, pois era o dono das riquezas que existem sob a terra. Seu nome era usado freqüentemente como sinônimo do próprio mundo subterrâneo. Nome romano: *Dis Pater* ou Plutão.

Hélio. Antigo deus-Sol assimilado a Apolo nas lendas mais tardias. Atravessava o céu diariamente em sua carruagem e via tudo o que se passava sobre a terra. Nome romano: Sol.

Héracles. Herói grego que realizou grande número de façanhas sobre-humanas, algumas das quais se tornaram conhecidas como *Os Doze Trabalhos de Héracles*. Segundo a lenda, tornou-se um deus após a morte. Nome romano: Hércules.

Hígia. Filha de Asclépio, personificava a saúde.

Irene. Divindade grega que personificava a paz.

Panacéia. Filha de Asclépios, personificava a cura de todas as doenças.

Pean (ou Peon). Antigo deus grego da medicina, bem cedo assimilado a Apolo.

Poseidon. Deus grego de origem micênica, ligado originalmente à terra e aos terremotos; foi, posteriormente, considerado o deus do mar. Nome romano: Netuno.

Quíron. Centauro (meio homem, meio cavalo) dotado de conhecimentos médicos e preceptor de vários heróis gregos. Foi o mestre de Asclépio, filho de Apolo.

Teseu. Herói da cidade de Atenas e um de seus reis legendários. Segundo a tradição, realizou numerosas façanhas e unificou as comunidades da Ática.

Tífon. O mais monstruoso dos filhos de Gaia; tinha cem cabeças, hálito de fogo e serpentes ao invés de pernas. Foi derrotado por Zeus, assim como os gigantes.

Tirésias. Célebre adivinho tebano. Era cego e teria passado um período de sua vida sob a forma de mulher; viveu durante sete gerações humanas.

Zeus. "Pai dos deuses e dos homens", o mais importante dos deuses gregos. De origem indo-européia, seu domínio é o céu e os fenômenos atmosféricos, a manutenção da ordem e da justiça no mundo e a distribuição dos bens e dos males. Nome romano: Júpiter.

BIBLIOGRAFIA

HENRIQUE F. CAIRUS

(*Corpus hippocraticum*; Da natureza do homem; Da doença sagrada; Ares, águas e lugares)

APOLONIUS RHODIUS. *Argonautica*. With an English translation by R.C. SEATON. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1978.

ARISTOTE. *Histoire des animaux*. Livres I-IV. Texte établi et traduit par Pierre LOUIS. Paris: Les Belles Lettres, 1964.

ARISTOTE. L'homme de génie et la mélancolie. Introduction, traduction et notes par Jackie PIGEAUD. Paris: Rivages, 1987.

ARISTOTELIS. *De arte poetica liber*. Recognivit brevique adnotatione critica instruxit Rudolfus KASSEL. Oxford: Oxford University Press, 1982.

AYACHE, L. *Hippocrate*. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

BENEDETTO, Vicenzo Di. Cos e Cnido. In: *HIPPOCRATICA*: Colloque Hippocratique de Paris. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1980. p.97-113.

BLAICKOCK, E.M. *Male characters in Euripides*: A study in realism. Wellington: New Zealand University Press, 1952.

BOARDMAN, J. *Athenian Red Figure Vases/The Archaic Period*. London: Thames and Hudson, 1975.

BOARDMAN, J. *Greek Sculpture/The Archaic Period*. London: Thames and Hudson, 2nd ed., 1991.

BOURGEY, Louis. Hippocrate et Aristote: l'origine, chez le philosophe, de la doctrine concernant la nature. In: *HIPPOCRATICA*. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1980. p.59-65.

BOURGEY, Louis. La relation du médecin au malade dans les écrits de l'école de Cos. In: *La Collection hippocratique et son rôle dans la médecine*: Colloque Hippocratique de Strarsbourg. Lieden. E.J.Brill, 1975. p.209-27.

BRATESCU, Gheorghe. Le problème de la mesure dans dans la Collection hippocratique. In: *La Collection hippocratique et son rôle dans la médecine*: Colloque Hippocratique de Strarsbourg. Lieden. E.J.Brill, 1975. p.137-44.

BURKERT, Walter. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. M.J. Simões Loureiro. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

CAIRUS, Henrique Fortuna. *O vocabulário fisiológico do tratado hipocrático Da natureza do homem*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994. Dissertação de Mestrado em Letras Clássicas.

CAIRUS, Henrique Fortuna. *Os limites do sagrado na nosologia hipocrática*, 2002. Tese de Doutorado em Letras Clássicas. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.

CAIRUS, Henrique Fortuna & DRAEGER, Andréa Coelho. Método hipocrático em Tucídides. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do & CARVALHO, Diana Maul de (orgs). *Uma história brasileira das doenças*. Brasília. Paralelo 15, 2004.

CALLIMACHUS. *Hymns and epigrams*. With an English translation by A.W. MAIR. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1989.

CANGUILHEM, Georges. *Études d'histoire et de philosophie des sciences concernant les vivants et la vie*. Paris: Vrin, 1994.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. Trad. Maria Thereza Redig de Carvalho Barrocas. 3ª ed. revista e aumentada. Rio de Janeiro: Forense, 1990. 307p.

CHANTRAINE, PIERRE. *Dictionaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968-80. 2 v.

CHANTRAINE, PIERRE. *La formation des noms en grec ancien*. Paris: Klincksieck, 1979.

CHANTRAINE, PIERRE. *Morphologie historique du grec*. Paris: Klincksieck, 1984.

CORNFORD, F.M. *Principium sapientiæ*: as origens do pensamento grego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

CORVISIER, Jean-Nicolas. *Santé et societé en Grèce ancienne*. Paris: Economica, 1985.

DA NATUREZA DO HOMEM. Trad., introd. e notas de Henrique Cairus. In: *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. [órgão oficial da Fundação Oswaldo Cruz] VI(2) – jul – dez. 1999.

DEBRU, Claude. Georges Canguilhem et la rationalité du pathologique. In: *Annales d'histoire et de philosophie du vivant*. Paris: Institut Synthélabo pour le progrès de la connaissance, 1998. v.1.

DETIENNE, Marcel. *Os mestres da verdade na Grécia arcaica*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

DIETERICH, Albrecht. *Kleine Scriften*. Leipzig/Berlin: Teubner, 1911.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. With an English translation by R.D. HICKS. Cambridge/London: Harvard University Press, 1991. 2 v. (Loeb Classical Library).

DODDS, E.R. *Les grecs et l'irrationnel*. Trad. Micahel Gibson. Paris: Flammarion, 1977.

DUMORTIER, Jean. *Le vocabulaire médical d'Eschyle et les écrits hippocratiques*. Deuxième tirage revu et corrigé. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

DURLING, Richard J. *A dictionary of medical terms in Galen*. Leiden/New York/Köln: E.J.Brill, 1993.

EDELSTEIN, Ludwig. *Ancient Medicine: Selected Papesrs of L.Edelstein*. Edited by O.Temkin and C.L.Temkin. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1987.

ELIADE, Mircea. *Histoire des croyances et des idées religieuses. 1: De l'age de la pierre aux mystères d' Eleusis*. Paris: Payot, 1978.

EURIPIDE. *Heraclès. Les Suppliantes. Ion*. Texte établi et traduit par Léon PARMENTIER et Henri GRÉGOIRE. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

EURIPIDE. *Hippolyte. Andromaque. Hécube*. Texte établi et traduit par Louis MÉRIDIER. Paris: Les Belles Lettres, 1989.

EURIPIDE. *Les bacchantes*. Texte établi et traduit par Henri GRÉGOIRE avec de concours de Jules MEUNIER. Deuxième édition revue et corrigée par Jean IRIGOIN. Paris: Les Belles Lettres, 1993.

GALEN. *On antecedent causes*. Edited with an introduction, translation and commentary by R.J. HANKINSON. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

GALENO. *Sulle facoltà naturali*. A cura di Marzia MORTARINO. Milano: Arnoldo Mondadori, 1996.

GALIEN. *De la bile noire*. Introduction, traduction et notes par Vicent BARRAS, Terpsichore BIRCHLER et Anne-France MORAND. Paris: Gallimard, 1998.

GALIEN. *L'âme et ses passions*. Introdution, traduction et notes par Vicent BARRAS, Terpsichore BIRCHLER et Anne-France MORAND. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

GALIEN. *Souvenir d'un médecin*. Texte traduit et présentés par Paul MOLRAUX. Paris: Les Belles Lettres /Centre National des Lettres, 1985.

GIL, Luis. *Therapeia: La medicina popular en el mundo clásico*. Madrid: Guadarrama, 1969.

GÓRGIAS. *Testemunhos e e Fragmentos*. Trad. Manuel BARBOSA & Inês de ORNELAS E CASTRO. Lisboa: Colibri, 1993.

GOUREVITCH, Danielle. *Hippocrate au cours des siècles*. In: HIPPOCRATE. *De l'art médical*. Paris: Le Livre de Poche, 1994. p.59-77.

GOUREVITCH, Danielle. *Le triangle hippocratique dans le monde gréco-romain: le malade, sa maladie et son médecin*. Rome: École Française de Rome, 1984.

GRAF, Fritz. *La magie dans l'antiquité gréco-romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1993.

GRMEK, Mirko D. *La pratique médicale*. In: HIPPOCRATE. *De l'art médical*. Paris: Livre de Poche, 1994. p.40-59.

GRMEK, Mirko D. *Le concept de maladie*. In: GRMEK, Mirko D. (Org.), *Histoire de la pensée médicale en Occident: Antiquité et Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1995. p.211-227.

GRMEK, Mirko D. *Les maladies à l'aube de la civilisation occidentale*. Paris: Payot, 1983.

HARTOG, François. *Mémoire d'Ulisses*: récits sur la frontière en Grèce ancienne. Paris: Gallimard, 1996.

HERODOTE. *Histoires*. Texte établi et traduit par Ph.-E. LEGRAND. Paris: Les Belles Lettres, 1956. 11v.

HIPPOCRATE. *Airs, eaux, lieux*. Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1996.

HIPPOCRATE. *De la Nature de l'Enfant*. Texte établi et traduit par R. JOLY. Paris: Belles Lettres, 1970.

HIPPOCRATE. *Des lieux dans l'homme. Du système des glandes. Des fistules. Des hémorroïdes. De la vision. Des chairs. De la dentition.* Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres, 1978.

HIPPOCRATE. *Des vents. De l'art.* Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1988.

HIPPOCRATE. *Du Régime.* Texte établi et traduit par R. JOLY. Paris: Belles Lettres, 1967.

HIPPOCRATE. *Du régime.* Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

HIPPOCRATE. *L'ancienne médecine.* Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1990.

HIPPOCRATE. *La consultation.* Préface de Jacques JOUANNA. Texte choisis et présentés par Armelle Debru. Paris: Hermann, 1986.

HIPPOCRATE. *La maladie sacrée.* Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

HIPPOCRATE. *Maladie II.* Texte établi et traduit par Jacques JOUANNA. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

HIPPOCRATE. *Sur le rire et la folie.* Préface, traduction et notes d' Yves HERSANT. Paris: Rivages, 1989.

HIPPOCRATIS *De hominis natura.* Édité, traduit et établi par Jacques JOUANNA. In: *Corpus medicorum Graecoum.* Berlin: Akademie-Verlag, 1975. [separata].

HIPPOCRATIS *De morbo sacro.* Édité et etabli par H. GRENSEMANN. In: *Corpus medicorum Graecoum.* Berlin: Akademie-Verlag, 1975. v.I.

HOMÈRE. *Hymnes. Iliade.* Texte établi et traduit par Paul MAZON avec la colaboration de Pierre CHANTRAINE, Paul COLLART et René LANGUMIER. Paris: Les Belles Lettres, 1992. 4 tomes.

HOMÈRE. *Hymnes.* Texte établi et traduit par Jean HUMBERT. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

IPPOCRATE. *Testi di Medicina greca.* Introduzioni di Vicenzo Di BENEDETTO. Premessa al texto, traduzione e note di Alessandro Lami. Milano: Rizzoli, 1983.

IPPOKRATHS. 3Apanta. Ei0sagwgh/, Meta/frasij kai\ sxo/lia tou= Basilei/ou MHNDHLAROU. 0Aqh=nai: Ka/ktoj, 1992-1993. 6v.

JAEGER. Werner. *La teologia de los primeros filosofos griegos.* 1ª ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1952.

JAEGER. Werner. *Paidéia*: a formação do homem grego. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JOLY, Robert. *Le niveau de la science hippocratique.* Paris: Les Belles Lettres, 1966.

JOLY, Robert. *Platon, Phèdre et Hippocrate: vingt ans aprés.* In: *La collection hippocratique et son rôle dans la médecine:* Colloque Hipocratique de Strasbourg. Lieden. E.J.Brill, 1975. p.407-21.

JOLY, Robert. Un peu d'epistémologie historique pour hippocratisants. In: *Hippocratica*: Colloque Hippocratique de Paris. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1980. p.285-99.

JOUANNA, Jacques. *Hippocrate et l'École de Cnide.* Paris: Les Belles Lettres, 1974.

JOUANNA, Jacques. *Hippocrate.* Paris: Fayard, 1992.

JOUANNA, Jacques. Ippocrate e il sacro. In: *Koinônia* (12). Milano, 1988. p.91-113.

JOUANNA, Jacques. La naissance de l'art médical occidental. In: GRMEK, Mirko D. (Org.) *Histoire de la pensée médicale en Occident: Antiquité et Moyen Âge.* Paris: Seuil, 1995. p.25-66.

KIRK, Geoffrey S. *Heraclitus: The cosmic fragments.* Cambridge: Cambridge University Press, 1954.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. *La medicina hipocrática.* Madrid: Alianza Universidad, 1987.

LAÍN ENTRALGO, Pedro. Politique et Médecine: La problématique dans le Régime des maladies aguës et chez Thucydide (livre IV). In: *Hippocratica: Colloque hippocratique de Paris.* Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1980. p.299-321.

LÉVÊQUE, Pierre. *Introduction aux primières religions: bêtes, dieux et hommes.* Paris: Les Livres de Poche, 1997.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis: Vozes, 1982.

LLOYD, G.E.R. *Origines et developpement de la science grecque: magie, raison et expérience.* Paris: Flammarion, 1990.

LONIE, I.M. *The hippocratic treatises On generetion, On the nature of the child and Diseases IV.* Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1981.

MANULI, Paola. *Medicina e antropologia nella tradizione antica.* Torino: Loescher, 1980.

MOLLO, Helena. *A influência do Corpus hippocraticum na historiografia de Tucídides,* 1994. Dissertação de Mestrado em História Social, Rio de Janeiro: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1994.

NIETZSCHE, Frederico. *A origem da tragédia.* Trad. Álvaro Ribeiro. 3ª ed. Lisboa: Guimarães, 1982.

OEUVRES complètes d'Hippocrate. Traduction, introduction et notes philologiques par Émile LITTRÉ. Paris, Academie Royale de Médecine, tomo I, 1839; tomo II 1840; tomo IV, 1844; tomo VI, 1849; tomo VII, 1851; tomo VIII, 1853; tomo IX, 1861a; tomo X, 1861b.

OPERE *scelte di Galeno.* A cura di Ivan GAROFALO e Mario VEGETTI. Torino: Unione Tipografico-Editrice Torinense, 1978.

PAUSANIAE *Graeciae descriptio.* Recensuit ex codd. et aliunde emendauit, explanauit Jo Fider FACIUS. Lipsiae: Bibliopolio Schaeferiano, 1794. 3 tomos.

PELLEGRIN, Pierre. Médecine hippocratique et philosophie. In: HIPPOCRATE. *De l'art médical.* Paris: Le livre de poche, 1994. p.14-40.

PIGEAUD, Jackie. *Folie et cures de la folie chez les médecins de l'antiquité gréco-romaine:* la manie. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

PIGEAUD, Jackie. L'hippocratisme de Cardan: Étude sur le Commentaire d' Airs, eaux et lieux par Cardan. In: *Res publica litterarum* [VIII], Kansas:The University of Kansas, 1985. p.219-29.

PIGEAUD, Jackie. *La maladie de l'âme:* Étude sur la relation de l'âme et du corps dans la tradition médico-philosophique antique. Paris: Les Belles Lettres, 1981.

PIGEAUD, Jackie. Nature et culture dans l' Ethique à Nicomaque d'Aristote. Conferência proferida na X Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo: 1997. [Publicação restrita ao Congresso]

PIGEAUD, Jackie. Remarque sur l'inné et l'acquis dans le *Corpus* hippocratique. In: *Actes du Ivéme Colloque International hippocratique,* Genève,: Doz, 1993. p.41-55.

PINAULT, Jody Rubin. *Hippocratic lives and legends*. Leiden/New York/Köln: E.J.Brill, 1992.

PINDARE. *Néméennes*. Texte établi et traduit par Aimé PUECH. Paris: Les Belles Lettres, 1967.

PINDARE. *Pythiques*. Texte établi et traduit par Aimé PUECH. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

PLATON. *Gorgias – Ménon*. Texte établi et traduit par Alfred CROISET avec la colaboration de Louis BODIN. Paris: Les Belles Lettres, 1935.

PLATON. *Hippias mineur – Alcibiade – Apologie de Socrate –Euthyphron – Criton*. Texte établi et traduit par Maurice CROISET. Paris: Les Belles Lettres, 1925.

PLATON. *Le banquet*. Texte établi et traduit par Léon ROBIN. Paris: Les Belles Lettres, 1938.

PLATON. *Phèdre*. Texte établi et traduit par Léon ROBIN. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

QUASTEN, Johannes. *Patrologia I (Hasta el Concilio de Nicea)*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1984.

RAUCH, André. *Histoire de la santé*. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

ROBERT, Ferdinand. *Prophasis*. In: Révue des Études Grecques. Tome 89, juillet-décembre, 1976. p.317-42.

ROMILLY, Jacqueline de. *La construction de la vérité chez Thucydide*. Paris: Julliard, 1990.

ROMILLY, Jacqueline de. *La tragédie grecque au fil des ans*. Paris: Les Belles Lettres, 1995.

ROMILLY, Jacqueline de. *La tragédie grecque*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

ROMILLY, Jacqueline de. *Le temps dans la tragédie grecque*. Paris: Vrin, 1995.

SARAVIA DE GROSSI, María Inés. El concepto de 'nósos' en Filoctetes de Sófocles. Trabalho apresentado na X Reunião da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos. São Paulo: 1997. [Publicação restrita ao Congresso.]

SIGERIST, H.-E. *Introduction à la médecine*. Paris: Payot, 1932.

SIMON, I. Le Serment Médical d'Assaph, médecin juif du VIIe siècle, avec une étude comparative du Serment d'Hippocrate, de la Prière Médicale de Maïmonide et du Serment de Montpellier. *Revue d'Histoire de la Médecine Hébraïque*, n°9, jul. 1951.

SKODA, Françoise. *Médecine ancienne et métaphore*: Les vocabulaire de l'anatomie et de la pathologie en grec ancien. Paris: Peeters/Selaf, 1988.

SOPHOCLE. *Ajax. Oedipe roi. Électre*. Texte établi par Alphonse DAIN et traduit par Paul MAZON. Huitième tirage revu et corrigé par Jean IRIGOIN. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

SOPHOCLE. *Les Trachiniennes — Antigone*. Texte établi par Alphonse DAIN et traduit par Paul MAZON. Septième tirage revu et corrigé par Jean IRIGOIN. Paris: Les Belles Lettres, 1994.

TEMKIN, Owsei. *Hippocrates in a word of pagans and christians*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1995.

TEMKIN, Owsei. *The falling sickness: A history of epilepsy from the Greeks to beginnings of modern Neurology*. New York: Paperbeck, 1994. [edição revista de 1945].

THE GREEK BUCOLIC POETS. With an English translation by J.M. EDMONDS. Cambridge/London: Harvard University Press/William Heinemann, 1991.

THIVEL, A. Le divin dans la Collection hippocratique. In: *La Collection hippocratique et son rôle dans la médecine*: Colloque Hippocratique de Strarsbourg. Lieden: E.J.Brill, 1975. p.57-76.

THUCYDIDE. *La Guerre du Péloponnèse*. Texte établi et traduit par Jacqueline de ROMILLY. Paris: Les Belles Lettres, 1995. 5 v.

TOUWAIDE, Alain. Stratégies thérapeutique: les médicaments. In: GRMEK, Mirko D. (Org). *Histoire de la pensée médicale en Occident: Antiquité et Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1995. p.227-239.

TRATADOS hipocráticos. Tradução, introduções e notas por Carlos GARCÍA GUAL (Org.), Maria D. NAVA, J. LÓPEZ FERREZ, B. ÁLVARES CABELLOS et alii. Madrid: Gredos, 1983-1990. 6 v.

VARGAS, Anderson Zalewski. *Ambigüidade e barbárie: a natureza nos relatos de desordem na Guerra dos peloponésios e atenienses, de Tucídides,* 2001. Tese de Doutorado em História, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

VEGETTI, Mario. *Opere di Ippocrate*. 2ª ed. Turin, Unione Tipografico-Editrice Torinense, 1976.

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. Entre le savoir et la pratique: la médecine hellénistique. In: GRMEK, Mirko D. (Org). *Histoire de la pensée médicale en Occident: Antiquité et Moyen Âge*. Paris: Seuil, 1995. p.66-94.

VERNANT, Jean-Pierre & VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito tragédia na Grécia antiga*. Porto Alegre: Duas Cidades, 1977.

VEYNE, Paul. *Acreditaram os gregos nos seus mitos?* Trad. António Gonçalves. Lisboa: Edições 70, 1987.

VITRAC, Bernard. *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Saint-Denis: Presse Universitaire de Vincennes, 1989.

YORK, G.K. & STEINBERG, D..A. The sacred diesease of Heraclitus. In: *Annals of the First Annual Meeting of the International Society for the History of the Neurosciences*, New York: University of California, 1996.

WILSON A. RIBEIRO JUNIOR

(Hipócrates de Cós, Tratados deontológicos, Juramento, Lei, Do médico, Do decoro, Preceitos)

AESCHINES. *Discours* .Trad. V. Martin et G. Budé. Paris: Belles Lettres, 1928.

ANDRÉ, J. *Être Médecin à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

ANTIPHON. *The Speeches*. Traslanted by M. Gagarin. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

ANTOLOGIA PALATINA. In: R. Aubreton, *Anthologie Grecque tome X*. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

ARISTOPHANES. *Frogs/Assembly women / Wealth*. With an English translation by J. Henderson. London: Harvard University Press, 2002.

ARISTOTLE. *Éthique de Nicomaque*. Trad. J. Voilquin. Paris: Garnier Frères, 1961.

ARISTOTLE. *Politics*. Translated by H. Rackham. London: Harvard University Press, 1932.

BAUMAN, H. *Le Bouquet d'Athéna: les plantes dans la mythologie et l'art grecs*. Paris: Flammarion, 1984.

BENEDETTO, V. La medicina greca antica. In: IPPOCRATE, *Testi di Medicina Greca*. Milano: Rizzoli, 1983, p.5-72.

BENSEL, J.F. *Hippocratis qui fertur De medico libellus ad codicum fidem restitutus*. Philologus 78:88-131, 1922.

BOURGEY, L. Observation et expérience chez les médecins de la Collection Hippocratique. Paris: Vrin, 1953.

BRENNAN, T. et al. *Medical Professionalism in the New Millennium: A Physician Charter*. Annals of Internal Medicine 136:243-246, 2002.

BROWN, D.M. (Ed.). *Grécia: templos, túmulos e tesouros*. Trad. V.S.C. Guarnieri. Rio de Janeiro: Time-Life/ Abr., 1998.

BURKERT, W. *Antigos cultos de mistério*. Trad. D. Bottman. São Paulo: EdUSP, 1991.

BURKERT, W. *Religião grega na época clássica e arcaica*. Trad. M.J.S. Loureiro. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1993.

CARVALHO, D. *História Geral*. Volume I. Rio de Janeiro: Record, [s.d.].

CELSUS. *On Medicine*. Vol. III. Translated by W. G. Spencer. London: Harvard University Press, 1938.

CHADWICK, J. & MANN, W.N. The Oath. In: G.E.R. Lloyd (Ed.), *Hippocratic Writings*. London: Penguin, 2nd ed., 1978. p. 67.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. *Código de Ética Médica*. Resolução CFM nº 1.246/ 88, de 08/01/88, publicada no Diário Oficial da União de 26/01/1988.

DA NATUREZA DO HOMEM. Trad., introd. e notas de Henrique CAIRUS. In: *História, Ciências, Saúde*. Vol. VI(2), jul.-out. 1999. p.395-396.

DEICHGRÄBER, K. *Die ärztliche Standesethik des hippokratischen Eides*. Quell. u. Studien z. Geschichte Naturwissenschafften u. d. Medizin 3:79-99 (1933).

DILLER, H. Zur Hippokratesauffassung des Galen. *Hermes* 68:176, 1933.

DIOGENES LAERTIUS. *Lives of eminent philosophers*. Translated by R.D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

DIOSCORIDES. *De Materia Medica*. In: Diocorides, *Plantas y remedios medicinales: De materia medica*. Trad. M.G. Valdés. Madrid: Gredos, 1998.

DUARTE, A.S. *Aristófanes/As Aves*. São Paulo: Hucitec, 2000a.

DUARTE, A.S. *O dono da voz e a voz do dono: a parábase na comédia de Aristófanes*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2000b.

DUCATILLON, J. Le médecin opsimathe d'après le chapitre 13 du traité des Préceptes. In: *HIPPOCRATICA: Actes du Colloque hippocratique de Paris*. Paris: Centre National de La Recherche Scientifique, 1980. p.113-133.

EDELSTEIN, L. Ethics of the Greek Physician. *Bulletin of the History of Medicine*, 30:391-349, 1956.

EDELSTEIN, L. Greek Medicine in its relation to religion and magic. *Bull Inst Hist Med* 5:201-246, 1937.

EDELSTEIN, L. The Genuine Works of Hippocrates. *Bulletin of the History of Medicine*, 7:236-248, 1939.

EDELSTEIN, L. The Hippocratic Oath: Text, Translated and Interpretation - *Supplements to the Bulletin of the History of Medicine*, nº 1. Baltimore: The John Hopkins Press, 1943.

EDELSTEIN, L. The Hippocratic Physician. In: O. TEMKIN & C.L. TEMKIN (ed.), *Ancient Medicine*. Baltimore and London: Johns Hopkins University Press, 1967. p.87-110.

EDELSTEIN, L. The Role of Eryximachus in Plato's Symposium. *Transactions of the American Philological Association*, 76:85-103, 1945.

ESCHYLE. *Promethée Enchainé.* Trad. P. Mazon. Paris: Les Belles Lettres, 1921.

FARNELL, L.W. *Greek Hero Cults and Ideas of Immortality*. Oxford: Clarendon Press, 1920.

FINLEY, M.I. *Escravidão antiga e ideologia moderna.* Trad. N.L. Guarinello. Rio de Janeiro: Graal, 1991.

FLEISCHER, U. *Untersuchungen zu den pseudohippokratischen Schriften PARAGGELIAI, PERI IHTROU und PERI EUSXHMOSUNHS*. Berlim, 1939.

FRIAS, I.M. *Platão, leitor de Hipócrates.* Londrina: Ed.Universidade Estadual de Londrina, 2001.

GALENO. *De anatomicis administrationibus Liber II.* In: C.G. Kühn, *Klaudiou~ Galenou~*

3 Apanta (Claudii Galeni Opera Omnia), Vol. II. Leipzig: Car. Cnoblochii, 1821.

GALENO. *De Hippocratis et Platonis Placitis Liber II.* In: C.G. Kühn, *Klaudiou~ Galenou~ 3Apanta* (Claudii Galeni Opera Omnia), Vol. V. Leipzig: Car. Cnoblochii, 1823.

GALENO. *De libris propriis.* In: C.G. Kühn, *Klaudiou~ Galenou~ 3Apanta* (Claudii Galeni Opera Omnia), Vol. XIX. Leipzig: Car. Cnoblochii, 1830.

GALENO. *De praenotione ad Posthumum.* In: C.G. Kühn, Klaudiou~ Galenou~ 3Apanta (Claudii Galeni Opera Omnia) Vol. XIV. Leipzig: Car. Cnoblochii, 1827.

GALENO. *De sectis ad eos qui introducuntur.* In: C.G. Kühn, *Klaudiou~ Galenou~ 3Apanta* (Claudii Galeni Opera Omnia) Vol. I. Leipzig: Car. Cnoblochii, 1821.

GARCÍA GUAL, C. Sobre el médico. In: C.G. Kühn, *Klaudiou. Tratados hipocráticos I.* Madrid: Gredos, 1983. p.169-182.

GOUREVITCH, D. *Le triangle hippocratique dans de monde gréco-romain.* Rome: École Française, 1984.

GRMEK, M.D. La pratique médicale. In: HIPPOCRATE, *De L'Art Médical.* Paris: Le Livre de Poche, 1994. p 40-59.

HEIBERG, J.L. *Corpus Medicorum Graecorum* I, 1. Leipzig-Berlin, 1927.

HENDERSON, J. *Aristophane / Clouds.* Newburyport: The Focus Classical Library, 1992.

HERÓDOTO. *Histórias.* In: F. Càssola et al., *Erodoto / Storie Vol. 1-2* (trad. A.I. D'Accinni). Milano: Rizzoli, 1984.

HERSCHEL, A.J. *Maimonides* (trad. J. Neugroschel). London: Faber, 1982.

HIPÓCRATES. 3 *Apanta ta\ tou~ 3Ippokra/ touj (Opera Omnia Hippocratis)*. Veneza: Aldus Manutius, 1526.

HIPPOCRATE. *De la génération. De la nature de l'enfant. Des Maladies IV. Du foetus de huit mois.* Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

HIPPOCRATE. *Du régime des maladies aigües. Appendice. De l'aliment. De l'usage des liquides.* Texte établi et traduit par Robert JOLY. Paris: Les Belles Lettres, 1972.

HIPPOCRATES. *Ancient Medicine.* Vol. I. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.1-64.

HIPPOCRATES. *Aphorisms.* Vol. IV. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1931. p.97-222.

HIPPOCRATES. *Das Articulações*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.). *Tratados Hipocráticos VII*. Trad. H.T. Huertas. Madrid: Gredos, 1993. p.61-221.

HIPPOCRATES. *Das Doenças das Mulheres*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.). *Tratados Hipocráticos IV* . Trad. L.S. Mingote. Madrid: Gredos, 1988. p.45-290.

HIPPOCRATES. *Das Doenças*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.). *Tratados Hipocráticos III*. Trad. J.M. Lucas. Madrid: Gredos, 1986. p.117-177.

HIPPOCRATES. *Das fraturas*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.).*Tratados Hipocráticos VII* .Trad. H.T. Huertas. Madrid: Gredos, 1993. p.61-221.

HIPPOCRATES. *Decorum*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p267-301; 333-336.

HIPPOCRATES. *Dentition*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.315-329.

HIPPOCRATES. *Do Consultório Médico*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.). *Tratados Hipocráticos VII*. Trad. H.T. Huertas. Madrid: Gredos, 1993, pp. 41-60.

HIPPOCRATES. *Epidemics I and III*. Vol. I. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.139-288.

HIPPOCRATES. *Law*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.255-265.

HIPPOCRATES. *Places in Man*. Vol. VIII. Translated by P. Potter. London: Harvard University Press, 1995. p.13-102.

HIPPOCRATES. *Precepts*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.303-313.

HIPPOCRATES. *Prenoções Cóicas*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.), *Tratados Hipocráticos II*. Trad. E.G. Novo. Madrid: Gredos, 1986. p.275-402.

HIPPOCRATES. *Prognostic*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.1-56.

HIPPOCRATES. *Regimen in acute diseases*. Vol. II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.57-126.

HIPPOCRATES. *The Art*. Vol II. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.185-217.

HIPPOCRATES. *The Oath*. Vol. I. With an English translation by W.H.S. JONES. London: Harvard University Press, 1923. p.289-301.

HIPPOCRATES. *Ulcers*. Vol. VIII. Translation by P. Potter.London: Harvard University Press, 1995. p.339-375.

IRWIN, T. The Naturalist Movement. In: IRWIN, T. *Classical Thought*. Oxford: Oxford University Press, 1989. p.20-42.

JAEGER, W. *Paidéia*. Trad. A.M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

JOLY, R. *La loi*. In: JOLY, R. *Hippocrate*. Paris: Gallimard, 1964. p.207-210.

JOLY, R. *Le Serment*. In: JOLY, R. *Hippocrate*. Paris: Gallimard, 1964. p.203-207.

JONES, W.H.S. *Ancient Medical Etiquette*. In: HIPPOCRATES. Vol. II. London: Harvard University Press, 1923. p.xxxiii-xxxvi.

JONES, W.H.S. *Secret Societies and the Hippocratic Writings*. In: HIPPOCRATES. Vol. II. London: Harvard University Press, 1923, pp. 333-336.

JONES, W.H.S. *The Commentators and other Ancient Authorities. In:* HIPPOCRATES. Vol. I. London: Harvard University Press, 1923, pág. xxxv-xlii.

JOUANNA, J. *Hippocrate.* Paris: Fayard, 1992.

JOUANNA, J. *Hippocrate: pour une archéologie de l'école de Cnide.* Paris: Les Belles Lettres, 1974.

KAROUZOU, S. *National Museum.* Athens: Ekdotike Athenon, 1999.

KERÉNYI, C. *Le Médecin Divin.* Trad. V. Baillods. Bâle: Ciba, 1948.

LAÍN ENTRALGO, P. *La medicina hipocrática.* Madrid: Alianza Universidad, 1970.

LAMI, A. Il Giuramento. In: IPPOCRATE. *Testi di Medicina Greca.* Milano: Rizzoli, 1983. p. 252-259.

LARA NAVA, M.D. *Juramento.* In: GARCIA GUAL, C. (Ed.) *Tratados hipocráticos I.* Madrid: Gredos, 1983. p. 63-83.

LARA NAVA, M.D. *Ley.* In: GARCIA GUAL, C. (Ed) *Tratados hipocráticos I.* Madrid: Gredos, 1983, pp 85-98.

LARA NAVA, M.D. *Sobre la decencia.* In: GARCIA GUAL, C. (Ed.), *Tratados hipocráticos I.* Madrid: Gredos, 1983. p. 183-210.

LEFKOWITZ, M.R. *The lives of the greek poets.* London: Duckworth, 1981.

LESKY,A. *História da Literatura Grega.* Trad. M. Losa. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1995.

LEVI, P. *Atlas of the Greek World.* Abingdon: Andromeda Oxford, 1984.

LLOYD, G.E.R. The Hippocratic Question. In: LLOYD, G.E.R. *Methods and Problems in Greek Science.* Cambridge: University Press, 1991. p.194-223.

LONGRIGG, J. *Greek Medicine from the Heroic to the Hellenistic Age.* New York: Routledge, 1998.

LONGRIGG, J. *Greek Rational Medicine.* London: Routledge, 1993.

LÓPEZ FÉREZ, J.A. (ed.). Las ciencias. La colección hipocrática. In: LÓPEZ FÉREZ, J.A. *Historia de la Literatura Griega.* Madrid: Cátedra, 1988. p.613-649.

LÓPEZ FÉREZ, J.A. *Preceptos.* In: GARCÍA GUAL, C. (ed.), *Tratados hipocráticos I.* Madrid: Gredos, 1983. p.299-318.

LUCIAN. *The Ignorant Book Collector.* Vol. III. Translated by A. M. Harmon. London: Harvard University Press, 1921.

LUCIANO. *O mentiroso.* Trad. C. Magueijo. Lisboa: Colibri, 1995.

LYONS, A.S & Petrucelli, R.J. *Medicine, an Illustrated History.* New York: Abrams, 1978.

LYSIAS. *Quatre Discours.* (Ed. M. BIZOS). Paris: PUF, 1967.

MAFFRE, J.-J. *A Vida na Grécia Clássica.* Trad. L. Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

MARROU, H.-I. *História da Educação na Antigüidade.* Trad. M.L. Casanova. São Paulo: Herder/ EdUSP, 1971.

MÁRSICO, C.T. Modelos de medicina en el Banquete y la República de Platón. *Hýpnos* 3(4):168-180, 1998.

MARTIALIS. *Epigrammatom liber.* Genova: Universita di Genova, 1980.

MÉNDEZ, S.E. El verdadero emblema de la medicina y su significado. *Rev. Med Hosp Gen Mex* 59(3):104-108, 1996.

MINGOTE, L.S. Enfermedades de las mujeres *I*. In: GARCIA GUAL, C. (Ed.). *Tratados Hipocráticos IV*. Madrid: Gredos, 1988. p. 75. (n.8)

MOMIGLIANO, A. *The Development of Greek Biography*. London: Harvard University Press, 1993.

MUDRY, P. *Medicus amicus, un trait romain dans la médecine antique*. Gesnerus 37, 1980. p.17-20.

MÜLLER, F. Der hippokratische Nomos. *Hermes* 75:93-105, 1940.

NAGLE, D.B & BURSTEIN, S.M. The Ancient World: Readings in Social and Cultural History. Prentice Hall College, 2nd ed., 2001. p. 198.

OEUVRES *complètes d'Hippocrate*. Traduction, introduction et notes philologiques par Émile LITTRÉ. Paris, Academie Royale de Médecine, tomo I, 1839; tomo II, 1840; tomo IV, 1844; tomo VI, 1849; tomo VII, 1851; tomo VIII, 1853; tomo IX, 1861a; tomo X, 1861b.

OMERO. *Iliade*. Trad. R.C. Onesti. Torino: Einaudi, 1950.

ORDEM DOS MÉDICOS (de Portugal). *Código deontológico*. Disponível em: http://www.ordemdosmedicos.pt Acesso em abril de 2002.

PAULUS AEGINETA. *The Seven Books of Paulus Aegineta*. Translated by F. Adams. Londres : Syndenham Society of London, 1844. v.2.

PICKARD-CAMBRIDGE, A. *The Dramatic Festivals of Athens*. Oxford: Clarendon Press, 1953.

PLATO. *Laches / Protagoras / Meno / Euthydemus*. Translated by W.R.M. Lamb. London: Harvard University Press, 1924.

PLATO. *Lysis / Symposium / Gorgias*. Translated by W.R.M. Lamb. London: Harvard University Press, 1925.

PLATO. *The Laws*. Translated by T.J. Saunders. Harmondsworth: Penguin, 1975.

PLATO. *The Republic*. 2 vols. Translated by P. Shorey. London: Harvard University Press, 1930.

PLATO. *Theaetetus / Sophist*. Translated by H N. Fowler. London: Harvard University Press, 1921.

PLATON. *El Politico*. Trad. A.G. Gonzales Laso. Madrid: Instituto de Estudios Politicos, 1955.

PLATON. *Oeuvres Complètes. Íon. Tome V 1ère partie*. Texte traduit et établi par L. MERIDIER. Paris: Les Belles Lettres, 1964. p.1-64.

PLINE, L'ANCIEN. *Histoire naturelle*. Traduit par E. LITTRÉ. Paris: J.J. Dubochet, Le Chevalier et cie., 1848-1850. 2 v.

PLUTARCH. *Moralia*. Vol. I. With an English translation by F.C. Babbitt. London:Harvard University Press, 1927.

PORTER, R. (Ed.). *Cambridge Illustrated History: Medicine*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

PÒRTULAS, J. Généalogies d'Homère. In: D. AUGER & S. SAÏD (Eds.), *Généalogies Mytiques*. Centre de Recherches Mythologiques de Paris X-Nanterre, 1998. p.327-336.

POTTER, P. Physician. In: HIPPOCRATES. Volume VIII. London: Harvard University Press, 1995. p.295-315.

PRADO, J.B.T. Plínio e Catão: contra os médicos gregos. Araraquara: *Modelo 19*, 4(9):86-89, 1999.

REY, A. Inventaire des conaissances et idées médicales de la collection hippocratique. In: REY, A. *L'Apogée de la Science Technique Grecque*. Paris: Albin Michel, 1946. p.129-146.

RIHLL, T.E. Biology and Medicine. In: RIHLL, T.E. *Greek Science*. Oxford: Oxford University Press, 1999. p.106-136.

ROCHA Pereira, M.H. Juramento de Hipócrates. In: ROCHA Pereira, M.H. *Hélade - Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Instituto de Estudos Clássicos, 1998. p.225-227.

RUNES, D.G. (Dir.). *Dictionary of Philosophy*. New York: Philosophical Library, 1983.

SAINT JEROME. *Lettres*. Trad. J. Labourt. Paris: Les Belles Lettres, 1958-1961.

SARTON, G. Greek medicine of the fifth century, chiefly hippocratic. In: SARTON, G. *A History of Science*. London: Oxford University Press, 1953. p.331-347.

SARTON, G. Hippocratic Corpus. In: SARTON, G. *A History of Science*. London: Oxford University Press, 1953. p.348-383.

SAURY, R. *Manuel de droit médical*. Paris: Masson, 1989.

SCHOFIELD, M. Filolau de Crotona e o Pitagorismo do século quinto. In: KIRK, G.S. et al. *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. C.A.L. 4ª ed. Fonseca. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1983 (1994).

SIGERIST, H. *A History of Medicine*. New York: Oxford University Press, 1961. 2 v.

SOMMERSTEIN, A.H. *Aristophanes / Thesmophoriazusae*. Warminster: Aris & Phillips, 1994 (2001), pp.174-175.

SOPHOCLES. *Antigone / The Women of Trachis / Philoctetes / Oedipus at Colonus*. London: Harvard University Press, 1990.

STARZYNSKI, G.M.R. *Aristófanes / As Nuvens*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

THEOPHRASTUS. *Enquiry into Plants*. Books 6-9. Vol. II. With an English translation by A.F. Hort. London: Harvard University Press, 1916.

VITRAC, Bernard. *Médecine et philosophie au temps d'Hippocrate*. Saint-Denis: Presse Universitaire de Vincennes, 1989.

XENOFONTE. *Econômico*. Trad. A.L.A. Almeida Prado. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Outros Títulos da Coleção História e Saúde

"A Hora da Eugenia": raça, gênero e nação na América Latina
Nancy Leys Stepan. 2005.

As Pestes do Século XX: tuberculose e Aids no Brasil, uma história comparada
Dilene Raimundo do Nascimento. 2005.

Cuidar, Controlar, Curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe
Gilberto Hochman e Diego Armus (Orgs.). 2004.

Visões do Feminino: a medicina da mulher nos séculos XIX e XX
Ana Paula Vosne Martins. 2004.

A Arte de Enganar a Natureza: contracepção, aborto e infanticídio no início do século XX
Fabíola Rohden. 2003

Um Lugar para a Ciência: a formação do *campus* de Manguinhos
Benedito Tadeu de Oliveira (Coord.). Renato da Gama-Rosa Costa e Alexandre José de Souza Pessoa. 2003.

A Recepção do Darwinismo no Brasil
Bertol Domingues, Magali Romero Sá e Thomas Glick (Orgs.). 2003.

Espaços da Ciência no Brasil: 1800 – 1930
Maria Amélia M Dantes (Org.) 2001.

Ser Médico no Brasil: o presente no passado
André de Faria Pereira Neto. 2001.

Formato: 21 x 26 cm
Tipologia: Garamond e Splonic
Papel: Offset 90g/m² (miolo)
Cartão Supremo 250g/m² (capa)
Fotolitos: Laser vegetal (miolo)
Ace Digital Ltda. (capa)
Impressão e acabamento: Armazém das Letras Gráfica e Editora Ltda.
Rio de Janeiro, junho de 2005

Não encontrando nossos títulos em livrarias,
contactar a EDITORA FIOCRUZ:
Av. Brasil, 4036 – 1º andar – sala 112, Manguinhos
21041-361 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3882-9039 e 3882-9041
Telefax: (21) 3882-9006
http://www.fiocruz.br/editora
e-mail: editora@fiocruz.br